OBRAS COMPLETAS

—

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

—

BOCAGE

-

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

Historia da Litteratura portugueza (edição integral)

---

1 Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza . . . . 1 vol.

I. Epoca medieval

2 Trovadores portuguezes . . . . 1 vol.
3 Amadis de Gaula. . . . . 1 »
4 Poetas palacianos . . . . 1 »
5 * Os Historiadores portuguezes . . . . 1 »

II. Epoca classica

A.) — *Quinhentistas*

6 Bernardim Ribeiro e os Bucolicos . . . . . . 1 vol.
7 * Novellas de Cavalleria e Pastoraes . . . . . 1 »
8 Gil Vicente e as origens do Theatro nacional . 1 »
8-A Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro nacional. . . . . 1 »
9 Sá de Miranda e a Eschola italiana . . . . . 1 »
10 Ferreira e a Pleiada portugueza. . . . . . . 1 »
11 A Comedia e a Tragedia classicas . . . . . . 1 »
12 Vida de Camões . . . . 1 »
13 Lyricos camonianos. . . . . 1 »
14 Epopêas historicas . . . . 1 »
15 Bibliographia camoniana . . . . 1 »

B.) — *Seiscentistas*

16 * Os Culteranistas . . . . 1 vol.
17 * Epicos seiscentistas. . . . . 1 »
18 As Tragicomedias dos Jesuitas e a Comedia de Capa e Espada. . . . . 1 »

C.) — *Arcades*

19 A Arcadia de Lisboa . . . . 1 vol.
20 Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia. . . 1 »
21 A baixa Comedia e a Opera . . . . 1 »
22 Bocage, sua vida e epoca litteraria. . . . . . 1 »
23 * José Agostinho de Macedo . . . . 1 »

III. Epoca romantica

24 Garrett e o Romantismo. . . . . 1 vol.
25 Os Dramas romanticos . . . . 1 »
26 Alexandre Herculano e o Romantismo liberal 1 »
27 Castilho e os Ultra-Romanticos . . . . 1 »
28 João de Deus e o moderno Lyrismo . . . . . 1 »
29 A Eschola de Coimbra e a Dissolução do Romantismo. . . . . 1 »

30-31 Recapitulação da Historia da Litt. portugueza . 2 »
32 Indice geral analytico. . . . . 1 »

*N. B. — Os volumes notados com asterisco * estão ainda* ***ineditos****; prefere-se a sua publicação, quando não seja urgente* ***refundir*** *os que se acham esgotados.*

Historia da Litteratura Portugueza

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1902

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

O *arcadismo* no fim do seculo XVIII e primeiro quartel do seculo XIX recrudesceu na imitação classica, manifestando-se em duas correntes, o *Filintismo* e o *Elmanismo.* Filinto Elysio e Bocage admiravam-se, e a differença no seu estylo e idealisação poetica era simplesmente rhetorica; Filinto compenetrando-se no espirito das Odes de Horacio, celebrava os pequenos interesses da vida em versos de uma construcção alatinada e com um intencional desprezo da rima, reflectindo-se-lhe na expressão o seu isolamento na miseria longe da patria; Bocage, impetuoso pela mocidade, suggerido pelo convivio das assembleias, dos Outeiros e dos botequins, para impressional-os pela improvisação metrificava pausadamente, fazendo sentir as cadencias do verso por um emprego frequente das mesmas figuras de rhetorica, combinando as re-

petições das palavras, as phrases, que encantam o ouvido mas encobrem a falta de ideia. Bocage visava tambem ao purismo quinhentista, combinando-o com o influxo do pseudo-classicismo francez que o acabou de esterilisar na traducção de mediocres poemas didacticos. O *arcadismo* tem a sua genealogia no seculo XVI, quando na Renascença os themas poeticos da Edade media foram desprezados nas Litteraturas modernas, e os escriptores só trataram de imitar como modelos classicos as obras primas greco-latinas. Os *Quinhentistas* em Portugal iniciaram esta transformação do gosto ao mesmo tempo que a *Pleiade* em França; esse purismo classico adquiriu o seu maior relêvo na época de Luiz XIV, com Corneille e Racine, influindo nas outras litteraturas secundariamente, através do esforço de libertação culteranista. [1] Mas como se perdera o conhecimento e a sym-

---

[1] No seu livro *L'Art du XVIII^{eme} siècle,* escrevem os irmãos Goncourt:

«Nem o grande seculo, nem o grande Rei tinham amado a verdade na arte. Os incitamentos de Versailles, os applausos da opinião tinham alentado o esforço da Litteratura, da pintura, da esculptura, da architectura, o ardor dos espiritos e dos talentos, para uma grandeza mentida e uma nobreza convencional que apertava o Bello na solemnidade e regra de uma etiqueta. Um sublime de emphase, de pompa, de dignidade, tinha deslumbrado o espirito em França; e fechando os ouvidos aos accentos de Shakespeare, os olhos aos quadros de Teniers, a sociedade franceza tinha julgado achar em uma magestade ficticia uma lei suprema de esthetica, um ideal absoluto.» (Op. cit., 1.ª serie, p. 195.)

pathia das *tradições* nacionaes, a imitação das litteraturas greco-latinas continuou a ser a norma de gosto no seculo XVIII, em um esforço deliberado das academias denominadas *Arcadias*, cuja influencia se prolongou no primeiro quartel do seculo XIX, resistindo tenazmente á renovação esthetica do Romantismo. [1] E' esta forte e auctoritaria corrente de imitação que Bocage representa, manifestando um excepcional talento comprimido pelas normas do gosto da sua epoca, e mais ainda pelo estado de uma sociedade que per-

---

[1] Escrevia Schlegel: «A imitação não conduzirá nunca a poesia de uma nação ao seu fim definitivo; e sobretudo a imitação de uma litteratura estrangeira levada ao maior desenvolvimento intellectual de que ella é susceptivel; mas basta a cada povo remontar-se á fonte da sua poesia e ás suas tradições populares para ahi distinguir o que lhe pertence como proprio, e aquillo que pertence em commum com os outros povos.»

A esta fórmula suprema para a renovação de uma litteratura, Gerard Nerval ajuntou uma observação pela sua alta intuição artistica: «Toda a litteratura primitiva é nacional, sendo creada para corresponder a uma necessidade, e conformemente ao caracter e aos costumes do povo que a adopta; d'onde se segue, que assim como uma semente contém uma arvore completa, os primeiros ensaios de uma litteratura encerram os germens do seu desenvolvimento futuro, do seu desenvolvimento completo e definitivo.» * E' pelo estudo da Poesia popular, que se chega á comprehensão de um espirito poetico geral, ou dos modos universaes do sentimento humano, e ás fontes tradicionaes que nos conduzem á comprehensão do genio nacional e da sua expressão na Litteratura.

---

* *La Bohème galante,* p. 18.

dera a consciencia da sua dignidade nacional, e dentro da qual foi perseguido como um revoltado.

Quando um Bürger, um Uhland, um Wieland se iam inspirar nas fontes tradicionaes da sua nacionalidade, e creavam na sua independencia e originalidade a Litteratura allemã, a falta d'esta intuição amesquinhou o maior genio poetico que o seculo XVIII produziu em Portugal; começou Bocage por imitar a Arcadia, os Quinhentistas, o pseudo-classicismo francez, e acabou por traduzir do latim. Que horisontes lhe podiam abrir as Odes de João Baptista Rousseau, de Argenson, de Luiz Racine, de Voltaire ou o sentimentalismo de Gesner, ou mesmo o estylo envernisado de Delille? Imprimiam-lhe no espirito uma falsa concepção da poesia; e a versão das *Metamorphoses* de Ovidio, série de quadros futeis de galanteria de uma já degradada e incomprehendida mythologia grega, mais o afastava do conhecimento verdadeiro da Antiguidade, que para André Chénier era uma revelação de gosto, *(quelque chose de tendre et d'antique)*. A este imperio da imitação deveu Bocage os defeitos de quasi todas as suas composições, uma constante allegorisação dos sentimentos personificados em entidades, a mythologia morta falsificando sempre a expressão das emoções, além do invencivel cunho do convencionalismo dos tropos rhetoricos.

Camões tambem se encontrou arrastado n'esta corrente da imitação imposta pelos estudos classicos da Renascença; aproveitou-se d'ella para conseguir a perfeição da fórma,

mas não desconheceu a tradição popular e o espirito nacional, tornando-se por isso o primeiro lyrico entre os Quinhentistas, o creador da verdadeira Epopêa moderna. A vaidade ingenua de Bocage, pela sua precocidade poetica e amorosos desgostos, levava-o a procurar em si analogias com Camões; coincidencias biographicas incitaram-no a esse parallelismo. E' certo que o povo portuguez só conhece dois poetas pelos seus nomes, Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias de Tasso [1] ou os Romanos as Canções de Salvator Rosa, porque em Portugal deu-se uma forte separação entre os escriptores e o povo, mas por que Camões synthetisa o amor da patria, e Bocage o repentismo muitas vezes cynico das suas anecdotas picarescas. No emtanto a approximação instinctiva d'estes dois nomes infunde um sentimento que induz a procurar se existe alguma verdade n'esta relação, que uma vez determinada será criterio seguro para avaliar Bocage. Na realidade, Bocage representa um espirito atrophiado por um meio intellectual estreitissimo, e em que o genio nacional, vigoroso e fecundo se acha

---

[1] Goldoni conta nas suas *Memorias* este facto: P. I, c. XXXVIII: « Egli allora ripiglia il remo, gira la prua della gondola verso la città, e ci canta, cammin facendo, la vigesima sesta stanza del decimo canto della *Gerusaleme liberata* » — Modernamente escreve Sabatini: « Il nostro popolo ama ancora i poeti classici del suo paese, perchè le loro opere ei lege sempre ed apprende a memoria » *Rivista di Letteratura popolare,* Vol. I, p. 71.

cretinisado pelo obscurantismo religioso do reinado de D. Maria I, e pelo governo policial do Princepe Regente, sob as duas figuras o Bispo-Confessor e o Intendente Manique. Pela epoca não menos tragica em que floresceu Camões, representava o espirito da grande Renascença intellectual e artistica, e a consciencia historica da nacionalidade. Differem os dois poetas n'isto; Bocage reconhece-o, e sempre enfatuado da sua personalidade, compara-se nos seus desastres a Camões: teve como elle uma mocidade apaixonada; como a Camões, um generoso impulso o fez seguir a vida das armas e ir militar na India; foi como elle perseguido na metropole das colonias indianas, refugiou-se em Macau, tambem naufragou, e por ultimo ao chegar á patria viveu em lucta com os poetas seus contemporaneos, sendo-lhe roubada uma collecção dos seus versos, que reconstituiu de memoria. Os seus biographos fizeram sentir estas coincidencias, como Couto e Costa e Silva, notando o soneto: «Camões, grande Camões! quão semelhante — Vejo o teu fado ao meu quando os cotejo...» O pensamento de Bocage confirma a intuição do povo. Era uma organisação impressionavel e fecunda, mas o seculo XVIII, era aqui asphyxiante, a tradição nacional estava apagada, e a missão do poeta reduzida a ser um simples commensal de uma nobreza estupida, devota e corrompida. Camões é grande, por que contrariou o seu tempo, e lhe impoz um ideal, dando expressão inextinguivel ao sentimento da nacionalidade; Bocage lisonjeou a sociedade do seculo XVIII para conquistar-lhe os applausos

frivolos dos salóes. Quando nos seus versos transluziu uma aspiração humana foi perseguido como revolucionario, e succumbiu quasi na indigencia. A desgraça identifica os dois genios no mesmo protesto.

§ I. Primeiros annos e mocidade do poeta

A vida e actividade poetica de Bocage encerram-se no longo periodo do reinado da dementada D. Maria I, influindo esta circumstancia na formação do seu caracter e nas manifestações do seu genio. Era o reinado do fanatismo cortezão, do beaterio opulento das basilicas, de uma insupportavel philaucia nobiliarchica, consequencia forçada de uma estupida restauração de privilegios e favoritismos pessoaes, que se impunham anachronicamente depois da queda do Marquez de Pombal. Os directores espirituaes apoderaram-se do animo delicado da rainha, dominaram-lhe a consciencia e precipitaram-a em um estado de idiotia em que ficou até á morte; os fidalgos empolgaram o poder, enriquecendo-se e desfazendo quanto possivel as reformas pombalinas. Bocage nasceu ainda nos dias esplendorosos do governo do omnipotente ministro, embalada a sua infancia entre o terror da severidade implacavel e a admiração official da sabedoria e firmeza do extraordinario estadista. Elle assistiu á *viradeira*, e n'estes dois córos, que se alternaram impudentemente, quem resistiria á instabilidade moral, que desequilibrava para sempre uma consciencia que ia affirmar-se na vida? Bocage, como

uma organisação impressionavel e sobreexcitada, ficou sem firmeza moral, e incapaz de seguir com coherencia um plano sério de vida. Com a queda de Pombal abriram-se os carceres politicos da Junqueira, começando a encher-se as prisões da Inquisição em Coimbra, Lisboa e Evora; a intolerancia do obscurantismo religioso não deixava ter ideias; Bocage vendo a fuga de Filinto, e a prisão do Doutor José Anastacio da Cunha, as denuncias e perseguições dos que pensavam, lançou-se na irresponsabilidade. Quando por vezes o sequestraram violentamente por causa de uma expansão de livre pensador, ou de uma rajada de jacobinismo, foi essa irresponsabilidade que o salvou. N'este meio mental e social é que o seu espirito desabrocha, e como na parabola do semeador, foi a boa semente que germinou nas fendas da pedra.

A) Infancia e vida militar (1765 a 1786.)

Nasceu Manoel Maria de Barbosa du Bocage em Setubal em 15 de septembro de 1765; [1] seu pae, bacharel em Canones, Dou-

---

[1] Innocencio Francisco da Silva fixou esta data pelo termo do Livro VIII, fl. 176 v., dos Baptismos de S. Sebastião de Setubal. Todas os biographos erraram apontando o dia 17. Na casa da rua de S. Domingos n.º 16 (hoje Hospicio dos Expostos) e antigamente com os numeros 17 e 18, foi collocada a seguinte lapide, em 10 de Abril de 1864:

N'esta casa nasceu o insigne Poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, a 15 de Septembro de 1765. Alguns dos seus contemporaneos mandaram fazer esta memoria no anno de 1864.

tor José Luiz Soares de Barbosa, antigo Juiz de Fóra na Castanheira e em Povos, e depois Ouvidor em Beja, desistiu da sua carreira na magistratura estabelecendo em Setubal banca de advogado. Era dado á cultura litteraria e metrificava com facilidade, como escreve Couto: «do que vimos poesias satiricas no gosto das do filho, mas que elle nunca quiz publicar, homem de grande engenho, e saber com gosto; muito conhecido pela inclinação e tendencia que teve para a Poesia, erudição...» [1] Casou com D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage, filha do francez Gillet Le Doux du Bocage, que chegou a Vice-Almirante na armada portugueza, e figurou na batalha naval de Matapan em 1717. A expedição naval fôra feita a pedido do papa Clemente XI, em soccorro dos Venezianos contra os Turcos, que pretendiam apoderar-se da ilha de Corfú; D. João V mandou pela segunda vez em 1717 uma armada commandada por Lopo Furtado de Mendonça, Conde de Rio Grande, que destroçou as Náos turcas. Em um *Diario* e relação da Armada que foi a Italia em soccorro dos Venezianos este presente anno de 1717, pelo capitão Lourenço Justiniano Ribeiro Soares, enumerando as náos que foram a esta expedição e se acharam no celebre combate, lê-se: «Seguia-se a fragata Nossa Senhora das Necessidades, em que ia o capitão de mar e guerra *Gille de Bocage.*» Em uma Carta em verso ao tenente

---

[1] Couto, *Memoria sobre a vida de Bocage*, p. 9. (1806.)

coronel da Fortaleza de São Gião da Barra, descreve o mesmo Ribeiro Soares:

> D'aqui foi dentro o *Bocage*
> a vêr se a charrua estava,
> e os generaes se despedem
> do de Veneza e do Papa.
>
> Fl. 183.
>
> Tambem nas Necessidades
> *Gille de Bocage* embarca,
> no mar muito experimentado
> do uso que teve em França. [1]
>
> (St. 16)

A batalha naval de Matapan chegou a ser celebrada em canções, como esta:

> Eu vi a nossa Armada
> que hia mais guapa,
> destruindo o Turco,
> defendendo o Papa.
>
> Eu vi a nossa Armada,
> não ha cousa egual,
> que nenhuma tem
> tão bom General.
>
> Eu vi o General
> mui bem pelejar,
> que elle a toda a gente
> vae sempre a avançar.
>
> Eu vi o General
> sem armas vencer,
> que todos em o vendo
> se deixam morrer.
>
> Eu vi o General,
> discreto e galhardo,
> ditoso do Rey
> que tem tal vassallo.

---

[1] Mss. Pombalinos, n.º 127.

Eu vi o General,
elle é verdade
que lá tirou vidas
e cá liberdades.

Eu vi a batalha
e bem posso dizer,
que com letras de ouro
se deve escrever.[1]

Gillet Le Doux du Bocage fôra elevado a capitão de mar e guerra por ter em 1711 repellido no Rio de Janeiro a aggressão de Dugay Trouin. Estas tradições de familia não deixaram de influir na vida do nosso poeta, que tendo assentado praça em infanteria, passou para a armada com o posto de guarda-marinha para o Estado da India; Bocage conhecia os talentos poeticos revelados na familia de seu avô, e no terceiro tomo das *Rimas*, de 1804, referindo-se á traducção do primeiro canto da *Colombiada* de Mad. Du Bocage, chama-lhe illustre «a cuja familia tenho a gloria de pertencer;» a celebre dama era casada com um tio avô do nosso poeta,[2] que tambem era dado á metrificação.

Do consorcio do bacharel canonista com

---

[1] Ms. da Livraria Azevedo Vasconcellos, communicação de A. Thomaz Pires.

[2] Pierre Joseph Fiquet *du Bocage*, nascido em Rouen, em 1700, empregado fiscal em Dieppe, dedicava-se á litteratura, e publicou em 1751, 3 volumes com o titulo *Melanges de differents pièces de vers et de prose, traduites de l'anglais;* e em 1752, 2 volumes *Lettres sur le Theatre anglais.*

Casara com a celebre poetisa Marie Anne Lepage, nascida em Rouen em 1710, e falecida em 2 de agosto

a filha do Vice-almirante francez nasceram seis filhos:

— D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage (1759.)

— D. Anna das Mercês Barbosa du Bocage (1760.)

— Gil Francisco Barbosa du Bocage, (1762) que foi graduado em leis e era tambem um agradavel poeta.

— **Manoel Maria de Barbosa du Bocage**, (15 de septembro de 1765.)

— D. Maria Eugenia, (1768) que morreu menina.

— D. Maria Francisca, (1771) cujo nome anda sempre ligado ao do poeta, por ter sido a enfermeira que o acompanhou até aos ultimos alentos, e guardou a maior parte dos seus manuscriptos. Cultivava egualmente a poesia, como diz Couto: «cuja familia toda teve veia poetica, até sua irmã, que recolheu os ultimos suspiros do irmão, a qual versejava, e bem.» [1]

A necessidade de curar da educação dos filhos fez com que o Dr. José Luiz Soares de Barbosa fixasse a residencia em Setubal.

---

de 1802; uma sua composição poetica foi premiada pela academia de Rouen em 1746; em 1746 publicou a sua *Columbiada* em dez cantos e na Comedia franceza representou-se a sua comedia *As Amazonas;* pertenceu ás Academias de Roma, de Bolonha, Padua, Lyon, Rouen; e mereceu louvores sympathicos de Voltaire e Fontenelle. Foi recebida em triumpho na Arcadia de Roma, e mereceram alguns dos seus escriptos traducções em allemão, italiano, inglez e hespanhol.

[1] Couto, *Mem. sobre a Vida de Bocage*, p. 9.

O poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva em um soneto dedicado a Bocage, alludindo á morte do pae, falla da educação que d'elle recebera:

> Esse, que infante, a sorvos tragadores
> *Sã doutrina*, que joven requinta,
> *Bebeu do sabio pae*, luz hoje extincta,
> Caudal então de *metricos fulgores*.

Mais tarde, no meio de uma grande popularidade, Bocage comprazia-se a recitar Sonetos de seu pae como affectuosa recordação. A mãe exerceu uma acção directa na criança precoce até aos dez annos, em que ficou orfanada. No meio dos *jogos pueris*, como diz Santos e Silva, *junto das ternas irmãs*, recebeu os primeiros elementos de lêr e escrever, unicamente pelo desvelo materno, aprendendo quasi simultaneamente a lingua franceza com o pae. Ainda assim experimentou a brutalidade de um mestre provisorio de primeiras letras, do qual dizia, segundo a tradição referida por Dom Gastão Coutinho: *Se continúa mais tempo, aleija-me.* Era a pedagogia do tempo, baseada sobre o *orbilianismo*. A mãe do poeta salvou-o da eschola-flagello; aquella enorme precocidade da criança exigia uma delicadeza, que só a maternidade possue. Couto traz a quadra endecasyllabica que aos outo annos compuzera sobre os apertões que soffrera em uma procissão; no Soneto com a rubrica *Cedendo a seu pesar á violencia do destino*, Bocage refere esta precocidade do talento poetico:

Das faixas infantis despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente,
Meu terno coração inda innocente
Iam ganhando as placidas Camenas.

(Son. 75. Ed. Act.)

No quarteto que segue appresenta o mesmo pensamento de Camões na Canção x, quando diz, que já no berço amava. No prologo da versão do poema didactico *As Plantas*, de Castel, torna a alludir á precocidade poetica com certo desvanecimento:

Versos balbuciei co'a voz da infancia!
Vate nasci; fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril, macio e louro
Semelha o mimo da virginea face...

Esta precocidade, de que alardêa, mostra-nos que o raro dom começou a fazer que o cercassem de admirações muito cedo, despertando-lhe antes de tempo um exagerado sentimento da personalidade; os gabos infatuaram-no, collocaram-o na dependencia de quem o lisongeasse, e o tornaram de uma sensibilidade extrema diante da critica. A improvisação de que tanto abusou, que foi a base das admirações, e as Satiras virulentas, que vibrava implacavelmente, provinham da necessidade de applauso mesmo banal, e dos resentimentos de uma vaidade ferida. D'estes pequenos accidentes deduz-se a fatalidade de um destino.

A morte de sua mãe em 1775, aos dez annos de edade, perturbou-o profundamente na delicada constituição moral, tornando-se um impulsivo. No Soneto com a rubrica *O Poeta*

luctando contra o infortunio, associa a orfandade materna com um passo decisivo dado ao entrar na puberdade:

> Aos *dous lustros* a *morte devorante*
> *Me roubou, terna mae*, teu doce agrado;
> *Segui Marte* depois; emfim meu fado
> Dos irmãos e do pae me poz distante.
>
> (Son. 148. Ed. Act.

Faltava o fóco em que se concentrava o sentimento disciplinador da familia; o joven Manoel Maria começou a frequentar os estudos de humanidades fóra de casa, e seu pae o submetteu á férula violenta da grammatica latina na aula régia do padre hespanhol Don Juan de Medina. [1] Apezar da reforma do ensino médio, em que Pombal reduziu os annos consagrados ao latim pelos Jesuitas, ainda assim a dóse era forte; já se não estudava pelo estupidecente methodo *alvaristico*, mas os Oratorianos, que tinham o sceptro do Latim, não deixavam que se apoucasse o seu imperio grammatical. D'esta crise do ensino do Latim falla o professor da Bahia José Francisco Cardoso, na Epistola latina a D. Rodrigo de Sousa Coutinho:

> Dous lustros, e annos dous suei constante
> Da romana Grammatica no ensino,
> Cançada *a mão*, *que a puericia fere!*

---

[1] Na Lista dos Professores despachados em 10 de Novembro de 1773, vem:

«Setubal (Grammatica latina) *D. João de Medina.*

Cançada a mão não só, tambem com ella
Quasi desalentado o soffrimento:
Nugas grammaticaes apoucam, ralam.
. . . .
Do sagaz Jesuita as árduas moles
Com que oppressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raizes.
. . . .
Se Alvares transformou (por mil seguido)
O bom methodo antigo em arte longa,
Com animo dobrado e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgae, meninos!
Mal vos pode empecer maligna turba,
Já Franco e Madureira as cartas deram,
E honra a docta Minerva as plagas nossas, etc. [1]

O latim era uma distincção social, um documento de capacidade, e de prudencial tino pratico; ignorando-se tudo, o latim fazia o homem sabio. Bocage agarrou-se a este perstigio no decurso da vida, no emprego dos truques mythologicos, nas epigraphes eruditas, não deixando por isso de discutir-se se tendo abandonado os estudos aos quatorze annos, saberia effectivamente latim, só com o que apprendera na aula do Medina. [2] Bocage chegára á edade da puberdade em 1779, e suscitado pela sua organisação impulsiva, abandonou inesperada e abruptamente as aulas de humanidades e foi assentar praça no Regimento 7 de Infanteria de Setubal. Foi uma surpreza para o pae; José Maria da Costa e

---

[1] Traducção de Bocage, *Obras*, t. II, p. 420. Ed. da Actualidade.

[2] Castilho, na *Rev. Universal lisbonense*, 1841-42, p. 21, em um artigo *Bocage e o seu Latim.*

Silva, que é o segundo biographo mais antigo de Bocage, accentua este facto caracteristico: «*De repente, contra a espectação de todos, abandonando as Aulas, assentou praça de Cadete...*» [1] Este facto revela o estado da sua organisação nervosa aos quatorze annos, e a intenção que mais tarde associou a perda de sua mãe com a adopção da vida militar. Antigamente assentava-se praça sem auctorisação prévia de pae ou tutor, e sem a maior edade; o acto impulsivo de Bocage decidiu de toda a sua vida de descoordenação e instabilidade moral; pode-se dizer, que o seu temperamento se definiu com esse acto que assignala os quatorze annos. [2]

Ao fim de dois annos, aborrecido da monotonia da guarnição, tratou de se transferir para Lisboa, lisongeando a tradição de familia, e entrando na arma de Marinha, em 1781: «completados dois annos se passou para o

---

[1] Costa e Silva, *Mem.*, p. 5.

[2] «As grandes modificações que se produzem no systema nervoso no momento da puberdade, no momento em que se desenvolvem os orgãos da reproducção, traduzem-se por uma revolução completa, ou para melhor dizer, por uma evolução do espirito. Ideias, impulsos, sensações novas accodem ao individuo, que não sabe nem d'onde, nem como ellas lhe vêm; achase em um estado emocional permanente de origem subjectiva, que se traduz por vagos anceios, uma disposição melancholica agradavel, e por um desejo ardente de qualquer objecto a que possa ligar-se. Esta disposição subjectiva implica necessariamente um estado de equilibrio instavel do espirito, que não é proporcionado ao seu meio, e que pode tornar-se critico. Em alguns casos, a evolução physiologica da puberdade torna-se

Corpo da Marinha real, em que persistiu pouco mais de tres annos...» (Couto, *op. cit.*, p. 12.) A *Academia real de Marinha* fôra de pouco creada pela Carta de Lei de 5 de Agosto de 1779, e era equiparada á Universidade de Coimbra para as regalias dos alumnos; era permittida a matricula aos quatorze annos. Contava Bocage dezeseis annos quando veiu frequentar esse instituto; constava o Curso de tres annos, sendo no 1.º Arithmetica, Algebra e Trigonometria plana; no 2.º ainda Algebra, Calculo e Mechanica; no 3.º Trigonometria espherica e Nautica. As Aulas eram no edificio do Collegio dos Nobres. A *Academia dos Guarda Marinhas* foi creada por decreto de 14 de Agosto de 1782; em qualquer d'estas duas recentes fundações continuou Bocage a educação scientifica, a que allude no Idylio maritimo:

---

uma revolução pathologica. Além d'isso, como é uma tendencia invariavel do espirito projectar fóra de si as suas affeições e consideral-as como qualidades dos objectos, o pubere que está possuido de um novo sentimento que lhe faz desejar uma ligação externa, é levado a attribuir aos objectos qualidades de que estão privados, e mesmo a crear o objecto nos casos extremos. — A excitação mental que apparece de uma maneira repentina, não tem um caracter muito agudo, ella traduz-se de preferencia por uma exaltação extravagante das concepções pessoaes naturaes a esta edade, por uma verbosidade sem causa, palavras extravagantes, pela ausencia de toda a desconfiança do pensamento, dos sentimentos e das acções, pela agitação, por acções absurdas ou más que, parecendo voluntarias e caprichosas, merecem ser designadas como hystericas.» (Maudsley, *Pathologie de l'Esprit*, p. 477.)

Na *manobra*, quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe *deitar melhor o prumo?*
Quem no *lême* e na *agulha* é mais sciente?
A carga no porão com regra arrumo,
Sei *pôr á capa*, sei *mandar á via*,
Como qualquer piloto, e *dar o rumo.*
Sei como heide *correr com travessia*,
E pela *balestilha* ou pelo *outante*
Achar a latitude ao meio dia.
Sei qual estrella é fixa, e qual errante;
A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Náo conheço,
E Orion tão fatal ao navegante.

(Idylio 9, Ed. Act.)

A memoria de seu avô, vice-almirante, influiu por certo na preferencia dos estudos de Bocage, que adoptou no seu nome official o appellido de *Hedois (*de *Le Doux);* no Idylio maritimo refere-se directamente:

Tentarei por fazer teu genio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares
Os meus antepassados imitando.

Na occasião da vinda de Bocage para Lisboa em 1781 estava a intolerancia religiosa na maxima intensidade; os que se interessavam pelas sciencias experimentaes ou liam auctores modernos eram suspeitos de *philosophismo;* ainda se fallava na fuga de Filinto ás garras do Santo Officio. Peior ainda do que esta oppressão das almas, começava a violencia do novo regimen da Policia cesarista exercido pelo terrivel Intendente Manique. O despotismo do governo de Luiz XIV era agora imitado em Portugal, macaqueando-se em uma instituição chamada *Intendencia geral da Policia da Côrte e Reino*, creada por

Alvará de 25 de Junho de 1760. O proprio Manique confessa em uma Conta para as Secretarias em 1783: « A lei da creação da Policia em Portugal foi tirada muita parte d'ella da Legislação de França, aonde tem feito os maiores progressos a Policia, e conseguido os fins a que ella se propõe, e assim a tem adoptado as côrtes mais civis da Europa.» [1] Em outras partes dos seus pequenos relatorios declara quaes são os elementos technicos que o dirigem, enumerando entre elles o *Codigo de Policia de Luiz* XIV por De la Marre, o *Tratado de Policia* de João Pedro Willebrand, e o Diccionario de Policia. [2] Manique só foi nomeado Intendente geral em 1764, sob o jugo pombalino, tendo-o precedido n'este cargo os desembargadores Ignacio Ferreira do Souto, e Manoel Gonçalves de Miranda. Em 1762, na *Guerra velha*, Manique havia acompanhado o Exercito auxiliar da Grã Bretanha, e sustentado á sua custa vinte soldados do Regimento de Almeida, até 1763. Desembargador do Paço e Administrador da Casa do Infantado, foi pela sua actividade infatigavel nomeado para o cargo de Intendente, tendo por Ajudante seu irmão Antonio Joaquim de Pina Manique, que faleceu pouco depois. O incansavel Intendente, tornando-se o sustentaculo das instituições, fundou um systema de espionagem, a que chamava *Moscas*, e até á epoca da Revolução franceza a sua preoccu-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Livro I, fl. 544 ỷ. (Na Torre do Tombo.)

[2] *Ib.;* Liv. v, fl. 182.

pação era fechar por todos os modos a entrada aos livros dos Encyclopedistas e aos libellos jesuiticos, apprehendendo-os nas alfandegas e mandando-os queimar na praça publica pela mão do carrasco. Era assim que elle desfazia os estratagemas áquelles «que pretendem espalhar no publico aquellas liberdades que tem adoptado *os taes chamados Philosophos modernos.*» [1] Em 1780 já Diogo Ignacio de Pina Manique estava tão acreditado na confiança da realeza, que D. Maria I legalisou-lhe todas as arbitrariedades futuras e possiveis, dando-lhe por Alvará de 15 de janeiro d'esse anno umas Instrucções secretas que nunca seria obrigado a mostrar. Tendo já doze annos d'este serviço odioso, e inundado todo o paiz com officios mandarinescos e providencias discricionarias, muitos o accusaram ao poder real de prepotencias e invasões abusivas do poder executivo. O Intendente geral defendia-se com o seu zelo pela soberania, pela religião e bons costumes, declarando que nas obrigações de tal cargo gastara o que havia herdado de seus paes. Era o despota na mais alvar sinceridade, affrontando a sociedade do seu tempo, luctando contra o pensamento moderno sem o comprehender, accusando de suspeição revolucionaria as maiores capacidades que então existiam, como o Duque de Lafões, Corrêa da Serra, Ferreira Gordo, P.e Theodoro de Almeida, in-

---

[1] Toda esta repressão á intelligencia portugueza acha-se largamente documentada na *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, p. 1 a 136.

timidando todos os poderes com o terror das *ideias francezas*. Tendo Bocage nascido sob este nefasto signo policial, coincidiu a morte do poeta com a do Intendente no mesmo anno, o que patentêa a depressão do meio social e mental em que aquelle genio se foi deformando.

Rapaz de dezesete annos, estudante, militar e poeta, na vida de Lisboa, o curso scientifico era sacrificado ás aventuras amorosas a que se entrega, como confessa no Soneto *Achando-se avassalado pela formosura de Jonia:*

> Emquanto o sabio arreiga o pensamento
> Nos phenomenos teus, oh Natureza,
> Ou solta árduo problema, ou sobre a meza
> Volve o subtil, geometrico instrumento;
>
> Emquanto alçando a mais o entendimento
> Estuda os vastos céos, e com certeza
> Reconhece dos astros a grandeza,
> A distancia, o logar, e o movimento...
>
> (Son. 17. 75. Act.)

Allude á Physica, á Algebra e Geometria, á Astronomia e Nautica, mas a imaginação fugia-lhe para a poesia, para os galanteios e amores faceis, tornando assim a vida uma dissipação. Os seus versos, n'este primeiro periodo de permanencia em Lisboa, estão cheios dos nomes das damas que galanteava, poetisados ao modo bucolico nas Marilias, Marfidas, Filis, Tirsalias, Elmiras, Jonias, Urselinas, Elisas, Marinas, Nises, Armias, e outras tantas celebradas em Sonetos, que conquistaram uma popularidade que lhe desvairou a cabe-

ça, procedendo como Camões, que emquanto serviu o amor nunca andou atado a um só rêmo. N'esta sobreexcitação continua é que Bocage contrahiu a *nevrose morbida* que lhe descoordenou toda a sua existencia tornando-o um talento desgraçado. Seguiu em Lisboa, como criança impressionavel, a corrente dos costumes e do gosto litterario dominante; em um Soneto inedito descreve essa mocidade dissoluta já policialmente reprimida:

> Graças ao céo, que já de mil cadetes
> Livre te vejo uma vez Lisboa;
> Sonoros hymnos de prazer entôa,
> Pois estão de gaiola os miqueletes.
>
> Adeus *Boston*, *Bilhares*, *Voltarete*,
> Já o ôco dado e o cobre vil não sôa,
> Ficou sem fixo par a moça bôa,
> De *Alexandras*, *Jessés* e *Minuetes*. [1]

Estavam no seu maior fervor as *Modinhas brasileiras*, pequenas Canções em versos de redondilha menor, que se cantavam á guitarra em reuniões de familia. Todos os estrangeiros que escreveram das suas viagens em Portugal no seculo XVIII fallam d'este genero poetico como caracteristico da nação. A ligação da poesia á melodia musical, fazia que as cadencias perfeitas se sacrificassem aos rythmos do verso, adoptando *robatus* nos quebros languidos da voz, e uma expressão halluciante em labios femininos, como descreve lord Beckford. A *Modinha* era commum ás

---

[1] Ms. x. 5. 50 (Bibl. nacional.)

partidas burguezas e aristocraticas. Raros eram os poetas que não contribuiam com os seus versos para verbalisarem estas monodias, que só a Italia desenvolveu na Aria, germen da Opera. Quando Garção, afferrado aos Quinhentistas e a Horacio, não se eximiu á predilecção imposta pelo costume, com mais rasão o talento fogoso de Bocage tinha de despender-se n'essas redondilhas allegoricas e mythologicas, em que a *Modinha* degenerara. Mais tarde Bocage tomou odio a esta fórma poetica, renovada pelo enthusiasmo da *Marilia de Dirceu*, (1792) e preferiu o Mote dado sobre que improvisava as Glosas faiscantes.[1] As suas Anacreonticas, cançonetas com retratos e allegorias mythologicas d'esta epoca em Lisboa, reflectiam o estylo e os assumptos dos pintores francezes das Festas galantes, o voluptuoso e insulso idylio de Watteau e Boucher, imitado nas decorações das salas, nos frescos, nas carruagens e nas caixas de rapé. Era o reinado de Cupido, com a sua corêa de Amorinhos vibrando farpões a pastoras languidas, que colhiam rosas. E' o mesmo estylo em Bocage:

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;

Por entre a rama
Fresca e sombria,
Do tenro arbusto
Que me cobria,

---

[1] Sobre a *Modinha*, vid. *Filinto Elysio*, p. 603 a 618.

Vi sem aljava
Jazer Cupido
Junto de Filis,
A' mãe fugido...

(*Obr.*, t. III, p. 48. Ed. Act.)

Eram estas composições o reflexo dos costumes da realeza e aristocracia, cuja desenvoltura se introduziu na classe média, que deixava o isolamento domestico medieval e se tornava communicativa, acceitando a repentina convivencia das Partidas ou Assembleias, de que Garção fizera uma comedia pungente. A vida solta de Bocage, os numerosos amores celebrados nos seus versos, a paixão pela popularidade, exacerbaram-se n'esta existencia artificial da sociedade portugueza, e sobretudo na *peraltice* de Lisboa. Em nenhuma epoca o talento de metrificador teve tanta importancia como na sociedade portugueza do seculo XVIII; se na epoca de Garcia de Resende, se recommendava o saber *rifar* e *apodar* para parecer bem no paço, no tempo de Bocage a poesia era empregada na bajulação dos poderosos, vivendo os poetas á sombra das casas fidalgas, como o Lobo da Madragôa, ou pelos versos arranjando despachos officiaes como Tolentino. Não existia ainda a individualidade do escriptor, do poeta que exprime a aspiração do seu tempo, mas sim o parasita que á custa de versos encomiasticos se tornava parte indispensavel nos festins. Não se sentia a indignidade d'esta posição, que Bocage tomava como uma fórma seductora da popularidade. Dos seus proprios versos dizia:

.............foram com violencia
Escriptos pela mão do fingimento,
Cantados pela voz da dependencia.

(Son. I.)

No seculo XV a satira jocosa dava lustre aos serões do paço; no seculo XVI, a galanteria amorosa distinguia a pleiada dos Quinhentistas; só no seculo XVIII é que a poesia desce á bajulação degradante, correspondendo as mudanças da sociedade ás phases da Litteratura. O poeta não se inspirava da tradição do povo, imitava os modelos auctorisados pelo arcadismo; e comtudo o povo procurou no seculo XVIII approximar-se dos poetas, como o confessa Filinto notando o facto das regateiras saberem de cór as outavas da Ecloga *Albano e Damiana*. A popularidade de Bocage, que começou muito cedo, por este novo impulso despertado pelos seus improvisos, longe de o fazer buscar a genuina fonte da inspiração poetica, fêl-o aberrar e perder-se na imitação do pseudo-classicismo francez. Pela poderosa organisação poetica, competia a Bocage vir pela primeira vez, nas diversas tentativas de restauração da poesia sempre sem resultado, buscar os ricos mananciaes da tradição popular. Existia effectivamente uma tradição desprezada, obliterada e latente até ás primeiras investigações de Garrett. Se o genio não tem esta intuição do seu valor, a individualidade annulla-se em um doentio personalismo, esgotando-se em uma imitação de cousas mortas e que tende a passar de moda. Tal é a situação de Bocage, máo grado os mais brilhantes improvisos, collocando-o

na condição de um genio abortado. Bocage não comprehendeu os germens tradicionaes conservados inconscientemente na *Modinha*, insurgindo-se contra os mulatos P.e Caldas e Joaquim Manoel por trazerem enleada a sociedade lisbonense; mas obedeceu a essa mesma corrente do gosto pelo lyrismo allegorico que influiu na sua vida e destino, abandonando os estudos technicos, entregando-se n'essa edade juvenil a uma dissipação e irresponsabilidade, que o não deixaram progredir e o collocaram na impossibilidade de equilibrar-se em uma disciplina moral.

Cinco annos de mocidade (1781 a 1786) foram perdidos, queimando incensos em todas as áras cupidinescas, tornando-se incapaz de preparar a sério o seu futuro; repugnando-lhe os estudos scientificos, a nomeação de um novo Governador para a India suscitou-lhe a ideia de partir na Armada, «pondo-se distante do pae e dos irmãos» como diz no Soneto. A casa paterna estava sombria e quasi solitaria; falecera prematuramente sua irmã Dona Maria Eugenia, cujo passamento celebrou com o sentimento catholico: «Que em vez de pranto a jubilo convida.» (Soneto 17. Ed. Act.) Suas duas irmãs mais velhas, D. Maria Agostinha e D. Anna das Mercês casaram em Setubal, ficando apenas na casa paterna D. Maria Francisca, com quatorze annos de edade. A partida de Bocage para a India, por isso que era uma resolução brusca, chegou a ser attribuida a uns versos satiricos contra o Conde de San Vicente, mas Innocencio provou que esses versos pertenciam a Antonio Lobo de Carvalho. O estado de agitação morbida,

e o pretexto da imitação dos seus antepassados, é que o levariam a requerer o despacho para Gôa.

Com a data de 31 de Janeiro de 1786 foi lavrado o Decreto que o despacha Guarda-marinha do Estado da India: «Hei por bem fazer Mercê a *Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage* de o nomear Guarda-marinha da Armada do Estado da India. O Conselho Ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Samora Corrêa, em 31 de Janeiro de 1786. Com a rubrica de Sua Magestade.» [1] N'este documento apparece pela primeira vez o nome de *Hedois* na assignatura de Bocage, signal de que renovara o nome francez do seu bisavô Antoine *l'Hedois*, a que o avô deu a fórma Gillet *Le Doux*; d'estes nomes é que tirou o de *Lidio*, com que se acoberta no poemeto racionalista a *Voz da Rasão*. E justificando a sua nova posição, diz no Idylio 10:

> Em fim, de ser quem sou não me envergonho
> ....
> Pergunta a quantos vêm do Tejo e Sado,
> Se alli me condemnou vil nascimento
> A este, em que mourejo, humilde estado?
>
> Sempre entre os mais honrados tive assento,
> Venho dos principaes da minha aldeia,
> Não cuides que vãs fabulas invento.

---

[1] Archivo do Conselho Ultramarino, Livro v, de Decretos, fl. 189 v. Na Bibliotheca nacional. Publicado pela primeira vez por J. F. de Castilho.

O despacho do Conselho Ultramarino fez-se em 4 de fevereiro de 1786; [1] d'aqui resultou o suppôr-se erradamente que a partida fôra n'este mesmo mez. A partida de Lisboa para o Oriente, para a vida das armas, é uma crise decisiva para o genio de Bocage, como o fôra tambem para Camões. As novas e profundas impressões da natureza, libertal-o-hão do jugo das regras do rhetorico arcadismo, d'este amalgama de purismo quinhentista e do pseudo-classicismo francez? Camões, longe dos humanistas, na India e na China, compenetrou-se do sentimento nacional da *ditosa patria* amada. Esta data de 1786 na vida de Bocage é capital, não pela emancipação que o seu espirito conseguisse, mas para determinar o momento em que as suas faculdades se podiam robustecer saudavelmente.

B) **Expatriação: Brasil, India e China** (1786 a 1790)

A partida de Bocage para a India, com escala pelo Rio de Janeiro, effectuou-se em 14 de Abril de 1786, na Náo de Viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena;* [2] a data da publicação do seu despacho

[1] Livro das Mercês do Conselho de Ultramar, fl. 5, v.

[2] Até hoje só se indicava o mez de Abril, não precisando o dia. (*Livro das Monções*, N.º 168, fl. 294; ap. Felippe Nery Xavier, no artigo *Alguns Documentos para a Biographia de Bocage*, no Archivo Universal, vol. IV, p. 322.) — Na *Gazeta de Lisboa*, Supplemento n.º XVI, de 21 de Abril de 1786, encontrámos:

«A 14 do corrente sahiram d'este porto com diversos destinos alguns navios portuguezes que se acha-

em 1 de Abril distanciou-se alguns dias do seu embarque, que foi demorado por causa dos temporaes. No *Livro das Monções* de 1786, lê-se que era commandante José Rodrigues de Magalhães, comboiando com outra náo de nome *Senhor do Bomfim e Santhiago Maior*, chegando a primeira a Gôa em 28 de Outubro de 1786, com o Governador e Capitão General, recebido no Rio de Janeiro; vem ahi o assento relativo a Bocage:

«Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage, filho de José Luiz Soares Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setubal, da edade de 21 annos.» E em nota á margem: «Despachado com o posto de guarda-marinha para o dito Estado por carta de 4 de Fevereiro, registada na Casa da India, no Livro das Mercês para o Ultramar, fl. 5.» [1]

Bocage estava então no esplendor do talento, e distinguia-o uma vivacidade que assombrava; para uma natureza assim vigorosa

---

vam retidos por causa do tempo; entre elles o denominado *Nossa Senhora da Vida e Santo Antonio*, que vae ao Rio de Janeiro tomar a bordo o Excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes, que acaba de ser nomeado Governador da Capitania de San Paulo, para o conduzir á India, de cujo Estado S. M. o tem nomeado Governador e Capitão General.» — Na *Gazeta de Lisboa*, N.º XIII, segundo Supplemento, de 1786: «*Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage*, guarda-marinha para a India.»

Caduca a hypothese de Innocencio da «arribada que a embarcação fez ao Rio de Janeiro, durante a viagem para Gôa.» *(Poesias* de Bocage, vol. II, p. 428.)

[1] Ismael Gracias, Catalogo dos Livros dos assentamentos da gente de guerra, que veiu do Reino para a India, desde 1731 a 1811. Gôa, 1893.

e impulsiva, o saír de Portugal era uma felicidade para libertar-se do meio social dissolvente que o atrophiava. As novas impressões da natureza e os seus aspectos deslumbrantes eram outros tantos elementos de concepções artisticas provocando as creações do genio. Em Lisboa vivia-se sob a dura espionagem do Intendente Pina Manique, que empregava n'este mister bofarinheiros com tenda ou loja de bebidas; [1] a Inconfidencia occupava-se em descobrir o que se pensava e fazia. Era impossivel ter qualquer espontaneidade. Dominava ainda a suspeição do *jesuitismo*, e em breve ia começar a suspeição do *jacobinismo*. A partida de Bocage dava-se no momento propicio para que o seu talento não fosse amesquinhado na mediocridade geral; esta situação proporcionava-lhe ensejo de ser dirigido por um sentimento verdadeiro e dar realidade á expressão do ideal poetico. A despedida á terra natal, aos amores, aos amigos, o impulso generoso que o guia, tudo está por elle expresso com uma desconhecida simplicidade:

Antiga patria minha e lar paterno,
Penates, a quem rendo culto interno,
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes,
Adeus! um vivo amor de nome e fama
A nova região me attrae e chama.

---

[1] Escreve o proprio Manique: « Esta ideia não é minha; é o que se lê nas Obras de Mr. de La Marre, e de outros muitos ..» *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 78, ỿ. (Arch. nac.)

Oh vós que nos altares da amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prasenteiro,
Vós, que em doce união viveis commigo,
Ouvi um terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gram Camões, por quem de amores
Inda as Musas suspiram;
Aquelles mares onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo Gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a honra, cujas áras beijo,
Que com férvido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerques a memoria,
Nos climas onde a guerra
Heroes eternisou da lysia terra,
Vou vêr, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

(Canç. IV. Ed. Act.)

Esta Canção appareceu com variantes fundamentaes em um manuscripto, terminando com a rubrica: «*Dizia Manoel Maria Barbosa l'Hedois du Bocage na sua despedida para a India. 23 de Septembro de 1786.*» Esta data leva a inferir que refundira a Canção no mar, já depois de cinco mezes de ausencia. Aproximamos as variantes das estrophes transcriptas:

Celebre patria minha; lar paterno;
Penhores do amor meu, fiel e terno;
Lacrimosos parentes,
Dos olhos da minha alma nunca ausentes,
Adeus! um *grande* ardor de nome e fama
De vós me aparta, se se vae quem ama.

E vós, que *sobre as áras* da amisade
Me juraes immortal fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz *redemptor*, Andrade *companheiro*,
Sylvio meu, caro ás musas, Figueiredo,
Hortas do mais fructifero arvoredo;

Tu tambem, ó illustre, amavel homem,
Que em vão não tens o mais famoso nome,
Tu generoso Nuno,
Auxilio em meus desastres opportuno,
A cuja sombra levantando o collo,
Debalde vejo assobiar-me Éolo.

Vós, oh tantos emfim, que em meus contrastes,
Ás minhas, vossas lagrimas juntastes,
Que o fel me diminuistes
Do ferreo calix d'esses dias tristes,
Que me ensinastes a poder commigo,
Escutae os adeus de um *grato* amigo.

A longa via de Camões louvada
E trilhada, por mim vae ser trilhada;
Os meus olhos aspiram
A vêr os mares, onde os *Lusos* viram
Do façanhoso Adamastor presentes
Os negros labios, *amarellos dentes.*

Quer a sorte, propicia ao meu desejo,
Manda-me a honra, cujas áras beijo,
Que *de invejoso e pio*
Vá o templo da Fama honrar em Diu,
Da eterna fama, que ajuntou aos astros
Os Mascarenhas, *os eguaes dos* Castros.

Lá onde inda melhor do que na historia
Reluz dos Albuquerques a memoria,
Lá onde a *crúa* guerra
Mostrou de heroes *só patria a* lysia terra;
Vou aos destinos vêr *que mais* agrada
Se ter eu feliz vida ou morte honrada. [1]

Em qualquer d'estas versões da Canção de despedida são lembrados os amigos com quem convivera em Lisboa, Vasconcellos (o Morgado de Assentis), Couceiro, Liz, Andrade, Figueiredo (o árcade *Lycidas Cynthio)* e Nuno Alvares Pereira Moniz Perdigão, capitão-mór do Ribatejo, (por via do qual nasceu a incomparavel amisade de Nuno Alves Pereira Pato Moniz nos ultimos dias da sua vida.)

N'esta Canção descreve Bocage os sentimentos cavalheirescos que lhe faziam abraçar o serviço militar na India; amara então em Lisboa uma dama, á qual dava o nome bucolico de *Getruria;* pelo numero e fervor dos versos em que a celebra parece ter sido uma paixão algum tanto duradoira. *Getruria* é anagramma imperfeito de Gertrudes; entre as pessoas que conservaram de memoria muitas poesias de Bocage, cita-se D. Anna Gertrudes Marecos, que ouviu o poeta recitar com frequencia em Santarem. [2] Não será uma realidade, mas uma inferencia para ella. Os amores por Getruria é que nos seus vinte e um annos lhe inspiravam estes generosos sentimentos:

---

[1] *Poesias ineditas de Bocage.* Lisboa, 1896. (Publicação de Vicente Rodrigues de Almeida.) De pag. 16 a 19.

[2] Ed. Innocencio, tomo I, nota, pag. 397.

Por entre as chuvas de mortaes pelouros,
A núa fronte enriquecer de louros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos disfrutar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece
Não é digno de ti, nem te merece.

(Ed. da Act. ii, 136.)

Na Epistola a Getruria repete este mesmo motivo:

Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lagrimas e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.
Vê, que entregue ao furor de horriveis Notos
Vim só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos.

(Epist. ii. Ed. Act.)

No Soneto que tem a rubrica: *Achando-se prestes a ausentar-se da sua amada*, fixa o logar dos seus amores em Sacavem:

Praias de Sacavem, que Lemnoria
Orna c'os pés nevados e mimosos
....
De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos destinos poderosos,
Que não querem que logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria.

(Son. 137. Ed. Act.)

Em outro Soneto com a rubrica: *Ao partir para a India, deixando em Lisboa a sua amada:*

Ah, que fazes, Elmano? Ah, não te ausentes
Dos braços de Getruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?
....

Teme os duros cachópos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias e os monstros do Oceano.

(Son. 140. Ed. Act.)

A' maneira de Camões, que ia procurar a gloria nas campanhas do Oriente para merecer Nathercia, imitava Bocage esse sentimento para ser digno de Getruria; e como Camões disse em uma carta que a patria não lhe possuiria os ossos, Bocage tambem repete com egual desalento:

Não mais, oh Tejo meu, formoso e brando
A' margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulyssêa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando.

(Son. 142. Ed. Act.)

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena.
....
Devo emfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do colérico Mavorte!

E talvez entre impávidas phalanges,
Testemunhas fieis da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

(Son. 135. Ed. Act.)

Quando Bocage chegou ao Rio de Janeiro, era então Governador geral do Brasil Luiz de Vasconcellos Sousa Veiga e Faro, da Casa dos Marquezes de Castello Melhor, notavel pela esmerada protecção que deu ás Letras e Sciencias no Brasil, distinguindo com a sua amisade José Basilio da Gama, o P.e José Marianno da Conceição Velloso, e outros poetas e sabios. Bocage tambem encontrou no

Governador um trato de affabilidade que o elevava, e a que não estava acostumado. Bocage o confessa na Ode 9:

. Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu canto
Lá na tépida margem
Do limpido *Janeiro*, que a cerúlea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçou das vitreas grutas
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das mádidas Nereidas...

Na Canção 5.ª dedicada a Luiz de Vasconcellos e Sousa, fazendo o retrato moral do Vice-Rei, declara que bem desejaria fixar a sua vida no Rio de Janeiro; era-lhe isso impossivel diante da disciplina militar:

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia dos soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez me apparelhe a sorte,
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu, finalmente, com respeito interno
Meus froixos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amavel governo;
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então: — Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.

....

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove, em metro grave;
Oh que risonha, que benigna estrella,
Se o pensar é prazer, que fôra tel-a.

Surdo o Fado a meus ais, a minhas magoas
D'este ameno paiz me quer distante;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido Gigante,
Irmão dos impios que gerara a terra,
Que ao pae dos deuses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
Dos miseros mortaes misero asylo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei com terno estylo;
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te acclame...

Durante as poucas semanas que se demorou no Rio de Janeiro a Náo que ia alli buscar o novo Governador e Capitão General da India Francisco da Cunha e Menezes, foi Bocage recebido na melhor sociedade com admiração pelo ascendente irresistivel que exercia; não lhe faltaram novos amores querendo-o seduzir. Na Epistola a Getruria descreve a sua viagem, e este incidente:

Do santo abrigo de meus deuses lares,
Pela sorte cruel desarreigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirigindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra amor, e contra o fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Thetis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento;
Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido *Janeiro*, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura.
Alli, como nas margens de Ulyssêa,
Prendendo corações, brincavam, riam,
Os filhinhos gentis de Cytherêa.
Mil graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam;

Eis olham como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá com que resista.
Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta.

(Epist. 2. Ed. Act.)

Se Bocage ficasse no Rio de Janeiro, como desejava, a sua vida seria desgraçada, envolvido pelo genio enthusiasta na Conjuração suscitada pela revolução americana de 1787; ou pelo menos o seu espirito satirico contra os velhos usos conservados na colonia, irritaria odios implacaveis, como lhe acontecerá em Gôa. O nome de Gillet Le Doux du Bocage, ainda seria lembrado no Rio de Janeiro pelos feitos praticados em 1711, repellindo n'aquella Capitania a aggressão de Dugay Trouin. Do poeta alguma tradição ficou da sua passagem, sabendo-se ainda hoje que morara na rua das Violas, no sitio da *Ilha seca.* [1] Foi n'esse encontro do Rio de Janeiro com o Governador despachado para a India Francisco da Cunha e Menezes, que Bocage lhe conquistou a sympathia, que a longa viagem para Gôa não deixaria de augmentar.

A Náo *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena,* em que ia o Governador, soffreu um grande temporal, a que allude Bocage no Soneto que tem a rubrica *Deprecação feita durante uma tempestade.* E' certo que esta náo chegou a Gôa em 28 de Outu-

---

[1] J. F. de Castilho, *Noticia,* t. I, p. 42.

bro de 1786, separada da outra *Senhor do Bomfim e San Thiago Maior.* [1]

Partindo do Rio de Janeiro para Gôa, descreve Bocage a impressão recebida ao passar pelo Cabo da Boa Esperança, em uma Elegia:

> Sempre no mais cruel desassocego,
> Sempre commigo mesmo em viva guerra,
> A's vastas *ondas outra vez* me entrego.
> Os negros furacões Éolo encerra,
> Até que aos frouxos olhos se me offerece
> O bruto Adamastor, filho da Terra.
> Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
> Da nossa antiga audacia, e logo exclama
> Com voz horrivel, que trovão parece:
> « Oh tu, que de uma vã caduca fama,
> De uma illustre chimera ambicioso,
> A estrada vens saber do affoito Gama;
> Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
> Se as desordens fataes da louca edade
> Te houvesse reprimido o céo piedoso;
> Tu, que de uma terrestre divindade
> Memorando os encantos e os agrados,
> Deliras entre as garras da saudade;
> O modelo serás dos desgraçados;
> Porque mais, oh mortal, a vêr não tornas
> Meigos olhos, por Venus invejado.
> .. ..»
> Disse dos nautas o inimigo eterno,
> E aos áres arrojou no mesmo instante
> Medonhas trévas, pavoroso inverno.
> O céo troveja, Éolo sibilante
> Ora aos abysmos, ora aos astros leva
> Entre as azas da morte o lenho errante:
> Sobre elle o mar violento a furia céva
> Rebentam cabos, não governa o leme,
> Consternada celeuma ao ár se eleva.
>
> (Epist. 2. Ed. Act.)

---

[1] No Catalogo de Gracias fixa-se esta data, que nos Documentos publicados por F. Nery Xavier se transcrevera erradamente em 29.

Em 2 de Septembro de 1786 desembarcava Bocage em Moçambique. [1]

N'esta mesma composição em que os aspectos da realidade prevalecem sobre a mythologia, descreve Bocage a chegada a Gôa, fixada irrefragavelmente em 28 de Outubro de 1786:

> A prospera derrota assim prosigo,
> Até que vejo e piso a sepultura
> Dos tristes que não têm na patria abrigo.
> Aqui vae sempre a mais minha amargura,
> Aqui pela saudade envenenado,
> Como espectro acompanho a noite escura:
> Aqui ninguem me attende (oh negro fado!)
> Nem deuses nem mortaes, ninguem me attende:
> Tão molesto se faz um desgraçado.

Quando Camões chegou a Gôa, nos primeiros dias de descanço viu-se «mais festejado do que touro da Merceana,» e mais socegado do que cella de frade prégador, como relata na sua Carta primeira; em volta d'elle

---

[1] Vem na *Gazeta de Lisboa*, de 1787, n.º 49: «Havendo a Náo *Nossa Senhora da Vida*, em que hia o Capitão General da India o ex.mo Francisco da Cunha e Menezes, chegado á barra de Moçambique no dia 2 de Septembro de 1786, por ella o Governador d'aquella colonia o ill.mo Antonio Manoel de Mello e Castro recebeu uma carta de S. M. em que lhe participava o haverem-se concluido os consorcios dos serenissimos srs. Infantes D. João e D. Carlota Joaquina, e D. Gabriel e D. Marianna Victoria, para que os festejasse com as demonstrações de alegria correspondentes a um objecto tão plausivel. O dito Governador prestando-se com todo o zelo, fidelidade e promptidão a estas insinuações, fez logo preparar umas magnificas luminarias...»

agrupavam-se esses cavalleiros poetas Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Luiz Franco Corrêa, Antonio de Abreu, e ainda o sabio Doctor Garcia d'Orta, com outros muitos que abrilhantaram a historia portugueza no grandioso seculo XVI. O que dizia Camões de Gôa «de todo o pobre honrado sepultura» conservou-se, descendo os individuos ao mais revoltante egoismo pelo habito da chatinaria. Bocage foi encontrar essa mesma Gôa antiga, mas já nenhum vulto comparavel aos da grande epoca historica. O talento poetico de Bocage, em que predominava a satira, devia complicar-lhe a vida n'aquelle meio de uma petulante ignorancia. Logo á chegada encontrou a amisade do desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, poeta philintista, conhecido pelo nome de *Albano* nos Outeiros poeticos de Chellas, inspirado pelas graças de *Alcipe* (a Marqueza de Alorna.) Com que saudade lhe fallaria da sua convivencia com Filinto e da terrivel perseguição que o afastara de Portugal, fugindo ás garras do Santo Officio. Em uma Ode referia Filinto o talento poetico de Barroco:

Tu cantarás ousado
Do rigido Albuquerque acções ingentes,
Os conquistados mares,
Os combates crueis, as leis pezadas,
Ao duro braço ousados Reis rendidos.

Já ensaias as forças
No alto escripto do mundo transformado;
E impávido Tirynthio
Te apparelhas ao grande pezo, digno
De mais robustos hombros que os de Homero.

(*Obr.,* IV, 5.)

Em nota dá Filinto o sentido d'estas duas estrophes: «O sr. dr. Sebastião José Ferreira Barroco, traduzia em versos portuguezes as *Metamorphoses* de Ovidio, quando as acções de Affonso de Albuquerque lhe moveram o estro para cantal-o n'uma Ode.» Bocage na ultima epoca da sua vida tratou estes dois assumptos, vertendo o começo das *Metamorphoses* e esboçando uma composição dramatica sobre Affonso de Albuquerque, por ventura suscitado pelas impressões da convivencia litteraria com Barroco. Contra a tranquilidade da vida de Bocage, correu a lenda de perseguição que lhe movera o Governador geral D. Frederico Guilherme por causa do poema satirico contra a *Manteigui*, sua favorita; [1] mas esta lenda está hoje completamente destruida pelo sr. Felippe Nery Xavier: «Bocage chegou a Gôa no dia 29 (aliás 28) do referido mez de Outubro, e encontrou D. Frederico no governo do Estado *apenas quatro dias*; esse tempo não era bastante para adquirir conhecimento necessario da paixão do Governador, e de suas particularidades, e fazer o poema erotico *A Manteigui*, e d'esta arte provocar as iras do amante, etc. — Além d'isso a residencia do Poeta em Gôa por mais dois annos, e a sua promoção para Damão deixa vêr que D. Frederico não concorrera para a

---

[1] «... pois chegando esta Satira ás mãos de Dom Frederico, este se julgou altamente offendido na pessoa da sua bella, e irritado contra o poeta o mandou incontinente deportado para Macáo.» (*Poesias eroticas*, p. 161. Ed. MDCCCLXX.) Compilação de Innocencio.

sua sahida d'este Estado.» [1] A boa amisade com D. Frederico Guilherme de Sousa é-nos mais tarde revelada pela Carta de Lord Beckford, em cuja companhia se encontrou Bocage.

O novo Governador Francisco da Cunha e Menezes, que observara de perto Bocage durante a viagem do Rio de Janeiro para Gôa, tambem tratou o poeta com sympathia, facilitando-lhe o seguir os estudos logo no anno de 1787, na Aula real de Marinha.

Em um pequeno artigo de F. Mourão, *Mais duas palavras para a biographia de Bocage*, esclarece-se cabalmente este facto, que a noticia de outros acontecimentos completam:

«No *Livro dos Assentos das entradas dos Discipulos*, que foram admittidos na Aula real de Marinha de Gôa em 1787, hoje archivado na Eschola mathematica e militar d'este Estado, nota-se a verba seguinte:

«— *O guarda-marinha Manoel Maria de Barbosa* — 1.ª vez matriculado. Não fez exame por causa legitima.» [2]

Essa causa foi uma gravissima doença que teve o poeta quasi moribundo, á qual se refere mais de uma vez nos seus versos. No Soneto *Ao sr. Desembargador* Sebastião José Ferreira Barroco — Acompanhando á India o

---

[1] *Alguns Documentos para a biographia de Bocage*, por Felippe Nery Xavier, no *Archivo universal*, vol. IV, p. 322.

[2] No *Almanach litterario para 1867*, por A. J. Frederico Gonçalves de Figueiredo. 2.º anno. Margão, 1866; a pag. 33. — *Conimbricense* de 1895, n.º 5021.

excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes, — deixa entender que lhe dera muita consolação em uma grande doença:

Geme, Barroco, a fraca humanidade,
Nem nos peitos heroicos se desmente;
Mirra-lhe as faces afflicção vehemente,
Furta-lhe o riso a baça enfermidade...

(Son. 259. Ed. Act.)

Na Epistola *Elmano a Josino*, escripta da India ao professor de latim José Francisco Cardoso, [1] tambem allude a esta grave doença, que coincidiu com a celebre *Conjuração dos Pintos*, de 1787. O poeta poz como epigraphe da Epistola este verso de M.me du Bocage, como lisonjeando-se do seu parentesco com a poetisa franceza: «*Dans ces climats... tout est sourd à mes cris.*» São preciosos os versos que nos mostram a impressão de desalento que produziu em Bocage a esplendida natureza oriental; o modo como considerava as cerimonias cultuaes brahmanicas; como pela nostalgia cahiu com uma doença perigosa; como as pequenas intrigas da cidade de Gôa conspiravam contra a sua vida; e finalmente como se descobriu uma conjuração em que a guarnição militar portugueza esteve em risco de ser trucidada. A descoberta da Conjuração dos Pintos effectuou-se em 5 de Agosto de 1787, e esta data precisa nitidamente a

[1] Na versão do poema *As Plantas*, enumera Bocage em nota os seus amigos explicando os nomes arcádicos, e lá se encontra: «*Josino*, José Francisco Cardoso.»

epoca da *lethal doença* de Bocage, que foi a *causa legitima* da perda do anno na Aula real de Marinha. Transcrever os proprios excerptos da Epistola a Josino, é restituir a vida a esta phase ignorada da sua existencia, considerando como a realidade é mais pittoresca do que o convencionalismo rhetorico:

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira:
Indomavel paixão, que a todos céga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
A' desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei comtigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo
São qual o subtil pó que espalha o vento.
Por isso agora afflicto e vagabundo,
Estranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo.

. . . .

Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus n'estes logares
Onde me poz a sorte, onde me encerra.
Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico Occidente
Viver com tigres, habitar palmares;
Aqui torrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ár, e eu o não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente.
Aqui vago em perpetuo labyrintho,
Sempre em risco de vêr maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto.
Mas caso dos perigos eu não faço;
E que posso temer, *quando procuro*
Rasgar da fragil vida o tenue laço?
Enche-me, sim, de horror o culto impuro,
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vis cerimonias d'este povo escuro...

Em um Soneto com a rubrica *Tentativa de suicidio, combatida pelas lembranças da eternidade*, Bocage accentua mais o facto consignado na Epistola:

> Alma, quebra as prisões da humanidade,
> Despe o vil manto, que pertence ao nada.
>
> (Son. 144. Ed. Act.)

Condemnando as vís cerimonias, que observava entre a gente brahmanica, Bocage achava-se no mesmo atrazo dos fanaticos do seculo XVI, que para vergonha do nome portuguez procuraram á força de explosões destruir o maravilhoso templo de Elephanta. Por este tempo a Europa culta estudava scientificamente essas cerimonias vis; William Jones descobria a velha lingua litteraria, o sanskrito, que promoveu o estudo comparativo das linguas indo-europêas, e dos mythos religiosos; Colebrooke traduzia as Leis de Manu, e o conhecimento do drama de Kalidasa a *Sakuntála* era para Goëthe uma revelação da belleza poetica. Bocage não fôra para a India levado pelo ardor scientifico de um Anquetil Duperron, e a tradição da heroicidade portugueza que o poderia attraír, era pela sua obliteração um motivo de satira, pelo contraste vergonhoso do antigo civismo. A sua doença em Gôa, resultaria da depressão moral e da acclimação:

> Volto, Josino, a ti. *Lethal doença*
> Do bárathro surgiu, veiu intimar-me
> A antiga, universal, cruel sentença.
> Negras fauces abriu para tragar-me;
> Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
> Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me.

Depois da convalescença d'esta perigosa crise é que occorreu esse outro perigo do projecto de Conjuração mallograda, de que elle e a guarnição portugueza iam sendo victimas:

Eis que pérfida mão fatal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara e nos destina:
Rasgando o peito c'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual victima innocente, ao monumento:
Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Crédor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brâchmane inquieta,
Que amaldiçôa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal seta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa e recta;
Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já déstes, oh réos de atroz maldade,
Em vís theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade
Que da remota Gôa ao Tejo envio,
Nas murchas, debeis azas da saudade...

(Epist. 3. Ed. Act.)

Este successo acha-se relatado por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara em um livro intitulado *A Conjuração de 1787 em Gôa.* [1] Ahi se lê:

---

[1] Impresso em 1875 em Gôa; de pag. 1 a 120 é a narrativa historica; e em nova numeração, de pag. 1 a 162 contem os documentos officiaes. No fim traz uma carta genealogica dos Pintos, impressa em panninho.

Importa authenticar a *permanencia de Bocage em Gôa* em 1787 para corrigir a incongruencia da data da Carta XXX, de lord Beckford, fixada em 8 de Novembro de 1787, em que descreve a conversa que tivera com o

«No dia 5 de Agosto de 1787, pela manhã, Antonio Eugenio Toscano, escrivão da Communidade da aldeia de Aldoná, na provincia de Bardez, lhe veiu fazer denuncia, que uns clerigos intentavam subjugar os naturaes da terra para expulsar d'ella os brancos. D'estas primeiras revelações veiu a entender-se, que a conspiração estava já bastante adiantada, e que o dia aprazado para o rompimento era o de 10 do mesmo mez de Agosto. Não havia pois tempo a perder, e assim durante o dia 6 se expediram com o devido segredo pelo governo do Estado as ordens

---

poeta em Lisboa, quando o encontrou em companhia do ex-governador da India D. Frederico Guilherme de Sousa e de Verdeil. Achando-se irrefragavelmente Bocage convalescente em Gôa em Agosto de 1787, e matriculado na Aula real da Marinha em 1788, é forçoso considerar errada a data da Carta XXX de Beckford, e estólidas todas as hypotheses para justificar o seu apparecimento em Lisboa em 8 de Novembro de 1787. As Cartas de lord Beckford foram publicadas depois da sua morte em 1834; algumas não têm data, como a do n.º XXV, e outras acham-se baralhadas, como a XXX (8 de Novembro de 1787) com a XXXI (19 de Outubro de 1787); a Carta XXXII (9 de Novembro de 1787) tem o intervalo de um dia, o que não é plausivel no meio da agitação da côrte; e a XXXIV (26 de Novembro de 1787) é seguida da I, dirigida de Hespanha (28 de Novembro de 1787) o que é incompativel com as morosas viagens d'esse tempo, pelo intervalo de dois dias. Vê-se pois que os editores confundiram com a data de 1787 Cartas que pertenciam á segunda vinda de Beckford a Portugal em 1794. E effectivamente, n'essa Carta XXX ha elementos que a reportam a 1794, como a rivalidade entre Bocage e Monteiro (Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, poeta satirico) e o perstigio poetico de Bocage, que se generalisou depois que em 1791 publicou o tomo I das suas *Rimas*.

para na noite immediata serem presas as pessoas apontadas como cabeças e cumplices de tão inaudito plano.» (Op. cit., p. 6.) O Governador viu-se forçado a ligar importancia á denuncia, por que n'essa noite de 5 lhe foi apresentado o tenente da legião de Bardez, que fez depoimento semelhante, sendo no dia 6 appresentado tambem pelo Arcebispo primaz o juramento de tres clerigos sobre a existencia da rebellião. O desembargador Sebastião José Ferreira Barroco ficou encarregado como escrivão d'esta alçada de organisar o processo de alta traição. Para resumir essa extensa narrativa, transcrevemos alguns trechos da sentença tremenda: «Mostra-se tambem que partindo no anno de 1785 os dois clerigos padre José Antonio Gonçalves, e padre Caetano Francisco do Couto, desgostosos por não haverem conseguido a alta dignidade de bispo... Participaram primeiro o objecto da rebellião aos seus semelhantes na profissão de ecclesiastico, e pertenderam pôr de sua mão, e partido a estes (os naturaes) e aos vigarios, para que como parochos, com a boa doutrina fossem misturando o veneno do desgosto e sedição, formaram-se para este effeito conventiculos em casa do cabeça dito padre Couto e em outras...» A denuncia começou entre os proprios padres, sendo em 31 de julho revelada ao Arcebispo primaz pelo padre Pedro Caetano José Lobo, vigario de Tivim. A consequencia do terrivel processo de rebellião acha-se resumida em um assento e memoria do Senado de Gôa: «Dos seculares, que tinham sido presos, por sentença da Relação proferida a 9 de Dezembro de 1788,

foram justiçados a 13 do mesmo mez: quinze com ultima pena de morte nas forcas, que se levantaram de novo duas, além de uma antiga no campo do Mandovim d'esta cidade, comprehendendo-se n'este numero dos ditos quatro tenentes de duas legiões e um capitão do terço dos Auxiliares, levados pelas ruas a rastos té o dito logar das forcas, e nove dos mesmos tendo sido açoutados, além de outras penas pecuniarias, estão para cumprir o seu degredo de diversas partes, em que se acham condemnados: outo foram soltos e livres por não se acharem incursos no dito delicto... conservando-se outros ecclesiasticos nos carceres e reclusões, que de novo se fizeram para estes e outros que foram réos d'este horroroso crime de rebellião e alta traição.» Os padres foram remettidos para Lisboa, aonde ficaram em ferros na Torre de San Julião da Barra, sendo aquelles que sobreviveram, perdoados em 1808.

Em um processo d'esta ordem procedeu-se a buscas rigorosissimas e nenhum documento appareceu que revelasse qualquer plano; em Gôa, em 1787, com exclusão das guarnições das praças do norte, era a força armada de 7140 homens; e a população era de tal fórma passiva, que não adheria ao movimento da revolta, nem tampouco os conjurados se acharam em relações com os rajahs em revolta como Tipú Sultão. Exerceram as repressões de uma justiça cannibal, sobre confissões extorquidas por tormentos; mas segundo a opinião desprevenida a *Conjuração dos Pintos* não passou de um pretexto para o despotismo exercer a boçal tyrannia;

a data de 1787, explica estes terrores revolucionarios, que tambem se manifestaram no Brasil. Não tendo os Conjurados tropa para se baterem com as forças portuguezas, diz a sentença que «pela confissão do padre Couto, onde declara o extravagante e cruel meio, que propozeram estes réos de *viciar-se com veneno o pão, com que houvesse de se municiar a tropa.*» Na Epistola de Bocage allude-se a esta circumstancia, no verso: «Contra nós apontava a mortal seta.» Rivara no seu importante trabalho sobre a Conjuração de 1787, affirma que não se provou que esse meio traiçoeiro entrasse no plano dos conjurados. [1]

---

[1] Entravam n'esta Conjuração alguns padres indios que residiam em Lisboa, sendo os mais importantes os padres Caetano Victorino de Faria, e José Custodio de Faria, seu filho, genios aventureiros e romanescos. Caetano Victorino de Faria cursara os estudos ecclesiasticos e recebera ordens menores, mas mudando de sentimentos casou com Rosa Maria de Sousa, filha unica de um abastado proprietario de Candolim. Ao fim de sete annos de dissensões domesticas o par conjugal resolveu separar-se, ordenando-se de presbytero Caetano Victorino de Faria, e Rosa de Sousa professando no mosteiro das Monicas de Gôa. O filho d'este matrimonio José Custodio de Faria, acompanhou o pae para Roma, seguiu o curso ecclesiastico no Collegio da Propaganda Fide e doutorou-se em Theologia. Vindo para Lisboa gosou de consideração na côrte de D. José e D. Maria I, sendo preso no Convento dos Paulistas quando chegou a Lisboa a noticia da Conjuração de Gôa. O P.e José Custodio de Faria fugiu para França em 1788, ahi tomou parte activa na Revolução, e entregou-se ao estudo do magnetismo animal, em que chegou a publicar uma obra intitulada *De la cause de sommeil lucide, ou étude de la nature*

Completamente restabelecido da grave doença, Bocage matriculou-se em 1788 novamente na Aula real de Marinha, como se verifica do *Livro dos Assentos das Entradas dos Discipulos*. Sobre este facto escreve F. Mourão no já citado artigo:

«No mesmo Livro, em outro logar correspondente ao anno de 1788, vê-se que o illustre poeta foi novamente matriculado, e não frequentou por causa legitima.»

Poderá talvez explicar-se esta causa legitima por alguma diligencia militar desempenhada pelo poeta, e a que parece referir-se no Idylio da *Nereyda*:

> Topámos ha tres dias o inimigo
> Na altura de Chaul; travámos guerra,
> Sentiu do portuguez o esforço antigo.
> Fez-se uma preza, repartiu-se em terra,
> Inda agora o quinhão que lá me deram
> Este pintado cofresinho encerra.
>
> (Idylio 9. Ed. Act.)

Na promoção a tenente de infanteria da 5.ª Companhia de Damão, allegam-se como fun-

---

de l'homme, par l'Abbé Faria, brahimine, docteur en Theologie. Paris, 1819. — Sobre este typo singular esboçou Alexandre Dumas o personagem do romance *O Conde de Monte Christo*, o prisioneiro da Ilha d'If, que revela a Dantés o segredo dos seus thesouros occultos. Chateaubriand, nas *Memorias d'além da campa* tambem deixou alguns traços sobre este theologo indiano, revolucionario e illuminado, que sobrevive ainda pelo seu aspecto romanesco, a começar do vaudeville *Magnetismomanie* levado á scena em Paris. Sobre este padre, colligiu Rivara importantes dados na obra citada, de pag. 87 a 91.

damento os seus «merecimentos e *serviços.*» [1] Na informação dos officiaes do Corpo de Marinha, dada pelo commandante Vasco Luiz Carneiro de Sousa e Faro, consignada no Livro das Monções, n.º 168, fl. 304, em data de 17 de Fevereiro de 1788, lê-se:

«— *Manoel Maria de Barbosa*, guarda-marinha — Anno de serviço 1. — Antiguidade, 18 de Novembro de 1786. — Informação: tem viveza e bom procedimento.» —

A doença perigosa por que passara, e a ideia de suicidio, manifestam-nos que Bocage entrava em uma nevrose spasmodica, um dos caracteres essenciaes do temperamento da loucura, em que predomina «a falta de equilibrio nos centros nervosos, a sua tendencia para a incoordenação» como observa Maudsley. O seu primeiro biographo Couto attribue á vida passada nas viagens «um tão excessivo e demasiado uso do tabaco de fumo e das *bebidas espirituosas* — não podendo despojar-se d'este inveterado costume...» O excesso do tabaco determinou-lhe as perturbações cardiacas, e a frequencia das *bebidas alcoolicas* preparava-lhe a sclerose, que o victimou na força da edade. E' aqui que a descripção que Maudsley faz da nevrose spasmodica, explica a vida perturbada de Boca-

---

[1] Ha um acontecimento em que Bocage poderia ter tomado parte; tendo sido atacado o Bunsoló pelo rahjá de Colhapur, pediu soccorro aos portuguezes, sendo-lhe enviados em seu auxilio 1200 homens sob o commando do marechal de campo Francisco Antonio da Veiga Cabral, pelo que pelo tratado de 29 de janeiro de 1788 nos foi cedida a provincia de Perném.

ge durante os dois annos de residencia em Gôa, e nos desvarios que praticou até regressar a Lisboa: «Em todas as circumstancias o individuo está sujeito a desvio dos pensamentos estranhos e phantasticos, a actos excentricos, ou extravagantes, e, sob a pressão de condições extraordinarias póde tornar-se victima de um desabamento completo do seu equilibrio mental; elle tem por assim dizer uma perda da faculdade do exame de si proprio, nos centros nervosos, uma incapacidade de serenidade, e a energia perde-se por descargas explosivas que, como a acção impulsiva do homem apaixonado, denotam seguramente uma fraqueza irritavel.» [1]

Na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, contando a vida no Oriente, Bocage mostra um resentido desdem pela gente de Gôa, que não apreciava os seus versos:

> Se da torrida zona
> Os barbaros e adustos moradores
> Surdos, férreos ouvidos
> Para teus sons harmonicos tiveram;
> Se a loquaz ignorancia
> Sobre as margens auriferas do Ganges
> Co'um sorriso affrontoso
> As vís espadas te voltou mil vezes
>
> (Ode 9. Ed. Act.)

Desenvolvido um sentimento exagerado da propria personalidade, este egotismo devia provocar-lhe os mais violentos impetos de satiras mordentes; foram estas composições vibrantes, e principalmente os seus Sonetos,

---

[1] *Pathologie de l'Esprit*, p. 199.

que lhe tornaram impossivel a vida em Gôa. Antes dos resentimentos pessoaes, bastava o confronto da tradição heroica que o attrahira ao Oriente com a desoladora realidade que observava, para inspirar-lhe os altivos threnos, que eram offensivos para os seus contemporaneos. O Soneto *A' decadencia do Imperio portuguez na Asia*, faz lembrar os energicos protestos de Camões por occasião do desastre de Baharem:

> Caíu Gôa, terror antigamente
> Do naire vão, do perfido malaio,
> De barbaras nações!... Ah, que desmaio
> Apaga o marcio ardor da lusa gente?
>
> Oh seculos de heroes! Dias de gloria!
> Varões excelsos, que apesar da morte
> Viveis na tradição, viveis na historia!
>
> *Albuquerque terribil, Castro forte,*
> Menezes e outros mil, vossa memoria
> Vinga as injurias, que nos faz a sorte.
>
> (Son. 158. Ed. Act.)

Como desenvolvimento d'este grito são os dois Sonetos *Ao grande Affonso de Albuquerque, tomando Malaca em vingança da perfidia do Rei do paiz para com os Portuguezes*; e — *A D. João de Castro, soccorrendo e salvando a fortaleza de Diu.* (Son. 154 e 155.) O Soneto sobre *As predicções de Adamastor realisadas contra os Portuguezes*, mostra-nos que a lembrança de Camões, que soffreu como elle n'aquellas paragens, lhe ia accentuando na mente as fortes analogias da situação em que se achava, e com que se consolava; por ventura esta preoccupação não

deixou de influir na resolução de sahir de Gôa, do fóco da intriga e da traição, para aceitar um posto no regimento de Infanteria de Damão, e visitar Macáo, onde fôra escripta quasi metade dos *Lusiadas*. N'este sentido é importante o Soneto *A Camões, comparando com os d'elle os seus proprios soffrimentos*, escripto antes da partida para a China:

Camões, grande Camões! quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co' sacrilego Gigante.

Como tu, junto ao Ganges susurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura;

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

(Son. 138. Ed. Act.)

O nome de Camões era para Bocage um ecco sonoroso do mundo oriental; não encontrando quem apreciasse os seus versos entre aquelles terriveis processos de rebellião e execuções sangrentas, a imaginação levava-o para a maior alma, que esse mundo impressionou. Terminando o Soneto *Em honra do grande Camões*, memora os melhores traços da sua epopêa:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyeu raivoso;
Os ais de Inez, de Venus o queixume,
As pragas do Gigante procelloso,
O céo de Amor, o inferno do Ciume.

(Son. 152. Ed. Act.)

Bocage ainda podia dizer como Camões das mulheres de Gôa, no seu tempo, que ao fallarem-lhes com um conceito de Petrarcha ou Boscan, respondiam em uma linguagem «mascavada de ervilhaca, que travava na garganta do entendimento»; e apesar de ter protestado a maior fidelidade a Getruria, Bocage celebra á foz do Mandovi sereno e brando amorosas queixas por uma dama, que resistia aos seus versos:

Não devo á natureza um grato aspecto,
E' verdade; o meu merito consiste
N'um claro entendimento e puro affecto.

Se a compasso da lyra o verso triste
Entôo alguma vez, ao som canoro
Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste.

No Idylio piscatorio que intitula *Lenia*, torna a fallar outra vez dos seus amores em Gôa:

O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias onde morre o Sado;

Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira.

(Idyl. 10. Ed. Act.)

Camões tendo feito de Nathercia o ideal da sua vida, não foi mais firme do que Bocage; os encantos da bailadeira Barbora, e as saudades por Dinamene confirmam o poder d'esta seducção, a que só o temperamento de sabio, como o de Anquetil Duperron, poderia resistir. Os Idylios piscatorios de Bocage celebrando os novos amores em Gôa são a consequencia da seducção da mulher oriental, como não encontrara na sociedade de Lisboa, apezar de Edgar Quinet entrevêr nas damas portuguezas reminiscencias da Sakuntâla. Incapaz de tomar a serio os interesses da vida, todas as malquerenças de que Bocage se viu cercado em Gôa só podiam provir de despeitos e rivalidades amorosas, aggravos tornados mais acerbos pelo abuso da satira e pelo ascendente da sua superioridade intellectual. No Soneto *A' infatuação que predominava em certos naturaes de Gôa*, chama-lhes injuriosamente mestiços:

Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a ervada seta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fructos de enxertos vís? Irra! Tu mentes;
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta.

(Son. 161. Ed. Act.)

Como Camões nos *Disparates da India*, tambem Bocage satirisou a fidalguia de Gôa, vaidosa pela sua antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
Que o cofre do Maratha é ninheria,
Que do Grão Turco os redditos são poucos:

Mas, em casando as filhas, quem diria,
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajus e a senhoria.

(Son. 162. Ed. Act.)

A decadencia pósta por Camões em relêvo nas colonias de Africa, agora estava patente nas conquistas da India; Bocage protesta altivamente:

Lusos heroes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.

Vinde salvar n'estes pardaes castiços
As searas de arroz por vós ganhadas;
Mas, ah! poupae-lhe as filhas delicadas,
Que ellas culpa não têm, têm mil feitiços...

(Son. 163.)

A falta de educação historica, quasi geral no seu tempo, é que o fazia desconsiderar assim a antiquissima raça indiana representada com maior pureza na casta brahmanica. O orgulho aristocratico era o principal movel n'essa sociedade de Gôa; com rasão podia Bocage dizer:

Eu vim coroar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças.

Teus filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vêm, como a patetas
Gatos por lebres, ostras por vidraças.

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapamos a poder de tratos;

Mas, a tua peor epidemia,
O mal, que em todos dá, que produz flatos,
E' a vã, negregada senhoria.

(Son. 165. Ed. Act.)

Não era preciso mais para tornar impossivel a vida socegada e mesmo a permanencia em Gôa; parece que o governador e capitão general Francisco da Cunha e Menezes, severo em extremo e hostil a essa sociedade, sympathisara com as satiras de Bocage, dandolhe pelos *seus serviços e merecimentos* a patente de tenente de Infanteria da 5.ª Companhia da Guarnição de Damão. [1] A data da

[1] «Patente. — Dona Maria, etc. Faço saber aos que esta Carta patente virem, que attendendo Francisco da Cunha e Menezes, do meu Conselho, Governador e Capitão general da India, aos serviços e merecimentos do Guarda-marinha Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage, o nomeou no posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da Guarnição da Praça de Damão, que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça de Damão, mandando que se lhe passe Carta patente na forma ordinaria, por sua Portaria de 25 de Fevereiro do presente anno de 1789, e conformando-me com ella: Hey por bem e me praz de provêr e encarregar ao dito Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage do dito posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da guarnição da Praça de Damão que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça, para o ter e exercer emquanto o dito Governador e Capitão General não mandar o contrario, e com o dito posto haverá o

patente é de 25 de Fevereiro de 1789; embarcou em 8 de Março, na fragata *Santa Anna e San Joaquim* commandada por Felix Tinoco da Gama, e a epoca em que tomou posse acha-se no despacho do governador de Damão Antonio Leite de Sousa, de 6 de Abril de 1789, no dia mesmo da chegada.

---

soldo que lhe tocar, e gosará das honras e franquezas que lhe pertencem. Pelo que, mando ao Governador e Chefe Commandante das Tropas da Guarnição da dita Praça o haja por tal, e aos Officiaes e Soldados da dita Companhia o conheçam por seu Tenente, e aos Ministros, Officiaes, e pessoas a quem pertencer, cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar esta Carta Patente, como n'ella se contém sem duvida alguma; e jurará aos Santos Evangelhos em minha Chancellaria, na forma costumada, e na Thesouraria geral das Tropas, e nas partes competentes se farão em seu titulo as declarações necessarias, e passada pela dita Chancellaria se registrará nas partes onde competir, e na Secretaria do Estado, sem o que não valerá. Dada em Goa sob o sello das Armas Reaes da Corôa de Portugal. Martinho Xavier a fez aos 26 de Fevereiro do anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1789. — O Secretario Sebastião José Ferreira Barroco a fez escrever. = Francisco da Cunha e Menezes. = Por Portaria do Governador e Capitão General da India, de 25 de Fevereiro de 1789. — Sello. José da Rocha Dantas e Mendonça. — Pagou na forma das ordens de S. M., e aos Officiaes 540. Jurou na forma ordinaria. Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. — Henrique Luiz de Sá. Registada na Chancellaria do Estado da India, no Livro 2.º dos Registos a fl. 129. Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. Henrique Luiz de Sá. — A fl. 533 do Livro de Registo dos Decretos da Chancellaria que serve n'esta Contadoria Geral, e ficam registados os que os pagou d'esta. Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. Sergio Justino Pereira. — Livro 2.º dos Registos geraes, a fl. 177 v. (Publicado por Filippe Nery Xavier, no *Archivo universal*, vol. IV, n.º 20.)

Bocage mal se demorou em Damão, não podendo conformar-se com a insipidez de uma longinqua guarnição militar; faltava-lhe um pensamento que fosse o apoio e o movel da sua vida, tal como para Camões fôra a composição dos *Lusiadas* na remotissima solidão de Macáo. Não podendo supportar o tedio da caserna, confundido entre cipaios, Bocage desertou ao fim de dois dias, em 8 de Abril de 1789, pela Porta do Campo, suggestionado pelo alferes Manoel José Dionysio, que por esse expediente se escapou aos seus numerosos crédores. O Governador da Praça de Damão officiou em 21 de Abril de 1789 a Francisco da Cunha e Menezes relatando-lhe o facto:

«Ill.^mo^ e Ex.^mo^ sr. — Com a chegada da fragata *Sant'Anna*, desembarcou para esta Praça *Manoel Maria Barbosa*, provido por V.ª Ex.ª em tenente para a 5.ª Companhia do Regimento d'ella, e sentado praça no mesmo dia que desembarcou, se ausentou no dia 8 do corrente, com o Alferes da 1.ª Companhia Manoel José Dionysio, saindo ambos pela Porta do Campo. Não posso dizer a V.ª Ex.ª do motivo do primeiro, e do segundo só attribuo ás muitas dividas que adquiriu n'esta praça, de varios, para seus jogos, que vim a saber depois da sua fuga.

«Eu senti bem essa fuga, por que estou sem Officiaes para o serviço, visto haver muitas vagas no Regimento, e dois absolutamente incapazes para todo o serviço, que é o Capitão Antonio de Menezes, da 6.ª Companhia, e o Alferes da 1.ª Companhia Luiz da Costa Franco, do que dei conta a V.ª Ex.ª. A ill.^ma^

e ex.^ma^ pessoa de V.ª Ex.ª guarde Deus muitos annos.

Damão, 21 de Abril de 1789. — *Antonio Leite de Sousa.*» [1]

A deserção de Bocage no momento de perturbação em que se achava o Estado pelos processos dos militares naturaes implicados na *Conjuração dos Pintos*, não prova que o seu espirito estivesse em estado normal; o contacto com o alferes jogador e desequilibrado Manoel José Dionysio, actuou immediatamente no seu temperamento impulsivo; são os nevropathas os que mais influem uns sobre os outros. Filippe Nery Xavier, summariando a carta do Governador de Damão, accrescenta: «Em vista d'esta conta, é de suppôr que Bocage partisse para Macáo por via de Surrate ou Bombaim, portos commerciantes, no referido mez de Abril, Maio ou principio de Junho, epoca da Monção para as partes da China. No Archivo d'este Governo geral não se encontram mais documentos relativos á retirada de Bocage da Praça de Damão e ao seu transporte para Macáo.»

A passagem por Damão, e as conversas com o Dionysio, chamaram a attenção de Bocage para uma dama celebrada pelos seus escandalos amorosos, que fôra muito protegida pelo passado Governador D. Frederico Guilherme de Sousa, e que o poeta ia agora en-

---

[1] *Livro da Correspondencia* do e com o Governador de Damão, dos annos de 1786 a 1790. Documento publicado por Ismael Gracias; Filippe Nery Xavier tinha já apresentado a summula d'elle no *Archivo universal*, vol. IV, p. 322.

contrar em Surrate, D. Anna Jacques Manteigui. O poeta escreveu um poemeto obsceno tendo por heroina a dama, que então se achava em Surrate em franca devassidão; Innocencio e Rebello da Silva chegaram a attribuir ás outavas *Á Manteigui* a causa da sahida de Bocage de Gôa por castigo do governador D. Frederico Guilherme de Sousa, porém esta lenda foi desfeita por Filippe Nery Xavier. [1] Bocage demorou-se em Surrate, e ahi

---

[1] Resumimos da *Illustração goana*, vol. 1.º, pag. 16, os topicos principaes do artigo — A MANTEIGUI, *noticia historica sobre o Poema de Bocage que leva este titulo, e sobre a vida e relações da sua heroina.* D. Anna Jacques Manteigui, natural de Damão, de origem persa, era casada com um alferes do Regimento de Damão Jacques Filippe de Mondtegui (1775 a 1782.) D. Frederico Guilherme poucos dias antes de largar o governo despachou em 6 de Outubro de 1786 o complacente alferes Mondtegui para Director da Feitoria portugueza e Administrador dos passaportes no porto de Surrate por 6 annos, com o posto de Tenente Coronel graduado de infanteria. D. Frederico Guilherme de Sousa foi rendido no governo em 28 de Outubro de 1786; e «acabado o seu governo em 3 de Novembro se embarcou para o norte para visitar as praças *tendo levado em sua companhia esse par de boa feição*, e o estabeleceu em Surrate.» O despacho de Jacques Filippe de Mondtegui não foi mantido pelo novo Governador, achando-se já em 12 de Outubro de 1787 servindo este cargo Jacintho Domingos da Costa; assim se explica o abandono da consorte em Surrate: «o effectivo cortejo que recebia D. Anna desde a sahida de D. Frederico, de ricos negociantes de diversas nações e crenças que residiam n'aquella florescente cidade, desorientaram completamente o ex-director Jacques Filippe, e o fizeram retirar d'aquella terra para propria segurança abandonando a cara metade á sua sina.

«Já senhora de si, Manteigui entregou-se sem reserva a toda a sorte dos seus adoradores, e despreza-

teve relações com D. Anna Jacques, que celebrou primeiramente em Sonetos apaixonados, que até hoje ficaram ineditos:

Á MANTEIGUI

Afferrados sectarios da virtude,
Teimosos partidistas da Rasão,
Que protestaes com féra presumpção
Conservar firme peito que não mude;

Ah, vêde se a soberba vos illude,
Em querer ostentar tal isenção;
Porque tendes de carne o coração,
E não de bruta rocha ou pedra rude.

Eu tambem com phantastica ousadia
Por dilatado tempo defendi
Vosso partido; mas, quem tal diria?

Tanto que ouvi a bella *Manteigui*,
Esqueço-me da vã philosophia,
E por gloria minha alma lhe rendi.

---

da por estes, aborrecidos da sua vida e encantos, se sujeitou sem escolha a toda a casta de servidores... talvez por necessidade e a final não se sabe o destino que teve...

«Em vista d'este testemunho, certamente Bocage, desertando de Damão em 8 de Abril de 1789, chegou a Surrate, e alli conheceu ou teve informações completas da Manteigui, cousa que elle não podia obter em Gôa, porque a Manteigui sahira d'esta cidade para Surrate poucos dias depois da chegada de Bocage; além d'isto os factos alludidos no poema eram passados em Surrate e com referencia a esta cidade são elles appresentados.

« Esta conclusão faz presumir, que o poema foi feito em Surrate, theatro das façanhas da sua heroina, ou na viagem para Macáo, e que esta viagem fizera tambem d'aquelle porto, então muito commerciante e frequentado pelos navios de Macáo, e de outras partes da Asia e Europa.» (*Ib.*, p. 14.)

Não te peço, Fortuna poderosa,
De Cresso nem de Midas a riqueza;
Nem tampouco de Cesar a grandeza,
Te supplica minha alma ambiciosa;

Egualmente, me nega a preciosa
Sciencia d'essa vasta redondeza;
Que o viver d'estas cousas na incerteza
Uma alma talvez faça mais ditosa.

Co'a Parca não te empenhes, porque a vida
Acaba tarde ou cedo certamente,
E a servir vem de pezo, se é comprida;

Mas se commigo queres ser clemente,
Faze com que me accôlha enternecida
A bella *Manteigui*, serei contente.

Se pode, *Manteigui* gentil e bella,
Merecer um momento de attenção
Um peito generoso, um coração
Que em servir-te sómente se desvela;

Se o pode merecer tambem aquella
Inexplicavel, férvida paixão
Que com perpetuo e lucido brazão
Para gloria do Amor amor assella?

Escuta minha voz, que sonorosa
Ferindo os leves áres, gravemente
Por louvar-te se ostenta magestosa.

Escuta-me; e verão seguramente
Essa plebe mordaz e rigorosa
Teu nome respeitar eternamente.

Já me não pesa de haver deixado
A minha amada patria venturosa,
Fiando a cara vida á procellosa
Braveza de Neptuno sempre irado.

Antes me dou por bem aventurado
Em deixar os amigos, e a gostosa
Presença de Feliza, que saudosa
Em lagrimas desfaz o peito amado.

Julgue-me muito embora toda a gente
Por falto de rasão ou por ingrato,
Que se quizer saber em que me fundo,

Direi, bella *Dona Anna*, livremente
Que teu rosto gentil, teu doce trato
Para mim vale mais que todo o mundo.

Quer esteja no leito descansando,
Quer na meza com fome estê comendo,
Quer deleitosos livros ande lendo,
Quer por floridos campos passeando;

Quer esteja na vida meditando,
Quer mil tyrannas dôres padecendo,
Quer aos ternos parentes escrevendo,
Quer com sabios amigos conversando;

Quer em jogos e dansas entretido,
Quer requestando a dama mais humana,
Quer em suave musica embebido;

Quer da morte soffrendo a furia insana,
Quer supplicando a Deus arrependido,
Lembrada me serás, gentil *Dona Anna.* [1]

---

[1] Estes Sonetos foram encontrados nas Miscellaneas de Pereira Merello, que tinham pertencido a José Maria da Costa e Silva; é natural que proviessem dos versos roubados a Bocage em Santarem, por 1793. Não eram d'aquelles que recompuzesse de memoria.

Bocage conheceu D. Anna Jacques Mondtegui ainda no seu esplendor, e impressionou-a com os bellos versos amatorios; a composição da satira revela um despeito do poeta, por ventura causado pelas suas exigencias. Transcrevemos alguns versos elucidativos, sobre a naturalidade da *Manteigui*, a sua avidez de dinheiro, até ao ponto da maior degradação:

> No Cambaico *Damão*, que escangalhado
> Lamenta a decadencia portugueza,
> Este novo Ganés foi procreado,
> Peste da Asia em luxuria e gentileza.
>
> (St. IV.)

> Seus cristalinos, deleitosos braços
> Sempre abertos estão, não para amantes,
> Mas para aquelle só, que nada escassos
> Cofres lhe atulhem de metaes brilhantes.
>
> (St. VI.)

Bocage, para mais accentuar o seu despeito, falla da degradação da Mondtegui com um negro que lhe fugira:

> Ella então de suspiros enche o vento,
> E faz alvorotar todo o *Surrate.*
>
> (St. XVII.)

Partiu Bocage de Surrate para Macáo, mas uma tempestade ou cyclone do mar da China o arremessava para o Cantão, divagando errante e mendigando até chegar a Macáo em fins de Julho de 1789. Todos estes passos são determinados por Bocage nos seus versos, em que diz: «Por barbaros sertões gemi vagante»; e explica:

Mais duro fez alli meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina,
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arrebatado.

(Son. 136. Ed. Act.)

E na Elegia á morte do princepe Dom José em 11 de septembro de 1788, que para os poetas arcadistas o mesmo foi que para os quinhentistas o falecimento prematuro do princepe D. João em 1554, Bocage ahi dá a entender que já andava errante pelo Cantão, quando lhe chegou essa noticia:

Triste povo! *E mais misero eu, que habito*
No remoto Cantão, d'onde, Ulyssêa,
Não póde a ti voar meu debil grito!

Miserrimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!

(Eleg. 2. Ed. Act.)

Vê-se por estes versos que a sua fuga de Damão para Surrate, embarcando-se n'este porto foi sem plano, divagando miseravelmente, tres mezes pelo Cantão, até chegar casualmente a Macáo. Na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, cuja amisade contrahira na passagem pelo Rio de Janeiro, falla o poeta d'esta phase aventurosa da sua vida:

Se a vasta, a fertil China
Fôfa de imaginaria antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso pé vagar mendigo;
Se a mirrada avareza
Afferrolhando os cofres prenhes de oiro
Lá onde o sol o gera,
Foi mais dura que marmore a teus versos...

(Ode. 9 Ed. Act.)

A partida de Bocage de Surrate para o Cantão seria por que aquella grande cidade era o unico ponto accessivel aos europeus para d'alli poderem negociar com os Chinezes; para alli partiam frequentemente os navios, que iam depois a Macáo. O poeta viu-se ahi errante na enorme e populosa cidade, esmolando, na mais profunda miseria, tornando-se mais desolada a sua situação pelo contraste da opulencia que observava em roda de si. Cantão era, como ainda hoje: «o centro o mais importante do commercio, da industria e da arte chineza, o porto por onde por muito tempo, foi sómente permittido aos europeus estabelecer directamente relações commerciaes com a China, — esta cidade não se limita hoje á parte comprehendida nas suas muralhas de 9:500 milhas de circuito, — tem fóra dos seus muros populosos e extensos bairros, com uma parte que poderia chamar-se lacustre, formada de cabanas, ou pequenas casas assentes em estacaria nas margens do rio, e com uma outra que é fluctuante, por viver nos milhares de embarcações que fundeam no seu grandioso rio das Perolas ou Chu-Kiang... calculando-se-lhe pouco mais de um milhão de habitantes... Terceira cidade do imperio na ordem da importancia e grandeza, é o seu povo *considerado como o mais contrario aos europeus*, sendo perigoso para estes, mesmo em condições normaes, aventurarem-se nas suas longas e extensas ruas, coalhadas de gente e de um movimento só comparavel ao de um enxame de abelhas nas proximidades do cortiço.» — «São tristes e aridas as margens d'este rio, mas nas proximidades da ci-

dade começam os terrenos marginaes a Shamin a tornar-se amenos. Para montante divisam-se frondosos arvoredos e magnificos jardins, sendo nos arredores de Cantão que os *hãos* mais ricos possuem as suas casas de campo e vivendas de recreio. O aspecto do rio é curiosissimo... Milhares de pequenos *tamkás*, em que vivem familias inteiras, com os seus jardins suspensos, com os seus cães de creação, e em que se succedem as geraçoes, cruzam-se em todos os sentidos, tripulados por *tamkareiras* robustas e ageis, e algumas de typos distinctos. Os *barcos de flores*, grandes embarcações fundeadas, ricamente illuminadas e adornadas com vasos de flores, com drogas e sedas vistosas, com o mais rico mobiliario chinez, e povoadas de formosas jovens, com os seus brilhantes e ricos trajes, e ao som de alegres musicas chins são estações de prazer, em que para a europeu o mel pode muitas vezes transformar-se em fel. — E' verdadeiramente extranha a impressão que se sente ao contemplar este extraordinario Chu-Kiang, o mar das Perolas, com a sua feição caracteristica e unica, que em parte alguma da China se appresenta tão accentuadamente.» [1]

Para sahir d'esta desesperada situação, só restava a Bocage um unico recurso, dirigir-se para a colonia portugueza de Macáo.

Saíndo de Cantão, atravessa-se «um extenso mar de aguas barrentas e amarellas —

---

[1] Adolpho Loureiro, *No Oriente. De Napoles á China*, t. II, p. 59 a 61.

onde o rio das Perolas — lhe trazia massas enormes de sedimentos e de alluviões que, arrastadas de grandes distancias do interior das provincias de Kuang-tong e de Kuang-si, lhe vinham turvar as cristallinas e cerúleas aguas. As sombras, que se percebiam nos confins do horisonte, eram as ilhas e o territorio chinez, a que se liga a peninsula de Macáo, a projectarem no céo o recorte das suas montanhas em um desenho caprichoso e gentil.» [1] Já fóra do canal de Lantáo começa-se a distinguir claramente «a pequena peninsula de Macáo e a ilha da Taipa, que constituem alli o nosso vasto dominio colonial da China.» A impressão que Bocage poderia receber, acha-se consignada por um espirito menos poeta mas observador scientifico: «Ao vêr aquelle porto perdido por entre as ilhas de tão distante mar, ao relembrar a temeridade, a valentia, a heroicidade com que um pequeno povo, sem outros recursos mais que o seu genio audaz e aventureiro, se arrojára temerariamente aos mares desconhecidos e avassallara uma parte da Asia e da Africa, chegando a penetrar na mysteriosa *Cathay*, tão empenhada em conservar-se fóra do convivio das nações, não podia deixar de sentir-me palpitante e impressionado, estando prestes a pisar um dos poucos territorios que nos restavam da epoca aurea do nosso esplendor e grandeza, da epopêa da nossa historia.» A indigencia e instabilidade de vida que Bocage levava, não lhe

---

[1] Ad. Loureiro, *op. cit.*, I, 301.

davam azo a recordações heroicas, mas impelliam-o para a satira provocadora. Achava em Macáo a mais fervorosa hospitalidade e distincção, mas esse viver extraordinario, essa linguagem *nhonha*, [1] tudo n'elle acordava o *genius irritabile*. A perspectiva de Macáo lembrava a Bocage a individualidade de Camões, ligada ainda á tradição da gruta em que elle escrevera grande parte dos *Lusiadas*: «Para o sul levanta-se a ilha da Taipa com as suas vertentes e cristas escalvadas. Em frente agrupava-se a cidade, estendendo-se por diversas collinas, cercada cada uma com a sua fortaleza... O porto interior consiste no canal que separa Macáo da ilha da Lapa... Ao longe levanta-se a Ilha Verde, formando um pequeno cone de verdura, emergindo das aguas, e em frente da qual avulta um maçisso de arvores, que encobre a decantada *Gruta de Camões*.» [2]

Escrevia no artigo Documentos para a biographia de Bocage, Filippe Nery Xavier: «Não

---

[1] «É certo que a lingua *nhon*, em que se tem escripto versos, e em que estão impressos alguns livros religiosos, é muito extraordinaria não só na intonação e deturpação das palavras, como na absoluta falta de grammatica. Emprega a lingua *nhon* o verbo no infinito, não faz a concordancia das palavras, nem em genero nem em caso (?) e usa de certas interjeições e de phrases extranhas, que se torna muito difficil o entendel-a, muito especialmente fallada por mulheres. No meio d'aquella algaraviada distinguem-se porém, palavras e termos obsoletos e desusados, que eram n'outro tempo vernaculos e classicos.» (Ib., t. II, p. 92).

[2] Id., it., t. I, p. 307.

se sabe quando elle chegou, e quantos mezes se demorou n'aquella cidade; ... a correspondencia de Macáo nada diz a tal respeito, nem sobre a chegada e retirada do poeta d'aquella cidade.» [1] Bocage foi encontrar no governo de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira, que elle celebra em seus versos, o qual assumira este cargo em 16 de Julho de 1789. E' por tanto plausivel que a sua chegada fosse em fins d'esse mez. [2]

Bocage não deixou de consignar nos seus versos a impressão que lhe causára Macáo; o aspecto portuguez prevalecia n'essa «série de ruas estreitas, pouco extensas, com casas de apparencia singela, para não dizer mesquinha, com muitas egrejas e antigos conventos, e com sentinellas e casas de guarda em varios logares. Dir-se-ia... uma pequena aldeia de Portugal, ao vêr aquelles exemplares architectonicos, pesados e desgraciosos. O portuguez, o portuguez chão, conservador, roti-

---

[1] *Archivo universal*, vol. IV, p. 322.

[2] «Lazaro da Silva Ferreira era Desembargador da Relação de Gôa e Ouvidor geral do Civel, foi nomeado Ouvidor da Cidade de Macáo por Decreto de 20 de Fevereiro de 1785. *(Livro das Monções*, n.º 166, p. 298.) Partiu para o seu destino no principio de Maio de 1787, *(Livro das Port.* e Desp., n.º 9, p. 10); tendo falecido o Governador e Capitão general Xavier de Mendonça Côrte Real em 16 de Julho de 1789, succedeu-lhe o Desembargador na via de successão com o Sargento-mór Manoel da Costa Ferreira, e governaram até 29 de Julho de 1790, em que tomou posse o Governador Vasco Luiz Carneiro de Sousa e Faro. (Livro da Corresp. de Macáo, de 1790.) N. Xavier, *ib.*

neiro, vae para qualquer parte do mundo, mas o seu espirito nacional jámais se deixa influenciar pelo meio em que se encontra, pela natureza, pela arte, pelos costumes, pela sociedade em que vae viver. O portuguez classico e patriota conserva inteiras, puras, impollutas todas as tradições portuguezas. Que lhe importa o meio diverso a que se acha transportado... Para lá transporta os costumes do seu paiz, as suas habitações acanhadas e feias, a architectura chata e sem expressão dos seus templos religiosos, o massudo e pesado dos seus edificios publicos e palacios. Assim são as casas burguezas de Macáo, que não mostram uma reminiscencia ao menos da architectura china; os conventos e palacios, que são no mesmo estylo architectonico dos da nossa epoca de decadencia; e as egrejas, exemplares suspeitos do estylo desengraçado dos jesuitas ou do *rocócó* do ultimo seculo.» (Ib., I, 312.)
E' expressivo esse soneto, que andou inedito até 1847, e desde então attribuido a um poeta que nunca estivera em Macáo, sendo genuinamente de Bocage:

Um Governo sem mando, um Bispo tal,
De freiras virtuosas um covil,
Tres conventos de frades, cinco mil
Naires, chatins, christãos, que obram mui mal;

Uma Sé, que hoje existe tal e qual,
Com quatorze prebendas sem ceitil;
Muita pobreza, muita mulher vil,
Cem portuguezes, tudo em um curral;

Seis Fortes, cem soldados e um tambor,
Tres Freguezias, cujo ornato é páo,
C'um Vigario geral sem provedor;

Dois clerigos, e um d'elles muito máo,
Um Senado, que a tudo é superior,
É quanto Portugal tem em Macáo. [1]

O jogo desenfreado era e ainda é a paixão dominante da vida de Macáo: «alli numerosas casas de jogo de *fantan*, que se distinguiam pela sua pintura verde, e por grandes lanternas, tendo á entrada nichos e altares, onde ardiam pivetes e velas, alumiando feios idolos pintados com côres muito vivas, em po-

---

[1] Foi publicado na *Revista universal lisbonense*, vol. VI, p. 508 (1847) por C. (Costa e Silva) em nome de Antonio Lobo de Carvalho, mas sem fundamento algum, porque o acerrimo satirico nunca esteve fóra de Portugal. O argumento de que o soneto «*parece indicar*, que elle vivera algum tempo em Macáo» (p. 507) só se verifica com Bocage, em cujo nome tambem correram por cadernos manuscriptos sonetos do Lobo. O principio do Soneto: *Um Governo sem mando*... refere-se á vaga de Governador e Capitão geral, pelo falecimento de Xavier de Mendonça Corte Real, cujas funcções exercia um Governador interino de Macáo, o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira, desde 16 de Julho de 1789 até 29 de Julho de 1790. Tambem n'este tempo a mitra estava vaga. Consideramos este Soneto como pertencendo ás poesias manuscriptas que foram roubadas a Bocage em Santarem.

Os tres Conventos eram o Collegio de S. Paulo, dos Jesuitas extinctos, o dos Augustinianos, e dos Franciscanos; as Freiras, de Santa Clara; e as seis Fortalezas, a de S. Paulo do Monte, da Barra, de Bom Porto, de S. Francisco, de S. Thiago da Barra, e de Nossa Senhora da Guia.

O verso epigrammatico ao Senado, *que a tudo é superior*, refere-se ao letreiro inscripto no brasão da cidade sobre a porta principal do edificio: «Cidade do Nome de Deus, não ha outra mais leal.» O Senado de Macáo impoz-se sempre a todos os Governadores.

sições arrogantes e com dragões e féras impassiveis. As casas da loteria de *vae-seng*, do *pacapio* e de outros jogos, eram tambem muito frequentadas, e distinguiam-se egualmente pelas grandes lanternas, taboletas, flores e pinturas em quadros muito alongados e estreitos. E' que o jogo de azar é o vicio dominante do chinez, e da exploração d'este vicio tiramos nós o principal rendimento da colonia, arrematando o exclusivo de taes jogos.» (Ib., I, 318.) Depois do jogo nada mais irritante do que o ruido dos *tan-tans* e *panxões* ou foguetes com que os habitantes chinezes de Macáo fazem os seus enterros, ao som de tambores; descreve essa cerimonia funeral, o engenheiro Loureiro: «Era uma grande quantidade de chins e de crianças, marchando dois a dois, uns conduzindo estandartes e bandeiras de variegadas côres, outros tabuas estreitas com caracteres chinezes dourados sobre fundo vermelho, outros empunhando lanternas figurando alguns animaes exquisitos, dragões, e serpentes. Em grande numero de andores pintados e dourados levavam-se pagodes de papel e grandes bonecos representando um trabalho delicado, em quanto sobre rodinhas de páo alguns *culis* faziam avançar cavallos e edificios de papelão. Cada andor, ou cada um d'estes grupos de figuras era seguido por dois clarinetes, pratos, tan-tans, e uma especie de tambores ou pandeiretas suspensas a um páo de bambú, que um homem levava ao hombro e em que outro tocava. Todos trajavam fatos mais ou menos exquisitos, trazendo alguns uma especie de opas como os balandraus dos nossos irmãos do Santissimo. Estas vestimen-

tas eram de sedas de diversas côres. As crianças vestiam lindos fatos de côres vivas, com bordados a oiro e matiz... Quasi todos os do acompanhamento iam descalços, e atraz seguiam-se numerosas cadeirinhas, em que se viam homens e mulheres com as caras cobertas e enrolados em esteiras ou pannos ordinarios. Um grande ajuntamento de povo seguia aquella estranha procissão, a pé e correndo. —Logo que o bonzo, o padre chinez, tem indicado o logar em que o finado deve ser enterrado — os pagodes, os bonecos, as figuras de papel e de papelão com muitos outros papeis encarnados e grande copia de pivetes são queimados junto do tumulo. Os parentes e as panteadeiras rolam-se pelo chão e fazem um alarido insupportavel.» (Ib., I, 342.) «E' enorme a mendicidade de Macáo; velhos, crianças, e cegos especialmente, são em grande numero, e aos domingos fazem uma verdadeira perseguição ao europeu. Alguns aleijados, meios nús, horrendos, deitam-se no chão e fazem uma gritaria infernal, n'aquella linguagem chineza, toda monosyllabos e cheia de sons guturaes e sibilantes.» (Ib., p. 346.)

A vida de Bocage em Macáo pode considerar-se um tanto semelhante á de Camões em Moçambique, aonde o chronista Diogo do Couto na sua volta para o reino o encontrara «tão pobre, que comia de amigos»; Bocage vivendo em uma epoca de bajulação, *pela voz da dependencia*, como elle proprio confessa, soccorreu-se das pessoas valiosas da sociedade macahista. O negociante Joaquim Pereira de Almeida, accolheu-o, deu-lhe casa e relacionou-o com as principaes familias;

Bocage consagrou em uma bella Elegia o sentimento pela morte do pae, e em um verso exclama: «Oh tu, meu bemfeitor, meu caro amigo.» (Eleg. 5.) Na Ode *A Gratidão, offerecida ao Senhor Lazaro da Silva Ferreira, Desembargador da Casa da Supplicação e Governador interino de Macáo*, Bocage tambem confessa que lhe deveu o poder regressar á patria:

Amenos campos, agradavel clima,
Onde o meu Tejo por areias de ouro,
Por entre flores murmurando e rindo
Limpido corre!

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo que perdi, vertendo
Lagrimas ternas;

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto ás furias dos tufões, dos mares...
....

Se eu vou nas azas dos Penates caros
Pendurar votos, consumir incensos,
Depositando sobre a lysia praia
Osculo grato;

Se as innocentes, fraternaes caricias
Vou cubiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo;

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina;

....
Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes.
(Ode 6. Ed. Act.)

Para regressar á patria tambem recorreu a D. Maria Saldanha Noronha e Menezes, cujos filhos lisongeou:

Roga, roga-lhe emfim, que te destrúa
As ancias, os temores,
Que á patria, ao proprio lar te restitua.
Ah! já disse que sim: não mais clamores,
Musa, musa, descança,
Cantemos o triumpho, oh esperança.
(Ode 4. Ed. Act.)

N'esta anciedade de voltar á patria Bocage sentia-se incapaz de se adaptar ás delicias de Macáo, que um anexim da terra e em linguagem *nhonha* affirmava no philtro perstigioso da agua da bica de Nilau, situada na ponta sudoeste da peninsula:

Quim ja bebê agu de fonte de Nilau
ô lê casá ô lê morê na Macau.

Deixando Macáo sendo ainda *Governador interino* o Desembargador Lazaro Ferreira da Silva, a data da sua partida deve fixar-se muito antes do fim do anno de 1789, por isso que já em Agosto de 1790 apparece em Lisboa. Em Macáo escreveu tambem algumas satiras e deixou versos ineditos. D'estas tormentosas viagens apenas tirou uma maior descoordenação para toda a sua existencia,

habitos ruinosos que lhe minaram a saude, como o alcoolismo, e um maior relêvo ao sentimento da propria personalidade, dando-lhe um impulsismo que se lhe tornou eminentemente prejudicial na sociedade de Lisboa, aonde a chateza official de uma monarchia menos do que byzantina mais o destacava como um doido de talento. Maudsley caracterisa este aspecto moral em que nos vae apparecer Bocage: «Ha uma categoria de pessoas que são incapazes de se pôrem em uma relação sobria e normal com as circumstancias da vida; que deixam ir os seus sentimentos e a imaginação á revelia; que não têm a serenidade da rasão, e que não podem chegar a comprehender e ainda muito menos a pôr em pratica esta noção, que o eu deve ser um elemento subordinado a um todo complexo. — Para alguns, toda a impressão é uma occasião de suspeita; offendem-se facilmente, exageram as cousas insignificantes, avolumam as bagatellas, resentem-se vivamente porque qualquer opposição fere o seu amor proprio, e identificando a sua personalidade com o verdadeiro e o direito persuadem-se que são victimas de grandes attentados.» [1]

c) Regresso a Lisboa (1790)

Pelo valimento do negociante Joaquim Pereira de Almeida, pôde Bocage voltar a Gôa e seguir para Portugal. Um Soneto inedito parece referir-se á viagem de Macáo, repas-

---

[1] *Pathologia do Espirito,* p. 258.

sado do azedume satirico que ia dominando o seu genio poetico:

> Não temas, não te assustes, Capitão,
> Se vires do Maratha bellicoso
> O soberbo poder, e numeroso,
> De que ao mesmo Neptuno sustos dão.
>
> Impavido conserva o coração,
> No furor do combate rigoroso;
> Por que animar espirito brioso
> Nunca pode um Pirata, vil ladrão;
>
> Esse triumpho quero mais perfeito,
> Sem que venha a custar uma só peça,
> O temido Maratha vêr desfeito;
>
> O meu conselho toma, e vae depressa
> Ao portaló mostrar-lhe o teu respeito,
> E se não bastar, mostra-lhe a cabeça.

Em um outro Soneto tambem inedito, allude aos perigos da viagem no mar da China, e á falta das promessas de amisade que lhe tinham feito:

> Reduzir-me a deixar a patria amada
> Dos amigos o trato, e dos parentes
> Os mimosos carinhos, e os ardentes
> Abraços de Feliza namorada;
>
> Para a vida trazer sempre arriscada
> A mares e a Piratas insolentes,
> E a outros mil perigos evidentes
> A que se expõe quem corre n'esta estrada;...

Os dias que se demorou em Gôa antes de partir para Portugal eram cheios de impaciencia; em dois Sonetos, ainda ineditos, colhe-se a impressão que o dominava, protestando queimar incensos á ventura se chegar á patria:

Se eu torno a vêr a margem deleitosa
Que o Tejo vae banhando docemente,
Se aquelle verde campo florescente
Onde Feliza está talvez saudosa;

Se aquella doce fonte sonorosa
Refrigerio da sésta mais ardente,
Onde com puro amor e voz cadente
Mil queixas me formava de ciosa;

Se outra vez em meus braços enlaçado
Gostosos mimos, filhos de ternura
Disfructar venturoso e socegado;

Protesto que entregando á noite escura
Bálhadeiras, e o Bispo d'este Estado,
Queimarei mil incensos á Ventura.

Deixar da cara patria a liberdade,
Dos amigos o trato saboroso,
Dos parentes carinho cuidadoso,
Dos prazeres a vasta quantidade;

Deixar tambem da Côrte a variedade,
Das estações o turno primoroso,
Dos fructos o sabor delicioso,
Das madamas a nobre sociedade;

Para vir soffrer mares alterados,
Fomes, sêdes, miserias, sujeição
Tormentas, baixos, climas abrazados;

Marinheiros, pilotos, capitão,
Sarnas e tantos bichos desastrados,
E' prova de ser mais que toleirão. [1]

---

[1] Da collecç. Merello. (Papeis que pertenceram a Costa e Silva.)

A chegada de Bocage a Lisboa fixa-se indubitavelmente em Agosto de 1790, pela referencia a um deploravel acontecimento, a que consagrou uma Elegia. Em 4 de Septembro d'esse anno, quando o filho do Marquez de Marialva, o joven e valente D. José Thomaz de Menezes, seguia de noite Tejo abaixo em um cahique para as festas de Nossa Senhora da Nazareth, desamarrou-se a escota da vela, que repentinamente o arrojou á agua, perdendo-se na escuridão. O desgraçado successo produziu uma forte impressão, por que D. José Thomaz de Menezes era muito querido pela gentileza de trato, pela coragem em lucta com os touros e com o mar, e pela sua predilecção pelos poetas. Bocage allude ás suas qualidades:

> ... que *reunindo a força e a arte*,
> Feros brutos indomitos domava,
> Sendo assombro de tudo em toda a parte.

Na typographia de Godinho, se imprimiu em 1790 a *Elegia que o mais ingenuo e verdadeiro sentimento consagra á deploravel morte do ill.mo e ex.mo sr.* D. José Thomaz de Menezes, — *Seu auctor* M. M. B. B. E' um folheto de 14 paginas em 4.º; não foi essa Elegia incorporada na edição das *Rimas* de 1791, perdendo-se completamente a sua noticia até 1853 em que a descobriu Innocencio. Por ella vê-se que Bocage estava já em Lisboa anteriormente a 4 de Septembro de 1790. [1] O suc-

---

[1] Corrige a affirmação de José Agostinho de Macedo, que nas *Considerações mansas*, p. 35, dizia que Bocage chegara a Lisboa em Agosto de 1791, vivendo então na sua companhia.

cesso provocou numerosas composições elegiacas a todos os metrìficadores contemporaneos, [1] que bajulavam por esta fórma o pode-

---

[1] Na Bibl. nacional: Bellas Lettras, n.º 958 (vermelho.) Transcrevemos aqui os excerptos de uma Elegia anonyma, que tem o merito de nos dar o desastre na sua realidade.

Na funesta e desgraçada morte do ill.mo e ex.mo sr. D. José Thomaz de Menezes. — Ecloga pastoril de Alcino e Melibeu Lisboa. Na Off. de Ant. Rodrigues Galhardo. Anno MDCCXC. In-4.º, 16 pag.

Descreve a morte:

Ao norte sita está a Pederneira,
  Mui famosa por sua pescaria,
  E tambem porque aos Padres é quarteira.
Bem sabes, que alli perto em romaria
  Concorre muita gente, á Casa Santa
  Da Mãe da Nazareth, da Virgem Pia.
D'aquella Virgem Mãe, a quem decanta
  Por Torre de David a nossa Igreja,
  E Rainha dos Anjos sacrosanta.
A qual todos os annos se festeja
  Com pompa e sem egual solemnidade,
  Dos espiritos malditos com inveja.
Mui bem sabes que a tal Festividade
  Teve começo no Pastor Roupinho,
  De grande nomeada e qualidade;
O qual andando á caça alli sósinho,
  Indo atraz de um Veado, a toda a brida,
  Vendo-se ao precipicio mui visinho,
Gritou pela Mãe santa, e de corrida,
  (Não ha egual prodigio) de repente
  Se viu liberto da fatal cahida.
E como agradecido a tão patente
  Milagre, logo então lhe fez festejo
  Com voto de o haver eternamente.
Com pura devoção, santo desejo
  O nosso *Josephino* costumava
  Ir á festa annual cá desde o Tejo.

roso Marquez de Marialva. José Agostinho de Macedo tambem imprimiu em 1790, na officina de Galhardo uma *Elegia á sentidissima morte* de D. José Thomaz de Menezes, com as iniciaes J. A. R. G. (José Agostinho, Religioso da Graça), que tem a particularidade de ser a sua primeira composição dada ao prelo. E' plausivel suppôr que os dois poetas se conhecessem então, sem que entrassem na intimidade. Para determinar o tempo em que começaram as suas relações litterarias temos de recorrer a algumas datas conhecidas da vida de José Agostinho de Macedo. Por despacho de 9 de Fevereiro de 1789 fôra Macedo mandado por castigo para o convento dos

---

E como o tempo já se avesinhava,
 A quatro de Setembro, mez malvado,
 Para o sitio da festa navegava.
Infausto dia! ser assinalado
 Com pedra negra deves! D'entre os mezes
 Mereces, ó Setembro, ser riscado
 . . . .
Porém, como eu, Alcino, ia dizendo,
 O nosso Josephino, aqui defronte
 Ia á força de vela o mar rompendo;
Tinha a noite egualado o campo ao monte,
. . . .
Eis que a escôta que a vela segurava,
 Maldita escôta! Desalmada corda,
 Com a furia dos ventos se quebrava.
Ia o bom Josephino sobre a borda
 Da embarcação infame, descuidado,
 Do decreto fatal, que o Céo lhe accorda.
Sendo pois pela escôta fustigado
 O mesmo foi levar no peito a ferida
 Que entre as ondas ficou precipitado.
Fica toda a companha espavorida,
 O piloto sem tino larga o leme...

Gracianos de Torres Vedras; d'alli fugiu, andando na vida airada por algum tempo, até que foi agarrado e mettido no carcere do Convento da Graça em Lisboa, onde permaneceu de fins de 1789 até Maio de 1790, sendo transferido por ordem da Nunciatura para o Mosteiro dos Paulistas. Na Satira *Pena de Talião*, conta Bocage a situação em que se achava Macedo n'esse anno de 1790:

> Traze á mente o logar, a vez primeira
> Em que, dado á tristeza e curvo aos ferros,
> Olhaste, ouviste Elmano, e grande o crêste,
> Quando inda os vôos timidos soltava
> Na immensidade azul, que aos astros guia.
> . . . .
> Da estancia, onde nem sempre habita o crime
> Epistola sem sal por ti guisada,
> Em teus louvores incluiu meu nome;
> Versos escuta, que negar não podes:
>
> «*Do centro d'esta gruta triste e muda,*
> *Facundo Elmano, pelas Musas dado,*
> *O prisioneiro Elmiro te saúda,*
> *De teus aureos talentos encantado.*
> *De ti só falla, só de ti suspira,*
> *Em teu divino canto arrebatado...*»

Esta Epistola de José Agostinho, de que Bocage salvou de memoria esses seis versos, está perdida; pelo fragmento se vê que a intimidade começou desde que ao frade foi concedida sob custodia o fallar com seus procuradores e amigos. Em um Epicedio publicado por José Agostinho em 1791 já elle accrescenta ao seu nome: «chamado entre os Arcades de Roma *Elmiro Tagideo*.» Recolhido por ordem da Nunciatura ao Mosteiro dos Paulistas, ahi tinha liberdade para tratar com Bocage, que por esta occasião tomou amisade

com o frade e poeta Fr. José Botelho Torresão, que era afamado prégador e versejador erotico, e conheceu os merecimentos de Fr. José Maria de Santa Anna Noronha, a quem mais tarde, antes de morrer, chamou para seu confessor. Seria n'esse pouco tempo de tranquilidade que José Agostinho esteve no convento dos Paulistas, que Bocage lhe revia a traducção da *Thebaida* de Stacio, que levava adiantada; na Satira *Pena de Talião*, allude Bocage a essa circumstancia:

> Ou tu mesmo appresenta, offerece á crise
> Do gordo original versão mirrada,
> Sulcado *Stacio* teu de unhadas minhas,
> De muitas que soffreste e que aproveitas.

Durante a sua prisão e custodia no Convento da Graça, José Agostinho de Macedo tivera a primeira ideia de fazer uma nova Epopêa, que intitulava *O Descobrimento da India;* [1] no poema *O Gama* allude á situação em que se achava, quando começou a esboçal-o:

> Privado da alma luz doce e serena,
> *Entre ferros a vida atormentada,*
> Foi meu alento a divinal Poesia,
> Como a Boecio o foi Philosophia.
>
> (Cant. x, est. 71.)

Bocage na Satira *Pena de Talião* mostra que conheceu essa tentativa épica, que ainda se conservou nove annos inedita:

---

[1] Innocencio, *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo,* p. 21.

Ousa mais: A *Lusiada* não sumas,
Que o numero de versos fez Poema,
Tal, que seu mesmo pae sem dôr o enterra.
. . . .
As outavas do *Gama* esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo.

Uma outra circumstancia aproximaria Bocage de José Agostinho: a grande somma de Elegias que fizeram os metrificadores portuguezes á morte prematura do esperançoso Princepe do Brasil, Dom José, protector de Tolentino, e apaixonado pelas doutrinas reformadoras do seculo XVIII. Bocage celebrara esse facto em uma Elegia, quando andava errante pelo Cantão, aonde lhe chegara a tardia noticia, que o impressionara; José Agostinho, talvez para lisongear o Bispo Cenaculo, [1] a quem dirigira os seus primeiros versos, escreveu um Soneto *A' morte do Princepe D. José.* [2] Os poetas, que tinham celebrado a morte prematura e mysteriosa do Princepe, em uma sessão funebre em 5 de Outubro de 1788, agora projectavam organisar uma Nova Arcadia com esses elementos que se haviam agrupado sob o titulo de *Academia das*

---

[1] D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, fez celebrar na sua cathedral em Beja, uma *Academia funebre* em 16 de Dezembro de 1788, em memoria de seu discipulo o Princepe D. José, depois de ter celebrado pela manhã as Exequias. A Oração academica do P.e Manoel de S. Caetano Damaso, imprimiu-se em Lisboa, 1789, in-4.º

[2] *Obras ineditas de J. Agostinho de Macedo*, p. 144. Ed. 1901.

Humanidades de Lisboa. [1] A iniciativa de Curvo Semedo e de Caldas Barbosa, para a formação da Nova Arcadia em 1790, estabelece a relação de continuidade com a Academia de Humanidades, que se tornara notada

---

[1] Transcrevemos aqui a bibliographia d'essas composições elegiacas, que authenticam em 1788 a existencia do nucleo que em 1790 constituiu a Nova Arcadia:

— Ode e Soneto recitado na Sessão funebre que a *Academia de Humanidades de Lisboa* celebrou em 5 de Outubro de 1788 pela morte do Senhor D. José Francisco Xavier de Paula Antonio Domingos Agostinho Anastacio, Princepe do Brasil, por M. F. de S. Lisboa. Offic. de Simão Thadeu Ferreira. 1788. In-4.º

— Elegia. Na geralmente sensivel e sempre lamentavel morte do serenissimo sr. D. José, Princepe do Brasil, por Luiz Corrêa de França e Amaral, da Arcadia lusitana e de *Academia de Humanidades de Lisboa.* Offic. de Simão Thadeu Ferreira. 1788. In-4.º

— Elegia na infausta e lamentavel morte do Seren. Sr. D. Joseph, Princepe do Brasil, recitada na *Academia de Humanidades de Lisboa*, no dia 5 de Outubro, de 1788. Pelo socio B. M. C. S. T. S. (Belchior Manoel Curvo Semedo Teixeira de Sepulveda). Lisboa, Offic. de Philippe da Silva e Azevedo. 1788. In-4.º

— Ode. A' morte do seren. senhor D. Joseph, Princede do Brasil. Do B. D. M. T. (Bacharel Domingos Maximiano Torres). Lisboa. Offic. de José de Aquino Bulhões. 1788. In-4.º

— Elogio historico do Princepe D. José em 1788, pelo P.e José Manoel de Abreu e Lima. (Pertenceria talvez á *Academia de Humanidades de Lisboa.)*

Eis uma outra referencia:

— Queixas do Pastor Cerilo contra as sem razões da Pastora Lilia por um socio da *Academia das Humanidades de Lisboa.* (Annuncio na Gazeta de Lisboa de 1789.)

pela sessão funebre do Princepe D. José. Bocage foi logo convidado para fazer parte da Academia de Bellas Lettras ou *Nova Arcadia*, para a qual entrara com José Agostinho de Macedo, contribuindo com duas Odes á Virgem da Conceição. A convivencia com os poetas mediocres acirrava-lhe o genio satirico, envolvendo-o em hostilidades, que lhe amarguraram a vida.

As viagens do Brasil, da India e da China, desorientando o espirito de Bocage, não lhe suscitaram o senso da realidade das cousas, que dá ao genio essa fórma particular da rasão que sabe achar as relações mais inopinadas dos factos e deduzir d'ellas uma suprema unidade, que é a synthese poetica. Viu novas regiões, mas como um somnambulo; os seus versos não receberam d'esse viver differente nenhum interesse, d'essa natureza nova nenhuma imagem, d'essa variedade interminavel e impressionante nenhum colorido. Mesmo n'essas regiões que atravessou, quando escreve é sempre com o espirito allegorico mythologico dos Arcades. Seria a falta de leitura, de actividade intellectual o que lhe causava esta carencia de concepção original, creadora, e de individualidade no sentimento. Já em 1773 estava publicado o *Goetz de Berlichingen*, em 1774 o *Werther* de Göethe, em 1781 os *Salteadores* de Schiller, em 1786 a *Iphigenia;* mas só passado quasi um seculo é que estas obras primas, que suggerem a elaboração artistica, chegaram a Portugal. O motivo que conservava incommunicavel Portugal com a Europa scientifica e litteraria, era o mesmo que deprimia o espi-

rito de Bocage, que representava o estado intellectual da nação.

Durante as viagens aventurosas por feitorias commerciaes e presidios militares, soffreu Bocage a indifferença pelos seus versos, e queixou-se. Ao chegar a Lisboa, em agosto de 1790, aquella natureza ávida de louvores, achou ainda lembrada a sua lenda escholar, e facil lhe foi reaccender o enthusiasmo pela vivacidade inesgotavel, pelo repentismo dos ditos ironicos, e pelos arrebatamentos da imaginação. Os elogios, os convites, as intimidades com os cadetes, as entradas nas casas nobres, eram uma seducção fatal, que imprimiu a direcção irrevogavel em que desbaratou o seu talento. Partidas, outeiros, botequins, e desvairados amigos, como José Agostinho, mantinham-o em uma sobreexcitação em que se esterilisava na improvisão ephemera, como as flores de um dia. Bajulador pela tendencia do seculo, foi muito mais bajulado, a ponto de contrahir a necessidade do applauso e de sacrificar-se a elle. As satiras que provocou assoalham a sua vaidade, com que se tornava, no dizer dos antagonistas — o sultão do Parnaso. Em relações com fidalgos estouvados, resto da monomania dos *Valentones*, e com frades revoltados que tambem eram uma reliquia dos *Goliardos* da Edade media, Bocage agora via-se impellido para a devassidão, degradando o talento na poesia erotica. A epoca do seu regresso a Lisboa era perigosa para a espontaneidade da imaginação e da critica de um temperamento sobreexcitado; não era permittido pensar ou ter ideias, porque a policia preventiva irre-

sponsavel do Intendente Manique tudo descobria por meio dos *Moscas*, nome technico dos seus espiões, actualmente *Bufos*. A data de 1790 diz tudo: a *Declaração dos Direitos do Homem*, as noticias vindas de França, o terror dos emigrados, dos livreiros, dos suppostos emissarios da Assembleia nacional excitavam a vertiginosa actividade e exuberancia papelistica do Intendente geral da Policia. Em taes circumstancias não ter ideias era uma fórma de tino pratico; a mocidade ociosa tornou-se devassa, como na epoca da Restauração em França, e entretinha-se no roubo e em tropelias do *Diabo coxo*, como n'essa aventura no Convento do Carmo, aonde introduzindo-se de noite com vergalhos, á hora em que os frades se disciplinavam no côro com as luzes apagadas, com a bocca em terra, os desancaram a valer. [1] As ideias revolucionarias penetravam tambem nos conventos, sendo a indisciplina um symptoma com que pretendiam desvirtuar essas noções da dignidade humana repentinamente apercebidas. As cellas serviam de passatempo aos vagabundos que não podiam estar á vontade nos botequins por causa dos *Moscas* do Manique. Bocage frequentava esses retiros espirituaes, como se vê pelo Soneto: «*Estando o auctor na cella do seu amigo Fr. João de Pousafolles, e acontecendo apagar-se-lhe um cigarro, pediu lume, que o dito amigo lhe recusou.*»

---

[1] *Contas para as Secretarias*, vol. IV, fl. 114. Arch. nacional.

(Son. 174.) Na incerteza de vida, sem recursos, Bocage servia-se das cellas dos frades amigos para comer e dormir, quando não tinha outro abrigo. A sua influencia dissolvente era reconhecida pelos superiores monachaes, como elle o revela pelo Soneto: «*Ao Padre Mestre D. Bernardo da Senhora da Porta, geral dos Conegos Regrantes, que não permittia ao auctor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fóra.*» (Son. 361.) O poeta declarava-se inimigo de hypocritas e frades; verberando com audacia os bojudos fradalhões, os episcopaes repolhos, continuava a tradição litteraria de Gil Vicente, mas de um modo inconsciente: era o mesmo aspecto do seculo XVI, que ainda no fim do seculo XVIII provocara identico protesto. Ahi no Convento dos Regrantes estava um frade joven tambem poeta D. Antonio da Visitação Freire, (*Ontanio*) que merecera a amisade de Bocage.

Pouco tempo depois da chegada a Lisboa teria falecido o pae do poeta; em um Soneto poz a rubrica: «*Em uma excursão que fez a Setubal, encontrando ahi em uma casa certos trastes que tinham sido de seus paes.*» (Son. 363.) Vê-se por isto, que na epoca da excursão já a casa dos paes estava dissolvida, suas irmãs casadas, com excepção de Dona Maria Francisca, talvez vivendo já em casa da Marqueza de Alorna. A excursão a Setubal não é um facto banal, sob os preventivos rigores do Manique; Setubal era considerada como o fóco d'onde difluiam por todo o reino os livros estrangeiros. Em uma Conta dada em 11 de Junho de 1791 ao ministro José de Seabra da Silva, pede o Intendente Manique

providencias: «Constando-me n'esta Intendencia, que no *porto de Setubal se introduzem muitos contrabandos, pacotes de livros impios*, e desembarcam alguns passageiros, tanto portuguezes como estrangeiros sem que se legitimassem pela Policia...» [1] As idas a Setubal seriam para Bocage motivos de suspeição de participar das *ideias francezas*, que o Manique perseguia com um estreitissimo cordão de espionagem. Os sentimentos generosos de que Bocage era dotado, e que se confirmam em todas as anecdotas que ficaram d'elle, levavam-o irresistivelmente para a adhesão aos principios de liberdade politica e de consciencia affirmados na Revolução franceza. Quando o abstracto Kant quebrou os seus velhos habitos para ir esperar com anciedade as novas que vinham d'esse grandioso phenomeno social que se estava passando, como é que o genio impressionavel de Bocage, poeta, e que tanto havia soffrido, ficaria indifferente á crise do Seculo excepcional? Kant buscava uma confirmação das suas profundas especulações philosophicas; Bocage era attrahido pelas cantigas estonteantes que se entoavam n'um ou n'outro café, e que a diligencia do Manique conseguia logo abafar. A impressão dos principaes successos da Revolução franceza existe fixada nos versos de Bocage; vibraram na sua bella alma, que tinha o poder, como o confessou Lord Beckford, de governar a seu capricho as impres-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, vol. III, fl. 180.

sões dos outros. A poesia era a expressão do seu estado de espirito revoltado; feria inconscientemente com as satiras pessoaes, e dava largas á liberdade de pensamento d'esse negativismo critico do seculo XVIII. Eram documentos, que em breve o entregariam á alçada temerosa do Manique. [1] Bocage achava-se coroado de uma auréola de admiração, que suscitou a malevolencia e as denuncias dos poetas mediocres que offuscava; a impunidade em que vivia, improvisando versos contra frades e lampejos de philosophismo, deve attribuir-se á benevolencia que encontrava então entre os mais poderosos fidalgos. Luiz de Vasconcellos e Sousa, que deixara o governo do Brasil em julho de 1790, veiu encontrar Bocage em 1791 em Lisboa; apesar do seu alto cargo de Presidente da Mesa do Desembargo do Paço, o poeta dirigiu-lhe uma Ode, recordando-se de quando girara por inhospitos mares, e elle, na dilatada America com um sorriso lhe honrara o canto. O poeta já se sente empolgado pelas garras da penuria; e como recurso transitorio emprehendeu a publicação dos seus versos. Em novembro de 1791 saíu da officina typographica de Simão Thadeu Ferreira o tomo I das *Rimas*, cuja

---

[1] Um edital da Intendencia da Policia impoz pena aos auctores e possuidores de arrasoados, resumos e *poesias satiricas* e libellos infamatorios, tanto em prosa como em verso, ácerca do processo dos Tavoras, e sobre as pretenções dos seus descendentes. (13 de Março de 1781.) Esta censura continuava-se nos chamados *papeis sediciosos*.

edição vendera por 48$000 rs. Eram os versos da sua mocidade, com alguns mais feitos na India e na China: 108 Sonetos, 4 Canções, 2 Epistolas e 5 Idylios. Causaram enthusiasmo, e a edição das *Rimas* esgotou-se repentinamente; já não era com simples improvisos que proclamava o seu talento, existia um texto litterario que podia ser apreciado detidamente. Devia seguir-se-lhe um tomo segundo; porém o poeta só veiu a publical-o em 1799, declarando na advertencia ao leitor, que a collecção dos seus versos lhe fôra roubada em Santarem, quando alli se achava, conseguindo apesar de tudo restaural-a. Dirigindo-se ao livro das suas *Rimas*, diz em prosopopêa:

> Vós, que de meus extremos sois a historia,
> *Versos, por negro zoilo em vão roubados,*
> Nascidos da ternura, e *restaurados*
> *Co' prompto auxilio da fiel memoria.*

E mais explicitamente declara no prologo: «A maior parte das poesias que publíco foi recobrada com a memoria em casa do meu officioso amigo José Salinas de Benevides, (uma das pessoas mais benemeritas de Santarem) onde me avisaram de que, affectada a minha letra por alguns de muitos malévolos que, á maneira de lobos, matam ás vezes o que não hão de comer, ou (deixando figuras) por algum dos que prejudicam sem utilisar-se, fôra em meu nome extrahida ao depositario dos meus bens poeticos a caixa em que jaziam, com os trastes proporcionados á minha profissão, e um tanto peiores que os versos. Temendo a perda do que, para mim ao

menos, era precioso, examinei o livro interior que me não podem roubar, e com effeito copiei d'elle tudo o que dou á luz, não relativo a um desastre tão impensado como penoso, que me sobreveiu depois, [1] e occasionou as producções em que o chóro.» Foi com um bilhete simulando a letra de Bocage, que algum frade cavilloso de Santarem despeitado com os Sonetos satiricos que elle improvisava, conseguiu tirar de casa de José Salinas de Benevides a caixa em que guardava os seus manuscriptos.

Embora Bocage com a sua vivissima retentiva reescrevesse muitas das composições poeticas, outras secundarias pelos motivos occasionaes abandonal-as-ia á sua sorte. E' assim que explicamos como um certo numero de Sonetos satiricos ficaram ineditos, vindo mais tarde ao poder de curiosos investigadores. Falho de meios de subsistencia, Bocage vivia á lei da providencia, mas sempre desejado por opulentos amigos, a quem deslumbrava pela conversa fulgurante e pelos improvisos poeticos. Em Santarem a casa do morgado José Salinas de Benevides era o quartel a que se accolhia, principalmente na epoca da feira da terra; foi alli que D. Anna Gertrudes Marecos lhe ouviu improvisos, dos quaes conservara alguns de memoria. Outros poetas o acompanhavam em caravana turbulenta, taes como o Morgado de Assentis, e

---

[1] Bocage refere-se á sua prisão por ordem do Manique, e á entrada na Inquisição.

Dom Gastão Fausto da Camara, que conservaram com elle uma fervorosa amisade até ao fim da vida. [1]

A epoca em que Bocage esteve em Santarem fixa-se em 1793, como vimos em uma nota de Francisco de Paula Cardoso, Morgado de Assentis, a uma Ode, dirigida a Francisco Evaristo Leoni, na qual dizia:

Ah! quem pudera repartir comtigo
N'este momento as sensações que sinto,
Que me transportam aos dourados dias
Da prima edade.

Dias que foram por mim bem vividos,
Sempre marcados com saudoso sonho,
Quando entre amigos passei n'estes climas
Tempos ditosos.

---

[1] Morgado de Assentis:

Francisco de Paula Cardoso d'Almeida Vasconcellos Amaral e Gaula, filho de Manoel Antonio de Almeida Vasconcellos e de D. Leonor Felicia de Paula Xavier da Costa. Nasceu em Lisboa a 2 de Março de 1769. Entrou para o Collegio dos Nobres em 29 de Janeiro de 1777, d'onde sahiu em 1785. Foi para Coimbra, onde frequentou trez annos, mas como morgado foi obrigado a assentar praça de Cadete no Regimento de Cavallaria de Macklenburgo aos 24 annos; jurou bandeiras em 27 de Março de 1793, serviu dez annos e deu baixa em 1803. Teve um theatro na Rua de S. José, em que gastou 12.000$000: alli se representou em 1800 a *Vestal*, traducção de Bocage. Morreu em 5 de Fevereiro de 1847.

D. Gastão Fausto da Camara Coutinho nasceu em Lisboa a 19 de Dezembro de 1772. Morreu em Lisboa em 22 de Junho de 1852. Era filho natural de D. José Gonsalves da Camara e de D. Joaquina Ignacia Sotil. Foi educado no Collegio dos Nobres.

Peitos sinceros, bem formadas almas,
Que em laço estreito de amisade unidas,
Compunham juntos uma só vontade,
Eguaes desejos.

. . . .

Aqui, por vezes o Epigramma agudo,
Duros sarcasmos, atticas facecias,
Como espontaneos disparavam promptos
De nossos labios!

Soltando os diques á torrente infrenne
O vate amigo, o divinal BOCAGE,
Aqui troava arrebatado em éstro
Delphicos cantos.

. . . . rapidos fugiram
Esses momentos á ventura dados....

Em uma Nota explica: « Recordação do tempo que estive *em Santarem* nas festas do

---

— Assentou praça de Aspirante a guarda Marinha em 14 de Maio de 1792; teve baixa em 15 de Maio de 1795.

— Embarcou por Voluntario a bordo dos navios da Armada real em 1797, vindo á côrte com participação do Marquez de Niza, commandante da Esquadra do Mediterraneo.

— Promovido a segundo Tenente em 8 de Outubro de 1799. — Achava-se embarcado na Fragata Minerva, que pertencia á esquadra que levou fugido Dom João VI, para o Brasil, em 29 de Novembro de 1807.

— Capitão Tenente em 13 de Maio de 1810. — Governador de Sergipe em 13 de Maio de 1812, que não acceitou. Veiu para Lisboa, sendo nomeado Capitão de fragata graduado, em 13 de Maio de 1818. Casou em 1821 com D. Maria da Exaltação da Cruz e Cunha, de quem teve dous filhos. Bibliothecario da Bibliotheca de Marinha, 9 de Março de 1835; Capitão de fragata effectivo em 26 de Novembro de 1840; reformado em Capitão de Mar e guerra em 15 de fevereiro de 1844.

primeiro parto da rainha D. Carlota Joaquina, em companhia dos poetas Manoel Maria Barbosa du Bocage, e de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, por espaço de quinze dias.» Foi portanto em 1793. [1] Ficaram ruidosas as aventuras de Bocage n'esses dias; nos sonetos eroticos vem referencias apreciaveis, como a da colera do frade contra os bonecos de barro que representavam uma situação de molinosismo:

> N'essa, cuja memoria esquece a Fama,
> Feira, que em Santarem vem de anno a anno,
> Jazia com uma freira um franciscano,
> Eram de barro os dois, de barro a cama.
>
> . . . .
>
> Eis, que um negro borrusco, um Frei Tutano
> O espectaculo vê, que os rins lhe inflamma:
>
> «Irra! Vens-me atiçar, gente damnada!
> Não basta a felpa dos bureis opacos,
> Com que a carne rebelde anda ralada?
>
> Fóra, vís tentações, fóra, velhacos!...
> Disse, e ao rispido som de atroz patada,
> O escandaloso par converte em cacos.
>
> (Son. XI. Erot.)

Bocage perseguia o frade com epigrammas e Sonetos, que se repetiam com gargalhadas; em 1793, e sob o reinado da dementada D. Maria I, era preciso ser hallucinado

---

[1] No Ms. em que vinha esta Ode escreveu Innocencio: «foi escripta pelo Morgado de Assentis — em Santarem aos 6 de Maio de 1838. Contém recordações de outra época em que alli estivera por alguns dias...»

para chasquear de uma classe preponderante e vingativa. Transcrevemos outro Soneto ao mesmo caso do frade:

Esquentado frisão, brutal masmarro
Girava em Santarem na pobre feira;
Eis que divisa ao longe em côva ceira
Seus bons irmãos seraphicos de barro;

O bruto, que arremeda um boi de carro
Na carranca feroz, parte á carreira,
Os sagrados bonecos escaqueira,
E arranca de ufania um longo escarro;

Na alma o santo furor arqueja e berra;
Mas, vós enchei-vos de intimo alvoroço,
Povos, que do burel soffreis a guerra;

Que dos bonzos de barro o vil destroço
E' presagio talvez de irem por terra
Membrudos fradalhões de carne e osso.

(Erot., x)

O poeta tivera aqui um presentimento genial, de um facto que se realisou em 1834, em consequencia do liberalismo da Carta outorgada, fórma attenuada dos principios democraticos do Seculo excepcional. A coragem do poeta fazia-o sympathico, e os novos talentos procuravam a sua consagração.

Bocage tornara-se o typo lendario do improvisador, e quasi todos os poetastros faziam consistir o talento no repentismo. João Evangelista de Moraes Sarmento, um dos versejadores que mais brilhara no celebre Outeiro poetico celebrado na Sala dos Capellos em Coimbra por occasião do casamento de D. João VI com D. Carlota Joaquina, veiu a Lisboa para receber a consagração de Bo-

cage; este experimentou-o com o seguinte Mote:

> As vozes de Amor são mudas,
> São mudas, mas bem se entendem.

Sarmento glosou-o em uma Decima, a que poz a seguinte nota: «Este mote foi dado pelo insigne poeta Manoel M. Barbosa du Bocage ao Dr. João Evangelista de Moraes Sarmento, quando este se achava em Lisboa, pois ouvira elogiar os seus versos e desejava formar o devido conceito do seu estro. Vendo que o glosara quasi de repente, reconheceu o seu merito, e o abraçou apertadamente, ficando ambos d'aí em diante muito amigos.» [1]

Tambem a Marqueza de Alorna glosou o seguinte Mote, que lhe dera Bocage, por ventura com o intuito de exhibir o seu talento repentista diante do eximio poeta:

> Para Amor todos são crentes,
> Atheus não ha para Amor. [2]

---

[1] Eis a decima, no estylo arcadico, já então extemporaneo:

> Rasão santa, tu me escudas
> Contra o poder da paixão;
> Quando soltas teu clarão
> *As vozes d'Amor são mudas.*
> Mas as mãos com que me ajudas,
> De todo me não defendem:
> Restam cinzas que se accendem,
> Que arder mais talvez provocas;
> E as vozes, que a Amor suffocas,
> *São mudas, mas bem se entendem.*
>
> (*Poesias*, p. 239.)

[2] *Obras poeticas* de Alcipe, t. II, p. 365.

E' por este tempo que entraria para casa da Marqueza de Alorna a irmã do poeta D. Maria Francisca, tambem poetisa, tendo-se alli conservado até á retirada da illustre fidalga para Inglaterra. Teria, por certo, a Marqueza enviado a Filinto Elysio para Paris, o tomo I das *Rimas* de Bocage, chamando a attenção do velho exilado para esse talento que surgia. Bocage dedicando-lhe em 1804 o tomo III das suas *Rimas*, pagava á fidalga poetisa um preito grato e dignissimo.

No tresloucado convivio com a mocidade doirada, Bocage teve occasião de aproximar-se dos fidalgos mais perstigiosos da côrte de D. Maria I. Foi por via de D. Frederico Guilherme de Sousa, ex-governador da India, que o poeta se encontrou com lord Beckford, que deixou as deliciosas Cartas, em que retrata ao vivo a côrte da rainha louca. D. Frederico Guilherme de Sousa não se esquecera em Lisboa dos alegres tempos dos seus amores com D. Anna Jacques Mondtegui e confessava, que se essa mulher, de uma belleza fascinante e de um genio perdulario, apparecesse em Lisboa, daria cabo de algumas das mais opulentas casas. E' crivel pois que esta recordação o fizesse admittir a approximação de Bocage, para se informar da sorte que a Manteigui tivera em Surrate. Para melhor comprehender-se o quadro, transcrevemos aqui alguns traços sobre o faustoso ex-governador da India: «D. Frederico Guilherme de Sousa era filho da princeza de Holstein; viera governar este Estado politicamente degradado, por não acceder á proposta da rainha D. Maria I, de casar com a

sobrinha de uma certa princeza, sua particular amiga, que estava empenhada n'esse consorcio; — durante o seu governo ostentara em tudo grandeza e magnificencia de um princepe; ... além de receber aqui (Gôa) de ordenado 100 mil xerafins, todavia se recolhera a Portugal endividado em mais de 100 mil xs., que d'alli pagou aos negociantes seus crédores.» [1] Foi na companhia de D. Frederico Guilherme de Sousa, que lord Beckford, que viera segunda vez a Portugal, encontrou Bocage, do qual deixou o seguinte vivissimo escorso:

«Verdeil trazia comsigo—o Governador de Gôa, D. Frederico de Sousa Calhariz;... e um palido, exquisito mancebo, o *Senhor Manoel Maria*, a creatura mais extravagante, mas por ventura a mais original que Deus ainda formou. Aconteceu estar este mancebo em um dos seus dias de bom humor e de excentricidade, que, como sol de inverno, vinham quando menos se esperava. Mil ditos conceituosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil apodos satiricos por elle incessantemente vibrados, fizeram-nos finar de riso; quando porém, começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes grande profundidade de pensamento se allia com os mais patheticos toques, senti-me commovido e arrebatado. Pode-se com verdade dizer, que aquelle estranho e versatil caracter possue o verdadeiro segredo de

---

[1] Filippe Nery Xavier, na *Illustração Goana*, vol. 1, p. 16: *A Manteigui* — Noticia historica sobre o Poema.

encantamento, com o qual, ao grado do seu possuidor anima ou petrifica um auditorio inteiro.

«Percebendo quanto eu estava enleiado por elle, disse-me: — Não esperava que um inglez tivesse a condescendencia de prestar, a um moço obscuro e novel versejador, a minima attenção. Vós pensaes que nós não temos outro poeta senão Camões, e que Camões não escreveu mais nada digno de menção se não os *Lusiadas*. Aqui tendes um Soneto, que vale a metade dos *Lusiadas*:

A fermosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros,
D'onde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a extranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ár a branda guerra;

Emfim, tudo o que a rara natureza
Com tantas variedades nos off'rece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enjôa e me aborrece,
Sem ti, perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza. [1]

---

[1] Na *Revista critica de Historia y Literatura*, que se publica em Madrid, appareceu no n.º 10, Septembro de 1896, a pag. 300, um artigo intitulado *Um enigma na vida do Poeta Bocage*, em que o auctor conclue: «Não ha motivo para rejeitar o testemunho de Beckford nem a data d'elle. — Assim torna-se admissivel a segunda hypothese, a da vinda de Bocage de Gôa a Lisboa em 1787...» Pode-se applicar a este

«—Não escapou ao nosso divino poeta uma unica imagem de belleza rural; e como pathetica é a applicação da natureza ao sentimento! Que fascinadora languidez, como arreboes do sol da tarde, se não espalha por sobre esta composição! Se alguma cousa valho, fez-me este Soneto o que eu sou; porém, o que sou eu comparado com *Monteiro*. Julgae.

«Proseguiu, dando-me para a mão alguns versos manuscriptos d'este auctor, que os portuguezes apreciam bastante. Postoque eram melodiosos, devo confessar que o Soneto de

---

acrimonioso discutidor o verso de Regnard: «Il cherche, il tourne, il brouille, il régarde sans voir.»

E fallando da transcripção que fizemos da Carta xxx de Beckford, attribue-nos a intercalação do Soneto de Camões por nosso arbitrio n'essa Carta! Eis as formaes palavras: «Dá depois traducção do passo da Carta xxx de Beckford relativo a Bocage, em que põe na bocca do poeta referencia a um Soneto de Camões: *transcreve um Soneto d'este ultimo, que suppõe ser o alludido, e que o leitor julga naturalmente vir na obra ingleza, caso não faça a verificação;* etc.» (Ib., p. 302, vol. 1.) Quem verificar o texto inglez lá encontra o Soneto de Camões com o numero CXCII; o auctor do *Enigma* fallou sem ter visto as edições inglezas de 1834 ou a de 1839; com certeza ao folhear o trabalho de José Feliciano de Castilho, *Noticia sobre a vida de Bocage*, lá veria transcripta a Carta com o Soneto de Camões. (Ed. 1867, t. III, p. 275.) Bernardes Branco no *Portugal e os Estrangeiros*, I, 131, é que não traz o Soneto. A esta accusação infeliz, applicamos como curativo as palavras do proprio critico: «até o simples exame porque alguem chegou a um erro é bastante instructivo por vezes — ministram materia para algumas observações psychologicas.» Phenomenos de psychologia morbida explicam esta obnubilação mental, e mesmo ausencias de senso moral.

Camões e muitos dos versos do *Senhor Manoel Maria* me agradaram infinitamente mais; mas, de facto, eu é que não estava sufficientemente iniciado na força e nos recursos da lingua portugueza, para ser competente julgador; e este potente genio só revelou alguma falta de penetração imaginando que eu fosse competente.» [1]

Embora esta Carta XXX traga na edição posthuma e primeira de 1834 a data de — 8 de Novembro de 1787 — prova-se o erro dos compiladores, porque Bocage estava indiscutivelmente doente em Gôa, e elle mesmo allude aí ao facto historico da descoberta da *Conjuração dos Pintos* em agosto d'esse anno. No Estudo biographico e litterario sobre Bocage, com que Rebello da Silva precede a edição das Poesias de 1853, (t. I, p. XXXI) resumindo a Carta de Beckford, colloca-a plausivelmente depois do regresso a Portugal: «Beckford, o senhor da Abbadia de Fonthill, no meio de muitos retratos espirituosos da côrte e da sociedade portugueza, deixou-nos desenhado, ao correr do lapis, um esboço da physionomia de Bocage *na epoca, em que o poeta voltava á patria.*» Com quanto vagas, estas palavras podem referir-se aos primeiros tempos do seu regresso sem se restringirem rigorosamente ao anno de 1790, por isso que na

---

[1] *Italy, Spain, and Portugal, with an Excursion to the Monastereis of Alcobaça and Batalha*, by the Author of *Vathek*. London. 1839. In-8.º grande, com retrato em aço. A Carta XXX, vem no t. II, p. 201. Parte d'estas Cartas appareceram traduzidas no *Panorama*, vol. XII a XIV, e acham-se reunidas em volume.

segunda viagem de Beckford a Portugal antes de 1794, e só n'esta data é que poderia effectuar-se o encontro. Mas, na propria Carta xxx está uma referencia que leva a precisar nitidamente o anno de 1794; Bocage, resentido de certas rivalidades, disse para Beckford: «porém, que sou eu comparado com *Monteiro*. Julgae. Proseguiu entregando-me alguns versos manuscriptos d'este Auctor, que os portuguezes appreciam muito.» Lord Beckford guardou os versos manuscriptos do *Monteiro*, e quando visitava os mosteiros de Alcobaça e Batalha, em 7 de Junho de 1794, levava para lêr n'essas solidões os versos de Monteiro, e os de Manoel Maria, que eram as *Rimas* impressas em 1791, e que elle julgava como inspiradas pelo mesmo espirito de Cowley. Assim o escreveu no seu diario *An Excursion to Alcobaça and Batalha*: «There y propose reading my favorite pocket-companions *Monteiro* and Manoel Maria Bocage, in total solitude...» [1] E' agora o caso de perguntar quem era este poeta *Monteiro*, «que os portuguezes apreciam muito» e que hoje ninguem conhece?

Era Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que pertenceu ao Grupo da Ribeira das Náos, o terrivel satirico *Matuzio*, que chasqueara de Garção, nas luctas contra a Arcadia, e tomou parte na refrega contra o P.e Manoel de Macedo *(Lemano)* por causa da Ode que dedicára á Zamperini. [2] Domingos

---

[1] *Italy, Spain and Portugal*, II, p. 32.

[2] Vid. *Arcadia Lusitana*, p. 339 a 362.

Monteiro de Albuquerque e Amaral era um jurisconsulto e alto funccionario publico; pela parte que tomára na *Guerra dos Poetas*, teria para os novos uma certa aura, que os inimigos de Bocage approveitavam engrandecendo-o para ferirem a superioridade de Elmano. Pode-se mesmo inferir que antes de romperem as hostilidades de Curvo Semedo e de outros neo-arcades contra Bocage, já a malevolencia lhe fazia uma guerra surda exaltando Monteiro. Beckford, apesar de ter pouco conhecimento da lingua portugueza soube discernir entre os dois poetas, dando a supremacia a Bocage. [1]

---

[1] Incluimos aqui alguns versos ineditos de Monteiro, para que se avalie a sem rasão da rivalidade:

MOTE

Ter duração de um ai a triste vida.

Ao triste reino do perpetuo pranto,
Presto iremos, amor, serei vingado,
Tu ficarás no Lethes sepultado
Por lei do inexoravel Rhadamanto.

Esta alma, que até aqui magoaste tanto
Transpondo o váo horrisono e apestado,
Entre as vãs sombras de um e outro lado,
Irá ouvir no Elysio o doce canto.

As negras azas bate a veloz hora,
E d'este acerbo mal compadecida,
A morte afia a foice roçadoura:

A morrer novo alento me convida,
Vem ser feliz, se poderá já agora
Ter duração de um ai a triste vida.

(Poesias varias. Ms., t. II, p. 118.)

As obras impressas de Monteiro de Albuquerque são versos avulsos sobre successos da côrte; [1] os que se referiam a sentimentos pessoaes só casualmente se encontram dispersos em miscellaneas manuscriptas. Sobreviveu a Bocage mais de vinte e cinco annos, abandonando completamente a versificação.

A carta XXX de Beckford dá-nos a expressão viva de Bocage; por ventura a Elegia á morte calamitosa do terceiro filho do Marquez de Marialva suscitou no intelligente lord interesse excepcional pelo poeta. Esses traços psychologicos admiraveis fixados pela fleugma critica do aristocrata inglez, provam-nos que não ha aqui uma impressão de assalto;

Oh quanto esta lembrança a dor renova.

Aonde está, saudosas ninfas, onde
A bella Dinamene repousando?
Transponho o valle e a serra, em vão chamando,
E só o céo magoado me responde!

Parca, se irada estaes, a ira deponde,
No rosto formosissimo attentando;
Mas, eu que vejo? As ninfas soluçando
Junto d'aquella urna! Alli se esconde.

Se longos annos, inimiga estrella
Ausentara de mim a fé por prova,
Tivera allivio a magoa de perdel-a.

Mas, numen não acho, que aos ais se mova,
E recordar-me, que não torno a vel-a,
Oh quanto esta lembrança a dor renova.

(*Ib.*, p. 119.)

[1] *Ode* ao Princepe Regente pela Paz com a Republica franceza, pelo Desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral. Na Reg. Offic. typographica. 1801. (25 estrophes.)

quem mereceu ser assim definido era na realidade um espirito de eleição. William Beckford, cuja riqueza collossal vem memorada por Byron no *Child Harold*, (I, st. 22) é o celebrado auctor do impressionante romance oriental e o mais conhecido da litteratura ingleza, *Vathek*. Depois de ter viajado por Flandres, Baviera, Tyrol e Italia, veiu a Portugal, d'onde datou a primeira Carta em 30 de Maio de 1787. Possuia um extraordinario tino de observação e um talento descriptivo inexcedivel. Viajava pelo mundo para se distrahir da morte prematura de sua esposa; conta-se que em Portugal vira uma filha illegitima do Marquez de Marialva, que era de uma extrema parecença com a mulher que amara, e que por isso se demorara na côrte

---

Eu vivo só do mal, que me atormenta.

Ao duvidoso mar e incerto vento,
  O affoito navegante entrega a vida,
  Das Hyadas a face humedecida
  Nem astro irado lhe acovarda o intento;

Mas, quando vê toldar-se o firmamento
  Toar a esphera, de raios encendida,
  Lhe é a esquivada Patria apetecida,
  De não deixal-a mais faz juramento.

Tornado emfim a vêr os patrios lares,
  Logo a cega ambição lhe representa
  Em calma os ventos, em bonança os mares;

Tão louco eu sou, que o mar só me contenta;
  Aquelles vão buscar novos pezares,
  Eu vivo só do mal, que me atormenta.

(*Ib.*, p. 120.)

de D. Maria I. E' mais natural que estivesse encarregedo de alguma missão politica secreta, por causa da demencia da Rainha; elle informava ácerca dos princepes e do Arcebispo Confessor. As Cartas que escreveu retratando os nossos costumes e habitos cortezãos, são um monumento de graça e de verdade; quem lêr as Contas do Intendente dirigidas aos ministros, nada acha de exagerado nos quadros do joven lord, que excede em nitidez as Satiras de Tolentino. Aqui pretendia fixar-se; attribue-se a sua retirada á recusa do velho Marialva em dar-lhe a mão de sua bastarda, o que é inverosimil. A ultima Carta datada de Portugal é de 28 de Novembro de 1787; Beckford surprehendera em Portugal uma temerosa tendencia no Principe D. José, o ami-

---

Ronca o mar, sopra o vento, o céo troveja.

Cansados annos, infelice dia
Em que nasci. Oh céos! maligna estrella!
Mas que vejo? uma candida donzella
Meus lentos passos vacilante guia.

Quem és? Onde me levas? Eu dizia,
Que os raios me atalhavam poder vêl-a.
— Sou a Virtude, (respondeu) aquella
Inimiga do engano, e tyrannia.

Já que sempre buscaste os meus altares,
E' bem que o premio dado hoje te seja,
Pois extinguiste a causa a teus pesares;

O mortal que me viu nada deseja,
Em vão posso aterrar estranhos lares,
Ronca o mar, sopra o vento, o céo troveja.

(*Ib.*, p. 121.)

go do Imperador José II, partidario das suas ideias reformadoras, em communicação intellectual com o Duque de Lafões, e exaltado pombalista! Era este principe que em breve ia reinar, e que se mostrava hostil á Inglaterra. Lord Beckford, na Carta XXXI de 19 de Outubro de 1787, descreve a entrevista que tivera com o Princepe D. José: «um mancebo particularmente de figura preoccupada, mais bello e avermelhado do que muitos dos seus conterraneos...» E depois das primeiras perguntas, põe no monologo do princepe estas palavras: «—Aquella soffreguidão commercial que a Inglaterra desenvolve em cada um dos seus tratados tem-nos custado caro em mais de uma circumstancia.—

«Elle então correu sobre o caminho que o

Qual bem me has dado, Amor, que me durasse?

Queixou-se Amor a Jupiter soberano,
De sacrilego e ingrato me accusava;
Disse, que bens me deu, mil bens me dava,
E que eu o blasphemava de tyranno.

Para eterno supplicio de um humano,
Accusação de um Numen só bastava;
Mas de Jove, que ao seu lado estava
Sabia prudencia atalhou meu damno.

Mandou, que por Mercurio conduzido
Fosse diante aos Deoses. Chego; e em face
Replicó assim ao barbaro Cupido:

Perduravel tormento, que renasce,
Sei que me deste os bens que hei recebido,
Qual bem me has dado, Amor, que me durasse?

(*Ib.*, p. 122.)

decahido Pombal tantas vezes seguiu tanto nos seus papeis de estado como em varias publicações que foram espalhadas durante a sua administração, e eu cedo percebi de que eschola S. A. Real era discipulo.

« — Nós merecemos tudo isto, continuou elle, e peior, por causa da nossa branda acquiescencia a cada medida ditada pelo vosso Gabinete; mas não admira, abatidos e humilhados como nós estamos por gravosas e inuteis instituições. — Não estaes vós surprehendido, não sois vós chocado de encontrarnos tantos seculos atraz do resto da Europa? —

« Curvei-me e sorri. Este vislumbre de approvação induziu, segundo creio, S. A. R. a flammejar d'alli em diante em um caloroso encomio sobre certas reformas e córtes que se

---

Comtigo, eternamente agradecido.

Para vencer do mal a crueldade
  Que em mim descarregou golpe violento;
  Basta-me, oh bella Marcia, o novo alento
  Que me provém da vossa piedade.

A palida e cruel malignidade,
  Que me cobria o rosto macilento,
  Não usou contra o vosso sentimento
  A profiar co'a sua actividade.

A rosada saude, a luz formosa
  Tem já sobre os meus olhos esparzido,
  Escondeu-se do mal a face irosa.

A' vossa compaixão tudo é devido;
  Quem não será; Piedade venturosa,
  Comtigo eternamente agradecido?

(*Ib.*, p. 128.)

estavam dando no Brabant sob os auspicios de sua sacratissima e apostolica magestade José II.

«— Eu tenho a fortuna, continuou o princepe, de corresponder-me frequentemente com este illustradissimo soberano. O Duque de Lafões, que tambem tem a vantagem de communicar com elle, nunca deixa de me dar promenores d'estes actos salutares. Quando teremos nós sufficiente valentia para o imitar! —

Á PAZ

Feliz aquelle a quem as Musas deram
Com a citara eburnea as graças bellas,
E alegres lhe teceram
As viçosas capellas.
São seus fecundos, solidos thezouros,
Os verdes mirtos, os frondosos louros.

Feliz aquelle que na rude avena
Exprime o casto fogo que o devora,
E canta quanto pena,
A formosa pastora;
Depois de lhe offerecer de lindas flores
Grinaldas, em signal de seus amores.

. . . .

As setas, que em meu peito despediram
Nas contendas por mim abandonadas,
Todas no chão cahiram
Torcidas e quebradas;
Porque sempre a divina providencia
Cobriu com suas azas a innocencia.

. . . .

A sanguinea discordia esconde a face
De opprobrios e de infamias denegrida;
A paz serena nasce,
A paz apetecida;
Chegou-se o feliz dia desejado
Que será em branco jaspe eternisado.

(*Ib.*, p. 417.)

«.....A minha imaginação, que ficou em alarme com a extraordinaria natureza dos topicos sobre que elle discursava, evocou alli um bando de temerosas imagens, e eu perguntei a mim mesmo se não estava debaixo da influencia de um sonho disparatado.»

Beckford confessa na Carta, que não approvava em nada a tendencia d'aquella exposição, e persuadido de que = a egreja está em perigo = foi d'alli revelar tudo ao Arcebispo-Confessor: «dirigindo-me para o palacio, chamei o Arcebispo-Confessor, que se encerrou uma meia hora no seu gabinete interior. Contei-lhe tudo o que passara n'esta não buscada e inesperada entrevista. As consequencias com o tempo desvendam-se por si mesmo.» E' certo que lord Beckford saíu da côrte pouco depois, e passados mezes o Princepe D. José morria repentinamente em 11 de Septembro de 1788, capitulando-se officialmente a causa em um ataque de bexigas confluentes, que era então a doença mais temida na Europa. A Inglaterra e o Clericalismo viram-se livres de um discipulo do Imperador José II e do Marquez de Pombal. Já em 1794 Beckford achava-se na côrte de Lisboa, para certificar-se da imbecilidade do Princepe Regente; muitas das Cartas datadas de 1787 descrevem a côrte portugueza n'esta segunda viagem.

A situação em que Beckford conversou com Bocage recompõe-se pela Carta referida; o lord tinha ido visitar a Sé de Lisboa para inquirir de algumas raridades artisticas, como pinturas, ornatos de altares, ou tumulos. Não encontrando cousa que merecesse attenção, mostraram-lhe em um recanto os traços de

uma cruz feita por Santo Antonio contra o diabo, e tambem os corvos sustentados á custa da sé, por terem em seculos remotos acompanhado o cadaver de S. Vicente. Beckford deixou a visita aos *corvos bentos* para outra occasião, e dirigiu-se para o convento dos Caetanos, aonde existia uma livraria sumptuosa. Os livros estavam a monte, como os deixara o terremoto de 1755; ahi o auctor de uma *Historia da Casa de Bragança*, ainda não impressa, [1] levou-o á sua cella para lhe mostrar uma collecção de medalhas, que reunira a muito custo. Lord Beckford deixou o seu amigo Verdeil examinando as medalhas, que o não interessavam, e saíu a pretexto de ir vêr os *corvos bentos*. Foi encontrando varios individuos conhecidos, que entraram para o seu côche, taes como o Abbade Xavier, e o afamado prégador da Boa Morte, o Prior-Mór, e o Marquez de Marialva D. Pedro, «de maneira que fomos com o côche completamente cheio, e eu conduzi toda a carrada *a jantar em minha casa.*»

Quando Beckford chegou a casa já alli achou de volta Verdeil, com o Padre theatino que mostrara as medalhas, tendo tambem levado comsigo o ex-Governador de Gôa D. Frederico Guilherme de Sousa, com o aventureiro italiano Lucatelli, que o acompanhava sempre, e o poeta Bocage, *mancebo*

---

[1] A *Historia Genealogica*, de D. Antonio Caetano de Sousa, já estava impressa, em treze tomos, de 1735 a 1749.

palido, com quem travou a conversa, que descreve pittorescamente na sua carta.

Pelo texto d'ella infere-se que a conversa se passou á mesa: «O nosso jantar foi alegre e *de bons convivas*...» Ahi o abbade, que offerecera as fructas para a sobremesa, para fundamentar a valentia portugueza, diz: «D. Frederico vos póde contar as proezas de alguns dos nossos heróes ainda não ha muito tempo, contra os gentios em Gôa...» Referia-se aqui lisongeiramente á retomada da praça de Alorna em 25 de Maio de 1783, sob o governo de D. Frederico Guilherme de Sousa; se é que tambem não alludia á derrota do rei de Colhapur em 1788. Depois d'estas conversas é que Beckford resolve ir vêr os corvos: «Afinal evaporados estes louvores e gosos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os *corvos bentos*.» Pelo resto da carta não se infere se Bocage acompanhou o lord á sé; mas é mais natural, que elle fosse divagar pela cidade para divertir-se com umas luminarias publicas.

Beckford continúa: «Satisfazendo a minha curiosidade pelo que tocava aos *corvos bentos*, facilmente me persuadiu o Grão-Prior a retirarmo-nos, e a passear pelas ruas principaes, para vêr as luminarias por festejo do parto da infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que dera á luz um principe. Era grande a multidão de ociosos, que vagueava pelos mesmos sitios, e por isso andavamos com difficuldade...»

Esta carta está cheia de incongruencias de factos, que Beckford confundiu no seu espiri-

to por não lhes ligar importancia, ou melhor, por que tendo só em vista a forma litteraria, em que era eximio, redigiu as Cartas mais tarde sobre apontamentos tomados da observação dos caracteres e do meio palaciano. [1] De-

---

[1] Notaremos aqui essas incongruencias, para só attender-se ao valor dos retratos. A infanta casada com D. Gabriel era D. Marianna Victoria, filha da rainha D. Maria I; o seu casamento effectuara-se em 8 de Maio de 1785; Gramosa, nos *Successos de Portugal,* (vol. II, p. 114) aponta como nascido d'este consorcio, em 18 de junho de 1786, D. Pedro Carlos, falecendo seus paes em Madrid em 1788, com pouca differença de dias um do outro.

Em vista d'isto, como é que em 8 de Novembro de 1787 (data de Carta XXX) se faziam em Lisboa luminarias pelo parto da infanta casada com D. Gabriel de Hespanha? E ainda que avancemos essa data para 1787, como indica Albano da Silveira, não era em Novembro que se fariam luminarias pelo successo natalicio de Junho

Depois d'isto, sabemos pela *Gazeta de Lisboa*, que D. Frederico Guilherme de Sousa, Capitão da Guarda real, faleceu em 25 de Agosto de 1790, (*Gazeta*, Supp. ao n.º 35); o encontro com Bocage, que chegara nos principios d'este mez a Lisboa, não podia effectuar-se em Novembro, mez referido, no unico anno em que só foi possivel o encontro. Além d'isto o Marquez de Marialva tendo perdido o seu terceiro filho em Septembro de 1790 em um desastre no Tejo, não iria assistir a um jantar festivo em casa de Beckford, passados dois mezes. Tudo leva a adiantar a data da Carta XXX; as luminarias seriam pelo nascimento da princeza D. Maria Thereza, primeiro parto de D. Carlota Joaquina, tendo já assistido ao baptisado d'ella D. Pedro Carlos, filho da infanta casada com D. Gabriel, que fôra trazido para a côrte portugueza. O fogo preso, que Beckford tanto admirou no Terreiro do Paço seria o que o Intendente Manique exhibiu em Agosto de 1793, n'essas estrondosas festas, que se descrevem na *Gazeta de Lisboa.*

screvendo as luminarias, e o fogo de vistas no Terreiro do Paço, Beckford deixa o seguinte traço: «Do Terreiro do Paço fomos á grande praça onde está o Palacio da Inquisição; ahi achámos multidão immensa, á qual tres ou quatro prégadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações de outro e melhor mundo.» Era n'este meio fradesco e estupido, que o genio de Bocage desafogava em esfusiadas de ironias e sarcasmos, que o culto lord apreciou.

Pela *Gazeta de Lisboa*, [1] sabe-se que Beckford estava em Inglaterra desde Julho de 1796, e que tinha chegado a Paris em 23 de Dezembro de 1798; em Março de 1799 achava-se em Lisboa, como se vê pela Correspondencia geral do Intendente. [2] Beckford

---

[1] 1798, 2.º Suppl. ao n.º II.

[2] Colligimos alguns documentos do archivo da Policia:

«O facto que accusa a carta inclusa do Marquez de Marialva D. Diogo, acontecido a Beckford, que V. Ex.ª me manda informar, aconteceu do modo que vou expôr a V. Ex.ª

«Hindo Beckford de passeio com o seu architecto pela estrada que vae de Paço d'Arcos para Oeiras a pé, com os seus creados com os cavallos á mão, chegou a elle um mendicante e lhe pediu esmola; Beckford lh'a recusou dar e lhe disse que fosse trabalhar, pelo vêr um homem robusto e mal encarado; respondeu-lhe o mendicante: — Fóra, Diabo, Francez! A isto Beckford com o açoite que levava na mão descarregou sobre o pobre e foi andando; este pobre com um páo que levava, por detraz descarregou com elle e por pouco não deita a terra Beckford, porque ainda o páo o apanhou sobre os hombros; donde se conclue, que o dito men-

não se preoccupou mais com Bocage, podendo ter exercido sobre elle um influxo prodigioso; porventura as suas ideias revolucionarias o tornaram antipathico, ou os mediocres o confundiram com a indignidade de Tolentino, diante d'aquelle que pelo seu tino esthetico soubera aproximal-o de Camões.

---

dicante lhe atirava a segural-o pela cabeça; a este tempo iam passando dois cadetes, os quaes immediatamente prenderam o dito mendicante, e o levaram á cadeia de Oeiras.

« Escreveu-me o Marquez de Marialva referindo-me este acontecimento; mandei vir o mendicante para as cadeias do Limoeiro, onde já estava quando recebi o aviso de V. Ex.ª, e encontro com effeito um homem, que talvez seja réo de algum delicto grave, que o obrigasse a sahir da provincia da sua naturalidade, pelo semblante carregado que tem, e não declarar as terras por onde tem estado estes ultimos tempos me dá alguma desconfiança de que seja algum assassino, que ande mascarado na qualidade de mendicante, para se encobrir, o que fico averiguando. He o que posso informar n'este pouco tempo a V. Ex.ª para ser presente a S. Mag.de. Lisboa, 29 de Dezembro de 1794. Ill.mo e Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva. » *(Contas para as Secretarias,* vol. IV, fl. 236 v.)

E em data de 4 de Março, de 1799:

« Ill.mo Sr. Corregedor do Bairro Alto. — Representando n'esta Intendencia Mons.or *Bachford*, que tendo mandado alguns seus cavallos a um Antonio, que por sobrenome não perca, mestre ferrador, morador por detraz do palacio de Calhariz, este lhe faltara, e que por este motivo não podia proseguir a jornada, que pretendia fazer. V. me mandará logo prender o referido alquilador, e recolhel-o a uma das cadeias do Limoeiro, á minha ordem, dando-me parte por escripto de assim o haver executado. Lisboa, 1 de Março de 1799. *(Correspondencia geral do Intendente*, vol. XI, fl. 293.)

A esta relação entre os dois poetas volvem quasi sempre os criticos; Ferdinand Denis, no seu *Camöens et ces Contemporains* accentua-a: «Teve de commum com o auctor dos *Lusiadas* o ir á India, e ser tambem lá maltratado; com a differença porém, que as desgraças de Camões se acham travadas com os acontecimentos do seu seculo, e em todas as suas desventuras havia sempre uma especie de nobreza, que alentava os seus brios de cavalleiro...» E fallando da decadencia do poder portuguez na India, prosegue: «Bocage pois não achou na antiga capital das Indias portuguezas senão grandes recordações apagadas; e todavia melhor lhe fôra o contemplar aquelles restos gloriosos, curtir saudades da patria, *do que as infelicidades que o esperavam em Portugal.*» Como aconteceu a Camões, tambem os seus versos lhe foram roubados, pouco tempo depois de ter regressado á patria, em casa de José Salinas de Benevides, em 1793, quando estava em Santarem; e como a Camões, tambem os poetas mediocres o envolveram em hostilidades, denunciando-o como atheu e livre-pensador, arrojando-o aos carceres policial e inquisitorial. Não podendo medir-se com elle pelo talento, atormentaram-no pela intriga; assim amesquinhavam um genio que não chegou a revelar o poder creador. Essas luctas litterarias deixaram o reflexo dos odios em numerosos Sonetos satiricos, que encerram a historia das vicissitudes da Nova Arcadia, a ephemera Academia que procurava continuar a auctoridade do pseudo-classicismo francez.

§ II. A Nova Arcadia e suas luctas litterarias

Depois de extincta a *Arcadia lusitana*, persistiu o seu espirito, continuando muitos dos seus socios a metrificar pelas normas pseudo-classicas que impuzera ao gosto; assim na enorme producção de Odes e Eclogas dos *Poetas da manada*, (como lhes chama Antonio Lobo de Carvalho) á elevação da Estatua equestre em 1775, figuram Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Luiz Corrêa de França e Amaral, P.e Manoel de Macedo, e o Capitão Manoel de Sousa. [1] Outros successos occorreram que estimularam a producção poetica, umas vezes satirica como a desenfreada metromania da *viradeira*, contra o Marquez de Pombal depois da sua queda do favoritismo em 1777; outras vezes encomiastica como á acclamação de D. Maria I em 1778, e *elegiaca*, como pelo falecimento prematuro do Principe D. José, em 1788, dando esse facto pretexto para os metrificadores se constituirem em uma Academia continuadora da Arcadia.

Pela organisação da *Academia das Sciencias* em 1779, o elemento das Bellas Lettras formava uma das Classes da auspiciosa cor-

---

[1] Transcrevemos aqui o titulo da obra que authentíca a sua qualidade de árcade:

Historia antiga, escripta em lingua franceza por Monsieur Rollin... Offerecida na lingua portugueza ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Conde de Oeiras .. por MANOEL DE SOUSA, Capitão de Infanteria com exercicio de Engenheiro e *Socio da Arcadia de Lisboa*. Lisboa. Na offic. de Miguel Manescal. Anno de M.DCC.LXVII. Com todas as licenças. In-8.º peq. de L-279 p.

poração, que ia relacionar Portugal com a civilisação europêa do fim do seculo XVIII; Frei Joaquim de Foyos *(Fabio)* foi um élo na transição da Arcadia para a Academia das Sciencias, mas apesar da sua cultura latina, não iniciou o novo criterio philologico em reagir contra a rhetorica formal. A Arcadia embora extincta, exercia um perstigio tradicional, formando-se outras á sua imitação, como a *Arcadia de Extremoz*, por alguns Oratorianos, e a *Academia de Humanidades de Lisboa*, fundada por Candido José Xavier Dias da Silva *(Thyrso Aonio)*, a qual chegou a ter séde na Secretaria do Senado de Lisboa, por influencia de Jeronymo Martins da Costa *(Cassidro Lisbonense)*. Por dissidencia de cinco socios, veiu a ser substituida pela *Academia de Bellas Lettras* ou NOVA ARCADIA. (Vid. a p. 247-250 a Circular de 3 de Julho de 1791.)

A tradição do purismo da *Arcadia Lusitana* dominava os espiritos, que na sua idealisação procuravam imital-a e continuar a sua auctoridade. Em uma Satira contra o escriptor dramatico P.e José Manoel de Abreu Lima allega-se essa tradição:

Qual outr'ora, os das Ménalas montanhas
Da Lusitania, os *Arcades* zelavam
As Leis, as justas leis, que o de Stagira
E o de Venusa oraculo, dictaram,
Hoje, quasi, entre nós desconhecidas.
Coridon immortal, o grande *Elpino*,
E os socios divinaes que começaram
Co'as lições e co'exemplo memorando
A restaurar da Patria a gloria antiga,
Que os Sás, Camões, Bernardes e Ferreira
Nas azas de ouro aos céos guindado haviam,
Lá do cume do monte bipartido

A um sôpro seu das faldas enxotavam
Nojosas gralhas, que piar ousassem,
E ao som encantador dos alvos cysnes
Afogadas no charco as rãs morriam.
Era já nova Athenas Ulyssêa.
. . . .
. . . . Notar cumpre,
Que inda que os sabios *Arcades* se extingam,
Seus raios darão luz perpetuamente. [1]

A) A tradição da Arcadia

A ARCADIA DE EXTREMOZ. — Em um volume manuscripto das Odes de Diniz, encontramos varias Odes de Padres Oratorianos, que revelam a existencia de uma pequena Academia na Congregação da Casa de Extremoz, que bem merece enfileirar-se com as *Arcadia de Guimarães*, *Arcadia do Porto* e *Arcadia Conimbricense*. Era sustentando a tradição do purismo que esse pequeno grupo arcadico reagia contra a decadencia do gosto litterario:

Parvoices, nunca tantas se ouviram,
Que heide lêr, senão isto? Quando querem
O bom poeta lêr, Camões desprezam,
O bom Castro, *Garção, Quita* não abrem;
Se apparece a *Preciosa* ou *Insulana*,
A *Fenix Renascida*, o *Pastor Fido*,
Quanto estimam já tem, quanto buscavam;
E na casa dos doidos, nas palhinhas
Não vêmos todos estes miseraveis?

---

[1] *A Vingança das Musas*, ou *Abreu Lima transformado em Burro*. Ms. 7008 da Bibl. nac. J. F. de Castilho aventa a hypothese de ter sido este padre quem roubara os versos de Bocage em Santarem.

Este fragmento de Epistola do referido inedito é assignado por *Corydon;* era o nome do P.e João Pedro Pessoa, do qual nos dá noticia o P.e José Theotonio Canuto Forjó, tambem na mesma Arcadia denominado *Leucacio Fido*, dedicando-lhe em 1784 uma Ode: «Ao Rev.º P.e João Pedro, da Congregação do Oratorio de Extremoz, chamado na Arcadia *Corydon Myopazonte.*» E referindo-se á Epistola, diz para evitar o equivoco da homonymia, que ahi apparece o *Garção* apontado como modelo. Dá-nos outras noticias: que fôra seu condiscipulo nas aulas do Oratorio em Extremoz, e que ensinara Rhetorica no Collegio dos Nobres até á sua morte em 1799, tendo trinta e nove annos de edade: «Era excellente poeta e critico judicioso. Existem d'elle algumas poesias e uma parte do *Paraiso perdido* traduzido em verso solto.» [1]

Junto com a collecção manuscripta das Odes de Diniz, vem anonyma uma Ode «Ao P.e José Bernardes, chamado na Arcadia *Alexis Leptofonio*, quando sahiu da Congregação do Oratorio de Extremoz.» Sobre este *Alexis*, escreve Forjó, em uma nota a uma «Ode a Elpino Duriense, mandando o A. sem o conhecer os dois volumes das suas Poesias.» [2] «*Alexis.* Na mesma Sociedade era conhecido por este nome José Bernardes, da mesma

---

[1] Bibl. nacional. Ms. L—4—19. No Ms. U—1—50, fl. 77, vem uma Canção de Corydon ao Deus menino; e uma Ode Infanticidio, traduzida do grego de S. Basilio (fl. 82 v.)

[2] Bibl. nac. Ms. L — 4 — 19.

Congregação, depois Juiz de Fóra no Rio de Janeiro, e agora empregado n'uma secretaria d'aquella côrte. Poeta admiravel, de quem ha varias Poesias, e entre outras, tres Epistolas dirigidas ao auctor, que então não conhecia. Alli é que me deram *me inconsulto* o nome de *Leucacio Fido;* pois não é de crêr que eu me arrogasse a denominação de um distincto membro da respeitavel e sempre saudosa *Arcadia Lusitana.*»

Sabemos de um outro árcade por uma Epistola de *Leucacio Fido* a *Candido Cyprio*, em 5 de Maio de 1787; e em poesias varias, os nomes de *Alfeno Apistio*, e tambem um *Filinto* apparecem como membros d'esta pequena sociedade de amigos, para os quaes a poesia era um passatempo da clausura religiosa e em harmonia com um humanismo formal. Regista-se a existencia da *Arcadia de Extremoz* para determinar a intensidade de uma corrente, que se manifestava por diversas formas, mas sempre na mediocridade.

ACADEMIA DE HUMANIDADES DE LISBOA. —Pelas Elegias recitadas em 5 de Outubro de 1788 celebrando o falecimento do Principe Dom José, é que se conservou a noticia d'esta Academia, verdadeiro élo de transição da *Arcadia lusitana* para a *Nova Arcadia.* Muitos dos seus socios foram considerados como tendo pertencido á primeira; taes são Domingos Maximiano Torres, Manoel Thomaz Pinheiro Aragão, e Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, pela tradição que chegara até Costa e Silva. Pode-se reconstituir aproximativamente o catalogo dos socios da *Academia*

de Humanidades, pelas referencias de alguns folhetos de versos contemporaneos:

1) Domingos Maximiano Torres—*Alfeno Cynthio.*

Nasceu em Rio de Mouro, em 17 de Janeiro de 1726, sendo seus paes Julião Francisco Torres, guarda de numero da Casa da India, e Joaquina Agueda Maria. Frequentou a Faculdade de Leis, em Coimbra, formandose em 1770. Mereceu a intimidade de Filinto Elysio, até ao tempo da sua expatriação, mantendo até á sua morte uma correspondencia litteraria e affectuosa. Filinto incluiu nas suas Obras muitissimas composições de *Alfeno Cynthio*, que possuia como ineditas, salvando-as pela publicidade.[1] Os seus primeiros ensaios de versificação foram dirigidos por Domingos dos Reis Quita, cuja morte mysteriosa celebrou, assim como a de Garção. Não tendo pertencido á Arcadia, que se extinguira quando regressou graduado a Lisboa, continuou o seu espirito cooperando na fundação da *Academia de Humanidades.* Esteve occupado na catalogação da Livraria do Collegio dos Nobres (expolio da expulsão dos Jesuitas) e da Livraria do Abbade Barbosa Machado, incorporada na da Casa Real, desde Novembro de 1768 a Outubro de 1769. O Marquez de Pombal mandou-o despedir d'este serviço *por não lhe agradar a sua letra.*[2] Maximiano Torres, em presença da desgraça dos poetas que admirara, conservou

[1] No tomo XI das suas Obras.

[2] *Filinto Elysio e os Dissid. da Arcadia*, p. 324.

sempre um inquebrantavel sentimento de independencia e dignidade moral; retrata-se na sua *Ode a Duarte Pacheco*, inedita, da qual transcrevemos alguns trechos:

Aquelle que, guiado da virtude,
Ao templo da suprema eternidade
Sobe armado de rigida constancia,
De indomita coragem;

Com placido semblante abre caminho
Por entre rudes sarças espinhosas,
Por escarpados, ingremes rochedos,
Da rigida montanha;

Não lhe fazem torcer o firme intento
Agudos uivos de roazes lobos,
Nem dos torvos leões roucos rugidos,
Nem serpes sibilantes;

Nem vêr no ár ardendo em viva brasa
Estridentes coriscos arrojar-se,
Nem vêr a terra té ao inferno aberta
Chammejando horrorosa.

Em vão com doce canto e meigas vozes
Mil sereias risonhas lhe offerecem
Honras, thezouros, mandos e privanças,
Deleites infinitos;

Em vão lhe mostram com sagaz porfia
Frescos jardins, palacios magestosos,
Com opiparas mezas rodeadas
De flores impudicas.

Pois que, sem arredar da via um passo
Qual se do rijo bronze o peito houvera,
Tapa os ouvidos, cerra a tudo os olhos,
Inteiro, inexoravel. Etc. [1]

---

[1] No Ms. U—1—50, fl. 267. (Bibl. nacional.) Tem mais 14 estrophes saphicas.

Occupou na Casa da India o logar vago pelo falecimento de seu pae. No *Jornal Encyclopedico*, de Janeiro de 1792, falla d'elle com muito elogio Joaquim José da Costa e Sá; a Academia real das Sciencias elegeu-o em 1798 seu socio correspondente, exercendo alli o cargo de revisor da typographia. [1] A Academia premiou em 1790, na assembleia

---

[1] Archivamos aqui o valioso documento relativo a este facto:

«*Ill.mo e Ex.mo Snr.*

«O B.el Domingos Maximiano Torres, tendo-se applicado desde os primeiros annos ao estudo das Humanidades e das Linguas grega, latina, franceza e italiana, e especialmente ao da sua materna, em que tem poetisado, sem desdouro da Nação, tem noticia que se hade provêr um logar na Secretaria da real Academia das Sciencias; e como o Supp.te se persuada com os requesitos necessarios para exercer o dito ministerio,

Recorre á judiciosa protecção de V. Ex.a a fim de se lhe conferir o referido emprego.

E. R. M.cê»

(Papel selado a oleo—10 reis):

«Recebi do Snr. Dr. Alexandre Antonio das Neves, Guarda Mór dos Estabelecimentos da Academia real das Sciencias, sessenta mil reis do semestre do Corrector da Officina, e do Official da Secretaria da sobredita Academia, vencido no ultimo de Julho proximo passado; e para sua defeza lhe passei o presente. Lx.a 17 de Agosto de 1801.

O B.el *Domingos Maximiano Torres.*»

60$000 reis.

Como Secret.o
Antonio Caetano de Amaral.

publica de Maio a sua Cançoneta *Goso e Pena;* em 1791 publicou uma parte dos seus *Versos* (XVI—303 p.) dedicados á poetisa D. Catherina Michaela de Sousa, esposa do ministro dos estrangeiros. Parece que a ultima composição impressa são os *Ensaios metricos sobre a Paraphrase dos Psalmos*, em 1806. (In 8.º 42 p.) Tornou-se suspeito pelos seus sentimentos de liberdade, e depois da sahida dos francezes, foi perseguido por *jacobino*, e deportado para o sul do Tejo, apesar da sua edade e doenças, morrendo no Lazareto da Trafaria em 5 de Outubro de 1810.

2) Anacleto da Silva Moraes — *Anaclusio.*

Poeta satirico, escreveu á imitação de Diniz no *Hyssope*, um poemeto heroi-comico a *Malhoada*, tomando para heroe o improvisador Antonio Gomes Malhão. Eis o argumento, que revela um intuito de reacção contra a dacadencia litteraria: «Antonio Gomes Malhão, achando-se no Cirio da Nazareth, ao tempo em que no mesmo sitio se achava uma grande parte da Nobreza da côrte, appareceu entre ella compondo ao som de uma viola varias trovas, em que se notava mais a precipitada promptidão com que eram feitas, do que a belleza que deviam encerrar. O preclarissimo D. João Domingues de Mello, que escutara os seus improvisos, reconhecendo-lhe alguns talentos, e persuadindo-se que cultivados estes com um serio estudo o poderiam fazer feliz mediante a sua protecção, trouxe-o na sua companhia para Lisboa. Elle abusando d'este favor e afastando-se d'este projecto,

cerrou os livros e se negou ao estudo, e enfunado dos louvores de cabeças ôcas se julgou perfeito e consumado poeta, insultando até aquelles que ao principio lhe emendavam os versos e prudentemente o aconselhavam. Este enthusiasmo lhe quiz abafar o auctor d'esta obra com uma critica que intitulou *O Malhão;* estes successos constituem a acção do presente poema.»

Na satira, que precedeu o Poema, descreve Anacleto os versos de Malhão, pondo-os em confronto com o dos poetas, que já então constituiam a *Academia de Humanidades:*

> Com uma tal desusada Cantilena,
> Que não passando de um chorrilho ou trova,
> Toscamente applicado e mal polido,
> Tem convocado os vivas e as palmadas
> De estupidos peraltas, e d'aquellas
> Gagés Madamas, que ainda mais não lêram
> Que os Successos de *Carlos e Rosaura,*
> E *Os Constantes amores de Florinda.*
>
> . . . .
>
> Tu, famoso *Lereno*, que és assombro
> Dos mais illustres meus presados filhos,
> Que a sonorosa voz soltando aos áres
> Tens presentes os tempos e as edades,
> As situações das terras mais remotas,
> As Fabulas antigas e intrincadas,
> A Historia universal e Genealogia
>
> . . . .
>
> Entre homens doutos que de ouvir-te pasmam;
> Nem tu podeste escapar ás garras
> Da tumida ignorancia, que atrevida
> Mostrando-te de longe os secos dentes
> Quiz retalhar o teu merecimento!
> Mas vingado serás, que eu te protesto
> Do fallador Malhão tomar vingança.

E justificando-se diante de Apollo a necessidade dos versos de Malhão para divertirem Lisboa, Anacleto compara-o a outros metrificadores da epoca, que symbolisavam a decadencia do gosto litterario:

> Não são melhores que elle, certamente,
> Muitos versejadores que tu soffres,
> Um *José Daniel*, um *Mazza*, um *Valle*,
> *Cortezes*, *Alpoins*, *Nunes*, *Viannas;*
> E os mais que entulham de Lisboa as ruas,
> E compondo Entremezes para os cegos,
> Decimas frias, rancidos Romances,
> Passam honradamente a sua vida,
> Sem darem que fallar aos maldizentes.
> *Mais ia por diante o monstro horrendo,*
> Se a voz lhe não quebrara o Deus potente,
> O qual depois de dar-lhe um bom varejo,
> A conceder-lhe vêm o que pedia:
> — Fique (lhe diz) impune o teu trovista,
> Já que tanto te empenhas por livral-o;
> Mas faça os seus chorrilhos desterrado
> De illustres Casas e das Assembleias
> Onde gira o bom gosto, onde se preza
> O bom *Lereno*, o singular *Matuzio*
> O grande *Figueiredo*, o grato *Amintas*
> E os mais que não repito por seus nomes,
> Bem conhecidos são entre os viventes. [1]

N'esta Satira glorificam-se os nomes de Domingos Caldas Barbosa (*Lereno*), Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral (*Matuzio*), Figueiredo (*Lycidas Cynthio*) e Mathias José Dias Azedo (*Amintas.*) Apontava alguns socios da Academia de Humanidades, que se empenhavam em conservar a tradição do arcadismo contra a invasão dos improvi-

---

[1] *Poesias varias*, vol. 8.º, fl. 103 a 115.

sadores trovistas. O Malhão replicou á Satira com uma outra, em que representa a visão do Templo da Poesia, na qual liga a influencia dos Quinhentistas á dos Arcades:

Vejo o grande *Camões* em solio altivo
Esmaltado, de estrellas rutilantes...
Estendo mais a vista, quando observo
Um *Ferreira*, um *Bernardes*. um *Caminha*,
Lobo, *Corte Real*, *Sá de Miranda*,
Benemeritos filhos do grão Delio.
....
Apollo, que me vê ficar suspenso,
Me diz: — Esses diademas refulgentes
Que vês, estão ha tempos destinados
Para os distinctos *Arcades* famosos,
Honra immortal da Lusitana gente...

Depois consulta Apollo sobre o merecimento do Anacleto:

Declara-me se acaso um Anacleto
A quem o bom *Lereno* mata a fome,
Caturra nas feições, côr de chibarro,
Figura acachapada, qual Bertholdo,
Alma infezada de venerea peste,
Merece o nome honroso de teu filho?

Responde-lhe Apollo, alludindo ao verso de Camões, no episodio do Adamastor, que Anacleto empregara como centão:

— Um sórdido plagiario ser meu filho?
No meu castalio côro não se admitte
Quem os alheios versos furta ás claras,
Para em Satiras acres empregal-os...
Tal pedante só pode fazer trovas
Nos laus-perennes, que cultiva tanto.

E alludindo ao genero erotico que elle cultivava, e do qual uma Elegia anda impressa em nome de Bocage, fere-o com rancor:

Nas Estufas do Carrião immundo
Alli acabará seus loucos dias;
Das furias da lascivia acompanhado
Será seu corpo a dar-lhe sepultura...

(Poesias varias, t. VIII, 124.)

Foi depois d'esta Satira, que Anacleto da Silva Moraes estendeu o seu resentimento nos cinco cantos da *Malhoada;* e diz logo aos primeiros versos:

E tu, *Lereno* amigo, que em meu Canto
Sempre alado serás sobre as estrellas,
Accolhe a bronzea lyra, que dedico
A' gratidão e á candida amisade.
Se o teu saber profundo, se o teu braço
Para me defender ao lado tenho,
Verás como encarando a vil caterva
De atrevidos pedantes, que me insultam
Qual carniceiro lobo, invisto e atérro
Pavorosa phalange de rafeiros.

Depois para caracterisar a feição litteraria de Malhão descreve a corrente do máo gosto, que fôra combatida pela Arcadia e por elle agora renovada:

Ah, meu tempo, meu tempo! quem pensara
O miserrimo estado a que chegaram
As poeticas obras! Eu me lembro
Dos nocturnos Outeiros, onde alçando
A sonorosa voz o *Thomaz Pinto*,
Me enchia esta alma de prazer immenso.
Nem tu me esqueces, memoravel sempre
Pina de Montemór; tu, façanhudo
Felix de Santarem; vós, cujos nomes

Faziam trepidar os bons Poetas
De antes do Terramoto, e inda hoje duram
Na eterna voz dos cegos pregoeiros;
Vós, de quem os *Romances* adornados
De intrincados *equivocos* farfantes
Inda brilhavam mais que uma cabeça
Coberta de vidrilhos e velorios,
Que raiva, que furor não vos pungira
Se visseis hoje uns poucos de indigentes
Disputar-vos a gloria, o nome, a fama?
Um *Josino* cruel, que estafa o povo
Com Eclogas rançosas e Entremezes,
E por mais que lhe clamem que se cale
Continúa a fallar co' mesmo ranço. . .
Importuno *Vianna*, quem te mette
A imprimir producções do teu engenho?
Inda choro os dez reis que me levaste
Co' teu papel da Serração da Velha!
Triste Lisboa, a que infeliz estado
Os prezentes Trovistas te chegaram!
Ditoso tu, *Malhão*, que entre as ruinas
De um seculo arrastado te apresentas
A renovar memorias já sediças
Dos antigos heroes que a terra cobre,
Pina, *Alexandre Antonio* e *Thomaz Pinto*,
São os modelos que te trago á mente.

Em uma Epistola a Lourenço Anastacio Mexia Galvão, estribeiro da rainha, achando-se na sua quinta da Porcalhota, Anacleto da Silva Moraes, queixa-se da sua inopia:

Serei farto de vivas e de applausos;
Mas isto de que serve, se me faltam
Os sapatos, as meias, as fivelas,
O britano vestido, o chapéo grande,
E se não me retine na algibeira
O luzente metal mysterioso. . .

Intercala na Epistola um verso de Garção, pintando a miseria dos poetas:

Um desabrido Alcaide, que lhes varra
Os pobres trastes com que as salas ornam,...
Mas eu que d'estas classes ser não quero,
Trabalho sem cessar de noite e dia,
Nem me envergonho de que o mundo o saiba.

Além d'estas composições ineditas, ha uma Satira em versos emparelhados, com o titulo *O Mandrião feliz nas desordens da sua vida*, feita contra José Daniel Rodrigues da Costa pelos mesmos consoantes de um papel que este escrevera e que os cegos vendiam. Nas poesias de um natural de Lisboa (o P.e Bushe) é que se encontra o seu nome arcadico de *Anaclusio*. Tambem transitou para a Academia de Bellas Lettras em 1790; [1] o seu falecimento é fixado em 17 de Dezembro de 1831.

3) Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira — *Belmiro Transtagano*.

Um dos cinco dissidentes da *Academia de Humanidades*, e iniciador da *Nova Arcadia*.

4) Jeronymo Martins da Costa — *Cassidro Lisbonense*.

Obteve para a *Academia de Humanidades* a protecção do Conde de Povolide, e séde na secretaría do Senado de Lisboa. Transitou para a *Nova Arcadia*.

5) Luiz Corrêa de França e Amaral — *Melizeu Cyllenio*.

Transitou como dissidente para a *Nova Arcadia*.

---

[1] Publicou uma Ode no *Almanach das Musas*, tom. IV, p. 78. No Ms. da Academia das Sciencias, G — 2, vem uns versos ineditos seus A' Ex.ma Snr.a D. Maria Mascarenhas de Menezes, datados de 23 de Abril de 1793.

6) Domingos Caldas Barbosa — *Lereno Selinuntino.*

Transitou para a *Nova Arcadia.*

7) Candido José Xavier Dias da Silva — *Thyrso Aonio.*

Iniciador da *Academia de Humanidades,* cuja primeira séde foi em sua casa.

8) Manoel Franco de Sequeira — *Myrtillo Alpheo.*

Deu séde em sua casa á *Academia de Humanidades* na ausencia de *Thyrso Aonio.* Com as iniciaes M. F. de S., imprimiu uma Ode e Soneto á morte do Principe D. José.

9) .... — *Sylvano Elysio.*

Secretario da *Academia de Humanidades.* Assigna a circular de 3 de Julho de 1791, em que se narra a dissidencia.

Mathias José Dias Azedo — *Amintas.*

Professor da Academia de Fortificação. Possuia os autographos de Diniz.

Pedro Valentim Cesar Botelho — *Cerillo.*

No opusculo *Queixas do Pastor Cerillo,* publicado em 1789, dá-se como «Pastor do Almonda» e Socio da *Academia de Humanidades de Lisboa.*

José de S. Bernardino Botelho — *Albano.*

Celebrou o natalicio do Principe D. José em uma Epistola de 21 de Agosto de 1788, que a morte truncou d'ahi a poucos dias. Falla dos seus talentos:

> Acompanhaes Newton sobre as estrellas;
> Da mutua gravidade ás leis singelas
> Vêdes obedecer sóes e planetas...

. . . .
Revolveis os annaes da raça humana,
Com que o leitor sagaz tanto se engana;
A verdade apartaes dos fingimentos,
Os factos escolheis entre os portentos. . .

Foi por estas capacidades e estudos que a morte do Principe D. José occorreu subitamente.

10) P.e José Manoel de Abreu Lima.

Fez o elogio historico do Principe D. José; o que leva a inferir que pertencera á Academia de Humanidades, que se manifestara collectivamente n'essa glorificação. Forneceu dramas para os theatros do Salitre, Rua dos Condes e San Carlos. Provou as garras satiricas de Bocage. Era prègador de fama; a reacção absolutista em 1825 nomeou-o bibliothecario da Ajuda, sendo depois expulso como miguelista. Morreu repentinamente estando a prègar em uma ermida.

11) José Cypriano Ferreira Rédmund.

Publicou um Epicedio ao Principe D. José em tercetos, contendo cento e doze estrophes. Elogia-o pelo talento que revelava:

O Principe melhor, que teve o mundo,
Que nas vastas ideias comprehendia
Da Natureza o cahos mais profundo:

Que nutrido de uma sã Philosophia,
De uma Logica pura, Ethica santa,
Da solida e preciosa Astronomia;
. . . .
Humano, popular e sempre augusto,
Dos vassallos fieis amparo certo,
Benigno, liberal e nunca injusto.

Coração á pobreza sempre aberto,
Alma, aonde a intriga co'a verdade
Não tiveram jámais mutuo concerto.

12) Manoel Pereira Thomaz Pinheiro Aragão — *Almeno Tagidio.*

Publicou os seus versos em 1805 com o titulo *Jardim das Musas e dos Sabios*, e celebrou Bocage. Dando-o Costa e Silva como árcade, vê-se que confundiu a tradição, pelo esquecimento em que cahira a Academia de Humanidades.

13) Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral — *Matuzio.*

Na Satira de Anacleto da Silva Moraes é apontado como um dos que com Caldas, Dias Azedo e Figueiredo reagiram contra a corrente dos trovistas. Bocage considerou-o seu rival.

14) Dr. Antonio Ribeiro dos Santos — *Elpino Duriense.*

Tendo sido chamado a Lisboa pelo governo em 1788, a sua entrada na Arcadia só se pode explicar pela confusão com a Academia de Humanidades, que elle não acompanhou na sua transformação, não lhe sendo sympathicos nem o Caldas, nem Bocage.

15) João Antonio Monneau — *Jonio Sorbonense.*

Apparece figurando em 1795, na segunda phase da Nova Arcadia.

E' plausivel a hypothese, que José Agostinho de Macedo formasse parte d'esta Academia com Francisco Dias Gomes, *Alcino*, mesmo José Basilio da Gama, *Termindo Sepilio*,

que Costa e Silva julgava pertencer á ultima geração da Arcadia lusitana. [1] O que determinaria a revivescencia do arcadismo? A aris-

---

[1] Archivamos aqui a carta que José Basilio da Gama dirigiu a Matastasio, remettendo-lhe em 1769 o Poema *Uruguay:*

«L'omaggio dell' incolta America è ben degno del grande Matastasio. Questo nome è ascoltato com ammirazione nel fondo delle nostre foreste. I sospiri d'Alceste, e di Cleonice sono famigliari ad un popolo, che non sa che sia Vienna al mondo. Bel vedere le nostre indiane piangere col vostro libro in mano, e farsi un onore di non andar al teatro ogni volta che il componimento non sarà di Matastasio! S'io vengo de cosi lontano presentarvi un Poema, il di cui soggetto é tutto americano, non sono in questo che l'interprete de' sentimenti del mio paese, e questo onore mi si dovea dopo essere stato piu d'una volta interprete de' vostri. Io non aspiro ad altro che a rassieurarvi che sono ecc.

Basilio da Gama,
Brasiliano.»

Eis a resposta de Matastasio:

«La mia crassa ignorancia dell' idioma de suo Poema non à bastato, gentilissimo signore Gama, a nascondermene tutto il valore. Ne ò già scoperto per me stesso abbastanza per trovarmi convinto, che Apollo anche su le sponde del Rio de Janeiro à il suo Delo, il suo Cinto, ed il suo Elicona: e per affretarmi a procurare, como io faccio, un abile expositore che renda la mia vista piú chara, ed il mio piacer piu perfetto. Baon per me, che l'età non secondi la violenta tentazione de cambiar d'emisfero per goder presente l'invidiable parzialità delle spiritose ninfe americana; incontrerei colà nel mio benevolo interprete un tropo periculoso rivale. Abbia egli cura almeno di conservarmi gli acquisti de' quali io gli son già debitore, e ponga in attività l'obbligante riconoscenza di chi sarà invariabilmente, etc.

Vienna, 7 aprile, 1770.»

(Apud *Portugal e Italia,* de Antonio de Portugal Faria, vol. II, p. 411.)

tocracia dava-se áres de grandeza, não só protegendo os poetas mas tambem fazendo versos. O Cardeal Bellisomi ufanava-se em Lisboa de ser socio da Arcadia de Roma com o nome de *Esperillo Aridio;* o Embaixador hespanhol D. Vicente Imperiali, marquez de Oira e de Latiano tambem pertencia á Arcadia de Roma com o nome pastoril de *Sosare Itamejo.* [1] O Padre Domingos Caldas Barbosa, que com José Basilio da Gama pertencia á Arcadia de Roma, era protegido pelo primeiro Marquez de Bellas e sexto Conde de Pombeiro, José Luiz de Vasconcellos e Sousa, o qual, apezar das suas altas funcções na magistratura e na politica cultivava a poesia; a instalação da Academia de Bellas Letras, pelo Caldas no palacio do seu protector, está indicando o movel que determinou a transformação da quasi apagada *Academia de Humanidades de Lisboa* em uma *Nova Arcadia,* em que a apparição de vigorosos talentos, como Bocage e José Agostinho em 1790 não deixaria tambem de influir.

B) Os iniciadores da Nova Arcadia e o rompimento com Bocage

Em uma carta de Francisco Joaquim Bingre, datada de Mira, em 27 de Junho de 1848, dirigida a José Maria da Costa e Silva, consignava o octogenario poeta recordações valiosas sobre a fundação da Nova Arcadia: «n'esta epoca me demorei em Lisboa,

---

[1] Na Collecção de versos ao Principe D. Antonio.

aonde, com alguns meus antigos amigos, demos principio á nossa *Arcadia*, sendo eu e Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira e Joaquim Severino Ferraz de Campos, as pedras fundamentaes d'ella; eu, primeiro socio, Belchior segundo, terceiro Joaquim Severino, que foi secretario da mesma Academia com o titulo de *Academia de Bellas Lettras de Lisboa:* e depois, vindo Bocage da India, tomou conhecimento de grande amisade commigo, e entrou para a nossa Academia, e muitos outros, fazendo as primeiras sessões por casas particulares; e algumas no palacio da Condessa de Vimieiro; e todas as quartas feiras nos juntavamos em casa do Conde de Pombeiro no quarto do Caldas, chamadas as *Quarta-feiras de Lereno*, onde depois de um bello almoço se tocavam alguns instrumentos de curiosos e improvisava o Caldas cantando, e se liam as obras que faziamos para serem lidas na Academia, que foi a rogos do Intendente da Policia, Manique, transferida para o Castello de S. Jorge, onde celebrámos grandes sessões, e fomos convidados para uma extraordinaria no Paço da Ajuda em obsequio do nascimento da Princeza senhora D. Maria Thereza, cuja oração da Presidencia foi feita pelo Doutor José Thomaz da Silva Costa Quintanilha, e a do fim por José Agostinho... Eis aqui a origem da nossa Academia...» [1] As recordações de Bingre encerram as phases por que

---

[1] Nas *Miscellaneas* de Merello:

passou a Nova Arcadia: primeiramente, reuniões accidentalmente effectuadas por casas particulares, segundo a moda do tempo; [1] depois, já com intuito de manter o gosto litterario, o pequeno grupo encontrou uma certa cohesão no palacio do quarto Conde de Vimieiro, cuja esposa, D. Thereza Josepha de Mello cultivava com esmero a poesia, tendo sido premiada em 1788 pela Academia real

---

[1] Bingre em uma carta refere-se aos serões poeticos em casa das filhas do Marechal Werne, que Bocage abrilhantava. A fórma dos improvisos mais usual era o glosar indefinidamente qualquer mote.

No poema heroe-comico *A Malhoada* descreve Anacleto da Silva Moraes este costume:

> Já n'este tempo o celebre versista
> Por pequenas funcções vagava errante,
> Da illustre Casa onde abrigado estava
> Roaz murmuração o tinha expulso,
> E apenas levantava o rouco canto
> Entre montões de insipidas madamas.
> Rico contratador de coiro e sola
> Quer festejar os annos da consorte,
> E' chamado o Malhão para applaudil-os,
> E já no meio da lustrosa sala
> Pelo grande cantor firmada espera
> Retorcida cadeira almofadada.
> D'alli mandando a voz aos vagos áres,
> Um frio assombro lhe pendeu da bocca.
>
> ....
>
> Como ficaram muitos abysmados
> Da facil cantilena, mas um moço
> De talentos, e estudos, que trazia
> A crise feita ao misero versista,
> Começou a fallar em menoscabo
> Nos toscos versos, que louvar ouvira. . .

das Sciencias a sua tragedia classica *Osmia.*[1] Antonio Diniz da Cruz e Silva consagrava-lhe poesias, e Domingos Maximiano Torres *(Alfeno)* com Nicoláo Tolentino confessavam-se nos seus versos admiradores da Condessa de Vimieiro. As reuniões da nova Academia a que a illustre dama daria consistencia, foram interrompidas no seu palacio pela circumstancia do falecimento de seu marido em 10 de Septembro de 1790. Bocage chegara da India no mez de Agosto, e tomara parte no sentimento pela desastrosa morte do terceiro filho do Marquez de Marialva, com uma sentida Elegia; convidado para entrar na recente Academia, um enthusiasmo o revigorava. E' então que se manifesta a influencia de Domingos Caldas Barbosa, (da Arcadia de Roma) que vivendo no palacio do seu protector José Luiz de Vasconcellos e Sousa, Marquez de Bellas e Conde de Pombeiro, Regedor das Justiças, ahi deu séde á Nova Arcadia á maneira italiana com musica, canto e recitação, seguidas as sessões ás quartas feiras de um delicado almoço. Domingos Caldas Barbosa deve ser considerado como um dos

---

[1] D. Thereza Josepha de Mello, nascida em 10 de Janeiro de 1730, casara em 1767 com D. Sancho de Faro e Sousa, quarto Conde de Vimieiro. O Dr. Antonio Ribeiro dos Santos dirigiu-lhe uma carta a proposito da sua tragedia *Osmia*, (Mss. vol. 130, fl. 20 e fl. 41.) pela qual deve acabar de vez a attribuição d'esta peça a Antonio de Araujo de Azevedo, Conde da Barca, como inculca Innocencio, no Dicc. bibliographico. Filinto Elysio satirisou o facto de ser premiada a *Osmia*.

iniciadores da Nova Arcadia, sendo o seu presidente, como refere Bocage em um soneto satirico. A terceira phase da academia poetica, já officialmente considerada em 1793, sendo convidada para um festejo no paço, fixa-se em 1795, quando o Intendente Manique se apoderou d'ella como agencia de glorificação régia, dando-lhe séde no Castello de San Jorge, aonde celebrou as suas sessões até 1801. Sobre este contorno chronologico indicado por Bingre é que podemos seguir a marcha da Nova Arcadia nas suas relações com Bocage. Transcrevemos aqui um soneto, em que Bocage descreve uma sessão arcádica no palacio da Bemposta, presidida pelo mulato Caldas Barbosa: *Descreve uma sessão da «Academia de Bellas Letras de Lisboa», mais conhecida pela denominação de* Nova Arcadia:

Preside o neto da rainha Ginga
A' corja vil, aduladora insana;
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em cópos deseguaes se esgota a pinga.

Vem pão, manteiga e chá, tudo á catinga,
Masca farinha a turba americana;
E o ourang-outang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fôfo Conde, ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode.

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em Dithyrambo, o ex-frade em Ode;
Eis aqui do *Lereno* as quartas-feiras.

(Son. 190. Ed. Act.)

Assim como este soneto nos dá o quadro pittoresco da vida interior da Nova Arcadia, as suas allusões pessoaes contêm os traços biographicos de Caldas Barbosa, poeta brasileiro, bem digno de sympathia, que Bocage hostilisou por uma latente rivalidade. De uma informação dada por um sobrinho, foram colhidas pelo conego J. da C. Barbosa os seguintes apontamentos ácerca do poeta: «O pae de Domingos Caldas Barbosa, depois de muitos annos de residencia em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu á luz o nosso Caldas. Seu pae, apenas desembarcado, o reconheceu e fez baptisar, e quando chegou a edade propria curou de sua educação litteraria, por isso que lhe reconhecia uma viveza e penetração não vulgares, que lhe auguravam bons resultados dos estudos a que o fez applicar. Nas aulas jesuiticas começou Caldas a desenvolver os seus talentos, hombreando com os melhores estudantes; mas o seu genio desinquieto e picante brilhava sobremaneira em algumas satiras, que, como era natural lhe grangearam inimigos. O poeta Caldas soffreu por isso, alem de outros desgostos, um golpe de arbitrariedade bem usual no tempo do Governo antigo. Gomes Freire de Andrade (Conde de Bobadella) então Capitão General do Rio de Janeiro, querendo dar satisfação a algumas pessoas poderosas offendidas pelas satiras do moço Caldas Barbosa, o constrangeu a ser soldado, e o fez destacar para a praça da Colonia do Sacramento, em cujo serviço persistiu até ser invadida pelos Hespanhoes no anno de 1762.

Caldas Barbosa regressou então á patria com o resto da guarnição d'essa praça; mas conhecendo que não se adiantava na carreira militar, apesar de seus bons creditos litterarios, por que o accidente de sua côr lhe era então embaraço mais forte do que o haver nascido fóra de Portugal, deu baixa, e passou-se para a Europa.» [1] A epoca da sua retirada para a Europa fixa-se em 1763, pela «Relação das Pessoas a quem se passaram attestações pela Mesa da Inspecção da Cidade do Rio de Janeiro para passarem a Portugal desde que sahiu a Frota do anno de 1761 athé á sahida da presente Frota de 1763, que vae para Lisboa: = Domingos de Caldas Barbosa, *estudante, vae para Coimbra a continuar seus estudos.*» [2] O pae para o subtrahir áquelle meio terrivel do despotismo de um governo militar, pretextara talvez mandal-o para Coimbra; não chegou a frequentar a Universidade, por ventura pela desgraça da morte de seu pae, noticia que recebeu quando se encontrava em Vianna do Minho:

> Nas margens do claro Lima
> Eu me vi orfão primeiro,
> E então da fortuna opíma
> Vi o dia derradeiro.

Foi talvez por ter conhecido em Coimbra os dois filhos do Marquez de Castello Melhor,

---

[1] *Revista trimensal*, t. IV, p. 210. Rio de Janeiro, 1842.

[2] Na Torre do Tombo. (Communicação de Pedro A. de Azevedo).

formados em canones e em leis, que alcançou d'elles uma benigna protecção. Escreve o conego J. da C. Barbosa, referindo-se a esta sua situação angustiosa na Europa: «Ahi correu elle diversas fortunas, faltando-lhe os auxilios de seu pae, até que por felicidade succedeu ser apreciado no Porto pelos dois bem conhecidos amantes da Litteratura José de Vasconcellos (depois Marquez de Bellas) e Luiz de Vasconcellos (depois Conde de Figueiró), então Desembargadores na Relação d'aquella cidade, os quaes fazendo justiça aos seus talentos poeticos e musicos, o accolheram em sua casa e o fizeram entrar no conhecimento e estima das pessoas mais gradas d'aquella cidade.» [1] O pobre poeta possuia

---

[1] Os dois filhos do 1.º Marquez de Castello Melhor, José Luiz de Vasconcellos e Sousa, e Luiz José de Vasconcellos, foram amigos e protectores de poetas, taes como os seus parentes maternos, Angeja e Villa Verde o foram de Tolentino. Luiz José de Vasconcellos e Sousa (n. 1740, m. 1807) é esse afamado governador do Brasil (1778 a 1790) que accolheu com benignidade Bocage, quando tocou no Rio de Janeiro em viagem para a India. Fôra porcionista do Collegio de S. Pedro em Coimbra e formara-se na faculdade de Canones, seguindo na magistratura como Desembargador da Relação do Porto, e Casa da Supplicação, Desembargo do Paço, de que foi um presidente. A consideração que ligava aos homens de letras era uma consequencia da sua propria cultura; os versos que Bocage lhe dirigiu são um titulo glorioso pela sua verdade moral.

Como protector do poeta Domingos Caldas Barbosa, o fundador da Nova Arcadia, dando amparo á sua existencia desgraçada, deve memorar-se José Luiz de Vasconcellos e Sousa, 1.º Marquez de Bellas e 6.º Conde de Pombeiro pelo seu casamento com D. Rita de Castello Branco e Cunha em 29 de Novembro de 1783.

dotes de sociabilidade, e uma affabilidade de caracter, que o tornavam digno de estima; conhecendo a sua degradação como *mulato*, e os perigos a que se achava exposto em um regimen absolutista, tratou de se accolher ao valimento dos magnates. José de Vasconcellos e Sousa, como era costume entre os Desembargadores, cultivava a Poesia, e com tal enthusiasmo que chegava a assignar como suas as composições dos Quinhentistas; em 1764 elle tinha publicado em um opusculo de 15 paginas uma Ecloga com o titulo *Os Pastores desenganados*, com um extenso prologo mostrando a necessidade de renovar o gosto litterario imitando os bons quinhentistas. A Ecloga não vem assignada, mas tem o titulo «Primeira producção de um Auctor desconhecido.» [1] Começa:

(N. 1739, m. 1812.) Foi tambem alto magistrado, exercendo os logares de Conselheiro de Estado, Regedor das Justiças, Fiscal da Junta dos Tres Estados, Presidente do Novo Codigo, e da Mesa do Desembargo do Paço, sendo em differentes epocas enviado como ministro extraordinario a Londres. Tambem cultivava a poesia, e foi no seu palacio que o beneficiado Caldas Barbosa celebrava as Conferencias litterarias da Nova Arcadia, chamada Academia de Bellas-Letras. O facto de serem irmãos, e ambos illustradissimos, protectores dos dois poetas, mostra-nos como Bocage se achou de accordo com Caldas Barbosa para a creação de um novo fóco de arcadismo.

[1] Lisboa, Off. de Miguel Rodrigues, M.D.CCLXIIII. In-8.º grande, de 15 p.

Bocage conhecia a obra de Fernão de Alvares, quando a proposito do seu Idylio III, escrevia: «Este Idylio, como verá o leitor versado n'isso, é escripto no

ULMENO

Porque a meu triste officio me alevanto
Tão tarde, que já a Aurora clara e pura
Estende pelo céo seu roxo manto;

E alegrando os campos a verdura,
A's cousas restitue as proprias côres
Que lhe roubou da noite a sombra escura...

E termina com a quadra:

Enxutos já meus olhos, contemplando-te
Em ti se empregarão só de proposito;
Mas cá, que sem ti, vivem desejando-te
Façam de tristes lagrimas deposito.

Apesar de se glorificar extensamente no seu prologo de seis paginas o pretendido Auctor desconhecido, a Ecloga dos *Pastores desenganados* pertence integralmente a Fernão d'Alvares do Oriente, e vem no livro primeiro, prosa quinta da *Lusitania transformada*, que desde 1607 corria impressa, e só se reproduziu em 1781. Desde esta data é que o plagiato do Conde de Pombeiro se poderia tornar conhecido, e a phrase *O fòfo Conde*, do Soneto de Bocage, parece resultar de menor consideração pela sua litteratura. José de Vasconcellos e Sousa vindo para Lisboa como Regedor das Justiças obteve de seu irmão o

---

estylo de Fernão Alvares do Oriente.» Por ventura conheceria elle o plagio dos *Pastores desenganados?* O Conde de Pombeiro tambem fez uma traducção da *Henriada* de Voltaire, que se publicou em Lisboa em 1807; Bocage traduziu alguns excerptos d'este poema.

Marquez de Castello Melhor, que admittisse em sua casa o poeta Caldas Barbosa, auxiliando-o para se ordenar de clerigo, e alcançando-lhe um beneficio ecclesiastico e a capellania da Casa da Supplicação. Em um Soneto inedito de Antonio Lobo de Carvalho *Ao Padre Caldas*, achamos uma referencia ao tempo em que elle pensava em fixar a residencia em Lisboa:

> Caldas, não venhas cá, levanta um dique
> Antes que o Minho com teu pranto cresça;
> Que o Tejo só ladrões traz na revessa,
> De róca e espada, que não tem despique.
>
> Ambos os sexos, queres que me explique,
> Sae tudo á noite a vêr se acham remessa;
> E o que piza sem custo uma travessa
> Tópa no outro os Corsarios do Manique.
>
> Braga e mais Braga; mas de seus manjares
> Não comas freiras, cuja lingua é bronca,
> Nem vinho bebas, se não fôr de Amares.
>
> Jóga o wisth barato, ou joga a conca,
> Que eu se tivera um só dos teus Gaspares
> Bem se me dava a mim do mar que ronca.

Seriam talvez do tempo de Coimbra as relações amigaveis entre os dois poetas.

Caldas Barbosa tambem se enfileirou na *manada dos poetas* que celebraram a elevação da Estatua equestre em 1775, aos quaes o terrivel satirico Antonio Lobo de Carvalho fez uma troça sangrenta. Ha de Lobo outro Soneto *Ao beneficiado Domingos Caldas Barbosa*, em que se equipara com elle na pobreza:

Meu Caldas, sabes tu porque a grosseira
Ventura nos persegue avessa e torta?
E' porque nunca se nos abre a porta
Ou de homem gordo, ou de mulher matreira.

Minha musa d'Extremadura ou Beira
Carregações de Satiras transpórta;
A tua gira mais, porém que importa,
Se estás egual commigo na algibeira?

Outra vida sigamos, que eu approvo;
Faze-te cego, eu moço malhadiço,
Se hasde levar um cão, levas um *Lobo;*

De roda andemos, e se fôr remisso
O nosso heroe, que mora ao Poço Novo,
Dá-me co'o páo, que não se me dá d'isso.

(Son. XVII. Ed. Inn.)

Em 1777 Caldas dedicara ao rei Dom José um poemeto *A Lebraida*, em cincoenta e nove outavas; mas quando esperava *a real protecção pia*, morria o monarcha; em 1776 publicara uma *Recopilação da Historia sagrada*, em rimas emparelhadas, (reproduzida em 1793), mas o seu prestigio provinha da facil improvisação e graciosidade com que cantava *Modinhas brasileiras* acompanhando-se á guitarra: «Nas aristocraticas reuniões das Caldas, nos cansados banhos de mar, nos pittorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde se não achasse o fulo Caldas com sua viola, não se julgava completa.» [1] José Agostinho de Macedo (o ex-frade do soneto de Bocage) chegou

---

[1] *Revista trimensal*, vol. XIV, p. 453.

a votar-lhe uma certa admiração, chamando-lhe, em uma Ode Ao Conde de Pombeiro, *sonoroso* Caldas, improviso cantor:

> . . . . o fogo que respira
> Nos versos teus em rutilante chamma,
> Com que a voluvel phantasia escaldas,
> Eu sigo; e o vôo rapido que ergueste
> Do ninho americano onde nasceste.
> Eiá! anima o meu canto. . .
> Mas, versos urde de immortal belleza.

Bocage, que chegara a conhecer a doce intimidade do Caldas, quando rompeu com os neo-árcades nunca poude perdoar a José Agostinho essa referencia elogiosa, e na *Pena de Talião* exprobra-o: «Chamaste grande, harmonico ao *Lereno*—Ao fusco trovador...» Emquanto Caldas Barbosa gosava de uma certa aura de favor na aristocracia, é que se arreia com o titulo de Arcade de Roma, com o nome de *Lereno Selinuntino*, como tambem Macedo com o nome de *Elmiro Tagideu.* Depois que José de Vasconcellos e Sousa casou em 1783, é que o poeta foi viver para o seu palacio na Bemposta, aproveitando a boa vontade do seu protector em favor de amigos, e obtendo a concessão de ahi se celebrarem desde 1790 as sessões regulares da Nova Arcadia.

Natureza constantemente ultrajada por causa do seu nascimento, adquiriu uma toleraneia, que o tornava bemquisto; escreve o conego J. de C. Barbosa: «O seu genio era admirado mórmente quando improvisava com muito acerto e graça, tangendo uma viola e cantando as glosas que fazia aos assumptos

lyricos que lhe davam.» Transcrevemos aqui uma Modinha inedita, intitulada *Testamento de Lereno*, que dá bem a ideia do estylo e gosto do tempo:

Morre o triste Lereno
  De mal de amor,
E dos bens que possue
  Quer já dispôr.

  Ah, sorte ingrata,
Morre o triste Lereno,
  Nerina o mata.

Quer que o seu coração,
  Puro e perfeito,
Deposite Nerina
  No niveo peito.

  Ah, sorte ingrata, etc.

Hade a turba de Amores
  Acompanhal-o,
E os ardentes Desejos
  Alumial-o.

Hade haver pela morte
  Tristes signaes
De magoados Suspiros,
  Sentidos Ais.

Os seus desejos puros
  Manda que sejam
O legado d'aquelles
  Que mal desejam.

Seus ardentes desejos
  Manda espalhar
Entre mil que não sabem
  Nem suspirar.

Repartir pelas Damas
Manda a ternura,
Que não fique nenhuma
Cruel e dura.

Deixa para partir-se
A gratidão;
Que é alfaia que muitos
Precisarão.

E das suas finezas
Deixa uma norma,
Para que outros as façam
Da mesma forma.

Deixa á sua Nerina
Pelo matar
O desejo que tinha
De mais a amar.

Assim morre Lereno
De mal de amor,
Chorae, Nymphas, por elle,
Foi bom pastor. [1]

Até Filinto, ao seu exilio em Paris, chegara o prestigio de Caldas Barbosa, e não deixou lá de longe de verberar os versos de redondilha menor (*versinhos anãos*) com que embirrava mortalmente, por causa da rima:

Os versinhos anãos a anãs Nerinas,
Do cantarino Caldas, a quem parvos
Põem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte *fulo*
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

---

[1] Bibl. nacional, Ms. 7008.

As Modinhas provocavam já uma certa reacção da parte dos homens eruditos, como vimos pela carta do dr. Antonio Ribeiro dos Santos; [1] o proprio Lobo de Carvalho, tambem no Soneto LII as atacava:

> Depois que ao som do berço me cantava
> Velha enrugada *Modas* bolorentas,
> A voz soltando pelas sujas ventas,
> Que em vez de somno medo me causava...

Seria talvez aborrecido das *Modinhas brasileiras* cantadas por mulatos, como o Caldas e Joaquim Manoel, que nas reuniões de familias empolgavam o enthusiasmo das damas de preferencia aos improvisos de Bocage, que este começou a lançar ditos sarcasticos contra o presidente neo-arcade: chamava-lhe *Caldas de cobre* para o differençar do outro poeta brasileiro Antonio de Sousa Caldas, a quem denominava sem maior fundamento o *Caldas de prata.* Andam por perto de duzentas as Cançonetas deixadas por Caldas Barbosa. [2] Tambem collaborou activamente no *Almanach das Musas*, collecção de uma grande parte dos versos recitados nas sessões da Nova Arcadia.

Tratando dos iniciadores da Academia de Bellas Lettras, attribuia-se o poeta Bingre, que

---

[1] *Filinto Elysio e os Dissid. da Arcadia*, p. 616.

[2] Grande parte vem na *Viola de Lereno.* Collecção de suas Cantigas, Lisboa. Na off. Nunesiana, 1798. vol. I, com 7 numeros. — Id. Lisboa, typ. Rollandiana, 1819 (8 folhetos.) Vol. II, typ. Lacerdina, 1826. (8 folhetos, com numeração independente.)

morreu de noventa e tres annos, o primeiro logar. Ainda na mesma carta dirigida a Costa e Silva em 27 de Junho de 1848, encontramos os seguintes dados autobiographicos: «nasci na aldeia de Canellas, bispado e comarca de Aveiro, em 17 de Julho de 1763, filho legitimo de Manoel Fernandes Dias e de sua mulher D. Maria Clara Hybingre, da côrte de Vienna de Austria, filha do capitão de hussards Gaspar Hybingre, muito querido da Imperatriz Maria Thereza, o qual indo á guerra contra os turcos, no estado de viuvo, deixou minha mãe de tenra edade n'um convento, e a tia d'esta, Madame Ballestri vindo para Portugal como criada da Snr.ª D. Marianna de Austria, esposa do Senhor D. João V, tirou minha mãe do convento e a trouxe comsigo para Portugal...» Seu pae era creado da tia de sua mãe, a qual com seu esposo Philippe Ballestri morreu no terremoto do 1.º de Novembro de 1755; ficou D. Clara segunda vez desamparada, e Manoel Fernandes persuadiu-a «para vir com elle para a sua terra, e como ella era muito criança e se achava desamparada, veiu com elle para Canellas, e ahi se casaram e tiveram a mim seu filho unico.» O pobre lavrador poucos recursos tirava do trabalho da terra; e d'esta situação escreve Bingre: «e porque meu pae era um mediocre lavrador, voltaram para Lisboa a vêr se ahi tinham melhor fortuna; e como minha mãe era muito industriosa e muito habil em negociar em fazendas francezas e indianas, e teve a fortuna de ganhar bons vintens, meu pae voltou para a sua terra a cuidar das suas fazendas.» Com estes recursos de um pequeno

contrabando de fazendas de *paquete*, D. Clara Hybingre tratou de dar alguma educação ao filho, o qual apprendeu grammatica e rhetorica com o professor Manoel Pereira da Costa, matriculando-se depois nas Aulas de Commercio, cujo curso não completou. Casou muito novo com D. Anna Maria Pires por influxo de sua mãe: «minha mãe me arranjou um casamento em Canellas; e trouxe minha mulher de Canellas para Lisboa, onde vivemos alguns annos, e tivemos uns quatro filhos...» [1] O regresso para Lisboa seria motivado pela morte de seu pae e mãe, com intervallo de seis mezes, succumbindo esta em estado de loucura em consequencia de perdas no seu pequeno commercio. Mello Freitas transcreveu dos ineditos de Bingre este Soneto *A' minha adorada mãe:*

---

[1] Estes quatro filhos foram:
— D. Raymunda Marianna, que viveu longos annos viuva, mãe do P.e Francisco Cardoso Bingre, que com a esmola da sua missa sustentava a mãe e o avô.
— Nuno Maria, Bacharel em Direito.
— Francisco Lourenço de Assis.
— D. Perpetua Clara, falecida em edade juvenil. *
Houve ainda mais dois filhos:
— Antonio Francisco.
— Bartholomeu Maria Bingre. Formou-se em Coimbra. Leu uma Ode a Fr. Francisco de San Luiz, quando foi Reitor da Universidade. Morreu por 1829.

---

* O poeta publicou um opusculo: *Nenias ou Sentimentos paternaes*, e o *Sepulchro de Perpetua, em tres Noites;* off. a suas Mestras por Francisco Joaquim Bingre. Lisboa. Impressão regia, 1818. In-16, de 24 p.

A filha de Gaspar Hybingre forte
Do destemido Austriaco soldado,
Que no terrivel Cêrco de Belgrado
Nome alcançou do impavido Mavorte;

Minha mãe infeliz, que viu na côrte
Da magestosa Austria alevantado
Rico Arco triumphal ao pae honrado,
Máo destino a arrancou do patrio Norte.

Suas infaustas, palidas estrellas
A privaram com seductor engenho
Na tenra infancia das delicias bellas.

Vienna d'Austria o sêr lhe deu germano,
Sepultou-se na aldeia de Canellas,
Junto ás margens do Vouga lusitano. [1]

Pode-se fixar a morte de seus paes por fins de 1793 para 1794; por que Bingre ainda tomou parte na sessão pelo nascimento da princeza D. Maria Thereza, no palacio da Ajuda, achando-se depois ausente de Lisboa, quando em 1794 Bocage foi expulso da Nova Arcadia. A amisade que Bocage sempre lhe votou, seria por não ter tomado parte n'esta hostilidade.

O regresso de Bingre a Lisboa effectuou-se já depois da expulsão de Bocage da Nova Arcadia; aqui foi recebido com enthusiasmo, como se vê pelo Idylio de Joaquim Severino Ferraz de Campos (*Alcino Lisbonense*): «Na volta para esta Côrte do Senhor Francisco Joaquim Bingre, na Academia *Francelio Vouguense.*» Transcrevemos algumas estrophes que encerram sentido historico:

---

[1] Ap. *Violetas*, p. 333. Porto, 1878.

Graças aos céos, Francelio, que tornaste
A' nossa Companhia,
A saudade cruel, que nos deixaste
N'aquelle infausto dia,
Aos nossos ledos olhos vae fugindo.
A Inveja está carpindo,
Raivosa praguejando,
No triste alvergue os membros retalhando.

Hoje, *comtigo torna a paz* doirada
Aos nossos ledos prados;
Já segura andará tua manada,
Dos lobos esfaimados.
Ah, que se vir de lá mais cedo alcanças,
Aquellas duas mansas
Ovelhinhas cinzentas,
Não findavam do Lobo ás mãos cruentas.

Depois que d'estes campos deleitosos,
Francelio, te partiste,
Só de sinistros môchos pavorosos
Se ouvia o canto triste.
Punham por terra os furiosos ventos
Carvalhos corpulentos.
E o Tejo encapellado
Corria estrepitoso ao mar salgado.

(St. VI a VIII.)

Pelos troncos dos cedros entalhados
Vi funestos letreiros:
«Vae-se Francelio, a gloria d'estes prados;

. . . .

Eis n'estes campos a Discordia assoma,
Batendo as negras azas,
Irsuta a negra viperina coma,
Os vesgos olhos brazas.
A doce paz vae d'entre nós fugindo
Aos altos céos subindo;
Entre os tristes Pastores
Tudo são dissensões, guerras, furores.

Porém, graças aos Céos, cessou um dia
Tão lastimoso effeito;
Francelio, tu nos trazes a alegria,
Em teu candido peito.
Torna a descer do Olympo a paz ditosa,
Em nuvem côr de rosa,
Foge a discordia ao vêl-a,
A si mesmo este monstro se debella.

(St. XII a XIV.)

A data da impressão das *Rimas* de Ferraz de Campos precisa nitidamente o anno do rompimento de Bocage com os neo-arcades;[1] as duas ovelhas mansas atacadas pelo lobo, da allegoria do Idylio, personificam-se em Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*) e em Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa (*Corydon Neptunino*) que sustentaram o tiroteio de satiras contra Bocage. Ferraz de Campos, durante a ausencia de Bingre dirigiu-lhe duas Epistolas em tercetos, agradecendo-lhe os seus versos:

Graças aos Céos, Francelio, que surgiste,
Do profundo lethargo em que jazias,
Depois que d'estes campos te partiste.
. . . .
Lá n'essa fertil, placida campina,
Oh quem comtigo ir viver pudéra,
Livre da infame detracção maligna.

Nos nossos campos esta horrivel fera
Com vergonha, Francelio, eu o repito,
Em muitos corações domina e impera.
. . . .

---

[1] *Rimas* de Joaquim Severino Ferraz de Campos, Socio da Academia de Bellas Lettras de Lisboa, p. 72 a 77. MDCCLXXXXIV.

Ninguem ao seu furor se tem furtado;
O que mais digno é, esse tem sido
Pelo monstro feroz mais ultrajado.

Sê tu, Francelio, a Apollo agradecido,
Por te livrar da guerra sanguinosa,
Que a Inveja contra nós tem suggerido.

Vive no claro Vouga em paz ditosa,
Que nas margens do Tejo cristalino
E' raro aquelle, que essa dita gosa.
. . . .
Não sei porque rasão queiras deixar-te
De compôr brandos versos sonorosos,
Que do insipido vulgo hão de afastar-te.

Não vês os outros Arcades famosos,
Belmiro, *Corydon*, *Lereno*, *Eurindo*,
Eternisar seus nomes gloriosos.

Não vês como animosos vão subindo
As veredas do Pindo alcantilado,
Brandos versos sonoros repetindo?

(*Rimas*, p. 99.)

Bingre respondeu-lhe em outra Epistola:

D'áquem do claro Vouga, que tornêa
Brandamente correndo ao mar salgado
Esta minha distante e alegre aldeia.
. . . .
Sim, Alcino, pois tu não és d'aquelles
Que arrastados de tumida vaidade
Presumem debuxar melhor que Apelles.
. . . .
Tu conversas e vives c'os melhores
E mais famosos Vates da Ulyssea,
Que acclamados estão por bons cantores.

Eu sómente sentir sei n'esta aldeia
As saudades dos meus fieis amigos,
Que trago escriptos na cansada ideia.

E' certo, que *distante estou dos p'rigos*
D'essa Babel confusa, e que estes áres
Não contaminam peitos inimigos.

Só tenho algum prazer quando estou lendo
Em Ferreira, Bernardes e em Camões,
Dos quaes mil desenganos vou colhendo.

(*Ib.*, p. 103.)

Bingre foi o poeta que sobreviveu a todos os neo-arcades, morrendo da mais provecta edade; a sua vida desde o seu nascimento em 1763 até 1856, em que faleceu, passou-se no decurso dos grandes successos da historia moderna, que transformaram a civilisação europêa; nas suas obras, na quasi totalidade manuscriptas, e que compulsámos para uma projectada edição, acham-se gloriosas memorias dos factos mais importantes de que teve noticia, mas conservou-se sempre alheio á actividade do seculo, no quasi degredo de Mira, onde foi escrivão do Juizo ordinario, e que elle assim descreve:

Um plano de tres milhas de largura,
E de comprido quatro, em pés craveiros;
Do nascente cercado de pinheiros,
E de areias ao poente em grande altura;

Pela parte do norte a embocadura
De uma alagoa antiga, sem outeiros,
Espraiado canal, onde os ponteiros
Raivosos aquilões sopram bravura;

Mar visinho, que açoita a praia núa,
Bramando sem cessar; casas de terra,
Com telhados que dão entrada á lua;

Amphibios aldeões commigo em guerra,
Desavindos, brutaes: eis Mira crúa,
Eis o triste logar que o Bingre encerra.

N'esse isolamento, em que se recordava dos dias alegres das palestras da Arcadia, e sobretudo da amisade de Bocage, Bingre achou-se aos noventa e tres annos de edade em uma extrema miseria; a vida obstinava-se a fazel-o assistir ao naufragio das suas affeições mais queridas e a vêr a agonia de cinco netos em volta d'elle pouco menos que famintos. Bocage, na traducção do Poema *As Plantas*, (1801) acclama-o em dois versos que o retratam:

Ferve no audaz *Francelio*, e rompe os astros
Sacro delirio, destemida insania.

Elle soube conciliar tambem a boa vontade de José Agostinho de Macedo, que nas *Considerações mansas* chama-lhe: «bom poeta, e judicioso homem.» Pela sua extrema longevidade, Bingre era a tradição viva dos tempos da ultima Arcadia, e o thesouro de todas as anecdotas litterarias dos poetas seus contemporaneos. A esquecida existencia em Mira fóra de toda a communicação, e a falta de interesse que havia então pelos estudos da historia litteraria, foram causa de se não colligirem excellentes quadros da vida intellectual portugueza no seculo XVIII. Se Bingre, que foi consultado por cartas de José Maria da Costa e Silva e de José Feliciano de Castilho, fosse interrogado oralmente, ou se alguem colligisse por conversas as suas recordações casuaes, grande peculio de factos e tradições obteria. Em carta de 5 de Julho de 1847 a José Feliciano de Castilho, diz-lhe ácerca de Bocage: «Fômos intimos amigos, e

socios de uma *particular Arcadia*, de cujos alumnos julgo que só eu resto, segundo uma carta que me escreveu José Agostinho de Macedo proximo á sua morte; pois me asseverava, que só eu, elle e Lara, restavamos da nossa Sociedade.» Este neo-árcade aqui alludido era João Baptista de Lara (*Albano Ulyssiponense*), nascido em 1764 e falecido em 7 de Janeiro de 1820; ha composições suas no *Almanach das Musas.* A poesia estava em antithese com o seu cargo de Escrivão da Mesa grande do Tabaco, e Vogal Secretario da Commissão da reforma da Alfandega. Os versos de Bingre repassados de recordações prestam subsidio para a reconstrucção d'este periodo do arcadismo. [1]

Em uma Ode de Francisco Joaquim Bingre *Ao natalicio do Auctor, — em 17 de Julho de 1843, fazendo outenta annos de edade,* vem recordações dos bons tempos da Nova Arcadia, e lembrando os nomes da maior parte dos seus socios:

---

[1] As obras de Bingre são apenas conhecidas pelos diminutos escriptos publicados no *Almanach das Musas,* no *Jornal de Coimbra, Mnemosine Lusitana, Ramilhete,* e outros jornaes, como a *Locomotiva* (n.º 78, de 1883.) Calixto Luiz de Abreu, grande amigo de Bingre, que publicara a pequena collecção com o titulo *O moribundo Cysne do Vouga,* começou a coordenar em 1858 todas as poesias sob o titulo *Estro de Bingre,* precedidas de uma extensa biographia. A morte d'este amigo do poeta obstou a que a obra se publicasse; Anselmo de Moraes em 1869 ainda tentou publicar por assignaturas essa collecção que formava quatro volumes, mas não achou o apoio que imaginara.

Em tempo mais feliz, nas praias lusas,
Salitrosas, da fulgida Ulyssêa,
Teve a estima das Musas;
Da cythara phebêa
Alguns sons apprendeu: teve louvores
De afamados cantores.

Em seu sabio Atheneo — ali com elles
Em tarefas poeticas cantava.
Francelio [1] era um d'aquelles
Que as azas despregava,
Seguindo o rasto de seus grandes socios
Alvos cysnes beocios.

D'ali subia ao cume do alto Pindo
Pelo trilho immortal do grande *Elmano* [2]
Quantas vezes subindo
Belmiro Transtagano [3]
Do alto lhe bradou: «Sobe sem susto
Póz mim. . . affronta o custo.»

Outras vezes nas azas o tomava
O melico cantor — cysne sadino
E tanto o remontava
O épico *Thomino* [4]
Que nos raios de Phebo, onde voava
A fronte lhe escaldava.

A vêr extranhos lares o levavam
O assombroso *Elmiro*, [5] o sabio *Oleno* [6]
E os rumos lhe ensinavam

---

[1] *Francelio Vouguense*, era o nome pastoril de Francisco Joaquim Bingre.

[2] *Elmano Sadino*, era o nome pastoril de Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

[3] Belchior Curvo Semedo Torres de Sequeira.

[4] Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

[5] José Agostinho de Macedo.

[6] Nuno Alvares Pereira Pato Moniz

Que o grão cantor *Ismeno*, [1]
Imitador de Pindaro e de Horacio,
Descobrira no Lacio.

. . . .

Por taças de cristal o estylo puro
Bebeu dos grandes Vates quinhentistas;
Nunca o caminho escuro
Seguiu dos Seiscentistas.
Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso
BOCAGE [2] luminoso.

Que lições lhe não deu de canto agrario
O seu dilecto amigo, o doce *Alcino* [3]
Com que fogachos *Clario* [4]
De alto fogo divino
O estro lhe accendeu, e o grão *Jacindo* [5]
Nas tarefas do Pindo!

Mas, ah! De tantos Cysnes portentosos
Só o rouco do Vouga agora resta!...
De todos seus famosos
Socios — viu a funesta
Passagem do Acheronte em fusca barca,
Onde elle agora embarca.

Ficou só o cantor do Vouga annoso
Para as portas fechar da Academia...

(Pag. 47 a 52.)

Em um Soneto intitulado *Velhice e Pobreza*, descreve Bingre a sua desolação consolando-se com a desgraça de outros poetas,

---

[1] João Vicente Pimentel Maldonado.

[2] Vid. Prologo do poema *As Plantas*, e a nota do Soneto nos seus ultimos momentos.

[3] Joaquim Severino Ferraz de Campos.

[4] Sebastião Xavier Botelho.

[5] Joaquim Ignacio da Costa Quintella.

alguns d'elles seus companheiros na Nova Arcadia:

Morreu pobre o Camões, pobre o Garção;
Quita e Mattos viveram na pobreza;
Bocage teve lances de escasseza,
Muitos dias soffreu falta de pão.

Santos e Silva tinha uma ração
Do Hospital na Botica por fineza;
Parece que capricha a natureza
Em fechar á Poesia a dextra mão.

Aquelles foram vates de alto espanto,
Que deixaram no mundo eterno nome,
Muitas vezes comendo o proprio pranto.

Tal o Bingre, mirrado se consome;
Se os não pode imitar no doce canto,
Elle os imita victima da fome.

Já na extrema ancianidade, Bingre chamava para junto do seu leito o neto que lhe restava, o P.e Francisco Cardoso Bingre, a quem ia ditando os ultimos lampejos do seu estro. Por um accidente casual, batendo com a cabeça em uma mesa que estava junto do leito, em 28 de Dezembro de 1855, d'ahi se originou a sua morte, em 26 de Março de 1856, com perto de noventa e tres annos. Ainda em 20 de Janeiro de 1856, ditou o seguinte Soneto:

Pobre, velho, caduco e entrevado
Está o pobre Bingre em pobre cama,
E' maior a penuria do que a fama,
Que lhe deu sem rasão seu negro fado.

Imitou a Camões no desgraçado,
Não que cingisse na sua fronte a rama
Como cingiu o grão Cantor do Gama,
Que no mundo ficou eternisado.

Do tristonho caduco que seria,
Se um neto seu não fôra capellão
Da missa d'alva em sua freguezia?

Elle com a sua esmoler pensão
Sustenta a velha mãe e companhia,
E seu pobrinho Avô, triste ancião.

E ainda em um dos ultimos Sonetos faz uma especie de autobiographia em que torna a referir-se á Nova Arcadia:

Na aldeia de Canellas fui gerado,
E n'ella tambem tive o nascimento;
Na côrte de Lisboa a meu contento
Longo tempo vivi afortunado.

Por genio natural ás Musas dado,
N'uma *Arcadia* de um sabio ajuntamento
Cultivei na poesia o meu talento,
E por Cysne do Vouga fui cantado.

A fortuna, que ás cegas sempre gira,
Dando-me um encontrão d'aquella altura,
Nos vergeis me lançou da areienta Mira.

Aqui, sem fausto algum e sem ventura,
Quarenta annos pulsei eu inda a lyra,
E aqui me abriu a morte a sepultura.

Depois de Bingre, na fundação da Nova Arcadia, cabe o primeiro logar mais pelo talento e iniciativa a Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira (*Belmiro Transtagano*) cavalleiro professo da Ordem de Christo, fidalgo da Casa real, moço fidalgo

da Camara do Principe Regente, e primeiro tenente do Real Corpo de Engenheiros. Todos estes titulos indicam um homem ponderado no seu meio social, terminando a vida por um conservantismo de reacção contra o movimento da politica liberal a que assistiu. Pelo seu talento poetico e indole pessoal tinha de defrontar-se inevitavelmente com Bocage. Curvo Semedo conseguira vêr premiado pela Academia das Sciencias em sessão de Março de 1789 um dos seus Dithyrambos, e isto o animou a cooperar na transformação da *Academia de Humanidades* na de *Bellas Lettras* em 1790. Diante da turbulencia de Bocage, que desde a publicação das suas *Rimas* em 1791, pelo prestigio que o cercava, exercia uma critica severa contra todas as composições poeticas, Curvo Semedo retrahia-se. Em uma Epistola de José Agostinho de Macedo (*Elmiro Tagidéo*) vêm versos a exaltal-o e censurando Bocage:

Ah, quantas vezes te clamei:
— Tu deves
Os versos teus á Fama, e impaciente
A mesma Fama teu trabalho aguarda. —
Mas, obstinado teus ouvidos fechas
Aos desejos do amigo, á voz da Fama.
Erradamente me respondes: «Poucos
Nos dão, Elmiro, accolhimento ás Musas.»
Tua modestia te hallucina: eu vejo
Que o mundo outros não tendo, applaude, acclama
Os versos do monotono *Sadino*,
Que ignorante de harmonicos accentos
Unisonas antitheses nos vende.
. . . .
Se desprezas o louro, que approveita
Havel-o merecido? Que duvídas?
Ou *que terror phantastico te encolhe?*

Nada falta a teus versos, douta lima
Os tem purificado, os tem polido. [1]

Em uma Epistola de *Belmiro Transtagano* Ao snr. J. M. de Oliveira, lente de Mathematica, elogiando-o pelo seu talento poetico, diz-lhe:

Não são de sorte alguma incompativeis
Poesia e Mathematica, bem podem
Unidas ambas, ambas cultivar-se.
Quando os astros observas na alta noite
De Orfeo na esphera a maga Lyra encontras.

E citando-lhe o exemplo de José Anastacio da Cunha, falla com desdem da popularidade de Bocage que o encommodava:

E talvez que entoar tu mesmo ouvisses
Nas margens do Mondego insignes versos
Ao rival de Euler, Keill, Hugens, Cassini,
Leibnitz dos Lusos *por sapiente infausto.*
Ah! que receias? que temor te prende?
Temes, acaso, que te conte o vulgo
Na chusma dos estólidos trovistas
Que as frageis loges dos Cafés entupem,
E a troco de liquor, fervente ponche,
Aos patinhos, que em torno a penna largam,
Insulsas trovas a rosnar vomitam.
Se o vulgo errado o nome de Poeta
Concede francamente ao nescio, ao tolo,
Porque glosa uma Decima, um Soneto,
O sabio austero a poucos o concede,
Que o sabio os nomes confundir não usa.
. . . . . . Musico ao lacaio chamarias,
Porque toca na banza ou na bandurra
O Fandango hespanhol, a Chula, a Fôfa?
Pois de egual sorte o nome de Poeta
Quadra ao trovista glosador de Motes.

---

[1] *Composições poeticas* de Belmiro, t. I, p. 1 a 5.

. . . .

Aos vates se faz sempre egual affronta
Quando chamamos aos trovistas vates.
E' de um celeste dom prole a Poesia;
Culta sapiencia lhe regula os passos,
E a frente lhe orna de immurchaveis louros.
Maior nome não tem Platão que Homero,
Na fama Newton não excede a Milton.
O Philosopho insigne e o vate excelso
Entram a par no Templo da Memoria.

(*Comp. poet.*, II, 189)

Curvo Semedo visava directamente a Bocage que se tornava provocante pela competencia critica que se arrogava, sendo por isso alcunhado o *Sultão do Parnaso*. As nuvens tempestuosas iam-se accumulando; adiante verêmos destruida a paz da Nova Arcadia.

Joaquim Severino Ferraz de Campos, (1760-1812) como o poeta mais novo e por ventura mais pobre, pelo que expende nos seus versos, foi o Secretario da Academia de Bellas Letras. Em uma Ode epodica, pede ao Beneficiado-inspector da Egreja patriarchal de Lisboa José Rebello Seabra, o seu valimento e protecção; foi este mesmo padre, mais tarde nomeado Monsenhor, que accudiu tambem efficazmente a José Agostinho de Macedo, depois de expulso da Ordem graciana. Escreve Ferraz de Campos:

D'*asperrima indigencia* acompanhado
Aqui e alli vagando,
Um passo não dou só que não tropece
Em afflicções e sustos.
Turbam meus dias, suspirados dias
Da *fresca mocidade*,
Espessas nuvens de horridos cuidados;
Que sobre mim vagueam.

. . . .
Tu, que prestas asylo aos desgraçados,
Benefico *Rebello*,
E's quem produz as minhas esperanças.
Tu és, tu és quem pode
Com terno coração, braço piedoso
Furtar-me resoluto
A's cruas garras da cruenta fome.
. . . .
Ouve as vozes de um triste,
Que perdendo na mais viçosa edade
Quem vida e sêr lhe dera,
Orfão se observa em desamparo extremo;
Sem que consolar possa
Na triste viuvez, na magoa acerba
A mãe, que afflicta geme,
E as miseras irmãs, que lhe supplicam
O pão com pranto amargo. . .
Magnanimo Rebello, attende, attende
Aos gritos da indigencia. . .

(*Rimas*, p. 50.)

E em uma Epistola dirigida a Frei João de San Jacintho, que dispunha de grande influencia no paço, endereça-lhe memorial:

Mas, vendo que a desgraça principia
A perseguir-me em tão viçosa edade,
Vou chorando implorar vossa valia.
. . . .
Quando entrardes, senhor, nas regias salas,
Então vos lembre a minha desventura;
Soltae por mim, piedoso, activas fallas.
. . . .
Vêde se eu poderei viver contente
Tendo ante meus olhos sempre afflictas
Irmãs e mãe, sem ter de que as sustente.

(*Ib.*, p. 115.)

Apesar de Ferraz de Campos ter-se manifestado em favor de Belchior Curvo Semedo,

Bocage não o hostilisou, tocado de profunda piedade; elle mesmo lhe dedicou a Epistola IX, em que o exalta com sympathia:

> Teus versos li, reli, canoro *Alcino*,
> Graças e graças me acordaram n'elles
> Do lethargo em que tinha a mente absorta,
> Eu que sempre sonhei fataes verdades.
>
> . . . .
>
> Alcino! eu desespéro; Alcino, eu morro!
> Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
> Que os meus extremos viste e o premio d'elles,
> Vê se Amor, se a Rasão, merecem culto!
>
> . . . .
>
> Amor sabes cantar; eu sei choral-o;
> Innata propensão domina os entes;
> A Natureza em mim, e em ti murmura:
> «*Elmano* chore Amor, *Alcino* o cante.
> Da sorte, caro amigo, a lei sigamos;
> Nosso temperamento é nosso fado.

No fragor da lucta dos neo-árcades Bocage destaca entre os poetas que o encantam, além de Garção, o «delicado *Alcino*.» Ferraz de Campos não se sentia bem ao pé de Bocage, e quando este ennumerou em um Soneto os poetas que o visitaram na sua grave doença, se reconciliaram com elle, diz ao referir-se a *Alcino*: «Joaquim Severino Ferraz de Campos, tambem por mim louvado, e *cujo silencio fere uma constante amisade, contrahida na desgraça* e esquecida na fortuna.» Por esta referencia, vê-se que Ferraz de Campos conseguira organisar a sua vida.

Apresentámos até aqui os quatro poetas iniciadores da Nova Arcadia; n'esse pequeno fóco litterario recitou Bocage composições destinadas á sessão á Virgem Immaculada,

em 8 de Dezembro, [1] e os seus *Idylios maritimos*, que impressos em 1791, trazem no frontispicio a indicação—«recitados na Academia de Bellas Letras de Lisboa pelo seu socio M. M. de B. du B.» Nas composições poeticas de *Belmiro Transtagano*, vem uma Cançoneta *A Immaculada Conceição*, e em nota: «Recitada na *Academia de Humanidades de Lisboa*, na sessão de Dezembro de 1790.» [2] E tambem uma Ode ao mesmo assumpto, com a nota «recitada na *Academia de Bellas Letras de Lisboa*, na sessão de 8 de Dezembro.» Vê-se que identificava as duas Academias coexistindo ainda em 1791.

Um dos assumptos dado para uma Sessão da Academia foi «*D. Affonso Henriques descercando seu filho D. Sancho, bloqueado pelo Miramolim, e treze Reis mouros em Santarem.*» [3] Estes assumptos historicos serviam para exercitar a cultura das Odes pindaricas no estylo de Elpino; como se vê pela Ode *A Affonso de Albuquerque*, de Ferraz de Campos, «recitada na *Academia de Bellas Letras de Lisboa*, na sessão que em 24 de Janeiro de 1794 se celebrou em memoria d'este grande General.» [4]

Estava consagrada a Nova Arcadia, e a sua existencia official reconheceu-se pelo convite de ir em corporação prestar a homena-

---

[1] Ed. Act., t. II, p. 79, 148 e 334.

[2] *Op.* cit., t. II, p. 85; t. I, p. 75.

[3] *Ib.*, t. I, p. 67.

[4] *Rimas*, p. 45.

gem dos seus encomios poeticos ao successo feliz do nascimento da Princeza D. Maria Thereza, primeiro fructo do consorcio do Principe Regente e D. Carlota Joaquina, em 1793. Foram extraordinarios os festejos, que vêm descriptos na *Gazeta de Lisboa*, d'esse anno; mas o que nos interessa é ter Bocage tomado parte n'essa sessão arcadica. Em uma Carta de Francisco Joaquim Bingre, (de 1854, e dirigida a José Feliciano de Castilho) dá-nos alguns promenores: «Sendo convidada a nossa Academia pelo beneficiado Rebello para uma Sessão extraordinaria no Paço da Ajuda, por occasião do nascimento da Senhora D. Maria Thereza, primeira filha do Senhor D. João VI, foram todos os nossos socios em seges da Casa real; e indo eu em uma com o P.e José Agostinho de Macedo, me perguntou o Bocage: — Que obra levava elle? E dizendo-lhe eu, que nenhuma, pois como elle devia fazer a Oração do fecho em prosa, tencionava improvisal-a... Respondeu-me o Bocage: — Como elle quer improvisar em prosa, hei-de eu improvisar em verso, pois não trago nada escripto. — E assim o fez, em verso heroico, com tanto enthusiasmo, que se ergueu do mocho em que estava assentado, e se virou para a porta onde estava o Principe e a Princeza entre cortinas, como encobertos, e fez um Genethliaco de repente, que assombrou toda a corteză assembleia. Excitada assim a emulação de José Agostinho, improvisou este uma brilhante Oração com geral applauso; de sorte que S. A. quando no fim deu beija-mão, logo ahi lhe ordenou que havia de prégar o sermão de San Pedro em Queluz; e desde

então ficou prégador da casa. A rivalidade d'estes dois alumnos é que n'essa noite os fez brilhar...»[1] Em outra carta dirigida por Bingre a José Maria da Costa e Silva, em 27 de Junho de 1848, allude a esta sessão de 1793: «fomos convidados para uma sessão extraordinaria no Paço da Ajuda, em obsequio do nascimento da princeza a Senhora D. Maria Thereza, cuja Oração de presidencia foi feita pelo Doutor José Thomaz da Silva Quintanilha, e a do fim por José Agostinho... Eis aqui a origem da nossa Arcadia...»

Ferraz de Campos recitou uma Ode pindarica, que traz a seguinte rubrica inicial: «Ao nascimento de S. A. R. a Serenissima Senhora D. Maria Thereza Carlota Joaquina. Recitada na presença de S.S. A.A. R.R. no Palacio de N. Senhora da Ajuda na sessão de 26 de Junho de 1793.» (*Rimas*, p. 27.) São versos sonoros, mas pelas emphases e allegorias de uma falsidade vomitiva. Pelo seu lado, Curvo Semedo appresentou uma «Cantata, no fausto nascimento da Serenissima Princeza da Beira a Senhora D. Maria Thereza Francisca de Assis.»[2] Tem mais colòrido os versos de Belmiro, mas de um effeito convencional, que não encobre a falsidade da emoção, que toca o exagero. De Bocage ha tambem uma Cantata: «No dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Thereza» que

---

[1] Na *Livraria classica*, t. xxv, p. 166.

[2] *Composições poeticas*, t. ii, p. 48

embora se refira a 22 de Abril de 1800, [1] não é mais do que a redacção do improviso que fizera; segundo a referencia de Bingre, Bocage conservava a amisade com o Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, (*Eurindo Nonacriense*) e chegara a glosar-lhe uma quadra, que encontramos nos seus ineditos.

Em um Idylio inedito de Quintanilha cita o nome de tres neo-arcades, que haviam celebrado a morte de sua Marilia:

Mas, que sentido, que alternado canto
Que meu coração torna ainda mais triste,
Em meus ouvidos sôa?... E' d'esta parte
Que os maviosos accentos se annunciam...
Alcino, *Corydon* e o bom *Belmiro*...
Não me engano,... elles são; cantando a espaços
Da mallograda candida Marilia,
Vem a rapida morte lamentando.
Consternados Pastores! sobre a terra
Que dor pode egualar essa dor vossa?
Para aqui se encaminham; não me atrevo
A escutar de mais perto os seus queixumes...
Por este occulto atalho co' rebanho
A seus olhos me furto, e quando as sombras
Da alta serra da Arrabida descerem,
De Marilia invocando a alma ditosa
De roxos lirios, brancas açucenas
Virei cobrir a sua sepultura.

Entre os versos manuscriptos de Quintanilha, vem as seguintes quadras glosadas, com que Bocage improvisava inesgotavelmente:

---

[1] Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 337. Sobre estas festas escreveu Santos e Silva (*Tomino Sadino*): «Poucas vezes terá dado Portugal eguaes demonstrações de alegria, como as que deu, depois de alguns annos de esterilidade, pelo feliz nascimento d'esta Princeza primogenita...» *Poesias originaes e trad.*, t. I, p. 112.

QUARTETO ALHEIO:

Marilia vivia triste,
Sem ouvir-me suspirar;
Ouviu-me, já vive alegre,
Emquanto eu vivo a chorar.

PROPRIOS:

Mal viu correr meu pranto,
Vi eu seus males voar,
Rir-se o jubilo em seus olhos,
Emquanto eu vivo a chorar.

Surda aos meus ais a ingrata
Faz gloria do meu penar;
Pelo meu rival suspira,
Emquanto eu vivo a chorar.

Amor de mim condoído,
Meu destino a lamentar,
E a cruel de prazer cheia,
Emquanto eu vivo a chorar.

Que peito, injusta Marilia,
Se pode ao teu comparar?
Qual outro á dor resistira,
Emquanto eu vivo a chorar?

Confunde-te, ingrata! e pensa
Quanto esta alma sabe amar;
Teu bem ao seu preferindo,
Emquanto eu vivo a chorar.

Por ti mil votos mandando
Ao justo céo sem cessar,
Aos mesmos votos me obriga,
Emquanto eu vivo a chorar.

Ao ditoso *Alcipo* unida
Vive sem um só pezar;
Elle o teu doce amor seja,
Emquanto eu vivo a chorar.

Corações como o de *Elmano*
Assim se sabem vingar;
Sê feliz, cara inimiga,
Emquanto eu vivo a chorar.

As composições poeticas de Quintanilha ficaram ineditas na sua quasi totalidade; [1] mas apesar d'isso foram bastante conhecidas para merecerem de Filinto essa homenagem valiosa:

C'um *Quintanilha* terno e saudoso,
De amores rodeado, e todo amores,
Meigo em Eclogas, em Sonetos meigo,
Beijos cuida, saudades cuida, e queixas,
Segundo o afaga ou punge a sua amada; etc.

No rompimento de Bocage com os neo-árcades, Quintanilha tambem foi mimoseado com sonetos causticantes, e ainda mais tarde lhe aggravou o resentimento, não de ter elogiado em uma Ode os almoços do beneficiado Caldas, mas por ter vulgarisado a Satira de José Agostinho de Macedo.

---

[1] Possuimos as Poesias ineditas de Quintanilha, que nos enviou de Londres em 7 de Julho de 1881 seu neto Henrique Quintanilha, que nos diz em carta: «que ha muito desejava ter de communicar com o author da *Historia da Litteratura portugueza*, e transmittir-lhe uns manuscriptos que encontrei entre os papeis de meu falecido pae, o Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, Barão de Paquetá, filho do Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, (o *Eurindo Nonacriense*)...» Diz mais terem-se perdido outros ineditos: «De uma sua obra eu bem me lembro, pois a li mais de uma vez sendo rapaz: é a excellente traducção em verso do *Cid* de Corneille.»

Eurindo Nonacriense conservava um venerando respeito por *Garção*, como todos os outros neo-árcades, e até o proprio Bocage. Em uma Ode (inedita) de José Thomaz da Silva Quintanilha ha uma referencia a *Garção*, que elle muito imitava:

Eis, em tropel, os dotes soberanos,
As doiradas virtudes,
Os risos, os prazeres diffundindo
Rescendentes aromas...
Oh, como, gentil Marcia, estão absortos
De teus suaves olhos!
De teus suaves olhos, onde habita
A mais bella das Graças,
D'essas escuras tranças, pelos zephiros
Bordadas de alvas rosas!
Nos dons celestes que em tua alma habitam,
Do *grão rival de Horacio*
Tantas vezes cantados na aurea lyra,
De hera e myrto enramada!
Divino Coridon, amor e gloria
Do sacro, delio Côro;
Por quem as lindas Tagides, de pranto
A ruiva areia molham;
Por quem, vagando, a dura morte accusam,
Os improbos destinos:
Tu só, d'entre os mortaes, digna voz tinhas,
Sim, digno só tu eras
De cantar Marcia; de louvar seus olhos,
De erguer aos céos seu nome.

E em umas quadras que pediram a *Eurindo* para uns annos, elle escreve lembrando-se do exemplo de *Garção:*

Sólto a voz, mas desafina,
Risco, borro, escrevo em vão,
Quero que — sim, diga em verso,
E o sem ventura diz — não.

Depois de infinita zanga,
De furores infinitos,
De rogar mais de mil pragas
Aos consoantes malditos;

Faço o papel em pedaços,
E então digo aos inconstantes:
«Quem desterrara dos versos
O zum-zum dos consoantes!»

Grande Garção! tu me ensinas,
Bem livres se acham os teus
De embrulhar drogas de tenda,
De que o céo defenda os meus.

N'isto, essas trovas me occorrem,
Indignas da luz do dia,
Aos vossos pés vão, senhora,
Olhae que semsaboria! etc. [1]

Tambem Curvo Semedo ao justificar o emprego de certos versos em um Dithyrambo, abona-se assim: «Estes versos chamam-se alcaicos; o nosso Pedro Antonio Corrêa Garção compoz muitos d'estes versos, que tem os accentos na quarta e nona syllabas, tendo a partição na quinta, e acabando em esdruxulo; v. g.:

Quando o terrivel Deus dos Exercitos
Nas leves azas de d'aquilões turbidos.
(Obras de Garção, *Ode* alcaica, x.) [2]

Bocage, em um dos Sonetos, falla com assombro d'esse modelo do arcadismo:

---

[1] *Rimas ineditas*, de José Thomaz da Silva Quintanilha.

[2] *Composições poeticas*, t. I, p. 112.

Encantador *Garção*, tu me arrebatas,
Audaz vibrando o plectro venusino,. . .
(Son. 261. Ed. Act.)

E em uma Epistola em verso solto ao desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, (*Vincenio*) dá largas á sua admiração:

O vate *Corydon*, tão grato a Phebo,
O vate *Corydon* cantava outr'ora,
Que a metro sonoroso altas ideias
Ante os aureos tremós não se reduzem;
. . . .
. . . . Se os haveres, o ouro
Puchando-nos á terra, origem sua,
O adejo á phantasia, ao genio prendem,
Obstaculo mais duro é a indigencia.
Que vezes sentiria esta verdade,
Entre cadeias innocente, e oppresso,
Longe da bella esposa e tenros filhos
O atilado cantor, por quem das trévas,
Das ruinas, do pó surgindo a Lyra
Trouxe nas cordas de ouro o som romano!
. . . .
Sim, Vincenio, a penuria é morte do éstro;
Se alguns deixou viver, medrar na fama,
Genios mil, genios mil tem submergido
No pégo avaro, que as memorias sorve.
(Epist. 16. Ed. Act.)

Bocage conhecia a propria situação desolada, e impunha a sua superioridade censurando com rigor os versos dos consocios. *Belmiro* resentido poz no fim dos seus Dithyrambos uma nota, em que allude á critica acerba: «O ter havido quem julgasse, não só que muitos dos versos d'estes meus Dithyrambos *eram duros e errados*, porque não coincidiam em accentos e numero de syllabas com os que se usam trivialmente, mas tambem, que

eram ficticios e arbitrarios os nomes que n'elles vem, conhecidos na Mythologia, Historia, Geographia, Astronomia, etc. e o querer eu satisfazer ainda mesmo aos censores d'esta classe para me poupar ás criticas, filhas da pouca intelligencia, que são as mais frequentes, foram os motivos que me obrigaram a escrever estas notas, explicando e authorisando com exemplo de Authores classicos... e pôr termo ás censuras dos que dizem mal por que não entendem.» (*Composições poeticas*, t. I, p. 182.) Curvo Semedo pensou em retirar-se da Nova Arcadia, deixando o campo livre á vaidade de Bocage; em uma Epistola diz-lhe Ferraz de Campos:

Caro *Belmiro*, meu presado amigo,
Sabio filho de Apollo, a quem as Musas
De verdejante louro a fronte cingem.
Como é possivel, que em teu docil peito
Infame ingratidão entrar pretenda?
Como é possivel, *que deixar intentes*
Sem motivo real, sem justa causa
A nossa Arcadia em triste soledade?
Queres abandonar fieis amigos
Que estremecem por ti, que por ti choram,
E que jámais da candida amisade
Souberam macular as leis sagradas
Por loucuras de um Zoilo arrebatado?
Ah, vê, *Belmiro* meu, vê que é desdouro
De uma cega paixão seguir o impulso...
. . . .
Que não diria a gente imparciavel
Se obrar te vira assim errado e louco?
Diria, que eras tal qual esse Zoilo,
Por quem deixar-nos queres de repente;
Pois elle foi ingrato em conspirar-se
Contra o seu proprio amigo e companheiro...
. . . .
Que não diria o mundo se observasse
Que sendo tu dos Socios primitivos

Que este corpo a formar principiaram,
E que tem augmentado a sua gloria,
Com assiduas fadigas litterarias,
Tentavas hoje, o nome teu manchando,
Deixal-o, e semear n'elle a discordia. . .
Que não diria o mesmo *teu contrario*
Cheio de presumpção; talvez dissesse
Que a tua retirada era receio
De recitares versos junto a elle!
. . . .
Em vez de abandonar a nossa *Arcadia*,
Como, ingrato Belmiro, projectavas,
De mãos dadas c'os seus fieis Alumnos
Que te estimam, que te amam, que te adoram,
Faze tu, que ella venha a ser olhada
Com assombro dos povos do universo. [1]

Bocage no seu impulsismo, e com a espontaneidade com que vibrava o Soneto, principalmente satirico, fulmina a Nova Arcadia e os seus socios, destacando Curvo Semedo, Caldas Barbosa, Silva Quintanilha, França e Amaral, e Abbade de Almoster, que lhe replicaram duramente, expulsando-o da sua Arcadia. [2]

---

[1] *Rimas*, p. 119. Tambem se acha no *Almanach das Musas;* admira que Bocage a desconhecesse. Na *Revista Universal Lisbonense*, vol. VI, 4.ª serie, p. 573, (1847) vem esta Epistola com o nome de Jeronymo Martins da Costa (*Cassidro Lisbonense*), que morreu em 1822 de avançada edade.

[2] Assim o affirma Innocencio nas *Memorias para a vida litteraria de José Agostinho de Macedo:* «Manoel Maria foi afinal riscado d'aquella Assembleia litteraria a cujos membros, com poucas excepções, se tornava insupportavel a preeminencia, que elle se arrogava, pretendendo (na phrase de José Agostinho) ditar a lei aos seus collegas, e arvorar-se de motu-proprio em *Sultão do Parnaso portuguez.* Com essa expulsão julgou-se atrozmente offendido, e votando um

A epoca do rompimento de Bocage deve collocar-se pelo anno de 1794, como se fundamenta não só pelo regresso de Bingre a Lisboa celebrado nos versos de Ferraz de Campos, d'esse anno, como pela ausencia de composições de Bocage no *Almanach das Musas*, tambem do mesmo anno, e admittindo-se ahi invectivas contra Elmano, ou *Gecabo* (anagramma de Bocage), de França e Amaral, e do Abbade de Almoster:

Entrava n'este tempo pela sala
O grão *Gecabo*, Rimador famoso,
Que mil vezes a sabia Padaria
Nos devotos Outeiros de Oratorias,
De carrasco, de malvas e de ortigas
Alegre coroára; que fallava
Em verso de onze syllabas, ou outo,
Tres horas, quatro horas; cujos versos
Eram o mimo das peraltas todas,
Por seu extremo ardor, pelos transportes
Elevados, que sempre respiravam.
Gecabo pois, o grão *Gecabo* novo,
O sublime Quixote d'estas éras,
Despotico *Sultão da Poesia*,
Que a todos fére, e só a si perdôa,
Que para pasto dar ao negro genio
Da Satira malvada que o devora,
A começa a empregar n'aquelles mesmos
Generosos amigos que o accolhem;

---

odio implacavel a quasi todos os seus ex-consocios, passou a flagellal-os sem piedade com Sonetos e Epigrammas satiricos, a que elles por sua parte retribuiam com outras semelhantes composições em que patenteavam mordacidade e azedume. D'aqui se accendeu uma peleja litteraria, que durou por muito tempo, e de cujos monumentos alguns ainda existem encorporados nas obras de seus auctores...» (p. 38.)

Que antes da bocca quer perder um dente,
Do que o fel de um Soneto contra um homem. [1]

O Abbade de Almoster doera-se das censuras de Bocage ao Soneto *A' nova moda dos chapéos de palha, de que usam as senhoras*, que terminava:

Mas emfim, não sintaes por isso falha;
As flores, chapellinhos, fitas, cachos,
Fazei de corno, se faltar a palha.

Uma Satira anonyma ataca-o por causa dos seus *Idylios maritimos*, que pouco antes publicara em 1791 e os recitara na Nova Arcadia; parece-nos pertencer a Curvo Semedo:

Impondo duração além das éras,
Numen te eriges, fanfarrão Bocage,
Envesgando raivoso o vasto mundo,
Ante o teu throno serpeando a medo.
Usurpador de louros soberanos,
Ah, não aviltes o Apollineo solio,
Em que é dado reinar a augusto vate,
Que equilibrando na invenção madura
Potente phrase, se abalança aos astros,
Até co's Deuses praticar soberbo.
Os titulos sagrados me apresenta
Com que alardêas, profanando Apollo,
Esse Idylio, que tens em grão portento;
Pensas, te salva da vorage eterna?
Falle o *Tritão*, que tu fizeste amphibio,

---

[1] *Almanach das Musas*, t. IV, p. 130. N'esta collecção estão composições de *Albano Ulyssiponense*, *Jacindo Ulyssiponense*, *Alcino Lisbonense*, *Francelio Vouguense*, *Leocacio Malpomineo*, *Corydon Neptunino*, *Elmiro Tagidio*, *Marisbeu Ultramarino*, Antonio Bersane Leite de Paula, e Anacleto da Silva Moraes.

Pondo-o na terra, namorando a Nimpha.
Sonetos, *Glosas*, lhe attrahis louvores
Cheios de vento, que empanturra o Paula;
Pêco *Epigramma*, que affugenta o riso.
Fabulas tuas, traducções franjadas;
Essas *Cantatas* de Parny são roubos,
Em que sedento de invenção campêas.
Mas, Tantalo phebeo, em vão cubiças
A' custa alheia eternisar teu nome;
Busco debalde acção nas obras tuas,
Que o desejado fim demande altiva.
E's emprestado vate: Italia o diga;
Falle a Gallia tambem, d'onde saquêas
Sem ter pejo os relampagos da gloria.
Tentas medir-te co'o soberbo Ovidio,
Na apoquentada epigraphe accoitado,
D'essa sem par *Metamorphose* eterna,
Aonde o triste pensamento enjôa
Pela enfadonha, somnolenta phrase!
Nas *Satiras* não fallo, venenosas,
Em que impera a calumnia socia tua.
Ou te divertes com tremendas caras,
Com trombas, que se vão sumindo em lenços,
Ou proferindo, como sempre, á tôa
Mais outros chôchos palavrões ensôssos,
Com que ha pouco louvastes *Ersaunio* verme;
Porque fallar só d'elle é dar-lhe a vida.
Tu lhe manda sequer, desprenda um verso.
Um pensamento eu só te peço ao menos,
Que nas azas do metro e sentimento
Não toque ouvidos só, como os teus versos,
Mas subito alvorote o peito arfando.
Ecco de auctores, pequenino *Elmano*,
Sonoroso, monotono, apoucado,
Que não sabes tirar, pulsando a lyra,
Som que arremede a voz da natureza.
Hyperbolico auctor desesperado,
De ôccas repetições, as obras matas.
Coalhas pôdre, insupportavel massa,
Metrico impulso te flammeja a mente;
Mas olha inda o declive em que és por ora,
De remontar á brilhadora esphera!
Para colher no Pindo egregio louro
Não basta deslizar canoro accento,
Soltando de improviso o dique ás vozes.

Mas, debalde minha alma se afadiga!
Que os meus conselhos só te valem risos;
Porém, desabafei, mostrei-te aos pangas,
Que embasbacados te laurêam nume,
Qual o pastrano camponez papalvo,
Pasma, encarando da cidade os nadas. [1]

Mostraram a Bocage uma analyse critica de Curvo Semedo aos seus *Idylios maritimos*, ao que elle retorquiu com uma extensa carta, que aqui inserimos como precioso inedito:

«*Snr. João Leocadio de Andrade*

«O papel que vm.ce me confiou para saber o juizo que eu formo d'elle não he huma critica judiciosa, mas sim uma Satira tão insulsa como infame, e que em vez de affrontar o objecto a que se dirige, retrocede para o seu calumnioso auctor: em todo o contexto d'ella se reconhece que hum entranhavel odio abafou as poucas luzes do referido Zoilo, e o obrigou a escrever os continuos absurdos e disparates que organisão a sua carta, sem permittir-lhe a reflexão de que aventurar semelhantes decisões é deshonrar-se para sempre na opinião dos sabios. Eu, meu amigo, estimulado pelo amor da verdade, tomo a penna para desfazer o turbilhão de asneiras que me assaltou os ouvidos á leitura de tão desordenado Libello, (ainda que os intelligentes chamarão inutil o trabalho a que me dou) mas como ha homens que se deixam embaír

---

[1] Ap. *Poes. eroticas*, p. 194. (*Ersaunio*, anagrama de Saunier.)

e allucinar de pedantes, que devem a sua celebridade á ignorancia alhêa, e como além d'isso a maligna condição humana tem sempre certa dóse de approvação preparada para as obras satiricas ou boas, ou más, é preciso mostrarmos que não somos do rancho, e que sómente a razão nos determina partido.

«Tratarei primeiramente de examinar os logares criticados, que espero justificar, e passarei depois á devida refutação das calumnias e vituperios que occupam a mayor parte da carta.

«Exigir o supposto critico huma verosimilhança exactissima e theatral para hum Idyllio he a maior das loucuras e huma prova da sua extrema insapiencia, pois que nos modelos de semelhantes Poesias (em portuguez, digo, por que é natural que ignore idiomas extranhos) nos excellentes Quinhentistas, taes como Camões, e Bernardes, devia ter visto o exemplo que Bocage seguiu.

«Não sei que haja differença de Ninfa do Mar a Nereida, e se foi licito e inculpavel ao suavissimo Bernardes o exclamar em uma das suas Piscatorias:

> Deixa o mole licor e cristalino,
> (Dizia) oh Ninfa, já que o sol deseja
> Enxugar teu cabello de ouro fino, etc.

«Porque hade censurar-se em Bocage o uso da palavra — Nereida — que exprime muito melhor a qualidade de Ninfa? só se o miseravel critico é d'aquelles que approvam n'uns o que detestam n'outros, e attendem mais ao nome do Auctor do que ao merito da obra.

«Não he menos frioleira a necessidade que estabelece de se estudar Arithmetica, Geometria e Astronomia para achar a Latitude de hum logar ou paragem: Eu cito todas as pessoas que embarcam, para vêr se ousam negar que milhares de marinheiros se applicam á observação do Sol sem os pomposos principios que requer o detractor, e se não confessam que a maior parte dos capitães dos navios prescindiu do estudo mathematico, que elle suppõe indispensavel.

«O critico é do numero dos tolos a quem se figura impossivel tudo o que não viram; e se fizesse o exame necessario deixaria de arriscar huma mentira, conhecendo que Bocage fallou com experiencia e propriedade. Oh! esquecia-me dizer, que lhe encontro muito sal no reparo que faz em o Marinheiro descalso; queria-o de fivella á malteza, ou de chapéo á maromba? Famosa observação! Não sei como não averiguou se tinha os calções rotos; porém, não imitemos o grande Critico (com signal negativo), tornemos ao que importa.

«Confesso-lhe ingenuamente que não sei a que vem ao caso Theocrito e Sannazarro (citados talvez por mera basofia) ou o que quer dizer tudo o mais que se segue a esta allegação. Eu suppunha louvavel a intenção de um novo genero de Idyllios na lingua portugueza, sendo estes susceptiveis de mais belleza e variedade que os antigos e remindo o seu autor da servilidade patente em todas as Piscatorias, que pela maior parte consiste em Monologos; até me atrevo a dizer, que o genero maritimo he tratado por um modo ori-

ginal nos Idyllios de Bocage, pois que as poesias d'este genero, ainda mesmo as de Bembo, padecem a esterilidade que se não acha n'estas, proveniente talvez do pouco que o Autor conhecia o seu assumpto.

«Não posso levar á paciencia, que o Censor das duzias dê baixa ao pobre Marinheiro ou reduza ao estado de papador para provar-lhe a supposta inverosimilhança, estranho ainda a ignorancia que manifesta a respeito do estado actual da nossa India; se temesse fallar á tôa, informar-se-hia melhor e viria a saber, que justamente o possuidor de Chaul, o denominado Colábo é o peór inimigo que temos n'aquelles mares, e a quem por ordem expressa as nossas Fragatas são obrigadas a atacar. Eis aqui a que se expõe o ignorante atrevido por satisfazer o seu odio e a sua maldade a perder o credito perante os imparciaes e os instruidos, e a cahir no lamaçal hediondo da inveja e da impostura arrojado pela critica severa desde o seu tribunal, donde pretendia dar leis como usurpador.

«Ninguem se lembrou até agora, de que era inverosimil n'um Idyllio suppôr-lhe a scena em logares conhecidos. O admiravel Camões determina claramente a scena da sua Piscatoria de Galathêa e a nação do Pescador, dizendo d'elle no 20 terceto:

> Os outros Pescadores tem lançado
> No Tejo as rêdes; elle só fazia
> Este queixume ao vento descuidado...

«Este exemplo foi imitado pelo nosso respeitavel Antonio Diniz da Cruz em obras do

mesmo caracter; e se Bernardes não circumstanciou assim as suas Piscatorias foi pelo não precisar ou por não antever que no seculo da razão e do gosto, no 18, houvesse um desprezivel charlatão que em tom decisivo intentasse levar as regras a um rigorismo impraticavel e ridiculo.

«Outro reparo mais irrisorio ainda he o que faz o bom critico (por antiphrase) a respeito da partilha do Marinheiro; sendo do Regimento da Marinha, que as prêzas se repartam pela tripulação em porções correspondentes ao gráo de cada individuo, devia necessariamente ter quinhão o Marinheiro. Resta saber se é verosimil fazer-se huma prêza tão rica, que a hum homem d'aquella condição caibam alguns aljofres e um collar de ouro. Digo que sim, e que não acho para isso impossibilidade alguma; de mais, queria o maldizente que se fingisse a embarcação inimiga carregada de bacalháo ou de algodão.

«Pobre homem, coração encortiçado e incapaz de sentir a brandura, a harmonia, a naturalidade do terceto a que chama conceito trivial, e que é imitação de uma linda passagem de Tasso, no *Aminta*, act. 2.º, sc. 1.ª

Ohimé quando ti porte i fior novelli
Tu li recusi, ritrosetta, forse
Per chè fior via piu belli ai nel bel volto.

«Tudo o mais que se segue, respectivo a este Idyllio he uma cadêa de parvoices e indecencias proprias de huma moral corrompipida, e extranhas ao homem de bem, maximè, que escreve como sabio.

«Acerca do Idyllio — *Tritão*, o que li he egualmente frivolo e superficial, principalmente o que versa sobre a escolha do assumpto, quando não fosse valioso o exemplo do celebre Antonio Dagaro Padoano, no seu bellissimo Drama piscatorio intitulado *Alcêo*, em que Tritão, hum dos interlocutores, espreita de huma rocha a pescadora Eurilla, a quem ama, e se arroja a ella para a roubar e submergir pelas ondas, bastaria a defender os tercetos citados a cautella que teve Bocage em não determinar a forma da Divindade marinha; e de mais quem se dá a estas e outras liberdades, se interprete favoravelmente a sentença de Horacio:

> Pictoribus, adque Poetis
> Quid libet audendi, semper fuit equa potestas?

«Parece-me que vm.[ce] achará este logar mais bem allegado do que pelo nosso Critico. *Qui variare cupit* — porque a muito apertar seria verosimil que Tritão como Deidade obrasse um prodigio que era impossivel ao Delphim. Se Thetys e as Nereides nos parecem tão bem na Ilha dos Amores, por que deixará Tritão de o parecer sobre a foz do Tejo, ou n'um bosque que lhe he proximo, e aonde o arremessa huma paixão desesperada? Hum espirito que pára sobre cousas tão tenues, assemelha-se a ellas; o nimio escrupulo em ridicularias semelhantes estreita e acanha a imaginação que deve usar do seu arbitrio contra tudo aquillo que a razão não escuda; quanto mais que a inverosimilhança (se a ha) não existe no Idyllio senão relativa-

mente á Mythologia, e em se persuadindo que Tritão, Divindade imaginaria inventada por outro o não foi por Bocage, cessa toda a incoherencia.

«He indesculpavel mais que tudo no demente Aristarco, que muito bem conhecemos, concluir que o epitheto *Dedáleo* he impropriissimo na bocca de Tritão, que pelo uso que faz d'elle dá a entender que viu as obras de Dédalo. Meu amigo, a boa critica demanda erudição, e se esta não faltasse ao Auctor do Libello, lembrar-se-hia de que hum illustre Poeta chamou *Dedalea* a Circe não por dizer respeito a Dedalo, mas por ser no seu genero tão artificiosa como elle.

«Devemos comtudo advertir, que o dito epitheto não vem no Idyllio de *Tritão* reimpresso nas *Rimas* de Bocage, o que prova melhor a inimizade do Critico, por que devia julgar sobre a edição mais correcta.

«Do que respeita á critica ainda nos falta examinar o Idyllio Farmaceutico mutilado mais que todos por esse hereje da razão.

«Suppõe elle arbitrariamente o que nem passou pela testa ao Auctor do Idyllio; suppõe digo, que Bocage falla de hum homem contricto, enjoado do mundo, sumido no ermo, incapaz de ternura e dos excessos que lhe attribuem. Novo paradoxo, e irracional!

«Da introducção se conclue necessariamente, que *Elmano*, perito na Magica, adora com extremo a Crinaura, que ella o desdenha, que elle exhauriu todos os meios de agradar-lhe, e que forçado da paixão recorre emfim a hum poder sobrenatural para attrahir o coração da sua amada.

«A ideia que a superstição tem dos Magos é a mola real em obras d'esta especie, e verosimil por tanto que *Elmano* vivesse no povoado como se diz das chamadas Feiticeiras, e que algumas vezes para exercer as suas horriveis ceremonias se dirigisse a hum bosque solitario, a hum logar pavoroso, evitado de todos os que não fossem magicos, como succede ainda a casas que, com prevenção pueril se dizem infestadas de larvas e espectros: a hum logar emfim como o que Bocage descreveu propriamente.

«Ora, meu amigo, tudo isto e o que se segue é tão futil e injusto que não merece o trabalho de refutar-se, e lhe affirmo que até agora me parecia impossivel haver hum homem tão máo e tão indigno que sacrificasse o amor proprio, a primeira das paixões, ao seu danado rancôr.

«Eu encontro este homem na presente satira, e reconheço que o seu humor caustico lhe fez detrahir em publico o que interiormente estima; e se não, diga-me vm.ce o que infere do ataque de irreligião que elle faz ao Soneto de Bocage? haverá quem sustente persuadido ser huma especie de impiedade a ingenua exposição da cegueira a que nos arrastou o Amor! He preciso conhecer muito mal o coração humano e os deveres christãos para estranhar uma linguagem tão propria, e que em vez de offender o Céo, he hum principio de expiação, he hum remorso indicado n'aquelle = ay de mim = que o Zoilo não citou, e que partindo a expiação dá n'elle hum vivo combate da religião e amor. Que outra cousa faz o penitente em eguaes circumstan-

cias aos pés do ministro sagrado, e que maior sacrificio para o homem naturalmente vaidoso que confessar que he máo? Ora, eis aqui o que fez Bocage no sobredito Soneto, que diz:

> E de todo apagada a voz do sizo,
> Guiassem-me (ai de mim) por teus agrados,
> Morte, Juizo, Inferno, Paraizo.

«Aquella interjeição prova hum perfeito conhecimento do crime que se commette abandonando felicidades eternas por bens momentaneos, e dá uma ideia gloriosa da religião do Auctor; não concorre de menos para isso o primeiro verso do Terceto; quanto mais que exigir expressões timoratas de um coração apaixonado em tal gráo, he querer caracterisar a natureza por hum modo novo, he não saber definil-a, he não conhecer as paixões, he não ser homem. Ah, que diria o Pedante se entendesse o livro de Job, se visse a fraze vigorosa e temerosa, com que elle no auge dos seus males pergunta a Deus a razão do castigo que soffre. Que diria tambem da pintura que o Profeta Rey faz do seu coração enxovalhado da culpa? Nada; ficaria como d'antes, porque quem o inspira não é a razão e a verdade; he o furor e o odio. Agora he que sei que a expressão da magoa e do sentimento pode envolver um alarde criminoso. Repito o Terceto acima para provar ao charlatão a sua demencia:

> E de todo apagada a luz do sizo,
> Guiassem-me (ai de mim) por teus agrados,
> Morte, Juizo, Inferno e Paraizo.

«Segundo o tal heroe da Novella, isto he o mesmo que se o Author dissesse, v. gr.: Encontrei o invejoso que atassalha a reputação dos que não pode igualar. Eu sou d'este numero, e por tanto dei-lhe com um páo: Ay de mim!

«Atéqui a grande critica fabricada sem sizo, sem gosto e sem estilo, sem ordem, sem erudição, inundada de uma torrente de injurias que arrastra comsigo a quem lhe soltou os diques, envenenada de um odio refinadissimo, e digna finalmente de quem a compoz: do Author do Dithyrambo de *Celia*, onde se vê hum milagre que nunca fez Baccho, isto he hum mesmo homem julgar-se duplicado por effeito da embriaguez; e eis aqui o que eu chamo inverosimilhança ou antes impossibilidade fizica, não passando em claro o seu Idyllio do *Fauno*, (plagiato de Gessner) em que na celebrada talha por onde bebeu Pan, vêmos outro prodigio não menor; tanto pela inverosimilidade de levar á bocca huma talha, podendo servir-se de hum púcaro, como por que o som das risadas de huma certa Napêa (talvez mais meretriz que a Nereida) apparece retratado na mesma talha. Mal pensava a pintura, que tinha a jurisdicção de exprimir sons, e muito deve ao author de semelhante descoberta, que em obsequio d'ella se deu a conhecer por hum asno. O pouco que tenho ouvido das suas obras me inhabilita de julgar o mais; mas os defeitos enormes das que conheço, me não soffrem conjectura favoravel sobre as que ignoro.

«Rogando-lhe o perdão de o distrahir tanto tempo do estudo Philosophico, a que o pren-

de o seu genio, prolongo mais a minha Apologia assombrado de vêr a verdade denegrida e alterada tão indignamente. Em primeiro logar, que tem o talento de hum homem com a sua moral, e qual foi o Sabio que abriu o exemplo da miscellanea odiosa que vm.ce me fez vêr? He assim que os grandes homens forjaram as suas criticas? As boas tem por fim illustrar o entendimento, estabelecer o bom gosto fundado sobre principios invariaveis, apontar as bellezas e os defeitos, para que o escriptor prevenido as abrace e as evite. A peçonha satirica não deve infeccionar a pureza de hum assumpto tão util. O verdadeiro critico é um juiz imparcial, munido das noções necessarias para avaliar a innocencia e o crime. Se as suas paixões particulares depõem alguma cousa n'aquelle tribunal e são escutadas, figuram outros tantos subornadores, que peitam e desdouram o Juiz. Pelo que, ainda sendo verdadeiros os motivos dos insultos, que li, elles são deslocados, elles são detestaveis, elles são indignos da caridade do christão, e da dignidade do critico.

«Se hum genio filosofico e desprezador de bens moraes o desviou do caminho em que podia prosperar; se o estudo mathematico lhe pareceu agro; se avesado ás flores da philologia não se resolveu a contemplar os espinhos da Algebra e a engolfar nas Sciencias secas e abstractas hum intellecto propenso a ideias agradaveis e ferteis; se emfim lhe faltou para alli a inclinação e o dom, que a Natureza, geralmente fallando, confere a cada hum para alguma sciencia ou arte; collige-se d'isto que Bocage he inhabil para a Poesia,

dom muito mais natural do que todos os outros, e que tem trilhado espiritos destituidos de cultura? Que descarado he o sobredito impostor quando affirma á face de tanta gente informada do contrario, que Bocage foi desterrado para a India por incapaz; como se fosse hum crime a pouca disposição para qualquer estudo. O desterro de Bocage foi voluntario, e o seu regresso da India em nada vergonhoso, o que se prova e conclue da publicidade com que passêa sem risco por huma Côrte, onde o conhecem todos, e onde devia recear-se se a tranquilidade da innocencia não andasse com elle. A ingratidão e maledicencia que se lhe exproba ácerca de dois sujeitos — Manuel Maximo, e Francisco Delgado, não sei em que alicerces assentam. Eu defino a ingratidão hum esquecimento total do beneficio recebido; e se este é imaginario como pode a ingratidão ser real? O Zoilo quer doirar com o pomposo titulo de amisade officiosa o que a mera casualidade, ou talvez o interesse litterario dos sobreditos occasionou algumas vezes. Emfim, meu amigo, (eu o repito e repetirei sempre) não conheço hum homem tão mordaz, tão invejoso, tão ridiculo como o Author da tal critica; porque não contente de ser sobremaneira falsario no que alleguei ha pouco, se arroja a mentiras maiores, e mais incriveis, dizendo de Bocage o que devia temer se dissesse d'elle, e levando a insolencia até ao ponto de lhe negar os principios, proprios de hum nascimento honrado, de huma boa educação, e de hum homem que deveu ao Céo dar-lhe hum Pay sabio, e que como tal havia necessariamente

empregar todos os meios de vêr-se reproduzido em seu filho no que respeita á instrucção: para prova de que o fez, trate vm.[ce] com Bocage, e veja se lhe não encontra o adorno espiritual, de que o seu Antagonista intentou despojal-o.

«Emquanto aos testemunhos que lhe assacam sobre a impropriedade dos estilos, basta lêr as *Rimas* de Bocage para o desmentir. Querer que a expressão das paixões furiosas, taes como o ciume, seja doce e effeminada, he querer um absurdo, he pôr-se no rol d'aquelles de que fallava David, no Psal. 63, ℣. 8 e 9:

> *Sagittae parvulorum jactae sunt plagae eorum,*
> *et impunitatae sunt contra eos linguae eorum.*

«Não ha hyperbole viciosa retratando as paixões que desordenam e afumam o espirito. Metastasio, poeta encantador, e o mais doce e harmonioso de todos os italianos, não tem duvida de dizer em hum dos seus Dramas pela voz de um zeloso:

> Io mi sento nel cor tutti l'inferno

«Que seria da criança, que tem tanto medo do papão, se visse os horrorosos e admiraveis quadros que faz Young do Ciume, da morte, do inferno, da Desesperação! Quando os cabellos se me arripiam de o lêr, então he que conheço o fogo, a energia, a propriedade dos quadros que se me offerecem, e pelo meu terror avalio o seu merito. Se Bocage impropriamente empregasse o estilo forte em tudo o que fez, seria condemnavel; mas como em

differentes obras suas se conhece o contrario, aconselhem a esse Detractor que olhe para si, para o estilo affectado que mendiga pelos Diccionarios, e pelo seu caderno de Esdruxulos; ao que apresenta as producções do seu estro, cobertas de *clinquant* ou Palletas de que falla Boileau, alludindo aos *Belmiros* de Paris. Hum homem que não arrosta com assumptos moraes e proveitosos, que não passa d'aquelles cujo merecimento consiste em palavras rebuscadas e altisonantes; hum homem ignorante do essencial e atulhado da lição do *Theatro de los Dioses;* hum homem que ainda ha quatro annos fez á morte do Principe do Brazil huma insulsa Elegia, em que chama por metaphora Pindo ao Céo; hum homem que nomêa plagiario a Bocage por que faz Apologos, Idyllios, Cantatas e outras especies de Poesias já tratadas, como se no titulo d'ellas consistisse a sua fabula e o seu contexto; hum homem, emfim, que antepõe a sua vingança ao seu dever, he hum homem odioso, perverso, arriscado, nocivo á sociedade e merecedor de que o expulsem de todas aquellas a que presidir a honra e probidade.

Deus G.de a Vm.ce etc.

«P. S. — No que respeita á pretendida impossibilidade de apparecer o Iris de noite, remetter-lhe-hei sobre isso o que escreveu hum sujeito abalisado na materia, e vm.ce conhecerá de quem foi a patetice, etc.» [1]

---

[1] Esta carta é acompanhada da seguinte, escripta pelo auctor das *Viagens de Altina:*

Embora esta carta não esteja datada, a referencia á *Elegia na infausta e lamentavel morte* do Principe Dom José, por Belchior Manoel Curvo Semedo, impressa em 1788, combinada com a phrase «*ainda ha quatro annos* fez á morte do Principe do Brasil,» leva a fixar-lhe o anno de 1792-1793. Ataca o Dithyrambo intitulado *Celia*, por «um mesmo homem julgar-se duplicado por effeito da embriaguez»; effectivamente n'esta composição de *Belmiro Transtagano* se lê: «Mas que vejo! *dois Eus*, duas Celias!» E em nota ex-

---

«*Snr. Manoel Maria de Bocage.*

«Meu estimado amigo e Snr., ainda que o estado da minha saude me não permitte grandes applicações, não quero deixar de lhe responder ao que me pergunta a respeito do Arco Iris, o que farei com a brevidade que me for possivel, indicando-lhe as fontes onde pode vêr dissertações completas sobre este assumpto.

«Diz vm.ce que julgando ter visto certa occasião o Arco Iris com pouca differença pela meia noite, escrevera isto mesmo nas suas obras; mas que certo sabio seu antagonista o ataca sobre este ponto, suppondo a cousa impossivel, e mettendo-a tanto a ridiculo, como se dissesse que tinha visto o sol de noite.

«Eu creio, meu charo amigo, que esse sujeito falla d'esse modo unicamente para o desafiar e ter o gosto de o ouvir discorrer sobre esta materia, e não por que se persuada da impossibilidade da cousa; por que não ha hoje hum só Fysico, ainda entre os mais superficiaes, que não saiba que o Arco Iris he produzido pela refracção dos raios de luz através das gottas esphericas da agoa, e que em consequencia d'este principio deve apparecer de dia ou de noite, com tanto que o sol ou a lua declinem para o horisonte, quanto baste para formar com o sitio onde chove e com a vista do espectador hum angulo capaz de produzir este phenomeno.

«He certo que o Iris nocturno apparece com menos

plicativa: «Entende-se que vejo a minha figura duplicada como se me visse a espelho, ou tomasse a minha sombra por outro eu, effeito da vinolencia...» (*Comp. poet.*, I, 181.) E criticando o Idyllio intitulado o *Fauno*, por beber por uma talha, ahi se encontra a passagem, que o identifica com o terceiro de Curvo Semedo:

> Ruge-me prezo contra o frio inverno,
> Que as carnes córta, os membros enregela,
> Em rica *talha* salutar Falerno.

---

frequencia, e é formado de côres mais fracas do que o do Sol, e he muitas vezes de huma só còr; o que succede, por que a luz da lua he huma luz já reflectida do sol, e por consequencia muito mais fraca, por que a lua não brilha em todo o tempo como o sol, que brilha com a sua propria luz.

«O Arco Iris nocturno não apparece senão no tempo que medêa em tres ou quatro dias antes e depois da lua chêa, por que a sua luz alem d'este termo he já tão fraca, que não pode produzir este phenomeno.

«Tambem he certo que o Iris nocturno não poderia apparecer nunca pela meia noite se se formasse sómente no tempo exacto da lua chêa, por que achandose ella então no meridiano não poderiam os raios de luz produzir hum angulo capaz de produzir este phenomeno; mas como a luz que ella nos reflecte he sufficiente para fazer este effeito tres ou quatro dias antes, e depois de tal termo, pode apparecer não só pela meia noite, mas antes ou depois, segundo a inclinação da lua para o horisonte.

«O Arco Iris produzido pelo Sol tambem he algumas vezes de huma só côr. Eu me lembro de ter visto o Arco Iris em differentes horas da noite, mas como não faço auctoridade, o que vi em Dezembro de 1785 pelas nove horas da noite da janella de Desiderio Pereira de Sousa, morando ao Chiado, pode provar a mi-

Não, no mundo não vês outra mais bella;
Muitos amigos meus a têm gabado;
Deu-m'a Silvano, e *Pan bebeu por ella.*

Bromio *risonho ali se vê gravado . . .*

(*Comp. poet.*, II, 15.)

Pela carta de Bocage vêem-se outras referencias a Curvo Semedo, como a de alardear conhecimentos mathematicos; era effectivamente *Belmiro*, quem acirrava o *rancho* dos neo-árcades contra Bocage.

---

nha verdade, porque foi observado por huma numerosa companhia que se achava então em sua caza. Eu lhe cito algumas obras sobre esta materia, que vm.ce pode apontar ao seu antagonista para lhe tirar toda a duvida.

«ENCYCL. Artigo *Arc-en-ciel.* Brisson, *Diccion. de Physique*, o mesmo artigo. *Diccion* de Trevoux, o mesmo artigo. *Diccion.* de Chambers, art. Rombow, e na traducção italiana *Arco Celeno. Collecção Academica Estrangeira*, tom. 6, p. 253, 265 e 286. *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Paris*, 1708, p. 109, historico, 1770, p. 22, hist.

Seu fiel am.º e obr.º
Luiz Caetano de Campos.»

Encontrámos este curioso documento no volume intitulado *Obras ineditas de varios Auctores*, vol. 7970 da riquissima Livraria Pereira Merello. O documento em papel almasso azulado, tem em letra da epoca o titulo *Carta de Manoel Maria a Belxior. Em resposta de outra.* Adiante mostraremos como desde 1794 Luiz Caetano de Campos já andava espionado como revolucionario.

Vê-se que um tal João Leocadio de Andrade levou ao conhecimento de Bocage umas censuras que Belchior Manoel Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*) fizera de alguns seus Idyllios; Bocage refutou-as em resposta dirigida a Leocadio.

Depois d'esta carta transcrevemos os Sonetos satiricos de Curvo Semedo e do Abbade de Almoster, com outros ineditos em que Bocage é arrastado pelas portas da morte; e bem assim alguns anonymos em que a virulencia é atroz, chegando á infamia da denuncia. Só depois de lidos é que se póde avaliar as tremendas e immortaes replicas que dardejou sobre os neo-árcades, amarrando-os á irrisão perpetua.

Curvo Semedo, além de outras Satiras, fortemente o atacou na enxurrada dos Sonetos:

Morreu Bocage, sepultou-se em Goa!
Chorae, moças venaes, chorae pedantes,
O insulso estragador das consoantes,
Que tantos tempos aturdiu Lisboa.

Por aventuras mil obteve a c'roa
Que a fronte cinge dos heroes andantes;
Inda veiu de climas tão distantes
A' tôa vegetar, versar á tôa.

Este que vês, com olhos macerados,
Não é Bocage, não, rei dos brejeiros,
São apenas seus ossos descarnados.

Fugiu do cemiterio aos companheiros;
Anda agora purgando os seus peccados
Glosando aos cagaçaes pelos Outeiros.

Na Epistola ao Snr. José Thomaz da Silva Quintanilha, Curvo Semedo ataca Bocage revelando o aspecto pessoal da pugna litteraria, e dando-nos o escorso do poeta:

Em vão suave *Eurindo*, em vão pretendes
Fugir á chusma dos mastins damnados,
Que em tudo as prêzas venenosas ferram...
....

Mas hoje para ser Poeta insigne
Basta dizer: *Componho inclytos versos.*
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole ou Antithese rançoso,
Exclamar: *Isto é meu! Isto não morre!*
O amor proprio dá leis, reina a vaidade,
Ninguem quer correcção, mostram seus versos,
Pedem censura, e esperam-lhes louvores;

. . . .

Inda *Montano* vive, honra dos Lusos,
Mestre da lingua, de preceitos mestre;
Elmiro não morreu, inda ergue os vôos,
Inda emboca suave epica tuba;
Elmiro, traductor claro e nervoso
Do difficil a Pope, agudo Estacio;
Inda *Alfeno* tem vida, caro ás Musas,
Que pratico do Pindo nas veredas
As gregas instrucções bebe na origem.
Inda *Ismeno* rival do Cysne Ismeno
Da morte audaz triumpha; etc. [1]

Tambem contra Bocage jogou os Epigrammas acerados, como outr'ora Caminha a Camões:

Zoilo mordaz me insulta impaciente;
Mas d'elle se publica,
Que os máos Poetas louva, os bons critíca.

(*Epig.* I.)

Se máos e bons atassalhas,
Se tudo a eito laceras,
Nas chôchas trovas que espalhas,
De quem louvores esperas?
Repara, que todo aquelle
Que a louvar-te se proponha,
Vae applaudir sem vergonha
O mal que tens dito d'elle. [2]

---

[1] *Composições poeticas*, t. II, p. 185.
[2] *Ib.*, t. III, p. 151.

O Abbade de Almoster vinha pimpando tambem na carga cerrada:

Ha junto do Parnaso um turvo lago,
Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos exquentados,
Cerebro froixo, ou de miolo vago.

Por mais infamia sua, e mais estrago
Doou-lhes Phebo os animos damnados,
P'ra que exprimam em versos desazados
Os seus destinos vis nos quaes eu c. . .

Aqui Bocage vive, e d'aqui ralha,
E co'a tartarea lingua ponteaguda
Bons e máos, máos e bons, tudo atassalha.

E' vil insecto, e o genio atroz não muda,
Bem como a escura côr não muda a gralha,
E o hediondo fedor não perde a arruda.

Esfusiavam Sonetos anonymos evidentemente de outros neo-árcades:

Emquanto a rude plebe alvoroçada
Do rouco vate escuta a voz de mouro,
Que do peito inflammado sae de estouro
Por estreito boccal desentoada;

Não cessa a cantilena acigarrada,
Do vil insecto, do mordaz bezouro
Que á larga se creou por entre o louro
De que a sabia Minerva está coroada,

Emquanto o *cego atheu*, calvo da tinha
Com parolas confunde alguns basbaques,
Psalmeando a amatoria ladainha;

Eu não me posso ter, cheio de achaques,
Cansado de lhe ouvir: *Bravo! Esta é minha!*
C... sem me sentir, desando em traques.

Este Soneto, embora anonymo, mostra-nos que a polemica descambava para a sordidez; com certa perfidia já ahi se accusava Bocage de *atheu*, o que nos revela d'onde provieram as denuncias ao Intendente da Policia. Sente-se o despeito da impressão profunda que produzia a improvisação do poeta, frisando-se o desvanecimento que Bocage manifestava nos seus rasgos mais brilhantes, dizendo: — *Isto é meu!* Outro Soneto anonymo ataca-o pelo insulto:

Esqueleto animal, cara de fome,
De Timão e chapéo á Hollandeza,
Olhos espantadiços, bocca acceza
D'onde o fumo que sáe a todos sóme.

Milagre do Parnaso em fama e nome,
Em corpo galli. . . . alma franceza,
Com voz medonha, lingua portugueza
Que aos bocados a honra e brio come.

Toda a moça, que d'elle se confia,
E' virgem no serralho do seu peito;
Janella que se fecha pu..aria.

N'este esboço o retrato tenho feito;
Eis o grande, o fatal Manoel Maria,
Que até pintado perde o bom conceito. [1]

Bocage assim que soube que fôra expulso da Nova Arcadia, antes mesmo que atacasse cada um dos seus conhecidos antagonistas individualmente, fulminou-os em conjuncto, che-

---

[1] Nas *Poesias eroticas*, p. 191,-2.

gando até á obscenidade. No Soneto *Aos socios da Nova Arcadia* verbera-os com desdem:

Vós, oh *Franças*, *Semedos*, *Quintanilhas*,
Macedos, e outras pestes condemnadas,
Vós, de cujas bozinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas;

Vós, nescios, que mamaes das vís quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos máos, por trovas aleijadas
De que engenhaes as vossas maravilhas;

Deixae Elmano, que innocente e honrado,
Nunca de vós se lembra, meditando
Em cousas serias, de mais alto estado...

(*Son.* 191. Ed. Act.)

AOS MESMOS

Não tendo que fazer Apollo, um dia
A's Musas disse: «Irmãs, é beneficio
Vadios empregar; dêmos officio
Aos socios vãos da magra Academia:

O *Caldas* satisfaça a Padaria;
O *França* de enjoar tenha exercicio,
E o auctor do entremez do Rei egypcio
O Pégaso veloz conduza á pia.

Vá na Ulyssea tasquinhar o *Ex-Frade*,
Da sala o *Quintanilha* accenda as velas
Em se junctando alguma sociedade.

Bernardes nenias faça, e ria n'ellas;
E *Belmiro*, por ter habilidade,
Como de antes, trabalhe em bagatellas.»

(*Son.* 192.)

Contra *Elmano Sadino* urrando avança
O esteril *Corydon*, o vão *Belmiro*,
Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,
Que do extincto Miguel possue a herança;

O curto *Quintanilha*, o torpe *França*,
O tonsurado, retumbante *Elmiro*,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais froixo, que pedrada de criança.

Elmano solta um ..... eis foge tudo;
Eis os socios ganindo ao som do traque,
Quaes do funil appenso os cães no entrudo.

Mas se inda a córja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens n'um *Almanach*. (*Son.* 193.)

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a gallegage;
Em phrase hirsuta, em gotica linguage
Belmiro um Dithyrambo principia... (*Son.* 194.)

Tu, *França*, que na Ode és mar em calma,
Tu, môcho da pieria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade
Com dous versos á morte o povo accalma;

Quintanilha, pygmeu no corpo e n'alma;
Da Matriz de Almoster tu, *calvo Abbade*,
Belmiro, anão de Apollo, e tu, *Ex-Frade*,
Que em trovas de bum-bum levas a palma;

Vates, que mereceis do cardo a rama;
Turba, que as settas da calumnia affias;
Momentaneo borrão da alheia fama:

Dá cabo das sessões com que enfastias;
Por mão do secretario entrega ás chammas
Papelada servil de ninherias! (*Son.* 195.)

E parodiando a expulsão da Nova Arcadia, Bocage lembra-lhes um alvitre para que a «triste, malfadada Academia» não caia por terra:

«Ao satirico audaz põe duro freio,
Pune o declamador que te flagella;
Dá-lhe assento outra vez no mago seio:

Bem como a quem profana uma donzella,
Que em pena de affrontoso estupro feio,
Fazem próvidas leis casar com ella.»

(*Son.* 196.)

Caldas Barbosa foi um dos mais atacados por Bocage, que por fim conhecendo a sua brandura de caracter e affavel sociabilidade, chega quasi a penitenciar-se:

A *Lereno*, que é homem de juizo,
Por muitos versos cheios de belleza,
Perdôa, se não góstas do improviso.

O egypcio entremez elle despreza;
Nos outros, socio *Elmano*, é que é preciso,
Palhas, dieta e vergalhada teza.

(*Son.* 197.)

Nojenta próle da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de nico,
Loquaz ságuim, burlesco Theodorico,
Osga torrada, estupido resinga;

Eu não te accuso de poeta pinga;
Tens lido o *Mestre Inacio* e o bom *Supico;*
De ôccas ideias tens o casco rico,
Mas teus versos tresandam a catinga.

Se a tua musa nos Outeiros campa,
Se ao Miranda fizeste Ode demente,
E o mais que ao mundo estólido se encampa;

E' por que, sendo, oh Caldas, tão sómente
Um cafre, um goso, um nescio, um parvo, um trampa,
Queres metter nariz em c. de gente. [1]

«*Ao trovista Caldas, pardo de feições e grenha crespa e revôlta* (Metamorphose):

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo extranha peta;
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe, e lhe arreganha o dente;

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os callos, deixa-lhe a catinga;
Eis entre os Lusos o animal sem rabo,
Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modelo e cabo;
A sua alta sciencia é a mandinga,
O seu benigno Apollo é o diabo.

(*Son.* 199. Ed. Act.)

Bocage veiu a reconhecer a sinceridade de Caldas Barbosa, e que toda a hostilidade dos neo-árcades provinha de Curvo Semedo; [2]

---

[1] Ap. *Poes. eroticas*, est. XVIII.

[2] Bingre dá-o como auctor do Soneto ás quartas feiras de *Lereno*.

foi a elle e ao seu cumplice, abbade de Almoster Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, que Bocage atirou os mais acerados Sonetos. Transcrevemos os que dirigiu *A Belchior Manoel Curvo Semedo:*

Intruso no Apollineo sanctuario,
Dar leis a cegos, illudir pedantes,
Uivar entre as phreneticas bacchantes,
Qual vago lobishome em seu fadario;

Voar de diccionario em diccionario,
Pilhando aqui e alli porções brilhantes,
Aguarentas com mãos surripiantes,
Pygmeu de Cintra, teu verboso erario;

Por fôfos versos compassar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chã roncar preceitos;

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos,
Eis os progressos do pavão *Belmiro.*

(*Son.* 187.)

Em outros Sonetos ataca-o pelos seus Dithyrambos, tendo a intuição da falsidade d'este genero de lyrismo:

Belmiro, que entre os pampanos farfalha
Affectando entoar canções divinas...

(*Son.* 188.)

. . . .

Memorião que engole um diccionario,
E orna de verdes pampanos a frente...

(*Son.* 171.)

Belmiro Transtagano, assim chamado por ser natural de Montemor-o-Novo (n. 1766)

escolhera para os seus exercicios arcadicos esse genero insensato por não comprehendido, idealisando os prazeres excitados pelo vinho; mas, no seu tempo Bocage não estava habilitado a comprehender o motivo da falsidade do genero poetico. O Dithyrambo era um hymno mythico com que os gregos celebraram os heroes nos seus desastres; e por que Dionysos era o unico deus sujeito a taes accidentes, por isso se tornou o thema principal d'esta ordem de cantos. Mostra isto, que a fórma tradicional do polytheismo hellenico não tem relação com as civilisações modernas emquanto á orgia sagrada; na Grecia este canto nacional, como o mostrou Ottfried Muller, teve uma influencia directa na formação da Tragedia. Diz Aristoteles: «a Tragedia teve o seu ponto de partida nos cantores dos Dithyrambos;» as litteraturas modernas imitando a Tragedia classica no seu aspecto humano ou universalista que lhe dera Euripides, não podiam idealisar as fórmas rudimentares ainda dependentes do mytho. Como Diniz, tambem Curvo Semedo fabricou Dithyrambos inorganicamente, que em vez de obras academicas mais parecem productos de dementados. Curvo Semedo, como quasi todos os poetas portuguezes do seculo XVIII, que tiveram profissões civis as mais prosaicas, era capitão de engenheiros e escrivão da Mesa grande dos Portos secos da Alfandega grande de Lisboa. As suas *Composições poeticas*, em trez volumes, são dedicadas ao Principe Regente; foi sempre um acerrimo partidario do antigo regimen da graça regia, e isto o tornava inimigo de Bocage, que pelo

seu temperamento impulsivo se manifestara pelo jacobinismo.

Depois d'este, era *Corydon Neptunino*, Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, o que dava mais péga á vivacidade de Bocage, sobretudo depois do Soneto que esse Abbade de Almoster fizera contra a moda dos chapéos de palha das senhoras, [1] e em replica aos versos satiricos a *Gecabo* no *Almanach das Musas.* O Abbade, tambem como o Caldas, cantava Modinhas á banza, e pela leitura dos poetas francezes do pseudo-classicismo, fazia Tragedias e traduzia os Idyllios de Gessner da prosa franceza. Bocage retrata-o no Soneto «Ao Padre Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, vigario da igreja de Almoster:

> Conhecem um vigario de chorina,
> De insulsa phrase, de ralé maruja?
> Sapo immundo, que bebe ou que babuja
> No que deita por fóra a Cabalina?
>
> Este é um tal Franco, um tal sovina,
> Que orelhas mil e mil com trovas suja;
> Digno rival do môcho e da coruja
> Quando a voz desenfreia, a banza afina.
>
> Faz versos em francez, francez antigo,
> Em giria de Veneza, e finalmente
> Em corrupto hespanhol leva o castigo.
>
> Elle diz que são bons, e os mais que mente;
> Põe mãos á obra, faze o que te digo,
> Chicotêa esse bruto, e crê na gente.
>
> (*Son.* 179.)

---

[1] Bocage atenazou-o nos Son. 182 e 183. Ed. Act.

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente,
Raspem-lhe as mãos, e ferva-lhe o carolo.
. . . .
Ora, vão trovador do *Heroe do Egypto*,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Acerca dos papeis que tens escrito?

A copia de *Gessner* deu-se de graça,
Psyche jaz de capella e de palmito,
Sesóstris infeliz morreu de traça.
(*Son.* 180.)

Do Franco, a grande peça curiosa,
Tragedia de *Sesóstris*, que faz rir,
Tem versos naturaes, parecem prosa!
(*Son.* 171.)

E contra a insipidez litteraria do Franco vibra-lhe o Soneto 181, cujas variantes ineditas apresentamos:

Passava já de um mez, que o bom *Luceno* [1]
Fechar seus tristes olhos não podia;
Submettido á fatal sabedoria
Do respeitavel *Fármaco* Pequeno. [2]

---

[1] *Luceno* (Lucas de Seabra da Silva, Desembargador do Paço — que succedeu a Manique, quando este faleceu em 30 de Junho de 1805.)

[2] O Dr. Francisco José de Almeida, tinha o alcunha de *Medico pequeno*. Na variante publicada por Castilho é atacado o *França*. Em um Ms. da Academia, apparece applicado «*Ao P.e Caldas, estando doente e tratando d'elle o Doutor Joaquim Xavier*...»

Vê-se que os Sonetos satiricos de Bocage eram modificados nas copias segundo o intuito de cada copista, e que assim Bocage foi sempre intrigado com os seus amigos.

Hippocrates d'aqui, d'alli Galeno,
Empunhava o tacão na livraria;
Remedios contra Insomnia *revolvia,*
Porém, cada receita era um veneno.

Scisma o curto Doutor, subvem-lhe á mente
Do Franco os versos duros como um tronco,
E — Récipe, de alguns fórma ao doente;

Em *tenue* dóse applica o metro bronco,
Manda lêr-lhe um Terceto; eis de repente
Cerra os olhos o enfermo e préga um ronco.

O Abbade de Almoster ainda se recordava da passada *Guerra dos Poetas*, e na sua Epistola a *Laurino*, escrevia:

Sabio te chamo, não por que tu mostres
Ao mundo, em vãos escriptos pedantescos
Carregados de drogas da antigualha... [1]

Não se refere ainda á admiração manifestada por Filinto a Bocage, mas á tendencia d'este a affectar conhecimentos dos classicos quinhentistas e a dar-se como purista na linguagem.

No accesso de furor satirico contra os neoárcades, Bocage atacou o Quintanilha pela sua pequena estatura, fazendo-lhe carga com uma allegoria insulsa em que elle incorrera; transcrevemos os traços mais pittorescos «Ao Doctor José Thomaz Quintanilha:

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,
Rato, que róe do Caldas a substancia,
Pygmeu de insupportavel arrogancia,
Que morde mais que pulga ou persevejo;

---

[1] *Almanach das Musas,* t. III, p. 106.

Acceso no frenetico desejo
De exceder dos Quixotes a constancia,
A' frondosa Funchal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo...

(*Son.* 186. Ed. Act)

Bocage n'este soneto apodava-o pela Epistola em que Quintanilha querendo imitar Garção, resvalou da naturalidade para a chateza; transcrevemos d'essa composição inedita um fragmento comprovativo:

Embora, uma e mil vezes, generoso
Da remota Timor na fina chávena
Com risonho semblante me apresenta
O rescendente *pérola* fumando;
De um lado em lascas cristallino assucar,
Do outro a fulva, britanica manteiga,
Ampla doirando as providas fatias;
Embora de *londrino* alaranjado
No prato assôme feiticeiro tóro;
Em frente, alemtejão, bojudo paio
Da côr que os horisontes alcatifa,
Quando o rubido sol no mar se banha,
E em torno, mil botelhas requestadas
Do celeste elixir, pae da alegria:
Ou ao revés, seguindo rumo opposto,
Dura, eterna abstinencia o sceptro empunha,
Despiedado jejum reine em teus lares,
Sempre o mesmo sereis: franco, sincero,
Sempre direi, que és unico na rima,
Que és raro na invenção, que és na linguagem
Vasto e polido, escrupuloso e puro;
Sempre direi, que isentos, que seguros
Se acham teus versos de embrulhar nas tendas
Figos, adubos, velas e toucinho.

Mal suspeitava Bocage, que o seu remoque ao «cantor do chá, manteiga e queijo» encontraria passado um seculo o documento justificativo da sua verdade, n'essa Epistola inedita a Caldas Barbosa, cuja gratidão pro-

clama. [1] Quando na Satira *Pena de Talião*, recommenda que se não esqueça de metter no côro dos de garganta indocil tambem o *pygmeu no corpo e na alma*, insiste depois em nota: «Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso: — Quintanilha, pygmeu no corpo e na alma. — Se houver todavia quem o ignore, declaro que pertence a um nojento homunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um Soneto, e que propaga e palmeia a Satira de *Elmiro;* porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*» Bocage esquecera-se da amisade e dos elogios que votara a Quintanilha, chegando a felicital-o por algumas das suas composições poeticas.

---

[1] Eis o satirisado Soneto de Quintanilha, colhido dos seus manuscriptos communicados a J. F. de Castilho pelo visconde de Paquetá, filho do neo-árcade:

Onde a fresca Fayal, erguendo a fronte,
O mar enrama que a torneia e lava,
Amor, de mando meu, se encaminhava,
Nas roxas azas de um gemido ardente.

Do lado um beijo férvido, pendente
Em um verde listão preso levava...
Namorado penhor, que eu enviava
Ao doce bem, por quem suspiro ausente.

Chegou Amor á deleitosa ilha,
E apenas Silvia vê, fica abrasado
Na luz celeste que em seus olhos brilha.

Triste de mim, quanto é cruel meu fado!
Se Amor é meu rival, que maravilha
Que ella anteponha um Nume a um desgraçado.

Houve tempo em que Bocage admirava *Eurindo Nonacriense*, como se vê pelo Soneto «Ao Dr. José Thomaz Quintanilha que descrevera n'uma excellente Glosa de uma Quadra o desastre de Leandro e Hero.» Nos ineditos de *Eurindo* encontrámos essa Glosa, hoje desconhecida, que tanto encantara Bocage; antes porém de reproduzil-a como commentario perpetuo ao Soneto, importa renovar a impressão d'este:

Eurindo, caro ás Musas e aos Amores,
Das Tágides louçãs cantar mimoso,
Não damnes o alto verso deleitoso,
Não sôe o lasso *Elmano* em teus louvores.

Exprime de Hero as lagrimas, as dores,
Do audaz de Abydo o transito afanoso,
E em fôfos escarcéos Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores.

Pinta os males d'Amor, de Ignez os fados,
Canta as glorias d'Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas, os agrados;

Em vez de aviventar co'a maga lyra
Musa infeliz, que em ancias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

(*Son.* 255. Ed. Act.)

Agora a quadra valorisada pelo soneto:

MOTE

As ondas encapelladas
Se ouvem na praia rugir;
Não te arrisques, não me assustes,
Não me queiras consumir.

GLOSA

Onde Hero, o seu doce amor,
Lá na opposta Sesto o espera,
Ousado, em vão, pretendera
Ir de Abydo o nadador.
Das ondas contra o furor
Forças procura baldadas,
Tres vezes d'alma alentadas,
A fendel-as se abalançam,
E outras tres na praia o lançam
As ondas encapelladas.

De Hero o lume suspirado
Na alta torre, ao longe, ardia;
A cuja vista dizia,
Soluçando o desgraçado:
— Bravos ventos! mar irado!
Basta de me perseguir! —
Seu fado o não quer ouvir;
Roga, exclama inutilmente!
E as roucas vagas sómente
Se ouvem na praia rugir.

Que Hero o escute e que Hero o veja,
Palida, afflicta, sem paz,
Do malevolo Amor faz
Barbaro prestigio fero.
— Detem-te! (grita) Ah! eu quero
Que o fatal projecto sustes;
Que tanto, oh céos! me não custes,
Ajudarão meus pezares,
Meu bem, os ventos, os mares,
Não te arrisques; não me assustes.

Diz; e de pranto rocía
O lindo, nevado seio,
Do acceso Leandro enleio,
Quando a sorte o consentia.
— Não te arrisques! (proseguia)
Póde o céo meu rogo ouvir;
Póde a meus ais annuir;
Mandar placida bonança;
E este raio de esperança
Não me queiras consumir. —

Não reproduzimos o Idyllio intitulado *Alzira*, que Bocage conheceu por ventura em recitação na Nova Arcadia, por causa da sua extensão e mesquinho relêvo; os versos a Ignez de Castro são os do Soneto publicado no *Almanach das Musas*, em que celebra Marcia em um vantajoso parallelismo. [1] Em uma Ode a José Bersano Leite, ainda exalta *Eurindo*:

> Ora todo te dás ao som divino;
> A's lyras milagrosas
> Do meu *Tionio*, do atilado *Eurindo*,
> De *Leucacio* fecundo,
> Que, accesos despregando ao estro as azas,
> Pelo ceruleo vacuo
> O sol transcendem, somem-se nos astros,
> Do fado a nevoa rompem, etc.
>
> (*Ode* 7. Ed. Act.)

Um dos neo-árcades de quem Bocage deixou o retrato mais caricatamente artistico é o

---

[1] Em uma Epistola inedita de *Eurindo* «A' Ill.ma Snr.a D. Maria Cecilia Leonor de Castro, no venturoso dia de seus annos» vem referencias elogiosas a Bocage, que mostram as relações sympathicas dos dois poetas:

> Em vão, da baixa terra tento alçar-me;
> Debalde, erguendo os vôos atrevidos
> Tento medir-me co'o afamado *Elmano*,
> Grão valido das Musas e de Apollo:
> Qual Icaro a sentiu, sinto do arrojo
> (Quão temerario e vão!) a acerba pena!
> Só digno o claro *Elmano* é de louvar-te;
> Ou elle, ao som da cythara divina
> Descante as perfeições que te enriquecem...

do velho Dr. Luiz Corrêa da França e Amaral, (*Melizeu Cylenio*) bacharel formado em leis, nascido em 1725, socio da *Academia dos Occultos* em 1754, e da *Arcadia lusitana* em 1757, transitando para a *Academia de Humanidades de Lisboa* em 1788, e por fim tomando parte nas palestras da *Nova Arcadia* no palacio do Conde de Pombeiro, e no Castello de S. Jorge, sob a protecção de Manique. Embora como poeta pouco se destaque da chusma dos metrificadores, é como o Nestor das Academias poeticas do seculo XVIII apreciavel, a que Bocage deu um relevo grotesco. Ao tempo d'estas luctas contava perto de setenta annos; por leviandade senil tomou partido contra Bocage, escrevendo uma Epistola a *Corydon Neptunino* a mordiscar o abuso das antitheses e tautologias do estylo de Bocage:

Clama com sem egual desembaraço
N'um Outeiro um pedante: — Venha Mote
Heroico, que eu só verso heroico faço! —

Eis, que parte; e embuçado no capote,
Mil narizes de cera revolvendo,
Lá engenha um Soneto... e de que lote!

Um verso á rédea solta vae correndo,
Outro um passo não dá por aleijado,
Com o Mote nenhuma connexão tendo;

Um quarteto com outro mal casado,
Fazem com os tercetos, sem coherencia,
De rodilhas um sujo apontoado.

Falta-me, amigo, falta-me a paciencia,
Vendo palmas bater a um Mote frio,
Sem ter do verso ao menos a apparencia.

Se um edificio levantar queremos,
Do fundamento solido esquecidos,
Um edificio vão levantaremos:

Assim, charlatães cegos e atrevidos,
Não devereis de vate o nome honroso
Do nescio vulgo aos vivas repetidos.

Vê-se que o que mais encommodava os poetas contemporaneos de Bocage era a sympathia publica, que elle suscitava, a popularidade que vibrava ao lado vivo da sua idealisação. O mediocre França, querendo dar a norma do que seja a *divina Poesia*, arruma esses tercetos contra Bocage:

Ah! se um charlatão d'estes conhecesse
Quanto é raro um poeta verdadeiro,
Talvez de nós e de outros se escondesse!

Se visse as leis poeticas primeiro,
Inda que de passagem, fugiria
Até de apparecer em um Outeiro...

Bocage immortalisou-o em uma caricatura incomparavel no Soneto «*A' vera effigie do doctor* Luiz Corrêa da França e Amaral, *que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta cidade o queira procurar.*» Nem o lapis de Callot contornaria melhor este typo:

Rapada, amarellenta cabelleira,
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda;
Bocca, que á parte esquerda se accommoda,
(Uns affirmam que fede, outros que cheira.)

Japôna, que da Ladra andou na Feira;
Ferrugento faim, que já foi moda,
No tempo em que Albuquerque fez a póda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira.

Ruço calção, que espipa no joelho,
Meia e sapato com que ao lado avança,
Vindo a encontrar-se co'esbrugado artelho;

Jarra, com appetite de criança,
Cara com semelhança de besbelho,
Eis o bedel do Pindo, o doctor França.

(*Son.* 184. Ed. Act.)

Tem este admiravel desenho a belleza de nos conservar vivo um typo caracteristico da passada sociedade portugueza do seculo XVIII. Os versos de França e Amaral são martellados no molde convencional do arcadismo, sem talento, estimulado, não inspirado, pela moda do seu tempo, que obrigava a fazer versos a todo aquelle que frequentava a boa roda. Ha um outro soneto ao mesmo neoárcade, que merece fixar-se na galeria litteraria:

Melizeu, o menor entre os nascidos,
De face cadaverica e nojosa,
Phtysico em verso, apoquentado em prosa,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos;

Soltando dissonantes alaridos
Da bocca transversal, erma e gulosa,
Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,
Estafa-se em preceitos não cumpridos;

Ao vate *Elmano* plagiario chama,
Sendo o mais despresivel plagiario,
Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio sanctuario,
Lobishomem do Pindo, orneia ou brama,
Até findar no inferno o teu fadario!

(*Son.* 185. Ed. Act.)

Quando passado pouco tempo rompeu o conflicto entre Macedo e Bocage, pela sua latente rivalidade, o tonsurado *Elmiro* exproba-lhe:

> Que te fez *Melizeu*, se a fome e os annos
> Lhe deixam erma e transversal a bocca?

Ao que Bocage lhe retruca na *Pena de Talião:*

> Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
> Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos,
> Pede ao bom *Melizeu*, da Arcadia fauno,
> De avelada existencia e mente exhausta,
> Que affectas lamentar, e astuto abates.
> Que por alféloa troca os sons de Euterpe,
> (Os sons da sua Euterpe, e não da minha)...

N'esta crise da lucta com os neo-árcades, Bocage provocou por vezes *Elmiro Tagideo*, chamando-lhe ex-frade, tonsurado, retumbante: porém José Agostinho de Macedo não tomou logo uma parte directa na refrega, embora a açulasse, como se vê pela Epistola a *Belmiro*. Os dois poetas eram os epigones da *Nova Arcadia;* tentando restabelecer as formas rhetoricas do pseudo-classicismo, verdadeiramente mortas, os seus espiritos estavam em revolta com o meio social, e só foram originaes quando a expressão litteraria lhes servia para a manifestação da indisciplina moral. Entre a mediocridade dos poetas neo-árcades Bocage e José Agostinho de Macedo caminharam um para o outro como amigos; os dois caracteres tinham certas semelhanças: Bocage obedecia ao impeto das paixões, mas a debilidade physica attenuando-as reflectia-

se no sentimento que transparecia nos momentos de inspiração; José Agostinho egualmente exaltado era dotado de um temperamento sanguineo, (alcunharam-o o *Padre Lagosta*) que lhe exaggerava as emoções, exprimindo paixões violentas aggravadas pela vaidade pessoal, a colera, o orgulho, o odio contra os vultos unanimemente admirados. Estes dois organismos, que se aproximaram por uma attracção sympathica, acharam-se pelas suas qualidades detestando-se, e demolindo-se em satiras acerrimas, que, segundo Macedo, já se elaboravam mentalmente em 1798. [1] Tiveram a desgraça de surgirem em uma epoca de transição social, na crise extrema da dissolução do regimen catholico feudal e alvorecer da edade moderna; d'aqui o desequilibrio d'aquelles espiritos, que sendo forças dominantes, ficaram orgãos passivos das angustias moraes da instabilidade do seu tempo.

As luctas ferrenhas entre Bocage e José Agostinho tiveram origem n'esta dissidencia da *Nova Arcadia*, mas não se aggravaram logo. Macedo, que tambem fizera uma composição satirica *Metamorphose de Lereno em papagaio*, por ventura acompanharia a primeira hostilidade de Bocage contra a chateza arcadista; mas Bocage envolveu-o tambem com os outros poetastros das quartas feiras de *Lereno*, notando que o *ex-frade* o applaude em Ode, (*Son.* 190) exprobando-lhe

---

[1] *Carta de um pae a seu filho*, p. 22.

que fôra expulso dos Gracianos; «*Macedos* e outras pestes condemnadas (*Son.* 191); «o tonsurado retumbante *Elmiro*, (*Son.* 193); e allude ás suas trovas de bum-bum (*Son.* 195.) José Agostinho correspondeu-lhe indirectamente, fortalecendo Curvo Semedo, mas a lucta só rompeu depois das versões dos Poemas didacticos, em 1801, quando Bocage tornou a ferir o orgulho de Macedo, que apesar de todos os despeitos o admirava.

Entre os poetas que se amatilharam contra Bocage, ha ainda dois sem grande relêvo, mas que é indispensavel aqui agrupar, por que *Elmano* assignala-os com o vinco imperecivel da sua satira; um é o *Nenias*, o Dr. Manoel Bernardo de Sousa e Mello, que seguia o gosto lugubre das *Noites* de Young, e plagiava as Odes ineditas de Alvarenga, de que se apossara, como o affirmava Bocage. Ficou retratado em dois sonetos; n'um d'elles ainda bellisca o França:

> Se lhe caes, *Melizeu*, na mão grifanha,
> Lá vão filhos, mulher, Sonetos, Odes,
> Ah, pobre! Queira Deus que te não bispe!
>
> (*Son.* 178. Ed. Act.)

O outro, é Miguel Antonio de Barros, (*Melibeu*) nascido em 1772 e falecido em 1827; Bocage considerava-o a *sua sombra* por ter imitado n'uma metamorphose intitulada *Cyneo e Solina*, essa outra de que se ufanava, *Areneu e Argira*: «A historia, que o sabor colheu de Ovidio, — na dicção narrativa, esperta, idonea» como proclama na *Pena de Talião*. Lançava em rosto a *Melibeu* o ser

correeiro; [1] e cobria de ridiculo a sua tragedia *Elaire*. (*Son.* 170.) Barros respondendo a um d'esses sonetos, chama a Bocage *Sultão do Parnaso*, epitheto que se repete na maior parte das satiras com que o affligiram. No fim d'esta polemica, Bocage em um Soneto *Louvando alguns Poetas lyricos seus contemporaneos*, quiz mostrar que não era a inveja que lhe suscitava as satiras, mas o gosto artistico:

> Encantador *Garção*, tu me arrebatas
> Audaz vibrando o plectro venusino;
> Suave *Albano*, delicado *Alcino*,
> Musas do terno Amor, vós me sois gratas.

---

[1] Contra Miguel Antonio de Barros, auctor da metamorphose *Cyneo e Solina:*

> O lacaio de Ovidio é tal, que emprehende
> Mamar de um sorvo toda a Cabalina;
> Fez milagre na historia de *Solina*,
> Ninguem lhe ponha a mão, ninguem a emende!
>
> A tal Juno a voar inveja accende;
> O auctor n'esta invenção não desatina;
> *Sons divinos* lhe deu, *letra divina*,
> Porque a lingua dos passaros entende.
>
> Faz co'os Almeidas e Ricardos vasa;
> Sem saber o que diz, consegue a fama;
> Enregelando ás vezes crê que abraza:
>
> Ganha á noite o laurel com que se enrama,
> E tendo de manhã varrido a casa,
> *Ao mestre correeiro enrola a cama.*

BOCAGE. *

---

* Falta na edição de 1853 e na de 1875; vem no *Dicc. bibl.*, vb.º Miguel Antonio de Barros; reproduziu-o Castilho.

Adoro altos prodigios que relatas,
Cantor da gloria, magestoso *Elpino*,
Tu, que agitado do impeto divino,
Accesos turbilhões na voz desatas.

Oh, cysnes immortaes do Tejo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não cria
Viboras prenhes de infernal veneno;

O clarão que esparzís, me accende e guia;
Culto, incenso vos dou, quando condemno
Delirios que *Belmiro* ao prelo envia.

(*Son.* 261. Ed. Act.)

Alguns poetas da *Nova Arcadia* conservaram-se neutraes, como Francisco Joaquim Bingre, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, (*Thomino Sadino*) e Antonio Bersane Leite, (*Tionio*) cuja familia frequentava, sendo recebido com desvelada intimidade. Nas suas Rimas celebra Bocage a morte de João de

---

Eis a resposta de Barros:

O malhado Bocage ardendo emprehende
Expulsar *Melibeo* da Cabalina;
Um *Argira* cantou, outro *Solina*,
Ambas se mostrem, e a peior se emende.

Diz Bocage, que Amor o peito accende
Do extremoso Arenêo, que desatina;
A' morte o leva protecção divina.
(O *Sultão do Parnaso* assim o entende!)

Vaidoso, em vão pretende fazer vasa
Co'o suave cantor de antiga fama,
Que os insensiveis corações abraza;

Mas, ai, que de carrasco a testa enrama!
A nympha que o laurêa está de casa,
E dizem por ahi que não tem cama.

Sousa Bersane, pae dos dois poetas Antonio Bersane Leite e José Bersane Leite, consagrando-lhe a admiravel Elegia VI, que começa: «O sabio não vae todo á sepultura.» Celebrou tambem o falecimento da esposa de Antonio Bersane, em um Soneto que termina com o mimosissimo verso: «E' nos eleitos um sorriso a morte», (*Son.* 271) comparavel ao verso de José Basilio da Gama: «tanto era bella no seu rosto a morte.» A Epistola XXIV, em que felicita Antonio Bersane por dar publicidade aos seus versos, deve referir-se á primeira publicação em 1793 no *Almanach das Musas*:

Emfim, cedeu *Tionio* á voz divina,
Já vê com gloria o litterario mundo,
Que brilha um genio mais no céo das artes. [1]

---

[1] Esta Epistola foi publicada nas *Quadras glosadas* por Antonio Bersane Leite. Lisboa MDCCCIV. Offic. de Simão Thadeo Ferreira. In-8.º de VIII, 234 paginas. E' dedicado á Condessa de Oyenhausen, a quem Bocage dedicara o III tomo dos seus versos.

Bersane refere-se a esse facto:

Celeste *Alcipe*, agrilhôa
Os meus destinos adversos,
Aos pés do teu aureo throno
Accolhe meus rudes versos.

Otoni e *Bocage*, ricos
Do ethereo, phebêo thesouro,
Os seus versos te offereceram
Em brilhantes áras de ouro.

Bersane é pobre, e mais pobres
Ainda os seus versos são;
Para offerecer-t'os formou
Puro altar do coração...

Ainda antes das luctas da *Nova Arcadia* é que Bocage escreveu essa outra excellente Ode a José Bersane Leite, (*Josino*) em que aconselha a que cultive desassombradamente a poesia, indicando-lhe Camões por modelo:

Lê Camões, lê Camões; com elle a mente
Fertilisa, afervora,
Povôa, fortalece, apura, eleva;
Que o malfadado *Elmano*,
Em tosco domicilio em que o sobpêam
Carrancudas tristezas,
Affaz o luctuoso pensamento
Aos phantasmas da morte.

N'esta mesma Ode falla de *Eurindo* e *Leucacio* ainda com sympathia, e de *Tionio* a quem chama seu; por aqui se vê que depois do regresso da India até que morreu extenuado, estreitou a sua amisade com a familia dos Bersanes, encontrando ali os mais puros sentimentos de dedicação até ao amor.

Contava Bingre, que o soneto em que se descreve uma sessão da Nova Arcadia ou as *quartas feiras de Lereno* não fôra escripto por Bocage, mas por Curvo Semedo, que ahi se ridicularisa para afastar suspeitas e compromettor o seu antagonista. Em carta particular de 4 de Septembro de 1847 o indigente octogenario dizia: «porém o pobre do Bocage é que padeceu o furor do Conde de Pombeiro, Regedor da Justiça, que deu ordem para elle ser preso; por cujo motivo esteve escondido muito tempo em Santarem, em casa dos Salinas; e custou muito a descapacitar o Conde de que elle não fôra o seu auctor. Circumstancia muito particular d'este Soneto, é que foi

elle a causa de findarem as *quartas feiras de Lereno* em casa do Conde.» [1]

Embora se não ligue rigor historico ás apagadas e remotas reminiscencias de Bingre, ha aqui a attribuição da sahida da Nova Arcadia do palacio do Conde de Pombeiro motivada pela pugna satirica dos seus poetas, cuja faisca fôra lançada ainda por fins de 1793, tendo o seu maior fragor em 1794. Bastava dizerem ao protector da Academia que o Bocage conhecia o plagio dos *Pastores desenganados*, para concitarem contra elle a vindicta do alto magistrado, estimulado pela phrase *fôfo Conde.*

As satiras de Bocage contra Caldas Barbosa, Curvo Semedo e Abbade de Almoster, fizeram passar a *Nova Arcadia* por uma crise complicada, por que o Conde de Pombeiro já se não lisongeava de que as suas sessões fossem celebradas no seu palacio. Depois de uma sessão gratulatoria no Paço da Ajuda, a *Nova Arcadia* mereceu a protecção de D. Maria I, então já na inconsciencia da loucura, e o Intendente geral da Policia, o terrivel Manique, deu-lhe séde na Casa Pia do Castello de San Jorge.

Bingre, em uma Ode ao seu natalicio, explica esta phase da *Nova Arcadia*, arrastada por Manique á bajulação aulica: «A *Academia de Bellas Lettras*, erecta no Castello de San Jorge por varios curiosos, debaixo dos auspicios de S. M. a Snr.ª D. Maria I; e diri-

---

[1] Dirigida a J. F. de Castilho, *Noticia da Vida e Obras de Bocage,* cap. XXI.

gida pelo Intendente geral da Policia, Diogo Ignacio de Pina Manique. Teve bastante nome em Lisboa; e fez no Paço da Ajuda uma sessão ao nascimento da snr.ª D. Maria Thereza, primeira filha do snr. D. João 6.º» [1]

Antes de conhecermos esta nota de Bingre, julgavamos as sessões da *Nova Arcadia* no Castello de San Jorge como complacencia aos convites de Pina Manique; quão longe estavamos na nossa ingenuidade de consideral-a tendo por Director o despotico Intendente da Policia, e sob os auspicios officiaes da rainha dementada.

Para festejar o nascimento do Principe D. Antonio, o Intendente Manique fez celebrar uma sessão á *Nova Arcadia* no Castello de S. Jorge em 1795, publicando em volume a *Collecção das Obras poeticas*, que no dia 21 de Septembro ahi foram recitadas; figuraram os seguintes poetas com varias composições offerecidas a S. A. R. o Principe do Brasil, pelo nascimento do Principe D. Antonio:

Domingos Maximiano Torres
Manoel Bernardo de Sousa e Mello
Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa
P.e João Silverio de Lima

---

[1] *O moribundo Cysne do Vouga*, p. 51. Foi propriamente ao baptisado em 6 de Maio de 1793 na Capella do Paço da Ajuda, pelo Cardeal Patriarcha José Francisco de Mendonça, o heroe do poema *O Reino da Estupidez*. Curvo Semedo colloca essa sessão em Maio, mais proximo da verdade do que Ferraz de Campos indicando Junho.

Belchior Manoel Curvo Semedo
José Agostinho de Macedo
Joaquim Severino Ferraz de Campos
Francisco Joaquim Bingre
Angelo Talassi [1]
João Antonio Monneau
Antonio Folkel
Fr. Francisco do Coração de Jesus Clootz Vanzeller.

Bocage não figura n'essa sessão, por que já não pertencia á *Academia de Bellas Lettras*, na sua nova séde no Castello de San Jorge, em que se achava estabelecida a Casa Pia. França e Amaral publicou em folheto independente em 1795 uma composição encomiastica ao nascimento de D. Antonio, com as iniciaes de M. C. (*Melizeu Cylenio*) e com a explicativa *Da Arcad. Lusit.* Conservava a tradição através de todas as crises. O Intendente Manique, tendo sob o seu predominio a *Nova Arcadia*, ordenou um Saráo litterario na Casa Pia, em 16 de Dezembro de 1796, para celebrar o anniversario da rainha D. Maria I. Com um tão barato e apparatoso instrumento de bajulação aulica, o terrivel chefe da policia não deixava repousar os neo-árcades; [2] n'esta sessão tomaram parte:

---

[1] Lê-se na *Gazeta de Lisboa*, n. 22, 2.º Suppl.: «O Doutor Talassi, Poeta ao actual serviço de S. M., dá esta noite uma Academia de Poesia italiana *de improviso*, n'umas casas que ficam defronte do quartel general britanico a Buenos Aires.» Os bilhetes de entrada eram de 1$600 reis.

[2] *Gazeta de Lisboa*, n. XII. 1796.

Antonio Bersane Leite
José Agostinho de Macedo
João Antonio Monneau
Luiz Corrêa de França e Amaral
Joaquim Severino Ferraz de Campos
João de Sousa Pacheco.

Em 1797 repetiu-se por egual motivo a mesma festa, recitando versos em louvor da rainha demente:

Bacharel José Thomaz da Silva Quintanilha
José Agostinho de Macedo
Luiz Corrêa de França e Amaral
Manoel Maximo Moreira de Mendonça
Manoel Cypriano da Costa
Capitão Pedro Celestino de Mello Figueira do Lago.

A *Nova Arcadia* estava reduzida á situação thuribularia da *Academia dos Obsequiosos de Sacavem* instituida pelo capitão Talaia em sua casa para lustre das festas reaes. Bocage em um Soneto *A' Nova Arcadia*, diz:

> Fervem correios ao loquaz Talaia,
> Que a todos teu descredito annuncia.
>
> (*Son.* 196.)

Os inimigos de Bocage, que serviam com o prestigio da *Nova Arcadia* o Intendente Manique, concitaram o odio do feroz magistrado, por forma que o poeta em breve se lhe achou nas garras e em risco de ser mysteriosamente eliminado. Pode-se assegurar que o rancor de Manique contra Bocage obedeceu

á suggestão vingativa d'aquelles que elle albergara no Castello de San Jorge. [1]

Estudámos até aqui Bocage no meio litterario que elle pôde dominar pela satira incisiva, mas que não soube dirigir pelo criterio; falta-nos vêr a sua lucta dentro do meio social, que o venceu, que o annullou, que o levou ao desalento e inanição prematura que precedeu a sua morte. Lembrando-nos das palavras com que o seu amigo Bingre o retrata: «Foi honrado, verdadeiro, liberal, e *muito amante da sua liberdade e figadal inimigo da es-*

---

[1] Bocage escreveu quinze bellas Outavas «A' admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794, subiu o capitão Lunardi no balão aérostatico.» O Intendente Manique sabendo como os balões eram empregados nas Guerras da Republica franceza, mostrou-se hostil a Lunardi, forçando-o a fazer a ascensão do Terreiro do Paço no dia que lhe impoz. As Outavas de Bocage prestavam-se a interpretações malevolas:

> . . . . o aério navegante,
> Seu rumo segue em placido descanso,
> Munido de Sciencia e de constancia,
> *Surdo á voz do terror e da ignorancia.*
> . . . .
> E tu, que da loquaz Maledicencia
> Tens açaimado a bocca venenosa,
> Tu, que *de racionaes só na apparencia,*
> *Domaste a mente incredula e teimosa;*
> Das fadigas que exige ardua Sciencia
> Em vivas perennaes o premio gosa,
> E admira em teu louvor extranho e novo
> Unida á voz do sabio a voz do povo.

Não era preciso mais para que o Manique lançasse a rêde policial para apanhar o poeta; os seus rivaes vingavam-se com toda a segurança da covardia.

cravidão» deduz-se que seria um homem perdido em uma sociedade em que a ordem é sustentada pela espionagem e pela ausencia de ideias. Sendo o desespero a sua inspiração, e a obscenidade a forma frequente do protesto, tomaram esse estado de violencia como o seu caracter, synthetisando-lhe a vida em anecdotas picarescas.

Mas a sua physionomia moral destaca-se pela revolta do espirito n'essa epoca, em que as *ideias francezas*, ou o espirito da Revolução era repellido de Portugal por todos os expedientes preventivos; é n'esse transe que se accentuam as desgraças do talento desvairado, inevitaveis e fataes pela logica dos successos, que tornaram Bocage um precursor da aspiração da sociedade portugueza que veiu a ser realisada pelos vintistas.

Academia de Humanidades de Lisboa
(1788 a 1791)

Domingos Maximiano Torres, *Alfeno Cynthio*
Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, *Belmiro Transtagano*
Domingos Caldas Barbosa, *Lereno Selinuntino*
Anacleto da Silva Moraes, *Anaclusio*
Luiz Corrêa de França e Amaral, *Melizeu Cylenio*
Manoel de Figueiredo, *Lycidas Cynthio*
Francisco Dias Gomes, *Alcino*
Mathias José Dias Azedo, *Amintas*
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, *Elpino Duriense*
Benef.º José Ignacio Barbosa, *Alcino Lisbonense*
Jeronymo Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense*
Pedro Valentim Cesar Botelho, *Cerilo*
Domingos Monteiro de Albuq. e Amaral, *Matuzio*

Manoel Pereira Thomaz Pinheiro Aragão, *Almeno Tagidio*
Candido José Xavier Dias da Siva, *Thyrso Aonio*
Manoel Franco de Sequeira, *Myrtillo Alpheo*
. . . . (Secretario) *Sylvano Elysio*
P.e José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideo*
P.e José Manoel de Abreu e Lima.

Uma Circular publicada em 1791 pelo Secretario d'esta Academia revela-nos a sua existencia perturbada e a crise da sua dissolução; archivamol-a aqui:

«Senhor

«O meu cargo, e os meus sinceros desejos pelos interesses da Sociedade, me põem na indispensavel obrigação de informar a V. m. do estado a que ella foi reduzida pela divisão de alguns dos seus Socios, a fim de que certificado da razão, e da verdade, despreze a todo o tempo quaesquer noticias falsas, no caso de vir por outra parte a recebel-as.

«V. m. soube, como separando-se da Côrte o nosso *Thyrso Aonio*, necessariamente sahiu a Sociedade d'aquella Casa onde tivera o seu berço, e nascimento; recebeu-a então o Socio *Myrtillo Alpheo;* mas, apesar do prazer, e honrosissimo zelo com que se houve n'esta parte, fazendo-se incommoda a todos os Socios a distancia da sua habitação, recolheu-se ultimamente á Secretaria do Senado da Camera por intervenção do Socio *Cassidro Lisbonense*, que para isso se offerecera; e desde esse tempo ficou debaixo da Protecção immediata do Illustrissimo e Excellentissimo se-

nhor Conde de Povolide. Eis aqui o estado de socego e tranquillidade em que V. m. considera a Academia ha quasi dois annos a esta parte, e assim permaneceria se acaso a Discordia empenhada sempre em destruir as cousas mais proveitosas não quizesse oppôr-se a este util estabelecimento, que um dia poderá hombrear com aquelles, de que tamanha gloria, e credito tem resultado a tantas Nações.

«Na Sessão Economica de dous de Maio do presente anno aconteceu que o nosso *Thyrso Aonio* entregasse á Academia a sua carta, escusando-se de Socio d'ella sob politicos pretextos. Não faltou logo quem desconfiasse d'esta subita despedida, de hum Socio, a quem tanto prendiam o amor e o augmento da Sociedade. Fôra elle o que ajuntando os seus amigos lançara a primeira pedra d'este edificio, e com justiça em reconhecimento d'isto, deputou logo a Academia hum Socio, que procurando-o, se informasse da verdadeira causa da sua despedida.

«Soube-se por carta do mesmo *Thyrso Aonio*, que dous de seus companheiros por certos respeitos, que allegava, tinham escandalisado não só a elle, mas a toda a Sociedade, e que, sem que esta houvesse a satisfação dos dous Socios, elle não se arriscava a conconcorrer com elles.

«O desejo de paz e de reconciliação foi quem aconselhou n'este caso á Academia, para que antes de resolver-se, meditasse prudentemente as circumstancias; conselho que longe de offender os dous Socios, tinha unicamente por objecto mostral-os inculpaveis, e d'este modo satisfazendo a todos tres igual-

mente, chamal-os de novo á Sociedade fazendo justiça aos seus merecimentos.

«Eis aqui de que se tratava, e quando isto quasi se tinha alcançado, levantou-se subitamente o espirito da Discordia, atalhando o passo a tão proveitosas decisões. Cinco dos nossos Socios não podendo soffrer hum systema todo de união, de mãos dadas (conforme a expressão de hum d'elles) se despediram, entrando n'este numero *Cassidro Lisbonense*, por cujo respeito, como acima se disse estava a Academia n'aquella casa. Sahiu d'alli em consequencia d'isto a Sociedade, bem como em outro tempo sahira da casa de *Thyrso*, e de *Myrtillo*, sem que por isso experimentasse a mais pequena frouxidão; recebeu-a segunda vez este ultimo, continuando ella a dar aquelles mesmos passos, para que se ensaiava desde os seus principios.

«E como he certo, que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Povolide não protegia a casa, mas sim a Sociedade, e por isso a sua protecção hade existir onde quer que exista a mesma Sociedade, ella está justamente persuadida de que S. Excellencia lhe continúa a mesma honra que expressamente lhe declarara na sua Carta de seis de Dezembro do anno passado, que existe em meu poder.

«Consta-nos agora, e particularissimamente por uma carta a mim escripta, que estes mesmos cinco Socios tomando erradamente hum puro accidente pela substancia, assentam, que por ficar em seu poder a casa, ficara egualmente a Sociedade, e como levantando um novo scisma Academico querem arro-

gar a si o titulo de verdadeira *Academia de Humanidades de Lisboa.*

«Parece incrivel, que huns poucos de homens instruidos concebam idéas tão superficiaes, que cheguem a persuadir-se de que huma casa apparatosa he a principal circumstancia, que constitue huma Sociedade Litteraria, como se no antigo bosque de Academo pendessem ricas tapeçarias, mas antes pelo contrario não respirasse tudo alli huma pura singeleza.

«Ainda mais, estes homens despediram-se dos seus Socios, e não de quaesquer Socios, mas do Presidente, dos Censores, do Secretario, de todos aquelles, que fundaram a Sociedade; e não só se despediram, mas reconheram n'elles a authoridade, entregando-lhes as suas Cartas de Socios, que em meu poder se conservam; e como he crivel, que tendo sahido da Sociedade com todas estas circumstancias assentem, que por existirem na casa donde ella sahiu, compõem o verdadeiro Corpo Academico de Humanidades.

«Eis aqui o estado, em que está a Sociedade; julguei ser necessario noticiar a V. m. todas estas circumstancias, para que no caso de ser convocado por elles sob titulo de *Academia de Humanidades de Lisboa*, conhecendo a falsidade d'isto, saiba de ante mão como deve resolver-se a este respeito.

«Deus guarde a V. m.

Lisboa, 3 de Julho de 1791.

O Secretario,

SYLVANO ELYSIO.»

Foi-nos communicado este folheto pelo eximio bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz; tem por titulo: *Carta Circular que o Secretario da* ACADEMIA DE HUMANIDADES DE LISBOA *com o seu consentimento enviou a todos os Socios correspondentes, dandolhes parte da nova divisão entre os Socios da mesma Academia.*—Lisboa. Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira. Anno de M.DCC.XCI. Com licença da Real Meza Censoria da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros. In-4.º, de 7 pag. inn.

Por este documento se vê como cinco socios dissidentes foram constituir quasi com o mesmo titulo, uma nova:

ACADEMIA DE BELLAS LETTRAS DE LISBOA
(1790 a 1795)

Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, *Belmiro Transtagano*
Domingos Caldas Barbosa, *Lereno Selinuntino*
Francisco Joaquim Bingre, *Francelio Vouguense*
Joaq. Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisbonense*
Jeronymo Martins da Costa, *Cassidro Lisbonense*
Luiz Corrêa de França e Amaral, *Melizeu Cylenio*
Anacleto da Silva Moraes, *Anaclusio*
Manoel Maria B. du Bocage, *Elmano Sadino*, e *Lidio*
P.e José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideo*
Thomaz Antonio dos Santos e Silva, *Thomino Sadino*
Antonio Bersane Leite, *Tionio*
João Baptista de Lara, *Albano Ulyssiponense*
Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense*
Ignacio da Costa Quintella, *Jacindo Ulyssiponense*
João de Sousa Pacheco Leitão, *Leucacio Melpominio*

P.^e^ Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, *Coridon Neptunino.*
Miguel Antonio de Barros, *Melibeo*
. . . . *Menalio Ulyssiponense*
. . . . *Cassidro Tagino*
. . . . *Montano*
. . . . *Marisbeo Ultramarino.*

(1795 a 1801)

João Antonio das Neves Estrella, *Jonio Scalabitano* [1]
Manoel Bernardo de Sousa e Mello
D. Antonio da Visitação Freire, *Ontanio*
João Baptista Gomes, *Jonio*
Domingos Pires Monteiro Bandeira, *Dorindo*
José Bersane Leite, *Josino*

(Sob a protecção de Pina Manique)

João Antonio Monneau, *Jonio Sorbonense*
P.^e^ João Silverio de Lima
Dr. Angelo Talassi
Antonio Folkel
Fr. Francisco do Coração de Jesus Clootz Vanzeller
Manoel Maximo Moreira de Mendonça
Manoel Cypriano da Costa
Capitão Pedro Celestino de Mattos Figueira do Lago.

---

[1] *Ode saphica nas felicissimas nupcias* dos Ill.^mos^ e Ex.^mos^ Duques do Cadaval, por João Antonio das Neves Estrella, *Socio da Academia de Bellas Lettras de Lisboa.* Lisboa, Offic. de Antonio Gomes. Com todas as licenças da Meza Censoria. In-8.º de 16 p. com um mappa genealogico.

— *Dithyrambo* que ao Hymeneo dos Ex.^mos^ Duques do Cadaval... pelo mesmo, *Socio da Academia de Bellas Lettras de Lisboa.* Ibi., Offic. de A. Gomes. M.DCCLXXXXI. In-8.º de 16 p.

c) Bocage e as ideias francezas

Quando Bocage chegou a Lisboa em Agosto de 1790, veiu encontrar a noticia de extraordinarios successos passados na Europa, n'essa terrivel explosão temporal da dissolução do regimen monarchico e theocratico; a Revolução franceza era para a sua alma insubmissa um deslumbramento, e o poeta não occultou os sentimentos que esses successos suscitavam, dando assim pretexto para nas luctas litterarias em que se achou envolvido na *Nova Arcadia*, os mediocres se vingassem denunciando-o a Manique, enredando-o nas arbitrariedades da Intendencia da Policia. Aturdiram-lhe a vida com tempestades irrefreaveis; em um Soneto escripto do carcere Bocage o declara de um modo explicito:

> Mas, *turba vil, que abato*, anceio, inquieto,
> Urde em meu damno abominavel trama.
>
> (*Son.* 218. Ed. Act.)

Quem era a *turba vil*, sabemol-o pela exposição das luctas com os neo-árcades; o *abominavel trama*, foi o attribuirem-lhe versos do terrivel satirico Lobo de Carvalho, fallecido de pouco tempo, [1] e todos os sonetos que

---

[1] Muitos dos Sonetos de Lobo de Carvalho, fallecido em 1787, foram espalhados em copias manuscriptas com o nome de Bocage, manifestamente com o intuito de o comprometter. O Soneto: «Christo morreu ha mil e tantos annos,» que vem nas *Poesias* de Lobo, (Ms. da Bibl. nac., fl. 38.) e nas Obras de Filinto, t. IV, p. 156, diz d'elle José Feliciano de Castilho: «indevidamente se costuma imputar a Bocage...» (*Manoel Maria du*

circulavam manuscriptos contra frades e milagres, [2] o mudarem os nomes nos sonetos sarcasticos de Bocage para o tornarem odioso aos visados por esse embuste, [3] e por ultimo

---

Bocage, vol. II, p. 221.) Na edição de 1847 (*Liv. Classico*, t. XXIII, p. 14) vem ainda attribuido a Bocage.

Um outro Soneto: «Esgalgado bucephalo montava» (ib., p. 43) attribuido a Bocage, é de Antonio Lobo de Carvalho (*Son.* XLIX); bem como o Soneto: «Pariste um bando de cagões ladinos» (*Son.* XCVII. Ib., t. XXII, p. 27.)

José Feliciano de Castilho não sabia que a edição das *Poesias satiricas* de Lobo fôra feita por Innocencio; imaginou que eram uma attribuição gratuita de um compilador anonymo, escrevendo: «E ter havido um editor que em 1852, isto é, setenta annos depois da morte do Lobo, se decidiu a attribuir a este um volume de Poesias obscenas, e muitas com tanto fundamento como aquelle com que se affirma que todas as bernardices saíam de labios dos Bernardos.» (*Manoel Maria du Bocage*, t. II, p. 242.)

O texto das poesias de Lobo authentica-se por trez manuscriptos importantes, dois da Academia das Sciencias e um da Bibliotheca nacional, todos com rubricas explicativas, variantes, e muitissimos sonetos ineditos. Innocencio desconheceu estes materiaes. A suspeita de Castilho deve rejeitar-se, merecendo a edição de Innocencio uma reimpressão augmentada com os materiaes apontados.

[2] Os Sonetos contra Frades, que Theotonio Banha, ainda parente de Bocage, dava como ineditos são: — Ao sacrosanto templo fui um dia (é de Alvarenga Peixoto); — Não deves consentir, principe augusto (idem.) — Se queres, bom monarcha, ter soldados (incluido nas Eroticas.) — Do throno excelso nos degráos sagrados (é de Fr. José Torrezão.) Etc.

[3] O Soneto contra o Abbade de Almoster, *Coridon Neptunino*, em que se lê: Do *Franco* os versos duros como um tronco — tem este nome mudado: *Do França* em um texto colligido por J. F. de Castilho; e em um manuscripto da Academia das Sciencias encontra-se applicado ao *P.e Caldas*.

a denuncia de ter escripto papeis infames e sediciosos, que determinou a busca domiciliaria e a prisão. O *abominavel trama* produziu o seu effeito. Acirrando-lhe a vaidade com a proclamação da supremacia poetica do *Monteiro*, [1] demoliam-lhe a vida com a perda da liberdade: «Projecta aniquilar-me o *bando rude.*»

Por aqui se vê que os seus inimigos da *Nova Arcadia* procuraram fazel-o passar como revolucionario aos olhos do Intendente Manique. Vejamos a marcha dos acontecimentos até ao tempo em que Manique se apodera de Bocage em 1797. Quando Bocage regressou á patria era o assumpto das conversações prohibidas a constituição da *Assembleia Nacional*, de Paris, em 17 de Junho de 1789; a sua lucta com o rei; a tomada e a destruição da Bastilha, a 14 de Julho d'esse anno; a abolição dos privilegios, a 4 de Agosto; a

---

[1] Em uma variante inedita do Soneto x (ed. Inn.) de Antonio Lobo de Carvalho, lê-se uma referencia ao *Monteiro*, que nos revela o prestigio com que os neoárcades o contrapunham a Bocage:

Grande Duque, se algum auctor perito
Qual Voltaire, Boileau, Garção, *Monteiro*,
Ou outro, cujo nome o mundo inteiro
Respeitasse por homem erudito; etc.

Quando em 1804 Alvares da Nobrega publicava as suas *Rimas*, ainda se refere a proposito de uma glosa a Monteiro: «E' excellente e quasi inimitavel uma Glosa que a esta Quadra fez o Senhor Doutor Domingos *Monteiro*, e se imprimo esta, não é para ter comparação alguma com a sua, em que reconheço toda a superioridade.» (Pag. 168.)

suppressão das gabellas, a 21 de Março de 1790; a instituição do jury, a 5 de Abril; a alienação dos bens nacionaes, de 13 de Maio; o voto da *Assembleia Nacional*, para que se levantasse uma estatua a Rousseau, de 21 de Dezembro. Em uma sociedade atrophiada sob um idiotico governo paternal, estes successos eram considerados como signaes precursores do dia de juizo. As longas viagens e os desastres da vida de Bocage davam-lhe um criterio mais claro para vêr o que se estava passando; os vôos do seu enthusiasmo irreflectido não deixariam de o tornar suspeito, e nos seus Sonetos, que se repetiam pelos botequins, existia fundamento para todas as arbitrariedades; o Soneto que traz a rubrica *Contra o Despotismo*, refere-se á queda das velhas instituições catholico-feudaes, mas tem um sentido ambiguo, que os partidarios do antigo regimen podiam applicar á Revolução:

Sanhudo inexoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a furia cevas,
Que em mil quadros horrificos te elevas,
Obra da Iniquidade e do Atheismo.

Assanhas o damnado Fanatismo
Por que te escóre o throno onde te elevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a *Rasão* n'um denso abysmo...

(*Son.* 191. Ed. Act.)

O que se passava no meio frequentado por Bocage, os Cafés, acha-se officialmente descripto nas *Contas para as Secretarias*, pelo Intendente geral da Policia: «Ponho nas

mãos de V. Ex.ª a Relação dos Francezes que embarquei no dia 25 do presente, (Junho de 1792) que andavam espalhados por esta côrte, sem fim que os obrigasse a vir a ella, entrando pelos Cafés e Bilhares a referir os factos da liberdade, que haviam praticado os Francezes para se tirarem da Escravidão, em que se achavam sujeitos, ao poder de um homem, que era o Rei que os governava, e os tinha como em escravidão, contando para abonar o socego e tranquilidade em que estava a França, as festas de alegria que o povo de um e outro sexo tinham feito por terem conseguido a sua liberdade, e que até duzentas donzellas em Bayona fizeram a sua festa, levantando seis mastros, um com a bandeira ingleza, outro com a bandeira dos Americanos-inglezes, e por baixo de uma e outra a Bandeira-branca com as palavras — *Viva a Liberdade, e morram aquelles que a impedirem.* — V. Ex.ª conhecerá quanto são perigosas estas gentes, e que se espalhem pelo povo rustico e se entretenham em ouvirem estes contos.» [1] A onda vem crescendo; Manique torna-se um Briareo, para suffocar as mil cabeças da hydra revolucionaria; elle estabelece um systema de *legitimação pela Policia*, para que os estrangeiros possam entrar em Portugal. [2] A prisão de Luiz XVI é já co-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 232, v. (Na Torre do Tombo.)

[2] Pina Manique empregou algumas vezes o seu poder arbitrario em fundações de utilidade publica, que honram o seu espirito de iniciativa; assim, vendo

nhecida em Lisboa, e Manique presente os disfarces dos Jacobinos: «Vou á presença de V. Ex.ª (escrevia elle a 18 de Agosto de 1792 ao ministro José de Seabra da Silva), a darlhe parte que é chegado a esta côrte um *Jacobino*, que vem caracterisado Secretario da Embaixada de França; e o Correio Baptista que o foi de D. Vicente de Sousa, que veiu no mesmo navio com elle, informará a V. Ex.ª dos seus procederes, e até me faz lembrar que estas vindas de Secretarios todos para a Embaixada de França, que é um meio de se introduzirem, pouparem algum procedimento e se exobrigarem melhor para os seus fins... E como V. Ex.ª me encarregou a diligencia dos quatro *Jacobinos*, que saíram de Veneza no dia 22 de Junho e que seguiam viagem para Portugal, combinando esta noticia com o que me acaba de dizer o Baptista, d'este Secretario Pedro Chegry, e com outro que

---

que os crimes praticados durante a noite em Lisboa resultavam da falta de illuminação, mandou em 17 de Dezembro de 1780 organisar este melhoramento, que constou logo de 770 candieiros, até ao principio de 1792. *Contas para as Secretarias*, Liv. VI, fl. 236, v. Até 1783 havia *lanterneiros* pela cidade, a quem se pagava ao quarto. (*Ib.*, Liv. II, fl. 13, v.) Introduziu tambem a cultura da *batata* no Ribatejo, mandando-a vir de Inglaterra, (*Ib.*, Liv. V, fl. 296); e o linho canhamo, de San Petersburgo. Foi o primeiro que fallou contra os enterramentos nas egrejas, e instituiu a *Casa Pia*, d'onde se tem derramado sobre as classes desvalidas incalculaveis beneficios. Pertencia a esta craveira de homens energicos que imitavam o Marquez de Pombal, taes como Francisco de Almada, no Porto. Consignamos estes traços justos para attenuarem o relêvo das suas odiosas prepotencias.

acaba de chegar no navio *Dous Irmãos*, faz alguma inquietação no meu animo.»[1] As Cantigas francezas, que fizeram a melhor parte da Revolução, e que prepararam as mais admiraveis victorias dos exercitos da Republica, começaram tambem a penetrar em Portugal; eram uma vertigem a que se não resistia. O Intendente Manique receia-se de tudo, e procura abafar essas vozes hallucinadoras. Na *Conta* ao Marquez Mordomo-Mór, de 9 de Novembro de 1792, escreve: «Do Summario que passo ás mãos de V. Ex.ª se conhece ser certo o que praticaram os Francezes da tripulação do Navio que está embargado a requerimento de Jacintho Fernandes Bandeira, surto defronte do Caes de Belem; e que as palavras que proferiam, *cantando pelas ruas* d'aquelle logar, era:— *Viva a Liberdade e morram os aristocraticos, e se ponham todos á lanterna, e hirá sempre ávante o que se acha principiado,*— tocando um d'elles uma gaita.» Era a cantiga do *Çà ira*, que soava em volta das muralhas d'esta Jericó. O activo Manique confessa os seus terrores: «V. Ex.ª levando tudo á presença de S. Magestade lhe dará o pezo que merece este facto, que he bem recommendavel; *que assim como foi cantado em lingua franceza, se o tivesse sido em portuguez, poderia talvez ter dado maior cuidado.*»[2] O povo portuguez estava mudo, não tinha can-

---

[1] *Contas*, Liv. III, fl. 248.
[2] *Ib.*, Liv. III, fl. 281.

tigas, e os escriptores versejavam nas suas academias sobre as graças das Marilias, ou os mais populares, como o Malhão, escreviam:

> Os Reis são dom celeste,
> Instrumentos por que essa Mão eterna
> Aqui e ali prudente nos governa!
> Firmae o regio assento,
> Vingae o Sceptro, dae ao mundo a prova
> D'aquella fé que em Lusos não é morta. [1]

Junto do paço da Ajuda já essas cantigas tremendas soavam, e o governo paternal dormia entregue aos disvellos da sua Intendencia da Policia, que em outro officio da data supra, repetia: «que todos os domingos e dias santos, segundo agora me informam, andam por aquelle sitio com uma gaitinha, dizendo em francez — *Viva a Liberdade e morra a Nobreza*... e que tem ido cantar defronte do Paço da Ajuda, na presença da guarda. Como a materia é séria e se não deve tomar em desprezo, dou parte a V. Ex.ª para fazer presente ao Principe Regente nosso Senhor...» [2] Sem duvida, Manique fazia aqui uma allusão ao liberalismo de José de Seabra da Silva, que não queria aterrar-se com as apprehensões do Intendente. A 21 de Septembro tinha sido inaugurada a *Convenção nacional* sobre a ruina da Assembleia legislativa, proclamada a Republica, e abolida a realeza em França. Se estes successos tanto interessa-

---

[1] *Aos Portuguezes no Rossilhom*, por Francisco Gomes da Silveira Malhão, st. x.

[2] *Contas*, Liv. III, fl. 286.

vam a abstracção philosophica de Kant, os sectarios do governo paternal faziam como os seraphins, fechavam os olhos para não vêrem. A 8 de Dezembro decreta a *Convenção nacional* que Luiz XVI seja julgado por ella; pouco depois era chegado a Lisboa disfarçado com o titulo de Barão de Ringler o grande Ministro das finanças de Luiz XVI, *Calone*, o homem mais adaptado para apressar a queda do velho regimen, como admiravelmente o caracterisa Michelet. O Intendente tambem se receia de Calone e das pessoas que vêm com elle, e mandou-o acompanhar pelos seus *espiões* e *moscas*. [1]

---

[1] «Da conta inclusa que me dá o Corregedor do Bairro de Romulares, que passo á mão de V. Ex.ª, verá V. Ex.ª que se acha n'esta côrte o celebre *Mr. de Calone*, que foi Secretario de Estado em França e que vem mascarado com o titulo de Barão de Ringler, dizendo ser inglez; que este disfarce e mascara me dá alguma cousa que meditar na presente conjunctura, e vem na sua companhia outros, que declara o Corregedor na dita conta, que talvez venham tambem mascarados. Fico fazendo as minhas pesquizações, e lhes mando por *espiões* e *moscas* a vêr se consigo alguma cousa que seja util á minha commissão, e por outra parte, a quem elle se dirige e as pessoas que o procuram, de que darei parte a V. Ex.ª. Queira V. Ex.ª dar parte a S. A. o Principe N. S. para determinar o que lhe parecer devo mais praticar. — Ill.mo Ex.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór. Lisboa, 14 de Dezembro de 1792.» *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 286 *v*.

Observaremos que o *Muchard* é o espião da policia franceza, e que Manique adoptando os seus regulamentos, tambem acceitou a designação de *Moscas*. Temos na linguagem popular *moscardo* que designa uma variedade de varejas, tavão.

Depois da execução de Luiz XVI, a 21 de Janeiro de 1793, [1] é que o Intendente geral da Policia começa a ordenar as prisões contra os portuguezes suspeitos de adherirem por qualquer palavra ou gesto ás *ideias francezas*. E' n'esta via de suspeições, mesmo contra os homens mais eminentes da nobreza ou da sciencia, que Bocage se acha envolvido, como adiante verêmos. Na *Conta* ao Mordomo-Mór, de 9 de Março de 1793, enumera os seus actos de dedicação pela segurança publica: «Ponho nas mãos de V. Ex.ª a devassa a que mandei proceder pelo Desembargador Francisco Pereira, Corregedor do Crime do Bairro do Rocio, sobre os factos contemplados no Auto, fl. 6, que havia praticado Francisco dos Reis Dantas, Procurador de causas, *andando por alguns Cafés*, e se provam da mesma devassa e da conta que me dá o sobredito Corregedor, que acompanha a dita devassa, verá V. Ex.ª especificados os factos que deram motivo a este procedimento e de que é réo o sobredito Francisco dos Reis Dantas, e que é perigoso e de um genio proporcionado para promover a discordia e se servirem d'elle aquelles que pretenderem espalhar no publico *aquellas liberdades que tem adoptado os taes chamados Philosophos modernos*.» N'esta mesma Conta mostra o perigo das pinturas das caixas de rapé, que eram então uma das elegancias dos peraltas: «Da mesma devassa verá V. Ex.ª que o dono

---

[1] Allude ao facto no Liv. IV, fl. 181.

do Café ou Loja de bebidas e com particularidade o filho d'este, toleravam estas conversações com indifferença; e que um alferes de cavallaria de Alcantara, chamado Joaquim, de alcunha o Aytona, mostrava em acção de regosijo a sua caixa de tabaco, que tinha uma pintura, e n'ella um letreiro que dizia — *Viva a Liberdade* — n'aquellas occasiões que ia á mesma loja.» [1] Os botequins eram então os unicos centros que o Manique mais temia, e justamente aonde Bocage se achava com mais frequencia. Os seus improvisos contra os neoárcades, foram sem duvida um meio por onde a Policia não se lembrou logo de perseguil-o.

Lisboa no fim do seculo XVIII era immensamente infestada por quadrilhas de ladrões, sendo necessario crear a ronda obrigada dos logistas nos seus arruamentos, em 1760 e 1780, recorrendo-se por fim á organisação de uma Guarda real de Policia, em 1801, substituindo as treze patrulhas que rondavam os treze bairros da cidade, a que o povo chamava sarcasticamente as *Rondas da chuchadeira*, os *Chuços*, a *Bicha* e os *Patamaes*. Tolentino allude nas suas quintilhas a este estado de Lisboa, e ao atrevido ladrão mais afamado n'esses assaltos nocturnos:

> Quando todo o ginja rico
> Para casa a prôa inclina,
> Por temer faca de bico,
> E cuida que a cada esquina
> Lhe lança mão o *Joanico*.

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 17, *v.*

A prisão do *Joanico* foi posta a premio, sendo morto em 1816. Foi diante dos *Morcegos*, ou dos *Nocturnos*, como o povo chamava á Guarda real de Policia, que Bocage ao ser apalpado, respondeu á pergunta: — Quem é? d'onde vem? e para onde vae?:

> Eu sou o Bocage,
> Venho do Nicóla;
> Vou p'r'o outro mundo
> Se dispara a pistola.

O botequim do Nicóla era situado no Rocio, n.os 81 e 82 antigos (24 e 25 modernos) e 79 e 80 antigos (22 e 23 modernos) tendo as duas lojas communicação por um corredor ao fundo. Era um fóco de discussão politica; ahi se encontrava Bocage com os poetas seus comtemporaneos, quando regressara da India. Em aviso de 5 de Julho de 1800, o Intendente Manique dá conta para as secretarias do Botequim do Nicóla, por causa das conversas menos proprias *especialmente na presente conjunctura*, ordenando que o juiz do bairro do Rocio intervenha para que os frequentadores só se demorassem o tempo de tomarem seus refrescos. [1]

Foi no botequim do Nicóla, que Bocage tomou conhecimento com o empregado administrador da casa José Pedro da Silva, que depois estabeleceu o *Botequim das Parras*, e foi o amigo carinhoso do Poeta nos transes angustiosos e na doença final. N'este novo

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. 6.º Pinto de Carvalho, *Lisboa d'outros tempos*, t. I, p. 59.

Botequim, pela convivencia dos poetas, ahi, em torno de Bocage, se estabeleceu um pequeno cenaculo chamado o *Agulheiro dos Sabios*, ou a *Arcadia das Parras*, de que adiante fallaremos.

«Na *Conta* de 5 de Novembro de 1794, diz o Intendente Manique, que no numero das casas que inspiravam desconfiança estava uma loja de café na rua dos Remulares, por baixo da casa do negociante Vianna Ferreira e C.ª onde se juntava muita gente palrando contra o Principe Regente e fazendo a apologia da Liberdade. E uma taverna que existia na travessa, não era menos isenta d'esta pecha. Ahi, varios francezes tocavam rabeca e cantavam canções sediciosas. (*Liv.º* 4.º *das Secretarias.*)

«Nos cafés do Rocio então, nem é bom fallar. Por lá tudo cheirava a jacobinismo, a maçonaria, e outros nomes com que o Intendente baptisava esta gafaria de sarampêllo politico, que atacara muito bom portuguez. —Intromettia-se em tudo, a tudo providenciava. Não queria que se usassem luvas e os cocáres *á Liberdade;* embirrava com os vestidos *á Jacobina*, e com os penteados que as damas traziam *imitando os malvados de Paris*, com os sapatos com fivellas, com os cabellos sem polvilhos e com os chapéos altos dos homens. Fazia apprehender as caixas e trastes com pinturas licenciosas que vinham do estrangeiro por contrabando, os relogios contendo figuras emblematicas que appareciam ao tocar n'uma molla, e que vinham dirigidos ao negociante italiano Antonio Galli; os modelos em cêra, que elle mandava pisar

pelos mariolas da alfandega. (*Avisos e Portarias*, Maço 1.)

«Fazia egualmente apprehender os livros suspeitos que vinham para o Duque de Lafões e para o Cavalheiro Lebzeltern.» [1]

Devemos á França na ultima metade do seculo XVIII a communicação de Portugal com o pensamento europeu; quasi todos os livreiros que aqui se estabeleceram vieram de França, e aqui fundaram casas que se tornaram seculares, com uma honradez proverbial, pondo em circulação todas as publicações modernas por meio das quaes o espirito critico do encyclopedismo entrava n'este desgraçado paiz marasmado pela imbecilidade. Desde 1762 que figuram em Portugal como livreiros os Bertrand, Rey, Bonnardel, Guibert, Claudio Du Beux, Colomb, Genioux; [2] os Rolland, Semiond, Orcel e outros, apparecem mais tarde, mas quasi todos elles se distinguiram pela propagação dos livros classicos portuguezes em edições accessiveis ao vulgo. Na sua honesta exploração mercantil estes homens foram o instrumento casual por onde se diffundiram n'este paiz morto as ideias philosophicas do periodo dos Encyclopedistas, que revivificaram as aspirações da liberdade nacional.

Começou tambem a perseguição contra os livros; o bom romance de Lesage, *Gil Braz de Santillana*, foi considerado como proprio

---

[1] Pinto de Carvalho, *Lisboa d'outros tempos*, vol. II, p. 23.

[2] Albano da Silveira Pinto, *Resenha das Familias titulares*, t. I, p. 510.

para precipitar a mocidade; [1] Manique recebera noticia de Paris, que se estava ali imprimindo em portuguez a *Constituição franceza* e a *Folhinha do Pae Gerardo*; [2] e accusa o livreiro francez Lequens, estabelecido em Lisboa como jacobino. Tudo para elle é emissario secreto da *Convenção nacional;* de um tal Darbó (Durbaut) diz: «é tambem d'aquelles cerebros esquentados e bota-fogo, e capaz de intentar tudo o que fôr máo, imitando aquelles que cá o mandaram.» [3] Manique prevê o modo como se póde repercutir a Revolução em Portugal: «Se este homem tiver as ideias negras, junto com os seus sequazes, e com aquelles que ellas possam ter ganhado, em um ajuntamento de povo nos dias santos ou em uma noite de luminarias se deliberarem a dar vozes, que consequencias tristes se não podem seguir!» O livreiro José Dubie, «já havia sido por duas diversas vezes prezo pela achada de *livros incendiarios* que espalhava e vendia n'esta côrte.» [4] Se se fechava por todos os meios a entrada aos livros scientificos, aos periodicos, se a Inconfidencia devassava todos os segredos da correspondencia diplomatica, nem por isso se podiam calar os factos, que continham a sua eloquencia subversiva. Os navios mercantes tra-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 187.

[2] *Ib.*, fl. 32, de 25 de Abril de 1793. — Diogo Borel introduziu em Portugal 12:000 exemplares da *Constituição franceza. Ib.*, Liv. VII, fl. 52.

[3] *Ib.*, fl. 26 *v.*, 7 de Abril de 1793.

[4] *Ib.*, fl. 93, 4 de Janeiro de 1794.

ziam noticias das cousas, e na Praça do Commercio é que vogavam os boatos mais aterradores para a sollicitude de Manique. Para o Intendente eram suspeitos todos os que frequentavam a Praça do Commercio; a 16 de Outubro de 1793 havia sido condemnada á morte a rainha Maria Antonietta, e a 7 de Novembro substituido ao culto catholico o culto da *Rasão;* por isso Manique, procedendo por ordem superior á soltura de Pedro Lannes, redargúe com má vontade: «*he um jacobino, e como tal está disposto a praticar tudo o que é máo.*» [1]

A morte da Rainha, cercada de todas as lendas realistas da belleza e candura da alma, produziu uma forte impressão nas côrtes da Europa, que lhe ia preparando a beatificação; Bocage celebra este acontecimento na Elegia *A' tragica morte da Rainha de França Maria Antonietta, guilhotinada aos 16 d'Outubro de 1793*, de um modo que lhe garantiu a liberdade e as graças do Intendente por mais algum tempo:

> Seculo horrendo aos seculos vindouros,
> Que ias inutilmente accumulando
> Das Artes, das Sciencias os thesouros...

N'estes versos estão as causas moraes da Revolução franceza; o predominio das Artes e das Sciencias pôz a consciencia individual em estado de julgar as instituições politicas, que estavam immoveis desde Luiz XIV. Assim como Bocage passava inconscientemente por

---

[1] *Contas*, Liv. IV, fl. 76, *v.*

esta causa, tambem Manique apprehendia e mandava queimar pelo carrasco os livros dos *philosophos modernos*, como elle chamava a tudo o que podia trazer alguma faisca das novas ideias. Bocage sensibilisa-se pela sorte da mulher formosa:

Que victima gentil, muda e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia que a condemna!

Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céo de quando em quando:

As mãos, aquellas mãos que semearam
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincaram,

Ludibrio do furor e da arrogancia
Soffrem prisões servís, que apenas sente
O assombro da belleza e da constancia...

(*Elegia* 4. Ed. Act.)

O poeta termina esta Elegia banal, talvez encommendada por Manique, com esse conceito ainda no nosso tempo commum aos escriptores realengos:

Desfructa summa gloria, oh pae ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado e respeitoso
Te aprompta as aras, te dispõe o incenso.

O sentimentalismo teve este motivo de desabafo; fez-se a lenda de Maria Antonietta como da victima innocente, porém, a historia é implacavel, e os documentos illuminando a distancia, fazem vêr o que se não tinha coragem nem sequer de suppôr. O descobri-

mento da Correspondencia secreta entre Maria Thereza, mãe da innocente victima e o Conde Mercy-Argenteau, e tambem das cartas para a sua filha, veiu retratar Maria Antonietta sob uma feição sinistra, vivendo uma vida dissoluta que apressou a Revolução e justifica a guilhotina. Ella dispunha dos dinheiros da nação para as suas favoritas Lamballe, Polignac, Guemenée, e seus amantes e parentes; dos cargos publicos para os seus favoritos Resenval, Luxembourg, d'Esterhazy, Guines, Coigny, Lauzan, e o seu apaixonado d'Artois. Todos estes factos eram calumnias contra a santa-martyr antes da infeliz Correspondencia secreta, em que se tramava por via d'ella em França o cimentar a direcção do governo austriaco. O jogo vertiginoso fôra introduzido na côrte para a distrahir; já não bastava a *cavagnole* ou o *lansquenet*, esbanjavam-se sommas incalculaveis no *pharaon*, e a rainha despedia os ministros que lhe não entregavam o dinheiro que exigia. As despezas com joias ultrapassavam a loucura; Luiz XVI dá-lhe no primeiro anno do seu reinado 300:000 francos de diamantes, e ella compra secretamente uns brincos por 460:000 francos, a pagar em quatro annos; em seguida 100:000 escudos para braceletes; as dividas avultam, exige do rei mais 2:000 luizes, e o Ministro redobra-lhe a pensão da lista civil. [1] Veiu Calone, galante financeiro,

---

[1] Avenel. *Lundis revolutionaires*, passim. Uma outra, tambem perdularia, exclamou: «Quem quer rainhas, paga-as.»

para fazer deslisar esta bambochata cesarista com mais apparato e presteza; o povo tinha o instincto da realidade e sabia tudo. Tomou as contas a quem de direito. Como se poderia vêr isto em Portugal, e dentro do seculo XVIII?

Bocage era poeta, e obedeceu á verdade do seu sentimento. No emtanto o povo portuguez sentia que começava uma éra nova; Manique fallando dos perigos de usar *luvas*, e *cocares* como prenuncio de jacobinismo, exclama em Conta de 4 de Julho de 1794: «Para V. Ex.ª conhecer o que é o Povo, agora usam por moda o trazerem uma piteira similhante á espadana de duas côres, que ha pelos jardins mais especiaes, a que chamam *fita da liberdade*.» [1] Já se imitava tambem o Jogo da Bola e cantavam-se em portuguez as *Cantigas revolucionarias*: «em uma casa de pasto da rua Formosa... se ajuntam innumeraveis gentes, e entre elles muitos estrangeiros, particularmente francezes, e que tambem ha um *Jogo de Bola;* domingo passado 3 do presente (Agosto) houve um grande ajuntamento, e o seu entretenimento *foi cantarem-se em portuguez as Cantigas revolucionarias*, proferirem-se quantas liberdades d'aquellas que se proferem na infeliz França contra os Reys, e em uma palavra *até de dizerem que era melhor que na Praça do Commercio se levantasse a Arvore da Liberdade em logar da Estatua de sua Magestade...*» [2] Manique

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 145.

[2] *Ib.*, Liv. IV, fl. 163.

aterrava-se com este symptoma novo, pois que havia ali perto uma fabrica de chapéos, e eram os operarios que cantavam; com a sua poderosissima espionagem e suspeições, o Intendente funda em Lisboa um terror de nova especie, o *terror papelistico* das *Contas para as Secretarias*. Para elle o Ministro e o Consul da America têm o coração na Convenção Nacional, e são *Frimações*, [1] e n'esta conjunctura aconselha a Dom João VI, então Principe regente, que antes se perca por carta de mais do que de menos. A seguinte *Conta* mostra-nos como o Intendente comprehendia o que se passava na Europa, e a lição que d'ahi tira para Portugal:

«Aqui corre uma voz que em Turim se descobriu uma conjuração, de que era cabeça e chefe o Ministro da Russia n'aquella côrte, o qual logo fugiu quando viu presos parte dos seus socios; e me faz lembrar este facto (a ser verdadeiro) o Ministro e Consnl d'America em Portugal, os quaes, sem hesitação alguma os seus corações estão na *Convenção Nacional* de Paris; e quanto necessario é vêr como o Principe Nosso Senhor deve descartar-se d'estes dois Republicanos que são perigosissimos e famosos *Frimações*, com gráos de Mestres.

«Devo tambem observar a V. Ex.ª que me informam que de Paris saíram cincoenta individuos d'aquelles malvados para diversos

---

[1] Fórma ingleza, por onde Manique conheceu primeiro a instituição. Na tradição popular do Algarve, *Flamasão* é o nome de uma entidade demoniaca.

paizes da Europa para disseminarem n'ella aquellas mesmas erroneas e sediciosas doutrinas com que pretendem incendiar todo o mundo; que alguns d'estes cincoenta malvados trazem passaportes, figurando-se grandes personagens de outras nações, e que alguns dos mesmos passaportes são dados pelo tal Ministro da Russia, que refiro por chefe da conjuração de Turim, e de outros que tem ganhado para alcançarem os mesmos passaportes ainda d'aquellas mesmas nações combinadas afim de assim melhor se encobrirem para poderem executar os seus perversos e diabolicos systemas.

«V. Ex.ª vê que não posso escusar-me de adiantar as minhas pesquizas, ainda aos mesmos estrangeiros que se representam como Inglezes, Allemães, Italianos, e muito particularmente os Suecos e Dinamarquezes, Americanos e Genovezes, que todas estas quatro ultimas nações estão inficionadas com aquelles mesmos sentimentos sediciosos e sanguinarios de que está a *Convenção* de Paris: e uma materia d'esta delicada, é o meu sentimento antes perder por carta de mais, do que de menos; pois não póde haver contemplação, quando o assumpto é tão perigoso, e que continúa o fogo a devorar; etc. Lisboa, 5 de Julho de 1794. — Ill.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór.» [1]

Era por 1794; o Intendente Manique derramava sobre Lisboa a sua rêde de espiões, a que chamava *Moscas*, segundo o estylo da

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 155, *v.*

policia do absolutismo. O terrivel magistrado empregava todos os meios contra a entrada das *ideias francezas* em Portugal; tudo lhe cheirava a jacobinismo, e não contente de mandar queimar pela mão do carrasco os livros que vinham de França, e que eram apprehendidos na alfandega, a sua preoccupação principal eram os botequins, onde no meio das expansões fraternaes se travavam as conversas politicas sobre os acontecimentos da Europa. Todo aquelle que frequentava os botequins era suspeito de liberalismo; se não gastasse o seu tempo nos espectaculos do theatro do Salitre, que o Intendente mandára abrir para distrahir a imaginação do povo das conversas perigosas sobre as cousas do estado, o menos que lhe poderia acontecer era achar-se no segredo do Limoeiro, d'onde só vinha a saír para o degredo das Pedras Negras.

Os Botequins estavam pois eivados do espirito revolucionario. Restava apenas um pasmatorio inoffensivo, onde se podiam accolher as naturezas contemplativas, que procuram matar o tempo bocejando — eram as lojas de barbeiro. A arte do cabelleireiro conservava os esplendores da tradição, quando o cesarismo monarchico lhe deveu o seu ultimo prestigio; o nome de Leonardo ficou ligado para sempre ao da rainha Maria Antonietta. Mesmo em Portugal o cabelleireiro da Travessa do Pastelleiro chegou a penetrar na Arcadia de Lisboa, e a sentar-se entre os desembargadores e ecclesiasticos que se davam aos nobres ocios das lettras. Nas lojas dos cabelleireiros vivia-se em perpetua academia; toca-

vam-se modinhas á guitarra, ensinavam-se canarios, fabricavam-se prendas de cabello, e trocavam-se conversas commentando os desabafos dos altos personagens, emquanto se lhes escanhoava a cara ou se rapava uma corôa, ou se empolvilhavam os chinós. Manique não tinha que dizer ás lojas dos cabelleireiros; havia mesmo entre ellas uma certa incompatibilidade com o espirito reinante dos botequins.

Porém o virus da demagogia tinha mil caminhos para introduzir ali o espirito novo; tinha as canções revolucionarias, e os versos racionalistas, como os da *Voz da Rasão* ou os da *Pavorosa.*

Debaixo d'este terrorismo policial, o Intendente Manique entende que é preciso pòr em pratica as regras do *Cesarismo*, occupar a imaginação publica, e é o primeiro a promover os espectaculos theatraes, as cavalhadas, os jogos de canas nos festejos realengos, e propaga a monomania das luminarias nos regosijos officiaes. Appareceu então pela primeira vez em Portugal o annuncio de uma ascenção aérostatica, doze annos depois da primeira que se fez em Paris; pediu licença ao principe regente para praticar essa maravilha o Capitão Lunardi. A licença foi concedida, mas com a desconfiança de que é um impossivel, um embuste ao publico; Lunardi construiu o seu balão, assignou um domingo, 24 de Agosto, para a intrepida ascenção, mas como adoecesse, o Intendente empregou toda a sua prepotencia para o fazer subir. Bocage, que canta impressionado por todos os successos da sociedade que o domina, compôz

um *Canto á admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794 subiu o capitão Lunardi no balão aérostatico;* na ultima estrophe, depois de ter descripto esta impressão nova, termina alludindo aos commentarios que se faziam em Lisboa ácerca da ascenção:

> E tu, que da loquaz Maledicencia
> Tens açaimado a bocca venenosa,
> Tu, que de racionaes só na apparencia
> Domaste a mente incredula e teimosa:
> Das fadigas que exige ardua sciencia,
> Em vivas perennaes o premio gosa,
> E admira em teu louvor estranho e novo
> Unida á voz do sabio a voz do povo. [1]

O Intendente não calculava que aquelle extraordinario successo vinha fazer a propaganda de um poder novo, a Sciencia, que fortalecia o individuo contra a authoridade do passado que o dominava por uma tradição não discutida; assistir a um facto d'essa importancia, era romper com um passado taciturno, e lançar todas as esperanças no futuro que tinha de tirar as maiores consequencias d'isto. O Intendente não previra este effeito, que o não deixava condemnar em absoluto as ideias novas, senão, não teria sido o primeiro

---

[1] *Cantos*, 3. (Ed. Act.) Na *Gazeta de Lisboa*, de 2 de Septembro de 1794 vem annunciado um concerto de musica vocal e instrumental em beneficio do Capitão Lunardi, na Casa da Assembleia das Nações estrangeiras, na rua do Alecrim, sendo a entrada por bilhetes de 1$200 reis. Os versos de Bocage foram escriptos e impressos em folha solta para a festa do aéreonauta.

a forçar o Capitão Lunardi ao cumprimento do seu programma. [1]

---

[1] «Dou parte a V. Ex.ª que ordenando-me o Principe nosso senhor, que obrigasse a Vicente Lunardi, auctor da Machina aerostatica, que construiu na Praça do Commercio, que cumprisse com o que prometteu ao Publico, assim o executei, e depois de varios subterfugios, com que quiz illudir a real ordem do mesmo Senhor, já pretextando falta de materiaes e ultimamente molestias que affectou (segundo o meu parecer) sem embargo de apresentar quatro Attestações de Medicos da Camera e da Real Familia, que assim o testificavam, veiu com effeito a assignar termo para Domingo vinte e quatro do presente fazer a sua viagem, e dando parte quarta feira vinte do corrente ao Principe N. S., me ordenou o mesmo Senhor que procurasse o Marechal General e lhe pedisse o auxilio da Tropa; e esta tarde sexta feira vinte e dois do presente o procurei, e não o achando em casa entreguei ao Guarda portão a carta da copia inclusa com que hia prevenido no caso de o não achar ou de lhe não poder fallar, lh'a deixar; mas não foi isto bastante, porque ao fazer d'esta me vem dar parte o dito Vicente Lunardi, que o Marechal General havia mandado pelo Ajudante de ordens dizer que não havia de executar a ordem que eu lhe tinha intimado, para deitar a machina na tarde do dia vinte e quatro do presente, sem ordem sua, que era o Governador de Lisboa, que é o mesmo que dizer que o P. N. S. não pode mandar cousa alguma, sem elle o permittir.

«Para não fazer mais reflexões, nem ser obrigado a narrar as tristes e funestas consequencias, que isto traz comsigo, lembro a V. Ex.ª os factos que accusa a Historia, assim nacional como estrangeira, e em particular a do seculo presente do Duque de Aveiro, Orleans, e os mais em que são envolvidos os d'esta gerarchia em Suecia, Napoles, Sardenha, Inglaterra e Roma.

«V. Ex.ª representando tudo a sua Alteza, resolverá o que lhe parecer mais justo e acertado. Lisboa, 22 de Agosto de 1794. — Ill.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór.» *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 174.

D'ahi em diante a sua espionagem redobrou contra os livreiros, e os raros caixões de livros que entravam na alfandega; contra os sabios da Academia, contra os periodicos que noticiavam os acontecimentos, contra as conversas, contra tudo o que era pensamento; em 6 de Novembro de 1794 escrevia Manique ao Marquez Mordomo-Mór: «Acha-se n'esta côrte nas casas da *Academia das Sciencias* ao Poço dos Negros, hospedado, segundo me dizem, pelo *Abbade Corrêa*, Broussonet, que foi medico de profissão em Paris, e depois secretario de Necar (Necker) e aquelle que se fez marcar, quando na sessão da Convenção Nacional, de que era tambem deputado, continuou o discurso que o sobredito Necar não acabou de recitar, por lhe dar no meio d'este acto um deliquio; e ainda mais conhecido por ser um d'aquelles sanguinarios do partido de *Robespierre* na Convenção: Pela morte que este assassino soffreu, fugiu aquelle e aqui foi accolhido e introduzido ao *Duque de Lafões* na qualidade de Agricultor, e hospedado nas casas da *Academia das Sciencias*, d'onde frequenta as casas do sobredito Duque, e do *Abbade Corrêa*, que he amigo mui particular do Ministro e Consul da America do Norte e dos mais Jacobinos que aqui se acham e de que tenho dado parte a V. Ex.ª, e reputado por Pedreiro livre... Estas testemunhas infelizmente mascarram o Duque de Lafões, que estou certo é arrastado pelo máo homem do dito *Abbade Corrêa*. Em materia tão séria, combinando eu estas noticias com outras que verbalmente tenho dito a V. Ex.ª do dito *Abbade Corrêa*, com similhantes circumstancias,

me fazem julgar ser este com effeito um homem perigosissimo.» [1]

Por esta Conta se vê que o Duque de Lafões era tambem partidario das *ideias francezas*; nem podia deixar de ser assim, porque expatriando-se durante a administração do Marquez de Pombal, correu uma grande parte da Europa, e Oriente, serviu na Guerra dos Sete Annos, fixando a sua residencia em Vienna de Austria, em cujo palacio reunia as maiores celebridades artisticas como Gluck, Mozart, Hasse, Metastasio, o grande musicographo Burney, o celebre portuguez Abbade Costa; por ventura foi elle quem deu informações ácerca da litteratura portugueza a Bouterweck. Logo que este sabio regressou a Portugal, tratou de fundar uma Academia das Sciencias, para nos livrar da vergonha nacional que soffrera no estrangeiro quando lhe perguntavam pelas nossas publicações e nos equiparavam ao Japão. [2] Não era facil a Manique fazer com que o Duque fôsse outra vez perseguido, porque elle soffrera sob a gerencia de Pombal, e agora estavam no poder todos os companheiros do infortunio; a sua principal furia descarregava-se sobre o Abbade José Corrêa da Serra, (n. 1750, m. 1823) notavel naturalista conhecido por todos os sabios europeus do principio d'este seculo e

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 214, *v.* a 215.

[2] *Discurso inaugural da Academia das Sciencias*, pelo P.e Theodoro de Almeida (Publicámol-o na *Revista de Portugal.*)

um dos fundadores da *Academia das Sciencias*. Tendo acompanhado seus paes para a Italia em 1756, ahi fez a educação scientifica e voltou a Portugal em 1777; por causa do seu grande nome scientifico viu-se duas vezes forçado a emigrar da patria, uma em 1786 e a ultima em 1797. Foram tão repetidas as accusações do Intendente contra o Abbade Corrêa da Serra, que elle preferiu expatriar-se a ser submettido aos seus poderes discricionarios. Transcreveremos dos seus numerosissimos officios as constantes suspeições que elle levanta contra este indefesso homem de sciencia:

«Encontrei na Alfandega uma caixa de livros perigosos e incendiarios do Abbade Reynald, de Bricot, de Voltaire a *Pucelle d'Orleans*, [1] e outros livros perigosos em se disseminarem; vindo entre elles alguns dirigidos para o *Duque de Allafões* com este titulo por sobrescripto impresso em alguns jogos de

---

[1] Filinto Elysio remetteu para Portugal o 1.º canto do *Virginidos* — Poema em 21 Cantos traduzido em versos portuguezes. Paris. Anno de 1803.

Tem um prologo justificativo, e ahi conta que lêra um *Sermão jesuitico em verso endecasyllabo*, impresso em forma de prosa, e prègado diante do rei (D. José). O Canto 1.º começa:

Fraco de voz, com laivos de profano,
Sou para cantar Santos mal geitoso;
Mas certa Joanna celebrar me incumbe
De que a Fama assoalhou tantos prodigios.
Ella enrijou com suas mãos donzellas
A hastea illustre dos francezes Lyrios...

(Do autographo de Filinto. Coll. Merello)

volumes, e outra para o Cavalheiro Lebzeltern.

«Eu com todo o disfarce e cautella fiz abrir o dito caixão, em particular, na Alfandega, por um Feitor e dois Escrivães; e encontrei infelizmente envolvido o nome e titulo d'estas duas personagens entre papeis incendiarios, e taes que mereciam serem ali na praça do Rocio queimados pela mão do algoz.

«Parece que seria prudente que S. Alteza mandasse hir para uma das Secretarias do Estado a mesma caixa de Livros fechada e lá lhe mandasse dar o consummo que fosse servido; ainda que pareceria util que lá mesmo se perguntasse ao *Abbade Corrêa*, quem era que lhe fazia estas encommendas, que talvez se tenham espalhado pela mesma via em Lisboa, alguns dos referidos papeis, para se desmascarar o Commissario, etc. — Ill.^{mo} Snr. Marquez Mordomo-Mór, 27 de Novembro, de 1794.» [1] Em uma outra carta de 19 do mez citado, tira de factos casuaes a deducção:

«Tambem este facto faz vêr a V. Ex.ª quanto é perigoso o dito *Abbade Corrêa* em casa do Marechal general...» [2] Querendo tornar tambem suspeito de republicano o academico Ferreira Gordo, diz contra elle, que é amigo do Abbade Corrêa: «e involve um collegial do Collegio dos Militares em Coimbra, oppositor ás Cadeiras de Leys *Joaquim José Ferreira Gordo*, socio da *Academia das Scien-*

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 222, *v.*

[2] *Ib.*, Liv. IV, fl. 218, *v.*

cias, e devo notar a V. Ex.ª que *este* é amigo do Abbade Corrêa.» [1]

Achava-se então em Portugal emigrado e servindo de denunciante o Duque de Coigny, um dos amantes da defunta rainha Maria Antonietta:

«Fallei com o Duque de Coigny, como V. Ex.ª me ordenou no Aviso da data de 9 do presente, sobre o Assassino Broussonet, e me referiu ser um homem perigoso e membro da Convenção Nacional, que condemnou o Infeliz Rey, Rainha e Infante á morte.» [2] O nome de Broussonet tornava-se o suprasummo da accusação contra qualquer individuo; Manique liga-o mais uma vez ao Abbade Corrêa, e contra o notavel escriptor o *Padre Theodoro de Almeida*, que escrevera a *Recreação philosophica*: «Todos me declaram tambem ser perigoso o dito Broussonet, que era do *Partido de Robespier* e havia sido Secretario de Necar. E' conhecido a todos hoje em Lisboa estar aqui este Pedreiro Livre Broussonet, que olham com horror, em ter sido apoiado e andar com o *Abbade Corrêa* na carruagem em algumas partes onde não deveria entrar, e estar hospedado na *Academia das Sciencias* de Portugal...» [3] E prosegue de um modo que leva a concluir, que o partido revolucionario constava em Portugal só dos homens de sciencia: «que em Lisboa me informam ainda se acha Broussonet, socio

---

[1] *Contas*, Liv. IV, fl. 220 (27 de Novembro de 1794.)

[2] *Ib.*, Liv. IV, fl. 221.

[3] *Ib.*, Liv. IV, fl. 221.

de Robespier: e egualmente me dizem que este temivel homem fica algumas vezes na Casa do Espirito Santo de Lisboa, com o *Padre Theodoro de Almeida*, e outras com o *Abbade Corrêa*, e me suscitam novas ideias, que o dito francez com as suas mal intencionadas intenções queira por este lado entrar a ganhar o conceito de algumas pessoas de sexo frageis, com o fim de que este seja o meio de lhe dessiminar as suas erroneas e sediciosas doutrinas e contaminar o todo...» [1]

Se eram os homens de sciencia os que professavam as *ideias francezas*, isto prova quam longe se não haviam fundamentado os absurdos de um cesarismo inconsciente, e quanto o povo que soffria estava bestialisado e acreditava nos terrores que lhe incutiam officialmente contra as noções de liberdade. Por este tempo tambem foi mandado saír de Portugal o celebre Jacome Ratton, que publicou o livro das *Recordações*, onde deixou descriptas as nossas intimas miserias, e as physionomias vivas dos homens que usavam a bel prazer da graça de mandar: «O Consul da America do Norte, João Jacob Poppe e seus irmãos e *Ratton*, sem hesitação são em Lisboa huns tambem d'aquelles Commissarios que a Convenção Nacional de França têm para dar as noticias e fazerem o giro das suas clandestinas negociações...» [2] «Aqui tem V. Ex.ª talvez descoberto alguns dos *Espiões* que a

---

[1] *Contas*, Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794.)

[2] *Ib.*, Liv. IV, fl. 217 (19 de Novembro de 1794.)

Assembleia nacional tem em Lisboa.» E funda-se na «declaração judicial que fez o Tenente Coronel Benegrié, genro de Francisco Palliart, que reputa ao dito *Ratton*, por um partidista da Convenção Nacional...» [1] As *Recordações* de Ratton são um livro imprescindivel para quem pretender conhecer o seculo XVIII em Portugal.

Por fim a hallucinação do Intendente Manique já não era excitada só pela presença dos jacobinos e convencionaes disfarçados, era-o com as noticias que circulavam, vindas em cartas por via da Galliza e por proprios pedestres, a que chamavam *andarilhos*. Pede que se torne mais severa a censura dos factos publicados na *Gazeta*, e lança a suspeição revolucionaria sobre o erudito *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e o academico João Guilherme Muller, por causa do seu espirito republicano:

«Não posso passar em silencio e é de marcar a V. Ex.ª que o «*Póde correr*» que pára na mão do Impressor Antonio Rodrigues Galhardo, que eu vi, do infame papel que saíu á luz aprovado pela Real Mesa Censoria da Commissão geral, he rubricado só pelo Principal Presidente, e pelos dois Deputados o *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e João Guilherme Muller, qualquer d'estes dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos; e do ultimo em outras diversas passagens tenho informado a V. Ex.ª já que o seu espirito he *Republicano*, e para

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 219.

prova d'isto tambem, lêam-se as *Gazetas* portuguezas que em algumas passagens de algumas d'ellas se reconhecerá o referido pelo que põem e deixa passar, de quanto são bem tratados e contemplados os prisioneiros portuguezes pelos Francezes, e as côres vivas com que pinta as acções dos francezes e a morte-côr com que refere na *Gazeta* as acções dos Hespanhoes e Portuguezes em todo o sentido, que ainda a serem verdades se deviam omittir; e não repito mais a V. Ex.ª quanto é pouco favoravel ao serviço de S. Magestade, que corra uma *Gazeta* Nacional, pondo em temor os vassallos, e dizer-lhes por outra parte o bem que são tratados pelos Francezes, e malquistar o alliado no tratamento que faz á Nação; porque as consequencias são as mais tristes e podem produzir effeitos ainda mais desagradaveis; e o certo é que o Revisor devia ter Politica e Critica para revêr este papel que gira por todo o reino e suas Colonias, e não é tão insignificante este objecto, que não deva Sua Magestade tomal-o em consideração, por que ha algumas noticias que não he necessario que as saibam os Povos, e ha outras que devem ser animadas de um colorido tal que attraiam a si o conceito e a attenção.» [1]

Os Cafés não deixavam de ser espionados, e Manique tinha ao seu gracioso serviço os emigrados realistas francezes, que faziam aqui em Lisboa uma especie de *terror branco* com

[1] *Contas*, Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794.)

continuas denuncias. Por seu turno, o Intendente faz-se tambem philosopho e começa a tirar as conclusões dos phenomenos sporadicos que observa na sociedade portugueza, approximando-os do que se deu em França antes de 89:

«Tendo noticia que em uma taverna que fica em uma travessa da Rua direita dos Remolares que sáe ao Caes, se juntavam uns estrangeiros cantando ao som de uma rebeca todas as noites, e que as *Cantigas eram as revolucionarias*, e nos intervallos conversavam em voz alta em francez, approvando os procedimentos da Convenção e terem por justa a morte do infeliz rei Luiz dezeseis, da Raynha e do Infante, e applaudindo isto ao som da rabeca, e das Cantigas, e não faltavam noite alguma na mesma taverna a executar o que refiro; Mandei averiguar estes factos por meio de um Summario pelo Corregedor do Bairro dos Remolares, e d'elle verá V. Ex.ª o que consta e se verifica ser certo o facto das Cantigas que cantavam cinco francezes, e de irem á mesma taverna todas as noites; ainda que como eram cantadas em francez, as testemunhas não depõem do que ellas continham, e só sim a primeira do Summario que he o Medico que foi da Camara de S. Magestade o infeliz Rey Luiz decimo sexto, que especificadamente depõe serem as mesmas Cantigas das *revolucionarias*, e que as conversas que estes cinco francezes tinham entre si eram sediciosas.

. . . .

«Confesso a V. Ex.ª que lembrando-me do que aconteceu em Paris, e em toda a França,

cinco annos àntes do anno de 89, pelas Tavernas e pelos Cafés, pelas praças e pelas Assembleias, a liberdade e indecencia com que se fallava nas Materias mais sagradas da Religião Catholica Romana e na Sagrada Pessoa do Infeliz Rey e da Rainha; e lendo as *Memorias do Delphim*, pae d'este infeliz Rey, do *Memorial* que apresentou a seu pae Luiz 15 já no anno de 1755, que foi estampado em 1777, digo a V. Ex.ª que julgo necessario e indispensavel que S. Magestade haja de mandar tomar algumas medidas para que de uma vez se tire pela raiz este mal que está contaminando a todos insensivelmente.» [1] N'este anno de terror, Manique entrega-se á extincção dos papeis sediciosos, taes como a *Medicina Theologica*, escripta por Francisco de Mello Franco, e levada á imprensa pelo italiano Caetano Bragace, em casa de quem achou tambem um outro intitulado *Dissertação sobre o Estado passado e presente de Portugal*, em que se fallava dos Ministros e do caracter do Confessor da Rainha. [2] Punha em pratica outra vez os systemas do Santo Officio para extorquir os libellos revolucionarios:

«Vou dar parte a V. Ex.ª que de novo torna a espalhar-se o papel de que foi auctor Francisco Coelho, sendo-me entregue no dia

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 231, *v.* (17 de Dezembro de 1794.)

[2] *Ib.*, Liv. IV, fl. 232, *v.* Este facto, que deu causa á dissolução da Real Mesa Censoria, fica tratado no volume *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*, p. 473 a 477.

9 do corrente por um dos meus espiões, e que agora passo ás mãos de V. Ex.ª copiado por este de outro que alcançou de João Felix, e já com outro titulo, cujo é *Analyse sobre os Errados principios adoptados pela Assembleia Nacional de França, quando passou do seu estado feliz da Monarchia para o estado infeliz da espantosa Anarchia;* e quando o dito espião me fez a referida entrega do mencionado papel me informou que uns lhe diziam ser o auctor d'elle o sobredito João Felix, outros que era copia de um que havia feito um bacharel, que assistia para a rua de S. José.

«V. Ex.ª verá que se necessita de alguma providencia para se pôr termo que outra vez se não disseminem estas copias, que me consta grassam, e talvez saiam da mão do *Abbade Corrêa*, pois n'aquelle tempo que averiguei as que se tinham tirado e espalhado, me constou ter o dito *Abbade Corrêa* uma copia do referido Papel, a qual elle só não entregou, mas asseverou não ter visto semelhante papel...» [1]

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª o infame e sedicioso papel, que se intitula o *Catellão Republicano*, que appareceu n'esta cidade, e me informam andam copias em portuguez como esta, de mão em mão, e este que apresento a V. Ex.ª, he um dos que tenho ganhado, que anda entre alguns d'aquelles que tenho dado conta a V. Ex.ª por suspeitosos.

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 240, *v.* (21 de Dezembro de 1794.)

Não he no meu parecer indifferente o divulgar-se em portuguez este papel...» Lisboa, 29 de Dezembro de 1794.—Ill.mo Ex.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór. [1]

As ideias revolucionarias tambem lavravam na cidade do Porto; na Conta de Manique para o ministro Luiz Pinto de Sousa, em 24 de Novembro de 1795, se acha: «Mandando eu ao Corregedor do Porto em officio da data de 4 de Janeiro do anno proximo passado proceder a devaça para por meio d'ella averiguar quem eram as pessoas que me constava que andavam libertinamente fallando nos mysterios mais sagrados da nossa santa Religião, na real pessoa de sua Magestade e na do Princepe que nos rege, *e que approvavam o governo dos Francezes;* mandando igualmente averiguar se havia, segundo me informavam, uma loja de pedreiros livres com toda a publicidade, e se nos botequins, cafés, bilhares e assembleias era onde se disseminava o que refiro, na devaça que me remetteu o mesmo Corregedor, achei que o dito Manoel Telles de Negreiros vinha contemplado como um d'elles, ainda que a prova não era legal; porém sabendo eu que este havia já sido penitenciado pelo Santo Officio por estas culpas de libertinagem, *que seguia os mesmos sentimentos dos Francezes, e lia os livres incendiarios*, tudo isto me fez pezo, e muito mais pela fuga que do Porto perpetrou logo que o Corregedor procedeu a devaça, com que ajudou a prova que no meu sentimento o constituiu réo.

---

[1] Liv. IV, fl. 238.

«Descobri-o n'esta côrte, e com tão particular amisade *associado com o Abbade Corrêa*, que todas as tardes infalivelmente se ajuntavam na Praça do Commercio com outros bota-fogos de eguaes sentimentos.

....

«Eu instaria, que fosse para um dos presidios de Angola, se não temesse que lá mesmo revoltasse os Povos...» [1] Foi mandado sahir da côrte, assignando termo de responsabilidade.

No meio d'estas continuas denuncias Bocage não podia estar livre do rancôr d'aquelles a quem chamava os seus zoilos; apezar de gastar todo o estro nas banalidades dos motes insipidos dos Outeiros das eleições de abbadeçados e das luminarias reaes, de longe em longe o seu instincto da liberdade suscitava-lhe algum soneto, que vinha preparar-lhe a ruina. Transcrevemos esse que traz a rubrica: *Aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução franceza, e consolidação da Republica em 1797*, para se vêr como o espirito jacobino o absorvia juntamente com a sociedade:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da sancta redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia;
Oh! venha... oh! venha, e *trémulo descaia*
Despotismo feroz que nos devora!

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. V, fl. 19, *v.*

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha o estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen és tu, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade! [1]

Quem tiver acompanhado o quadro da propagação da ideia revolucionaria em Portugal, sentirá quanto este Soneto de Bocage exprime; desde 1793, em que celebra a execução de Maria Antonietta, até 1797 a sua vida foi um esforço inaudito para abafar os impetos da liberdade que o hallucinavam; bebia, fumava, acudia a todos os *Outeiros* poeticos, aturdia-se, lisongeava os grandes prepotentes para se não perder. Por fim a consolidação da Republica transportou-o, quebrou o jugo das conveniencias, e não temeu mais o espan-

---

[1] *Soneto* 204. Ed. Act. E com a nota sarcastica:

Se querreis, bom Monarcha, ter soldados,
Para compôr lustrosos regimentos,
Mandae desentulhar esses Conventos,
Em louvor da priguiça edificados.

Nos *Bernardos* lambões e asselvajados
Achareis mil guerreiros corpulentos!
Nos *Vicentes*, nos *Neris*, e nos *Bentos*
Outros tantos não menos esforçados.

Tudo extingui, senhor! Fiquem sómente
Os Franciscanos, Loios e Torneiros,
Do Centimano asperrima semente.

Existam estes lobos carniceiros,
Para não arruinar inteiramente
P...., p...., cações e alcoviteiros.
(*Eroticas*, Son. XXVI.)

talho do velho Manique. Esse Soneto fez que o Intendente fixasse sobre elle a attenção; o mesmo com o outro Soneto que tem a rubrica: «*Por occasião dos favoraveis successos obtidos na Italia pelas tropas francezas sob o commando de Bonaparte em 1797.* Estas composições mostram-nos que Bocage andava em dia com os successos que estavam transformando a constituição dos estados da Europa:

A próle de Antenor degenerada,
O debil resto dos heroes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
Tinha a curva cerviz já calejada:

Era triste synonimo do nada
A morta Liberdade envolta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, oh Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza,
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a Razão, cáe a grandeza,
E o feroz Despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da Natureza.

(*Son.* 206. Ed. Act.)

Quando Bonaparte invadiu em 1797 os Estados pontificios, sendo papa Pio VI, Bocage celebrou esse acontecimento em um Soneto, que foi uma das causas da perseguição em que se achou envolvido:

Tendo o terrivel Bonaparte á vista,
Novo Annibal, que esfalfa a voz da Fama,
— Oh, capados heroes! (aos seus exclama
Purpureo fanfarrão, papal-sacrista):

O progresso estorvae da atroz conquista
Que da Philosophia o mal derrama!... —
Disse; e em férvido som saúda e chama
Santos, surdos varões, por sacra lista.

D'elles em vão rogando um *pio* arrojo,
Convulso o rosto, as faces amarellas,
Cede triste victoria, que faz nojo!

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fére, mata; ficam-lhe em despojo
Reliquias, bullas, mitras, bagatellas. [1]

Herculano, no *Elogio historico* de Sebastião Xavier Botelho, *(Clario)* o intimo amigo de Bocage, procurou caracterisar o fogoso improvisador como representante da alma popular pela sua dissidencia com o Arcadismo: «Bocage, porém, não era um árcade. Era um homem do povo, que alimentava no espirito todas as paixões violentas e muitas vezes freneticas e desregradas do vulgo; e como o vulgo, ajuntava a feios vicios nobres e generosas virtudes. Era o trovador, que improvisava os seus mais admiraveis versos no meio das multidões, á luz do sol ou dos astros da noite, nas orgias das cidades, nas festas campestres, em todos os logares, a todas as horas, — como os antigos romeiros trovadores, alegrou ou commoveu os animos das classes não privilegiadas, ás quaes tres seculos tinham feito esquecer que a poesia era tambem e principalmente para ellas. Bocage é o typo mais perfeito da sua eschola, e de feito devia sel-o. Elle popularisou a arte, por que poetisou principalmente para o povo, e embalou ao mes-

[1] Ap. *Poesias eroticas*, Son. I.

mo tempo com as melodias da linguagem, com o sonoro metro, essas almas rudes, mais attentas á harmonia da fórma que ao poetico do pensamento.» Herculano estava ainda sob o prestigio da metaphysica das entidades; Bocage não conheceu o genio do povo, que se revela ao poeta pela *Tradição*, e foi por isso, que nem de longe, como Filinto, presentiu ou serviu a revolução artistica do Romantismo. E ainda que Bocage vivesse muito entre as classes infimas, e em contacto com a multidão, poderia elle descobrir a expressão popular da nacionalidade portugueza? A resposta é bem simples: lêa-se o Decreto de 7 Janeiro de 1796, em que D. João VI manda que as côres nacionaes sejam as *da libré da sua Casa real*, passando dos seus creados por honra a serem usadas pelo Exercito! [1] Ti-

---

[1] O decreto de 7 de Janeiro de 1796, origem do laço — *encarnado e azul escuro* — usado tambem pelo exercito de D. Miguel é do theor seguinte:

«Tendo sido Servida ordenar que os officiaes e Criados da Minha Real Caza usem para o futuro, de laços nos Chapéos das Côres da Minha Libré; e querendo que os officiaes e mais Tropas do Meu Exercito participem igualmente da mesma honra: Sou Servida ordenar que para o futuro todo o Meu Exercito use da Côr Escarlate, e azul escuro nos laços dos seus Chapéos, confórme o modelo, que Mando estabelecer: E que outro sim todos os Officiaes das Minhas Tropas usem de fiador nas Espadas de côr encarnada e Oiro, terminando o mesmo fiador com duas borlas de seda azul, e prata: O Conselho de Guerra o tenha assim entendido e expessa as ordens necessarias na referida conformidade. Palacio de Queluz em sete de Janeiro de mil, setecentos, e noventa e seis.» — *Com a rubrica do Principe regente.*

nha-se perdido a consciencia de Nação. Quem fôra creado a bajular a familia dynastica dos Braganças, que assim impunha em inconsciencia estupida a *sua libré*, não podia conhecer do povo mais do que a gargalhada alvar. A alma portugueza achou uma representante sublime no fim do seculo em Leonor da Fonseca Pimentel, (*Altidora*) a formosa martyr da Revolução de Napoles, hoje glorificada pela Italia.

Qualquer dos Sonetos que Bocage improvisava sobre os successos contemporaneos lhe abria as portas do Santo Officio por conter uma impiedade. Infelizmente o tribunal do fanatismo estava mais suave do que a Policia do Cesarismo; foi facil ao Intendente Manique obter dos inimigos litterarios de Bocage qualquer denuncia e papel qualificado de *sedicioso e incendiario*. Bocage não tinha casa, e se vivera algum tempo com o Padre Macedo, ou com Bersane Leite, agora achava-se em convivencia domestica com um poeta insulano e morgado, que commungava como elle as mesmas ideias liberaes. O Intendente lançou-lhe a rêde dos seus esbirros; vejamos por esse documento inedito o que arrastou:

«Consta n'esta Intendencia que *Manoel Maria Barbosa de Bocage* he o auctor de alguns papeis impios, sediciosos e criticos, que n'estes ultimos tempos se tem espalhado por esta côrte e Reino; que he desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da Religião que tem a fortuna de professar, e que ha muitos annos não satisfaz aos Sacramentos a que obriga o preceito de hir todos

os annos buscar os sacramentos da Penitencia e Eucharistia á Freguezia onde vive: Vm.ce logo por meio de uma devaça procederá a averiguação d'estes factos para legalisar a verdade d'elles, fazendo-lhe apprehensão em todos os papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda n'aquelles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente prezos, e averiguada a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa de Bocage, que foi preso a bordo da Corveta denominada — *Aviso* — a qual sahiu para Bahia com o Comboio, que proximamente partiu d'este porto, por cuja fuga dá mais claros indicios de ser réo dos delictos de que havia sido denunciado n'esta Intendencia. Recommendo a Vm.ce a brevidade na execução do que ordeno, para poder informar a S. Magestade com o resultado das averiguações a que Vm.ce deve proceder, dando-me parte por escripto com a mesma devaça. Deus guarde etc. Agosto 10 de 1797. Ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz.» [1]

---

[1] *Registo geral da Correspondencia do Intendente*, Liv. XI, fl. 37. Este documento foi por nós pela primeira vez publicado; Rebello da Silva allude a elle, (*op. cit.*, p. XLII) dando uma summula rhetorica, e confessando que lhe fôra communicada por Innocencio. Como nenhum citou a fonte, e como nem todos os numerosos livros da Intendencia da Policia tem indice, póde-se dizer que o documento continuou perdido, e tanto que José Feliciano de Castilho o não pôde achar, nem soube da sua existencia. A muito custo pudemol-o descobrir, e ahi ficam authenticados novos factos da vida de Bocage.

Assim como Bocage tinha os seus inimigos da *Nova Arcadia* que o *denunciaram* como irreligioso, tambem tinha, por ventura junto da propria auctoridade, amigos que o preveniram a tempo d'elle fugir para bordo da corveta *Aviso;* o caso quasi identico de Filinto suscitar-lhe-ía este recurso. Manique tinha espiões nos escaleres e a bordo dos navios por causa dos emigrados da Revolução franceza; além d'isso o typo de Bocage era conhecido por todos, e não lhe seria facil o disfarçar-se. E' certo que foi surprehendido antes de partir o comboio da Bahia, e caíu sem remedio nas garras do Intendente; a ordem de prisão pesava tambem sobre os amigos com quem tratava, e d'aqui resultou o ser preso o cadete do Regimento da Armada *André da Ponte do Quental*, e o renegarem-no outros que elle tinha na conta de amigos, como diz na Epistola a Antonio José Alvares:

> ... *não recentes, vãos amigos,*
> Inuteis corações, voluvel turba,
> (A versos mais attentos que a suspiros)
> No Lethes mergulhou memorias minhas.

Bocage foi preso a 10 de Agosto, e a recrudescencia da intolerancia de Manique aggravara-se em 13 de Junho de 1797, como vemos pelo extracto da seguinte Conta: «e n'este reino, ha um pouco de tempo a esta parte apparecem alguns papeis infames pelas esquinas, e cartas anonymas, que tenho recebido não devo tomar isto em bagatella... nada de devassa, Ex.^{mo} Snr., por ora, senão uns procedimentos contra aquelles que constam n'esta Intendencia, e que estão inficio-

nados de Doutrinas erroneas e perigosas; como pratiquei nos annos de 1789 a 1794, principiando pelo infame Cagliostro, Francisco Giles Fontaine, Noel e outros muitos que fiz saír d'este reino, e os effeitos se tem experimentado em se conservar Portugal illeso; o que não succedeu em *Napoles*, Roma, Londres, Genova, Suecia, Vienna, e agora acontece em Irlanda e Veneza...»

Manique allude á *revolução de Napoles*, em que figurou uma illustre dama portugueza. [1]

Com os homens mais sabios de Portugal, taes como o Bispo Cenaculo, e o padre Antonio Pereira de Figueiredo, correspondia-se a celebre Leonor da Fonseca Pimentel, nascida em Napoles de uma familia portugueza. Esta martyr, que deu a sua vida pela revolução republicana de Napoles, honra o nome portuguez; interessava-se tanto pelo movimento scientifico de Portugal, que interrogava Cenaculo ácerca dos trabalhos da nova Academia: «Que faz entretanto a *Academia de Historia natural*, instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do senhor Duque de Lafões? E pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra d'esta *minha madre patria* gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saído d'ella.» [2] Os homens de sciencia e a aristocracia eram os partida-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 133, *v.*

[2] Apud Filippe Simões, Mss. da Bibl. d'Evora, Codice CXXVII — 2 — 7.

rios da Revolução franceza; o Duque de Lafões era incessantemente accusado como *jacobino* pelo Intendente; o padre Antonio Pereira, com quem Leonor da Fonseca Pimentel se correspondia em 1795 sobre assumptos scientificos, era tambem suspeito. [1] Durante o triumpho do partido republicano a formosa Leonor da Fonseca escreveu no *Monitor Napolitano*, incitando á abnegação civica; todas as palavras de patriotismo eram a base para a sentença de morte, e na restauração absolutista Leonor da Fonseca Pimentel foi condemnada á pena ultima. A sua morte foi eloquente e heroica; [2] o sangue portuguez ficou nobilitado de toda a degradação do seculo XVIII, pelo sacrificio d'esta formosa mulher, que a liberdade italiana santificou nos seus annaes. [3]

---

[1] Faleceu em 14 de Agosto de 1797, no mosteiro das Necessidades, tendo 72 annos de edade, reconciliado com a sua Congregação. (*Gazeta de Lisboa*, n.º XXXIV, 1797).

[2] Na *Viagem á Italia*, de Lady Morgan, acha-se assim descripta: «*Leonor Pimentel* era uma joven, celebre pelos seus talentos, graças e patriotismo. Foi accusada de ter escripto algumas effusões patrioticas no *Monitor napolitano*, e condemnada á morte; supportou a sua sorte com uma coragem heroica. Tomou café poucos minutos antes da execução, e dizia sorrindo-se para aquelles que lastimavam o seu fim prematuro: *Forsan et haec alius meninisse juvabit.*» Op. cit., t. IV, p. 220, not.

[3] Passado um seculo sobre a sua morte, em 20 de Agosto de 1899, o Municipio de Roma desvendou uma

Em Outubro multiplicaram-se as prisões: «por andarem em Clubs pela praça do Com-

---

lapide na casa da Via Ripetta, em que nascera esta *Martire della Libertà in Italia.*

Por esta occasião foram publicados numerosos opusculos ácerca de Leonor da Fonseca Pimentel, por Benedetto Croce (*Studii sula Revoluzione Napoletana de 1799*), pelo P.e Ilario Rinieri, Luigi Cicchero, destacando-se superiormente o Consul de Portugal em Genova, e nosso amigo Joaquim de Araujo com o seu estudo — *Leonor da Fonseca Pimentel e as suas relações com Portugal* — (na reedição artistica do *Trionfo della Virtu*, offerecido em 1777 por Eleonora ao Marquez de Pombal.)

Pela leitura d'esses valiosos opusculos com que nos brindou Araujo, sempre votado ás lettras, hoje podemos assentar traços biographicos seguros da *heroica portugueza.* D. Leonor da Fonseca Pimentel nasceu em Roma em 13 de Janeiro de 1752, como consta do registo do baptismo na parochia de S. Maria del Popolo; foram seus paes Clemente Henrique da Fonseca Pimentel, natural de Beja, e D. Catherina Lopes de Leão.

No diploma do brazão concedido a Clemente Henrique da Fonseca Pimentel de 4 de Agosto de 1767, aponta-se a sua nobreza, de familias de Chaves, de Bragança e de Beja, com o nome dos seus avós. O motivo da mudança d'esta familia para Napoles é assim explicado pelo nosso amigo Joaquim de Araujo: pela ordem de Sebastião José de Carvalho, de 2 de Julho de 1760, para saírem de Roma os subditos portuguezes, sendo tambem expulso de Lisboa o Nuncio Acciaiuoli. D'esta saída resultou tambem a partida do celebre musico Abbade Costa para Veneza. A educação de Eleonora foi muito completa; pelos seus elevados talentos entrou ao serviço da rainha Carolina, que admirava a sua muita formosura. O Marquez de Pombal, informado pelo Bispo Cenaculo aproveitou-se da sua cultura litteraria, ajudando ella a traduzir a *Analyse*

mercio... espalhando vozes impias e sediciosas, aproveitando os procedimentos dos Fran-

---

da Profissão de Fé do P.e Antonio Pereira de Figueiredo. As Academias litterarias inscreveram-a como socia, e o Abbade Matastasio exaltava-a na sua correspondencia. Casou com um official do exercito, tenente do Abbruzzo Ultra, chamado Pasqoale Tria de Soliz, tendo vinte cinco annos de edade, em 1777, a graciosa Eleonora. Perdeu o seu primeiro filho, cuja morte celebrou em cinco Sonetos *In morte del suo unico figlio.* O primeiro d'esses Sonetos tem reminiscencias do *Alma minha gentil*, de Camões:

> Figlio, tu regni in Cielo, io qui men resto
> Misera, afflitta, e di te orba e priva...
> ....
> E parte di tua gloria in me discende,
> Che l'esser madre di uno spirito eletto
> L'alma devota in caritate accende.
>
> Ma il laccio di natura in terra è stretto,
> Ah, se per morte ancora in Ciel si stende,
> Prega ta pace all'affanato petto.

No periodo triumphante da revolução de Napoles, Leonor da Fonseca Pimentel collaborou no *Monitor Napoletano* até ao n.º 16.

Leonor da Fonseca Pimentel era uma apreciada poetisa, nas Academias italianas do seculo XVIII, onde tinha os nomes bucolicos *Epolifenora Olcesamonte*(Nos Filaleti), e *Altenora Esperetusa* (Nos Arcades) ou *Altidora.* Nas Cartas de Matastasio, encontra-se uma datada de Vienna, de 22 de Julho de 1776, dirigida *Alla Segnora Donna Eleonora Fonseca di Pimentel*, dizendo-lhe ter entregado a D. João de Bragança (o Duque de Lafões) o *Orfeo*, por elle muito louvado. A amabilissima poetisa, como lhe chama Matastasio, celebrou em um epithalamio intitulado *Il Templo della Gloria* o casamento de Fernando IV rei das Duas Sicilias, com Maria Carolina, Archiduqueza de Austria, em 1768;

cezes e o governo republicano, proferindo liberdades temerosas e malquistando com im-

---

muitas outras composições consagrou á familia real, chegando a ser bibliothecaria da rainha Carolina. A dissolução de costumes da Rainha de Napoles fez com que Leonor da Fonseca Pimentel se afastasse da côrte; e quando a generosa dama se achava presa, fez-se correr um Soneto em nome d'ella *Alla Regina Carolina*, que serviu para acirrar o odio da reacção bourbonica que a fez garrotar sem crime. Eis o Soneto attribuido:

> Rediviva Poppea, *tribade impura*,
> d'imbecille tiranno empia consorte,
> godi pur d'aggravar nostre ritorte,
> l'umanità spaventa e la natura.
>
> Credi il trono così premer sicura,
> e tutto il ciuffo stingere alla sorte;
> folle, non sai ch'entre la nube oscura
> più ch'è compresso il tuon, più scoppia forte?
>
> Al par di te movea turbo e tempesta
> sul Gallo oppresso la tua iniqua suora,
> finchè al suol non ruzzò l'orrida testa.
>
> E tu?... chi sa?... tardar ben può; ma l'ora
> segnata è in cielo, ed un sol filo arresta
> la scure appesa sul tuo capo ancora.

Foi publicado este Soneto pelo Padre Ilario Renieri, no folheto *Dall'Arcadia al Capestro*, p. 29, para justificar hypocritamente a nobre victima da rainha Carolina, dizendo que deve attribuir-se a suggestão maçonica. O Soneto tornou-se uma vingança eterna.

Em carta do ministro Luiz Pinto de Sousa ao ministro de Italia, em Portugal, o commendador Pignatelli, vê-se que o governo napolitano em carta de 24 de Novembro de 1798 lhe communicara: «que tendo o Governo Napolitano dados muito positivos de que D. Leonor da Fonseca Pimentel se achara em algumas intelligencias directas contra a tranquillidade do estado,

properios os Ministros e Secretarios de Estado...» [1] Um outro era preso por se lhe

---

se vira na precisão de a fazer prender severamente para examinar a sua conducta. Que do carcere escrevera esta senhora uma carta em lingua portugueza dirigida ao encarregado dos Negocios de SS. MM. FF., na qual se tiravam indicios da sua cumplicidade, e de uma profunda conjuração contra o Governo napolitano.» Diz que o governo de Portugal obrigou o Encarregado de Negocios a explicar-se sem tergiversação nem reserva a todas as questões que lhe pozeram, e conclue: «A boa fama, porém, que o Encarregado dos Negocios d'esta Côrte José Agostinho de Sousa tem adquirido pelo espaço de trinta e tres annos de probidade e de prudencia, fazem suspender a S. M. o juizo que podia formar sobre o seu procedimento; mas, em todo o caso... se a sua justificação se não verificar inteiramente, o dito Encarregado será logo chamado a esta Côrte, e n'ella castigado com todo o rigor das leis,... e a removel-o immediatamente...» O ministro italiano respondeu que o embaixador portuguez José de Sá Pereira lhe mostrara a carta de Leonor da Fonseca Pimentel, e que elle confiava na honradez do seu secretario, não professando as ideias, não podendo considerar-se cumplice.

Leonor da Fonseca foi mandada garrotar pelos infames Bourbons de Napoles em 20 de Agosto de 1799; passado um seculo foi commemorada esta data em Roma desvendando a municipalidade na casa n.º 22 da Via Ripetta a lapide com a inscripção:

S. P. Q. R.
IN QUESTA CASA NACQVE
LI 12 GENNAIO 1752
ELEONORA DE FONSECA PIMENTEL
SCIENZIATA E POETESSA
MORTA AI 20 DI AGOSTO DEI 1799
MARTIRE DELLA LIBERTÁ IN ITALIA.

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. V, fl. 162.

achar o papel sedicioso intitulado *Extracto das Maximas de Epitecto!* [1] A este tempo já o Abbade Corrêa da Serra se refugiara no estrangeiro, onde augmentara a sua gloria scientifica. No emtanto vejamos o documento da Intendencia em que se descreve a prisão de Bocage; Manique encommendára ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz a diligencia de ir dar busca á casa em que morava o poeta e apprehender os seus papeis. Assim se procedeu, mas apenas pôde ser logo preso o seu companheiro, o cadete André da Ponte do Quental. Bocage havia já previsto pelas severidades do Intendente a sorte que o esperava e refugiara-se a bordo da embarcação *Aviso*, que pertencia ao Comboio que partia por aquelles dias para a Bahia. Tal era o terror branco da Policia, que o desgraçado preferia o desterro voluntario a jazer em uma masmorra entregue á arbitrariedade de um homem que estava isempto de justificar-se. Os papeis do Juizo do Crime do Bairro de Andaluz não existem, mas como o Intendente recapitulava tudo nos seus Officios, n'essa chata prosa pombalina, por ahi se vê o estado dos acontecimentos até o poeta ser entregue ao Santo Officio. Bocage bem conhecia que diante da sympathia do publico, que o admirava, ninguem podia conspirar contra a sua liberdade senão os inimigos (*turba vil que abato*), que contraíra na polemica da *Nova*

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 208.

Arcadia. Em umas Quintilhas a D. Anna Felicia Coutinho Pereira, esposa do ministro José de Seabra da Silva, declara-o em mais de um logar:

Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.
Sombra, qual o Averno escura,
Impios Zoilos derramaram
Em vida de crimes pura;
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

E em outro logar d'esta mesma composição torna-se mais claro na sua queixa:

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte e maligno
De inveja me fere armado.
Risonhas ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Afagavam minhas penas.
Dom divino, almo e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O merito é offensa
Ao coração do invejoso. [1]

Bocage, sob o titulo de *Trabalhos da vida humana*, em fórma de *Fado* popular, por ventura para ser cantado, como se pôde sup-

---

[1] *Redondilhas*, 12. Ed. Act.

pôr pela epigraphe e assim tornar publica a arbitrariedade de que era victima, compôz uma série de quadras em que narra todas as circumstancias da sua prisão. Esses versos nos supprirão a falta do Auto do Juiz do Crime do Bairro de Andaluz:

Vou pintar os dissabores
Que soffre meu coração,
Desde que *Lei rigorosa*
Me pôz em dura prisão.
A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.
Do funesto *Limoeiro*
Já toco os tristes degráos,
Por onde sobem e descem
Egualmente os bons e os máos.
Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.
Para a casa dos Assentos
Caminho com pés forçados,
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manoel Maria —
E logo á margem — *Segredo*. —
Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando demais eram dez.
Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
Estufa de treze palmos,
Com uma fresta que dizia
Para o logar ascoroso
Denominado enxovia.

Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanso os membros no chão.
. . . .
Quando mais me lamentava
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta e me conforta.
Era *Ignacio*, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Crédor dos meus elogios
Por heroe da humanidade;
Do amavel Carcereiro
Me patentêa o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
Junta a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'esta lastimosa vida.
Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Quando se era preso por suspeitas de partidario das *ideias francezas*, todos os amigos o renegavam para se não expôrem a perseguições; Bocage soffreu tambem esta dura prova, porém veiu consolal-o no desalento a dedicação do seu amigo *Antonio José Alvares*:

Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigencia
Eu gemia atribulado;
Quando *Aonio*, o caro *Aonio*,
Da natureza thesouro,
A' triste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.

No Soneto *Ao senhor Antonio José Alvares, em agradecimento de beneficios recebidos*, confessa o poeta o grande vigor moral que sentiu com esta prova de dedicação:

N'este horrendo logar, onde commigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o sêr ao nada,
Equivocados carcere e jazigo:

Aqui onde o phantasma do Castigo
Assusta a Liberdade agrilhoada,
Tornam minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso amigo.

No tempo infando, na corrupta edade
Em que apoz o egoismo as almas correm,
E em que se crê phenomeno a amisade;

Ouro, fervor, desvellos me socorrem
De um genio raro... Oh, doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis não morrem.

(*Son.* 267. Ed. Act.)

Quando mais tarde Bocage publicou o segundo volume das suas composições poeticas, em 1799, dedicou-o a Antonio José Alvares, dizendo dos seus versos:

Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o pezo dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me espargiram flores...

E' certo, que Antonio José Alvares seria quem levava as composições de Bocage aos poderosos a quem recorria para o libertarem das garras do Manique. Durante *vinte dois dias* esteve o poeta incommunicavel no Se-

gredo, até que foi conduzido a perguntas para se instaurar o processo:

> *Passados vinte dous dias,*
> Soffrendo mil magoas juntas,
> Emfim por um dos meus guardas
> *Fui conduzido a perguntas.*
> O Ministro destinado
> Era o respeitavel *Brito,*
> Que logo viu no meu rosto
> *Mais um erro, que um delicto.*

No Soneto *Ao senhor Desembargador Ignacio José de Moraes Brito*, Bocage exalta a humanidade d'este magistrado, que com certeza achava, como o ministro Seabra, disparatados estes rigores do Intendente; é eloquente essa estrophe de Bocage:

> De ferreo julgador não vem comtigo
> Rugosa catadura, acções austeras;
> Antes de ser juiz já homem eras,
> E achas mais glorioso o nome antigo.
>
> (*Son.* 257. Ed. Act.)

E' de presumir que o Desembargador Brito encaminhasse o processo de modo que a culpa de Bocage fosse de heresia e não de lesa-magestade; assim o dá a entender o verso: «Mais um *erro*, que um *delicto.*» Na *Conta* do Intendente ao Inquisidor geral, acompanhou a declaração que Bocage fez no Limoeiro, de modo que o forçava a entregar o caso ao tribunal religioso. Da boa vontade do Desembargador Brito, que servia n'isto o Ministro José de Seabra da Silva, falla o poeta:

> Olhou-me com meigo aspecto,
> Com branda amigavel fronte,

E fui logo acareado
Com o meu amavel *Ponte.*
  Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia,
Do pezo da opinião
Alligeirei a innocencia.
  Puni pelo caro amigo
Ferido de intensa dôr;
Singular sou na amisade,
Como singular na dôr.

O nome de *André da Ponte Quental da Camara* está intimamente ligado á vida de Bocage por este desastre, e pelo generoso affecto e admiração que lhe consagrava. André da Ponte foi herdeiro de uma illustre casa na ilha de San Miguel, e em 1811 se recolheu casado á cidade de Ponta Delgada, quando tomou a administração do seu vinculo. Em 1822 veiu como deputado ás Côrtes Constituintes, vendo momentaneamente vingarem as ideias porque soffrera. Ouvimos pela tradição de pessoas que o frequentaram, que André da Ponte viveu quasi sempre solitario, e que estando para falecer, mandara trazer para o pé do leito todos os seus manuscriptos poeticos, e os queimara. Deixou seis filhos; Fernando de Quental, representante da casa vincular, pae do glorioso poeta Anthero de Quental, de um grande gosto artistico para os trabalhos de encadernação, que fôra aprender a Paris, industria que desenvolveu na cidade de Ponta Delgada, ensinando-a a rapazes pobres; e o Doutor Filippe de Quental, lente de Medicina na Universidade de Coimbra, antigo poeta, grande propagador das associações de ensino, o homem mais engra-

çado de todas as gerações academicas, e o modello de uma amisade cuja divisa é *Faire sans dire*. Por estes representantes se póde inferir o que seria André da Ponte para Bocage. [1] O poeta refere as suspeições a que andavam sujeitos desde muito tempo. Na

---

[1] Sobre André da Ponte Quental da Camara, aproveitamos aqui as investigações genealogicas colligidas pelo açoriano Dr. Ernesto do Canto.

Era filho primogenito do capitão André da Ponte Quental, e de sua mulher D. Michaela Bernarda de Bettencourt, casados na sé de Angra (ilha Terceira) em 4 de Janeiro de 1755.

André da Ponte depois da sua vida accidentada, como se vê pelas relações com Bocage, casou na ilha da Madeira em 31 de Maio de 1811 com D. Carlota Joaquina de Freitas Bettencourt, no oratorio do sogro Pedro Nicoláo de Freitas e Menezes. D'este consorcio houveram seis filhos; citaremos apenas dois, por circumstancias especiaes:

— Fernando de Quental, nascido em Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) em 10 de Maio de 1815; militou com o posto de cadete no exercito liberal de 1832. Foi o seu terceiro filho ANTHERO DE QUENTAL, auctor das *Odes modernas*, *Sonetos* e *Raios de extincta luz*, nascido em 18 de Abril de 1842, e morto em 11 de Septembro de 1891.

— O Doutor Philippe de Quental, graduado na faculdade de Philosophia, e lente da faculdade de Medicina, na Universidade de Coimbra; aonde faleceu em 1892.

André da Ponte Quental da Camara, na epoca em que teve relações com Bocage era Cadete do Regimento da Armada. Apaixonado pelas ideias de liberdade, o seu sentimento levou-o a filiar-se na associação politica formada para a libertação de Portugal, com o titulo de *Conselho Conservador*, occupando n'elle em Fevereiro de 1807 cargo com a designação de Capitão-mór. Animado do mesmo espirito tomou parte na re-

Conta do Intendente para o Inquisidor geral, iam tambem «*os papeis e livros* impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte.» Que livros seriam esses, senão algumas obras dos Encyclopedistas com que se alimentava o ja-

---

volução de 1820, que se reflectiu em Ponta Delgada em 1 de Março de 1821, sendo eleito pela ilha de San Miguel deputado ás côrtes de 1822. Os grandes desastres do prejurio de D. João VI, falso Cartismo de 1826, absolutismo miguelino de 1828, e, passado o episodio das luctas liberaes em que tomou parte o seu primogenito, o retrocesso Cabralista de 1842, levaram o velho companheiro de Bocage a um retrahimento de tristeza, queimando todos os seus papeis e composições poeticas antes do seu falecimento, que foi em 14 de Abril de 1845. Que thesouros de documentos da vida litteraria da ultima metade do seculo XVIII se apagaram com o desapparecimento d'aquelle octogenario.

No *Archivo de Ex-Libres portuguezes*, n.º 2, o nosso amigo Joaquim de Araujo traz algumas paginas biographicas de André da Ponte, de que transcrevemos estas feições caracteristicas: «Em Lisboa, Bento Pereira de Lacerda, irmão de João Pereira de Lacerda, o terrivel satirisador das ordens religiosas, conterraneo de André da Ponte, ligou-se a este e a Bocage em dedicação fraterna, e os tres amigos, de viola em punho, *pede calcante*, sonhando aventuras, semeando improvisos e procurando idylios, entraram a correr terras, pedindo em troca da exhibição das suas prendas, a hospitalidade dos conventos e a pousada dos fidalgos...»

«A 5 de fevereiro fundava-se o *Conselho Conservador*, de Lisboa, sociedade secreta destinada a dirigir em chefe o levantamento geral do reino. Foram seis apenas os associados que iniciaram essa Junta suprema, mas um d'elles é André da Ponte de Quental.— O Conselho Conservador delega em André da Ponte a missão de levantar os animos no Porto e em Traz-os-

cobinismo portuguez e que tanto amedrontavam a vigilancia do Intendente. Bocage celebra em um sentido Soneto o facto da prisão do seu companheiro: *Ao senhor André da Ponte Quental da Camara, quando preso com o auctor:*

Montes, e de passar com eguaes intuitos ao Algarve;... bate-se como um bravo até ao fim da guerra; as desillusões, porém, cobrem-no de chofre... Expulsar os francezes para abrir campo á Regencia inepta, que succedeu ao seu dominio...

«=Ainda em 1832 o quizeram chamar á vida publica (escreveu-nos Augusto de Arruda Quental) nomeando-o Governador da ilha de S. Miguel, por occasião da chamada revolta do Castello de S. Braz; porém, como os que julgaram os promotores d'essa revolta os quizeram condemnar, como effectivamente condemnaram á morte, este resignou o seu cargo immediatamente.=Parece-nos recordar que o pae de Theophilo Braga foi um dos condemnados a esse morticinio; a attitude de André da Ponte impediu em parte os fusilamentos.» (p. 28.) Effectivamente meu pae foi condemnado á morte, sendo-lhe commutada a pena ultima na de degredo para a ilha de S. Maria, e forçado a com os outros officiaes não fusilados a abrir a cova e a sepultar os camaradas executados. Joaquim de Araujo transcreve um trecho de uma carta de José do Canto com traços vivos sobre André da Ponte:

«=Era homem do outro seculo, muito galhofeiro e bom, mas pouco conversavel. Vivia solitario, no meio de sua familia, lendo de dia e annotando os livros que lêra, e á noite jogava o seu voltarete com a senhora e o P.e Paulino Borges de Leão, que frequentava a casa de meu pae e era intimo de ambos. Na molestia que o arrebatou, era seu medico o Dr. João Nesbitt Junior, e pedia-lhe elle a brincar, que lhe conservasse a vida até ao natal, para que os filhos e netos podessem saborear os torresmos e a chanfana dos seus porcos, sem pesar nem magoa.»

O pesado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões comtigo
Quem comtigo altos bens gosar devia. [1]

Aqui Bocage allude a ter sido preso mais tarde e a ir acompanhal-o no carcere. A Ode escripta tambem na prisão, e dedicada a André da Ponte, é de uma suavidade encantadora quando deixa o entono erudito e moralista tomando o caracter de um protesto:

Nossos nomes, amigo, alçados vêmos
Acima dos communs; ama-nos Phebo,
As Musas nos enlouram; cultos nossos
Mansa virtude accolhe.
Em tenebrosos carceres jazemos;
Fallaz accusação nos agrilhôa,
De oppressões, de ameaças nos carrega
O rigor carrancudo.
. . . .
Os vindouros mortaes irão piedosos
Lêr-nos na triste campa a historia triste,
Darão flores, oh Ponte, ás lyras nossas,
Pranto a nossos desastres.

(*Ode* 8. Ed. Act.)

Entre os manuscriptos de André da Ponte, queimados por elle pouco antes de morrer, deviam existir bastantes elementos para recompôr esta época da vida litteraria de Bocage. Conservamos aqui a tradição, de que Bocage promettera a André da Ponte acompanhal-o para a ilha de San Miguel, por ventura em 1798; a unica bagagem com que se

[1] *Soneto* 266. Ed. Act. Vem assignado por André da Ponte no ms. n.º 6506, da Coll. Merello.

apresentou para o embarque era um par de meias debaixo do braço; estavam já a metter pé no escaler quando um outro amigo de Bocage appareceu ali casualmente e lhe perguntou se faltava á reunião a que tinha promettido comparecer n'aquella noite? Bocage disse que não faltava, saltou logo para terra, e ficou assim gorada a viagem que com certeza lhe teria augmentado os dias de existencia, e mesmo daria uma profunda tranquillidade moral. Mas voltemos aos seus dias no Limoeiro; depois do interrogatorio do Desembargador Brito, foi relaxado o Segredo ao poeta, mas submettido a mais tres inquirições:

D'este centro da tristeza,
Morada das afflições,
Fiz ao logar das perguntas
Inda mais tres digressões.
Amo, professo a verdade,
Nas tres digressões que fiz
Sempre achei o ámavel Brito
Mais bemfeitor, que Juiz.

A solidão era o que mais custava ao poeta depois que saíu do Segredo; elle chega a ter saudades do bulicio da malta, e retrata esse interior com traços rembrandtescos dignos de se conhecerem:

Lembrava-me a curta fresta,
Por onde á presa matula
Ouvia de quando em quando
Conto vil em phrase chula.
Lembrava-me a gritaria,
Que faz a corja a quem passa,
Loucamente misturando
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando
Piôlho, que de alvo brilha;
Aquelle a chuchar gostoso
Cigarro que ou compra ou pilha.
Um, por baldas que lhe sabe
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aquelles jogando a faca.
Cousas taes, que n'outro tempo
Me fariam anciedade,
Eram então para mim
Estimulos de saudade. Etc.

O seguinte inedito de Bocage completa a revelação das impressões e abalo moral, em que se achava:

Mette-se a chave, corre-se o ferrolho,
Faz a primeira grade estrondo horrendo,
Vae o mesmo nas outras succedendo,
Levando o guarda sobre o hombro o olho.

Um, deitado sem cama sobre o sôlho,
Outro posto a jogar, outro gemendo,
Aquelle a passear, e este escrevendo,
Aqui se matta a fome, alli o piolho.

Um pedindo papel, outro tinteiro,
Aquelle divertido na assembléa,
Este chorando a falta de dinheiro...

Luctam os crimes seus na vaga ideia,
Esta a Tragedia é do Limoeiro,
Representada em scena de cadêa. [1]

N'esta situação desesperada veiu o dia 15 de Septembro, em que o poeta completou no

[1] Poesias ineditas extrahidas dos cadernos manuscriptos n.º 650 b. (Cat. Merello.)

carcere trinta e dous annos; no Soneto *No seu dia natalicio*, pinta o seu estado:

> Do tempo sobre as azas volve o dia,
> O ponto de meu triste nascimento;
> Vedado á luz do sol este momento,
> Furias, com vossos fachos se alumia!
>
> (*Son.* 250. Ed. Act.)

No dia 22 de Septembro é que Bocage terminou as coplas dos *Trabalhos da vida humana*, em que refere as miserias do encarceramento:

> Ha já *quarenta e tres dias*
> Que choro n'este degredo:
> Heide ser muito calado,
> Costumaram-me ao Segredo.

Desde esta data até 7 de Novembro de 1797, em que o poeta foi remettido para os carceres da Inquisição, [1] jazeu no Limoeiro, incerto do seu destino como se vê pelas numerosas poesias, em que pede a todas as pessoas de influencia que intercedam por elle. Descreve o profundo tedio da solidão:

> No inferno se me troca o pensamento;
> Céos! porque heide existir? porque? se passo
> *Dias de enjôo, e noites de tormento.*

Lembrando-se dos seus zoilos, que o accusaram ao Intendente e lhe entregaram os seus

---

[1] Officio do Intendente *Ao Ex.mo Inquisidor geral*, fazendo a entrega de Bocage. (*Contas*, Liv. v.)

melhores versos como peças do delicto, com que altura exclama:

Mas turba vil, que abato, anceio e espanto
Urde em meu damno abominavel trama.

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta anniquillar-me o bando rude,
Envolto na lethêa escuridade.

Que falsa ideia, oh zoilos, vos illude!
Furtaes-me a paz? furtaes-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica-me a virtude.

(*Son.* 218. Ed. Act.)

No Soneto *Deplorando a solidão do carcere*, arranca esse outro protesto não menos eloquente:

Aqui, pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio Poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora Omnipotencia!

(*Son.* 235. Ed. Act.)

Era a condemnação do direito divino. N'outro Soneto *Vendo-se encarcerado e solitario*, eleva-se a um lyrismo, de que tanto o desviaram as Arcadias e os Outeiros:

Tomara costumar-me á desventura,
Esquecer-me do bem gosado e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

(*Son.* 245. Ed. Act.)

Estava vingado do seu tempo quem vibrava a sua queixa n'esta fórma sublime:

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulchro da existencia;

Mas pezo dos remorsos não me opprime;
A susurrante, a vil maledicencia
De erros dispersos me organisa o crime.

(*Son.* 249. Ed. Act.)

Quaes eram esses *erros dispersos?* Um ou outro Soneto radicalista, de que lhe faziam carga; Manique, ao entregal-o á Inquisição, criminava-o pela satira anonyma que começa *Pavorosa illusão da eternidade;* outros não se esqueciam do Soneto á derrota do exercito de Pio VI, que assignou por isso a paz de Tolentino em 1797; e os ataques aos hypocritas e frades. Pertencia á Inquisição o poeta que se atrevia a retratar o papa como:

Purpureo fanfarrão, papal sacrista,

que berra para os seus, fortalecendo-os com a lista de surdos santos:

O progresso estorvae da atroz conquista
Que da Philosophia o mal derrama...

e termina descrevendo a derrota com um inimitavel tom grotesco:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata. Ficam-lhe em despojo
Reliquias, bullas, mitras, bagatellas.

Depois de sessenta dias de cadeia, Bocage resolve-se a importunar todos os seus amigos de valimento, que até então nada haviam

conseguido; elle escreve uma Epistola a Joaquim Rodrigues Chaves, para que faça com que D. Lourenço de Lima (*Laurenio*) interceda para com o Ministro seu pae, o Marquez de Ponte do Lima:

De Bocage infeliz sê prompto abrigo,
Estorva que se mirre um desgraçado
N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me attrae, me inflamma;
Amo a virtude, o throno, as leis, o estado.

Acima de meus zoilos me ergue a fama,
Eis porque o negro bando, atroz maldito,
Sobre minhas acções seu fel derrama.

. . . .
Depois que n'estas sombras esmoreço,
Duas vezes brilhando a plena lua
Tem roubado ás estrellas o aureo preço.

Ah, funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a sorte me lançou raivosa e crúa.

Do benigno *Laurenio* invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jámais em dons beneficos escasso.

Elle aos ouvidos faceis e piedosos
Do sublime varão, do egregio *Lima*,
Conduza meus suspiros lastimosos...

(*Epist.* 8. Ed. Act.)

Por este meio fez Bocage chegar ás mãos do Marquez de Ponte do Lima, Ministro da Fazenda, uma outra Epistola, em que se vê o seu profundo desalento por causa da falta da justiça a que está exposto:

Outros querem louvor; eu só piedade;
Piedade! que *a perder o gosto á fama*
Até já me ensinou a adversidade!

. . . .

Em carcere, a que o sol, medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dòr me diz que vivo:

. . . .

Deixa pousar, senhor, no attento ouvido,
A queixosa, tristissima linguage,
As supplicas e os ais de um perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage,
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage.

(*Epist.* 6. Ed. Act.)

Não se fiando ainda na efficacia do seu pedido, mandou entregar outra Epistola ao genro do Marquez de Ponte do Lima, o Marquez de Abrantes Dom Pedro de Lencastre e Silveira Castello Branco, que na sua qualidade de Mordomo-fidalgo da Misericordia de Lisboa era o promotor da defeza e livramento dos presos desvalidos. Tal era a tenacidade das garras de Manique, e a incerteza e irregularidade dos processos n'essa época!

Do numero infeliz que te suspira
Lastimosa porção me fez a sorte;
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte? Solidão, silencio, trevas?
Tudo isto occupa o lugubre aposento;
Silencio, trevas, solidão me abrangem
E horrores multiplica o pensamento.

. . . .
Tu, grande, tu benefico, tu forte,
Emprehende a gloria de vencer meu fado.

Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus e as preces minhas
Ao throno onde reluz a humanidade.

(*Epist.* 7. Ed. Act.)

Escreve tambem Bocage a Henrique José de Carvalho e Mello, primogenito e successor do Marquez de Pombal, justificando-se do seu silencio por um «*trait de prudence*» na epigraphe tirada de Boileau. O filho do velho Marquez de Pombal, apezar da queda de seu pae, era então Presidente do Desembargo do Paço e da Mesa da Consciencia e Ordens; por isso o poeta escreve-lhe lisongeando-o com coragem na memoria de seu pae:

Carcere umbroso, do sepulchro imagem,
Caladas sombras de perpetua noute
Me ancêam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso.
A calumnia fallaz, de astucias fertil,
Urdiu meus males, affeiou meu nome,

. . . .

Heroe, fructo de heroe, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe;
Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, altêa
Do misero Bocage os ais e as preces...

(*Epist.* 5. Ed. Act.)

Sabe-se que tambem recorreu á protecção do Conde de San Lourenço Dom João José Ansberto de Noronha, a quem se confessa grato:

> .... o triste vate
> Que foi por teu favor, por teus auspicios
> Ao tumulo dos vivos arrancado,
> Onde torva Calumnia o ferrolhara...
>
> (*Epist.* 15. Ed. Act.)

Por via de Sebastião Xavier Botelho *(Clario)* fez chegar á mão de D. Francisco Raphael de Castro (Principal Castro) uma Epistola reclamando protecção.

Não citámos em primeiro logar o nome de José de Seabra da Silva, porque a sua dedicação conhecida por Bocage enfraquecia-lhe em parte o alto valimento. E' á esposa do ministro intelligente, que o poeta se dirige n'essas suaves quintilhas:

> Exerce efficaz valia
> Que me serene a fortuna,
> Irosa fortuna impía;
> Para guarida opportuna
> Meus ais, minhas ancias guia.
> Pelo misero intercede
> Que a ti recorre em seus males,
> Que prompto auxilio te pede;
> O que podes, o que vales
> Por minhas angustias mede.
> Dá-me a luz, que respirei
> No seio da humanidade;
> Roga que se abrande a lei
> A que a doce liberdade
> Submisso e mudo curvei...
>
> (*Redondilhas* 12. Ed. Act.)

Na Ode a *José de Seabra da Silva, Ministro e secretario de Estado dos Negocios do Reino*, tambem escreve o desgraçado poeta:

> A mim, desventurado,
> N'um carcere cruel envolto em sombras,
> A mim, curvo, abatido
> Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
> Ente vulgar, inutil,
> De mil tribulações, que recompensa,
> Que futuro me resta?

Bocage conhece que a sua amisade póde prejudicar o ministro, e pede-lhe que o não proteja claramente:

> *Em beneficio meu de mim te aparta...*
> . . . .
> Sejam, sejam remidos
> Pela dextra efficaz do heroe prestante
> Meu prazer, meu repouso,
> A mente, a liberdade, a luz e a vida
> N'este horror suffocadas.
>
> (*Ode* 17. Ed. Act.)

Foi com effeito a José de Seabra da Silva que Bocage deveu a liberdade depois de trez mezes de prizão, mas por um modo indirecto. O ministro fez avultar os erros religiosos do poeta, por que era então Inquisidor geral Dom José Maria de Mello, homem de illustração; o preso, entregue ao poder inquisitorial pelo tenaz Manique em 7 de Novembro de 1797, é na Inquisição reprehendido, ordenando-se que fosse doutrinado em um mosteiro. Era um modo de lhe assegurar alguma tranquillidade, até que se affrouxassem os rigores do Manique. Importa deixar aqui transcripto o Officio do Intendente ao Bispo Inquisidor geral, remettendo-lhe o preso:

Ao Ex.mo Inquisidor geral. — Constandome, que n'esta côrte e Reino giravam alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem seriam os auctores d'elles, e encontrei que uma parte d'estes era o seu auctor *Manoel Maria Barbosa de Bocage*, o qual vivia em casa de um Cadete do Regimento da primeira Armada, André da Ponte, que he natural da ilha Terceira; [1] mandei proceder contra um e outro e á apprehensão dos seus papeis, e não achando ao sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi prezo, e apprehendidos os papeis, e entre elles se achou um infame e sedicioso que se intitula *Verdades duras*, e principia: *Pavorosa illusão da eternidade*, e acaba *De opprimir seus eguaes com o ferreo jugo*, como consta do Auto da achada que acompanha a Conta que me deu o Juiz do Crime do Bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia; do mesmo Auto verá V. Ex.a os mais papeis e livros impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devaça a que mandei proceder para averiguação da verdade e as perguntas que se fizeram ao dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage*, que, passados alguns dias tambem foi prezo a bordo de uma embarcação, que hia fugido no Comboio para a Bahia, e André da Ponte do Quental da Camara. Remetto tambem a delatação que me fez da Cadeia o dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage*, para que este

---

[1] Lêa-se: Ilha de S. Miguel.

Santo Tribunal lhe dê o pezo que merecer. V. Ex.ª me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dois réos, os quaes conservo na prisão, esperando a restituição d'estes papeis logo que forem examinados por esse Santo Tribunal pela parte que lhe toca. Lisboa, 7 de Novembro de 1797.— Ex.mo Snr. Dom José Maria de Mello.» [1]

Por este documento se vê quanto custava ao Intendente Manique o largar a presa; conservava-os em ferros, até que a Inquisição dispozesse d'elles.

A poesia intitulada *Verdades duras*, é geralmente conhecida pela primeira palavra do verso: «*Pavorosa* illusão da eternidade.» Em alguns manuscriptos da epoca, em vez do subtitulo *Epistola a Marilia* lê-se o nome de D. Maria Margarida. A *Pavorosa*, que andou sempre em versões manuscriptas, appareceu publicada nas Eroticas de Bocage, sendo aliás digna de figurar nas obras do poeta: é uma manifestação do philosophismo criticista da geração da Encyclopedia, não com a franqueza do atheismo de um Diderot, mas da transacção capciosa d'esse deismo de Rousseau que dá no campo da acção os Robespierre. O titulo *Verdades duras* contrapõe-se ao de *Verdades singelas*, com que são designadas as quadras que se conhecem com o titulo de *Voz da Rasão*. Para salvar Bocage da carga que estas quadras inspiradas pelo Bom senso do Cura Meslier, lhe podiam cau-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 166, *v*. No Arch. Nacional.

sar, foram attribuidas a um poeta morto, o genio incomparavel de José Anastacio da Cunha. Mais tarde veiu a reconhecer-se o erro da attribuição confessado pelo proprio Innocencio Francisco da Silva, que em 1839 a publicara com o nome do desventurado mathematico na collecção das suas poesias. [1] Em um manuscripto encontrado em Ponte do Lima, talvez do espolio de D. Frei Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), as *Verdades singelas*, trazem a rubrica inicial: Epistola I *De Bocage ao seu amigo Anelio.* A ultima quadra traz o nome que revela tambem Bocage, *L'Hedois* (*Ledoá*, nos documentos dos Excerptos militares):

> Os céos queirām, mil prazeres
> Gose a tua alma innocente,
> E que Anelio não se esqueça
> De um *Lidio* que vive ausente.

Suppômos que o nome de Anelio designará o seu intimo amigo Antonio Bers*ane Lei*te, com quem elle com segurança podia dar largas á liberdade de pensamento. A *Carta a Urania*, dos manuscriptos de Ponte do Lima, pertence a esta mesma corrente de um criticismo ou de insurreição intellectual; sob este aspecto Bocage é um sympathico representante do espirito do seculo XVIII, dando a fórma poetica e universalista ás aspirações democraticas e aos protestos da liberdade de consciencia. Não ficou na rhetorica; soffreu as masmorras e a pressão moral dos que, concordando com

[1] Prohibida por decreto da Congregação do Index em 7 de Janeiro de 1836.

elle secretamente, o renegavam ou abandonavam com desdem. [1]

André da Ponte Quental sentiu-se mais unido a Bocage; talvez em virtude do seu nascimento e relações valiosas foi mandado recolher á terra da sua naturalidade; Bocage foi reenviado outra vez para o Intendente da Policia, insinuando-se que o mandasse recolher ao Mosteiro de San Bento da Saude para ser doutrinado. Sabe-se hoje por via do *Die-*

---

[1] Entre os papeis sediciosos estaria o Soneto sobre o caso escandaloso da Beata de Evora, que revelara propheticamente o dia da sua morte em 29 de Septembro de 1792, em que o Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, o Marechal de Campo governador de Evora D. José da Costa, que foi Conde de Soure, o Sargento mór de cavallaria Antonio da Cunha Souto Maior, acreditaram com ingenuidade lorpa; foi o caso verberado por Bocage no seguinte Soneto:

> Não te crimino a ti, plebe insensata,
> A vã superstição não te crimino;
> Foi natural, que o frade era ladino,
> E esperta em macaquices a beata.
>
> Só crimino esse heroe da bola chata,
> Que na eschola de Marte ainda é menino,
> E a o falso Pastor... sem tino
> Que tão mal das ovelhas cura e trata.
>
> Item, crimino o respeitavel Cunha,
> Que a frias petas credito não dera,
> A ser philosopho como se suppunha.
>
> Coitado! protestou com voz sincera
> Fazer geral, contricta caramunha,
> Porém, ficou peior que d'antes era.

Em um parecer do Tribunal da Mesa Censoria assignado por Fr. Joaquim de Santa Anna, aponta-se a *Carta a Urania*, como impia, por não ter sido men-

tario do Mosteiro de San Bento, que Bocage deu ali entrada em 17 de Fevereiro de 1798; esteve portanto no Santo Officio tres mezes e dez dias. Pelo documento que citamos, se vê que o Mosteiro de San Bento era um refugio para onde a auctoridade mandava accolher os perseguidos pelas arbitrariedades da policia, que era então um estado no estado. O *Dietario*, a que nos referimos, era um livro escripto annualmente por um frade da ordem, que tinha o cargo de consignar n'elle todos os successos principaes do tempo, como os desastres publicos, as descobertas, os contagios, os obitos dos principaes personagens, como contribuição para a historia. O pensamento da instituição era luminoso, mas o criterio ficava sempre abaixo do caso anecdotico, por falta de intuito philosophico. Em todo

---

cionada nas Censuras dos P.es Pereira de Figueiredo, e Xavier de Santa Anna. O celebre auctor da *Tentativa Theologica*, em um parecer do mesmo tribunal admira-se: «de que estando as Obras de Mr. de Voltaire cheias de tanto veneno e de doutrinas perniciosas — seja ainda assim este Autor o que ordinariamente anda nas mãos da mocidade portugueza, e o que fórma o gosto e base dos seus primeiros estudos; quando eu pelo contrario, em toda a extensão dos livros que tenho lido (e é notorio que tenho lido muitos e de diversas materias) posso e devo affirmar, que ainda não achei outros mais impios, mais capciosos, mais nocivos, que os de Mr. de Voltaire. Elle é pessimo ainda quando parece bom; elle diffunde o veneno ainda quando faz orações a Deus; elle inspira insensivelmente um desprezo de tudo quanto é religião e piedade...» Toda esta corrente mental dos livre-pensadores e encyclopedistas do seculo XVIII está amplissimamente tratada na *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, cap. I: A crise politica e pedagogica do seculo XVIII. (136 paginas.)

o caso os poucos livros que restam contêm alguns factos importantes para a historia da sociedade portugueza do seculo XVIII. Transcrevemos a nota ácerca de Bocage, não só como subsidio authentico para a biographia do poeta, senão tambem como especimen do livro:

«Anno de 1798 — Mez de Fevereiro — Lisboa: Providencias politicas internas, em qualquer ramo de Administração publica:

«A 17 do presente mez de Fevereiro foi mandado para este Mosteiro pelo Tribunal do Santo Officio o celebre Poeta *Manoel Maria de Bocage*, bem conhecido n'esta Côrte pelas suas Poesias, e não menos que pela sua instrucção. Tinha sido prezo pela Intendencia, e elle reclamara para o Santo Officio, onde esteve athé ser mandado para este Mosteiro, apezar de encerrar já no seu recinto o Regimento de Gomes Freire, sete expatriados, e um prezo de Estado do julgado levantamento de Minas Geraes.» [1]

Por este documento se vê que o proprio Bocage *reclamára*, isto é, recorrera para o Santo Officio, para assim se eximir ao despotismo do Intendente, que não hesitava em conserval-o em carcere perpetuo, ou pelo menos degradal-o para Angola.

---

[1] *Dietario do Mosteiro da Saude de S. Bento de Lisboa*, fl. 8 (1798.) *Ms. n.º 731 da Bibl. Nac.* No *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 1862, n.º 2730, publicou o Dr. Ribeiro Guimarães estes trechos do *Dietario*, reproduzidos depois no vol. V da sua miscellanea *Summario de Varia Historia*, p. 219 a 227. (1875.)

No *Dictario* do mez de Março de 1798:

«Em 12 do presente mez de Março, recebeu o padre D. Abbade d'este mosteiro, o muito reverendo padre prègador Fr. Manoel de Santa Rita Vasconcellos, uma carta do Tribunal do Santo Officio, em que dava por findo o motivo por que veiu para este mosteiro Manoel Maria Bocage, e que o podia entregar á ordem do Intendente geral da Policia, cobrando recibo da sua entrega.

«No dia 13 do mesmo mez, recebeu o mesmo padre D. Abbade ordem vocal do Ministro secretario de Estado dos Negocios do Reino, para que, pedindo-se pela Intendencia a entrega do dito Bocage, se dissesse ao Ministro que lhe fallasse antes de tudo, que o havia assim determinado Sua Magestade.

«O dito Ministro d'Estado mandou tambem a estancias do mesmo padre D. Abbade alargar mais a prisão, não só ao sobredito Bocage, mas tambem ao padre José da Silva, preso do Estado, pelo bom comportamento de ambos desde que vieram para este Mosteiro.

«A 22 d'este mez, recebeu o mesmo padre D. Abbade carta do Intendente geral da Policia, trazida pelo Corregedor dos Remulares para ser transferido d'este mosteiro para o Hospicio das Necessidades á ordem do Principe Regente N. S. o dito Bocage, cuja ordem teve effeito a 24 d'este mez.» [1]

---

[1] *Dietario* do Mosteiro de S. Bento: *Providencias internas, em qualquer ramo de administração publica.* (Vem publicado no *Jornal do Commercio*, 1862, n.º 2730, em local sob o titulo *Memoria de Bocage.*)

A brandura com que o tratavam no Mosteiro de S. Bento fez com que Manique logo em 22 de Março, por Officio ao Corregedor do Crime do Bairro dos Romulares, o mandasse transferir para o Mosteiro das Necessidades. N'esta casa floresciam os Padres Antonio Pereira de Figueiredo e Theodoro de Almeida, eruditos e suspeitos pelo Intendente de *philosophos* e de partidarios das *ideias francezas.* Ali foi encontrar Bocage o poeta e philologo Frei Joaquim de Foyos, que o ouviu de confissão geral e contra o qual lançou alguns epigrammas. [1] Eis o Officio supracitado, no seu embrulhado estylo:

«V. M.ce na noite de hoje, quinta feira, vinte e dois do prezente, passará ao Mosteiro de Sam Bento da Saude e procurará o Abbade do mesmo Mosteiro e lhe entregará a carta inclusa, e receberá *Manoel Maria Barbosa de Bocage* e o conduzirá ao Hospicio de N. Snr.a

---

[1] PADRE JOAQUIM DE FOYOS:

Natural de Peniche; á sombra do seu humanismo e da preponderancia que por essa causa exercia a Congregação do Oratorio de Lisboa, teve os bons empregos da sociedade do fim do seculo XVIII; era official de linguas na secretaria dos negocios estrangeiros, deputado da Bulla, Censor regio, socio da Academia real das Sciencias e chronista da Casa de Bragança. D'esta fórma accumulou uma grande riqueza, e passou regaladamente saindo da ordem para a sua quinta de Peniche annualmente, e tratando-se com a commodidade de uma sege sua. Foi este Padre, antigo árcade, o que a Inquisição encarregou de doutrinar Bocage, quando o transferiram de San Bento para as Necessidades; o padre recitava-lhe os seus versos constantemente, e Bocage supportando como penitencia as citações pedantescas da Poetica de Aristoteles feitas em grego, exclamava

das Necessidades, dos Padres de Sam Filippe Nery, junto de Alcantara, e o entregará ao Prelado do mesmo Hospicio que o estiver presidindo n'elle, e lhe intimará que fica ali o dito Manoel Maria recluso no mesmo Hospicio, e que não possa saír fóra sem nova ordem, nem communicar com pessoa alguma de fóra, á excepção porém dos Religiosos Conventuaes no mesmo Hospicio ou filhos da mesma Congregação de S. Filippe Nery, andando em liberdade no mesmo Hospicio, sem que venha abaixo ás Portarias e á mesma Egreja, e nas horas de recreação poderá hir á Cêrca, na Companhia dos Religiosos e Conventuaes no mesmo Hospicio, e assistir no Côro a todos os officios, se assim o julgar o Prelado, e não encontrar algum inconveniente, e lhe entregará Vm.ce o constante da Relação inclusa, que o Principe nosso Senhor lhe manda dar por esmola, e espera que com estas Correcções,

---

nos seus accessos de protesto: «E' pena que o Padre Foyos estudasse tanto! perdeu-se alli um grande tolo!» (Tradição conservada por Costa e Silva, ap. *Ramalhete*, t. III, p. 398.)

O P.e Frei Joaquim de Foyos, como socio e director de uma das classes da Academia das Sciencias, foi com Domingos Vandelli e Garção Stockler, em 1808, apresentar a Junot um discurso convidando-o a acceitar o logar de Presidente da Academia, cuja pretenção não teve effeito; mas annuiu a ser socio. O discurso vem na *Gazeta de Lisboa*, de 12 de Abril de 1808. (Nota de Ferreira da Costa ao Poema dos *Burros*, versão de 1811.) Na dedicatoria dos *Burros*, ao Geral dos Bernardos, escreveu Macedo: «Para formar o encomio das burricaes qualidades de V. Reverendissima, desejava ter as phrases e o juizo alvar de um Quinhentista ou do *Padre Foyos*.

que tem soffrido tornará em si, e aos seus deveres, aproveitando os seus distinctos talentos com os quaes sirva a Deus nosso Senhor, a S. Magestade e ao Estado, e util a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vicios e prostituições em que vivia escandalosamente.

«Logo que tiver executado esta diligencia me dará Vm.ce conta por escripto. Lisboa, 22 de Março de 1798.—Ao Juiz do Crime do Bairro de Remulares.» [1]

Nenhum biographo havia ainda fallado na esmola que o Principe regente mandara dar a Bocage; pode-se affirmar que foi arbitrio do proprio Intendente, que costumava applicar os muitos recursos da Casa Pia ao soccorro de desvalidos, pois que tinha ordem de levantar os dinheiros que bem quizesse do Thesouro sem ser obrigado a justificar as suas despezas. A esmola era descripta em uma relação, o que nos prova, que constaria de roupas e algum dinheiro. O caracter de Bocage estava acima d'estes sentimentos officiaes, e por isso nunca alludiu nos seus versos á esmola dada em nome de Dom João VI; pelo contrario, exaltava nos seus versos a dedicação d'esse

[1] *Registo geral da Correspondencia do Intendente da Policia com todas as Auctoridades*, Liv. XI (numeração da Intend.) fl. 109. Tambem se acha sob o titulo de Liv. 38 (Governo Civil) e 199 (Torre do Tombo.) Rebello da Silva allude a este documento, mas não o cita, (p. XLIV) nem indica a fonte; J. Feliciano tambem o não descobriu, e por isso não cita a melhor parte dos factos n'elle contidos.

pobre José Pedro da Silva, dono do botequim do Rocio, a quem:

Pagava em metro o que devia em ouro.

(*Son.* 317. Ed. Act.)

Embora Bocage fôsse conservado incommunicavel para os extranhos ao Mosteiro, sentiu-se ali em uma sociedade escolhida, aonde o estimavam, e em uma Ode a José de Seabra da Silva, confessa que lhe renasce outra vez o gosto pela poesia:

Estro brilhante, creador dos hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra tristeza desvanece o rasto
No espirito do vate,
A' sombra dos altares accolhido.
A estridula corrente
O pezo infamador aqui não sôa;
Aqui não sôam magoas
Da vexada innocencia lamentosa...

(*Ode* 19. Ed. Act.)

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, etc., etc., etc.

Oh mihi tam longæ maneat pars ultima vitæ
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta.

VIRG., *Ecloga* 4.

Egregio Bemfeitor de um desgraçado,
Remido emfim por ti, por ti ditoso,
Oh tu, de Esposa excelsa excelso Esposo,
Dos mortaes esplendor, dos céos cuidado;

Na Lyra, em que chorei meu duro fado
Mudando em som festivo o som piedoso,
Dispuz cantar um dia almo e lustroso,
A's Graças e ás Virtudes consagrado,

Versos, que a Musa genial te offerece,
Accolhe, anima com risonho aspecto,
Com teus altos influxos ennobrece.

A voz de um grato, de um submisso affecto,
Minha pura oblação de ti carece,
Para ousar sublimar-se ao grande objecto.

(*Son.* 284. Ed. Act.)

No Soneto de Bocage com a rubrica *Conselhos a um Preceptor austero*, conhece-se que na clausura tambem se distraía com versos amorosos; foi durante este remanso moral que se occupou com a tentativa da versão das *Metarmophoses* de Ovidio, que lhe dera um nome respeitado entre os eruditos. Na epigraphe original que adoptou para a versão, ainda se queixa da falta de liberdade; um grande numero de episodios da *Pharsalia*, da *Jerusalem libertada*, da *Henriada*, da *Colombiada*, foi vertido por Bocage, aproveitando-se das riquezas da bibliotheca do mosteiro e do tempo, que a sua vida vagabunda lhe não deixava. Vivia então recolhido em uma cella da Congregação do Oratorio o Conde de San Lourenço, Dom João José Ansberto de Noronha, que, depois de ter soffrido as duas prisões da Junqueira, quando foram executados os seus parentes, os Tavoras, por ordem do Marquez de Pombal, readquirira a liberdade no começo do reinado de D. Maria I. O Conde de San Lourenço precisava de tranquillidade moral, e tendo-se acostumado á leitura no carcere, accolheu-se a essa Ordem litteraria e ali acabou os seus dias. Bocage frequentava a sua companhia, e escutava-o attentamente; em uma Epistola

que lhe dedica, descreve o poeta esses encantadores entretenimentos:

> Que horas douradas, que formosos dias
> N'ella dos labios teus pendi, qual pende
> Da face encantadora acceso amante...
> ....
> E ouvindo-te, um sêr novo em mim sentia.
>
> (*Epist.* 15. Ed. Act.)

O Conde de San Lourenço fôra amigo de Garção, que lhe dedicara a sua mais bella Satira, e, como elle, victima tambem do Marquez de Pombal; a grande admiração que Bocage consagrava a Garção foi em parte suscitada pelas conversas eruditas d'este asceta, que tinha de commum e de intimo com elle o terem sido ambos victimas da arbitrariedade. N'estes mutuos desabafos, como lhes não resplandeceriam na consciencia os grandes actos da justiça popular!

Em 1798, ao fazer trinta e tres annos, já se achava plenamente solto, e já com alguns cabellos brancos por effeito d'estas emoções violentas:

> Excedo *lustros seis* por *mais tres annos*,
> Mas bem que juvenis meus annos sejam,
> Já murcham de agonia, e já me alvejam
> Não raros na cabeça os desenganos.
>
> (*Son.* 221. Ed. Act.)

Na versão dos trechos das *Metamorphoses*, Bocage evitou tudo o que poderia tornal-o suspeito outra vez; e talvez por esse motivo teve de abandonar a versão de *Gil Braz de*

Santillana, que encetara. O Intendente continuava a perseguir os livros; em uma *Conta* de 27 de Septembro de 1798, repete: «que a maior parte dos livros impios e sediciosos que apparecem no publico de mão em mão sáem da Alfandega... Devo informar a V. Ex.ª que me dizem ser seu auctor *Luiz Caetano*, que acaba de chegar a Lisboa, de Paris, para onde havia fugido d'este reino, contra o qual não procedo immediatamente, por querer primeiro fallar ao Ill.mo Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva, do qual o sobredito *Luiz Caetano* me deu verbalmente um recado, dizendo que Antonio de Araujo e Azevedo, Ministro da Côrte na Haya, havia escripto áquelle Ministro a favor d'elle...» [1] E' logo em 1798 que achamos Bocage em relações com Luiz Caetano, a quem deixou o trabalho de completar a versão de Lesage.

A traducção da *Historia de Gil Braz de Santilhana* por Bocage, começada antes de 1798, não devia deixar de lhe fazer carga nas suspeitas e indiciações de que o cobria a policia de Manique. Em uma *Conta* do Intendente para as Secretarias, dando parte que mandara saír de Portugal um professor de francez, pelo perigo das ideias revolucionarias, diz que na busca dada aos seus papeis: «se lhe achou outro livro de que elle se servia tambem para dar as lições, intitulado *Historia de Gil Braz de Santillana*, o qual tambem pouco proprio para instruir a mocidade,

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 245.

que não seja arriscada a precipitar-se...» [1] E' presumivel que Bocage não acabasse a traducção, (até á pag. 116 do t. II) por effeito da sua prisão e transferencia do Mosteiro de S. Bento, e por isso a terminou *Luiz Caetano de Campos*, já desde 1794 notado pela policia como Jacobino, que frequentava os dois homens perigosissimos o sabio Corrêa da Serra, e o illustre Duque de Lafões, e que ia ás conversas dos pasmatorios da Praça do Commercio: «um portuguez que tambem concorre na Praça do Commercio com estes, filho de Chaves, e conhecido por ter composto as *Viagens de Altina*, que esteve em França e em Inglaterra, e que tambem concorrem em casa dos livreiros francezes, d'aquelles que estão marcados Jacobinos na minha presença...» [2] A traducção de Luiz Caetano de Campos hombrêa dignamente com a parte vertida por Bocage.

O poeta andava desalentado, e a cabala dos metrificadores havia alcançado pela mão pesada de Manique uma bem amarga vingança. Bocage precisava de um estimulo que o fizesse achar outra vez encanto na poesia. Consta pela tradição conservada por Bingre, que o ministro José de Seabra da Silva lhe offerecera em 1798 um logar de official da Bibliotheca publica de Lisboa, aberta n'esse anno, e que o poeta recusara, para conservar a sua independencia. Repugnar-lhe-hia estar sob as ordens do Doutor Antonio Ribeiro dos Santos,

---

[1] *Contas*, Liv. IV, fl. 187. (9 de Março de 1793.)
[2] *Contas*, fl. 211, *v.* (5 de Novembro de 1794.)

bibliothecario-mór? [1] A este tempo já havia chegado ás mãos do velho Filinto Elysio, a Paris, o volume impresso em 1791, das suas *Rimas*, e tambem a tradição dos seus soffrimentos nos carceres politicos e inquisitoriaes. Filinto, usando da auctoridade do seu nome e annos, remetteu a Bocage uma pequena Ode, que era a consagração do novo talento:

---

[1] Pelas cartas do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos a um padre do Oratorio que admirava Bocage, vê-se que elle criticava azedamente o poeta, que só depois de morto veiu a louvar. Bocage não querendo aproximar-se de *Elpino Duriense*, por ventura sentia-lhe o animo hostil, ou mesmo repugnava-lhe admiral-o. Transcrevemos aqui essas duas cartas ineditas, que nos dão uma certa luz sobre as suas relações litterarias:

«Meu amigo — Ouvi a Cantata do vosso Poeta: he um genio raro e creador: ora se abalançava aos astros e remontava como uma aguia, ora como rio desatado da madre e empolado das chuvas corria por cem fozes: parecia-me ouvir uma Cantata pindarica, destinada para coroar de louros os vencedores olympicos ou um Nomo e Dithyrambo em honra de Apollo e Baccho. Depois de ter ouvido como fóra de mim o nome de *Ignez de Castro*, é que acabei de entender por quem era a obra, que até então me não tinha vindo ao pensamento. Haveis de perdoar-me as reflexões ainda que azedas para vós, que muito amaes este Poeta e os seus Poemas.

«Elle n'esta Cantata creou todos os tons: soltou todas as imagens de uma rica phantasia, todos os vôos de uma imaginação ardente, todo o colorido de um pincel ameno e fresco; mas, esta não era a clave; não era isto para aqui; na narração da desventura d'aquella Princeza em logar da phantasia devia entrar o coração; em logar de uma elocução pomposa e ataviada, uma linguagem simples; em vez de um tom apparatoso, um tom singelo e vivo; em logar de côres tão frescas e luzidas do seu magico pincel, umas côres sombrias e pinceladas energicas que pintassem de um só rasgo: notas compridas, como na Musica chromatica, que sahissem

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito e a feliz phrase,
Disse entre mim: — Depõe, Filinto, a lyra
Já velha, já cançada;

Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom *Corydon*, a *Elpino*, a *Alfeno*
Applaudia Ulyssêa...
(*Obras*, I, 232.)

---

do coração, e não requebros de garganta e artificiosas modulações da voz.

«Direis que tudo isto só se verifica no quadro, em que se pinta a fortuna lisongeira de Ignez, e eu vos digo, que o gosto e maneira de pintar é o mesmo no quadro horroroso da sua desgraça: ali ha a mesma phantasia, a mesma linguagem, o mesmo tom; tudo é torneado, enfeitado, e curiosamente polido e envernisado; tudo é embellezado pelos postiços e donaires de uma imaginação que brinca; nada de coração, nada de pathetico, nada de natureza. O poeta não viu a scena tragica de Ignez, esteve-a pintando muito de seu vagar, á sua meza; estava no seu gabinete e não nas ribeiras do Mondego, onde a mataram.

«Nem me digaes, que tanto em uma como em outra scena é o poeta que falla, e que por isso póde ostentar maiores phantasias. O Poeta deve acommodar-se ao seu assumpto e tomar o tom que lhe convém: a sua Cantata é uma narração que o Poeta recita na scena: deve logo ser simples como o pede a natureza de uma narração, e narração pathetica, como é o seu assumpto. Os gregos, que souberam unir a Natureza, a Arte, o Gosto, não acompanhavam os recitados se não de uma musica núa e simples, ou antes de um basso, isto é, de um canto singelo e uniforme. Ainda hoje a Arte theatral nos Recitativos só se limita pelo commum a cantar as vozes dentro dos confins do systema harmonico e a imitar sómente as modificações do fallar natural do homem, etc.»

«Meu amigo. — Perguntaes-me o juizo que faço das Cantatas ou Arietas dos Córos do vosso illustre Poeta, em que não fallei na carta passada. Digo-vos que gos-

Esta curta Ode, que se compõe ao todo de quatro estrophes, veiu reanimar Bocage e assegurar-lhe o triumpho decisivo sobre os seus émulos, inspirando-lhe o verso audacioso: «Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.» Foi este um dos maiores prazeres que Bocage encontrou na vida litteraria, e d'aqui se deve determinar uma nova phase na sua activida-

---

tei muito mais d'ellas, que da Cantata ou Recitado, por que são mais simplices, são a linguagem da dor. Se o Poeta, porém, metesse aqui o maior pathetico, maior desculpa teria com o exemplo dos antigos gregos. As Arietas dos Dramas musicaes de hoje não são outra cousa mais do que as Estrophes dos Córos que havia no Theatro grego, e n'estas Cantatas costumava soltar-se toda a sua pompa e riqueza; porque usavam não só do metro, mas tambem do rythmo e da harmonia, isto é, cantavam e adornavam seu canto com novas, artificiosas e periodicas combinações de movimentos e de tempos, e compunham muitas ideias e motivos de Arias, distinctos entre si pela variedade dos tempos e das feições e dos rasgos proprios com que as figuravam. Usavam da maior elegancia de sons, de modulações mais artificiosas e perigrinas, de inflexões mais seductoras e efficazes; emfim de uma musica mais numerosa e composta, mas figurada e suave a que Aristoles chamou *Melodia*, por excellencia, ou *Musica acompanhada de Melodia.*

«Assim, com estes exemplos podia o vosso Poeta na Arieta de Ignez ostentar mais propriamente a sua phantasia e voar, como lhe bem parecesse; e se o fizesse desculpa teria, á sombra do Theatro grego; comtudo, eu amo mais a linguagem simples da Natureza; e n'esta parte o Theatro grego me descontenta. Etc.»

«Meu amigo. — Continuamos na materia da Carta passada, e pois tocaes em um ponto em que eu não tinha fallado pela não fazer mui longa, dir-vos-hei o que n'isso entendo. Vós gabaes muito a invenção do vosso Poeta, que ao contrario do Ferreira pintou o estado de fortuna e de grandes esperanças em que estava D. Ignez,

de. [1] Foi n'esta epoca da sua vida (1798-1799) que o sabio allemão Link teve noticia de Bocage, e escreveu d'elle: «o Author ainda vive, mas *pobre e desgraçado;* segue o exemplo de Camões, e já foi á India procurar fortuna.»

---

e de repente fez succeder a esta scena alegre, quando menos se esperava, a scena tragica da sua desventura. Não vos enganeis: isto não tem artificio, e é facilimo de fazer. Ferreira é mil vezes superior ao vosso Poeta: elle desde o principio da scena annuncia que temer; põe o espectador em cuidado por Ignez, e faz passar por uma alternativa de diversos sentimentos: ora teme e se assusta por ella; ora respira e se esperança; interessa-se em tudo o que vae succedendo. Isto é mais sensivel e pathetico, e ao mesmo tempo mais difficil de sustentar, por que é necessario tecer os lances com arte e fazer succeder umas paixões a outras e cada vez com nova força e energia! Que susto, que receio, que interesse pode tomar o espectador pela Castro do vosso Poeta, que a vê feliz e assentada sobre o throno da fortuna sem presagio algum de mal futuro? Accrescentae agora que a mudança repentina, que tanto gabaes na Cantata, não tendo sido preparada e levada como por degráos, em logar de enternecer revolta e espanta; é ignorar as mólas por que se move o coração humano querer movel-o por este modo: as mudanças rapidas transtornam tudo, horrorisam, mas não commovem; Eschylo assim fazia, mas não Sophocles, nem Euripedes. Etc.

Ribeiro.»

(Mss. de Ribeiro dos Santos, vol. 130, a fl. 54-56.)

[1] Zoilos! estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o gran cantor, presou meus versos.

. . . .

O immortal corypheo dos Cysnes lusos,
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.

(*Ode* 21. Ed. Act.)

D) Os amores de Bocage: Marcia e Analia

Depois do regresso a Lisboa, e sob a excitação constante em que o trazia a vida dissipada na convivencia de poetas e frequencia de assembleias, aonde era glorificado pelos seus fulgurantes improvisos e rasgos de ironia impereciveis, Bocage foi accommettido de uma grave doença, prodromos d'aquella a que veiu a succumbir pela continuidade d'estes mesmos excessos. O poeta não tinha casa, e albergava-se aonde acontecia, umas vezes na cella de algum frade versejador, no conventiculo da Boa Hora ou nos Paulistas; José Agostinho de Macedo, nas *Considerações mansas*, diz que moraram juntos, quando Bocage chegara da India; quando o Manique o mandou prender em 1797, morava elle com o cadete do regimento da Armada André da Ponte Quental. Entre estas duas datas é que Bocage em uma doença teve carinhosa intimidade de familia em casa de Antonio Bersane Leite, o *Tionio* da *Nova Arcadia*, que o admirava e procurava defendel-o contra os seus proprios impulsos por um previdente bom senso. Um irmão de Antonio Bersane tambem metrificava e tinha grande predilecção pela poesia, José Bersane Leite, o *Josino*, a quem animava e aconselhava como modelo Camões. Pela emoção sincera com que Bocage celebrou em uma Elegia o falecimento do pae d'estes seus amigos, João de Sousa Bersane, vê-se que os unia mais do que uma affabilidade e cortesia social, havendo entre elles uma effusão communicativa de sentimen-

tos e de pensamentos. As quadras intituladas *Verdades singelas*, dirigidas por *Lidio* (L'Hedois, appellido abandonado por Bocage) ao seu amigo *Anelio* (Bers*ane Lei*te, como indica o cryptonymo), bem revelam a segura confiança com que entre si expunham as ideias philosophicas do negativismo encyclopedista, que n'esse tempo eram combatidas pelo segredo do Limoeiro e enxovias da Inquisição, ao Rocio. A convivencia de Bocage algum tempo em casa de Antonio Bersane Leite é relatada pelos biographos do poeta, mas foi a grave doença que impoz á amisade esse amparo, de que *Tionio* não fez alarde. Uma vez restabelecido, Bocage não podendo supportar uma vida ordenada e os habitos recatados de uma familia modesta, voltou á sua turbulencia de gandaeiro, até ao momento de ser preso em casa de um outro amigo tambem poeta, exaltado como elle, o Ponte, representante de uma familia aristocratica dos Açores.

N'este periodo de convivencia, em casa de Antonio Bersane Leite, Bocage teve ensejo, durante a grave doença, de vêr de perto e de apreciar a ternura, a graça e ingenuidade da filha mais velha do seu amigo, D. Maria Vicencia; até áquella hora, em que se sentiu apaixonado por ella, o amor fôra um thema banal para allegorias cupidinescas e pretexto de improvisos brilhantes, e quando muito rapidos episodios na vida aventurosa de rapaz. Maria Vicencia não podia ser incólume ao deslumbramento de um genio que dominava por capacidades excepcionaes, e que pelo aspecto de soffrimento e de alma incomprehendida, facilmente empolgava um coração de

uma mulher de vinte annos. Havia uma differença de edade, dez annos pelo menos, entre o poeta e ella. Pela primeira vez Bocage soube o que era amor, e um amor primeiro como o que lhe votou Maria Vicencia, *Marcia*, aquella *alma suave* a quem na morte rendeu o seu ultimo suspiro. Tambem por causa d'ella vibraram nos seus versos frémitos de uma realidade vivida e idealisada, que têm o valor de um documento positivo diante dos versos rhetoricos das estafadas allegorias mythologicas com que preenchia as imposições momentaneas da improvisação vagabunda.

O amor de *Marcia* enchia a vida de Bocage, tornava-se-lhe um mundo; d'ahi a suppôr que seria o estimulo para uma regeneração moral, para dar bases de harmonia á sua existencia desvairada, era facil a illusão para a mulher amada, e mesmo para a familia d'ella. O idyllio que se inicia tão risonhamente não podia durar muito; o temperamento morbido de Bocage era irrefreavel, e para a mãe de *Marcia*, o poeta era um homem perdido, nunca poderia ser um marido capaz de encarar a vida a sério, e com certeza faria a desgraça de sua filha. Lucido instincto do amor materno, e por uma intelligencia latente sob uma decidida vontade, a mãe de D. Maria Vicencia oppoz-se sempre ao amor da filha pelo poeta. Aquelle e não outro, eis o drama da mocidade de *Marcia*, a quem os acontecimentos justificando os presentimentos de sua mãe falecida em pouco tempo, impuzeram a dura conformação de renuncia para sempre á plena existencia affectiva. E' este o quadro que resalta dos versos de Bocage, de uma tonalida-

de quente, quando falla de *Marcia*. O Soneto 116 (Ed. Act.) tem a rubrica: *A Marcia, pedindo-lhe a confirmação do seu amor;* n'elle se vê Bocage considerando esta paixão o facto absoluto da sua vida, e attribuindo a esquivança propositada de *Marcia* a motivos que lhe incitam ciume:

> Tu és meu coração, tu és meu nume;
> Não vive para mim do mundo o resto;
> A morte, a vida, os céos, meu fado, attesto,
> Meu fado que em teus olhos se resume.
>
> . . . .
> Dias de ouro e de amor, ah! toldo, empésto
> Co'as trevas mais que horriveis do ciume.
> . . . .
>
> Soccorre, doce *Marcia*, o triste Elmano,
> Oh, que infernal tormento o da incerteza!
> Ao menos é só morte o desengano.

A epoca em que esta paixão por D. Maria Vicencia se apoderara completamente da alma de Bocage, coincide com o momento mais tenso das luctas da *Nova Arcadia;* na Epistola *A Marcia* determina-o com clareza:

> Candida amiga do extremoso Elmano,
> Minha *Marcia* gentil, se eu a teu lado
> Te entretenho os ouvidos, e te influo
> Por elles no formoso, eburneo peito
> O encanto da suave melodia,
> A maga sensação das almas bellas;
> Se te aprazem meus versos innocentes,
> Se teus olhos brilhantes como os astros
> Volves benignamente ao grato amigo,
> Que externas perfeições, de que és tão rica,
> Que o virgineo candor te não profana
> Com torpes, sequiosos pensamentos;
> E nos dons da tua alma embellezado,
> Como se ama no céo, no mundo te ama;

Se a teus mimosos labios, quando as Musas
Nas ternas afflições vem consolal-o,
Sorriso approvador merece Elmano;
Se no mole regaço deleitoso
Accolhes do teu vate a doce lyra,
Quando os sons lhe falsêa a mão dormente;
Que tenho com os mais? Que têm commigo?
Que me importam, querida, a voz da Fama,
As criticas do sabio, as invectivas
Dos Zoilos vis, dos Bavios da Ulyssea,
Gralhas, que entre pavões se não confundem,
Inda que astutas, illudindo os nescios
Vestem pomposas, fulgurantes plumas?
Ou, que me importa o publico juizo?
Amante, e não auctor, desdenho, oh *Marcia,*
Uma inquieta gloria, um arduo nome; etc.

(*Epist.* 1.ª Ed. Act.)

Tanto mais viva era a paixão por *Marcia,* tanto mais reservados e exclusivos para ella eram os versos que lhe inspirava; é por isso que não abundam nas suas obras impressas. Em uma vasta collecção de versos formada em Setubal com o titulo *Livro Curioso, Anno de* MDCCCIII, encontrámos, além de sonetos que andam nas edições das obras de Bocage, composições que se referem de uma maneira primorosa á situação especial do seu amor. Seguindo as fórmas mais queridas da epoca, as Glosas e os Sonetos, faz-nos a confidencia do seu estado de alma:

Meu coração não descansa.

GLOSA

Ausente de *Marcia* bella,
A quem amo por meu gosto,
Trago macilento o rosto,
Nunca enxuto por não vêl-a!
Desejando em braços tel-a,

Tenho-a impressa na lembrança;
A vil paixão, a mudança
Não me venceram jámais,
Que em tributar-lhe os meus ais
Meu coração não descansa.

(*Livro curioso*, pag. 213)

Já fiz voto de esquecer-te,
Mil protestos de adorar-te.

GLOSA

Da tua amavel figura
Uma copia dar quizera,
Onde o mundo conhecera
O raro da formosura.
A' sombra da neve pura
Já jurei de firme ser-te,
Já não posso estar sem vêr-te,
Bella *Marcia*, um momento,
Este firme juramento,
Já fiz voto de esquecer-te.

Terra, fogo, vento, mar,
Por testemunhas eu tomo,
Da minha constancia, como
Nunca á fé heide faltar.
A outra não heide amar,
No peito heide fixar-te,
Mil votos fiz de guardar-te,
Em meu peito só por vêr-te,
Mil promessas de querer-te,
Mil protestos de adorar-te.

(*Ib.*, pag. 228.)

Ternos momentos de gosto
Em teus braços já passei.

GLOSA

Beijando, *Marcia*, o teu rosto,
Dando-te meigos abraços,
Consumi de amor nos laços
Ternos momentos de gosto.
Hoje, entre pezares posto,
Mal digo de Amor a lei;
Mas nunca me esquecerei
Entre os tormentos penosos,
Dos instantes que ditosos
Em teus braços já passei.

(*Ib.*, pag. 249.)

Marcia, se te perguntarem
Se nós nos queremos bem,
Nega, oh amor do meu peito,
Nega, que eu nego tambem.

GLOSA

Deve haver silencio forte
P'ra nosso amor existir;
Nós devemos encobrir
Nosso amor até á morte.
Lindo bem, muito importe
Outros de nós não fallarem;
Mas, se acaso divulgarem
Que entre nós se güarda fé,
Dize tu que assim não é,
Marcia, se te perguntarem.

Nossa constante amisade
Se se sabe não existe,
Armado o amor resiste
A qualquer curiosidade;
Guarda occulta a beldade,

Se acaso disser alguem
Que negas só por desdem,
Dize com ár encendido,
Sigam esse fementido
Se nós nos queremos bem.

Guarda teus doces affectos
Para quando sós nos virmos,
Que quanto mais resistirmos
Mais viveremos quietos.
Segue occulto teus projectos,
N'este amor e doce pleito;
Mas se vires com effeito
Que se descobre a amisade,
Com toda a sinceridade
Nega, oh amor do meu peito.

Empenha-te em desmentir
E em negar inda mais certo,
Bem vês que só encoberto
Nosso amor póde existir.
Nada d'isto descobrir,
Vê que não nos está bem;
Não confesses a ninguem
Por mais forças que fizerem,
Nega, amor, quanto disserem,
Nega, que eu nego tambem.

(*Ib.*, pag. 13.)

Vê-se por esta situação descripta, que *Marcia* fôra obrigada a abandonar o seu amor pelo poeta; mas que ambos continuaram amando-se no recondito de suas almas, certos um do outro, e crentes no futuro, que se tornaria risonho.

Em um Soneto inedito, descreve Bocage o desalento em que sente aproximar-se a morte, sem que esse sonho tão desejado dê prenuncios de realisar-se:

Sonhei que um Mago, do meu mal doído,
Encantos e mysterios emprehendia,
E tinto em sangue o pé, co' pé batia:
Eis subito me vejo a *Marcia* unido!

«Tendes, (o Mago diz) mortaes, vencido;
«Fartae-vos de ternura e de alegria!»
Bate a vara potente, e a gruta fria
Volveu-se em prado de jasmins tecido.

Então vôa a fartar-se alto desejo
Em celeste, em dulcissimo transporte,
No céo, no céo de amor comtigo adejo.

Eis o quadro feliz me rouba a Sorte!
Acordo, e só me encontro, e só me vejo,
Mais distante de ti, mais junto á morte. [1]

Na collecção manuscripta de 1803 tambem apparecem Sonetos, que expressam a pureza dos seus sentimentos desvirtuados pelo que se conta da vida airada, e a delicadeza com que já se não atreve a chamar-lhe sua:

Cuidas, querida prenda, que em perder-te
Maculada tenção meus passos guia?
Longe, longe da terna phantasia,
Tão contraria ao meu animo innocente.

O céo, o justo céo, que é presente
Do mundo á mais occulta sympathia,
Dos meus olhos aparte a luz do dia,
Se te não diz a lingua o que a alma sente!

De idolatrar-te nenhum fructo espero,
Porque te devo mais quanto mais faço,
Ache teu genio ou compassivo ou fero.

---

[1] Das *Miscellaneas*, de Merello. (Papeis de Costa e Silva.)

Amo as tuas virtudes, satisfaço
O meu amor com o meu amor; mas quero
Que conheças, meu bem, o mal que passo.

(*Ib.*, pag. 338.)

Uns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por mortaes ficam mais bellos,
Uns dourados, finissimos cabellos,
Das madeixas do sol desprezadores;

Uma face, aonde as proprias côres
Da matutina luz tiram modelos,
Uns agrados tão doces, sem fazel-os,
Que por elles amor morre de amores;

Um riso tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causará destroço,
Quanto mais na rasão e na vontade;

Esta é a minha... oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizel-o a liberdade,
Esta é a minha... a minha... mas não posso.

(*Ib.*, pag. 582.)

As luctas litterarias da *Nova Arcadia* suscitaram nos inimigos de Bocage o rancor que os levou a denunciarem-no ao Intendente Manique pelos seus versos sediciosos de livre-pensador; Bocage foi assim arrojado para o carcere em 1797. E' n'esta situação angustiosa que elle escreve o Soneto *Recordações da sua amada, no carcere:*

Na accesa phantasia estou medindo
Os passos, as acções da minha amada;
Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
Minha acerba oppressão de horror cercada,...

(*Son.* 220. Ed. Act.)

Mais do que o seu soffrimento, Bocage sente: «de a ter com meus males consternado.» A prisão do poeta pelo feroz Manique, e a entrega depois á Inquisição, eram faltas para apavorarem a alma da pobre mãe de D. Maria Vicencia: o poeta não podia fazer a felicidade de sua filha. Era um hallucinado, sem rumo, agora esmagado pela pressão da auctoridade politica e religiosa. D. Maria Vicencia tinha de abandonar o amor do poeta: impunha-lh'o assim a mãe, tanto mais inviolavelmente que lh'o exigia na hora solemne e impressionante da agonia da morte. Bocage accentuou em um Soneto *Ao senhor Antonio Bersane Leite, na morte de sua esposa*, a virtude d'ella em uma estrophe inimitavel:

> Doce, augusta Verdade o amor conforte:
> Em vós, oh impios, a existencia é luto,
> E' nos eleitos um sorriso a morte.
>
> (*Son.* 271. Ed. Act.)

No Idyllio intitulado *Armia*, anagramma do nome Maria, em um dialogo passado entre *Josino* (José Salinas de Benevides) e *Elmano*, descreve o poeta esta phase dos seus amores, nascidos na convalescença da quinta de Colares:

JOSINO:

> Salvè, meu caro *Elmano!* emfim, *voltaste*
> *De Scalabis aos campos*, onde outr'ora
> Cantando os versos teus nos encantaste.
> Porém, que avêsso te diviso agora
> Do que estavas então! Fere-te o peito
> Interna magoa, que se vê por fóra.
>
> . . . .

Se és qual foste, qual fui, qual sou comtigo,
Dize-me a tua magoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.
. . . .
Do peito amargurado a voz desata;
Que pastora te afflige, ingrata e bella?

ELMANO:

Pastora bella sim, mas não ingrata,
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento;
Não mata de rigor, de amor me mata.
No momento em que a vi, (fatal momento)
Para seus olhos meigos me voaram
A vontade, o prazer, o pensamento.
. . . .
Lá onde o Tejo teu, que vae manando
Tão claro para o mar, se damna e torna
Em salgado e feroz de doce e brando;
Vasta planicie de arvores se adorna,
Junto de um fresco vale onde sereno
Murmurante cristal no chão se entorna.
Dos Arroios se chama o valle ameno;
Além d'elle o casal tem n'um recosto
Armia, por quem ardo, e por quem peno.
Ella e Feliza, em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo irmãs, differem tanto
Como em calor differe Abril de Agosto.
A fama, que por lá ganhei no canto,
Os meus laços teceu, guiou-me um dia
A' minha desventura, ao meu encanto.
De ouvir-me curiosa a mãe de *Armia*
Roga a dois socios meus, *Montano* e *Fido*,
Me levem ao casal onde vivia.
Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido,
De amores e desejo por aquella
Que nunca fugirá do meu sentido.
Descansei mansamente os olhos n'ella;
Mudo lhe expuz meu mal, e a vi e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bella.
Já leda nos meus versos se recrêa,
Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
Não soffre se antecipe a lingua alheia.

Calados, mas dulcissimos favores,
Desfructo do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.
Ligados desde a hora em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura, em cautos mimos.
Da mãe e irmãs de *Armia* era presado

. . . .

Porém tu, da innocencia atroz flagello,
Tu, oh calumnia vil, n'um fero instante
Nos fostes mallograr tanto disvello.
Ditoso n'este amor egual, constante,
Turbado ás vezes só pelo ciume,
Necessaria pensão de peito amante;
Davamos ternos ais, e algum queixume,
Sem recear mudanças da ventura,
Vária por genio, vária por costume.
Eis se arma em nosso damno, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente,
Tão mordaz como as feras na espessura.

. . . .

Este pois, com sagaz aleivosia,
Sem que jámais de mim provasse offensa,
Um seductor me finge á mãe de Armia.
Ella acredita o monstro; em raiva intensa
Arde contra a paixão que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.
Claro de dia em dia o tedio cresce,
Converte-se em rigor o affago de antes,
Tudo nos desampara e nos empece.
Nós, desvalidos, miseros amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa mãe, e os circumstantes.
Todos a nosso amor contrarios vêmos,
Commigo desleaes *Montano* e *Fido*,
Condemnam quaes delictos meus extremos.
Para tormentos mil eu fui nascido;
Quiz soffrer o peior, sacrificar-me
A'quella, que me tinha alli rendido.
A furto não deixava de animar-me,
Dizendo-me: «Tolera a mãe raivosa
Até que o tempo as furias lhe desarme.»
Mas, vendo, a seu pezar, minha alma anciosa
Que de alguns dons que devo á Natureza,
O desconto me fez Fortuna irosa;

Ousado me arrojei á estranha empreza,
Fugi subitamente ao caro objecto
Para evitar-lhe a maternal dureza.
No peito a dor, e a pallidez no aspecto,
Morrer longe de *Armia*, amante e bella,
Era ao principio meu feroz projecto.
. . . .
Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta accesa paixão, que me transporta,
Paixão que é tão leal, quão desgraçada!

(*Idyl.* 7. Ed. Act.)

Pulsa evidentemente n'estes versos um sentimento da realidade vivida, soffrida e deliciosamente idealisada. Segundo Innocencio, este *Josino*, confidente das magoas de *Elmano* que volta aos campos de *Scalabis* (Santarem) é José Salinas de Benevides; e diz do quadro: «offerece claros visos de que o poeta quiz alludir a uma sua aventura pessoal, e de que *a narrativa é toda historica*, disfarçados apenas os nomes proprios das personagens. —O outro interlocutor, *Josino*, é sem duvida o seu officioso amigo José Salinas de Benevides, em cuja casa Manoel Maria era sempre cordialmente agasalhado em suas digressões á referida villa.» (Ed. 1853, t. II, 432.) Pela volta aos campos de *Scalabis*, em que Bocage estivera em 1793, se vê que a paixão por *Marcia* foi depois d'esta data, quando pelo seu brilhantismo nas sessões da *Nova Arcadia* foi apresentado pelo seu talento poetico em casa de Antonio Bersane Leite. Mais do que as intrigas, pôde o facto da sua prisão no Limoeiro, e na Inquisição em 1797, destruir-lhe todo este sonho de felicidade.

Quando Bocage voltou á vida social, e se

achou protegido por José de Seabra da Silva, e todos o impelliam para uma vida séria, *Marcia* continuou a confessar-lhe a sua admiração e sympathia, mas não podia mais pensar em ser sua esposa. Bocage conformou-se com esse voto, por ventura promessa a sua mãe á hora da morte, e para que ella expirasse com menos angustia; D. Maria Vicencia justificava-se com a desolação de seu pae viuvo e com a necessidade de se lhe sacrificar ao governo da casa e dos mais irmãos. N'esta amargura, o amor de Bocage converteu-se em uma adoração, e ao fallar de *Marcia* eleva-se ao extasis ambicionando d'ella apenas um osculo de piedade no instante da morte:

> Fagueira, linda *Marcia*, quando o Fado
> Vier co' a negra mão tocar meu rosto,
> Sumir-me para sempre a luz do dia;
> Quando teus braços melindrosos derem
> Suave encosto á languida cabeça
> Do descòrado, moribundo amigo,
> E os froixos olhos seus metade abertos,
> Turvo clarão vital forem perdendo;
> Quando emfim minhas mãos em vão tentarem
> Seccar teus prantos, serenar teus olhos,
> Fitos no leito da benigna morte,
> E á bocca o solto espirito acudindo,
> Colher, *n'essa que adoro*, o derradeiro
> Osculo teu dulcissimo e piedoso;
> Não, não permittas, que funerea pompa
> Me alumie a serena escuridade
>
> . . . .
>
> Com tanto que a fiel, a affavel *Marcia*
> Dê honra ás cinzas do amoroso Elmano,
> Com suspiros, com lagrimas, e habitem
> Memorias minhas na memoria d'ella.

(*Epist.* 1. Ed. Act.)

Este presentimento do poeta realisou-se; o seu desejo cumpriu-se. *Marcia* visitou passados poucos annos o poeta nos seus ultimos momentos. *Marcia* não podendo entregar a sua vida e destino a Bocage, chamou o affecto do poeta para sua irmã D. Anna Perpetua, a *Analia*, que se tornou uma nova incarnação do seu ideal. D. Maria Vicencia, como todas as almas apaixonadas abaladas por uma decepção irremediavel, caiu na vida vegetativa que leva á longevidade, como vêmos n'essas namoradas celebres Marianna Alcoforado (a *Religiosa portugueza*), D. Maria Dorothêa (a *Marilia de Dirceo*, de Gonzaga), como Marcella, a filha de Lope de Vega, que todas morreram octogenarias. A historia de *Marcia* é como a das outras namoradas; transcrevemos aqui o testemunho verdadeiro por inconsciente de José Feliciano de Castilho:

«Tendo Antonio Bersane vindo para o Brasil em 1808, transportou-se para Minas, onde faleceu, deixando descendencia e parentes em varios logares do imperio, e particularmente em S. Gonçalo de Campanha.

«O snr. Francisco de Paula Bersane, seu neto, residente no Rio de Janeiro, disse-nos ser tradição na sua familia, que o conhecimento entre *Tionio* e *Elmano* se verificara com singulares circumstancias. — O mesmo snr. Francisco de Paula Bersane nos asseverára que ainda existia na Campanha uma sua tia, filha de Antonio Bersane, a snr.ª D. Maria Vicencia Bersane Leite, a qual fôra namorada de Bocage, com quem estivera para casar.— O que porém é certo, pois nol-o affirma o nosso obsequioso informador, é que Bocage

frequentava muito a casa de Antonio Bersane, chegando até a estabelecer ahi por varias vezes o seu quartel general, d'onde provieram sem duvida as relações estreitas entre o Poeta e a sua *Marcia*, hoje nonagenaria.» [1]

Ao tempo da morte de Bocage era Antonio Bersane Leite escrivão da superintendencia das decimas da freguezia de Bucellas e annexas; fugindo com a familia no exodo da côrte de D. João VI para o Brasil em 1808, lá se conservou a tradição dos amores de Bocage por *Marcia* entre os netos de Antonio Bersane.

Os amigos que acompanharam Bocage na ultima phase da sua vida, desde a intimidade do *Botequim das Parras*, no *Agulheiro dos Sabios*, ignoraram a sua adoração por *Marcia* e só conheceram a paixão por *Analia*, D. Anna Perpetua Bersane, irmã d'aquella que até na morte deu serenidade á sua alma. As duas tradições conciliam-se perfeitamente,

---

[1] J. F. de Castilho, *Manoel Maria du Bocage*, vol. II, p. 262. Transcrevemos em nota, o que omittimos no texto:

«Presuppondo que em poder d'esta senhora existissem ainda por acaso alguns ineditos de *Elmano*, dirimo-nos a pessoa de plena confiança, o snr. Francisco Antonio de Lemos, de S. Gonçalo de Campanha, provincia de Minas, o qual teve a bondade de informar-nos do seguinte: os noventa invernos que pezam sobre a snr.ª D. Maria Vicencia (ainda contraparenta do snr. Lemos) a prostraram por modo, que não pode ligar conversação alguma, nem lembrar-se de particularidades que tanto interessariam hoje.» Isto era escripto por 1866.

pela differença do tempo e das fontes da sua proveniencia.

Sobre os amores de Bocage no ultimo periodo da sua vida por D. Anna Perpetua Bersane Leite, escreve Innocencio, commentando os Sonetos CLVII a CLXI: «O presente e os que se seguem até num. CLXI, todos compostos por Bocage durante o ultimo periodo da sua molestia final, foram endereçados (conforme a indicação e auctorisado testemunho de D. Gastão e do Morgado de Assentis) á senhora *D. Anna Perpetua*, filha de Antonio Bersane Leite, constante e familiar amigo do Poeta. Esta menina parece ter sido o derradeiro objecto das mais ternas e carinhosas affeições d'*Elmano;* e não faltou quem acreditasse que, se os dias d'este não fossem tão temporãmente cortados, elle viria a unir-se com sua amada pelos laços do consorcio.» (*Obras*, t. VI, p. 387.)

Rebello da Silva, no *Estudo litterario* sobre Bocage, (*Ib.*, p. 319) dilue em apparatosa rhetorica este facto, occultando o nome da dama e errando as suas relações de parentesco sem indicar a familia: «*Irmã* de um amigo intimo, formosa, da belleza que attrae os sentidos, e das graças de espirito que elevam a intelligencia; capaz de entender a existencia attribulada, que vinha domar-se a seus pés; e de fazer passar do seu coração para o d'elle as consolações e as esperanças que derrama a religião sem fanatismo...» E segue por ahi abaixo uma rhetorica occa, em contrario com o texto das poesias a *Analia*, que exprimem as mais desoladoras imprecações de ciume. As phrases de Rebello da Silva re-

ferem-se inconscientemente a uma tradição da pacificadora suavidade do amor de *Marcia* confundida com o outro facto communicado por D. Gastão Fausto da Camara e pelo Morgado de Assentis a Innocencio, indicando o nome de *Analia*, como o dos seus ultimos amores. [1]

Conseguimos encontrar o Soneto em que D. Gastão celebra os ultimos dias de Bocage relacionando-os com o amor de D. Anna Perpetua, e o Soneto em que Bocage lhe respondera, copiado do autographo:

Soneto

Alludindo á Snr.ª D. Anna Perpetua, *nos ultimos dias de Bocage*

Formosa *Analia*, e mais formosa e pura,
Nos vivos quadros do extremado amante,
Quando nos céos d'amor, no teu semblante
Graças espreita, ou perfeições mistura.

Salvè, diva, que lá da immensa altura
O sol desdenhas sob os pés radiante,
Por milagres do metro altisonante
Que eterna fama e eternos bens te augura.

Se, forçando os portaes da Eternidade
Aos pósteros te dás em letras de ouro,
Deva-te o mundo não vulgar saudade.

---

[1] A tradição tornava-se incomprehendida, pelo que vêmos em José Feliciano de Castilho: «Os ultimos amores que lhe encantaram a existencia foram os de *uma dama que julgamos termos ainda conhecido...*» (Op. cit., vol. II, p. 150.) Tendo a familia de Bersane ido para o Brasil em 1808, por certo Castilho confunde *Analia* com D. Anna Gertrudes Marecos.

Do amante, que te dá phebêo thezouro,
Une-te ao lado, e socia na anciedade,
Orna-lhe a fronte de virente louro.

Gastão.

SONETO

Em resposta ao antecedente

Analia, [1] que das Graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
Na face mimos toda, e toda flores,
Que é metade jasmins, metade rosas;

Suave *Analia*, [2] para quem saudosas
Dou magoas mil a zefyros, e Amores,
Tu gosas de meus ais, e dos louvores
De estremado Cantor, meu bem, tu gosas.

Em sons (pinceis phebêos) em sons copía
Teu rosto! Um céo! Do original o encanto
Eis, eis n'alma em tumulto a imagem cria!

Eu vate, eu amador, não lógro tanto!
Converto a mente, a voz em melodia, [3]
E és mais no coração do que és no canto.

*B.*e

(Do autographo de Bocage)

Dona Anna Perpetua Bersane era muito nova, e d'estas bellezas que inebriam; Bocage achava-se decahido pela doença que o minava,

---

[1] *Oh Ninfa*, que das Graças melindrosas (Variante de um Ms. Merello.) Assim nos *Novos Improvisos* de 1805.

[2] *Oh Ninfa suave*, para quem saudosas (*Ib.*)

[3] *Amor fogo me dá, Phebo harmonia.*
Assim no Soneto 296, (Ed. Act.) tal como nos *Novos Improvisos* de Bocage, de 1805, p. 7.

pallido, esqueletico e sem condições para poder constituir familia. Deslumbrara a joven senhora pelas fulgurações do genio, pela antiga convivencia na familia Bersane, mas esse prestigio momentaneo ia-se apagando, e a mocidade alegre, a formosura fresca queria as homenagens de quem, como ella, fosse tambem de uma juventude viçosa. O amor que em *Marcia* fôra um balsamo de pacificação, em *Analia* tornou-se o inferno do ciume, que elle descreve no improviso:

Esse abysmo, esse Orco eterno
Não é filho da razão,
Os pavores da illusão
E' que pariram o inferno.
Pelo siso me govérno,
Que louco e falso o presume;
Mas, se não creio esse lume,
Nem esse invento maldito,
Por experiencia acredito
O inferno do ciume.

Em vão prègador rançoso
Lá do pulpito vozêa,
Quando a triste imagem feia
Traça do inferno horroroso:
E' systema fabuloso,
Que á rasão embota o gume;
Não, não ha tartáreo lume,
Que devore a humanidade;
Sabeis vós o que é verdade?
O inferno do ciume. [1]

---

[1] Copiámos estas decimas d'entre outras ineditas de Bocage, mas viemos a encontral-as incorporadas nas suas Eroticas.

Na Epistola a *Marcia* descreve Bocage os tormentos que *Analia*, sua irmã, lhe causava:

Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,
Analia desleal, encantadora,
Que do vario *Martinio* te cegaste,
Ouvindo que morri, talvez tu folgues!
Depois que a Morte amiga houver talhado
De meus dias fataes a debil têa,
Depois que mudo o funebre jazigo
Meus males encerrar, e os meus extremos,
Ide, Amores gentis, onde verdeja
A amena, salutifera Colares,
De mil benignos zephiros lavada,
E ante a falsa que adoro, alli pousando,
Dizei-lhe:
— Exulta, ingrata! *Elmano* é morto.
. . . .
Eu perdô-o ao meu bem; não, não me vingues.
Antes, aos puros, luminosos dias
De que ella gosa em paz, antes, oh nume,
Une os dias de gosto e de ventura
Que eu desfructara se a cruel não fosse.

(*Epist.* 1. Ed. Act.)

Os Sonetos em que falla de *Analia* são vibrantes de sentimento, mas de um espirito desalentado. Em um, que tem a rubrica *Assegurando Analia da sua firmeza*, diz para si mesmo:

Distrae, meu coração, tua amargura,
Os males que te assanha a phantasia;
Provém da formosura essa agonia?
Seja o seu lenitivo a formosura.

. . . .
Mas, oh fatal poder da sympathia!
Oh molestia de amor, que não tem cura!
. . . .

Como heide minorar-te o vencimento,
Coarctar o imperio teu, se as mais á vista
Valem menos que tu no pensamento?

(*Son.* 288. Ed. Act.)

Em outro Soneto *Lamenta um desengano inesperado:*

Presumia, ai de mim! vendo a ternura
D'aquella que me trouxe infeitiçado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu bem minha ventura.

Oh terra! oh céo! Mentiram-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo;
Quão faceis de enganar são os amantes!

(*Son.* 289.)

E' um verdadeiro soffrimento o estado de alma, que exprime no Soneto *Incerteza sobre a fidelidade de Analia ausente:*

Amor, que o pensamento me saltêaes
Co'as memorias de *Analia* a cada instante;
Tyranno, que vaidoso e triumphante
Me apertas mais e mais servis cadêas:

Doces as afflicções com que me anceias,
Se ao vêr-se de meus olhos tão distante
Soltasse *Analia* um ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflammasse as vêas!

Mas é talvez o exemplo das prejuras,
Outro amima talvez, emquanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;...

(*Son.* 290.)

E no Soneto *As illusões do desejo desfeitas pela realidade*, o poeta exprime já o succumbimento moral que antecede a morte; pu-

blicou-se na collecção *Improvisos de Bocage* na sua mui perigosa doença (p. 8):

Desejo illuso e vão! para que traças
Quadro, que imagens divinaes offerece?
A terna ausente amada me apparece
Em céo de amores eclipsando as Graças.

Ante a doce visão com que me enlaças,
Já murcho, esteril já, meu sêr florece:
Mas subito phantasma eis desvanece
Chusma de encantos, que em teu sonho abraças:

Coroado de cypreste o Desengano
O meu nada me agoura... Oh dôr, mais forte
Do que em seu grão supremo o esforço humano!

Chorae, Piedade e Amor, tão triste sorte;
Chorae: longe de *Analia* expira *Elmano;*
Os que a ternura uniu, desune a morte.

(*Son.* 293.)

O Idyllio pastoril *Magoas amorosas de Elmano*, synthetisa este desgraçado amor:

Elmano foi feliz, mas expirando;
Com ella não viveu, morreu por ella.

(*Idyl.* 15. Ed. Act.)

A Epistola a *Analia* verte sangue nas palavras que são quasi o seu estertor:

Depois que derramaste em meus delirios
O orvalho da piedade, *Analia* minha,
Chamou-me a densa noite aos tristes lares,
Tristes sem ti, meu bem, feios e escuros;
. . . .
Toda em ti recolhendo a phantasia,
Achando amor e a vida em ti sómente,
E o mundo, a natureza, o fado, a gloria;
Sonhos julgando o mais, o mais phantasmas,

Cevei meu coração na tua imagem,
Na ideia dos teus mimos, de teus labios,
Dos labios que desatam d'entre as rosas
Em aureas fontes as delicias d'alma!
Engolfada a paixão n'um mar de encantos
Ao solitario leito o corpo entrego,
Fatigo o pensamento e cerro os olhos.

....

Tremeu-me o coração, qual tréme a folha
Que os rapidos tufões bramando agitam;
Arrepio-me e súo e choro, e clamo:
— Ai, cumpriram-se, *Analia*, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lagrimas, nem ais teu peito abrandam,
Esse, que outr'ora ao minimo queixume
Em meigas sensações se amolecia!
Analia, doce ardor dos meus sentidos,
Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.

....

Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensivel contempla, ouve insensivel
Minha extrema afflicção, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face e os olhos;
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,
A luz vital, e a chamma endeusada,
Estro incansavel, que fervendo erguia
Ao céo minha ternura, ao céo teu nome,
E tantas vezes foi já grato enleio
Iman suave, que attraíu teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... Não, minha amada,
O miserrimo estado em que hasde olhar-me
Uma lagrima só te não mereça.

....

Mas, quando os membros meus já forem cinzas,
Na estancia do pavôr, co' pé mimoso,
Pisa a funerea campa e dize:
«Amei-te;
«Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me.»
Este o só galardão que *Elmano* implora.

(*Epist.* 14. Ed. Act.)

Foi este ultimo amor por D. Anna Perpetua Bersane, que os companheiros dos seus derradeiros annos conheceram e de que escutaram as confidencias desoladas. Em uma Ode a Pato Moniz sob a impressão do proximo passamento falla de *Analia.*

Os soffrimentos de Bocage, ralado de ciumes, que suscitava a leviandade de D. Anna Perpetua Bersane, não eram só por elle referidos nos seus versos; Bingre revela-nos essa desolação final dos seus amores. Na collecção *O moribundo Cysne do Vouga*, traz um soneto: *A' morte do meu prezado Amigo* MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE, *insigne poeta na lusa Arcadia, e bem conhecido pelo nome* ELMANO SADINO; n'elle accentua a realidade do facto:

Depois de ter saltado o pantanoso
Turvo Rio fatal do esquecimento,
Desceu Bocage ao reino do tormento
Sem soffrer o latir do Cão raivoso.

As duras leis de Minos rigoroso
Não foi ouvir, co'a turba, ao ferreo accento;
Pisou sem custo o negro pavimento
Do longo espesso Orco pavoroso...

Tudo gostou alli de ouvil-o e vêl-o...
Com a Lyra immortal, que então pulsara,
Tudo encantou, ninguem ousou sustel-o.

Só o monstro, que em vida o flagellara,
O Ciume cruel, tentou prendel-o,
Se tão depressa ao Eden não passara.

(Pag. 94.)

Não era por tanto a *Analia* que se referia o soneto repassado de uma melancholia saudosa: «Comtigo, alma suave;» era a *Mar-*

cia, que o visitara quasi na hora extrema cheia de consternação, que Bocage dirigia essas palavras de recordação de um amor puro, que uma fatalidade impediu que entre ambos lhes completasse a vida. [1]

A exaltação em que o amor de *Analia* trazia Bocage levou-o a essa irritabilidade pro-

---

[1] Santos e Silva em uma Elegia escripta pouco depois da morte de Bocage, ainda se referia á tradição dos seus ultimos amores:

> N'elle se extingue a voz com que levantas
> D'*Analia* os hymnos, que envejara Jove,
> Cioso, porque humano assumpto cantas.
>
> (*Collecção de Poesias em memoria de Bocage*, p. 9.)

Pedro Ignacio Ribeiro Soares, levado pela tradição, tambem idealisa *Analia* soffrendo com a morte do poeta, que ella ralara de ciumes, e de quem se conservara ausente:

> Ai! que fizeras, carinhosa *Analia*,
> Deusa no coração, no rosto deusa,
> (Qual Amor te fingia ou qual tu eras)
> Quando o ai derradeiro, o ai do Amante
> Teus ouvidos tocando ao peito fosse!...
> Como que ante meus olhos se affigura
> Semimortas da face as rubras flôres,
> Mimos de *Elmano*, inveja de Cythéra,
> Lançando á longa trança as mãos de neve,
> . . . .
> Perdida por amor vagar sem tino,
> Na alma a desesperação, na voz queixumes,
> Chamando em vão do Amante a muda sombra.
> Por elle aos céos, á terra perguntando.
> . . . .
>
> (*Ib.*, p. 54.)

> Chora aqui sem cessar saudosa *Analia*,
>
> Bento Henrique Soares, *Bermuino Duriense*, (*Ib.*, p. 61.)

vocadora, com que se arrojava aos improvisos satiricos e ás affirmações revolucionarias, pelos botequins; aturdia-se nas companhias turbulentas e anesthesiava-se no alcool e no fumo do tabaco. Era um suicidio lento e inevitavel, impellido pelas circumstancias que mais mortiferamente actuavam no seu temperamento. E' por isso que pedia a *Analia*, que lhe inscrevesse sobre a campa: «*Matou-te o amar-me.*»

Na sua perigosa doença, quando para lhe acudir á indigencia José Pedro da Silva imprimiu em 1805 os *Improvisos de Bocage*, (in-8.º de 23 paginas) ahi appareceu o Soneto v, com o verso: «Chorae; *longe de Analia expira Elmano.*» E na *Collecção dos novos Improvisos de Bocage na sua molestia*, impresso ainda n'esse anno, appareceram dois Sonetos sem referencia a nome de mulher; n'elles exprime a impressão causada pela presença subita de um semblante que influiu sempre na sua alma uma pacificação e serenidade consoladora; esses Sonetos improvisados são o seu adeus de despedida, e como que o derradeiro alento da alma: «és mais no coração do que és no canto.» [1] Bocage pedira a *Marcia* que o visitasse na morte; ella não se esqueceu do que a *adorava*, e foi até á mansarda escura em que o poeta jazia, na Travessa de André Valente. Bocage fixou esse momen-

---

[1] Em uma versão manuscripta, como resposta ao Soneto de D. Gastão, foi-lhe posto ulteriormente o nome de *Analia;* não vem este nome na edição de 1805, como sahiu do ditado do poeta. (*Novos Improvisos*, p. 7.)

to intenso da vida que lhe fugia em um Soneto repassado de insondavel tristeza, que leva ás lagrimas:

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céo me priva,
Que eu vivesse não quiz; não quer que eu viva
Lei (sendo ethérea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por Morada umbrosa,
Ah! não desmaies, a constancia aviva;
E por artes de Amor, de Amor, oh Diva,
Do não gosado amante os manes gosa.

Mais doce orvalho de teus olhos dêça,
A' (linda como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotôe e creça.

Passêa entre os Meninos voadores,
Une a Mãe aos Filhinhos, e pareça
Da Morte a solidão jardim de Amores. [1]

A quem senão a *Marcia*, a D. Maria Vicencia Bersane, competia a expressão d'estas emoções puras? *Analia* estava ausente, tendo-o atormentado com frementes ciumes; *Marcia* veiu mostrar-lhe que das formas do Amor a piedade é imperecivel, mais consoladora do que o desejo, que passa e devasta. E a uma ultima lagrima, que *Elmano* viu deslisar nas faces de *Marcia*: «Que humedece — este halito da Morte infesto, ancioso» solta-lhe esse suspiro immortal:

Meu mal dorme, repousa, embriagado
Das mil delicias que me dá teu pranto.

---

[1] *Collecção dos Novos Improvisos de Bocage*, p. 7 e 8.

Depois da morte de Bocage, quando Dom João VI fugiu para o Brasil, á chegada do exercito de Junot composto de mil e quinhentos maltrapilhos, Antonio Bersane Leite acompanhou a côrte, emigrando com a sua familia. Ahi no novo imperio houve netos, que lhe continuaram o nome, e por elles se soube que D. Maria Vicencia se conservara sempre solteira, e morrera nonagenaria. Morta para o amor do poeta que a adorou, sepultou-se na vida vegetativa; bem podia repetir o terceto dos *Novos Improvisos*, que lhe accalmaria o coração:

> Ah! Porque tremes, louco? Ah, porque penas?
> Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
> Em climas de oiro, em regiões amenas. [1]

§ III. A Arcadia das Parras

Depois de Bocage se vêr restituido á liberdade, tendo soffrido o segredo da enxovia do Limoeiro, o carcere da Inquisição do Rocio, a reclusão do Mosteiro de San Bento da Saude, e a detenção nos Congregados das Necessidades, voltou á sociedade mas sem esperança no amor que o alentara. A intriga de *Montano* e de *Fido* [2] tornara impossivel a reali-

---

[1] *Ib.*, p. 11.

[2] Com o nome de *Montano* encontra-se apontado José Rodrigues de Andrade, por ventura aquelle *Andrade* que vem na Ode de Bocage na sua despedida para a India. Apparece tambem um *Fido Menalio* assignando uma Ecloga com as iniciaes J. B. S.

sação d'esse sonho; é então que se entrega á convivencia de botequim, aturdindo-se entre amigos e abusando das bebidas. Na Ode *Aos amigos*, imitada de Parny, descreve nitidamente esta situação desesperada:

> Jazem *desfeitos meus penosos ferros,*
> Socios fieis, eu volto
> Liberto de afflicções aos vossos braços.
> Oh, serena Amisade,
> Tu prestas mais que Amor; seus vãos favores
> São caros, são custosos.
> Já, já lhes disse adeus, e *lhes prefiro*
> *O nectar, que roxêa*
> Em honra de Lyêo *os vitreos cópos;*
> *Elle me extrae, me apaga*
> *A memoria tenaz de acerbos males.*
>
> (*Ode* 16. Ed. Act.)

Era o *mussetismo* adivinhado antes da exaltação ultra-romantica; busca ainda apoio nos amigos que o ampararam na desgraça, alludindo ao naufragio do seu amor:

> Então, fieis amigos,
> *Rotos os ferros*, sacudido o jugo,
> O coração de Elmano
> Tornará para vós, será *qual fôra*
> *Se o permittisse Armia.*
>
> (*Ib.*)

Logo que Bocage conseguiu a liberdade, procurou manifestar a sua gratidão pelos amigos desinteressados que procuraram livral-o do arbitrio de Manique, ou o sustentaram na cadêa. E' de 1799 o segundo volume das *Rimas*, que elle dedicou a Antonio José Alves, que o fôra soccorrer com dinheiro, quando ainda se achava no segredo:

A minha gratidão te dá meus versos
. . . .
Os lares vão saudar, propicios lares
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedaram
A catastrophe acerba de meus dias
. . . .
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso
Que o pezo dos grilhões lhe aligeiraram...

(*Epist.* 11. Ed. Act.)

A propria auctoridade impassivel de Manique reconhecera, que havia n'aquella natureza desgraçada alguma cousa de superior, que não podia submetter-se á lei commum. No Officio para o Corregedor do Crime do bairro de Romulares, chega a dirigir ao poeta essas palavras ligeiramente compassivas em que diz, que o Principe regente confiava: «que por meio das correcções que tinha soffrido *Manoel Maria Barbosa de Bocage*, tornando a si e aos seus deveres, *aproveitando os seus distinctos talentos* para servir a Deus e a El-rei e ao Estado, seria util a si, e daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, abandonando os vicios e a prostituição em que vivera escandalosamente.» Isto minutara no officio de 22 de Março de 1798. Era impossivel para Bocage e para todo o homem capaz de pensar, aproveitar o seu talento em uma sociedade onde se estabelecera, que: «se não pagasse os quarteis dos seus respectivos ordenados aos mestres de primeiras letras, e de latinidade d'esta côrte e de todas as comarcas do Reino, sem que apresentassem attesta-

ção jurada dos Parochos ou Prelados locaes dos Conventos ou Mosteiros, em que declarassem que os referidos Mestres e Professores tinham ido com os seus alumnos em todos os domingos assistir ao Cathecismo.» [1] N'este meio asphyxiante, eram os botequins os logares em que havia alguma communicação de ideias; destacavam-se entre elles o *Botequim do Nicola* e o *Botequim das Parras*. O Intendente Manique mandava-os espiar incessantemente. Do *Nicola* informa em uma Conta para as Secretarias: «Constando n'esta Intendencia, que em uma casa de Café, denominada do *Nicola*, no Rocio de esta capital, se ajuntavam differentes individuos, que levados do ocio alli se demoravam só com o fim de entreter conversações e suscitarem assumptos menos proprios, essencialmente na presente conjunctura, que uma bem regulada Policia não deve tolerar, ordenei ao meu Commissario e Ministro d'aquelle Bairro vigiasse com particularidade as pessoas que frequentavam a referida casa, e n'ella não consentisse se demorassem mais do que o tempo preciso para tomarem seus refrescos, aliás procedendo contra os transgressores; e como entre aquelles individuos ha alguns que são soldados dos regimentos Auxiliares, que se acham debaixo do commando de V. Ex.ª, vou prevenir do referido a V. Ex.ª e lhe rogo queira dar-lhe o pezo que as suas dilatadas luzes conhecem, e dar as providencias que a este fim julgar op-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 319. (De 20 de Junho de 1799.)

portunas, para que alli se não demorem mais que o tempo de se refazerem e tomarem os seus refrescos.» [1] Este documento explica a anecdota do improviso de Bocage respondendo á Policia nocturna, dizendo que — Vem de casa do *Nicola.* Foi n'este Botequim que o poeta inspirou a amisade do seu administrador José Pedro da Silva, que no mesmo quarteirão do Rocio, n.os 84, 85 e 86 (antigos, e modernamente 27, 28 e 29) se estabeleceu abrindo o afamado *Botequim das Parras*, frequentado principalmente por poetas e litteratos. [2] Deram-lhe este nome de *Botequim das Parras*, por causa da pintura que interiormente o ornava com pampanos e cachos de uvas. Ahi, em gabinete reservado para os poetas, tinha José Pedro o retrato de Bocage, que sinceramente admirava, e ahi se reunia o *Claro Auditorio* em um gabinete denominado pittorescamente o *Agulheiro dos Sabios.* O Café do Nicola era mais politico, o *Botequim das Parras* era, como o seu proprietario declarou em um requerimento á Intendencia da Policia: «frequentado sómente de pessoas as

---

[1] Papeis da Intendencia, *Contas*, Liv. VI, fl. 74. (De 5 de Julho de 1800.)

[2] Do BOTEQUIM DAS PARRAS, escreve Ferreira da Costa, em nota ao Poema *Os Burros:*

«Botequim, Café, ou propriamente Loja de bebidas situada no lado occidental do Rocio, com trez portas, uma das quaes dava entrada para um Gabinete *onde se ajuntavam todos os dias os sabios do tempo.* As paredes da sala principal, onde se servia o povo eram pintadas em forma de parreira, de que procede chamar-se a LOJA DAS PARRAS.»

mais bem reputadas de Lisboa;» [1] podia-se por isso equiparar ao celebre *Café Procope* onde conferenciavam em giria ou jargon philosophico Piron, Voltaire, Diderot, Lamothe, Boindin, Marmontel, Naigeon, em um retiro denominado o *Cenaculo.* A França do seculo XVIII ainda apresenta um outro typo de botequim litterario no *Café de la veuve Laurant.* Bocage pontificava no *Botequim das Parras*, aonde convergiam todos os poetas seus amigos; nas notas ineditas de Francisco de Paula Ferreira da Costa ao poema dos *Burros*, do seu amigo Macedo, dá-lhe o titulo de *Arcadia das Parras.* (Nota 446.)

José Agostinho de Macedo desde 1798 achava-se possuido de uma hostilidade profunda, mas ainda occulta contra Bocage; não frequentava o *Botequim das Parras*, mas estacionava em um pasmatorio na loja do chapelleiro Daniel de Sousa Amado, situada tambem no Rocio, n.º 48, como se sabe pelos annuncios da *Gazeta de Lisboa.* Assim se acharam frente a frente as duas potencias, até que a irritabilidade dos vates *elmanistas* precipitou a explosão das satiras pessoaes. Podemos historiar as luctas da *Arcadia das Parras* e tracejar as physionomias que compunham o *Claro Auditorio*, pelas noticias que o acerrimo admirador de Macedo espalhou na sua annotação dos *Burros.* Perdoe-se-lhe a parcialidade, pelas feições pittorescas que salvou do esquecimento.

---

[1] Papeis da Intendencia, vol. XI, fl. 82, *v.*

A) **Os Elmanistas. — Rompimento com José Agostinho de Macedo**

Bocage estava no ápogêo da gloria, pela sympathia que provocara a perseguição de que fôra victima; quando o sabio allemão Link viajou em Portugal, (1797-99) deixou consignado esse facto: «Perguntei a muitos portuguezes, quaes eram os melhores poetas modernos, e aos livreiros quaes as poesias mais procuradas; respondiam-me todos, que *Manoel Maria Barbosa du Bocage.*» [1] Estes applausos iam suscitar-lhe novos odios pelos impetos provocadores da vaidade defrontada com a não inferior de José Agostinho de Macedo.

Na festa que o Intendente Manique mandou celebrar pelos neo-Arcades na séde da Casa Pia, consagrada ao Principe Regente, pela celebração da Paz geral de 29 de Septembro de 1801, foi Bocage chamado para abrilhantal-a com os seus improvisos. O poeta obedeceu ás *ordens superiores*, e alli se encontrou na *Nova Arcadia* junto de Thomaz José da Silva Quintanilha, Miguel Antonio de Barros e José Agostinho de Macedo, que lhe eram hostis, e dos seus constantes amigos Antonio Bersane Leite, Francisco Joaquim Bingre e Joaquim Severino Ferraz de Campos. [2] Era

---

[1] *Travels in Portugal*, 1801. Trad. franc. 1803.

[2] *Tributo de gratidão que a Patria consagra a S. A. R. o Principe Regente por mãos do Intendente geral da Policia da Côrte e Reino.* Lisboa, Typ. Calchographica e typoplastica e litteraria do Arco do Cego. Lisboa, 1801. In-4.º de 27 p. (Vem ahi o Elogio XII, da Ed. de Innocencio, t. IV, p. 50.)

a ultima vez que se reunia a *Nova Arcadia*, por que falecendo em 1805 Pina Manique, e sendo desalojada a Casa Pia do Castello pelo mandado do invasor Junot em 1808, os desastres nacionaes tornaram impossiveis todas as manifestações da vida mental. A *Casa Pia*, que desde 1795 amparou a existencia da *Nova Arcadia*, tem uma historia que bem merece ser conhecida, como monumento que glorifica a nação e como lição que fortifica as consciencias. Filha da situação impulsiva da sociedade do seculo XVIII, relaciona dignamente Portugal com o movimento affectivo espontaneo que caracterisa a historia da Europa na ultima metade do Seculo excepcional. O seculo XVIII destaca-se pelas suas grandes audacias na elaboração *especulativa* ou intellectual e na *acção* temporal, como se vê pelas obras dos Encyclopedistas e pela destruição do regimen theocratico-absolutista. Portugal occupa n'esse seculo revolucionario um logar proeminente; bastará lembrar, que iniciou a demolição da Companhia de Jesus e inaugurou a *secularisação* do ensino sob a direcção do Estado na Europa. Dois factos que influiram directamente na transformação politica e na orientação intellectual.

Obedecendo á corrente social, em que tão extraordinariamente actuavam os impulsos *affectivos*, Portugal soube comprehender e seguir essa outra revolução que se exercia por via do *sentimento*, e se proclamava ao mundo com a divisa: *A egualdade humana perante o soffrimento.*

Eis um dos aspectos mais surprehendentes do seculo XVIII; por toda a parte e d'en-

tre todas as classes se levantam os apostolos d'este egualitarismo revolucionario: Howard visita as prisões do continente europeu, descreve os seus horrores e estuda o meio de beneficial-as com a luz moralisadora; Oberlin funda Azylos para os naufragos da sociedade, os indigentes, os desvalidos pela caducidade e pela infantilidade; Bailly estuda o modo de tornar mais proficuos os Hospitaes; Pinel modifica a horrenda medicina dos hallucinados, que eram tratados pelas violencias brutaes da pancadaria e das algemas, estabelecendo um regimen de brandura, que fazia reconhecer a curabilidade da loucura quando provinha de sobreexcitações. E' n'esta corrente de sympathia por todos quantos soffrem, que Bourgelat e Rozier systematisam a medicina para o tratamento dos animaes — a Veterinaria; Hay funda as escolas para os cegos; Helvetius inicia a sôpa economica; Parmantier faz desinteressadamente a propaganda da cultura da batata, o mais poderoso succedaneo do pão; Beccaria combate o emprego das penas atrozes e degradantes da legislação, e converte a penalidade baseada na vindicta social em uma disciplina moralisante que restitua o homem á sua dignidade. Contra a devastação contagiosa da variola, as damas mais formosas e illustres como Lady Wortley Montagu, a Condessa Buffalini, as Imperatrizes da Austria e da Russia, a rainha Maria Antonietta, offerecem os seus filhos para as experiencias da vaccina, quando as Academias com a sua auctoridade doutrinaria combatiam a efficacia da inoculação.

N'esta corrente *affectiva* do seculo é que

nos apparece fundada a *Casa Pia*, em 1780 pela iniciativa do terrivel Intendente geral da Policia Pina Manique! Como a força das ideias ou a dos sentimentos tornam os homens instrumentos seus! Aquelle que exerceu o mais tenebroso e descricionario poder policial, que então estava independente dos proprios ministros e secretarios de estado, é justamente o que organisa a caridade casual e incerta em um systema de assistencia publica. Caíu a semente em terreno appropriado e em estação opportuna. Medrou e radicou profundamente. No meio social portuguez a instituição da *Casa Pia* resistiu intemerata a todos os cataclysmos; como um orgão nacional imperscindivel, assistiu incólume aos desastres do principio do seculo XIX quando as hostes napoleonicas devastaram o solo portuguez; manteve-se na laboriosa transição do regimen absolutista para o estabelecimento do liberalismo constitucional, entre o desmoronar das Ordens monachaes e o estrepito dos assedios militares, através das revoltas dos partidos e das *intervenções* armadas. Tinha por alicerce a humanidade, que mais se nos revela ante as fatalidades cosmicas e sociaes.

Este sentimento explica-nos a corrente de commoção que a doença perigosa a que Bocage succumbiu provocou em todos os seus antigos inimigos. No emtanto uma crise de odio, em que se viu envolvido em 1801, nascia como reacção á sympathia social que elle ia despertando.

Esta significação da estima publica pelo talento de Bocage é que suscitaria o tom vaidoso que escapa em differentes logares das

suas obras, e o acinte de ir provocar a emulação abafada de Macedo. Foi no anno de 1801, que Bocage compôz mais *Elogios dramaticos* para os theatros, e aonde o publico mais apreciou a sua versificação harmoniosa; os actores pediam-lhe versos allegoricos para os seus beneficios, e em todos os regosijos officiaes dos natalicios do paço Bocage contribuia sempre com uma composição recitada ou no Salitre, ou na Rua dos Condes, ou em S. Carlos.

Essas composições, que são o documento mais vivo da sua popularidade, não têm merito algum; o *Elogio dramatico* era uma invenção do espirito bajulador dos absolutistas do seculo XVIII; consistia em um dialogo entre entidades allegoricas, como a Virtude, a Liberdade, o Despotismo, o Vicio, e outros vocabulos banaes. Bocage tentou escrever no genero dramatico, mas os fragmentos que deixou mostram que fôra desnorteado no seu caminho pela tragedia pseudo-classica franceza e pelo *Elogio*. Como os versos de Bocage eram retumbantes, como observou Link, (*e só o podem accusar de hyperbole...*) no theatro não se notava o vazio do pensamento, e por isso foi aí apreciado. Era isto mais um motivo para acirrar o odio de José Agostinho de Macedo, sempre infeliz com as suas tentativas dramaticas.

Quando Bocage estava ainda preso, começou José Agostinho de Macedo a traducção do poema latino de Stacio a *Thebaida*, em 10 de Dezembro de 1797, a prestarmos credito á nota no fim do segundo volume manuscripto; e dá-a por terminada em 17 de Abril de

1799. [1] Infere-se d'aqui e pelos versos da Satira *Pena de Talião*, que Macedo mostrara os primeiros cantos da versão da *Thebaida* a Bocage depois de Março de 1798; Bocage renovara os seus conhecimentos de latim durante a reclusão nas Necessidades começando a traducção das *Metamorphoses* de Ovidio, e atreveu-se a indicar alguns retoques nos endecasyllabos da *Thebaida*. Macedo sustentava o paradoxo que o poema de Stacio era melhor do que a *Eneida* de Virgilio, e de que tudo quanto escrevera Ovidio. Tanto bastava para que se accentuasse no animo de Macedo uma funda hostilidade contra Bocage, que irromperia ao mais imprevisto accidente. Quando se deu a explosão do odio, Bocage não se esqueceu de fallar-lhe nas emendas que fizera á *Thebaida*:

> Ou tu mesmo appresenta, offerece á crise
> De gordo original versão mirrada,
> Sulcado o Stacio teu de unhadas minhas,
> De muitas, que soffrestes, e que aproveitas.
> N'elle (oh magoa! oh labéo!) por ti mudadas,
> A pompa na indigencia, o luto em riso;
> Mostra em teus versos as imagens tuas
> Tibias, informes, encolhidas, mortas...

E caracterisando o máo gosto de Macedo, lança-lhe em rosto a infundada preferencia, que tambem o irritara:

---

[1] Transcrevemos aqui essa nota:
=Hoje, 17 de Abril de 1799 acabei esta traducção, a que dei principio aos 10 de Dezembro de 1797; obra de inexplicavel trabalho he este livro, original autographo ou primeiro borrão que d'elle fiz.

José Agostinho de Macedo.=

Insultas a grandeza, a immensidade
Do eterno Mantuano, e dás a Stacio
Um gráo, que entregue ao Deus, que ardendo em estro
De Thebas o Cantor tentar não ousa,
Quando á musa da morte enfreia os vôos,
E quer que a *Eneida* cá de longe adore.
Da preferencia atroz inda não pago,
Das Graças ao cultor, de Amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dor, com magoa o Tibre,
Versos prepões sarmatico-latinos,
Versos que inda ao burel e ao claustro cheiram,
E que, affrontoso a ti, de applausos c'rôas,
Só por distarem de teus versos pouco.

(Ed. Act., II, 460-473.)

Nas *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo*, (p. 40) escreve Innocencio: «Sabemos mui bem que o proprio José Agostinho reportou estas questões ao anno de 1798 (cf. *Carta de um pae a seu filho*, p. 22)»; mas confunde este começo de hostilidade com o momento em que irrompeu em 1801 nas virulentas Satiras dos dois Poetas, quando diz: «ficando portanto manifesta a equivocação involuntaria (nos parece) e desculpavel em que Macedo cahiu, ao tocar de passagem aquelle ponto depois de passados tantos annos.»

Para narrar esta pugna litteraria, que se continuou ainda por muitos annos depois da morte de Bocage, entre Macedo e os *Elmanistas*, convém encadear os factos biographicos que conduziram para essa explosão. Em 1799 a irmã de Bocage, D. Maria Francisca, veiu viver para a sua companhia em consequencia da partida da Marqueza de Alorna para Inglaterra, em cuja casa residia a intelligente

senhora. O poeta, sem recursos e entregue á vida airada, teve de confinar-se na realidade pratica, para acudir de prompto ás necessidades da familia, e acceitou a proposta que lhe fizera o P.e José Marianno da Conceição Velloso para traduzir do francez alguns poemas didacticos.

Depois que Bocage alcançou a sua soltura, e não tendo mais procurado o Conde de San Lourenço, que residia no convento das Necessidades, em cuja cella amigavelmente o admittia, escreveu-lhe uma Epistola desculpando-se com os trabalhos a que estava forçado e alludindo a sua irmã:

Se a beber novo brilho, ideias novas,
Nas azas da saudade a ti não vôo,
E' que ferreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco albergue me acantôam.
Lucro mesquinho de vigilias duras,
Patrimonio dos vates (e nem sempre)
Sustem meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são da irmã, que terna
Curte commigo tormentosos fados.

(*Epist.* 15. Ed. Act.)

Em uma Epistola ao P. M.e Frei José Marianno da Conceição Velloso, agradece Bocage o ter-lhe, como um dos directores da Typographia Calchographica e litteraria, encarregado de fazer algumas traducções do francez, estabelecendo-lhe um ordenado de vinte e quatro mil reis mensaes:

. . . . da existencia o mar sanhudo
Vi romper meu baixel e arremessar-me
A inhospitos montões de extranha areia...
Em ti, constante, desvelado amigo,

Demando contra a sorte azylo, sombra,
Oh das Musas fautor, de Flora alumno, [1]
Rasgado o véo da allegoria, estende
Ao metro que desvale, a mão que presta.

(*Epist.* 23. Ed. Act.)

Na Satira *Pena de Talião* allude ao cumprimento de deveres sagrados, mostrando que trabalhava para sustentar sua irmã fazendo as traducções encommendadas pelo eximio naturalista brasileiro:

Os dias eu consummo, eu vélo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus alli compondo
A' pesada existencia honesto arrimo
Co'a mão que Phebo estende aos seus, a poucos.
Alli deveres, que não tens nem présas,
Com *fraternal* piedade acato, exerço,
Cultivo affectos á tua alma extranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio;
Não me envilece alli de um Frade o soldo:
Alli me esforça ao genio as igneas azas,
Coração bemfazejo, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, *protege e accolhe*,
Que em redondo caracter te propaga
A rhapsodia servil, *Poema intruso*,
Pilhagem que fizeste em cem volumes,
Onde a monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa
Já co'os *céos* entendendo e já co'a *terra*.

Bocage alludia aqui sarcasticamente ao poemeto em dois cantos *Comtemplação da Natureza*, dedicado por José Agostinho ao

---

[1] Sobre as relações de Bocage com o naturalista brasileiro, vem referencia em um extenso artigo na *Revista trimensal*, t. XXXI, cap. 19 e 20. 1868.

Principe Regente e impresso em 1801 na Officina calchographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego, por ordem superior. No canto I d'esse rhetorico poemeto trata dos céos e da terra; quando mais tarde Macedo o reelaborou no poema didactico da *Natureza*, despresou o canto segundo, em que tratava dos mares. A *Contemplação da Natureza* é precedida de uma *Epistola Ao Reverendo Padre Fr. José Marianno Velloso, Philosopho naturalista;* ha n'ella versos que deviam irritar profundamente Bocage, taes como:

Cá dentro, não sei d'onde, eu vejo os raios
De uma luz immortal, que mil ideias
Vae de objectos extrinsecos formando.
. . . .
Vejo mil mundos, reluzentes globos,
Que nunca lá da terra humida e fria
Ousado Galileo descobrir pôde
Quando empunhando o portentoso tubo
Novos astros brilhantes nos mostrava;
Que nunca Hughenio viu, nem viu Cassini,
Quaes tu, Herschel famoso não descobres...
. . . .
Dentro d'alma raiar eu sinto o fogo
Que do grande Moysés raiou na fronte,
Quando ouvia os oraculos divinos
Do sagrado Sinay no excelso cume.

E exaltando-se em um dithyrambo de autolatria, Macedo não se esquecera de intercalar alguns motejos que além do exagerado egotismo acirravam cruamente Bocage:

Mas, oh Velloso, quantos lá diviso
Que no grão templo da immortal Sciencia
Franca entrada teriam, *se a soberba*
Lhe não vedara resolutos passos!
. . . .

Com luz brilhante de profundo estudo
A elle os debeis passos dirijamos,
Emquanto mofam petulantes Momos
D'esta difficil escabrosa empreza
E de chimeras frivolas se nutrem... [1]

Na sua prefação Macedo mostrava que não tinha em consideração a primeira tentativa de Bocage publicando em 1800 a versão do poema didactico *Os Jardins.* Escrevia Macedo: «Aventurei-me a compôr depois d'estes grandes homens, (Tasso, Du Bartas, etc.) tanto por vêr mais intensa a esphera da Historia Natural, como por me sentir *arrebatado do desejo de dar a Portugal um poema d'este genero, nunca tentado pelos nossos poetas...* Considerei que era coisa manifesta a todos, que poucos chegam á summa perfeição nas Artes, e na da Poesia são ainda menos os que chegam ao ultimo termo da excellencia...» Bocage, alludindo á pilhagem feita em cem volumes para o *Poema intruso*, referia-se evidentemente a este alarde de Macedo: «Aos criticos imparciaes, que a não julgarem original, parece-me que terei satisfeito, confessando-lhes de ante-mão, que na *Theologia physica* de Derham, no *Espectaculo da Natureza*, de Pluche, na *Demonstração da existencia de Deus*, por Newantit, na *Theologia da agua e dos insectos*, nos *Estudos da Natureza*, de Bernardino de S. Pedro, achei todos os monumentos feitos e dispostos para o meu poe-

[1] *Obras ineditas* de J. A. de Macedo (*Censuras e diversas Obras*) p. 164 a 166. Ed. da Academia.

ma. *Aos impertinentes e incontentaveis* não dou outra satisfação mais que deixar-lhe grandes margens no livro para fazerem á sua vontade glosas e annotações, *esperando tambem com muito boa vontade que escarneçam d'este com outro melhor.*»

Macedo fallara contra a versão do Poema de Delille *Os Jardins*, em que Bocage mostrara o seu talento de traductor com applauso de todos os homens cultos; na sua *Satira a Manoel Maria*, elle ataca-o n'esse pedestal:

Nunca póde subir da Fama ao templo
Um *servil traductor;* não se franquêam
As aureas portas que o Parnaso fecham
A alugados interpretes dos outros.
Ninguem te inveja, te persegue ou morde,
Que uma emprestada luz ninguem deslumbra,
. . . .
Se o rival de Virgilio, o grão *Delille*
Ouvira aquelle verso sonoroso
— A azul ferrete, a encarnada, a branca —
Com que amenos jardins trocastes em mattos,
No tribunal de Apollo querellara
Do *insulso traductor*, vate de Outeiros!
E arrotas nome eterno e te promettes
Das lethargicas ondas sacudir-te,
Brilhar com propria luz, e á eternidade
Levar comtigo a Patria e as obras tuas... [1]

Estimulado pela publicação da *Contemplação da Natureza*, em 1801, Bocage tratou de dar á estampa n'esse mesmo anno uma outra versão de um poema didactico, *As Plan-*

---

[1] Vem publicada nas *Memorias para a Vida de José Agostinho*, p. 327 a 332.

tas de Castel; poz-lhe um Prologo do traductor, que é um repto em forma aos ataques dos que se escondiam por detraz de José Agostinho de Macedo:

> Existencia moral, dos sabios vida,
> Duplicada por ti me esforça o genio,
> A mente me refaz, o ardor me atiça,
> Me fortalece o pé na estrada immensa
> Que vae da Natureza á eternidade.
> Soltas de umbrosas subterraneas grutas
> *O meu dia invadindo, aves sinistras*
> Em vão de agouros e de peste o mancham;
> Em vão corvos da inveja á gloria grasnam.
> Elles malignos são; tu, Patria, és justa;
> Véda que defraudado o genio seja
> Dos seus haveres — o louvor e estima —
> Haveres, por que enjeita os da ventura.
>
> . . . .
>
> Vireis, filhas do céo, co'as mãos, co'as azas,
> Expulsar *agoureiro estygio bando*,
> *Maldicto*, *grasnador*, nocturno enxame,
> Que voar não podendo, odeia os vôos.
>
> . . . .
>
> Anceia resplendor, grandeza opprime
> O espirito arrasado, a mente escura;
> Inveja nunca sobe, e quer que baixem;
> Seus nojosos baldões desdenha o sabio;
>
> . . . .
>
> *Se em podre lodaçal negrejam zoilos*,
> A's margens do Permesso *Ismenos* brilham
> De alma phebêa, creadora, acceza;
> A verdade em relampagos vibrando
> Ferve no audaz *Francelio* e rompe os astros
> Sacro delirio, destemida insania;
> *Jacindo* aperfeiçôa os sons do plectro,
> *Clario* co'a propria mão *Salicio* enloura,
> Revive em ti *Josino* a lacia Musa;
> *Menalca*, da puericia apenas solto
> Já conversa c'os deuses; niveas plumas
> Nas costas lhe rebentam, cysne adeja.
> Melindrosos pinceis menêa *Alcino*...

Bocage enumera aqui os amigos, que como poetas o sabem avaliar, *Ismeno* (João Vicente Pimentel Maldonado), *Francelio Vouguense* (Francisco Joaquim Bingre), *Jacindo* (Ignacio da Costa Quintella), *Clario* e *Salicio* (Sebastião Xavier Botelho), *Josino* (José Francisco Cardoso), *Alcino* (Joaquim Severino Ferraz de Campos), *Menalca* (José Rodrigues Pimentel Maia.) E volvendo-se para os que o mordiam com inveja, prorompe:

> Eia! os odios cevae, cevae a infamia,
> Furias que evaporaes tartareas sombras,
> Contra olympio fulgor que envolve o genio!
> Entre essa escuridão reluz meu nome!
> . . . .
> Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
> Sem alma, sem ternura? Ah, longe, longe
> De meus candidos sons, que se enxovalham,
> Peçonhentos dragões, na peste vossa.
>
> (*As Plantas*, p. 117. Ed. Act.)

Publicado o poema *As Plantas*, a prefação de Bocage foi o explosivo que determinou a descarga violenta da bilis de José Agostinho de Macedo, que em uma Satira extensa deixa traços curiosos sobre a personalidade do temeroso rival:

> . . . os flagellos da satira merece
> Teu estouvado orgulho, a audacia tua.
> . . . .
> *Co'um semblante de satyro* podias
> Ser poeta e philosopho prestante...
> *Nem ser pobre* se oppõe ao genio, ás artes;
> Foram pobres Camões, Homero e Tasso;
> *Nem ser vadio* n'um poeta é crime;
> Nunca um poeta bom teve outro officio.
> Tu *és vadio, és magro, és pobre, és feio*,
> E nada d'isto em ti reprovo ou noto;

Mas posso emmudecer, quando contemplo
Que queres ser um despota em Poesia?
. . . .
Fanfarrão glosador, chamas divino
Celeste inspiração, celeste fogo
Gritando amplificar sédiços motes?
E merecer de officio um *bravo!* um *bello!*
De um vão peralta, ou dama enfatuada.
. . . .
Quem tão ferreo será, torno a dizer-te,
Que a docta penna em toxicos não molhe
Quando te ouvir queixar de iniquo, injusto
Innumeravel esquadrão de zoilos,
Que em vão pretende denegrir teu nome?
Tu, que *a soldo de um frade*, ao mundo embutes
Rasteiras copias de originaes soberbos,
Que vulto fazes tu? Quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? Glosar tres Motes
Com logares communs de facho e settas,
Velhos arreios do menino idalio?
Glosar e traduzir, isto é ser vate?
Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons . . . .
. . . . mas a soberba
Fez ecclipsar a luz que em ti raiava,
N'um pélago de orgulho submergiste
O genio teu, mediocre ficaste.
. . . .
E chamas docta a prefação das *Plantas*,
Ao proprio louvor teu, que impune entôas?
Só tu o podes dar, que essa injustiça
Não cabe em versos de asisados vates.
. . . .
Mas, que cantaste tu de inveja digno?...
Se te tiram das serpes enroscadas,
E das furias crueis de Phlagetonte,
Se sae do peito teu o inferno, a morte,
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,
Secco, infecundo, caranguejo em versos.
São em ordem retrógrada já lidos,
Versos que urdido tens, depois que o éstro
Deixaste nas gangéticas ribeiras. —
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligar-se entre si. Bem disse aquelle

Que imparcial tem lido as obras tuas
Carregadas de antitheses, de tantas
Enfadonhas metaphoras aos pares:
— Que lido um verso teu, são lidos todos. —
Enfadonha, cruel monotonia,
Que os ouvidos harmonicos estafa.
Sê grato aos vates, que te soffrem mudos,
Festeja a tua *Ulina*, e glosa em annos,
E para teres pão traduz mais versos...
Quem te ouvir, Rhodamonte da Poesia,
Dirá que calças tragicos cothurnos,
Que embocaste a trombeta da Epopêa,
Que tens mais éstro, mais furor que Stacio;
Grita, escoucêa em publico e nas praças
Cercado de aguadeiros e marujos;
Mas, louvar-te a ti mesmo! Ah, pobre Elmano,
Doente imaginario, não te queixes
De um mal que ainda não sentes, nem mereces;
A inveja segue um bem, qual sombra as luzes.
Tu, damnado Aristarcho, a todos ladras...
E queixas-te da satira?.................
.... Abocanhas
A virtude e saber de um genio activo
Por que estudou da Europa as doctas linguas...[1]
Que te fez *Melizeu*, se a fome e os annos
Lhe deixam erma e transversal a bocca?
Chamas por mofa tonsurado a *Elmiro?*
Propria escolha não foi de *Elmiro* o estado.
Dizes que é baixo e chôcho o *Transtagano*
Dulcissimo *Belmiro*, e que não vôa?...
Eia, pois, meu Bocage, entra em ti mesmo;
Se queres ser louvado, ajunta, prende
Boa moral com sonorosos rythmos.
Não dorme *Elmiro*, que tu chamas zoilo,
Nem deixa a minha Musa o orgulho impune.

A Satira de Macedo, que ficou inedita até 1838, foi levada ao *Botequim das Parras*, e

---

[1] Refere-se ao Soneto (173 ed. Act.) em que chasquêa Thomé Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, official de Linguas na secretaria dos Estrangeiros.

lida ante o *Claro Auditorio* no *Agulheiro dos Sabios*. Bocage sob a impressão violenta do ataque pessoal e directo, pediu papel e escreveu ou dictou como repentista, a celebre Satira em resposta, intitulada *Pena de Talião*. Transcreveremos apenas os versos que encerram traços de realidade flagrante; taes são os que retratam os dois typos de *Elmano* e *Elmiro*:

De philosopho a tez, a tez de amante,
O ár da meditação, a imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam,
Paixões da natureza, e não das tuas;
O que parece em mim á vista abjecto,
A mesta palidez, o olhar sombrio...
Que importa, oh zoilo, ao litterario mundo,
Que importa, *descarnado e macilento*
Não ter meu rosto o que allicia os olhos;
Emquanto nedio, rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos que aviltas
Afôfas teus Sermões, venaes fazendas
(Cujos crédores nos Elysios fervem)
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contricção no centro d'alma:
Ostentas ferreo Nume, céos de bronze,
E a cada berro minorando a turba,
Compras na aldêa do barbeiro o voto,
Alli triumphas, e á cidade enjôas.
Tu, de cerebro pingue, e pingue face,
Pharisaica ironia em vão rebuças,
Quando *a penuria ao desvalido exprobas:*
Que tem co'a natureza o que é da sorte?
Ou dá-me o plano de attrahir-lhe as graças,
(Mas sem que seja escravo) ou *não profanes*
Indigencia e moral quaes tu não citas.
Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil
As praças de Ullyssêa á tôa opprimes,
Ou *do bom Daniel na terra estancia*
Peçonhas de invectiva expremes d'alma,
Que entre os negros chapéos tambem negreja,
E ante o caixeiro boquiaberto arrotas,

Arrotas ante o vulgo a *Encyclopedia*...
. . . .
Sanguesuga de putridos auctores,
Que vas com cobre vil remir das tendas,
Emquanto palavroso impões aos nescios
E a crédulo tropel roncando affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas.
(Fallo das artes, das Sciencias fallo)
Emquanto a estatua da ignominia elevas,
Os dias eu consumo, eu velo as noites
Nos desornados indigentes lares,
Submisso aos fados meus: alli componho
A' pezada existencia honesto arrimo...
. . . .
Braveja detractor, braveja insano,
Arde, blasphema em vão, de algoz te serve
Tenaz verdade, que te róe por dentro:
Na voz deprimes o que admiras n'alma.

Bocage descreve as primeiras relações que teve com Macedo, que tanto o admirava quando ainda não produzira as Cantatas de *Leandro*, *Ignez*, *Medêa*, nem os trechos de *Arenêo e Argyra*, mostrando-lhe a versatilidade inepta:

Quem *fertil* nomeaste e quem *divino*
Hoje é servil, monotono, infecundo
De texto opimo interprete engoiado?
Co'a edade e estudo o genio em todos cresce,
E em mim desfaleceu co'a edade e estudo?
. . . .
Verdade! Rectidão! vós sois meus numes.
Vê se as adoro, oh zoilo! Eu amo *Alcino*,
Filinto, *Coridon*, *Elpino* eu louvo,
Todo me apraz *Dorindo*, *Alfeno* em parte,
Nas trevas para mim reluz *Thomino*.
Nos genios transcendentes me arrebato,
Préso alumnos phebêos, despréso *Elmiro*:
. . . .
Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me,
Por que Delio dos *prologos* te exclue;

. . . .
Mas não desmaies na carreira ovante,
Eia, ardor, coração! Vaidade ao menos;
As outavas do *Gama* esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais: Epistolas, Sonetos,
Odes, Canções, Metamorphoses, tudo,
Na frente põe teu nome, estou vingado.

Este verso ultimo tornou-se proverbial, como uma marca de fogo; pelo temperamento impetuoso de Macedo era de prevêr que elle não ficaria calado. Já em 1802 escreveu uma segunda Satira a Bocage, que ficou inedita até 1899, em que a incorporámos na biographia escripta por Innocencio impressa pela Academia das Sciencias. N'essa segunda Satira, que não teria grande curso, prevalecia a ideia da nullidade de Bocage e da incoherencia da sua vida; transcrevemos os traços que denunciam aquella singularissima individualidade. E' o Nada, como symbolo, que vae reconhecendo-se representado pelo poeta:

Eu que presido nos Cafés, que inspiro
Em roda de almo ponche heroes e vates;
Eu que as *Quadras* ditei, que expõe Bersane,
E que escuto o Gastão, ambos orates,
Nas tragedias eguaes, e eguaes nas trovas;
. . . .
Um esforço fiz mais, formei Bocage;
Se acaso em ti não vira, oh filho amado,
A mania de grande, illustre e nobre
Não te lembrara o berço; é nada o berço,
Té na horrenda figura um nada foste,
E para nada ser foste cadete;
E a vida cadetal desfez-se em nada,
Menos que nada é ser guarda-marinha...
Para nada sulcaste o mar fervente,
E foste nada no paiz dos nadas.

Nada tornaste, menos o uniforme,
Que alguma cousa póde ser: mudou-se
De linha ousada em veste, e já safado
E já sem friso capotinho infante.
Do paiz da pimenta e das mentiras,
Dos trapos e das ervas vens ao Tejo;
Como foste, Manoel, tal vens; és nada...
Deu-te para escrever, tu mesmo o dizes,
A nestorea banquinha, o prisco leito
Em que estendesses a carcassa, o nada
Que até isto é teu corpo, e egual a mente.
E's amante por fado e por mania,
Namoras a granel, amas a eito;
Ciume universal te berra n'alma.
Dois grossos turbilhões de fumo e espuma
Te saem da bocca, trémulo gaguejas,
A' moça que te illude;. . . . .
O teu ciume, o teu amor são nada.
. . . .
Oh, com quanto prazer ouço no mundo
De continuo clamar: — Que faz Bocage?
Que faz? em que se emprega? — Em nada, em nada.
Caritativa mão, que beija e morde,
Periodica esmola lhe apresenta,
Que n'um só dia em ponche consumida,
Fica em lastro outra vez, ou fica em nada.
Do ecclipsado Seabra, o bis-ministro,
Acinte a protecção levaste ao nada;
E dos grandes chapéos, tristes roupetas,
Façanhosos tartufos de beatas,
Em nada converteste a sôpa e côdea.
. . . .
Comtigo mede *Saunier* as armas [1]

---

[1] Macedo lança em rosto a Bocage o ter dirigido uma Satira a Saunier.

Esta figura nulla ficou assim ligada á aura de Bocage. Macedo tambem o caracterisa «Engravatado Saunier pintado.» Chamava-se Antonio Chrispiniano Saunier; segundo as informações da Policia, (Vol. XVIII, fl. 138, *v.*) era vadio, morador na rua da Bica, n.º 40, e andava recitando frequentemente versos pelos bote-

Dize, quem fica vencedor no campo?
Primeiro batalhão, puxas Sonetos,
Todos do mesmo estylo e mesmos cunhos;
Zelos, amores, esquivanças, nada!
Tens zanga com rivaes que te supplantam.
Manoel, as moças de hoje ao gimbo inclinam
A meiga orelha ferrolhada ao vate...
Tu, nada em verso, e nada na algibeira,
Ecclipsa-te um caixeiro, um frade, um sujo
Gallego ou cortador; berras com zelos,
O teu rival triumpha, e tu na escada
Meditas na vingança, tres Sonetos...
D'estes nadas Manoel, nas obras tuas,
Feito o mappa de todas as alumnas,
Getrurias, Nises, Fléridas, Armias,
Todas, todas sem dó te levantaram...
Ouviram-te glosar, riram-se um pouco
Cheiraste-lh'a pedinte, as ventas torcem.
Nada são teus *Idylios piscatorios*,
Menos que nada as Odes que assoalhas,
Vingas-te em traduzir versos alheios,
Que, grandes no exemplo, em ti são nada.
Dentro em mim recebi, beijei com gosto
Não sei que de Castel por ti vertido...
Deitaste-te ao theatro, e foste nada;
Deixaste em nada o *Cêrco de Lisboa.*

. . . .

Teu engenho, que é nada, em grandes cousas
Não se pode empregar, falta-lhe o folego;

---

quins; andava fardado com o uniforme da armada real. Quando Bocage soube que Saunier o elogiara em um Soneto, prorompeu na Satira contra *Ersaunio:*

Antes um corno pelos peitos dentro
Que um verso de Saunier pelos ouvidos.

. . . .

Espoja-te a meus pés, baquêa oh bruto,
E em actos burricaes o que és pregôa!
Ou da matula vil onde patinhas,
Irás á fama em satiras de *Elmano*,
Que é peior para ti do que ir ao Lethes.

Co'uma cana no rabo és um foguete
Que faz alguma bulha, acaba em fumo...
Dentro em frio Soneto em Glosa réles,
Como na propria esphera te revolves,
Ou quando muito tysico Epigramma
Digna paga do medico que *a sarna*
Te alimpou no Hospital. [1] —Mas, improviso!—
(Replicas, meu Manoel); mas isso é nada,
Improvisa o Malhão, o Esbarra, o Feio,
O recem-vindo transmontano frade.
O Talassi tambem, todos inspiro.
Eu lhe fabrico o Motte, e estendo a Quadra;
Muito antigo bordão, nariz de cêra...
Vadio trovador nunca é poeta!
A sacra inspiração não desce ao peito
De um prégador de Outeiro em sucia de annos;
Do casco se evapora o ponche, e o verso
Que o ponche inspirou, só dura emquanto
Dura e resôa a insipida palmada...
Deixa louca ambição e amor da gloria
Aos mentecaptos, que trabalham, suam,
E sobre os livros pallidos se tornam.
De nada é nobre timbre a ociosidade,
Comer aventureiro, alvergue incerto;
Buscar em que se occupe um vate, um nada,
Oh que feio labéo! Busquem embora
Emprego as almas vís, que o fado obriga
Ser uteis aos mortaes, á patria, ao throno,
Pela estrada das armas, pelas letras,
(Quebra-cabeça indigno de um Bocage!)
Vae teu caminho, oh filho! e surdo aos brados
Da importuna rasão vive qual vives,
Se um amigo te hospéda, ah, nunca excedas
O fatigante circulo de um dia;

---

[1] Ao facto da entrada de Bocage no Hospital tambem se refere Thomaz Antonio dos Santos e Silva *(Thomino)* na *Elegia ás cinzas do incomparavel Bocage,* (p. 12):

No recinto esmolér, caritativo,
Que azylo já te foi; na crise extrema
Dos Tassos e Camões... Oh lenitivo!

Ou lhe ferra um calote, ou prompto impinge
Ao louco bemfeitor: — Que mais te deve —
Um infame Epigramma, que transmitte
Aos évos que hão de vir a infamia tua,
E a tua ingratidão. Se honesta esposa
Lhe podes corromper, namora e falla
E dá comtigo n'um Café; repete
Tres laudas de Parny, que tu furtaste;
Confia que hade ouvir-te, hade gabar-te
O calouro beirão, que aspira a vate,
Chegado ha pouco, na estalage ignoto;
Paga-te o ponche alli, na tasca a ceia.
Se um vento travessão te sópra ingrato,
Se a noite vem fechada, escura e feia,
E te falta o covil, ao lar arriba
Do meigo *Alcino*, de *Tionio* o Quadras;
Fuma e corre ao Café, se a aurora assoma.
Assim se passa um dia, assim dez annos
Nos braços da penuria e do desprezo;
Um momento applaudido, os mais mofado.

De todos estes ataques de José Agostinho de Macedo contra Bocage nada mais ha do que zargunchadas na vaidade pessoal e a nota caricata, que é por onde essas duas Satiras nos interessam. [1] Na versão do Poema *As*

---

[1] Os traços satiricos de José Agostinho dão-nos aqui o typo popular de Bocage como se representava na imaginação dos que o não conheciam pessoalmente. O poeta cego Antonio Joaquim de Mesquita, satirisando um bacharel coimbrão que trouxera dos Outeiros de Cellas a monomania dos versos, mostra-o como um imitador da feição exterior de Bocage:

Unhas grandes, pobre traje,
Magro de fadiga e fome,
Por que assim viveu Bocage,
Gritando, as noites consome
Estirado sobre a lage.
(*Obras poet.* p. 200.)

Plantas, glorificou Bocage os nomes arcadicos de sete amigos seus; José Agostinho, atacou-os tambem na primeira Satira:

> E arrotas nome eterno, e te promettes
> Das lethargicas ondas sacudir-te...
> E em torvos lodaçaes deixar envolto
> O Lusitano côro, excepto os *sete*
> *Brilhantissimas Pleyades*, que exaltas,
> Gado entre o qual cornigero levantas
> Mais orgulhosa a frente, por que incensam
> As traducções que estólido assoalhas?

Bocage resentiu-se vendo-se ferido nos seus amigos, e depois de mostrar como vilmente procedera com França e Amaral (o bom *Melizeu* da Arcadia Fauno) e com o fusco trovador *Lereno*, [1] (que uma serpe engordou, cevando *Elmiro*) prorompe com a vehemencia do improvisador:

> Tu, furia, tu, dragão, que entornas peste
> Por systema, por habito, por genio,
> *Os sete que detraes, em que te aggravam?*
> Querias par a par subir com elles
> Nas azas do louvor a ignotos climas?
> Que disseras, mordaz, quando mimosa
> Quando a celeste Catalani [2] exhala

[1] Caldas Barbosa — faleceu em 9 de Novembro de 1800, quasi repentinamente, no palacio do Conde de Pombeiro, na Bemposta, e foi enterrado na parochia dos Anjos. (Liv., fl. 277, termo de obito. — *Rev. trimensal*, t. XIV, p. 441.) (1851.)

[2] Como é sabido, a *Catalani* começou a cantar em San Carlos desde o inverno de 1801 até ao carnaval de 1806 (Vasconcellos, *Musicos port.*, II, 119.) A referencia de Bocage fixa-nos a data da sua Satira no fim de 1801; tomou a comparação para a superioridade do seu talento da impressão mais viva de que estava pos-

Milagres de ternura e de harmonia,
Sim, que disseras, se ultrajando a scena
De roufenha bandurra um biltre armado
Ante a assembleia extactico impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, oh zoilo, tão improprio fôra
Como annexar teu nome aos sete, e a outros
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos...

Na segunda Satira a Bocage torna Macedo a referir-se aos sete *elmanistas;* assim a

---

suido, e os seus versos já alludem ás parcialidades que se formaram entre os amadores do *bel canto* dividindo-se na admiração á Catalani ou ao sopranista Crescentini.

Em uma nota do Poema *Os Burros*, recensão de 1814, escreveu José Agostinho: Dizem que o Desembargador João Vicente Pimentel Maldonado, author de varias poesias que se acham impressas, se tinha namorado da celebre cantora Angelica Catalani, e por isso lhe dedicou a Ode que foi impressa na Officina regia em 1803.»

Era Maldonado um fervoroso *Elmanista*, e usava o nome arcadico de *Ismeno*. Vejamos a nota que lhe consagra Francisco de Paula Ferreira da Costa na ultima recensão dos *Burros:*

«João Vicente Pimentel Maldonado, *Desembargador*, de alcunha, mas homem de intelligencia e saber; fez bons versos e dirigiu alguns á italiana Catalani. Circumspecto maçon, e como tal incluido na Setembrizada. Foi Deputado de Côrtes em 1821, porém na segunda legislatura ficou de fóra, dando-se-lhe o logar de Membro do Supremo Tribunal da Liberdade de Imprensa. Quando esteve em côrtes affectava muita circumspecção, e todas as suas moções se reduziam a emendas de phrases, pontos, virgulas, etc. Escapou por manhoso até ao anno de 1826, e então tornou a apparecer feito Archivista-mór da Camara dos Deputados com o ordenado de 600$000 reis. Acha-se hoje preso na Torre de S. Julião da Barra.» (Nota 498.)

proposito de *Josino* (José Francisco Cardoso), diz:

> E' certo e não t'o nego, que verteste
> A *Expedição de Tripoli*, e bradava...
> Cuidei que te perdia, oh filho amado!
> A par d'esse Cardoso, d'esse indigno
> Ias sendo, Manoel, alguma cousa;...

E a proposito de *Menalca* (José Rodrigues Pimentel Maia) insinúa:

> Aos socios teus, vadios do Parnaso,
> Não consentes, Manoel, que façam versos,
> Queres que façam nada; se o *Menalca*
> Na scena Melpomêne abraça e beija,
> Contra a nascente Musa te embraveces;
> Na primeira Tragedia as faltas notas,
> Ou notas seu auctor, e a peça esqueces.

N'esta mesma Satira ataca-o pela antiga dissidencia com Miguel Antonio de Barros *(Melibeu)*, e fere-o em dois amigos Antonio Bersane Leite *(Tionio)* e Pato Moniz *(Oleno.)*

Já em 18 de Fevereiro de 1802, o Intendente Manique, escrevia em uma Conta para as Secretarias, que era impossivel conciliar os dois artistas, a Catalani e Crescentini; este [1] empregava todos os meios para fazer saír de Portugal a cantora que offuscava a sua gloria. Já que para a restituição d'esta época da vida de Bocage tocámos nas luctas do theatro de San Carlos, desenvolveremos esta parte, por isso que Bocage tambem andava envolvido no côro dos admira-

[1] *Papeis da Intendencia*, Liv. VI, fl. 266, *v.*

dores da celebre *Gafforini*, escripturada em 1801; Bocage dedicou-lhe uma Ode com a rubrica *A' celebre actriz e cantora veneziana Elizabetha Gafforini.* [1] Cantavam-se então no theatro de San Carlos as Operas do nosso compositor nacional Marcos Portugal, taes como *Morte di Semiramide*, *Sofonisba*, *Il Trionfo di Clelia*, *Argenide*, *Zaira*, *Merope*, *Fernando in Messico*, *Ginevra di Scozia*, *Il Duca de Foix*, e *Morte di Mitridate*, [2] em que brilhavam a Catalani e a Gafforini. [3] Em um documento da Policia, de 1802, achamos descriptas as luctas intestinas da Companhia organisada por Crescentini, interessante para a vida artistica d'essa época, e para a biographia de Marcos Portugal, pelo que o reproduzimos na sua integra:

«Recebo ao fazer d'esta o Aviso de V. Ex.ª com a data de hontem, com o Requerimento incluso de Jeronymo Crescentini, no qual se queixa de eu lhe mandar entregar em deposito e em um dos Gabinetes do Real Theatro de S. Carlos a musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira*, composta a dita Musica pelo compositor do mesmo Theatro *Marcos Antonio Portugal*; por me constar que o supplicante Jeronymo Crescentini por segundas instancias queria pôr a musica das mesmas Operas a bordo do navio que vae para Genova.

---

[1] *Ode* 22. Ed. Act.

[2] Vasconcellos, *op. cit.*

[3] Do nome da *Gafforini* ficou na lingua portugueza a palavra de giria *gaforina*, para significar o cabello hirsuto, e espesso.

«He certo que mandei recolher aos Gabinetes de musica do dito Real Theatro de S. Carlos a dita musica das sobreditas Operas, para se servir o Theatro nas actuaes circumstancias em que está; pagando-se pela avaliação áquelles a quem tocar o seu embolso; pois na Empreza do dito Theatro, do anno passado, foram Emprezarios a Companhia dos Comicos e Dançarinos que trabalham no mesmo Theatro, de que era Director o sobredito Jeronymo Crescentini que tem sómente a sua parte correspondente a meia Companhia de Comicos e Dançarinos interessados no valor em que se avaliar a mesma musica pelos Professores da primeira ordem que ha n'esta côrte, em que tem egual parte o compositor d'ella *Marcos Antonio Portugal*, que, como socio da dita Empreza, tambem requereu n'esta Intendencia se lhe segurasse esta musica das ditas duas Operas por o supplicante ter espalhado e dito que a mandava para Genova em um navio que estava a saír, em odio á Empreza actual, por vêr o supplicante que não levava ao fim o seu plano de ficar fechado o Theatro na presente Paschoa e poder conseguir desgostar Angelica Catalani, para a obrigar a saír d'este Reino, e este é o grande enthusiasmo do supplicante, a fim de pôr a dita actriz, como digo, fóra d'este Reino.

«He certo tambem que o P. R. N. S. quer que o dito Theatro de S. Carlos se abra e se ponha em trabalho, e V. Ex.ª tambem assim m'o tem communicado de ordem do mesmo Augusto Senhor, e como eu desejo cumprir as reaes ordens, e o tempo é curto para se

compôrem novas Musicas para algumas Operas, que se queiram pôr em scena, e ser o costume e pratica que todas as Obras de Musica que se tem feito n'aquelle real Theatro, ficarem no Gabinete de Musica do mesmo Theatro, e se lhe mande fazer uma avaliação, e paga o Emprezario que entra na empreza áquelle que sáe, que é o mais que podia pretender o supplicante, estando auctorisado pela Companhia dos Comicos e Dansarinos, que entraram na Empreza que finalisou pelo Carnaval preterito: isto é o que me informam se pratíca não só n'este artigo da Musica, mas tambem da Guarda Roupa e Scenario, e é o que tambem me obrigou a mandar recolher aos ditos Gabinetes a referida Musica, cuja diligencia se não effectuou, e ficou em deposito em poder do supplicante Jeronymo Crescentini, como mostra o documento que elle junta ao seu requerimento.

«He o que posso informar a V. Ex.ª sobre esta materia e fico esperando as reaes ordens, que V. Ex.ª me communicar a este respeito para me servirem de regra para poder deferir não só ao supplicante Jeronymo Crescentini, mas ás partes que me requereram mandar recolher ao Gabinete do Real Theatro de S. Carlos a Musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira*. Lisboa, 1.º de Abril de 1802. — Ill.ᵐᵒ Ex.ᵐᵒ Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» [1]

E' preciso que nos não ceguemos por este

---

[1] *Contas*, Liv. VI, fl. 287.

interesse da Policia pela regularidade dos espectaculos dramaticos, nem o esplendor artistico nos deve deslumbrar considerando-o como um resultado da vida moral e das exigencias de um elevado gosto publico. Faziam-se grandes despezas não pela arte, mas para distraír as attenções dos factos politicos que se passavam na Europa, e em que Portugal por seu turno ia ser envolvido. Foi em todos os tempos este o systema empregado pelo cesarismo: depois da degradação da espionagem introduzida pelo Manique, seguia-se o deslumbramento que não deixa observar o que se passa no meio social. Em uma *Conta para as Secretarias*, de 26 de Maio de 1802, fallando do Theatro de S. Carlos, Manique formúla a lei do cesarismo dirigindo-se com toda a clareza ao Ministro: «V. Ex.ª *conhece a grande utilidade que resulta ao Estado em trabalhar este Theatro, pois que emquanto o Publico está ali entretido, não discorre em materias que lhe não importam...»* [1]

A peste napoleonica ia começar o seu cyclo de invasões, e nós estavamos separados do conhecimento de todos os nossos direitos, por isso não os soubemos fazer valer, quando a realeza abandonou os seus fieis vassallos ao inimigo que entrava. N'esta época, já Bocage andava doente, mas é quando vemos a sua actividade exercitada nos *Elogios dramaticos* dos festejos reaes, e nos *Prologos* de comedias para os actores seus amigos. Era

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. VI, fl. 309, *v.*

um talento sympathico ao publico que se forçava para attraír aos beneficiados por esse meio a maior concorrencia. Para este fim a Policia concedia que se imitassem os divertimentos da Italia fazendo loterias e jogos chamados *Tombolas*, para accirrar o appetite dos espectadores. Sobre este costume, hoje extincto, é curioso o seguinte documento do Intendente Manique:

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª a conta que dá o Inspector do Theatro de S. Carlos, e desejando ao mesmo tempo que na Paschoa proxima continue a trabalhar este Theatro, tenho procurado alguns meios de vêr se posso descobrir algum emprezario que tome a si esta empreza no presente anno, e não o tendo achado, me obrigou a fallar a Francisco Antonio Lodi, o qual havia sido emprezario do mesmo Theatro alguns annos, para vêr se com a protecção de alguns dos seus amigos entrava outra vez n'esta Empreza, o qual me trouxe o plano para o custeamento do dito Theatro, com a memoria do que pretende de auxilio para entrar n'esta Empreza. Passo ás mãos de V. Ex.ª o dito plano com a referida memoria do que pretende se lhe faculte, para poder cumprir as minhas insinuações de abrir o Theatro Italiano na proxima Paschoa, e no mesmo pé em que actualmente está.

«He certo que a despeza é consideravel logo que se queira pôr no mesmo pé este Theatro, em que se acha, mas tambem por outra parte é certo que este plano que faz o dito Francisco Antonio Lodi é feito com alguma exageração, e n'este caso deve haver moderação no que pretende na memoria que jun-

ta ao dito Plano; e mê parece que se lhe deve conceder o jogo chamado *Tombola* — que é concedido á maior parte dos Theatros da Italia para conservação da sua decencia e decoro; o dito jogo se compõe de noventa numeros, que em cada semana se extráem publicamente sobre a mesma scena, debaixo das vistas do Inspector e seu respectivo Escrivão, de que o Emprezario recebe vinte e cinco por cento, e ninguem é admittido ao dito jogo sem estar presente; e esta condição obriga a comprar bilhetes para entrar na Platêa e por esta fórma ha maior concurso de gente.

«A outra parte que pretende Francisco Antonio Lodi, é que seja elle quem obtenha a graça de lhe serem vendidas as tomadías das fazendas do Contrabando e desencaminhadas aos reaes direitos; debaixo das mesmas condições em que as teve Antonio José Ferreira, e as tem presentemente os que o substituiram; parece que com estas duas concessões he bastante para que possa trabalhar o Theatro no mesmo pé, em que está actualmente; conservando os Actores principaes ou outros de egual força; e não encontro inconveniente para que deixe de lhe serem conferidas estas duas concessões; visto a Policia tirar vantagem d'este entretenimento, que emquanto ali estão os espectadores escusam de estar por casas de jogo e prostituição, e metterem-se em discursos que lhe não importam.

«Queira V. Ex.ª representar todo o referido ao Principe real regente nosso senhor, e communicar-me com a possivel brevidado a sua real resolução. Lisboa, 4 de Março de

1802. — Ill.mo Ex.mo Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» [1]

Pelo documento que fica transcripto se vê como o Intendente se receava dos botequins, onde se conversava sobre a politica europêa, que levava fatalmente a commentos revolucionarios. Embora Bocage, desde a severidade do Manique, ficasse detestando a politica:

> Longe, um mundo apertado, um mundo inferno,
> Onde ardem furias e triumpha o crime,
> *Onde a negra Politica enroscada*
> *Determina invasões*, desenha horrores...

nem por isso podia deixar de frequentar os botequins, onde era logo cercado pela roda dos enthusiastas, e applaudido. Os amigos pagavam-lhe os cigarros e a genebra para o excitarem e ouvirem. N'este tempo Bocage sentia-se filho da sympathia publica; a sua honradez inquebrantavel, os deveres fraternaes que antepunha a tudo, os quadros dos seus desastres, que narrava do modo mais pittoresco, o improviso instantaneo para aproveitar uma rima feliz no meio da conversa, tudo o tornava querido. Era um homem para quem se fallava, como se fosse um amigo velho, embora fosse a primeira vez que passassem um pelo outro. O botequim que lhe merecia as suas visitas nocturnas ficava acreditado, tinha uma lenda, era concorrido.

---

[1] *Contas,* Liv. VI, fl. 269.

Na Satira de Macedo foram envolvidos tambem os poetas amigos de Bocage, que renovaram os antigos odios e o levaram ao desespero de conceber e escrever o poema heroecomico *Os Burros*. Na prefação que acompanha uma das muitas refundições d'este poema, vem a descripção do *Botequim das Parras*, d'onde Macedo recebeu os mais impertinentes virotões: «O espirito da asneira preparou no centro de Lisboa um domicilio, onde quiz levantar um throno e dilatar o imperio dos sandeos. Uma fatal força centripeta para alli pucha os mais asneirões de todas as classes, e d'alli, como do *Club dos Jacobinos* de Paris, se prepararam e dirigiram os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios e se dirigiram todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da rasão, do gosto, da critica, da poesia e da prosa em que reluzisse um pequeno vislumbre de senso commum. Eu fallo de um Botequim ou Café de um *José Pedro da Silva*, no Rocio de Lisboa, sanctuario conhecido não só dos vagabundos de Lisboa, mas dos estupidos e alarves provincianos... Uma necessidade fatal, que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este Botequim, faz alli presidir a asneira, *desde que o orate* BOCAGE, *levantado de motu-proprio e poder absoluto arbitro do Parnaso portuguez, alli começou a beber e a gritar.* Alguma cousa se susteve ainda a força da rasão nos dias d'este mentecapto; mas eram já muito debeis os effeitos da sua resistencia, e conheceu-se e sentiu-se de todo a preponderancia da estupidez,

quando um verdadeiro sandeu...» D'aqui por diante José Agostinho descreve o *Botequim das Parras* como o fóco d'onde os principaes *Elmanistas*, como o Pato Moniz e outros o atacavam, [1] e metrificavam disticos poeticos para acompanharem as luminarias que José Pedro da Silva fazia em occasiões de jubilos officiaes. [2]

---

[1] Referindo-se a João Bernardo da Rocha Loureiro, e a Nuno Alvares Pereira Pato Moniz: «Escolheram estes dois orates para theatro seu este mesmo Botequim, onde foram aggregando a si tantos e tantos sequazes, que levantaram um como tribunal litterario a seu modo, d'onde se derramou a estupidez para tudo. D'alli correram para o theatro os apontoados de Xavier (Ferreira de Azevedo) e os Elogios de Moniz... D'alli saíu e alli mesmo se alinhavou o maduro projecto de bezuntar de azeite as taboas da testada do mesmo Botequim e de apresentar sobre as suas architraves os retratos dos paes da patria e dos generaes de auxilio em seus respectivos natalicios, distribuindo aos que primeiro bebem, aquellas fatalissimas *folhas* e *meias folhas de versos*, onde parece que se embrulha não só a gelêa mas a quinta essencia da asneira.»

[2] Transcrevemos em seguida as notas ineditas de Macedo e Ferreira da Costa ao Poema *Os Burros*, biographando José Pedro da Silva:

«José Pedro da Silva. Foi porteiro das Côrtes e era dono do *Botequim* de que se trata, conhecido pelo *das Parras*, em consequencia da pintura que por muito tempo conservou; está situado no lado occidental da Praça do Rocio, n.º 15. Por occasião do anniversario de Pessoas reaes ou quando se alcançava alguma victoria contra os Francezes, havia grandes illuminações na fachada do dito Botequim, a que concorria grande numero de pessoas e infinidade de mulheres com taboleiros de bolaxa. A memoria d'estes festejos foi impressa em 1812, n'um volume que tem por titulo *Collecção de Versos e descripção de Quadros allegoricos*, etc. O pro-

Em fins de 1804 fizera José Agostinho re-

---

ducto d'esta obra foi dado pelo dito José Pedro á Casa Pia, estabelecida no edificio do Desterro, para ser applicado em beneficio dos orfãos; e em remuneração d'estes actos patrioticos, sollicitou elle do governo as terras que haviam sido confiscadas a Pamplona, o que não obteve. O predito Café era constantemente frequentado dos melhores poetas e litteratos que então existiam, e bem assim de muitos jogadores de banca e dado.» (Nota do Ms. dos *Burros*, de 1814.)

«JOSÉ PEDRO DA SILVA, dono da *Loja das Parras*, é um caracter péssimo, e protector de quantos ociosos o communicavam na sua Loja, e n'ella se occupavam em politica, versos, xaroto e jogo. Durante a occupação de Portugal em 1808, nenhum homem de bem alli entrava, por estar sempre entulhada de Officiaes francezes e jacobinos portuguezes. Sobre a porta d'ella mandou pintar em grandes letras = *Café Militar*. Este procedimento, unico no seu genero o fez geralmente aborrecido; e querendo lavar a nodoa de jacobino, depois da expulsão dos Francezes, fez avultadas despezas em brilhantes illuminações no frontispicio da mesma Loja, juntando-lhe differentes Quadros allegoricos, Retratos, versos, etc. em transparente, por occasião de victorias notaveis na Peninsula, anniversarios de Reis ou Generaes, tirando por isso mesmo avultados interesses, pela grande concorrencia dos que lhe faziam gasto, a ponto de ter dia em que vendeu cem mil reis. Em todas as epocas se tem mostrado de um espirito inquieto e perigoso ao estado. Pela Revolução começada em 1820 figurou em todos os tumultos populares; foi elle que na companhia de Gonsalo Eunuco, Caldas Procurador e outros apedrejaram as janellas dos consules da Russia, Prussia e Allemanha por não pôrem luminarias a 29 de Março de 1821, em que se juraram as Bases da Constituição. Era voz publica, como maçon que é, que servia de Porteiro (Irmão terrivel) do Grande Oriente ou Sublime Camara de Lisboa. Por muito tempo assistiu e dirigiu a turba que occupava diariamente as Galerias do Congresso das Necessidades, de que recebia uma pensão de 800 reis diarios,

presentar no Theatro da Rua dos Condes a

---

até que em 1823, na segunda Legislatura foi feito Porteiro d'aquelle *Augusto Salão*. Extinctas as Côrtes ficou nullo, e pela demasiada indulgencia do Snr. D. João 6.º passeava impune as ruas de Lisboa, excitando tumultos e espalhando doutrinas revolucionarias; até que em 30 de Abril de 1824 foi preso por ordem do Infante D. Miguel, e solto no dia 9 de Maio, por occasião da prisão d'este bom principe por ordem de seu pae a bordo da náo ingleza Windsor-Castle. Elle andava á testa de grupos que n'estas noites obrigaram a tropa á necessidade de lhe fazer fogo, mas foi tão feliz que escapou com vida e sem ao menos levar com uma bala no corpo, como a outros aconteceu. Na introducção da Carta Constitucional vinda do Brazil em 1826 figurou outra vez este infame (!) nos tumultos que ainda houve, e foi empregado em Porteiro da Camara dos Pares, até que pela chegada do Snr. D. Miguel, hoje Rei, a Portugal, em 22 de Fevereiro de 1828, foi prezo e mettido na Torre de San Julião, onde se acha. Do que fica referido, se póde julgar quanto o P.e Macedo conhecia com tanta antecipação as qualidades d'este patife (!) e quão bem o caracterisa.» (Nota 7.)

«Nos dias de luminarias distribuia José Pedro gratuitamente aos que concorriam á sua Loja pequenos folhetos que incluiam os Disticos e Versos que se liam nas suas illuminações e nos mesmos se comprehendiam tambem Poesias em elogio ao objecto que se festejava, as quaes eram compostas pela turba de ociosos que faziam continua sessão no censorio *Gabinete das Parras*.» (Nota 14.)

«Muitas vezes, para não augmentar a despeza, aproveitava José Pedro, nas suas illuminações as pinturas que já tinham servido, pondo-lhe leves mudanças, ou, quando eram Retratos, dando-lhe nova côr nas casacas e fardas; e por isso se viu no anniversario do principe de Galles, que então era Regente (depois Jorge 4.º) apparecer o retrato de Jorge 3.º, sendo velho e aquelle novo. Viu-se servir o retrato de Wellington para representar o general Blucher, o de Ballesteros o Marquez de La Romana, etc.» (Nota 28.)

sua tragedia *Zaida*, [1] tirada de uma narrativa de Joinville da vida de San Luiz. A situação caricata do dialogo da sombra de Saladino com o sultão do Egypto, prolongado semsaboronamente, fez com que difficilmente se pudesse levar ao fim a representação no meio de estrondosas gargalhadas. Bocage não perdeu esse fracasso de Macedo e vibrou-lhe um soneto:

> Na scena, em quadra tragica invernosa,
> *Zaida* se impingiu (fradesco drama!)

Por esta occasião appareceu tambem com um soneto o discipulo querido de Bocage e seu terrivel vingador Nuno Alvares Pereira Pato Moniz:

> O bochechudo ex-frade, que tem prôa,
> Tragicamente alinhavou *Zaida*.
> . . . .
> Por um triz esperando a pateada,
> O reverendo auctor, que foi roupeta,
> Deu logo ao demo a tragica salsada.

Como ao poeta que mais acompanhou Bocage nos seus ultimos e tormentosos annos, contra elle é que José Agostinho bolsou os versos mais tremendos, e em especial as notas biographicas com que commentava as referencias que lhe fazia no poema *Os Burros*. Transcrevemos aqui essas notas ineditas tanto de Macedo, como do seu exaltado admirador Francisco de Paula Ferreira da Costa;

---

[1] Impressa nas *Obras ineditas* de José Agostinho, p. 209 a 269. Ed. da Academia. 1901.

n'ellas se reflecte tambem o odio politico dos *apostolicos* contra o liberalismo então supplantado. Pato Moniz no *Portuguez Constitucional regenerado* (n.º 92, p. 414, 1821), que elle redigia, refere-se assim a Macedo:

«A nossa feliz regeneração o tinha feito calar e desapparecer; porque os homens da sua infame relé são indignos e incapazes de falar nos negocios de interesse patrio, e de intervir nos actos gloriosos da Nação. Esteve calado um anno...»

Escreve Macedo: «Este Pato... foi dois annos afio tozado, sacudido, e depennado no *Espectador*. (Pag. 5 da cit. Carta.)» Responde Pato Moniz:

«Sim senhor, não ha duvida, eu sou Pato, e Pato d'Alcochete; sou um Pato a quem Vossa Reverencia diz que *depennou*, confessando muito irado que, por mais que *depennasse*, sempre o Pato apparecia emplumado: sou um Pato que, para reparação da moral e da litteratura portugueza, atacadas por *Vossa Reverencia* com o furor de um Brenno, tem proveitosamente grasnado, como outros Patos para salvação do Capitolio: sou um Pato que tem imposto em *Vossa Reverencia* o ferrete da opinião; sou finalmente um Pato que lhe tenho dado e heide dar a morte moral e civil, merecida por todos os grandes perversos como *Vossa Reverencia*, já declarado por Sentença ecclesiastica homem *criminal, facinoroso, e incorrigivel;* e que, se ainda o não foi por Sentença civil, he por duas manifestas razões: primeira, porque o Governo passado, a quem *Vossa Reverencia* torpe, servil e venalmente

serviu, era quasi tão bom como *Vossa Reverencia*, e tal que obrigou a uma Revolução o mui soffredor e mui generoso Povo portuguez; segunda, porque o Governo actual abunda em perdões, como filho da verdadeira liberdade.» [1]

Agora os traços biographicos que José Agostinho ajuntou em nota ao texto dos *Burros*, redacção de 1814:

«Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, um dos burros subalternos d'este poema; nasceu de paes tolos em Alcochete; é dos mais perversos orates do Botequim de José Pedro, socio inseparavel do Loureiro; poeta a soldo da canalha theatral, para onde compoz o escandaloso *Elogio*, que o mesmo Inglez teve a prudencia de não querer ouvir segunda vez. E' um pregão immortal da parvoice d'este orate, que a uma profunda malevolencia ajunta uma absoluta nullidade de talentos, que descobriu de todo na fatal Ode, que começa:

Delphico lavrador c'o rico arado
Sonoro fende thessalas campinas,
E de flores divinas
Tenho todos os sulcos povoado.» [2]

Nas Notas do Ms. dos *Burros*, de Chrispim da Cunha, n.º 20, lê-se: «Este era o maior antagonista de José Agostinho de Ma-

---

[1] O *Portuguez const. regenerado*, n.º 92, p. 414. Pato Moniz, redactor.

[2] Nota de J. A. de Macedo, na copia dos *Burros*, de 1814.

cedo, ao qual fez um poema satirico, que intitulou *Agostinheida*, impresso em Londres em 1817. Compoz outra obra intitulada — *Exame critico do Oriente*, de J. A. de Macedo, impresso em Lisboa em 1815. Escreveu muitas poesias e diversos *Elogios*, para o Theatro do Salitre, mas d'estas producções são bem poucas as que se acham impressas. O seu nome poetico era o de *Oleno*, e residiu por alguns annos na rua das Taipas, em Lisboa. Como deputado ás côrtes em 1822 foi o que mais se pronunciou contra a rainha D. Carlota Joaquina, por esta recusar jurar a Constituição, de que lhe resultou depois de restabelecido o governo absoluto em 1823 ser degradado para as Ilhas de Cabo Verde, aonde faleceu.»

Ferreira da Costa, nas numerosissimas notas dos *Burros* tambem veiu desagravar Macedo, carregando as tintas:

«Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, — era egual a João Bernardo em talentos, porém de melhor origem, mas sem sombra d'aquella que inculcam os appellidos. Foi herdeiro de um mediocre patrimonio, o qual com o dote da velha mulher consumiu na devassidão, nunca deixando de ter amigos. Não tinha emprego algum. Compoz varios Dramas chôchos, para o Theatro durante os annos da Guerra Peninsular, *Selira*, *Irene*, *O Nome*, a *Hespanhola dos Alpes*, a *Estancia do Fado*, etc. E' auctor do mentiroso e infame poema *Agostinheida* (Londres, 1817.) Na segunda legislatura das Côrtes revolucionarias foi feito Deputado das Côrtes pela industria com que se embutiram nos Soldados de Infanteria

n.º 7 as relações para a votação na villa de Setubal, sua patria; foi celebre nas mesmas côrtes pela extravagante moção de que — Os medicos que attestaram a molestia da Ex-Imperatriz Rainha D. Carlota Joaquina lhe fizessem *circulo* no logar do seu degredo, a quinta do Ramalhão, até que estivesse em estado de sahir para Cadiz, como estava decretado, por não querer jurar a Constituição, para cujo logar a deviam tambem seguir. A final foi degradado em Março de 1824 para Angola, onde morreu.» (Nota 11.)

«Durante os sete annos da Guerra Peninsular, correu uma enxurrada de *Elogios* para o Theatro, que era vergonha ouvil-os, quanto mais compôl-os; porém, o que mais o fez notavel foi um intitulado *O Nome*, composição de Pato Moniz.» (Nota 99.)

«Manoel José da Silva Cerva, negociante e accionista do Contracto do Tabaco, conhecido pedreiro, grande protector de Pato Moniz. A' morte de uma filha d'este maçon, D. Firmina, fez um Poema, o Moniz, que intitulou *A Apparição*, impresso em 1818.» (Nota 1119.)

Em 1804 dedicou Bocage o tomo III das suas *Rimas* á Condessa de Oyenhausen (a Marqueza de Alorna;) em uma Epistola dedicatoria, laconica e emphatica, exalta-a:

> A' cantora immortal, da Lysia esmalte,
> A mente, o coração consagra Elmano.
> Mulher deidade! magestosa *Alcipe*,
> Oh grande! Oh primogenita de Phebo,
> Prospere a gloria minha á sombra tua...
>
> (*Epist.* 17. Ed. Act.)

Alcipe escreveu uma Epistola *Em resposta á dedicatoria das suas Obras.* Termina com a nota: «Quando chegou esta Epistola a Lisboa, já *Elmano* tinha morrido.» (Nota da auctora.) E' datada de Londres. Refere-se á corrente revolucionaria:

> Desgostada de um mundo espedaçado,
> Vagando co' ligeiro pensamento...
> Eu vou sósinha entre a corrente escura
> Que a todos leva, aonde? Ah não sei onde...
>
> (*Obras poet.* II, 34.)

A sympathia por Bocage, que *«vence as serpes da inveja»* provocaria o odio de José Agostinho; a seguinte nota biographica posta por Macedo ao poema *Os Burros* o testemunha:

«D. Leonor de Almeida Portugal, depois Marqueza de Alorna, morou por algum tempo no sitio da Boa Morte, d'esta cidade. Os primeiros conhecimentos que teve da Maçonaria foram-lhe communicados por seu marido, que havia tido na Allemanha um dos primeiros gráos d'esta ordem; e é voz constante ter ella sido a principal fundadora da Maçonaria das Damas, que em tempos anteriores se introduzira em Portugal, bem como do Principe Regente D. João 6.º a ter encarregado de formar um novo plano para a reforma da Maçonaria portugueza, o qual estando concluido não se poz em execução por causa da ida da Côrte para o Brazil.»

«A Condessa da Ega, sua filha, era dotada de grande formosura; dizia-se n'aquelle tempo que tinha amisade com Junot, e que em sua companhia passou no palacio e real

quinta do Ramalhão, por occasião dos grandes festejos que ali houve. N'este sitio que fica perto de Cintra, e aonde a rainha D. Carlota Joaquina costumava ir passar alguns mezes como divorciada do marido, entregandose á mais licenciosa devassidão com os seus apaixonados; passando por certo que alguns d'aquelles foram victimas occultas da sua libidinagem, e que sabendo-o o principe seu marido, mandou proceder a devassa, da qual não houve resultado por causa da sua influencia para com a justiça. Os assassinatos perpetrados em uma noite em todas as pessoas da familia de um lavrador circumvisinho, foram-lhe attribuidos por ciumes que teve de uma filha do mesmo namorar um seu valido.» (Notas á copia d'*Os Burros*, de 1814.)

As questões litterarias entre Bocage e Macedo, ou talvez os desperdicios economicos do P.e José Marianno da Conceição Velloso, fizeram com que cessasse o miseravel subsidio que Bocage recebia pelas suas traducções de poemas didacticos. A versão do poema *A Agricultura* ficou inedita, apparecendo posthuma pelo cuidado de Pato Moniz. O seu intimo e gracioso amigo o Morgado de Assentis, gastava o seu tempo e dinheiro em um pequeno theatro que tinha na rua de S. José; para elle foi Bocage encarregado de fazer traducções de Tragedias francezas pseudo-classicas, tão insulsas como os Poemas didacticos.

Entre as traducções de Bocage encontrase a tragedia intitulada *Ericia ou a Vestal;* é uma d'essas obras mediocres da segunda metade do seculo XVIII, que generalisavam a revolução philosophica dos Encyclopedistas.

Como tal é que deve ser comprehendida a intenção de Bocage. A *Ericia ou a Vestal*, escripta por Dubois-Fontanelle, litterato mediocre, era um protesto contra os conventos de mulheres, á sombra de um thema classico. Ericia obrigada por seu pae a fazer-se Vestal, é amada por um joven chamado Ormide, que penetrou no templo de Vesta; no seu arrobo amoroso Ericia deixa apagar o fogo sagrado, e seu pae o Grande-Sacerdote, fal-a condemnar á morte e elle proprio preside ao supplicio. Era por 1763; Fontanelle apresentou á policia a sua tragedia; a policia ou Marin, farejou allusão aos conventos catholicos, e remetteu-a ao arcebispo de Paris, o qual formou uma commissão de curas e doutores da Sorbonne para darem o seu parecer sobre a tragedia. E' claro que os parochos e os doutores opinaram pela interdicção da peça, de que resultou multiplicarem-se as copias manuscriptas da *Ericia ou a Vestal*, alcançando uma fama que o seu valor artistico lhe não dava. Imprimiu-se em 1768 em Londres, e n'esse mesmo anno foi representada em Lyon com espantoso applauso; o theatro na provincia tinha uma certa liberdade, mas apesar d'isso organisou-se uma conspiração devota, que fez com que a *Vestal* fôsse prohibida, e condemnados os vendedores ambulantes do folheto a cinco annos de galeras, e a palida tragedia rasgada e queimada pela mão do carrasco! [1] Quando porém em 1789 a *Ericia*

---

[1] Hollays-Dabot, *Histoire de la Censure théatrale en France*, p. 93.

ou a Vestal pôde ser livremente representada, appareceu insulsa como ingenitamente era, e para sustentar-se em scena teve La Harpe em 1791 de vestil-a com as roupagens da sociedade moderna, fazendo da Vestal uma freira, e do Grande-Sacerdote um padre, mas nem assim pôde ser acceita. Aqui está a obra que seduziu o genio de Bocage; vinha revestida do prestigio revolucionario, e em um paiz de frades e de freiras era na verdade um protesto, e um germen de revolta lançado nos espiritos. [1]

Com a data de 1799 viu Innocencio o autographo da versão da tragedia *Atilio Regulo* (mutilado), por onde se infere quando começou a actividade de Bocage para o theatro do seu amigo Morgado de Assentis. Pato Moniz, em um prologo inedito para os seus versos diz das Tragedias de Bocage: «Das quatro tragedias que havia imaginado, sómente escreveu um acto de *Vasco da Gama*, dous de *Viriatho*, e tres de *Affonso Henriques ou a Conquista de Lisboa.* Quanto porém a *Eulalia ou a Vingança do Amor* que elle rasgou em um dos seus impetos phreneticos, estava completa, faltando-lhe apenas uma das scenas do quarto acto e havendo outra incompleta no quinto.»

Na convivencia dos bastidores é que Bo-

---

[1] E' interessante a nota de Innocencio sobre a representação d'esta Tragedia, sobre os dados que lhe fornecera o Morgado de Assentis ácerca das modificações que Bocage fizera ao texto francez, (*Obras*, t. VI, p. 400.)

cage teve intimidade com o auctor do celebre entremez do *Manoel Mendes Enxundia*, Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, um dos que atacou o caracter de José Agostinho. Em uma nota ao seu poema *Os Burros* escreve Macedo: «Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, dramatico conhecido e acclamado da Padaria, e um dos mais solemnes mentecaptos do presente seculo, e reservado para um poema particular. Sabe compensar a maldade dos dramas com a bondade das alcovitices. Depois da mancebia com a Marianna Torres, dansante de corda e comica, a passou ao Ministro jogador de Bilhar pela nomeação de um logar de Escrevente do Assento, intervindo n'esta transacção o marido da mesma Torres.» Era temivel a penna de Macedo. [1]

---

[1] Transcrevemos a nota de Ferreira da Costa aos *Burros:*

«Antonio Xavier Ferreira de Azevedo não tinha emprego conhecido; era filho de um homem que foi Meirinho dos Contrabandos. Pelo estabelecimento do Commissariado Portuguez em 1812, foi feito Escripturario e Secretario do Encarregado do Deposito dos Viveres em Alcantara, o Ministro Rocha, ao qual em paga d'este emprego cedeu a comica Torres. Tinha particular arte para ensaiar os comicos, conhecer-lhes o genio, e inclinação, compondo por isso uma immensidade de Dramas e Farças propriamente para elles. Estas qualidades concorriam para que as suas producções fossem bem representadas, e applaudidas do vulgo, que não entra na analyse das regras dramaticas e só gosta de chalaças, equivocos e asneiras, de que vem chamar-lhe o P.^e^ Macedo *Apontoados.* Tornou-se um declarado inimigo do P.^e^ Macedo, por este o conhecer bem, e quiz vingar-se personalisando-o publicamente no theatro, na peça *O máo amigo.* Foi pena morrer antes da Revolu-

Em uma nota do Elogio dramatico em prefacio á *Conquista de Ceuta*, de Thomaz Antonio dos Santos e Silva *(Thomino)*, alludindo á primeira parte d'este seu drama o *Condestavel*, diz: «a qual se tinha tambem representado pouco antes e *cujo prologo feito por meu amigo Bocage*, se encontra nas suas *Rimas*.» Macedo tambem lhe não perdoava esta amisade do pobre poeta cego, e encaixou-o no seu Poema *Os Burros* com os competentes traços biographicos. [1]

ção! aliás teriam as Côrtes mais um digno orate. As obras que compoz e traduziu para o theatro são estas:

Dever e Natureza; Sophia e Wolcester; As duas amigas; Inglezas; Zulmira; Sensibilidade no crime; Palafox em Saragoça; Máo amigo; Santo Hermenegildo; Preta de talento; Escrava de Mariemburgo; Eufemia e Adelaide; Bom amigo; Minas da Polonia; Adéli; Verdade triumphante; Marido mandrião; Paz de Pruth; Monges de Toledo; Santo Antonio; Amor e Vingança; Novo desertor francez; Achmete e Rackima; A inimiga do seu sexo; Divorcio por necessidade; Roberto chefe dos Ladrões; Mulher zelosa. Os Entremezes eram: *O Eunuco;* MANOEL MENDES; *Parteira anatomica; Os Doudos; Segunda parte* dos *Doudos*; o *Velho chorão*; o *Taful fóra do tempo;* a *Viuva imaginaria*; *O chapéo;* o *Velho perseguido.*» (Nota 13.)

[1] «THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA, natural de Setubal, boticario de officio. Cegando infelizmente, lhe deram um miseravel azylo no Hospital de S. José, lamentosa situação em que permaneceu. Tem talentos, e pensava com alguma força nos seus verdes annos. De todo se arruinou depois que seu conterraneo Manoel Bocage fundou a pestilenta escola da actual poesia dos Botequins. A mania de imitar o sobredito Manoel e a miseria da sua existencia o desorientaram de maneira que não é possivel encontrar no mais corrompi-

Bocage luctava angustiosamente com a completa falta de recursos, e em Agosto de 1804 acompanha uma Epistola a um amigo com o seguinte bilhete: «Amigo. Um calo que feri me detem em casa, rasão porque não posso buscar-te, e porque lá não fui no principio do mez. Peço-te que me acudas com o que podéres, como tantas vezes; e crê que sou teu grato amigo — *Bocage.* 12 do presente Agosto.»

O desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa (*Vincenio*) admirador sincero de Bocage, e *elmanista*, em uma Epistola que lhe dirigiu em 12 de Junho de 1804 diz-lhe:

> . . . . Caro *Elmano*,
> Coube-te em sorte o genio, que eternisa
> Illustres nomes de Camões, de Horacio,
> E que hade eternisar tambem teu nome.
> Deixa que os outros as riquezas gosem,
> *Elmano* sem riqueza é mais do que elles...
> *Sempre hade haver quem se honre, quando livra*
> *Da penuria a um vate como Elmano;*
> E' *Vincenio* d'esta honra cubiçoso,
> Elle é quem agradece, — elle é quem ganha. [1]

José Agostinho de Macedo não lhe perdoou esta admiração por Bocage, e nas Notas

---

do seiscentismo cousa que se eguale ao que compoz e com que se desembesta em dias de luminarias. Deu em compôr para o theatro, e aqui deu de todo com os bigodes na areia. O drama *Egas Moniz* é o ultimo apuro da demencia humana: o mesmo paciente vulgo o não supportou até o fim do 1.º acto, enterrando-o n'uma d'aquellas pateadas que se chama — o Terramoto de Caracas.»

[1] *Obras*, III, 410. Ed. Inn.

(ineditas) d'*Os Burros* traz a seguinte: «Vicente José Ferreira Cardoso. — Oraculo maior da conspiração, architecto dos planos da Revolução e um dos mais abominaveis cooperadores da invasão franceza n'este Reino. Chôcho auctor da *Septembrisada*, onde não ha phrase que não seja uma asneira. Jaz na mesma ilha (sc. S. Miguel) com a caterva dos outros confrades.» Francisco de Paula Ferreira da Costa, que reuniu todas as elaborações do poema *Os Burros*, e pertencia ao partido absolutista, tambem biographou malevolamente o amigo e valedor de Bocage. [1]

Na sua profunda indigencia Bocage era soccorrido pelos poetas que pertenciam á Maçonaria portugueza. Em um livro manuscri-

---

[1] «VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO — Desembargador da Relação do Porto, desterrado de Portugal por causa da conspiração que se pretendia fazer contra o Principe Regente, de accordo com o Marquez de Ponte do Lima, José de Seabra da Silva, Alorna e outros. Voltou depois a Portugal, e foi acerrimo jacobino e amigo dos Francezes, com os quaes serviu e prestou grandes obsequios, sendo por isso incluido na *Septembrisada*. Foi residir em Londres, onde escreveu um folheto infame em sua defeza contra a Regencia do Reino. Por mais diligencias que fez nunca pôde ser restituido a Portugal, senão quando dominava o Systema Constitucional, ao qual se ligou de todo o coração, sendo por elle encarregado de fazer um Codigo de Leis, dando logo por esboço uma Arvore que em fórma genealogica mostrava as differentes manifestações dos crimes provenientes uns dos outros. Ainda em 1826 tornou a apparecer em Portugal, defendendo os direitos de D. Pedro. Existe foragido fóra do Reino. (Nota 449.) Casou na cidade de Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel) na familia Machado Faria e Maia.»

pto que pertenceu ao general Stubs, — *Papeis varios* —[1] vem uma lista de cento e tres *irmãos*, entre os quaes figuram:

André da Ponte de Quental
Bernardo José Abrantes
Manoel Maria Barbosa Bocage
Hypolito da Costa Pereira
J. V. Pimentel Maldonado
José Liberato Freire de Carvalho
Mathias José de Castro
Belchior Manoel Curvo Semedo, etc.

O nome de Bocage n'esta lista vem-nos revelar como é que nos ultimos tempos da sua doença se encontrou rodeado de uma fervorosa sympathia d'aquelles que depois da sua morte tanto luctaram pela liberdade e chegaram a soffrer o desterro e a morte. Sobre este aspecto o vulto de Bocage destaca-se do improvisador de Outeiros sob que é representado no vulgo.

Entre estes nomes apparece logo o do Dr. Bernardo José de Abrantes e Castro, do qual escreve José Agostinho em nota ao texto d'*Os Burros*, de 1814: «inspector dos hospitaes militares do exercito em 1807.» Foi com o Dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, natural das Caldas, de alcunha o *Gigante de breu*, redactor do *Investigador portuguez*, impresso em Londres desde 1812 até 1818, con-

---

[1] Em poder do nosso amigo Joaquim de Araujo, do qual deu noticia no *Conimbricense*, 5671. de 1 de Abril de 1902.

junctamente com José Liberato Freire de Carvalho: «Este chamava-se anteriormente em 1805, D. José de Loreto, conego regrante de Santo Agostinho, e era socio da Academia real das Sciencias de Lisboa; foi um dos deportados para a ilha Terceira por jacobino, em 1810.» (*Os Burros*, resc. 1814.) Foi no *Investigador portuguez na Inglaterra*, (vol. IV, 1812) que appareceu pela primeira vez impressa a Satira fulminante de Bocage, *Pena de Talião;* José Agostinho de Macedo bem sabia d'onde lhe ventava, e impellido pela vaidade ferida, carregava com todo o seu rancôr contra a *pedreirada*, nome que elle dava á maçonaria e ás ideias democraticas que propagava. A reconciliação com Belchior Manoel Curvo Semedo obedeceria á mesma orientação. Entre esses nomes apontados no manuscripto de Stubs, figura o de *Mathias José de Castro;* este nome colloca-nos na pista da ultima perseguição que se organisara contra Bocage, e que não foi por diante. Em fins de 1802 uma creatura fanatica, D. Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira denunciou Bocage á Inquisição como sendo *pedreiro livre* conjunctamente com um «filho de Mathias José de Castro.» Sob a alçada do Intendente Manique ser *pedreiro livre* era um crime ainda mais terrivel do que para a Inquisição. Para se formar ideia da intolerancia hallucinada de Manique basta o seguinte extracto da Conta de 8 de Agosto de 1799: «Desde o anno de 1788 tenho combatido o estabelecimento dos *Pedreiros livres* n'este reino, tentado por mais de uma vez e quasi sempre por derivações de França; Francisco Giles, cele-

bre d'esta ordem, a pretendeu aqui instaurar, o que não conseguiu por serem evadidos os seus fins pela Policia de Lisboa. Dorighni, que a fundou na ilha da Madeira com especial pretexto de protecção a orfãos e viuvas, viu egualmente destroçado o seu plano por cuidado da Policia. O infame e indigno *Cagliostro*, conhecido pelas suas atrocidades em todo o norte da Europa, foi expulso de Lisboa, onde se tinha introduzido com disfarçado titulo de *Conde Stephens*, pelo receio que transplantasse n'esta capital as suas maximas infames...» [1]

A desgraçada mulher que denunciou Bocage como *pedreiro livre*, era filha do Administrador geral do Correio, Roque Ferreira Lobo, a quem Bocage dedicou o delicioso Idylio da SAUDADE MATERNA, *na prematura e sempre chorada morte da snr.ª D. Anna Raimunda Lobo, sua filha.* Agora podemos transcrever a estupida denuncia:

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. v, fl. 322, *v.*— Podemos completar a enumeração dos esforços de Manique contra as Sociedades secretas, resumindo aqui a data dos seus actos discricionarios: Officio ao Corregedor do Porto, de 21 de Agosto de 1791 para averiguar se ali existiam *Pedreiros livres*, e se se reuniam em loja; outro de 10 de Novembro do mesmo anno a Martinho de Mello e Castro para ser embarcado para fóra do reino João José de Origne, francez; outros de 14 de Maio de 1794; 9 de Fevereiro e 6 de Março de 1795; 3 de Junho de 1796; 19 de Março, 12 e 14 de Abril, 26 de Junho, 6 e 8 de Agosto, 3 de Outubro, e 19 de Novembro de 1799. *Contas para as Secretarias*, Liv. VII, fl. 41. Este documento encerra a summa da gerencia policial do Intendente Manique.

«Eu Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo morador na rua da Era, freguezia de Santa Catherina, da cidade de Lisboa, attendendo ao preceito e obrigação que impôem o Tribunal do Santo Officio aos que souberem alguma das cousas contheudas nos interrogatorios do Edital do dito Tribunal; declara que ouviu dizer a *Manoel Maria de Barbosa de Bocage*, que elle e José Maria de Oliveira e um fulano, do qual não sei o nome, mas que é filho de Mathias José de Castro, o qual ouso dizer que he christão novo, que todos os tres, Bocage, Oliveira, e Castro, do qual não sei nome proprio, eram *pedreiros livres;* e ainda que o dito sugeito o disse debaixo de segredo, ella o denuncía ao Santo Tribunal, obedecendo a seus preceitos. — Maria Thereza Severiana Lobo.

«P. S. — Declaro que sou filha do Administrador do Correio do Reino, e que os sobreditos moram Manoel Maria n'um becco que está na rua Formosa, José Maria dentro do Correio, do qual é escripturario, não sei bem a freguezia, mas parece-me que he das Mercês, e o dito Capitão Castro na travessa da Condessa do Rio, e tão bem não sei de certo de que freguezia é, mas parece-me que he Santa Catherina; tambem declaro que o dito *Manoel Maria* não sei que tenha occupação, e creio que vive das suas obras em verso e não sei se tambem em prosa.»

Isto faz lembrar a velha que lançou mais uma acha para a fogueira de João Hus; esta criatura julgava que ainda estava no tempo das fogueiras do Rocio, por isso que aqui faz carga a um d'esses tres denunciados, como

christão novo. O Santo Officio mandou proceder pela seguinte fórma:

«Tendo Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira dirigido á Mesa do Santo Officio d'esta Inquisição a representação inclusa, se faz preciso, para bem da causa que corre n'este Tribunal, e da justiça do mesmo, attendendo ao estado da declarante e o ser filha familia, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm.^{ce} vendo o que a mesma expõe á sobredita denuncia na primeira occasião que ella se fôr confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denuncia que deu ao Santo Officio, segurando-a que póde livremente expressar e declarar tudo quanto souber a respeito dos particulares de tal denuncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da Santa Religião e da mais pura christandade, antes que este é meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia. E logo no confessionario, ou em outro logar, com toda a cautella, disfarce e segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e authoridade se informará da dita Maria Theodora sobre as circumstancias seguintes: Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado; porque occasião e motivos entraram os trez sugeitos, mencionados na dita denuncia, a tratar na presença d'ella declarante sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo, e á profissão dos mesmos sugeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se diziam

socios, ou se disputavam entre si approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas e sustentando ser ella licita e bôa; se sabe que elles se ajuntem e formem assembleias particulares para tratarem dos negocios da tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos, e quaes sejam estes; se mostraram algumas insignias ou cousas que sejam privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar as prerogativas d'ella. E ultimamente a advertirá que póde e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm.ce proseguido n'esta averiguação, com toda a prudencia e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escripto no reverso d'esta, e a fará entregar n'esta Mesa com a mesma denuncia. Confiamos que tudo execute na fórma recommendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deos Nosso Senhor, mas tambem pelo que interessa a justiça do Santo Officio e o serviço do princepe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deus Nosso Senhor guarde a Vm.ce — Ill.mo Snr. Padre José dos Reis Marques. Lisboa, no Santo Officio em mesa, 23 de Novembro de 1802. Manoel Estanisláo Fragoso — Francisco Xavier de Oliveira Mattos — Antonio Velho da Costa.»

O confessor cumpriu a monita pela seguinte fórma:

«Em observancia d'esta ordem do Santo Tribunal, declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia

á denuncia, e para dar parte ao Santo Tribunal do que fosse preciso a este respeito, e sem que eu lhe désse parte do que sabia antes da sua denuncia, declarou em tudo conforme n'ella se contém; demais disse que não estava certa no tempo que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802, em casa de uns visinhos da sua escada d'ella denunciante, e onde elle e o tal José Maria tambem algumas vezes iam de visita; e disse mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhara em cima de uma banca um triangulo e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua e algumas estrellas e duas mãos dadas, e que dissera, se havia céo n'este mundo era aquelle; e chamando o tal Bocage para vêr, elle se escusou, que não gostava de desenhos, mas instando o dito José Maria veiu com effeito vêr, e disse que d'aquelle que gostava, e apagou-o logo porque não visse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á dita denunciante se um sugeito da dita, escrivão do Crime da côrte chamado Joaquim Manoel seria tambem da mesma sociedade, visto que não esconderam isto d'elle, e que se tratavam por manos, que, segundo lhe tinham dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa do dia em que isto succedeu, mas que fôra depois do meado d'este Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as cousas, não lhe declarou o logar nem o tempo das suas assembleias, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios, tanto n'este

reino como em outros, e que tinham varios signaes com que se entendiam, mas que ella os não sabia, e que nunca a persuadiram a cousa alguma pertencente á dita sociedade; e que além d'isto que tem declarado, nunca lhe observou, cousa que conhecesse ser opposta á religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sugeito ao Santo Tribunal. Lisboa, 28 de Abril de 1803. — O Padre José dos Reis Marques.» [1]

Bocage não chegou a ser preso, porque o processo inquisitorial não teve andamento. A denuncia era d'essas despeitadas a quem o poeta não fazia versos. E' certo que do anno de 1803 não existe signal da actividade de Bocage; a preoccupação moral, o susto de ser a cada instante arremessado ao carcere, a necessidade de procurar a protecção de amigos poderosos, tudo lhe veiu agitar a existencia, e desenvolver a lesão organica de que morreu. Parece que o meio social em que Bocage vivia se tornava mais crasso e degradado; o Intendente Manique ia fazer quarenta e seis annos de serviço ao throno, esmagando a vida intellectual d'este pobre povo, [2] e vinte e dois annos de poder illimitado e immediato ao soberano. [3] Ainda em 1804 escrevia o Intendente ácerca da prisão de um rapaz de

---

[1] Torre do Tombo, *Processos da Inquisição de Lisboa*, n.º 16:125. Este processo nunca esteve perdido, como se poderá inferir dos que attribuiram o seu achado a Innocencio.

[2] *Contas*, Liv. VII, fl. 275.

[3] *Ib.*, Liv. VII, fl. 17.

vinte seis annos: «mandei-o recolher á Torre de Belem, não só para este ser ali corrigido com esta reclusão; se atalhar que o precipite a errada carreira que seguia, e o fazer largar a lição a que principiava a entregar-se de livros impios como *Voltaire*, *d'Argens*, de *Diderot*, *d'Alembert*, *Helvetius*, *Toussaint*, *Villet* e *Rousseau;* mas tambem para com este golpe de authoridade vêr se o estado tira o partido de todos aquelles individuos de eguaes sentimentos abandonarem as conversações e sociedades a que se conduziam, etc.» [1]

Estes mesmos livros começavam tambem a penetrar na Universidade de Coimbra, mas já tardiamente; o Intendente accusa á auctoridade este progresso: «porque o prazer e alvoroço dos membros da Universidade em discursos indiscretos assim claramente o manifestaram, e uma alluvião de escriptos libertinos e escandalosos e egualmente contrarios á religião e aos costumes, como os *Bayles*, os *Frerets*, os *Helvessius*, e os *Rousseaus*, passou ás mãos dos lentes e oppositores, e muitos d'elles ás de uma grande parte dos mesmos estudantes...» [2]

Eram estes justamente os livros de que Bocage precisava, para adquirir noções claras das cousas sobre que se desenvolvesse o seu talento. A época era fecunda de ideias, mas eram esterilisadas em Portugal pelo siroco do Manique. Bocage caíu n'essa atonia, e o seu *elmanismo* e a mechanica da improvisação são a consequencia de quem se achou

---

[1] *Contas*, Liv. VII, fl. 275 (17 de Abril de 1804.)

[2] *Ib.*, Liv. VII, fl. 280 (24 de Abril de 1804.)

circumscripto n'uma área de ideias banaes e sem novidade. Esta asphyxia moral, os constantes abalos da vida fizeram que a sua organisação valetudinaria succumbisse. Em 1804 começou a crise da sua doença. Antes de entrarmos n'esta phase em que Bocage tem a consciencia de que os dias estão contados, porque a aneurisma das carotidas desenvolve-se-lhe progressivamente, tocaremos de um modo rapido o erro das suas composições obscenas, que a predilecção do seculo lhe impoz. Manique ao fallar de uns livros apprehendidos a um mancebo, toca n'essa tendencia do seculo: «cujo livro e papeis não são impios como refere este magistrado, *mas sim obscenos*, e d'aquelles de que ordinariamente os moços pouco instruidos e de máos costumes se servem para se entreterem e levarem ávante os seus fins peccaminosos.» [1] Este documento pertence ao anno de 1804; o seculo XVIII, o seculo da devoção opulenta e do quietismo estava exhausto e queria aphrodisiacos. Bocage lisongeou esta necessidade. [2] A inferioridade era do seculo e não do homem, porque, como Bocage, tambem foram arrastados a esta degradação Caetano da Silva Souto Mayor, Antonio Lobo de Carvalho, Francisco Manoel do Nascimento, e os amigos de Bocage Frei José Botelho Torrezão, o Padre José Agostinho de Macedo, e outros muitos.

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. VII, fl. 276.

[2] Innocencio colligiu todas essas composições no tomo VII das *Poesias de Bocage*, segundo se affirma geralmente.

B) **Doença e morte de Bocage.** (1802-1805)

Liberto das garras policiaes do Manique e forçado pelas circumstancias domesticas, o poeta lançou-se ao trabalho intellectual, que longe de lhe dar serenidade ao espirito, acordou as virulentas rivalidades e as desconfianças da Censura, contribuindo para accelerarem a sua morte. Logo que Bocage se achou solto emprehendeu a traducção do *Gil Blas*, em 1798, interrompendo-se n'esse trabalho por motivos que o rancor de Manique contra esse romance deixa inferir. Tratou de colligir os seus versos para formar o segundo tomo das *Rimas*, que appareceram á luz em 1799; mas a Inquisição retomara a sua antiga vigilancia nos productos intellectuaes, e truncou-lhe parte do seu manuscripto. Era então secretario do Conselho geral do Santo Officio Julião Cataldi; [1] a fl. 11 do manuscripto deparou com o seguinte Soneto, que lhe suscitou todo o rigor:

Vôa a Lilia gentil meu pensamento
Nas azas de esperanças sequiosas;
Amor, á frente de illusões ditosas,
O chama e lhe accelera o movimento.

---

[1] Vem o seu nome nos Almanaks de 1796 a 1800; portanto a censura que elle assigna, pela referencia á Epistola a Rodrigues Chaves, foi ao tomo II das *Rimas* de 1799.

Igneo desejo audaz, que ẽm mim sustento,
Mancha o puro candor das mãos mimosas,
Os olhos côr dos céos, a tez de rosas,
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pezada voz, terrivel grito
Sôa em minha alma, o coração me opprime,
E austera me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, amor, paixão sublime.
Ah! se amar como eu amo é um delicto,
Lilia formosa, aformoseia o crime.

O secretario do Conselho geral do Santo Officio escreveu a seguinte censura: «Além do fogo lascivo, e das imagens indecentes que animam estes versos, o ultimo terceto tem, ou pelo menos é susceptivel de sentido impio, porque n'elle o poeta pretende justificar a mesma paixão impura, a qual no quarteto antecedente havia chamado — Igneo desejo audaz, que... mancha o candor — e o pretende desculpar e justificar a despeito do grito da *lei* e do *rito*: isto é, da natureza e da religião, que o crimina e condemna.»

Bocage teve de justificar-se sendo-lhe facultado responder ao reparo inquisitorial; por essa resposta conheceremos as suas ideias estheticas: «Camões, na Ilha dos Amores, inclue imagens mais vivas, mais núas, mais indecentes, e as bellezas o salvam da accusação. O mesmo se lê em Tasso na Ilha de Armida; entre outras nota-se a estancia onde diz:

Mostra il bel petto le sue neve ignude,
Onde il fuoco d'amor si nutre e desta;
Parte appar dalle mamme acerbe e crude,
Parte ancor ne ricopre invida vesta, etc.

«A boa moral de Tasso consta á posteridade, e a de Camões egualmente. Taes imagens brotaram sempre d'uma phantasia delicada e engenhosa, sem que talvez indicassem coração corrupto. A nudez das graças e a do vicio differem muito; li, que sempre foi licito ao poeta erotico exprimir n'este genero tudo o que pode aformoseal-o, com tanto que envolva em metaphoras ou allegorias o que, sem ellas, fôra aggravante á modestia. Parece-me que o talento não lucra pouco vencendo a difficuldade de pintar com decencia o que dos genios mediocres sahiria torpe. Talvez a inercia do meu pincel, apesar das periphrases e metaphoras, não espalhou n'este quadro as côres devidas; e por isso, e ainda mais pela auctoridade da correcção, o risquei, assim como os tercetos, em que todavia não pretendi inserir a menor impiedade.»

Falta, portanto, este Soneto nas obras de Bocage. A fl. 54 do manuscripto, pôz o inquisidor a censura: «As ideias e sentimentos que estes versos inspiram, são indecentes e deshonestos.» Eram os versos seguintes:

> A nympha............
> Suspirando conduz á praia amena,
> Onde lhe dá dulcissimos instantes.
> D'almos prazeres inefavel scena,
> Sempre te gozem corações amantes.

Bocage respondeu ao reparo com toda a ingenuidade: «Mudado o epitheto — *almos* — no epitheto *puros*, julgo desvanecer aqui toda a ideia lasciva; destruir o mais seria (me parece) apagar, sem causa, a imagem risonha e honesta dos prazeres moraes.»

A fl. 144 *v*. estava a Allegoria tirada de uns versos de Parny, intitulada *A Agua estagnada*, de nove quadras, que terminava:

> Quanto ao negregado tanque,
> Presumo (aqui para nós)
> Que é a prisão d'esses loucos
> Que dizem: — Recebo a vós.

Eis a nota do censor inquisitorial: «Estas palavras — recebo a vós — alludem ao matrimonio; e o poeta chama loucos aos homens que se casam; faz uma injuria gravissima ao genero humano; desacredita o matrimonio; insinúa e insere nos corações dos leitores as lascivas desenvolturas dos amantes vadios; e desauctorisa emfim impiamente os santos vinculos do matrimonio, os quaes Jesus Christo firmou e consagrou com a graça e virtude de um sacramento.»

Bocage conformou-se com a censura, riscando a allegoria da *Agua estagnada*, e respondeu ao reparo: «A respeito d'esta allegoria (composta sem o sinistro pensamento, que parece offerecer, e só filha do estado jovial em que a minha alma a transcreveu) reconheço a importancia das razões allegadas, e em submissão a ellas a omitti totalmente.»

No manuscripto vinha a Epistola a Joaquim Rodrigues Chaves; o censor inquisitorial encommodou-se com os versos em que Bocage referindo-se á sua prisão, escrevera:

> Féra, ardente aversão no inferno accesa,
> Em duro tribunal ousou pintar-me
> Escandalo do céo, da natureza.

Dos vicios, que levava, ousou manchar-me,
Foi escutada a vil; a vil foi crida,
Dura força correu a agrilhoar-me.

De feroz conductor mão desabrida,
Eis me arremessa em horrida masmorra,
Onde co'a morte se parece a vida.

Aqui, longe de haver quem me soccorra,
Na solidão funesta em que desmaio,
Sem que importe ao rigor que eu viva ou morra.

Bocage referia-se n'estes versos á sua prisão politica no segredo do Limoeiro, mas o inquisidor foi sempre notando:

«Por ultimo, a fl. 165, as expressões *Em duro tribunal* — são injuriosas áquella auctoridade, perante a qual o poeta diz que — fôra accusado — e que, sendo escutada e crida esta accusação, correra força cruel a agrilhoal-o, sem que importasse ao rigor, que elle vivesse ou morresse.

«Qualquer que fosse esse tribunal, a liberdade poetica não pode chegar a tanto, que se declare assim contra o modo com que procede a justiça n'estes estados.»

E' curiosa a resposta escripta por Bocage a este reparo, deixando escapar dados pessoaes, que interessam á sua biographia: «Ainda que *duro* seja mais synonimo de severo que de cruel, e que por tanto aquelle epitheto não injurie o tribunal, qualquer que elle seja, corrigi a expressão com o adjectivo *grave*; emquanto porém ao verso: — sem que importe ao rigor que viva ou morra, — aspiro a justifical-o assim: Quem por si ou por outrem, conhecer na desgraça o coração humano, sa-

berá que o crime, e muito mais o erro, necessariamente se queixa do rigor e o julga excessivo. *Que menos póde dizer um infeliz, abysmado em uma das masmorras publicas, d'esta cidade*, onde a insensibilidade dos guardas lhe desdenhava a existencia como superflua? O desafogo d'aquelle verso só a estes allude, e compete a quem, não sendo um perverso, padeceu algumas vezes o que a elles se deve. Confesso, além d'isto, com uma perfeita ingenuidade que me não sinto capaz de substituir áquelle verso outro, que exprima tão bem uma situação lastimosa e desesperada; preferindo antes a suppressão de toda a Epistola a uma parte d'ella, que me parece tão essencial.» [1] Diante da explicação cathegorica de Bocage, a Censura inquisitorial deixou passar a Epistola com o simples retoque indicado.

Depois da censura do Santo Officio passou o tomo II das *Rimas* para a alçada do Desembargo do Paço, sendo ahi a censura formulada por João Guilherme Christiano Muller, que pertencera á anterior Mesa da Commissão geral sobre o Exame e censura dos Livros, dissolvida em 1794, e pelo seu saber fôra admittido na Academia Real das Sciencias. O seu parecer sobre a obra de Bocage é importantissimo, e por certo foi ás informações de Muller que o viajante Link deveu o

---

[1] Estas notas foram transcriptas por Santos Marrecos do manuscripto das *Rimas*, e publicado pelo official da bibliotheca da Ajuda Rodrigo Vicente d'Almeida em um opusculo *Poesias ineditas de Bocage.* Lisboa, 1896. Folh. in-8.º de 19 p.

apreciar Bocage tão superiormente. Eis as palavras do censor regio:

«No manuscripto que V. Mag.de me mandou vêr pela portaria retrò, apresenta o seu prendado auctor novas producções de um raro talento, que lhe assegura um logar distincto entre os vates insignes lusitanos, aos quaes ainda a posteridade fará justiça. Poesias ternas que penetram o coração, e onde de vez em quando luzem vislumbres de esclarecida philosophia, captivando a participação dos espiritos mais meditativos do que sentimentaes, fabulas graciosas, que ensinam a pratica das virtudes as mais beneficas, e promovem a intuição de verdades nunca assás ponderadas, misturadas com traducções que patenteam tanta familiaridade do seu auctor com as bellezas das linguas dos originaes, como tambem o seu accesso no sanctuario dos mais reconditos thezouros do idioma vernaculo, e com Epistolas, Odes e Epodos altisonantes, nos quaes desenvolve toda a força de um genio culto transcendente, unido unicamente com uma phantasia inexgotavel poetica; n'uma palavra, tudo quanto pode servir de documento de um gosto eminente para os mais admiraveis productos de todos os tempos e de todas as regiões do nosso mundo, de mão dada com a singular dextridade de o transplantar sobre o patrio chão, emquanto n'este se cultivam com egual diligencia e feliz successo os seus proprios: de tudo isto é a presente collecção um elegante florilegio. Bem pena é ser inevitavel, que se mostrasse em muitos logares a influencia da atmosphera turbida, carregada e penosa, debaixo da qual

o auctor plantou grande parte d'este rico jardim. Felizmente, porém, se percebe mais o effeito lamentavel d'isto sobre a mente afflicta do poeta, que sobre as flores e fructos encantadores das vergonteas que regou com os effluvios de seu pranto, em cujo afago a sua musa sempre conserva menor o caracter de ministra de inhumanas e indecorosas paixões, do que dictames da razão, moralidade e mimosa discrição, prompto a sacrificar tudo o que pode tentar a fraqueza humana a peccar contra respeitaveis leis, boa ordem social e tranquillidade civil e domestica. Eis aqui as observações que resultam do exame d'este manuscripto, e sobre as quaes se escora o meu parecer, que haverá poucos tão dignos da faculdade que o supplicante solicita. V. Mag.de porém, ordenará o que fôr servido.»

E' uma glorificação consoladora do talento de Bocage pelo sabio estrangeiro que estava em contacto com todos os homens cultos de Portugal. O reflexo d'este juizo vae-nos apparecer na apreciação de Link, recentemente chegado a Lisboa em uma viagem scientifica. Todos lhe fallavam de Bocage como o mais afamado poeta portuguez contemporaneo; dedicou-lhe as seguintes linhas no livro das suas viagens:

«Este auctor vive ainda; comtudo pobre e desgraçado, seguiu o exemplo de Camões e foi procurar fortuna ás grandes Indias. Não se lhe póde negar um talento distinctissimo; sempre senhor da sua dicção, a sua expressão é concisa e energica; e, o que aqui se encontra rarissimamente, é concisa e cheia de harmonia. Evita este tom desemxabido, cho-

ramingas e langoroso que predomina nas obras dos seus rivaes; e embora transpareça na maior parte das suas poesias um colorido melancholico, elle exprime-se sempre com força e com vigor. Evita o escolho contra o qual esbarram ordinariamente os poetas hespanhoes e italianos; quero dizer, que pouco sacrifica aos trocadilhos (*jeux d'esprit*) e aos *concetti*. Comtudo pode-se-lhe censurar a exageração e uma magnificencia excessiva na pintura de certos objectos que exigiriam um tom mais simples; apresentamos aqui um dos seus sonetos, embora não seja o melhor dos que fez, preferimol-o pela relação com o assumpto que trata: é o 32.º sobre a situação das Indias:

Por terra jaz o Emporio do Oriente,
Que do rigido Affonso o ferro, o raio
Ao grão filho ganhou do grão Sabaio
Envergonhando o Deus armipotente.

Cahiu Gôa, terror antigamente
Do Naire vão, do perfido Malaio,
De barbaras Nações... Ah! que desmaio
Apaga o marcio ardor da lusa Gente!

Oh seculos de heroes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na Historia!

Albuquerque terribil, Castro forte,
Menezes, e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias que nos faz a Sorte.

«Não se pode conter o riso ao lembrar-se um outro poema do mesmo auctor sobre a *immaculada Conceição;* apesar de tudo, ahi se acha uma verdadeira pompa de expressão;

parece que teve em vista a imitação da quarta Ecloga de Virgilio por Pope. Em uma outra peça anacreontica em que se dirige á *Rosa*, vemos tudo quanto a lingua portugueza póde manifestar de doçura e sentimento, e uma multidão de locuções bellas, communs a esta nação, sobretudo, quando se falla de belleza; esta poesia perderia tudo em uma traducção [1].

E' natural que Bocage tivesse conhecimento d'este juizo do sabio e bem informado Link; Macedo, que nem de longe é lembrado n'esse capitulo *Sobre a Litteratura e a lingua portugueza*, (Cap. XXXVIII) sentiu por isso mais exacerbada a sua rivalidade.

Sobre estes testemunhos de apreço ao genio de Bocage por estrangeiros notaveis que vieram a Portugal, falla Thomaz Antonio dos Santos e Silva: «O nome de Bocage, não obstante a sua mediana edade, se tinha feito muito celebre inda muito além de Portugal; a sua popularidade o havia recommendado aos mesmos estrangeiros residentes entre nós.» [2] Entre esses estrangeiros, além de Beckford, João Guilherme Christiano Muller e Link, deve incluir-se o celebre gravador Bartolozzi, que tracejou essa bellissima chapa do vulto de Bocage, que elle ainda conhecera, (1802-1805) dando-lhe a expressão do delirio

---

[1] *Voyage en Portugal* depuis 1797 jusqu'en 1799. Trad. de l'allemand. Paris, 1803. Vol. II, p. 194 a 197.

[2] *Collecção de Poesias* na morte de Bocage, p. 27, not. 2.

attonito no olhar de inspirado. José Agostinho de Macedo, que depois de reconciliado com Bocage, poucos mezes passados da sua morte publicava o Epicedio glorificando-o, escrevia em carta de 20 de Septembro de 1806 a Fr. Francisco Freire de Carvalho, então Superior do Collegio da Graça, em Coimbra, encommodado com essa homenagem:

«Viu já a luz a grande estampa de Bartholozzi; acceitou a dédica Antonio de Araujo, vende-se a 800 réis, e gasta-se.» [1]

A consideração de que Bocage se via rodeado dava-lhe força para o trabalho, e logo depois da publicação do tomo II das *Rimas*, reimprimiu em 1800 o tomo I, dado ao prélo em 1791, modificado profundamente, supprimindo-lhe muitas composições e incluindo outras novas. E' então que Frei José Marianno da Conceição Velloso, que em 1800 fora nomeado pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, um dos directores da Typographia litteraria do Arco do Cego, convidou Bocage para verter em versos portuguezes alguns Poemas didacticos francezes. Eram tambem directores conjunctamente com Velloso, Custodio José de Oliveira, Joaquim José da Costa e Sá, e Hypolito José da Costa Pereira. Os poemas didacticos impressos por Bocage, e os que ficaram ineditos, com outras differentes versões que se perderam depois da sua morte, mostram-nos que o poeta pelo seu temperamento impulsivo

---

[1] *Obras ined.* de J. Agostinho de Macedo: *Cartas e Opusculos,* p. 134. Ed. da Academia das Sciencias.

se lançara em uma actividade excessiva com que o organismo debilitado não podia. Em volta d'elle agrupavam-se os poetas de uma nova geração que vinham pedir-lhe a orientação do gosto, e o apoio da sua auctoridade artistica. O primeiro que encontramos é o auctor da *Zargueida*, Francisco de Paula Medina e Vasconcellos; d'elle falla o sabio Link, na *Viagem em Portugal* (II, 198): «Depois de Bocage apontam-se as *Poesias lyricas* de Medina, que appareceram em Lisboa em 1797. Embora contenham grandes bellezas, não attingem a força e harmonia das de Bocage. Os sentimentos graciosos e sobretudo os quadros da natureza sáem-lhe melhor e formam em certo modo o unico merito d'este auctor, natural da Madeira.»

Francisco de Paula Medina e Vasconcellos (*Fileno*) tendo começado o seu poema épico *Zargueida* em 1802, por estimulo de D. José Manoel da Camara, governador e capitão general da Ilha da Madeira, apresentou-o a Bocage para lh'o corrigir, acompanhado do seguinte Soneto *Ao Senhor Manuel Maria de Barbosa du Bocage:*

A ti, vate sem par, cujo estro inflamma
Do numen Patareo o sol fulgente,
A ti, grande Bocage, cuja frente
De sacros louros delphica se enrama;

Cumpre levar o meu Poema á chamma
Da tua sabia critica prudente;
Ninguem mais do que tu independente
Lhe póde grangear perpetua fama.

Segue tu pois da sã justiça o trilho;
Castiga os cantos meus; dá-lhes belleza,
A' tua correcção é que os humilho.

Sejamos immortaes na redondeza:
Tu, dando ao meu Poema eterno brilho,
E eu, só porque tentei tão grande empreza. [1]

Na *Viagem em Portugal*, Link falla de Francisco Solano Constancio como um homem que procurava introduzir em Portugal os modernos conhecimentos scientificos: «Um tal Constancio, que tinha estudado Medicina com sub-

---

[1] *Zargueida*, p. XIII. Bocage respondeu a este soneto pelos mesmos consoantes nas duas quadras; ahi mostra o seu espirito amoroso:

Do misero Machim, da triste Dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra o geme... e que fará quem ama!

Francisco de Paula Medina e Vasconcellos dando os seus versos á correcção de um amigo, diz-lhe:

Tu, que na lyra alti-canoro imitas
O bom *Garção*, o venusino Horacio,
Pulindo-os, faze com que n'elles brilhe
Rutilo ornato.

(*Poes lyr.* I, p. 26.)

E indicando os auctores que ornam a pequena estante do seu gabinete:

Ali se encontra o venusino Horacio,
O suave Virgilio, o terno Ovidio,
O fogoso *Garção*, o bom Ferreira,
O Camões memorando.

(*Ib.*, p. 55.)

O laureado Camões, o grão Bernardes,
O sublime *Garção*, o bom Ferreira,
Não pulsaram sonoros aurea lyra
Na primavera dos seus verdes annos . . .

(*Ib.*, II, p. IV.)

sidio do governo, primeiramente em Edimburgo, depois em Paris, publicando quando esteve em Lisboa, uma dissertação sobre a cultura da soda...» (II, 186.) Era filho do celebre restaurador da cirurgia em Portugal, Manoel Constancio, em cuja familia Bocage era recebido com certa intimidade.

O Dr. Francisco Solano Constancio, irmão de Pedro José Constancio e de D. Maria Margarida, falla tambem da sua intimidade com Bocage: «Era elle dotado da mais fecunda imaginação, de uma facilidade de improvisar rimas apenas crivel; tinha gosto, critica, erudição e perfeito conhecimento dos classicos nacionaes e extranhos; e, não obstante este raro concurso de qualidades preciosas, poucas composições originaes nos deixou ... dignas de admiração e de servir de norma aos vindouros. Que faltou pois a Bocage para se elevar á preeminencia a que o seu grande engenho o destinava? O ter vivido em outro seculo, e ter poetado á face de um publico capaz de o dirigir por uma sã critica. — Só deploro como portuguez, e *como amigo intimo que fui d'elle*, que de tão raro genio, de tão fecunda, rica e brilhante imaginação, colhesse a patria tão escassos fructos. *A elle mesmo fiz repetidas vezes estas observações*, estimulando-o a que deixando trovas, das quaes, pelo pouco que lhe custavam, elle fazia pouco apreço, aspirasse a emparelhar, e até a remontar acima dos vates lusos.» [1] Ha n'este

---

[1] Na Introducção dos *Annaes das Sciencias e das Letras.* (Paris.)

juizo verdade, mas severidade que denuncía qualquer resentimento. Na Satira segunda de José Agostinho de Macedo allude-se ao:

> muito tysico *Epigramma*,
> *Digna paga do medico*, que a sarna
> Te alimpou no Hospital; . . . .

Em um dos Epigrammas de Bocage parece-nos vêr a figura do velho Manoel Constancio tratado por seu filho Dr. Francisco Solano:

> Um velho cahiu de cama;
> Tinha um *filho esculapino*,
> Que para adivinhações
> Campava de ter bom tino.
>
> O pulso paterno apalpa,
> E receitar depois vae;
> Diz-lhe o velho suspirando:
> «Repara, que sou teu pae.
>
> (*Epigr.* 37. Ed. Act.)

Em um caderno de Poesias ineditas de Bocage possuido pelo snr. Abilio de Abreu Malheiro, de Ponte do Lima, vem em seguida á *Voz da Rasão*, a Epistola a Marilia (*Pavorosa illusão da eternidade*) dedicada *A Dona Maria Margarida*. Era a filha de Manoel Constancio, que foi casada com Braz da Silva Consolado, e conservou o retrato de seu illustre pae. [1]

---

[1] *Diario de Noticias*, n.º 13:135. (26-VI-902): *Manoel Constancio*, por A. de Castro.

Pedro José Constancio era um dos mais intimos amigos de Bocage no periodo da insurreição mental que lhe fez produzir a *Pavorosa* e a *Voz da Rasão;* sendo um versificador facil tracejou composições eroticas segundo o costume desenvolto do tempo. Era filho do celebre cirurgião de D. Maria I, Manoel Constancio, que fundara o estudo da anatomia como base scientifica da Medicina; apontaremos os filhos d'este homem celebre: Joaquim Manoel Constancio, Dr. Francisco Solano Constancio, formado em Medicina pela Universidade de Santo André, na Escossia, e colleccionador das obras de Filinto Elysio, tendo sempre protegido o octogenario poeta nos ultimos tempos da sua vida; Pedro José Constancio, formado em Canones pela Universidade de Coimbra, homem alto e forte, prior em Cintra; e D. Maria Margarida. O velho cirurgião viuvou em 1791; passados annos foi encommodado por alguns filhos que requereram novas partilhas em 1798; o velho cirurgião queixando-se dos filhos, allude a Pedro José Constancio, a quem passara procuração para receber os seus ordenados, de os gastar em seu proveito. O filho deixara as ordens ecclesiasticas, e entregava-se á vida dissoluta com Bocage, chegando na sua hallucinação até ao sadismo. Morreu em Elvas, com a edade de 47 annos, em 1828, segundo affirma Innocencio; [1] conta-se que deixou em

---

[1] A data do nascimento fixa-se em 1781, porque seu pae no inventario de 1798 diz ter elle 17 annos.

manuscripto uma traducção de Homero, que está perdida.

Amigo de Bocage, andava com elle na vida desregrada, e improvisando com elle Sonetos eroticos. D'elle diz Innocencio: «Homem de vida extravagante e desregrada, soffria por vezes ataques de alienação mental, chegando a appresentar-se nú em pleno dia ás janellas da casa onde morava, no deserto da rua larga de S. Roque! Compoz grande numero de poesias, quasi todas licenciosas... sendo denunciado ao Intendente geral da Policia por Pedro Alexandre Cavroé, deu logar á reclusão do poeta por alguns dias no Limoeiro; e poderia ter peóres consequencias, se não interviessem os rogos e empenhos de alguns amigos...»

E' de Pedro José Constancio o Soneto: «Para illudir o suspirado encanto...» que se attribuiu a Bocage na edição de 1812, sendo expungido na de 1820. [1]

---

[1] Para illudir o suspirado encanto
Por quem debalde ha longo tempo ardia,
«Um ninho achei, oh Lesbia, (eu lhe dizia)
«Como é dos paes delicioso o canto!

Assim doloso me expressava, emquanto
Um alegre alvoroço em Lesbia eu via;
— Ah! onde o deparaste? (Ella inquiria.)
«Vem, (lhe torno) commigo ao pé do acantho.

Por um bosque me fui c'os meus amores,
Pergunto aos ramos pelo implume achado,
E respondendo só vão meus furores.

Conhece... quer fugir ao laço armado,
Na encósta a vérgo, que afôfavam flores,
Beijo-lhe as iras, fique o mais calado.

Pedro José Constancio tambem acompanhou Bocage na sua doença, e celebrou-lhe a morte em uma *Canção funebre*, que vem na Collecção de 1806.

Link, notando a falta de jornaes em Portugal, escreve: «Comtudo, apparece em Lisboa uma folha hebdomadaria, intitulada o *Almocreve das Petas*, que é lido com avidez, e que encerra anecdotas, dicterios, pequenas composições metricas, etc. — A maior parte dos ditos que ahi se deparam são insignificantes, e as anecdotas tão frias como mal escriptas. Apezar de tudo, no maior numero acham-se alguns objectos muito interessantes; muitas vezes criticas relativas a tal ou tal pessoa. O auctor chega mesmo a chasquear de certos conventos, apontando-lhes a chronica escandalosa. — Rarissimamente um leitor de bom gosto achará entre estas chatezas alguma compensação em uma graça feliz ou um lampejo satirico contra personagens em evidencia; alguns versos que ahi se inserem têm uma ou outra vez algum vislumbre de talento poetico, e alguns não deixam de ter merito.» [1] Bocage desaggravou o gosto da sua época em alguns sonetos em que zurziu José Daniel Rodrigues da Costa, auctor picaresco do *Almocreve das Petas*; transcrevemos um d'elles:

> — Não presta *Coridon*, não presta *Elpino*,
> *Filinto* é ninheria, é lixo *Alfeno*,
> *Albano* falla só do Tejo ameno,
> Só tardes e manhãs descreve *Alcino*;

[1] *Voyage en Portugal*, t. II, p. 188.

Trescala aos Seiscentistas o *Paulino*,
Pois *Bocage!* isso é peste, isso é veneno!—
Roncava charlatão velho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino.

«Quem tem vossas mercês» lhe sae d'um lado
Taful sério do rancho das lunetas,
«Que seja para versos extremado?»

— Quem? (diz o tal): Não façam lá caretas;
Um que dos seus papeis anda pejado,
Poeta de pregões, cantor de *Petas*.

O retrato que d'elle traçou Ferreira da Costa na Nota 304 do Poema *Os Burros*, de Macedo, explica bem o Soneto de Bocage:

«José Daniel Rodrigues da Costa—Administrador da arrecadação da Mesa dos Vinhos, em Belem, (vulgo, malsim) major de uma das Legiões nacionaes, ou dos Chuços, creadas por decreto de 23 de Dezembro de 1808. Este homem tem composto uma immensidade de obras jocosas em milhares de folhetos, que elle vende pela maior parte por sua propria mão aos seus amigos, encaixando-lh'as por força, sempre com o appendiculo:

«—Já viu a minha obra? E' uma ninharia. São trez vintens. Eil-a aqui.—

«Os escriptos mais interessantes, productos do seu engenho, são: *Almocreve das Petas*, *Opios de José Daniel*, *Barco da carreira dos Tolos*, *Hospital dos Doidos*, *Mundo ás avéssas*, *Camara optica*, etc. E' rigorosissimo no seu emprego de malsim, e acerrimo na disciplina dos Chuços.» Bocage pinta-o magistralmente:

Falla em *opios*, em manas, falla em primas,
Diz cousas de que a plebe não desgosta;
Malha em peraltas, na ralé disposta
A saltos, macaquices, pantomimas.

Por estas, e por outras que tem feito,
Verá qualquer leitor, nas obras suas,
Que elle para versar nasceu com geito.

Acham-se em tendas, acham-se em commuas,
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio auctor por essas ruas.

Outro novo poeta da ilha da Madeira, Francisco Alvares da Nobrega, incluiu nas suas *Rimas* tres Sonetos *Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage*:

Versos que produzi, Cantor do Sado,
Ao tinir do grilhão aspero e duro,
Em cadafalso infame, horrido, escuro,
A diversas paixões abandonado;

Vão, como os teus em tempos desgraçados,
Ministrar novo pasto ao zoilo impuro...

AO MESMO:

Sem par *Elmano*, a quem do Pindo a chave
Franqueara o Pastor do loiro Amphriso,
Quando mal te apontava ao rosto liso
A sombra, que afugenta o brinco ignave;

Mana dos labios teus nectar suave
Se copías de *Armia* o doce riso;
Fallar por tua bocca um Deus diviso,
Se tratas da Moral sisuda e grave...

Ao lêr os Versos teus, presado *Elmano*,
Teus Versos, meu thesouro e meu feitiço,
Quanto um Augusto para ti cubiço,
Que á gloria excelsa os elevasse ufano!

Se nos pintam *Tritão* carpindo o engano
Do astuto Amor aos votos seus remisso,
Sôa o seu buzio concavo e roliço,
Como a tuba sôou do Mantuano.

Tem o mundo indolente em odio inerte
O ouro que te sáe da rica vêa,
Sem que te anime, e o genio teu desperte.

E o que inda mais seu proceder affeia,
A's vezes mesmo em damno teu converte
Os thesouros, que ao sabio o céo franqueia.

(*Rimas*, p. 22.)

Nobrega em um Soneto a *Lineo*, refere-se com extremado louvor ás traducções dos Poemas didacticos por Bocage, taes como *As Plantas*, *Consorcio das Flôres*, a *Agricultura*:

Por um pouco arredando as sombras frias,
Dá passagem suave aos teus louvores,
O vasto *Elmano*, o Mestre dos Cantores,
Teu applauso desperta em nossos dias.

Sobre a tacita campa a que baixaste,
Agil te esfolha com a mão profusa,
Mais lindas flôres, que as que tu libaste.

Vestiu ao nosso trage a tua Musa,
Se eras grande até aqui, maior ficaste,
E até teu mesmo original se escusa.

(*Ib.*, pag. 23.)

Em uma Ode ao joven poeta Nuno Alvares Pereira Pato Moniz (*Olcno*), chega Bocage a proclamal-o o herdeiro da sua lyra:

Moniz, oh puro amigo! Oh socio, oh parte
Do já ditoso Elmano!
A's Musas, como a mim, suave e caro!
De lagrimas e flores
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
Não só longa amisade,
Novo, sacro dever te exige extremos:
Da lyra minha herdeiro,
Meu nume Phebo, e teu, te constitue;
Phebo apoz mim te augura
Vasto renome, que sobeje aos évos:
(E' dos annos vantagem,
Não vantagem do engenho a precedencia)
Teu metro magestoso
Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,
Teu metro scintillante
Das Virtudes mimoso, acceito ás Graças,
Turvem saudades, canta
Alguma vez de *Elmano*, e chora-o sempre...

(*Ode* 23. Ed. Act.)

As desgraças da época não deixaram cumprir o vaticinio de Bocage. Em nove de Fevereiro de 1800 o Conde da Ega, Ayres de Saldanha de Albuquerque, casara em segundas nupcias com a formosa D. Juliana, filha da Marqueza de Alorna; essa dama, que chegou a ser celebrada nas cantigas populares por causa das suas galantes aventuras com Junot, brilhou nos versos de Bocage sob o nome arcadico de *Julina* pela sua incomparavel belleza. Na Epistola a Ayres de Saldanha, allude á ausencia de Portugal da admirada *Alcipe*, a Marqueza de Alorna, á qual em 1804 dedica o tomo III das suas *Rimas*:

... como a grande *Alcipe*,
Com pejo de existir cá onde ha morte,
Ousara demandar no affoito adejo
Plagas immensas, onde tudo é vida;
....

Oh, nova irmã de Phebo, *Alcipe! Alcipe!*
Musa do Tejo! Altisona cantora!
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma
A amenidade, o viço ao genio mirra,
Tu manda, tu despede um raio, um raio
Do immenso eterno sol que em ti reflecte!
Dá-me effluvios subtis da accesa ideia,

. . . .

Tal podes atear-me a sacra flamma,
E, deusa, quasi um deus tornar *Elmano!*

(*Epist.* 20. Ed. Act.)

Na sua ingenuidade, Bocage dirigia-se na Epistola ao esposo de D. Juliana, convidando-o a contemplar essa belleza incomparavel:

No seio animador de quanto existe
Volvendo, revolvendo a Natureza,
A vêr se no fervor, se nos transportes
Com que de ethereos dons, com que de encantos
(Ignotos aos mortaes) ataviara
D'alva *Julina* o divinal composto,
Houve encanto, houve dom, que lhe escapasse.

Bocage morreu a tempo para não assistir á derrocada da sociedade official e aristocratica, que tanto exaltara; da alva *Julina*, cantava depois o povo com sarcasmo:

O Junot quando embarcou,
Embarcou no caes da pedra,
Com a lagrima no olho
Pela Condessa da Ega.

A Condessa chora, chora,
Chora sem consolação,
Que o seu Junot arribou
A' quinta do Hortelão.

Olha a Condessa da Ega,
Que anda a cavallo n'um cão,
Pedindo ao ladrão Junot
Que lhe dê a sua mão. Etc.

Nas *Recordações de uma Embaixada*, a Duqueza de Abrantes allude a esta aventura amorosa do general seu marido: «Uma mulher que tinha não sómente amado muito meu marido, mas que se tinha compromettido por elle a ponto de o comprometter tambem, quiz, passadas as fascinações do amor satisfeito, persuadir o publico que ella nunca se importara com Junot. Mas o mais comico, é que foi a mim, a mim confidente de meu marido depois de acordado d'este somno lethargico, que ella vinha contar cousas de um gosto detestavel para me provar, assim como ao publico, que ella nunca tinha amado o duque de Abrantes...» (*Souvenirs*, t. II, 231. Ed. Brux.) A auctora das *Recordações* ria-se da escusa dos amores dada por D. Juliana pela superioridade da belleza do complacente marido.

Como observara Link, inquirindo os livreiros, Bocage era o auctor mais lido; o poeta para corresponder aos pedidos dos livreiros tratou de procurar muitas das composições que espalhara durante o periodo mais agitado da sua vida airada.

Para subsistir, Bocage foi forçado a publicar em 1804 o terceiro volume das suas *Rimas;* muitas d'essas composições andavam dispersas por mãos de amigos, desde os tempos em que o poeta, no fervor da inspiração, espalhava os versos a esmo, como a donzella a quem caíam perolas ao fallar, nos contos de fadas.

Em uma *Epistola* do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, allude-se ás versões do quadro da Pharsalia, o *Bosque de Marselha*, do episodio da *Jerusalem libertada*, *Eduardo e Gildipe*, feitas por Bocage e conservadas em poder d'este amigo, que contribuiu com ellas para o terceiro volume das *Rimas*:

Porém, benigno Apollo conhecendo
Os ardentes desejos de minh'alma,
Dos divinos thesouros de seus cofres
Riquezas veiu dar-me de ti dignas,
Que offer'cer-te pudesse, e sem receio.
Dous manuscriptos são, de letra tua,
Ambos filhos do genio que te inflamma;
Vê-se n'um trasladado de Lucano
O *Bosque de Marselha*, antigo e negro,...
N'outro se pinta com mais vivas côres
Do que Tasso pintou, a infausta sorte
De *Eduardo e Gildipe* succumbindo
Do barbaro inimigo aos golpes duros...
Estes dois manuscriptos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes,
Perdidos!... Como haviam de perder-se...
Eia, pois, um thesouro te remetto
Nos versos, que te mando, e que o teu nome
Eterno hão de fazer.................. [1]

Os estragos profundos que minavam o organismo de Bocage eram conhecidos pelos amigos; e os Epigrammas que elle improvisava contra os medicos eram um meio para reagir contra a impressão deprimente que lhe deixavam alguns recommendados avisos. Por uma Epistola de *Salicio a Elmano*, a que

---

[1] Ap. *Obras de Bocage*, t. III, p. 405. Ed. 1853.

Bocage respondeu em 1804, vê-se que Sebastião Xavier Botelho tivera noticia de que Bocage se achava muito doente e fallecera:

> Sobre erguidas montanhas, que rodêa
> Da foz do Tejo a caudalosa enchente
> . . . .
> Co'a mente do philosopho indagando
> A sabia Naturêza, que risonha
> Em meigos quadros dividida observo:
> . . . .
> Quando assim me entretenho, oh caso horrivel,
> . . . .
> Lugubre voz, que as Furias arrancaram,
> Filha do Averno, me espedaça o peito,
> Revôa junto a mim com azas negras,
> E diz-me soluçando: ELMANO *é morto!*
> . . . .
> Eis que o céo bemfeitor por mais espaço
> Não quiz soltar a rédea aos meus tormentos;
> Eis da grata verdade a voz sonora
> Envia em meu soccorro, e de improviso
> Poz termo ás afflições, que me finavam.
> Agora, *Elmano*, o mesmo céo piedoso
> Te conserve qual és . . . .
>
> (Ed. Inn., t. III, p. 398.)

Sebastião Xavier Botelho, que acompanhou a transição do regimen absolutista para o da Carta, sobreviveu a Bocage trinta e cinco annos, falecendo em 21 de Março de 1840. Bocage fallava da sua morte com desdenhosa mofa, como se vê no seguinte soneto, que anda desgarrado pelas Eroticas; n'elle faz o balanço da sua vida:

> Lá quando em mim perder a humanidade
> Mais um d'aquelles que não fazem falta,
> *Verbi-gratia* — o theologo, o peralta,
> Algum duque, ou marquez, ou conde ou frade;

Não quero funeral communidade,
Que engrole *sub-venites* em voz alta;
Pingados gatarrões, gente de malta,
Eu tambem vos dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enchada idosa
Sepulchro me cavar em ermo outeiro,
Lavre-me este epitaphio mão piedosa:

«Aqui dorme Bocage, o *gandaeiro*,
Passou vida folgada e milagrosa,
Comeu, bebeu, *gosou* sem ter dinheiro.» [1]

Este soneto foi contradictado pela vida de trabalho em que se achou desde 1799, fazendo numerosas traduções em verso e em prosa, continuando a impressão das suas *Rimas*, correspondendo com improvisos ás homenagens dos amigos, até que em 1805 viu-se assaltado pelo primeiro ataque da lesão cardiaca, que se manifestara pela syncope. N'este anno publicara Manoel Pereira Thomaz Pinheiro e Aragão (*Almeno Tagidio*) o seu *Jardim das Musas e dos Sabios, ou Flores poeticas estrangeiras e nacionaes;* Bocage acompanha esse producto insipido do arcadismo com o seguinte soneto (p. 15):

Canta, não cales, atilado *Almeno*,
Os sons d'antiga Roma, Grecia antiga,
Na margem de ouro florescente e amiga
Canta, que o Tejo te ouvirá sereno.

Fel de amarguras, de paixões veneno,
Nos genios tristes placido mitiga;
Que docemente os animos obriga
O verso mavioso, o verso ameno.

---

[1] *Poesias eroticas*, II Son.

Tambem thezouros tens de phantasia,
Propria riqueza extrae, e um almo encanto
A' morte, ao gosto, ao sentimento envia;

Os aureos hymnos continúa; emtanto
Por milagre verás da melodia
Em delicias moraes ferver meu pranto.

Almeno Tagidio respondeu «em parodia gratulatoria»:

Se alguma vez affoito pôde *Almeno*
Do Lacio e Achaia inflar a tuba antiga,
Foi quando, *Elmano*, a tua Musa amiga
Tornou meu fado, de cruel, sereno, etc.

Na *Saudade materna*, Bocage põe na queixa da desolada mãe de D. Anna Raimunda Lobo as phrases da mais delicada ternura:

«Numes que a possuís, que m'a invejastes,
Era digna de vós, eu d'ella indigna!
(Soluçando, a miserrima exclamava.)
Mas valham prantos meus o que eu não valho.

. . . .

Os genios divinaes, que em vós adejam,
Candida imagem da innocencia d'ella,

. . . .

No despojo mortal, formoso e caro,
Soltando almo calor, bafejo ethereo,
Acordem graças, insinuem vida!
Não careces, oh Céo, de seus encantos.

. . . .

Noites, bem noites os meus dias sejam,
Emquanto eternos sóes lá são teus dias,
De um puro e dôce amor, oh dôce prenda,
Espirito sereno, alma querida,
Que no mundo, em ti mesmo o Céo gosavas!»

Bocage já estava bastante doente quando lhe contaram a morte prematura de D. Anna Raimunda Lobo, e ao seu estado allude:

> . . . . e que faria Elmano
> Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?
> Sagrou, *com debil mão, no leito infausto,*
> A' cinza amada luctuosos versos,
> *E quasi reviveu* para choral-a.

A *Saudade materna* foi publicada no anno de 1805; n'este mesmo anno incluiu nos *Improvisos* na sua mui perigosa enfermidade o Soneto XVI: *A uma Donzella de extremada belleza, de rara virtude e morta na flor dos annos.* E' acompanhado de uma nota: «Pediu-me pessoa que virtuosamente a amava; e a magoa do assumpto, *apurada na tristeza da minha situação,* deu um Soneto que talvez penhore os corações ternos.»

A ternura do poeta sublimava-se no soffrimento, attingindo a expressão ideal nas duas quadras improvisadas «*Na morte de uma sobrinha,* falecida em 21 de Março de 1805:

> Trocando amargas horas
> Por dôce eternidade,
> Gemeu co'a Natureza,
> Folga co'a Divindade.
>
> O que é nos céos contemplo,
> Contemplo o que era aqui;
> Gemi por que gemia,
> Rio por que ella ri.
>
> (Ed. Act., III, 315.)

Em um dos Sonetos dos *Novos Improvisos* (p. 11) poz Bocage a nota: «Na proprie-

dade, de que habito um dos andares, tem morrido ha quatro mezes um homem de mais de sessenta annos, *uma de minhas sobrinhas, de edade de cinco*, e ultimamente uma moça de dezoito.»

Bocage em um soneto satirico reage contra a exploração que os cegos vendedores de folhas volantes faziam do seu nome, porque apregoavam pelas ruas o folheto extrahido das *Novellas exemplares* de Cervantes, a *Hespanhola Ingleza*, cuja versão era attribuida a Bocage, que estava então quasi moribundo; vem no soneto alguns traços pittorescos, como:

> Mercenario pregão de cego andante
> . . . .
> Audaz impinge semsabor novella
> Munida de um *Bocage* altisonante.
>
> (*Son.* 375. Ed. Act.)

Nos folhetos encontra-se o nome escripto pela seguinte forma *Bocache;* tanto os cegos, como o publico e o proprio poeta desconheceram o verdadeiro traductor. Vimos uma edição do folheto, de 1748, assim intitulado:

Historia nova, famosa e exemplar da Hespanhola Ingleza, traduzida da lingua hespanhola no nosso idioma portuguez, e dada á luz por REINERIO BOCACHE. Lisboa, na Officina de Pedro Ferreira, 1748.

Vê-se que esta publicação é anterior ao nascimento do poeta, e que se reproduziu mais tarde sem intenção de explorar o seu nome glorioso. Formava desde muito tempo parte da nossa litteratura de cordel, explora-

da por privilegio official pelos cegos, reunidos em corporação. [1] O Soneto termina:

> A gloria me insta, a colera me inflamma;
> Eu, eu brigo! Oh *Perpetua*, dá-me a espada.
> Mas, ai! Hercules *só brigou na cama.*

Na folha avulsa em que saiu este Soneto em 1805 com o titulo de *Desaggravo jocoso*, vem a nota ao nome de *Perpetua:* «Criada de semblante exotico, e antiguidade immemorial.» E ao fecho do Soneto: «Primeira aventura de Herculos soffreando no berço os Dragões.» O poeta ainda gracejava com a doença.

Já no leito da agonia e desprovido de recursos, alguns amigos de Bocage acudiram em seu auxilio; o poeta glorificou-os em um Soneto, com que abriu a collecção dos *Improvisos — na sua mui perigosa enfermidade*, em 1805:

> Terno *Paz*, [2] bom *Maneschi*, [3] *Aurelio* [4] caro,
> *Alvares* [5] extremoso, *Almeida* [6] humano,
> *Ferrão* [7] prestante, valedor *Montano*, [8]
> *Moniz*, [9] que extraes teu nome ao tempo avaro;

---

[1] No seu estudo *Manoel Maria du Bocage*, t. II, p. 229, José Feliciano de Castilho, querendo explicar o nome *Bocache* do folheto dos cegos, cae em peior erro escrevendo: «A *Hespanhola ingleza* é um conto de Boccacio.»

[2] Francisco José Paz.

[3] João Pedro Maneschi.

[4] Marcos Aurelio Rodrigues.

[5] Antonio José Alvares.

[6] Joaquim Pereira de Almeida.

[7] Prior dos Anjos.

[8] José Ventura Montano.

[9] Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Freire, [1] *Vianna*, [2] *Blancheville*, [3] oh raro
Moral thesouro, que possue *Elmano*,
Socio de Flora, [4] e tu do som thebano
Oh *Cysne!* [5] E tu, *Cardoso*, [6] em letras claro;

Monumento honrador da Humanidade,
(Se o Fado me sumir da Morte no ermo)
Grata vos deixa cordeal Saudade.

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes com benefica Piedade
Nuncios, nuncios de um Deus ao Vate enfermo.

Os poetas *elmanistas* começaram a dirigir versos sentidos, confortando Bocage com exaltados louvores; foi então que José Pedro da Silva, o dono do *Botequim das Parras*, teve a ideia de reunir em um pequeno folheto com essas poesias os ultimos *Improvisos* de Bocage, e distribuindo-o pelos amigos alcançar donativos para lhe minorar a penuria; foi auxiliado n'este intento pelo thesoureiro da Junta administrativa e litteraria da Impres-

---

[1] Gregorio Freire Carneiro.

[2] Gonçalo José Rodrigues Vianna.

[3] Diogo José Blancheville.

[4] O P.e M.e Fr. José Marianno da Conceição Velloso.

[5] João Vicente Pimentel Maldonado.

[6] O Desembargador do Porto, Vicente José Ferreira Cardoso.

«Devo tambem mencionar honrosamente: o Doutor Manoel Joaquim de Oliveira, medico em Lisboa; o meu amigo Polycarpo, da rua nova da Rainha; o Director do Correio geral; e José Maria de Oliveira, filho do Administrador dos Seguros do mesmo Correio; todos para commigo instrumentos da Providencia.»

são regia, Marcos Aurelio Rodrigues. Na *Collecção dos novos Improvisos*, confessa no primeiro Soneto:

> Que do Vate *arreigado em triste leito*
> Doiras c'um sol benigno o tempo escuro;
>
> Por ti, de novo á Patria dar procuro
> Versos, que a dôr e a gratidão têm feito...

Em nota accrescenta Bocage: «Foi sempre com os thesouros da Memoria e da Fama, que os Poetas pagaram a seus bemfeitores; mas esta paga será sempre mui valiosa para as almas sensiveis e elevadas.» E no Soneto a José Pedro da Silva, que termina com o bello verso: «Pagava em metro o que devia em oiro» confessa:

> . . . . zeloso engrossas
> Bens, que mesquinho Apollo aos seus permitte,
> Que os, não longe talvez do ermo limite,
> Agros meus dias, compassivo adoças.

Transcrevemos aqui a seguinte carta inedita de Bocage referente aos *Novos Improvisos*:

«Am.º — A segunda Collecção está a imprimir: he volumosa e creio sahirá em breve. Dá esta noticia ao nosso fervoroso J. Pedro. Saberás que me embirraram com = o *Deus Filinto* = e que por evitar debates puz = o grão Filinto = muito menor, mas boa expressão, e que mantem a energia, se não o atrevimento poetico. Tambem usando o jus sodalicio, puz = Patria nossa = onde puzeste mi-

nha, porque somos do mesmo paiz. Dize ao Vicente Pedro[1] que=item, fui obrigado a substituir á expressão=Lysia, barbara Lysia=a de=Ah terra! Terra ingrata=por cortezia pelo que quer que seja.

19 de Julho de 1805.

Teu

Bocage.»

Entre os poetas que visitaram Bocage na sua grave doença, e o glorificaram, apparecem-nos os seus antigos inimigos da *Nova Arcadia*, Belchior Manoel Curvo de Semedo, Miguel Antonio de Barros, José Agostinho de Macedo, e Soyé, auctor das *Noites Josephinas*. De quem partiria a iniciativa para a reconciliação? Antonio Maria do Couto, no prologo ao *Motim litterario*, diz que o Dr. Frei José Maria de Santa Anna Noronha, que dirigira espiritualmente Bocage, é que lhe recommendara que se reconciliasse com os seus inimigos; o frade paulista, que se doutorara em 1792, era então um dos mais afamados prègadores da capital, e já tinha rejeitado uma mitra. Bocage chegava ao mesmo espirito de reconciliação por outra via, não pelo ascetismo nem pelo stoicismo, mas pelo sentimento:

---

[1] Vicente Pedro Nolasco da Cunha. Em uma nota ao poema d'*Os Burros*, (n.º 421) é chamado *Gigante de breu* por ser muito alto e muito trigueiro. E' o traductor do poema didactico *Jardim botanico* de Erasmo Darwin, e auctor da tragedia *Triumpho da Natureza.*

Mas, ah! Mais sabio que Zenão, o Eterno
Fonte ás lagrimas deu, deu fonte ao riso,
Co'a lei das sensações meu sêr governo.

(*Improvisos*, p. 9.)

E em nota explica-se, descrevendo a sua situação: «Quando o homem crê visinhar com o seu Nada (o Nada universal) as sombras que o envolvem e abafam as suas paixões, se rarefazem e esvaecem aos lumes da Justiça e do desengano; ou já lhe brote sobrenaturalmente n'alma este phenomeno, ou já por que, evaporado o seu amor proprio, attente mais nos outros que em si. Eu, talvez n'esse estado, ou não longe d'elle, confesso ingenuamente, que, pela suavidade e apuro do metro (nas composições lavradas com mais disvello e mais gosto) pelas flores, pelos esmaltes poeticos de que as amenisa e formosêa, (em especial as bacchicas) *Belmiro* está mui sobranceiro aos Engenhos vulgares. A rasão me pede que lhe honre o merito; e o coração, que lhe releve, talvez, a injustiça com que trabalhou remover-me de um grão havido da Voz publica.» No Soneto VI dos *Improvisos* já proclama Miguel Antonio de Barros e José Agostinho de Macedo, entre os seus amigos queridos:

Canoro *Melibeo*, por quem derrama
Inveja e Gloria, o nectar e o veneno . . .

Elmiro, que de Sóphia o grão thezouro
Revolves, possessor, com mão suprema . . .

Dae-me que o Lethes sorvedor não tema;
Por vós comprado ao tempo em versos de oiro,
Cysne talvez que sóe á hora extrema.

Nos *Novos Improvisos*, em um Soneto a José Agostinho, Bocage proclama emphaticamente: «Versos de *Elmiro* os tempos avassalam,» e termina: «*Elmano* viverá da gloria tua!» (p. 13.) Estes versos de Bocage respondiam á Ode horaciana com que José Agostinho de Macedo se apresentara no momento da sua reconciliação na Travessa de André Valente; fazendo o contraste das caducas grandezas materiaes com a eternidade das creações ideaes, assenta ahi o louvor de *Elmano*:

Inda de Mantua o Cysne intacto existe
No oceano dos tempos e dos mundos,
    E a par d'elles voando
Esta victoria obtens, fadado *Elmano*.

Embora vejas negrejar de perto
Para os concavos céos triste cypreste,
    Que á tranquilla virtude
Mostra a patria primeira e asylo extremo;

Entre as sombras do tumulo divisa
A inextinguivel lampada, que brilha,
    E que em volume eterno
Mostra teu nome sobranceiro aos évos.

Tire embora do carcere terreno
Substancia eterna, que teu corpo anima,
    A fria mão da morte;
Co'a duração d'um sol teus versos vivem.

Ouviu-te o Ganges, coroou-te o Tejo,

. . . .

Do nada zombam teus cadentes versos,
E a sombra do sepulchro em luz convertem;

. . . .

Acceita, acceita, *Elmano*, a ingenua offerta;
Teu nome alli publíco; e mais um brado
Pela *voz da justiça*
E *antigo amor*, á tua fama ajunta. [1]

José Agostinho de Macedo, essencialmente rhetorico, dedicou-lhe no momento mais lancinante da doença uma Epistola, em que lhe faz a apotheose:

Tejo soberbo, és emulo do Tibre,
E's em Cysnes tambem rival de Eurotas.
Meu threno se esvaece á voz de *Elmano;*
Tem por sua rival sómente a Morte.
Geme presa a seus pés bramindo a Inveja:
Dos Genios lusos o maior é elle,
Quando de Apollo os dons e a voz das Musas
Em repentinos turbilhões desata.
Da Gloria ao templo o merito o levanta,
Dos outros Vates no sepulchro a inveja.
Pousa e descansa, e se apascenta em vivos;
A par d'elle cansou, e *Elmano* é vivo!

. . . .

Do Ménalo, do Tejo e Sado e Ganges,
Carpindo as Nymphas que o escutaram, clamam.
— Bem digno de perdão, se os surdos Manes
Soubessem perdoar!... Emtanto, os Vates
Um diamantino escudo oppondo ao monstro,
E que não pedem versos! A sanhuda
Foice nos áres encostada fica.

. . . .

Inda suspensa está; respira *Elmano.*»

(*Novos Improvisos*, p. 67 a 71.)

---

[1] Esta *Ode* appareceu publicada na *Mnemosine lusitana*, t. I, p. 196, em 1816; transcripta por Castilho (José) no *Manoel Maria du Bocage*, vol. III, p. 105.

No *Epicedio na morte de Bocage*, José Agostinho reconheceu o talento de *Elmano* como traductor:

E se deste o não teu, venceste o alheio,
Pelo imperio botanico vaguêa
Castel; Delille nos *Jardins* se esmera,
Brilham muito no Sena, e mais no Tejo
Se em lusitana voz seu canto soltam.
Tinhas n'alma o terror, no estylo o pranto,
Se Melpomene acaso, alheia e tua
Na magoada *Vestal* dava um gemido.

(No *Ramalhete*, vol. III, p. 80.)

A Satira da *Pena de Talião* estava inedita, não entrara no tomo III das *Rimas* de 1804; quando em 1812 com intuito malévolo foi publicada no *Investigador portuguez*, todos os velhos odios de Macedo revivesceram, manifestando-os de um modo atrabiliario.

Na reconciliação com Curvo Semedo, sente Bocage a consternação dos ultimos momentos:

Agora que a seu lobrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro;

Musa de *Elmano* e Musa de *Belmiro*,
Una-se a gloria sua á gloria minha.

(*Son.* 334. Ed. Act.)

Nos *Improvisos* e *Collecção de Novos Improvisos* falta o Soneto de João Sabino dos Santos Ramos *A Manoel Maria Barbosa du Bocage na final molestia, desenganado da sobrevivencia*, ao qual Bocage respon-

deu pelos mesmos consoantes. Diz-lhe ahi Sabino:

> Tua mente extrahiu-se ao globo insano;
> E o Poder que te prostra moribundo
> Quer n'outra esphera dilatar-te ufano.
>
> (*Rimas*, p. 13.)

Ao que Bocage replicou com um traço do seu caracter:

> Da Fama o phrenezi me torna insano,
> Porém do coração cáe moribundo
> Em breve o cego amor de um nome ufano.
>
> (*Son*. 321. Ed. Act.)

D'entre os poetas, amigos de Bocage que o celebraram na sua doença, apenas João Vicente Pimentel Maldonado e Joaquim Severíno Ferraz de Campos não acompanharam esse côro de sympathia. Por isso Bocage resentira-se escrevendo: «— *Ismeno:* João Vicente Pimentel Maldonado, já louvado por mim. *Alcino:* Joaquim Severino Ferraz de Campos, tambem por mim louvado, *e cujo silencio fere uma constante amisade, contrahida na desgraça e esquecida na fortuna.*»

O trabalho, que para Bocage se constituira um refugio, tornava-se-lhe impossivel pelo aggravamento do seu estado. Diz elle a respeito do antigo enthusiasmo: «E' o mais a que sobe o triste Bocage. Se tenta alongar o vôo, logo uma *accelerada palpitação lhe adverte o perigo* d'esta imprudencia...» Na Ode ao seu constante amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, escripta como diz na epigraphe, para se esquecer com os versos da dura realidade das

cousas, queixa-se do enfraquecimento do seu cerebro, e do adiantamento da aneurisma: [1]

> Já meu estro, Moniz, apenas sólta
> Desmaiadas faiscas,
> Em que as froixas ideias mal se aquecem:
> *Elmano* do que ha sido
> Qual no gesto desdiz, desdiz na mente:
> *Diástole tardia*
> *Já da fonte vital me esparge a custo*
> *O licor circulante...*
>
> (*Ode* 23. Ed. Act.)

---

[1] «A IRREGULARIDADE DA CIRCULAÇÃO SANGUINEA com as suas consequencias sobre a acção nutritiva produziria uma condição do cerebro comparavel ao que chamamos a *irritação* para os outros orgãos. Sem ser uma verdadeira inflammação, ella é notada por uma impressionabilidade excessiva, por uma diminuição da energia funccional, e por uma excitabilidade que se perverte facilmente; etc.» (Maudsley, *Pathologie de l'Esprit*, p. 205.)

«O ALCOOL fornece um dos exemplos mais simples das perturbações mentaes, que produz uma substancia extranha introduzida no sangue. A cada phase de uma loucura artificial succede uma outra em um curto espaço de tempo, e temos em chronica resumida, a historia da loucura. O primeiro effeito do alcool é produzir uma excitação agradavel, uma corrente activa de ideias, e uma actividade geral do espirito, — condição que lembra a que precede ás vezes um ataque de mania; produz-se depois, como na loucura, perturbações sensoriaes e motoras, e uma excitação automatica das ideias que as disperta e as traz sem ordem umas apoz outras, de sorte que ha mais ou menos incoherencia nos pensamentos e na linguagem, e ao mesmo tempo a paixão excita-se facilmente e toma differentes formas segundo o temperamento individual; no fim de um certo tempo, mais ou menos longo, um periodo de depressão e de melancholia succede á phase precedente, do mesmo modo que as convulsões cedem o logar á paralysia; a ultima scena é de demencia e pasmo.» (*Ib.*, p. 208.)

N'este estado de apathia e desalento ainda escreveu os seus mais eloquentes Sonetos; como os sentenciados á morte, elle moralisa sobre o seu passado:

Nestóreos dias, que sonhava *Elmano*,
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceae do orgulho insano:

Plano de um numen contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça e quer que aborte;
Eis, eis *palpita, percursor da morte,*
No tumido aneurisma o desengano...

(*Son.* 349. Ed. Act.)

Sempre crente no ultimo periodo da doença, ao lembrar-se do que podia produzir desespera-se, e adopta a vaga noção do *Nirvana* buddhico, por ventura adquirida quando viajou na India e na China:

Mas da humana carreira inda no meio
Se a debil flor vital sentir murchada,
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, de eternidade ufano e cheio:
Adeus, oh mundo! oh natureza! oh Nada!

(*Son.* 306. Ed. Act.)

Sob o influxo do frade paulista Frei José Maria de Santa Anna Noronha, que, como escreve Innocencio «mereceu a preferencia de ser chamado por Bocage, como aquelle de quem esperava consolação e allivio no derra-

deiro periodo da sua ultima enfermidade», [1] entrou o poeta em uma conformidade christã. E' valioso o Soneto ultimo que ditou como synthese da sua vida:

Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;
Ah! cego, eu cria; ah, misero, eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas, eis succumbe, natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus! oh Deus... quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

(*Son.* 307. Ed. Act.)

O falecimento angustioso de Bocage foi ás 10 horas e um quarto da manhã de 21 de Dezembro de 1805, no quarto andar do casebre n.º 11 (hoje 25) da Travessa de André Valente. José Agostinho de Macedo, nas *Considerações mansas* (p. 35) diz: «expirou-me nos braços em 21 de Dezembro de 1805 pelas onze horas e meia da manhã...» Macedo captara a confiança da irmã do poeta, que lhe entregou alguns manuscriptos; elle proprio o confessa: «Morreu de uma neurisma

[1] *Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo*, p. 26, nota.

na arteria cervical interior do lado esquerdo; foi conduzido pelos amigos ao cemiterio da freguezia das Mercês, e depositado na sepultura n.º 15.» [1] Em uma nota de Ferreira da Costa ao poema *Os Burros* (redacção de 1814) lê-se, que falecera «sendo morador na Travessa de André Valente, n.º 11, 4.º andar, aos Paulistas, e jaz sepultado junto a Nicoláo Tolentino de Almeida, seu contemporaneo, na freguezia das Mercês.» Na *Collecção de Poesias á Memoria de Boccage*, escreveu Thomaz Antonio dos Santos e Silva (p. 78): «Para que a Posteridade não fique indecisa, devemos confessar, em obsequio de uma Côrte sensivel e instruida, que a beneficencia e o numeroso concurso de Amigos, lhe prestaram um funeral assás decente, e superior ao menos á sua limitada fortuna.»

Nas *Rimas* de Sabino (João Sabino dos Santos Ramos) o soneto XVI descreve algumas circumstancias do enterro de Bocage em um dia chuvoso:

> Que sons de nenias lugubres escuto!
> Ah! já Bocage é morto! A campa honrando,
> Exequias funeraes lhe celebrando
> O Céo, té lagrimeja e veste luto.

---

[1] *Ramalhete*, vol. IV, p. 252. — Nas noticias genealogicas da familia dos Barbosas du Bocage, por Joaquim José Barbosa du Bocage, filho de um primo co-irmão do poeta, lê-se que: «Bocage faleceu em 21 de Dezembro, dia de San Thomé, *pelas 10 horas e um quarto, da noite*, — e foi *sepultado na Egreja do Convento de Jesus.*»

Em uma nota a este ultimo verso accrescenta: «Chovia mansa, mas desusadamente, e os áres se olhavam tão tristonhos, que pareciam exceder as leis mechanicas da natureza.» Foi debaixo de um continuado aguaceiro de Dezembro que se fez o enterro do poeta. Em uma outra nota escreve Sabino: «Algumas eximias obras se disseram depois do enterro de Manoel Maria Barbosa du Bocage (que casualmente encontrando) d'este modo a alguns amigos manifestei os meus sentimentos, tendo presenciado o triste funeral.» Sabino fôra tambem um dos poetas que dirigiram Sonetos (n.º VII) «A Manoel Maria Barbosa du Bocage na final molestia, desenganado da sobrevivencia.» Mereceu a distincção de uma «Resposta de Bocage pelas mesmas consoantes.» [1] A lembrança da violenta tempestade que acompanhou a morte e enterro de Bocage conservou-se por muito tempo, servindo para carregar a côr funebre nas Elegias que lhe consagraram; Francisco Freire de Carvalho, que celebrara Bocage na sua doença, em uma Elegia á sua morte escreve:

> De agouros precursor, caudal Cometa
> Certo, deveu girar nos céos de Lisia,
> Eu o vi, eu o vi, prenhe de estragos,
> Toldar de negro fumo os horisontes,
> Qual do romano Heroe no triste exicio.
> E que mais agro, funebre presagio
> Podéra annunciar o teu ecclipse? [2]

---

[1] *Rimas* de J. S. dos S. R., p. 13 e 14. Lisboa, MD.CCC.VIII. In-8.º

[2] *Collecção de Poesias á Memoria de Manoel Maria Barbosa du Bocage, um dos melhores portuguezes*, p. 46. Lisboa. Na Impr. regia. 1806. In-8.º de 79 p.

Nos *Poemas* de Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva (Coimbra, 1808), vem um Soneto á morte de Bocage:

Triste Ulyssêa, já na campa fria
O teu *Elmano* jaz, que foi outr'ora
Do teu grande fulgor robusta escóra,
Teu prazer, teu amor, tua alegria.

(P. 50.)

Em uma Nenia *A' nunca assás pranteada morte de M. M. B. du Bocage*, allude ao grande temporal, que precedeu o seu falecimento:

— Que, (diz consternada, pallida Lisboa)
Horrida causa minha paz perturba?
Que vejo em torno a mim? que horridas côres
Meus amarellos horisontes tingem?
Nuvens e nuvens pavorosas, feias
Meu pólo assombram como nunca, triste!
Dias ha tres, que o sol não mostra as luzes...
Nas minhas praças só silencio mudo!...
Batem nas praias marulhosos mares!...
Que escuto? =*Elmano* já perdeste, oh Lisia;
Nem sempre os torreões o raio insultam.=
Que voz terrivel! Como, oh céo, podeste
A negra sorte declarar de *Elmano?*...
A' desesperação toda me entrego...
Minha *Arcadia* expirar? Quem crerá isto?
Das minhas glorias o matiz pomposo
Para sempre expirar com a morte d'ella!

(*Poemas*, p. 126.)

Na sangrenta Satira segunda de Macedo vaticinando a morte de Bocage, acham-se alguns versos que a depressão do espirito nacional tornou verdadeiros:

Dos louros em logar crescerão couves
Sobre essa honrada lápide, que amanha
Cultivador coveiro ás enchadadas.

A capella em que Bocage foi sepultado junto á egreja dos Paulistas, na Calçada do Combro, profanada, passou a ser allugada aos hortelãos da grande cêrca, onde tambem se estabeleceu jogo de chinquilho e venda de vinho a copo. Os ossos de Bocage não foram atirados á lama do boqueirão da Mouta, como prognosticava Macedo, mas perdeu-se a noticia do logar aonde jazem. Antonio Maria do Couto na Noticia biographica de Bocage (p. 45) escreveu: «Para ser tudo quasi parelha em Bocage com Camões, é que o seu enterramento se fez em sepultura indistincta, sem signal que a designasse, que devera ser nova e descriptiva.» [1]

Herculano, no *Elogio historico* de Sebastião Xavier Botelho, que fôra amigo de Bocage, vem como todos os criticos ao parallelismo de Camões, referindo-se á fama do seu nome e á indigencia até na morte: «Depois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro poeta popular; como Camões, foi pobre, foi criminoso e foi malfadado; adormeceu como elle, muitas vezes no balouçar das vagas do ocea-

---

[1] Sobre o logar da sepultura de Camões, appresenta Couto a seguinte noticia extraordinaria, cuja origem não indica:

«A de Camões (por ser muito pobre) foi em outro tempo primeiramente no adro de S. Justa, da qual Fr. Luiz de Sousa, ainda no seculo, da Casa de Alorna, e depois frade dominicano, por ajuste pecuniario o trasladou para o côro debaixo das Freiras de Santa Anna; mas sem lápide, que será preciso de todo esfolinhar para levar seus ossos ao Pantheon designado (hoje) S. Vicente de Fóra...» (Couto, p. 45.)

no, e como elle orvalhou de lagrimas o pão do desterro, e *veiu morrer na patria sobre a enxerga da miseria.*» Ainda na sua morte coincide uma tremenda catastrophe nacional, que o aproxima de Camões; o Cantor dos *Lusiadas* expira antes da invasão do exercito de Philippe II em Portugal, e Bocage morre sem ter testemunhado a invasão do exercito napoleonico e a deserção de D. João VI. Em volta de Camões é que se agruparam os partidarios da independencia nacional, e foram os amigos de Bocage os que soffreram preparando ou sustentando o admiravel movimento revolucionario de 1820, que impelliu Portugal para a corrente da civilisação moderna.

Depois da morte de Bocage os poetas seus contemporaneos glorificaram-o em sentidos threnos, em 1806; n'esses versos, deixando de parte aquelles que apenas exprimem a emphase admirativa, ha muitos que encerram traços da physionomia moral de Bocage, que são necessarios para o seu estudo. E' um documento precioso o Epicedio composto por José Agostinho de Macedo, pelas confissões ingenuas com que alevanta o valor moral e intellectual de Bocage; devem fixar-se esses gritos reparadores de uma consciencia.

No *Epicedio á morte de Manoel Maria Barbosa de Bocage*, exclama José Agostinho de Macedo:

> Cahiste tu tambem, victima infausta,
> A mim tão caro, a Portugal, ao mundo,
> A's Musas, ao Saber, cahiste, *Elmano*...
> ....
> Antecipada mão do tempo avaro
> Rompeu a têa da existencia tua...

Sem premio um talento ás Musas dado.
Vida mesquinha e pobre, em Mar e em Terra,
Eu no berço da Aurora, ou no Occidente
Errante, e triste e só, sem pae, sem lares,
Da compaixão pendente, e da ternura
Dos homens meus eguaes, e ao jugo atado
Da dependencia, da penuria sempre;
Em mim que a somma das virtudes muito
Dos feios vicios excedera a somma...

. . . . foi teu nume
Sempre a verdade cá. Se o labyrintho
Das férvidas paixões, quaes turvas ondas,
O teu peito agitou, tornado á calma
Eras recto, eras bom, justo, mavioso;
E deu-te a Natureza o mór presente,
Um docil coração: n'elle conserva
A virtude ascendencia, o vicio acaba,
E a fagueira illusão cede á verdade.
. . . .
Vi-te em braços co'a morte, e vejo agora
A pouca terra que teu corpo encobre;
Aviva-me a saudade a infausta scena.
Onde heide achar egual no dom das Musas?
Onde mais prompto engenho, éstro mais vivo?
Mente vasta, deposito dos Vates,
Todos eram teu dom, teu Genio todos.
Poucos tem que te opponha ou Grecia ou Roma.
. . . .
Severo rosto te mostrou no berço
Desventura cruel, seguiu-te os passos,
Satellite fatal, no mar, na terra;
Viu-te o Tejo indigente, o Ganges pobre;
Privado de ár commum gemeste em ferros;
Louvavam-te o talento e enregelavas,
Como esquecido ao premio, aos teus, á patria,
De lar em lar girando afflicto e triste,
Envolto em nuvens de desgraça sempre,
Porém, ao mundo, que te admira, e deixa,
Deste o grande espectaculo do Sabio
Que Seneca immortal digno chamava...
Ante os golpes da sorte inteiro e mudo,
Jámais te ouvi queixar . . . .
C'um ai não blasphemaste a Providencia.

Tranquillo ser quizeste, isso que fôste
Das Musas no thezouro achaste tudo...
Foi tua vida ephemera, se conto
Os breves dias da existencia tua,
E hade ser entre nós teu nome eterno;
Rasa campa te encobre entre outros mortos.
. . . . emquanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton,
Lhe hade lembrar tambem de *Elmano* o nome. [1]

Tambem em um folheto independente foi publicada em 1806 uma Elegia anonyma á morte de Bocage, convidando os Poetas seus amigos para lhe entretecerem o seu epitaphio para a posteridade. Será essa Elegia obra de Antonio Araujo (conde da Barca) grande admirador de Bocage? O facto de ser anonyma a Elegia indica uma cautella de politico:

Cingi, ó Musas, funebres cyprestes,
E as niveas roupas que traçaes contentes
Sejam tornadas luctuosas vestes.

. . . .

Morreu *Elmano!* oh dura lei da sorte!
Elmano que do Ismeno herdara a Lyra,
Delio seguia em rapido transporte.

Elmano que domando ao Tempo a ira,
Por elle á Eternidade apresentado,
Surge ao clarão intenso que respira.

---

[1] Este Epicedio de Macedo foi mandado imprimir por Diogo José Blancheville em *signal de amisade* na Impressão regia em 1806, em um in-8.º de 14 pag. Foi depois incluido no tomo VI das *Poesias de Bocage* em 1842, a pag. 28.

No *Ramalhete*, vol. III, pag. 78 a 80. (1840.) —Reproduzido por Castilho (José), na ob. cit., III, 112 a 119.

Morreu *Elmano!* Que injustiça, oh Fado,
. . . .

Mas onde vôa o louco pensamento!
Se as tristes invectivas que derrama
São vãos queixumes de que zomba o vento.

Antes, da *Lusa Arcadia* os Vates chama,
Puros votos devidos á amisade
Sobre a campa d'*Elmano* lhe reclama.

Ali altar erguido á sã verdade
Gravem, testemunhando terno pranto,
Epitaphio a que gema a posteridade.

Ali ao sepulchral e negro manto
Se ajunte a taciturna companhia
A' luz funerea do incombusto amiantho.

. . . .

Morreu... (e damno egual nunca soffreste)
O atilado censor, que nos mostrava
Da perfeita harmonia o dom celeste.

Que attento os nossos hymnos escutava,
Modesto corrigia, e que em franqueza
O são merecimento confessava.

Quem possue esse dom, essa inteireza
Dos meritos alheios exultar-se,
Só d'almas grandes foi sempre a nobreza.

Quem poderá deixar de consternar-se
A' falta de um amigo, um Vate, um sabio,
Com que Lisia esperava sublimar-se!

. . . .

Não bastava que os dias seus passasse
Na misera escacez que a vida rala,
Mas que em fertil estio a decepasse! [1]

---

[1] *A' morte de Manoel Maria Barbosa du Bocage* — Elegia. (Armas reaes) Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1806. In-8.º de 11 pag. (E' anonyma.)

O discipulo de Bocage, Francisco de Paula Medina e Vasconcellos *(Fileno)* publicou avulsa na Impressão regia em 1806 uma Elegia á *deploravel morte* do *grande e incomparavel* Manoel Maria B. du Bocage. (In 16.º, de 14 p.)

Entre os poetas que tanto glorificaram Bocage depois da sua morte, destaca-se na Collecção de 1806, o seu patricio e amigo Thomaz Antonio dos Santos e Silva, *(Thomino Sadino.)* Os traços physionomicos do auctor da *Sepultura de Lesbia* e da *Brasiliada*, acham-se em uma nota de Ferreira da Costa ao poema *Os Burros*, quando era principalmente dirigido contra os *Elmanistas:* «Thomaz Antonio dos Santos e Silva, cego, coxo e pobre, sujo e indigesto, que residia em um pequeno cubiculo junto á porta do Hospital real de San José, concedido pelo enfermeiro-mór D. Francisco de Almeida. Era continuo socio da sabia *academia das Parras;* sua patria a Villa de Setubal; morreu em 1820.» (Nota 48.) Elle não se esquece de aproveitar esta circumstancia, como se vê por esse Soneto:

«*Em resposta a outro do meu Amigo o Senhor Bocage*

Quando, apoz esta lugubre fadiga
Eu pize o ledo alcáçar do Futuro,
E que os vastos salões de um ár mais puro,
Não cego, e o pé não lezo, affouto eu siga;

Se lá no centro d'essa estancia amiga,
Dado inda então me for volver seguro
Os olhos da lembrança sobre o duro
Arido solo da existencia antiga;

Porque se suavise a agra historia
De meus ais, e do fado meu tyranno,
Bastará que eu retrace na memoria:

— Que minha Patria a Patria foi de *Elmano;*
Que em seus dias vivi; e que se ha gloria,
Gloria me foi seu plectro mais que humano. [1]

Nos versos elegiacos da Collecção de 1806, Santos e Silva espalhou muitas noticias biographicas e impressões da intima convivencia com Bocage:

Malquerenças só viste, viste inveja,
Odio, rancor; então mais refinados,
Quanto mais leda a bocca te festeja.

Viste altos chefes d'obra mal julgados
Por sinistro Aristarco; e vãos louvores
Devidos a Virgilio a Mevio dados.

De engenho e arte originaes primores,
Nobre effusão dos Numes concebida,
Hostia vistes de estupidos Censores.

Fogachos de uma flamma, que contida
Não a véda a Rasão, trocado o nome
Tratar viste por culpa desmedida.

Outro qualquer suas paixões não dome,
Menos só o Instruido, o Douto menos,
Que o Douto e o Instruido não é home.

Viste então duro exilio a desamenos
Frios Getas; de ferros abafada
Eis viste emanação dos Céos serenos.

Fructo e flor, plagiaria mão danada
Roubar-te viste, qual sagaz coruja,
Que á noite sorve a lampada sagrada.

---

[1] Thomaz Antonio dos Santos e Silva, *Poesias originaes e traducções*, t. I, p. 392. Lisboa, 1806.

Alva expressão, que a neve sobrepuja,
  Para que em dobro o furto escandalise,
  Envolta viste em pôdre phrase suja.

Viste do Zoilo estulto a falsa crise;
  Rindo-te a quem macula o teu decôro,
  Afagando tu mesmo a quem te pize.

. . . .

No recinto esmoler, caritativo,
  Que azylo já te foi; na crise extrema
  Dos Tassos e Camões... oh lenitivo!

. . . .
  O que viste no Tejo em Asia o viste.

Ah! da gloria montado o excelso cume,
  A expensas de mil golpes malfazejos,
  Que mais buscava aqui teu sacro lume?

Não! oh Bocage! basta que adoçadas
  Olhasses, por amiga mão piedosa
  Tuas acerbas horas rematadas;

Mão pobre como tu, mas generosa,
  Que no seu fundo ao ultimo teu prazo
  Pezar soube tua alma virtuosa.

. . . .

Demos, que na penosa estrada antiga
  Ias ávante; n'isso o que ganhavas?
  Mór susto, mór desgosto, mór fadiga.

No verde estio ao pezo tu vergavas
  Da rude marcha; ao disco da barreira
  Lá sobre o secco inverno, o que esperavas?

«Se Bocage, com as suas obras podesse transmittir á posteridade o seu dom de improvisador, é então que elle se cobriria de um louro indisputavel; a sua promptidão, a

fecundidade, a belleza de seus pensamentos e a sua numerosa constancia, vão n'esta parte fazer entre nós uma falta, que tarde se supprirá;...» (*Collecção de Poesias*, p. 28, nota 11.) [1] Thomino fixou o typo de Bocage no soneto:

DESENHO DE ELMANO

Louro um tanto, e escasso no cabello,
Testa ampla, egual aos dons que recolhia;
Estreitos olhos garços, em que ardia
Um fogo innato, que amedronta ao vêl-o;

Modico o labio, e a barba, ou carne ou pello,
D'Ovidio o naso, que no meio erguia,
Baça a tez, onde leve malha havia,
Bexiga rara; não enorme ou bello;

Magro e debil, mas válido em linguage,
Curvado hum pouco, medio em estatura,
Genio instavel, sem pouso, nem parage;

Muito abstracto, faceta a phrase pura;
Eis o fiel retrato de Bocage,
Muito maior em pezo que figura.

(*Coll.*, p. 29.)

---

[1] Sobre o talento de improvisação de Bocage escreve Pato Moniz: «E na verdade, só José Agostinho, porque diz mal de tudo, ou só quem nunca ouviu *Elmano*, poderá não admirar os seus *improvisos!* Elles eram talvez superiores a quanto póde imaginar-se; eram milagres de Estro.» (Satira *Elmiro*, nota 11.)

Inda tenho presente a vez primeira
Em que adoçou teu Canto meus ouvidos,
Nem passa da minha alma a derradeira.

Tu prendeste mil vezes meus sentidos
Com teu sublime ou delicado Canto,
Hoje me arrancas férvidos gemidos.

(Malhão, *Coll.*, p. 49.)

. Que é de *Elmano?*... que bem te desconsolas!
N'este Hospital não é; (torna um amigo)
Mas enfermou, *e nutre-se de esmolas.*

(*Ib.*, p. 33.)

«*Apparecendo um Soneto jocoso feito por Bocage na maior força da sua perigosa doença,*» fez Santos e Silva o Soneto semi-biographico:

Esse que infante, a sôrvos tragadores
Sã doutrina, que jovene requinta,
Bebeu do sabio Pae, luz hoje extincta,
Caudal então de metricos fulgores.

(*Ib.*, p. 36.)

Em nota consigna a noticia do talento poetico do pae de Bocage: «O Doutor José Luiz Soares de Barbosa, gravissimo Jurista, e excellentissimo Poeta, falecido ha poucos annos; e que em uma edade avançada, á imitação em tudo do grande Young, ajuntava a uma erudição prodigiosa um fogo extraordinario.» (*Novos Improvisos*, p. 30.)

SONETO HISTORICO

Berço e Paes [1] te prestou ditoso Sado,
Prestou-te logo a farda o Deus da Guerra;

---

[1] «Nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage na Villa de Setubal em Septembro de 1766 (?); foi seu Pai o Bacharel José Luiz Soares de Barbosa, tão insigne Poeta, como erudito Jurisconsulto, cujo ultimo logar de Lettras, segundo a minha lembrança, foi o de Ouvidor da Cidade de Beja, d'onde voltou a advogar na mesma Villa, sua patria, e ahi faleceu ha poucos annos; teve por sua mãe a D. Marianna Joaquina Xavier Du Bocage, descendente da celebre poetisa franceza do seu cognome.»

A' Patria tu serviste em Mar [1] e Terra,
Qual a serviu Camões, com egual fado;

Lá do Ganges volveste ao Tejo amado,
E entregue então aos dons que Phebo encerra,
Viste que o Vate excelso os passos erra,
Como os errou intrepido Soldado!

Manto audaz da Calumnia, que te immola,
Te prendeu [2] em cruel masmorra escura,
D'onde te salva da innocencia a estóla;

Feio aneurisma [3] te prostrou sem cura;
E dão-te emfim por graça e por esmola
A Corôa os Céos, Lisboa a Sepultura.

---

[1] «Na edade de 14 annos assentou praça de Cadete no Regimento da mesma Villa, d'onde passados 4, se transferiu para Guarda-Marinha das Reaes Esquadras; no mesmo posto, em rasão de alguns dissabores, se embarcou depois para os Estados da India, e foi Tenente de Infanteria de Goa; d'aqui fez uma digressão a Macáo, na China, e supponho que foi n'esta viagem onde naufragou, á semelhança em tudo do grande Luiz de Camões, salvando alli a maior porção das suas poesias, que se acham no seu primeiro Tomo; tornou da Asia pedindo a sua demissão, e chegou a Lisboa em 1791 se me não engano.»

[2] «A vivacidade dos seus talentos, que ainda em qualquer outro se tornavam suspeitos em dias tão revoltosos, deu causa, sem outro algum motivo, a ser preso por alguns mezes na Cadêa d'esta Côrte, d'onde sahiu não só justificado, mas tambem geralmente applaudido; se exceptuarmos alguma instabilidade e uma especie de vertigem, porque assim o diga, commumente annexa, e não sei se até precisa aos Genios raros, foi sempre innotavel a sua conducta.»

[3] «Este terrivel phenomeno que se lhe formou sobre a arteria cervical interior do lado esquerdo, o fez padecer por muitos mezes, soccorrido unicamente pelo producto de excellentes e bellissimos Versos; que continuou até á sua ultima hora, sendo só a morte a que

Santos e Silva, celebrando a morte de Bocage, falla na irmã do Poeta e sua dedicada enfermeira, D. Maria Francisca:

> Emquanto *ao longe o férvido queixume*
> *Da terna irmã*, rasgando a trança linda,
> Transtornar a teu lado em vão presume;
> Eu parabens te dou da fausta vinda
> Ao sitio onde morada certa achaste...
>
> (*Coll.*, p. 5.)

D. Maria Francisca fôra a companheira fiel na desgraçada doença de seu irmão, que em um intervallo das freneticas dôres deixou escapar esse verso aos «Seccos bons dias da *hyperborea mana.*» (Son. 372. Ed. Act.) Elle não comprehendia a tacita reconcentração de uma mulher solteira, de trinta e quatro annos, espirito culto, e comprimida sob uma envergonhada miseria. Depois da morte de Bocage, foi D. Maria Francisca viver para casa de

---

poderia arrancar-lhe da mão uma penna que em seus dias não cedeu a outra; estes esforços prejudicaram talvez a sua saude, reduzindo-o a uma extrema attenuação; e se os talentos de Bocage em varios pontos da sua vida lhe originaram não poucos desgostos, pode dizer-se, que morreu victima do seu proprio Engenho; faleceu finalmente em 21 de Dezembro de 1805; e jaz sepultado na Igreja parochial das Mercês, no bairro alto d'esta Côrte.

Por *Thomaz Antonio dos Santos e Silva.*»

Vem na *Collecção de Poesias* á memoria de Manoel Maria Barbosa du Bocage, hum dos melhores Poetas portuguezes. Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1806. Com licença. Pela advertencia no verso do frontispicio, este Soneto historico foi escripto *apenas faleceo Bocage.*

sua irmã D. Anna das Mercês, casada com José Pedro Homem da Cunha Eça, cuja familia de cinco pessoas luctava tambem com difficuldades economicas. [1]

Frei Francisco Freire de Carvalho, collaborando tambem na homenagem dos *elma-*

---

[1] Transcrevemos aqui duas Cartas de D. Maria Francisca, publicadas pelo Dr. Sousa Viterbo no *Commercio portuguez*, do Porto, n.º 18, de 23 de Janeiro de 1881 (6.º anno), que foram acompanhadas de um preambulo *A enfermeira de Bocage.* A primeira carta allude á publicação de um folheto, que por uma nota do poemeto *Elmiro*, de Pato Moniz, se vê que constaria de Ineditos de Bocage, que José Agostinho de Macedo projectava publicar em beneficio da desvalida irmã do poeta. Esse opusculo nunca chegou a ser publicado.

Seguem as Cartas:

«*Snr. Manoel José Moreira Pinto Baptista*

Bem cuidei que até ao tempo em que estamos podesse ter imprimido o folheto de cujo lucro eu teria ao menos para pagar a casa, que habito, e não era esse um pequeno beneficio da Providencia, mas de tal sorte tem corrido as cousas, que me não foi possivel conseguir aquelle bem. N'estas circumstancias, apesar da grande violencia, quanta Deus sabe qual é, recorro á sua beneficencia para que, pela memoria de meu irmão, me valha para poder livrar-me d'esta divida, que ainda que insignificante, é para mim no tempo presente uma grande coisa. Eu tinha alugado as casas que fez favor de me afiançar, porém como no mesmo tempo em que havia ir para ellas, veiu minha irmã de Setubal para esta terra, assentámos era melhor e menos dispendioso para ambas alugar uma casa em que coubesse ella e a sua familia e nós ambas, ficando eu responsavel pela terça parte da renda que são 8$000 reis por cada anno. Cuidei que sem fadiga nem mortificação podesse chegar a esta bagatella, mas enganei-me porque a má fortuna até n'isto me persegue, mas peor seria, se, estando eu mortificada por não ter 4$000 reis para estes seis mezes que estão findando, e estivesse para precisar

nistas em 1806 (*Coll.*, p. 46), confessava o que devia a Bocage:

> A ti devo o que sou, sem vêr-te, ouvir-te,
> Meu estro despertou ao lêr teus versos,
> Teus aureos versos de immortal renome,
> E apenas te encarou, pulou meu genio.

Escrevendo-lhe José Agostinho para Coimbra em 20 de Septembro de 1806, observava

---

sete mil e duzentos, que tanto importava cada semestre das casas que fez favor de me afiançar: estas em que estou até não foi preciso tratar de fiador, porque o senhorio conhecido de meu cunhado dispensou isso; talvez se admire de que estando eu com minha irmã e sendo esta casada eu haja de pagar parte d'esta casa, pois saiba que toda a sua renda consiste em 13$000 reis por mez com duas partes em papel: veja que rendimento para quem tem seis pessoas de familia; se não fosse esta sua indigencia eu teria ido para casa d'esta minha irmã logo que perdi o meu unico amparo, mas por esta rasão não fui nem nunca iria. Em conclusão do exposto, espero dever á sua amisade e beneficencia, já tantas vezes exercitada, um novo favor, me mande os 4$000 reis que lhe peço que infallivelmente hei de dar até ao fim do mez, porque este foi o ajuste: espero dever-lhe este favor que ajuntarei aos mais que já lhe devo. Se até quinta-feira me podesse fazer o que lhe peço, eu tinha n'esse dia quem lá me fôsse ou se até então me podesse cá mandar a resposta por algum d'aquelles homens que entregam a gazeta, fasia-me grande favor pela difficuldade que tenho de achar quem me dê passadas sem interesse: emfim se cá podér mandar até quinta feira, é junto á Praça das Flores, na rua da Madre de Deus n.º 45, segundo andar; se não podér até esse dia, lá mando como já disse. Tenha saude e felicidades como lhe deseja quem lhe é

muito e muito obrigada

D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage.

Em 22 de Junho de 1811.»

a Fr. Francisco Freire, em deploravel contradição comsigo proprio: «ainda não parou a desintheria que inquieta as cinzas do vatalhão Bocage, que mania!» [1] Este rancor mal abafado teve de irromper mais tarde nas primeiras redacções do Poema *Os Burros* e na *Carta*

«*Snr. Manoel José Moreira Pinto Baptista.*

30 de Dezembro de 1812

Não julgue que por imaginar em mim algum direito, é que mando lá, quando o que me obriga a dar este passo é a minha situação tão cruel como Deus sabe: o direito que me supponho é aquelle que tem qualquer que se vê nas minhas circumstancias a implorar a beneficencia de quem, por estar em outras, lhe poderá valer, acrescendo a esta rasão o conhecimento, que por ser antigo diminue em parte o muito que me custa escrever-lhe para este fim. Deus verifique as boas esperanças com que todos estão, para que cesse o flagello que tanto tem atormentado principalmente os desvalidos.

Creio que o que lhe tenho dito desculpa o favor que lhe peço, e que ajuntarei aos mais de que lhe sou devedora.

Sou como sempre

Sua obr.ma e muito veneradora

D. Maria Francisca du Bocage.

P. S. — Desejo-lhe muitas Festas.»

«D. Maria Francisca foi residir para uma modesta casa proximo á Travessa dos Apostolos, por traz da egreja de Santa Maria, em Setubal, onde morreu em 12 de Março, de 1841, segundo se verifica pelo termo lavrado no Livro 8.º da Freguezia de San Sebastião.» *

[1] Ineditos: *Cartas e Opusculos*, p. 134. Edição da Academia. — A referencia ao retrato gravado por Bartholozzi, em 20 de Septembro de 1806, explica-se pelo

---

* *Bocage (Elmano Sadino)* por Francisco Pacheco. (*O Seculo*, n.º 4:544 (12 de Sept. de 1894.)

de um pae a seu filho, determinando a publicação da Satira inedita de Bocage, [1] e as verrinas de Pato Moniz contra o *Gama*. Filinto Elysio, que tinha saudado em 1798 a gloria nascente de Bocage, teve a magoa de

---

seguinte Aviso da *Gazeta de Lisboa*, Supplemento n.º XXV (6.ª feira, 27 de Junho de 1806):

AVISO

«*Henrique José da Silva*, Pintor de profissão, querendo, quanto cabe nas suas forças, perpetuar a memoria do nosso habil Poeta *Manoel Maria de Barbosa du Bocage*, que elle retratou em vida, fez gravar pelo insigne *Bertolozzi* o dito retrato, que sahio á luz publica, dedicado ao Excellentissimo *Antonio d'Araujo d'Azevedo*, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra.

As estampas se achão de venda na Casa da «Gazeta», ao *Terreiro do Paço*; e na loja de *José Pedro da Silva, ao Rocio.*»

[1] Na Satira *Assim o querem, assim o tenham*, Macedo mostra que bem conhece porque via a *Pena de Talião* foi enviada para o *Investigador portuguez:*

O *Couto* brejeiro
. . . .
Do grande Bocage
Que já se finou,
A Satira docta
A Londres mandou.
E os dois jalapeiros
Do magro caderno,
Que Hypolito o illustre
Tem posto no inferno,
Contentes pozeram,
A Lysia a mandaram, etc.

Os dois mata-sanos
Abrantes, Nolasco
Que tem de sabença
Fumaças no casco.

celebrar-lhe a morte prematura em uma Elegia; e o não menos desgraçado Domingos Maximiano Torres (*Alfeno Cynthio*) ao consagrar-lhe na morte um Soneto, approxima-o de Camões:

> Da escamada doença trabalhado,
> Dando o despojo ao pó d'onde viera,
> Vaguêa *Elmano* de uma em outra esphera,
> Ri-se do mundo vão, ri-se do fado.
>
> Em ineffaveis gosos engolfado,
> Pelos jardins da infinda primavera
> Colhe a laurea que nunca emmurchecera,
> Entre os Anjos gorgêa, cysne alado.
>
> Recobra a Lyra Urania tristemente,
> Que as féras attrahia, e a selva bruta,
> Pois ser de outro tocada não consente.
>
> O Tejo estremeceu na algosa gruta,
> Que o seu Camões lhe resurgiu na mente,
> E de pranto inundou a barba hirsuta.

Na sua carta de 20 de Septembro de 1806 a Francisco Freire, conta-lhe José Agostinho: «O astro Moniz ecclipsou-se; cousa fatal, desappareceu esta nebulosa estrella, que lhe não ponho a vista em cima ha outo mezes;...» Pato Moniz, o discipulo querido de Bocage, constituiu-se em guarda da sua memoria contra Macedo, que começara a mofar do *vatalhão Bocage*, e contra os philintistas exaltados.

Quando Garrett publicou no *Portuguez constitucional regenerado*, de 1821, n.º 41, a sua Ode ao Dia 24 de Agosto, anniversario da Revolução de 1820, terminava-a com a seguinte nota:

«Estou na pia crença que os meus compatriotas já perderam a loucura dos — *Elmanismos* — e que os novos poetas começam a presar-se mais de inspirados das musas, que de energumenos do Pindo. E' de esperar que passem de moda os versos de — rauctampram — e que o mechanismo da metrificação e de rythmo se accommode á ideia, que exprime, deixando o monotono dos versos de estalo. O ultimo verso d'esta Ode não parecerá bom, nem certo aos senhores *Elmanistas*; mas nem por isso o emendo. Quiz apropriar o languido do rythmo ao melancholico da ideia. Quem não gostar que não leia.»

O fervoroso amigo de Bocage, Pato Moniz, que era redactor do *Portuguez constitucional*, protestou pelo desacato, escrevendo logo, magoado com Garrett:

«Não podemos acreditar que os homens de talento, como esta Ode denuncia, pretendam deteriorar o reconhecido merecimento de outros homens, e muito mais *post fata*; por isso queremos ainda lisongear-nos de que a nota antecedente não expressa a ideia do seu auctor, não sendo essa, como á primeira vista parece, a de affrontar Manoel Maria de Barbosa du Bocage, a quem por certo a nossa poesia deve muito. *Non omnes possumus omnia.* Bocage não sabia compôr Odes, porém soube fazer o que não sabem fazer a maior parte d'aquelles que tem tomado por timbre o desdenhal-o.» E o bom do Pato Moniz, no n.º 45 do *Portuguez constitucional* (p. 197 a 199) sob o titulo de *Variedades* publicou um juizo critico: *Composições de Manoel Maria Barbosa de Bocage.* Mais tar-

de Garrett fez a distincção: «O vate *Elmano* é mui differente cousa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, estapafurdico *Elmano* dos cafés e dos Outeiros não pode ser o mesmo que o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, de *Tritão* e de tanta cousa bella.» Como um dos primeiros martyres da liberdade portugueza, Bocage unia estes dois espiritos Pato Moniz e Garrett no mesmo sacrificio. [1] Mais do que um poeta, Bocage é um documento de uma nevrose morbida aggravada por um deprimente meio,

---

[1] Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, nascido em 18 de Septembro de 1781, tomara o partido de *Elmano* contra a vaidade de José Agostinho de Macedo, n'essa convulsão satirica de 1801. Cabe-lhe a gloria de ter luctado sempre contra o auctor do *Gama*, revindicando para Camões a admiração que compete ao genio. Esta polemica inteiramente dialectica, é um dos factos importantes da historia litteraria: a conclusão não foi attingida, e era: que a idealisação do feito do descobrimento do roteiro da India não é exclusiva do seculo XVI, podendo cada seculo realisal-a a seu modo ou segundo as suas concepções. De Pato Moniz ficaram ineditas quasi todas as suas obras poeticas, sendo apenas conhecido o poema heroe-comico a *Agostinheida*, em que celebra em verso episodios da vida de José Agostinho de Macedo, exageradamente caricatos, e *A Apparição*, poema elegiaco em 4 cantos á memoria de D. Firmina Carlota da Sylva Serva. (1818.) Creado no fervor das ideias revolucionarias, Pato Moniz sacrificou-se pela liberdade politica proclamada na Revolução de 1820, e representou em Côrtes o circulo de Setubal. Quando em 1823 Dom João VI prejurou a Constituição, Pato Moniz soffreu a perseguição do partido absolutista ou apostolico, sendo uma das nobres victimas da liberdade portugueza. Os seguintes documentos relatam o seu martyrio:

«Ill.^mo^ Ex.^mo^ Snr. — Tendo em consequencia da real

como foi a sociedade portugueza no fim do seculo XVIII.

Maudsley, na *Pathologia do Espirito* caracterisa como *nevrose morbida* «um temperamento meio artistico ou poetico, ao qual falta não só sobriedade, largueza e serenidade, e que se manifesta por um idealismo intenso, ainda que acanhado, ás vezes de um caracter extravagante ou mesmo grotesco, ou por gritos barulhentos de espasmos emocionaes que se apresentam como poesia, que se assemelha ao temperamento phthisico e que

---

ordem que V. Ex.ª se dignou communicar-me por Aviso de 17 do corrente, recommendado ao carcereiro da cadêa da cidade, que tomasse a seu cargo as providencias ordenadas quanto ao preso *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz*, abonando o que preciso fôsse para que não perigasse a vida d'aquelle preso; recebo do mesmo carcereiro o officio da copia inclusa, em que refere o que está disposto a semelhante respeito. O que julgo conveniente communicar a V. Ex.ª para ser presente a S. M. que ordenará o mais que fôr servido. Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa, 20 de Novembro de 1823. — Ill.mo Ex.mo Snr. Conde de Suserra. — O Intendente geral da Policia da Côrte e Reino, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.» (*Contas para as Secretarias*, vol. XX, fl. 118.) Na relação dos suspeitos de liberaes, em 1823, Pato Moniz traz a nota de ter sido deportado para a Villa do Lavradio, assignando perante o juiz da Moita termo de se conformar com o governo e de não frequentar associações. Em 10 de Dezembro de 1823 puzeram-lhe na Intendencia a seguinte nota: «Foi novamente removido ao Limoeiro, onde se acha, e sendo conduzido a bordo de um navio para Cabo Verde, não foi recebido em rasão de se não poder abordar o dito navio.» (*Ib.*, fl. 131.) Seguiu pouco depois este destino, e pouco sobreviveu no desterro, falecendo em 1826 na Ilha do Fogo. Os acontecimentos não o deixaram corresponder ás esperanças que n'elle tinha Bocage.

tem uma tendencia a produzir a loucura.» (p. 118.) Não conhecemos a historia atavica de Bocage, mas a sua precoce intelligencia, e a sobrexcitação prematura da sua sensibilidade, explicam-nos como cêdo contrahiu a nevrose morbida, que o tornou o poeta apaixonado, o improvisador brilhante dos Outeiros, o satirico implacavel, o despreoccupado da existencia, cahindo em uma melancholia attonita, e pelo abuso das bebidas alcoolicas precipitado na morte por uma neurisma na arteria cervical.

A excitação, as manifestações excentricas de seus actos, o caracter anormal, que entreteceu a sua vida, deviam tornal-o um ser desgraçado, embora admirado e querido.

Arcadia das Parras

(1797-1805)

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, *Oleno*
D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, *Amphriso*
Francisco de Paula Cardoso (Morgado de Assentis), *Olivo*
Thomaz Antonio dos Santos e Silva, *Thomino Sadino*
João Vicente Pimentel Maldonado, *Ismeno*
José Rodrigues Pimentel Maia, *Menalca*
Sebastião Xavier Botelho, *Salicio* e *Clario*
Pedro José Constancio, *Pierio*
Antonio Xavier Ferreira de Azevedo
Vicente Pedro Nolasco da Cunha
Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, *Fileno*
Francisco Alvares da Nobrega
Ignacio Joaquim da Costa Quintella, *Jacindo Ulyssiponense*
José Bersane Leite, *Josino*
Antonio Bersane Leite, *Tionio* e *Anelio*.

Elmanistas

(1805 1821)

Dr. Manoel Bernardo de Sousa e Mello, *Myrtilo*
José Maria da Costa e Silva, *Elpino Tagidio* e *Sylvio*
João de Sousa Pacheco Leitão, *Leucacio Ulyssiponense*
Dr. Vicente José Ferreira Cardoso, *Vincenio*
João Baptista Gomes, *Jonio*
André da Ponte Quental da Camara
Antonio Gomes Malhão
Antonio Maria do Couto
Bento Henriques Soares, *Bermuino Duriense*
José Daniel Rodrigues da Costa, *Josino Leiriense*
Leonardo José Pimenta
D. Marianna Pimentel Maldonado, *Armania*
Antonio José Alvares
Marqueza de Alorna, *Alcippe*
José Francisco Cardoso, *Josino*
D. Antonio da Visitação Freire, *Ontanio*
José Nicoláo de Mansuelos Pinto, *Josino*
Fr. José Botelho Torrezão
Manoel Pedro Thomaz Pinheiro e Aragão, *Almeno Tagidio*
Antonio Joaquim de Mesquita e Mello, *Nontanio Portuense*
D. Catherina Michaela de Sousa (Viscondessa de Balsemão) *Natercia*
Luiz Pinto de Sousa
. . . . *Elmano Eliaco*
Pedro Ignacio Ribeiro Soares
Antonio Mendes Bordalo
Henrique Pedro da Costa
Fr. Joaquim Botelho
João Soyer Waffer e Oconnor
José Joaquim Gerardo de Sampaio (Conde de Laborim)
J. A. Soares
João Sabino dos Santos Ramos
Padre José Fernandes de Oliveira Leitão
D. Francisca de Paula Possolo da Costa, *Francilia*
Ovidio Saraiva de Carvalho

Francisco Freire de Carvalho, *Filinto Junior*
Felisberto Ignacio Januario Cordeiro, *Falmeno*
Bernardo Antonio de Sousa, *Belmiro Portuense*
Antonio Soares de Azevedo, *Alcino Duriense*
Joaquim José do Valle, *Alceo Duriense*
Padre Manoel Ribeiro Gonçalves de Azevedo, *Lemano do Mondego*
Ignacio Maria Telles do Valle, *Elfiro*
Fr. Bernardino José do Espirito Santo, *Belmiro, Pastor da Graça*
Fr. Manoel da Soledade, *Elmano Solitario*
Elias Antonio da Fonseca, *Eliano Aonio*
Dr. Antonio Lopes Cabral, *Aonio*
Bernardo José de Sousa Soares Andrea, *Alceo Lusitano*
Diogo Maria Gouvêa Pinto, *Dorindo Barcino*
Frei Francisco Pedro Busse
José Anselmo Corrêa Henriques
João da Matta Chapuzet
Antonio José Campello
Francisco Xavier Monteiro
Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França
José Pinto Rebello de Carvalho, *Alcipo Duriense*
João Evangelista de Moraes Sarmento
Manoel Joaquim Borges de Paiva, *Almeno*
Luiz Mousinho de Albuquerque
Antonio Pereira Zagalo, *Gracio Alcino*
Manoel Ferreira de Seabra, *Elmano Colimbriense*
Antonio Luiz de Seabra (Visconde de Seabra), *Alcino*
José Ferreira Borges, *Josino Duriense*
Manoel da Silva Passos, *Dameta*
Joaquim José Lisboa, *Jonino*
José Victorino Barreto Feio
Augusto Frederico de Castilho, *Aulizo*
Adriano Ernesto de Castilho, *Salicio*
Antonio Feliciano de Castilho (Visconde de Castilho), *Memnide Egynense*
? — *Anfriso* }
? — *Elmiro* } Na Festa dos Poetas na Quinta das Canas.
Tibasta (anagramma de Baptista, nome dado a Garrett por despeito de alguns *Elmanistas*.)

§ IV. Historia externa do texto de Bocage.

A vida airada em que Bocage passara os annos mais fecundos da existencia e a espontaneidade assombrosa da sua improvisação, levaram a suppôr que a sua obra era dispersa inconscientemente e sem um trabalho reflectido para attingir a expressão da belleza classica. Observando-se os manuscriptos de muitas das suas poesias que correm impressas, encontram-se numerosissimas *variantes* que revelam o esforço para alcançar a simplicidade natural. Bocage era dotado de uma extraordinaria memoria, chegando a reproduzir uma collecção de versos que lhe foram roubados, pela vivacidade da reminiscencia. Santos e Silva confirmou este facto: «he facto sabido, que *perdendo* ou furtando-se-lhe os manuscriptos que deviam formar o seu segundo volume, Bocage os recordou inteiramente, salvando-os, para assim dizer, de um novo naufragio.» [1] Este caso revela-nos o modo como Bocage versificava; elaborava mentalmente e depois recitava com toda a apparencia de uma maravilhosa improvisação, os Sonetos e Odes, que os amigos colligiam. No prologo do seu segundo volume das *Rimas* de 1799, Bocage relata o facto a que alludira Santos e Silva:

---

[1] Na *Collecção de Poesias* de 1806, p. 28.

«A maior parte das poesias que publíco, foi *recobrada com a memoria* em casa do meu officioso amigo José Salinas de Benevides, huma das pessoas mais benemeritas e qualificadas de Santarem, onde me avisaram, de que affectada a minha letra por algum dos muitos malevolos, que á maneira de lobos matam ás vezes o que não hão de comer, ou, deixando figuras, por alguns dos que prejudicam sem utilisar-se, fôra em meu nome extrahida ao depositario dos meus bens poeticos a caixa em que jaziam com os trastes proporcionados á minha profissão, e hum tanto peiores que os versos. Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e com effeito copiei d'elle tudo o que dou á luz não relativo a um desastre tão inesperado como penoso, que me sobreveiu depois, e occasionou as producções em que o chóro.» Bocage referia-se á prisão que lhe infligiu o Intendente Manique em 1797 e a sua entrega á Inquisição e clausura monachal. Este poder de retentiva concilia a perfeição artistica com a apparente *improvisação* poetica, e ao mesmo tempo o apparecimento de *variantes* laboriosas, que muitas vezes são reconstrucções. Basta confrontar a Ode que escreveu na sua despedida para a India, com o texto achado por Rodrigo Vicente de Almeida em papeis de sua familia, que publicou em 1896. Tambem nos *Improvisos* na sua doença publicou Bocage um Soneto, que nos autographos encontramos extremamente emendado; transcrevemol-o:

Ao Snr. Antonio Xavier (Ferreira de Azevedo)

Se Elmano, a quem no plectro Ente sagrado, [1]
Esmaltas o Porvir e a Dor temperas,
Transcender inda ousasse em metro alado [2]
Immensos turbilhões de azues espheras;

Se entrando o bronzeo alvergue onde abre o Fado [3]
Grão codigo immortal de leis severas, [4]
Em promiscuo tropel fervendo as éras
Attender como tu lhe fosse dado;

Vira sorrir-se em flor sazão fragrante, [5]
De Olympia abrilhantando amenidade, [6]
O teu de ethereo ser não mui distante.

E lá comtigo pela extrema edade [7]
Firmado em muitos mil degráos brilhante
Ir desapparecer na Eternidade.

Bocage.

Ao mesmo tempo o seu genio repentista fulgurava nos versos de redondilha maior, ou *octonarios*, na forma da quadra, ou da decima glosando colchêas, ou vibrando epigrammas. Cultivava-se a habilidade da improvisação, e n'este ponto, como confessa Pato Moniz, Bocage era um assombro. Couto declara que muitos improvisos de Bocage eram fixa-

---

[1] Se Elmano a quem no *encanto aos genios dado*

[2] *Ousara* transcender no metro alado

[3] Se entrando *os Penetraes que zela* o Fado

[4] *Abrindo em ferro, em bronze as* leis severas

[5] Vira *sorrindo*

[6] De Olympia *recamando* amenidade

[7] *E sobre a derradeira, ufana* edade
Vira de aureos degráos séde brilhante
Ir *comtigo, e parar* na Eternidade.

dos pela escripta pelos ouvintes ávidos e maravilhados. N'este genero poucas composições existem nas suas *Rimas*; perdeu-se a maior parte na espontaneidade oral, ou as Redondilhas que chegaram a ser escriptas ficaram anonymas por collecções particulares d'onde não é facil restituil-as ao verdadeiro auctor. Da mão de amigos obteve Bocage composições suas para formar o terceiro volume das *Rimas;* e d'esta dispersão resultou, que muitas poesias de Antonio Lobo de Carvalho, Anacleto da Silva Moraes, Pedro José Constancio e outros, lhe foram attribuidas. A obra poetica de Bocage ficou em parte inedita, sobretudo as composições apprehendidas pela Policia do Manique, as que exprimiam a liberdade do pensamento ou o negativismo do seculo XVIII; as que a Censura inquisitorial lhe mandou supprimir; as que lhe foram roubadas em Santarem pouco depois que chegou da India, as que se conservaram em mãos de amigos, e as que por sua morte se acharam entre os seus papeis. Bocage apenas colligiu tres volumes das suas *Rimas*, o primeiro em 1791, pouco depois de chegar da India, e cujo texto alterou na segunda edição de 1801; o segundo volume foi em grande parte reconstituido de memoria, depois de roubado, imprimindo-o logo que se viu solto da prisão; o terceiro volume, pouco antes de morrer, contém composições restituidas pelos amigos. Os demais volumes que se seguiram apresentam ineditos de varias proveniencias, taes como os que formaram José Maria da Costa e Silva, e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz auxiliado pelos manuscriptos que conservava a irmã do poeta,

D. Maria Francisca. José Agostinho de Macedo tambem projectava imprimir uma collecção de versos ineditos de Bocage; e d'esse intuito resultou a imputação de ter roubado muitos ineditos quando se reconciliou com Bocage e lhe frequentou a casa nos seus ultimos dias.

Innocencio, nas *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo*, procura absolver-lhe a reputação de uma calumnia: «Fallamos do supposto roubo por elle feito a Bocage, quando este se achava no derradeiro extremo da vida, de uma pretendida porção de manuscriptos, que depois conservara, no intento de se aproveitar d'elles, dando-os por obras suas. Esta arguição tantas vezes repetida por Moniz e Couto, e por outros que d'elles a houveram, é, nos parece, destituida de sólido fundamento.» (Pag. 93.) Innocencio não investiga o facto, transitando logo para a intenção; e refutando esta pela dissimilhança dos estylos de Bocage e Macedo, conclue pela calumnia dos seus inimigos. E' certo, porém, que José Agostinho nas *Considerações mansas* (p. 35) confessa positivamente, referindo-se a ineditos de Bocage: «Os seus manuscriptos *na minha mão ficaram e na de sua irmã*, e agora vão formar o verdadeiro quarto e quinto volume das suas Obras...» Estas palavras esclarecem-se pelo que em carta de 22 de Junho de 1811 escrevia D. Maria Francisca, irmã do poeta, pedindo uma pequena quantia emprestada para pagar a renda da casa: «Bem cuidei que até ao tempo em que estamos, podesse ter imprimido o folheto, de cujo lucro eu teria ao menos para

pagar a casa...» Vê-se que a pobre senhora confiára em alguem, que até 1811 não cumprira o que promettera, para que se imprimisse o pequeno volume dos versos ineditos de Bocage. Como confessa o proprio José Agostinho de Macedo, na mão de D. Maria Francisca ficaram tambem mais ineditos; e todo esse material daria para dois volumes. Em 1812 apparece uma collecção impressa sob a direcção de Costa e Silva; e em 1813, outra de *verdadeiros* ineditos bocagianos, dirigida por Pato Moniz, dos quaes diz, que estavam «encerrados quasi todos no poder de uma Senhora estimavel por muitos titulos e *Irmã do Author*, a qual os prezava como que preciosa prenda...» Evidentemente por isto se comprova o dito de Macedo nas *Considerações mansas*, sobre a parte dos manuscriptos que ficaram na mão da irmã do poeta. E a outra parte? E' aqui que assenta a accusação; dizem que Macedo vendera as copias a um livreiro, e os originaes a outro «e que esta importancia deve ser restituida á irmã do falecido.» Innocencio interpretava o roubo no sentido do plagiato, e por isso achava a imputação calumniosa. Trata-se da apropriação material; n'este ponto escreveu Couto, no prologo do *Motim Litterario*, referindo-se á aproximação de Macedo do leito de Bocage agonisante: «esta geral reconciliação fez com que Macedo o visitasse até aos ultimos paroxismos, e lhe apanhasse grande copia de manuscriptos, depositando os amigos do defunto nas mãos de Macedo muitos versos de que Bocage já se não lembrava, *a fim de os arranjar, classificar e fazer imprimir a pró*

de sua irmã, com quem vivera, cujos manuscriptos conservou sempre em seu ferrenho poder.» Pato Moniz, na Satira intitulada *Elmiro*, refere-se a ineditos de Bocage «*os muitos que por sua morte tambem levaram caminho.*» E accentua o facto indicado pela irmã de Bocage na sua carta de 1811.

Escreve Pato Moniz, na nota 11 da Satira *Elmiro*, em que pinta as relações de José Agostinho de Macedo com Bocage:

«Eu fui intimo amigo de *Elmano*, e glorio-me de o haver sido; com elle fiz o ensaio dos meus primeiros vôos poeticos, e com elle tive todas as relações por espaço de mais de sete annos; e a nossa muita amisade me obrigou a desviar-me d'elle, quando conheci que era infallivel e mui proxima a sua morte. Pelo contrario J. Agostinho, seu antiquissimo e acerbo inimigo, foi n'esses momentos fataes, que a titulo de reconciliação se lhe tornou a avisinhar para praticar com elle a ultima perfidia. Poucos dias antes de *Elmano* cahir no leito da morte, haviamos ajustado, que elle viria para minha casa, como já de outras vezes, e era então principal motivo o pôrmos em limpo uma sua tragedia original, que intitulava *Eulalia*, á qual unicamente faltava uma scena no quarto acto (cuja scena, depois de muitas emendas a rasgou por um dos phrenesis do seu genio) e a penultima do quinto acto, que sempre deixára incompleta; como tambem copiar a traducção que fizera, de todos os seis cantos do poema de Rosset. Além d'isto tinha *Elmano* um sem numero de poesias fugitivas de diversos generos, originaes e traducções; e até muitos versos alheios, em

que entravam não poucos meus; e outras tres tragedias originaes, a saber — *Vasco da Gama*, *Viriato* e *Affonso de Albuquerque ou a tomada de Goa*, e se me lembro, era esta ultima que estava no fim do terceiro acto; quem lidou com *Elmano* não se admirará d'esta extravagancia, a sua phantasia era como as borboletas. Note-se agora que de tudo isto quasi nada appareceu; *que J. Agostinho se encabeçou de todos os papeis de Elmano*, e que *ultimamente sendo-lhe encarregado de esse pouco que appareceu, colligir um volume, cujo producto fôsse em beneficio de uma irmã de Elmano*, senhora de muito juizo, e que vivia acoutada ao seu amparo; e *para esse volume ministrando-se ainda ao mesmo J. Agostinho algumas outras poesias de Elmano*, que appareceram e paravam em mãos de seus amigos, J. A. não sómente nunca fez semelhante impressão, mas não sei que consumo deu a taes poesias. Em Lisboa ha mais quem saiba d'estes factos; e eu protesto aos que os não sabem, que emquanto eu vivo, os manes de *Elmano* não terão de clamar como Virgilio: *Hos ego versiculos feci, tutit alter honores.*» [1]

Macedo não carecia de dar como seus os versos de Bocage; era amplamente rhetorico para metrificar emphaticamente e exhuberantemente; vendel-os para proveito proprio, ou não querer contribuir com a sua publicação

[1] A Satira *Elmiro* foi escripta em 1812; vem nas Memorias para a *Vida intima de José Agostinho de Macedo.*

para a gloria de Bocage, que os *Elmanistas* lhe tornavam odiosa, parece-nos mais plausivel e real.

O estudo dos textos manuscriptos de Bocage, além de revelarem a sua indole artistica pelos insistentes retoques que fazia aos seus versos, tambem levam a determinar as circumstancias que o suscitaram ou os personagens a quem quiz referir-se. Assim o Soneto 167 (Ed. Act.) que traz a rubrica: *A um ricasso, tido na conta de christão novo*, em um Ms. da collecção Merello trazia o nome: *Gaspar Pessoa Tavares.* O Soneto 168: *A um bacharel que casou com uma velha, para lhe empolgar seiscentos mil reis que a mesma tinha de tença*, traz a seguinte rubrica na citada miscellanea: *A José Joaquim de Sousa Leitão, Capitão de Fragata, e Bacharel em Leis.* Termina com um terceto differente:

> Este biltre, labéo da humanidade,
> E' um tal *Bacharel, Leitão* de borra,
> *Lascivo como um burro ou como um Frade.*

Para evitar a censura, ou talvez por ordem d'ella, substituiu o verso final: «Tem de um burro o juizo e a castidade.» Muitas vezes o verso saía-lhe obsceno, mas com um leve retoque tornava-se depois legivel; no Soneto 366 (Ed. Act.) em que faz o *retrato* proprio: —Magro, de olhos azues, carão moreno—, dá-se como: «*Inimigo de hypocritas e frades*»; mas no texto corrente modificou: «E sómente no altar amando os frades.» Tambem alterou o final, descrevendo a circumstancia em que compoz o soneto: «N'um dia em que se

achou..... *mais pachorrento.*» Os Sonetos satiricos de Bocage eram pelos seus inimigos endereçados a differentes personagens, e d'ahi os odios concitados contra o descuidado poeta; muitas composições obscenas, como de Anacleto da Silva Moraes, Pedro José Constancio, e ainda de Antonio Lobo de Carvalho, andam em nome de Bocage, que carregou com essa responsabilidade moral. Muitas composições de Bocage não estão encorporadas nas suas obras; achando-se em grande parte intercaladas em algumas das suas biographias, e perdidas nas obras dos poetas seus contemporaneos, ou ainda por cadernos manuscriptos, como os de Ponte do Lima; outras, de indole philosophica, entraram na collecção das Eroticas, onde ficaram desconhecidas, devendo ser d'ahi retiradas para uma edição critica e definitiva. Entre os escriptos ineditos podemos apontar como perdida a traducção das *Odes* de Anacreonte; [1] a versão do romance *Paulo e Virginia* já esteve para ser publicada por Camillo Castello Branco, [2] em 1873.

---

[1] ODES DE ANACREONTE, com o texto grego. Traducção, adornada de vinhetas e remates finos, e de quarenta estampas. (Annunciada como *estando já debaixo do prélo*, no Catalogo das Obras impressas na Officina Chalcographica, no fim da 1.ª edição do *Consorcio das Flores.*)—Ahi se promettem outras edições dos *Poetas gregos vertidas pelo mesmo Poeta.* Não se realisou o annuncio. J. F. de Castilho aponta o facto, duvidando do hellenismo de Bocage.

[2] «Meu am.º — Parecia-me que escrevendo eu um prefacio á versão de *Paulo e Virginia* de Bocage, e acrescentando-lhe um romance original meu, que sahiu

Bibliographia das Obras poeticas de Bocage

1790

Elegia, que o mais ingenuo e verdadeiro sentimento consagra á deploravel morte do ill.^mo e ex.^mo snr. D. José Thomaz de Menezes etc. Seu auctor M. M. B. B. — Lisboa. Na Offic. de Luiz da Silva Godinho. 1790. In-4.º de 14 pag.

Innocencio reclama reconhecimento publico por ter achado este opusculo; existe um exemplar na Collecção de Varios, da Bibliotheca da Academia das Sciencias.

*

Queixumes do Pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina. Ecloga. — Lisboa. Na Offic. de Simão Thadeu Ferreira. 1791. In-4.º de 14 pag. (Exemplar na Bibl. da Academia.)

---

em tres grandes capitulos nas *Artes e Lettras*. faria V. S.ª um volume bonito de 260 paginas no formato da *Vida de Affonso VI*. Ora tudo isto por 20 libras (propriedade) parece-me acceitavel. Que empresa tentará o meu amigo que lhe não resulte prosperamente?

Consulte a profundidade das suas algibeiras, e decida. Li o livro de Vas.^los Brevemente lhe responderei n'um folheto intitulado o *Snr. Joaquim*.

Do seu am.º

C. Cast.º Br.^co

1790

Idyllios maritimos recitados na Academia de Bellas Letras de Lisboa pelo seu socio M. M. de B. du B. Lisboa. Na Offic. de Simão Th. Ferreira. In-8.° de 13 pag.

1791

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. — Tomo I. Lisboa. Na Offic. de Simão Thadeu Ferreira. In-8.° de 214 pag.

Contém as poesias da mocidade de Bocage, desde a partida para a India até ao seu regresso: 108 Sonetos; 7 Odes; 4 Canções; 2 Epistolas; 5 Idyllios. Consta que vendera o manuscripto por 48$000 reis. Nas edições subsequentes d'este tomo o poeta omittiu dez Sonetos, que só tornaram a ser incorporados nas suas Obras por Innocencio na edição de 1854, sob os numeros XCI a XCVII do livro I, e XVIII a XX do livro III. E' rara a edição; o exemplar da Livraria da Academia foi roubado. Cinco Odes foram tambem supprimidas pelo auctor, e publicadas depois como ineditas no tomo V pelo livreiro Desiderio M. Leão.

1793

Euphemia ou o Triumpho da Religião. Drama de Mr. D'Arnaud, traduzido em versos portuguezes. Lisboa. Na Offic. de Simão Th. Ferreira. 1793. In-8.° de 108 pag.

1794

Elogio poetico á admiravel intrepidez com que em Domingo, 24 de Agosto de 1794, subiu o capitão Lunardi no balão aérostatico. Lisboa. Na Offic. de Simão Thadeu Ferreira. 1794. In-4.° de 11 pag. (Vendia-se por 50 reis.)

1794

Ode ao Capitão Lunardi. Ibi. (Vendia-se por 20 reis.)

1796

A Estancia do Fado. Elogio dramatico para recitar-se no Real Theatro de S. Carlos, no dia natalicio da Ser.[ma] Senhora D. Maria Thereza. Em beneficio de Victorino José Leite, Antonio Manoel Cardoso e João Anacleto de Sousa. Lisboa. Na Offic. de Simão Thadeu Ferreira. MDCCLXXXXVI. In-8.º de 14 pag. (Citado no Supp. do *Dicc. bibliographico*, como de 1786 por equivoco.)

1797

As Chinellas de Abu-Casen. Conto arabico (sem nome do auctor, nem do traductor.) Lisboa. Na Offic. de Simão Th. Ferreira. In-8.º de 14 pag. (Attribue-se a Bocage.)

1798

Historia de Gil Braz de Santilhana, traduzida em portuguez. Tomo 1.º Lisboa. Na Regia Officina Typographica. 1798.

Na *Gazeta de Lisboa*, de 1798, Segundo Supplemento ao n.º XXI, de 26 de Maio, vem a seguinte declaração: «Como he hum dever o punir cada qual pela sua reputação em todo o caso, Manoel Maria de Barbosa du Bocage se vê obrigado a declarar que da vida de *Gil Braz de Santilhana* traduziu o primeiro tomo, e parte do segundo, isto he até pag. 116; sendo o resto trabalho de outrem, que se aproveitou da sua ausencia para lh'o attribuir. Dirige-se esta advertencia á multidão, e não aos intelligentes de estylo e linguagem.» O resto da obra fôra traduzido por Luiz Caetano de Campos, auctor das *Viagens de Altina*.

1799

Rimas de M. M. de B. du Bocage. Dedicadas á Amisade. Tomo II. Lisboa. Na Offic. de Simão Th. Ferreira. 1799. In-8.º de XVIII-372 pag.

1800

Rimas de — Lisboa. MDCCC. Na Offic. de Simão Th. Ferreira. In-8.º de 351 pag.— Tomo I, segunda edição correcta e augmentada. —

O poeta aponta as modificações que fez: «havendo substituido novas producções a varias que publicara por condescendencia, espero que a reimpressão seja por isso mais grata ao Leitor.

«Os versos ineditos vão marcados com asteriscos.» Estas composições continuaram a ser omittidas por todos os editores até Innocencio.

*

Os Jardins, ou a Arte de aformosear as paisagens: Poema de Mr. Delille, traducção de — Lisboa. Typ. Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego. 1800. In-4.º de 157 pag. com o texto francez em frente.

*

Canto heroico sobre as Façanhas dos Portuguezes na Expedição de Tripoli, por José Francisco Cardoso, traduzido por — Lisboa. Typog. Calchographica. 1800. In-4.º de 103 pag. com o texto latino.

*

Elegia latina traduzida por — Lisboa. Offic. de Simão Thadeu Ferreira. In-4.º de 35 pag. com o texto latino: Josephus Franciscus Cardoso: Ao ill.mo e ex.mo snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. (Na Bibl. nac., numero 1407, preto.)

1801

Elogio aos faustissimos annos do Serenissimo Principe Regente N. S. Lisboa. Typ. Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco de Cego. 1801. In-4.º de 7 pag. — Começa: Honra! Patria! Virtude! Oh Leis! Oh Throno!

*

As Plantas. Poema de Ricardo de Castel, professor de litteratura no Prytaneo francez; traduzido da II edição verso a verso, debaixo dos auspicios de S. A. R. o Principe Regente, por — Lisboa. 1801. Na Typographia Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego. 1 vol. in-4.º de 181 p. Estampa gravada em cobre, texto francez ao lado.

*

O Consorcio das Flores. Epistola de Lacroix a seu irmão. Traduzida por — Lisboa. Typ. Chalcographica. 1801. In-4.º de 61 pag. Com duas estampas e o texto original latino. Traz o annuncio da traducção das *Odes* de *Anacreonte.*

*

Connubia Florum. Latino Carmine Demonstrata, etc. A. D. Delacroix: com a versão portugueza de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, em 4.º com duas Estampas, e vinhetas finas. 1801:

«*Debaixo do prélo:*

A Agricultura. Poema francez com a versão portugueza de Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

’ΑΝΑΚΡΕ’ΟΝΤΟΣ

ΤΗΙ’ΟΥ : ΜΕΛΗ

ANACREONTIS TEII *Odae* (Symposiaca emi iamba.) Com o texto grego, e versão portugueza de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, com vinhetas e remates finos, e perto de 40 estampas.

Continuar-se-hão as edições dos Poetas gregos, vertidas no nosso vulgar pelo mesmo Poeta.»

1801

Na collecção: *Tributo de gratidão, que a Patria consagra a S. A. R. o Principe Regente N. S.* por mão do Intendente geral da Policia da Côrte e Reino. Lisboa, Typ. chalcographica, typoplastica e litt. 1801. In-4.º de 27 pag. Traz uma composição de Bocage junta com outras de Bingre, José Agostinho, Ferraz de Campos, Quintanilha, Bersane Leite e Miguel de Barros.— E' o *Elogio dramatico, XII.*

1802

Aos Annos faustissimos do Serenissimo Principe Regente de Portugal — *Elogio* composto por — e dedicado por Simão Thadeu Ferreira, administrador geral da Typographia regia. Lisboa, anno MDCCCII. Na Regia Offic. typ. Com Licença de S. A. R. In-4.º com 6 pag. não numeradas e 4 numeradas. A dedicatoria em tercetos é assignada por Simão Th. Ferreira, mas evidentemente foi escripta tambem por Bocage. (Na Bibl. nac., n.º 1867, azul.)

*

Rimas de M. M. de B. du Bocage. Tomo II. (Segunda edição.) Lisboa. Offic. de Simão Thadeu Ferreira. 1802. In-8.º de VIII-372 pag.

*

Elegia á morte de Anselmo José da Cruz Sobral. (No folheto *Eccos saudosos* ouvidos na capital portugueza na passagem a melhor vida do ill.mo Conselheiro etc. Lisboa, na Regia Offic. typographica. 1802. In-4.º de 14 pag.)

*

Galathea. Novella pastoril, imitada de Cervantes por Florian, e traduzida em portuguez por — Lisboa. Offic. de S. Th. Ferreira. 1802. In-8.º de 128 pag.

*

Rogerio e Victor de Sabran, e o tragico effeito do ciume. Traduzido por — Lisboa. 1802. (Citada por Innocencio dubitativamente.)

1803

As Chinellas de Abu-Casen. 1803. (?) Cita-a Innocencio.

1804

Epicedio na sentida morte do ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. D. Pedro José de Noronha, Marquez de Angeja, etc. Offerecido ao ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. Conde de Villa Verde. (Com uma dedicatoria em prosa.) Lisboa. Na Impressão regia. 1804. In-4.º de 13 pag.

*

Poesias de M. M. B. du Bocage, dedicadas á ill.^{ma} e ex.^{ma} snr.ª Condessa de Oyenhausen. Tomo III. Lisboa. Offic. de Simão Th. Ferreira. 1804. In-8.º de 323 pag. — No prologo diz Bocage: «A boa sombra que as minhas Poesias tem encontrado no Publico, promoveu em mim o desejo de offerecer-lhe as que me restam do mesmo genero.»

1805

Magoas amorosas de Elmano. Idyllio. Lisboa. Na Impressão regia. 1805. In-8.º de 8 pag.

*

A Gratidão. Elogio dramatico, para recitar Claudina Rosa Botelho, no dia do seu beneficio. Lisboa. Offic. de A. Rodrigues Galhardo. 1805. In-8.º de 8 pag.

*

A Saudade materna. Idyllio na prematura e chorada morte da snr.ª D. Anna Raymunda Lobo, filha do snr. Roque Ferreira Lobo, Administrador do Correio geral, etc. por Bocage. (Epigraphe de Camões) Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1805. Por ordem superior. In-8.º de 7 pag. (Innocencio nunca viu exemplar algum; foi incorporado na edição de 1813.) Possuimos um exemplar.

1805

Improvisos de Bocage, na sua mui perigosa enfermidade, dedicados aos seus bons Amigos. (Epigraphe de Ovidio.) Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1805. Por ordem superior. In-8.º de 23 pag. (Contém XX Sonetos, sendo 6 de outros poetas.)

*

Collecção de novos Improvisos de Bocage na sua molestia, com as obras que lhe foram dirigidas por varios poetas nacionaes; dedicada a seu benemerito amigo Marcos Aurelio Rodrigues. Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1805. Por ordem superior. In-8.º de 100 pag.

Consta de Sonetos, Epistolas, Odes e Idyllios.

*

A Virtude laureada. Drama recitado no Theatro do Salitre, composto e dirigido ao rev.^{mo} P.^{e} M. Fr. José Marianno da Conceição Velloso, etc. (Seguido de outras poesias.) Lisboa, na Impressão regia. 1805. In-8.º de 64 pag. (Na Bibl. nac., n.º 5798, preto.)

*

Ericia ou a Vestal, tragedia, traduzida por — Lisboa, na Impressão regia. 1805. In-8.º (Na Bibl. nac.)

*

Desagravo jocoso da injuria feita ao enfermo Bocage pelo Editor da Novella intitulada: *A Hespanhola ingleza*, attribuindo-lhe aquella má traducção.

Folha avulsa com o Soneto «Mercenario pregão de cego andante» com o titulo supra. Na nota terceira ao verso: Eu brigo, eu brigo oh *Perpetua,*— escreve: «Creada minha, de semblante exotico e antiguidade immemorial.»

1806

Armia. Idyllio. Lisboa, na Impressão regia. 1806. Seguido da Ode *O Desengano.* In-8.º de 22 pag.

1806

Rimas. Tomo I (IV-351) Apontado por Innocencio. (E' a edição de 1800 com novo frontispicio.)

1810

Improvisos de Bocage na sua mui perigosa enfermidade. Reimpressão do Rio de Janeiro, na Impressão regia. In-8.º de 23 pag. (São raros os exemplares d'esta edição brasileira. Valle Cabral, *Annaes da Imprensa nacional*, n.º 125.)

1811

As Plantas, Poema de R. Castel. Rio de Janeiro, na Impressão regia, 1811. In-8.º

*

O Consorcio das Flores, Epistola de Lacroix a seu irmão, traduzida em verso portuguez, por — Rio de Janeiro, na Impressão regia, in-16.º, de 58 pag. (Cita-a a *Gazeta* do Rio de Janeiro, de 28 de Novembro de 1811.

*

Ericia, ou a Vestal, tragedia trad. Para se representar no beneficio de Joaquina Lapicoha, primeira actriz do Real Theatro do Rio de Janeiro. *Reimpressa no Rio de Janeiro, na Impressão regia MDCCCXI*, in-8.º de 65 pag. num. (Traz um prologo do traductor em verso.)

*

Eufemia, ou o Triumpho da Religião. Nova edição. *Rio de Janeiro, na Impressão regia*. 1811, in-8.º grande de 102 pag. (Valle Cabral, *Annaes da Imprensa nac.*, n.º 211.)

*

Obras completas de Manoel Maria Barbosa du Bocage. Rio de Janeiro, na Impressão regia, 1811. 1 vol. in-8.º (Registo da Bibl. nacional do Rio de Janeiro. Valle Cabral, julga serem a reunião das traducções de Bocage reimpressas no Rio de Janeiro.) Op. cit., n.º 227.

1811

Canto heroico sobre as façanhas dos Portuguezes na Expedição de Tripoli, por José Francisco Cardoso... traduzido por Manoel Maria de Barbosa du Bocage. *Rio de Janeiro, na Impressão regia.* 1811.
(Citado só por Innocencio.)

1812

Os Jardins, ou a Arte de aformosear as paizagens. Nova edição. Rio de Janeiro, na Impressão regia, MDCCCXII, in-16.º de XII-161 pag. num. incluindo as *Notas*. (Valle Cabral corrige Innocencio, que a fixava em 1811.)

Todas estas edições brasileiras apontam-se tambem no = Catalogo das Obras impressas no Rio de Janeiro, e que se acham á venda em Lisboa na loja de Paulo Martins & Filho, n.º 6, defronte do Chafariz do Loreto. Lisboa, anno de 1812. =

*

Ericia, ou a Vestal. Tragedia (No *Jornal Poetico*, Lisboa, 1812) de pag. 154 a 208, com o nome de Bocage.

*

No *Jornal Poetico*, p. 77, vem um Soneto de Bocage ao Capitão Lunardi (1794); seguem-se as *Outavas*.

*

No *Investigador Portuguez em Inglaterra*, vol. IV, 434, vem a Satira *Pena de Talião*, publicada por Vicente Pedro Nolasco da Cunha. Foi remettida com a seguinte carta:

«Snrs. Redactores do *Investigador portuguez:* — Folgarei muito de vêr impressa a seguinte obra do nosso Bocage, no seu jornal, e cêdo remetterei outras, todas ineditas e de merecimento.

Seu admirador e creado
I. A. M. C.»

(*I*rmão *A*ntonio *M*aria do *C*outo ?)

1812

Obras poeticas de M. M. de B. du Bocage, precedidas de um Discurso sobre a vida e escriptos d'este Poeta, por José Maria da Costa e Silva: Tomo IV. Lisboa, na Impressão regia. 1812. In-8.º de 320 pag. com um imperfeitissimo retrato de Bocage. Esta edição publicada por Desiderio Marques Leão, foi fortemente atacada no outra vez numerado = Tomo IV de 1813 = e analysada de pag. 230 a 252; foi tambem objecto das vaias de José Agostinho de Macedo nas *Considerações mansas.*

1813

No Jornal *O Patriota*, do Rio de Janeiro, de 1813, (Septembro), vem a pag. 58 a Epistola, que Innocencio incorporou com o n.º XXX na Edição que fez.

*

— Reproduzida em edição in-8.º, avulsa. Rio de Janeiro. (Sem data.)

*

As Plantas, poema de Ricardo de Castel — Lisboa, na Impressão regia. 1813. 1 vol. in-4.º (Com o texto francez ao lado.) Catalogo Palha, n.º 883.

*

O Consorcio das Flores, Epistola de La Croix a seu irmão, traduzida em verso portuguez por — Lisboa, 1813. Na Impressão regia. 1 vol. in-4.º Com uma gravura em cobre, e texto francez ao lado.

*

Verdadeiras ineditas. Obras poeticas de M. M. B. du Bocage (Tomo IV, e 1.º das *Obras posthumas.*) Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1813. In-8.º de VIII-284. — No prologo dá-se a proveniencia das «...Obras, que ha tanto tempo sepultadas hoje publicamos do nosso illustre Poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage. Porém encerradas quasi todas no poder de huma Senhora estimavel por muitos titulos e *Irmã do Author*, a qual as prezava como que preciosa prenda com que unicamente a deixara rica um caro irmão...» Traz no fim uma Advertencia sobre o tomo IV de 1812. Foi Pato Moniz que coordenou estas *Verdadeiras Ineditas.*

Acompanha esta edição uma critica intitulada *Sentença da Casinha da Almotaceria sobre o quarto tomo de Bocage*, anonyma, contra a edição de 1812. Tendo sido attribuida a José Agostinho de Macedo, é restituida por Innocencio ao seu verdadeiro auctor: «Posto que publicado anonymo, tanto no fim do tomo IV das *Verdadeiras ineditas*, como avulsamente em um folheto de 4.º, sabemos de certeza que o seu auctor fôra Pedro José de Figueiredo; etc.» (Ed. Inn., t. IV, pag. 381.)

José Agostinho de Macedo condemnando a edição feita por Costa e Silva de 1812 e 1813, e tambem a das *Verdadeiras ineditas* feita por Pato Moniz, confessa que tem em seu poder manuscriptos de Bocage, que tencionava publicar.

1813

Obras poeticas de M. M. de B. du Bocage. Tomo V. Lisboa, na Impressão de Alcobia. 1813. In-8.º de 276 pag. (E' o segundo tomo das publicadas por Desiderio Marques Leão.)

1814

Verdadeiras ineditas. Obras poeticas, etc. (Tomo V e 2.º das Obras posthumas de Bocage; publicadas por N. A. Pereira Pato Moniz.) Lisboa, na Impressão regia, 1814. In-8.º de XIV-313.

1815

Ericia, ou a Vestal, traduzida, etc. Lisboa, na Impressão regia. 1815. In-8.º de 53 pag.

1819

Raimundo e Marianna. Novella hespanhola, traduzida do francez, etc. Lisboa 1819. In-8.º

*

Eufemia, ou o Triumpho da Religião. Lisboa. Impressão de Alcobia. 1819. In-8.º

1820

Obras poeticas, etc. Tomo IV (segunda edição com a indicação de muito melhorada) Lisboa. Imprensa de João Baptista Morando. 1820. In-8.º de 331 pag. Com licença. — A noticia biographica de Costa e Silva é de pag. 5 a 37. Esta mesma edição apparece com novo frontispicio inculcando outra reproducção.

*

O Casamento por vingança. Novella traduzida, etc. Lisboa, 1820. In-8.º (E' extrahida do cap. IV, livro 6.º da *Historia de Gil Braz*.)

1821

Idilios maritimos. Lisboa, na Typ. Rollandiana. 1821. In-8.º de 15 pag. (Na Bibl. nac.)

*

Magoas amorosas de Elmano. Lisboa. Impr. Nac. 1821. In-8.º de 12 pag.

1822

Obras poeticas de M. M. de B. du B. Tomo V. Lisboa. Typ. de Desiderio Marques Leão. 1822. In-8.º de I a V; 3 a 142; e pag. nova 61 a 130; pag. 1 a 65 com que finda o vol.

1824

A' morte de D. Ignez de Castro. Cantata, por — a que se ajunta o Episodio ao mesmo assumpto do immortal Luiz de Camões. Lisboa, na Typ Rollandiana. 1824. In-8.º de pag. 3 a 10. O Episodio, de pag. 11 a 20. O resto é catalogo de Livraria. (E' transcripta do tomo II das *Rimas*.)

*

Magoas amorosas de Elmano. Idyllio. Lisboa. Typ. Rollandiana. Anno de 1824. In-8.º de 12 pag. Com licença. Terceira edição.

*

Armia. Idyllio acompanhado de *O Desengano*; ambas as peças compostas por —. Seg. edição. Lisboa. Typ. Rollandiana. 1824. Com licença. In-8.º de 22 pag. e 2 de Catalogo. *O Desengano* vem a pag. 16.

1825

Eufemia. Lisboa, 1825. In-8.º de 78 pag.

*

Idyllios maritimos, por —. Terceira edição. Lisboa. Typ. Rollandiana. Com licença. In-8.º de 15 pag.

*

Ericia, ou a Vestal, Lisboa. Impr. da Rua dos Fanqueiros. 1825. In-8.º de 49 pag. (Vem attribuida a de Arnaut.)

1826

Medea ou a Vingança. Cantata por—. Lisboa. Na Imprensa de João Nunes Esteves. 1826. In-8.º de 8 pag.

*

Pena de Talião. No *Parnaso Lusitano*, t. III. Paris.

*

A descripção do Diluvio, por—. Sem frontispicio; começa: «As Torres de extranhissima grandeza.» No fim: Lisboa, 1826. Na Impr. de J. N. Esteves. In-8.º de 8 pag.

1828

Eufemia. Lisboa. Imprensa da Rua Formosa, n.º 129 B. 1828. In-8.º de 78 pag.

*

O Casamento por vingança. Lisboa. Offic. de J. N. Esteves. 1828. In-8.º.

1831

Verdadeiras Ineditas. Obras poeticas. Tomo v. (E' o 2.º das suas *Obras* posthumas.) Segunda edição. Lisboa, na Impressão regia. Anno 1831. Com licença. In-8.º de xv-314 pag. (Traz *O Ralhador.*)

E' reproducção da de 1813. Lê-se no prologo: «Logo depois que faleceu Manoel Maria de Barbosa du Bocage, espalhou-se por Lisboa, que elle deixara pouquissimos e insignificantes manuscriptos; e então se derramou o boato (que eu desde logo contradictei) de que o Rev. P.e M.e Dr. Fr. José Maria de Sant'Anna queimara a maior parte dos poucos que existiam...» Seguem referencias de Pato Moniz ás suas constantes relações com Bocage.

1832

Eufemia, ou o Triumpho da Religião. Trad. em verso. — Lisboa. Imprensa de J. N. Esteves. 1832. In-16.º

1834

Rimas de —. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1834. In-8.º (Tomo I.) Quarta edição. De IV-351 pag.

1835

Espantosas acções de Antão Broega, memoravel narigudo. Poema por —. Parte I; de pag. 1 a 12. Traz a nota: «Bocage não fez a segunda parte promettida, e é por isso que outro poeta a dá á luz, a fim de se concluir o poema, ainda que menos favorecido das Musas.» De pag. 13 a 24 vem: «Segunda parte: *Broega,* continuação do poema por José Joaquim Bordalo. (No fim): Lisboa, Typ. de Manoel de Jesus. 1835. In-8.º de 24 pag.

Innocencio regeita-a como apocrypha, fiado no testemunho do Morgado de Assentis. (*Obras de Bocage,* vol. VI, pag. 409.) A chateza d'essas 65 quadras o comprova.

*

Poesias escolhidas de M. M. B. du Bocage. Lisboa. Na Imprensa de J. N. Esteves. 1835. In-16.º de 160 pag. (Transcriptas das edições anteriores.)

1838

A Pena de Talião. Satira a José Agostinho de Macedo. Lisboa. 1838. In-8.º grande. (Reproducção do texto pela primeira vez publicado no vol. IV do *Investigador portuguez.*)

1840

Poesias satiricas ineditas de M. M. Barbosa du Bocage. Colligidas pelo professor de grego do 1.º Liceo nacional de Lisboa, Antonio Maria do Couto, e pelo mesmo annotadas para sua maior intelligencia, com as Memorias biographicas e criticas sobre a Vida e Escriptos d'este insigne vate, consideravelmente augmentadas e corrigidas. 2.ª edição (?) mais correcta e augmentada. Lisboa. Typ. de A. José da Rocha. 1840. In-8.º pequeno, de 64 pag. de prosa e notas; e de 1 a 61 de texto poetico, com mais 3 de notas, com o titulo: «*Sonetos e outras peças* satiricas de M. M. B. B. Pela primeira vez impressas.»

(Diz que Bocage fôra enterrado indistinctamente no cemiterio das Mercês.)

1842

Quadras, Motes, Improvisos, Decimas e Colchêas glosadas por M. M. B. du Bocage. Lisboa. Na Typ. Rollandiana. 1842. In-8.º de 72 pag. (Quasi tudo extrahido das edições anteriores.)

*

Obras poeticas de M. M. B. du Bocage. (Tomo VI.) Precedidas de um Discurso por José Maria da Costa e Silva. Lisboa. Typ. de Desiderio Marques Leão. 1842. In-8.º de VII-308 pag. — Traz as quadras a *Antão Broega.* Diz no prologo: «resolvi-me em 1810 a colligir esses folhetos e autographos formando o 4.º e 5.º volume das Obras de Bocage. Não faltaram detractores a esta empreza patriotica, e á frente d'elles appareceu o Padre José Agostinho de Macedo, invejoso zoilo do Poeta.»

1843

Verdadeiras Ineditas. Tomo IV. Quarta edição. Lisboa. Na Imprensa Nevesiana. 1843. In-8.º de x-236 pag. (Com um Catalogo até pag. 246.)

1846

A Pena de Talião. Na Livraria Classica, de Castilho, vol. XX, e reproduzida novamente com correcções no vol. XXIV, pag. 21.

1847

Obras poeticas, de M. M. B. B. Tomo V. Lisboa. Typ. de Francisco Xavier de Sousa. 1847. (E' a edição de 1822.)

1849

Obras poeticas de M. M. de B. du B. Tomo I. Precedido de huma memoria sobre a vida e escriptos d'este Poeta. Lisboa. Typ. de A. J. R. 1849. In-8.º de IV-49, texto em prosa; e de 1 a 351 texto poetico e index. (1800-1834.)

O prologo sobre a Vida de Bocage é de Antonio Maria da Costa. (Reproduzido da edição de 1840.)

*

Tomo II. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1849. In-8.º de VIII (inn.)-368. (E' a edição de 1799 com frontispicio novo.)

*

Tomo III. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1849. In-8.º de VI (inn.)-303; com 3 de index inn.

Sonetos e outras peças satiricas de M. M. B. du B. pela primeira vez impressas; 1 a 64: é a edição de 1840 pelo Couto. (Encadernado no vol. supra.)

*

Tomo IV. Precedido de um discurso sobre a Vida e escriptos d'este Poeta, por J. M. da Costa e Silva. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1849. In-8.º de 3 a 23 (Notic.) 25 a 416 pag. (A pag. 260 a 273 vêm as *Espantosas acções de Antão Broega.* De pag. 378 a 416 *Sonetos e outras poesias de M. M. B. du Bocage, impressas pela primeira vez na collecção das suas Obras.*)

1850

Tomo V. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1850. In-8.º de I-428 pag. 2 de indice.

1850

Tomo VI. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1850. VIII-236. (Traz a trad. de *Atilio Regulo*, e mais versos lyricos.)

*

Tomo VII. Lisboa. Typ. de A. J. da Rocha. 1850. In-8.º de I a XV com Prefação de Nuno Alvares P. Pato Moniz. (Traz a *Agricultura* de Roset; fragm. dramaticos, e a Comedia em prosa *O Ralhador* por Brueys e Palaprat (pag. 257 a 312.)

1853

Poesias de M. M. de Barbosa du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um Estudo biographico e litterario sobre o Poeta por L. A. Rebello da Silva. Lisboa, na Typ. de A. J. Fernandes Lopes. 1853. In-8.º com o retrato de Bocage copiado da celebre gravura de Bartholozzi. 6 volumes: I, de LVI-404 pag.; II, de 434; III, de 420; IV, de 382; V, de 396; VI, de 416 pag. sem contar os indices finaes. Contém cincoenta peças, umas ineditas, outras avulsas, pela primeira vez incorporadas n'esta edição, indicadas em synopse no vol. VI.

Diz Innocencio que planeara esta edição em 1850, sendo-lhe dada pelo editor a retribuição de 115$200 reis pelo seu trabalho. Eis o elenco dos volumes:

Tomo I: Sonetos eroticos; moraes e devotos; heroicos e gratulatorios; joviaes e satiricos.

Tomo II: Odes, Canções, Cantatas, Cantos, Elegias, Epistolas, Epicedios e Idyllios.

Tomo III: Epistolas, Satiras, Apologos, Epigrammas, Quadras, Motes glosados, Alegorias, Cançonetas e Endechas.

Tomo IV: Elogios dramaticos; Dramas

allegoricos, Poemetos, Metamorphoses de Ovidio, trechos e Episodios traduzidos.

Tomo V: *Os Jardins*, de Delille; *As Plantas*, de Castel; *A Agricultura*, de Roset.

Tomo VI: *Consorcio das Flôres*, de Lacroix; Tragedias e fragmentos de outras.

1854

Poesias eroticas, burlescas e satiricas de M. M. de B. du Bocage, não comprehendidas na edição que das Obras d'este Poeta se publicou em Lisboa, no anno passado de MDCCCLIII. Bruxellas, 1854. In-8.º gr. de 217 pag. (Logar suppositicio.) E' de Lisboa.

1859

Anthologie universelle, choix des meilleurs Poesies lyriques de divers nations dans les langues originales, por Joaquim Gomes de Sousa. Leipzig. Brockaus. 1859. In-8.º de XXVIII-794 pag.

(De pag. 593 a 600, vêm as seguintes poesias de Bocage: *Tritão; Saudade materna; Grato silencio; Da triste e bella Ignez; Se é doce; Meu sêr evaporei; Leandro e Hero.*)

1860

Poesias eroticas, etc. Ib. 1861. (E' segunda edição.) In-8.º de 217 pag.

1861

Poesias eroticas, etc. Rio de Janeiro, 1861. (Contrafacção clandestina da edição de Lisboa.) In-8.º gr. de 201 pag.

*

Poesias eroticas, burlescas, etc. Bahia. Typ. Liberal. 1861. In-8.º de 160 pag.

1864

Poesias selectas de —. Colligidas por J. S. da Silva Ferraz, e precedidas de um esboço biographico por J. V. Pinto de Carvalho. Porto. Typ. de F. Gomes da Fonseca. 1864. In-8.º de 302 pag. com retrato.

1876

Obras poeticas de Bocage. (Bibliotheca da Actualidade.) Porto, Imprensa Portugueza Editora. 1876. 8 volumes:

Vol. I. Sonetos. II. Odes, Canções, Elegias, Idyllios, Cantatas, Epistolas, Satiras, Poemetos. III. Redondilhas (anacreonticas) Cançonetas, Glosas, Fabulas, Epigrammas. IV. Elogios dramaticos, Dramas allegoricos, Fragmentos. V. Versões lyricas, Episodios traduzidos, Metamorphoses. VI. Poemas didacticos traduzidos. VII. Dramas traduzidos. VIII. *Bocage, sua vida e epoca litteraria*, por Theophilo Braga. In-8.º de 306 pag.

1896

Poesias ineditas de Bocage — Censura das mesmas — Defeza pelo Auctor. Lisboa. 1896. In-8.º de 19 p. (Foram colligidas por Rodrigo Vicente de Almeida.) Contém um Soneto, a *Agua estagnada*, e a Ode da despedida para a India com variantes fundamentaes.

1899

Pena de Talião. Nas *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo*, pag. 333 a 341.

Recapitulação das Edições das Obras de Bocage

Rimas. Tomo I: 1791; 1800; 1806; 1834.

Rimas. Tomo II: 1799; 1802; 1813.

Poesias. Tomo III: 1804; 1806.

Obras poeticas. Tomo IV: 1812; 1820; 1822.

Verdadeiras ineditas. Tomo IV: 1813; 1835; 1843.

Obras poeticas. Tomo V: 1813; 1822; 1844.

Verdadeiras Ineditas. Tomo V: 1814; 1831; 1843.

Obras poeticas. Tomo VI: 1842.

Obras poeticas de Bocage. Tomos I a VII: 1849 a 1850.

Poesias de M. M. Barbosa du Bocage. Tomo I a VI (e VII das *Eroticas*) 1853 a 1854.

Obras poeticas de Bocage. Vol. I a VIII: 1876.

NOTAS E ADDITAMENTOS

Genealogia de Bocage (pag. 16.)

Em carta de 7 de Fevereiro de 1902 escrevia-nos o ex.mo academico coronel Carlos Roma du Bocage: «Só n'este momento consegui acabar os extractos dos nossos documentos de familia, que alguma luz podem lançar sobre a ascendencia de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, e seu parentesco com os Bocage ainda existentes. Infelizmente dos documentos pouco se póde tirar que tenha interesse; esse pouco ahi vae, não pelo valor que tenha, mas para assim provar a V. o meu sincero desejo de contribuir quanto em mim caiba para o valiosissimo trabalho de V. com respeito ao grande Poeta, tão pouco conhecido e tão mal tratado pela posteridade.»

As noticias genealogicas foram colligidas pelo avô paterno do Poeta, Luiz Barbosa Soares, quando já contava outenta e seis annos de edade, e completadas por um primo segundo de Bocage, Joaquim José Barbosa du Bocage.

Avô paterno do Poeta:

Luiz Barbosa Soares, nasceu em Lisboa, em 25 de Agosto de 1686, e foi baptisado na freguezia de S. Julião. [1] Casou em Setubal,

---

[1] Filho de João Antonio Barbosa, natural da Villa de Soure, baptisado na freguezia de S. Thiago da mes-

na freguezia de Santa Maria da Graça em 23 de Junho de 1711 com *Eugenia Maria Ignacia* [1] (estando em Setubal Elrey D. João V com os princepes seus irmãos.) Comprou um officio judicial, que lhe renunciou Sebastião da Cunha Freire, passando a servil-o em 14 de Junho de 1710, e conservou-o até 1750, em que o transferiu para o seu *outavo* filho Francisco Antonio Barbosa.

D'estes outo filhos apenas são apontados quatro:

— *Soror Luiza Mathilde* (madrinha do Poeta.)

— *Egidio Soares Barbosa* (padrinho por procuração da Condessa da Ponte de sua sobrinha D. Maria Francisca, ultima irmã do Poeta.)

— *Dr. José Luiz Soares Barbosa* (1728.)

— *Francisco Antonio Soares Barbosa*, nasceu em 9 de Maio de 1733 e casou com D. Anna Margarida Xavier de Bocage em 6 de Maio de 1765, e morreu em 23 de Janeiro de 1819. Sua mulher era sobrinha da mãe do Poeta.

---

ma villa em 1646. Foi para Elvas, onde sentou praça, achando-se nas batalhas de Arronches, na tomada de Valencia de Alcantara, na de Ameixial, na restauração da cidade de Evora, e na batalha de Montes Claros. Continuou o serviço em um Regimento da Côrte, e foi na Armada a Saboya. Casou em Lisboa com Barbara Soares, nascida n'esta cidade em 4 de Dezembro de 1657.

[1] Nascida em Setubal em 11 de Novembro de 1693, filha legitima de Francisco Fernandes, o *Bispo*, e de Luiza Josepha.

O pae do Poeta:

DR. JOSÉ LUIZ SOARES DE BARBOSA. — Nasceu em Setubal, em 29 de Septembro de 1728, na freguezia de S. Maria da Graça; formou-se em Coimbra e serviu os logares de Juiz de Fóra em Castanheira e Povos, e de Ouvidor na Comarca de Beja; casou com D. MARIANNA JOAQUINA CAETANA XAVIER DU BOCAGE, em 6 de Junho de 1758, na freguezia de S. Sebastião de Setubal. Tiveram os seguintes filhos:

1.º *D. Maria Agostinha*, nasceu em Setubal em 14 de Julho de 1759. Casou com Vicente Paulo de Figueiredo Souto Mayor. (Teve succcessão, representada na familia dos Souto Mayor estabelecida em Olhalvo.)

2.º *D. Anna das Mercês*, nasceu em Setubal em 23 de Septembro de 1760. Casou com João do Prado Homem da Cunha d'Eça. Teve successão.

3.º *Gil Francisco Xavier de Bocage*, nasceu em Setubal em 3 de Outubro de 1762. Casou com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Eça, filha do Marechal de Campo. Viuvou em Junho de 1833, e faleceu em 13 de Maio de 1834.

4.º MANOEL MARIA, nasceu em Setubal em 15 de Septembro de 1765, no dia do SS. Nome de Maria, pelas 3 horas da tarde; foi baptisado no dia de S. Miguel, (29) dia em que tinha nascido seu pae, sendo padrinho Heitor Mendes Botelho de Moraes Sarmento, e madrinha sua tia paterna Soror Luiza Mathilde (filha do avô paterno Luiz Barbosa Soares.) Faleceu em 21 de Dezembro, dia de

S. Thomé, pelas 10 horas e um quarto da noite, na cidade de Lisboa, e foi sepultado na egreja do Convento de Jesus.

5.º *D. Maria Eugenia*, nasceu em Beja, em 8 de Septembro de 1768. Faleceu criança; o poeta celebrou a sua morte.

6.º *D. Maria Francisca*, nasceu em Setubal em 13 de Abril de 1771; baptisada na freguezia de S. Maria da Graça em 2 Junho, sendo seus padrinhos José Joaquim de Miranda e a Condessa da Ponte, representados por Gil Francisco Xavier du Bocage, e Egidio Soares de Barbosa, seu tio. Morreu em 18 de Maio (?) de 1841, solteira.

Avô materno do Poeta:

Gil L'Hedois du Bocage, natural de França e baptisado na freguezia de S. Maria Maior, da cidade de Cherbourg, na Normandia. (Filho de Antonio L'Hedois e Catherina Cosma.) Foi Coronel de Mar e Guerra, e casou na freguezia da Encarnação, de Lisboa, em 13 de Julho de 1720 com D. Clara Francisca Lustoff, filha de Leonardo Lustoff, consul da Hollanda, e de sua segunda mulher D. Luiza Vanzeller, que tambem passou a segundas nupcias com o coronel de artilheria João Thomaz Corrêa de Brito.

D. Anna Jacques Manteigui (pag. 69 e 109.)

Em data de 25 de Março de 1902, recebemos do nosso presado amigo general Jacintho Ignacio de Brito Rebello, carta em que referia: «Em tempo disse-lhe que tinha um Co-

dice ou miscellanea de impressos e manuscriptos onde se achava o poema erotico de Bocage *A Manteigui* com algumas notas de um contemporaneo que a conheceu. Ahi vae a nota principal; as outras são emendas aos versos, quasi sempre errados, ou explicativas dos termos indianos assaz conhecidos e obvios:

=«Esta composição foi feita nos Estados da India por M. M. Barbosa du Bocage quando lá esteve. (*Era esta a nota preliminar pelo collector do Codice, a que outro possuidor acrescentou o seguinte):* Sendo Governador e Capitão General D. Frederico Guilherme de Sousa, da Casa de Calharis. A heroina do poema era D. Anna Jaques, nascida em Damão ao norte de Goa de francez e mestiça, inda que de pequeno talhe era linda e muito prendada. Por morte de seus paes veiu para casa de D. Luiza, senhora illustre de Goa, e d'ali é que o General a tirou enganadamente. Alugou-lhe casas em Pangy (côrte da India) e para colorar a grande paixão que o possuia (paixão que o fazia fechar-se dias inteiros sem querer falar) foi casal-a com um francez João Jaques Mantiguí, a quem fez tenente coronel da legião de Pondá. Tinha em casa um negro chamado Antonio com quem se cossava, eis o que deu todo o *resór (sic)* á imaginação do grande Bocage, que então ali se achava, para o *episodio* d'este poema. Eu ainda em 1800 a conheci em Bombay por conta da Companhia Ingleza, e não tendo mais de 45 annos, tinha absorvido a fortuna de uns poucos de negociantes; por tanto era verdade, como diz Bocage — peste d'Asia em luxuria e

gentileza. — D. Frederico dizia muitas vezes, que esta mulher posta em Lisboa levaria tudo após de si.» ═

A approximação de Bocage do ex-governador D. Frederico seria motivada por estas recordações. Bocage chegara a Lisboa em *fins de Maio* de 1790, como se infere da Epistola que José Agostinho lhe dirigiu ainda preso no carcere do Convento da Graça (*retrò*, pag. 92). Em 25 de Agosto de 1790 faleceu D. Frederico; de pouco mais de dois mezes seria a convivencia com o Poeta, e n'este periodo é que se poderia dar o encontro com Beckford. Assim conciliam-se outras circumstancias: A *illuminação* pelo *nascimento* do infante filho da princeza D. Marianna Victoria e de D. Gabriel, corrige-se pela sua *chegada* a Lisboa, celebrada pelos poetas: *Alegria dos Pastores do Tejo:* Ecloga pastoril á feliz estada do Infante D. Pedro, em que fallam Brasia, Amata, e Algano. Composta por —. Lisboa, 1790. (Typ. Nunesiana, in-4.º de 14 pag.) O apparecimento do Marquez de Marialva no jantar de lord Beckford só podia dar-se antes do desastre de 4 de Septembro de 1790, em que pereceu o seu terceiro filho.

Um governo sem mando, um Bispo tal (p. 80.)

Este Soneto é irrefragavelmente de Bocage; achava-se vaga a mitra de Macáo, como vêmos pela *Gazeta de Lisboa*, de 1790, que annuncia a sagração em 17 de Janeiro, do Bispo *eleito* D. Marcellino José da Silva.

O P.e José da Silva (pag. 331.)

Apontado no *Dietario* de S. Bento como prezo de estado do julgado levantamento de Minas; o P.e José da Silva de Oliveira Rolim (*Filinto Elysio*, pag. 575 e 576) que tanto defendeu Gonzaga da supposta Conjuração Mineira, conversaria com Bocage ácerca do cantor da *Marilia de Dirceo*. Por decreto de 4 de Outubro de 1794 fora concedida a mercê do habito de Christo com 200$000 rs. de tença ao infamissimo Joaquim Silverio dos Reis pela denuncia da conjuração de Villa Rica (*Gazeta*, n.º XLII) inventada nas mesmas condições da Conjuração dos Pintos em Gôa, em 1787. Como esses dois presos politicos se comprehenderiam!

Trabalhos sobre Bocage

1.º *Memoria sobre a Vida de Bocage*. 1806, por Antonio Maria do Couto. — Vem na edição das Poesias satiricas; foi escripta depois da morte do Poeta, valiosa pelo testemunho pessoal e impressões vivas, apesar de um laconismo desolador para os que esperam mais informações de um conhecido e contemporaneo. José Agostinho de Macedo não perdoou a Couto o seu culto por *Elmano*, e em uma nota ao poema *Os Burros*, assenta-lhe estes traços biographicos: «Antonio Maria do Couto, antigo moço ou donato dos frades Vicentes, casado segunda vez, favorecido por um alcoviteiro do Conde de Villa Verde, e por estes nomeado Professor de grego para os filhos dos creados das cavalheirices de Belem. Elle se tem dado a conhecer menos por uns

destemperos ou escriptos a que elle chama traducções, do que pela têa de calotes, furtos e intrigas, mentiras, perjurios e jogos aladroados, porque o espancaram do mesmo Botequim de José Pedro.» Em uma outra nota accrescentou Ferreira da Costa: «Foi meirinho de uma Sociedade que houve até 1805 em Abrantes, chamada *Tubuciana*.»

2.º *Discurso sobre a Vida e Escriptos de Bocage*, por José Maria da Costa e Silva.— Vem no tomo IV das *Obras poeticas*, de 1812. Pode-se-lhe applicar a censura em que incorreu o Couto. Preparava-se para um trabalho mais extenso; vimos uma biographia inedita de Bocage mas de puras declamações rhetoricas em vez de factos; tambem colligiu muitas poesias ineditas de Bocage, que foram cahir em poder do bibliophilo Pereira Merello.

3.º Nos tomos XXII-XXV da *Livraria classica*, publicou José Feliciano de Castilho um estudo anecdotico sobre a vida de Bocage; valioso por ter aproveitado o testemunho historico dos amigos do poeta, taes como Bingre, Morgado de Assentis, D. Gastão, e José Pedro da Silva, matisando o texto com varios ineditos e attribuições. E' obra desconnexa de um compilador curioso, mais admirador do que critico. Os erros d'esta edição de 1847 foram apontados por Innocencio na edição das *Obras poeticas de Bocage*, de 1853; José Feliciano emendou-os na edição brasileira de 1867, mas ficando a mesma ausencia de luz historica e de comprehensão da psychologia do individuo.

4.º *Estudo biographico litterario sobre Bocage*, por Luiz Augusto Rebello da Silva.—

Appareceu á frente da edição das Obras de Bocage de 1853, tomo I, pag. V a LVI, e no tomo VI, p. 317 a 397. Reproduziu-o sem alterações no *Panorama*, e depois ampliado em Memoria offerecida á Academia real das Sciencias. E' um quadro pomposamente rhetorico, em que alguns factos foram fornecidos por Innocencio Francisco da Silva. Queixa-se José Feliciano de ter contribuido inconfessadamente para esse trabalho: «Fez-nos o respeitavel snr. Luiz Augusto Rebello da Silva a honra de revestir esta nossa Memoria com as galas do seu primoroso estylo, publicando-a em tres edições... Rarissimas são as alterações que o distincto escriptor fez ao meu opusculo.» (*Manoel Maria du Bocage*, vol. II, p. 30.) E mais adiante: «Comquanto sejam frequentes e brilhantes as ampliações do respeitavel academico, não podemos divergir nas bases, pois que elle adoptou quasi sempre as que tinhamos dado ao publico.» (*Ib.*, p. 57.)

5.° *Bocage, sua Vida e Epoca litteraria*, por Theophilo Braga.—No volume VIII da Bibliotheca da Actualidade, do Porto, 1876, acompanhando a Edição das Obras de Bocage. Para a composição d'este estudo servimonos de todos os subsidios publicados e da interpretação dos seus versos, retratanto pela primeira vez este vulto lendario á luz da epoca, que recompuzemos pelos documentos do Archivo da Policia desde 1780 até 1805, e do Archivo nacional e Bibliotheca publica. Sobre este trabalho, escrevia o setubalense Francisco Pacheco: «é, quanto a nós, a critica mais imparcial e solida de Bocage.» (*Seculo*, n.° 454, de 16 de Septembro de 1894.)

Desde 1876 até hoje nunca este trabalho deixou de ser melhorado, pela descoberta de ignorados documentos e inesperados ineditos, como por uma melhor disposição dos factos. [1] Bem desejaramos merecer estas palavras de Vitet, escriptas a proposito do livro de Guizot *La Restauration des Stuarts*: «Dois pontos, sobretudo, pareciam quasi insoluveis: coordenar e metter em scena em uma ordem intelligivel este tropel de factos e de personagens, todos quasi que da mesma estatura, figurando todos no mesmo plano, distinguindo-se apenas uns dos outros; depois, e em segundo logar, fazer um drama d'esta confusão, tornar, senão visivel, ao menos, presentes, de um fio ao outro da narrativa, esta unidade interior sem a qual não ha obra de arte.» (*Essais historiques*, p. 123.)

MANUSCRIPTOS DE BOCAGE

1) *Papeis de José Maria da Costa e Silva.* (Nas Miscellaneas de Pereira Merello.)

Além das poesias ineditas, que ficam empregadas no texto d'este livro, a pag. 70, 71, 72, 80, 87, 88, 316, 352 e uma Carta extensa a pag. 196, incluimos aqui as seguintes composições:

---

[1] Aqui se incorporam os factos colligidos por Philippe Nery Xavier, Ismael Gracias e Dr. Ribeiro Guimarães.

MOTE

A's ondas se lançou Hero formosa.

No cimo do Castello sobranceiro
Da desolada amante o facho ardia,
Signal que Amor aos dois prestado havia
Bem como das delicias mensageiro.

Forrava os áres turvo nevoeiro,
Que apenas froixa luz Leandro via,
N'isto os braços cruzava, os pés movia,
Talhando as vagas o amador ligeiro.

O triste teima e lucta, mas cansado
Bebe no mar, que bebe a morte irosa,
E jaz na areia palido e gelado.

Oh prova singular! paixão damnosa,
Se entre as ondas morreu Leandro amado,
A's ondas se lançou Hero formosa.

Do dia foge a luz, e a noite o mundo
Cobre do manto seu pardo e trevoso,
Ferve nas rochas o Hellesponte undoso,
E de Hero o torreão pugna iracundo.

Leandro, esse infeliz terno e jocundo,
A's ondas se lançou do pégo iroso,
Recresce emtanto o vento furioso
E o Hellesponte revolve o seio fundo.

Eil-o perdendo a força arrebatada,
Co'as ondas lucta em vão, com voz sumida
Estas vozes soltou da bocca honrada:

«Oh Hero! oh Hero! amada enternecida,
«Oh! Que as ondas me sorv... adeus, amada,
«No Elysio te verei... adeus, querida!»

Vamos, querido bem, formosa Alcina,
Nossas juras cumprir feitas ha tanto;
Quem teme o braço do alto Numen santo,
Aos votos que produz a fronte inclina.

Aquella sarça que o verdor faz dina,
E' do nosso prazer, do nosso encanto,
Vae-se o sol, vem da noite o escuro manto,
Vamos, querido bem, formosa Alcina!

Nenhum, nenhum pastor da nossa aldêa
A noticia terá d'estes amores,
Pois de amantes é mãe a Noite fêa;

Jupiter se o souber não muda as côres,
Pois dos ternos mortaes que Amor enlêa
Nunca accenderam seus fataes rigores.

Forte cousa, Marilia, não cederes
A's meigas petições que te hei feito,
Cerras as portas a teu doce peito,
Dar-me alguma attenção sem tu quereres.

O fructo, os mesmos insensiveis sêres
Provam d'amor o saboroso effeito,
Une-se o Veado, a Corça em laço estreito,
Sabem de eterno amor guardar deveres.

Ah, Marilia innocente, os teus rigores
Se extingam de uma vez; é peito rude
O peito que de amor foge aos ardores.

Minha rasão, Marilia, não te illude,
Podes sem medo disfructar amores,
Amor crime não é, mas sim virtude.

Graças ao céo, que encontrei na terra
Em tudo sem senão gentil criatura,
Graças aos Deuses, que á tristeza dura
Os trophéos já ganhei com que me aterra.

Ritalia, o rosto teu de mim desterra
Horridas nuvens de procella escura,
Foi o mesmo que vêr-te a formosura,
Castas provas que o céo d'amor encerra.

Ah, logo te jurei, Ritalia, oh bella,
Idolatrar-te sempre e sempre, e viste
N'estes olhos, só teus, a fé singela.

Não temas, mago bem ; o sêr consiste
Em de um licito amor seguir a estrella,
Que a vida sem amor, se é vida, é triste.

— —

No mar dos teus affectos navegado
Todo o panno larguei, e mareando
O norte do teu gosto fui levando
Como rumo de porto desejado.

Mil vezes me vi quasi soçobrado,
Outras mil tambem quasi á costa dando;
Mas com destreza o leme meneando
Escapei do naufragio desastrado.

Porém vi que o mantimento se acabava,
O casco pôdre, rôto todo o panno,
E que a terra mui longe me ficava.

Que fiz? virei de bordo; e porque o dano
Cada vez mais e mais se approximava,
No porto vim surgir do desengano.

———

Já sobre as vagas ondas despedido,
Feliz, ditoso lenho navegando
Te vejo com soberba castigando
Os furores do vento desabrido.

Porque rasão te ostentas atrevido
Nos robustos madeiros confiando?
Não sabes que um castigo miserando
Neptuno dar-te póde enfurecido?

Não receias as Syrtes, que ferozes...
Porém, louco de mim, pois que procuro
Encher-te de pavor com roucas vozes:

Não temas triste sorte ou fado escuro,
Que para vencer casos mais atrozes
IGNACIO [1] te conduz e vaes seguro.

Oh terrivel dragão, cruel arpia,
Monstro dos monstros, furia dos infernos,
Que em vil murmuração, ralhos eternos
Estragas, sem perder noite e dia.

Tu, que nas horas em que o môcho pia
Calumniaste meus suspiros ternos,
Entrega a carga de noventa invernos
Nas descarnadas mãos da Morte fria.

Cae de chofre no bárathro profundo,
Cae sim, cae dentro da voraz fornalha,
Deixa viver o miseravel mundo.

E lá, d'entre essa réproba canalha,
Lá, bem longe de nós, lá bem no fundo
= Arde, murmura, amaldiçôa e ralha.

Uma noite, em que Filis protestado
Me tinha de fazer-me venturoso,
Da espada lanço mão, e cautelloso
No sitio me fui pôr mui rebuçado.

Depois de meia noite já ter dado,
Janella sinto abrir, e pressuroso
Despeço grosso escarro vigoroso,
Signal já muitas vezes costumado.

Na resposta conheço ser acceito,
E crendo ser de certo a minha amada,
A fallar já me chego com respeito;

Mas quando a cara tinha levantada,
Eis me prégam de cima, foi bem feito,
A mais vil, fedorenta bispotada.

---

[1] Será este Ignacio da Costa Quintella, que chegou a Almirante, e era amigo de Bocage?

O CAMBIO

(Ode de Lessing)

— Tu queres trocar commigo?
(Mostrando-me o seu thesouro,
Me disse um rico, querendo
Lhe désse a minha Doris por seu ouro.)

Mas, sabeis que lhe respondo?
«Isso em ti, rico, é loucura;
Um prazer tão satisfeito
Póde o teu ouro dar-me, por ventura?

«O teu ouro é dôce, é terno,
E' fiel, e amoroso;
E' bem como a minha Doris
Por ventura animado, espirituoso?

«O teu ouro faz carinhos
Ao seu bello possuidor;
Sabe correr e brincar,
Faz fósquinhas, bem como o meu amor?

«Meu rico, se o teu thesouro
Nada d'isto póde, nada,
Com toda a minha pobreza
Não tróco por teu ouro a minha amada.»

2) Manuscriptos de Ponte do Lima:

A) *Caderno do espolio do Cardeal S. Luiz.*

Emquanto preparavamos a edição de 1876, fômos surprehendidos com o achado de um caderno contendo poesias ineditas de Bocage, sobretudo de um genero de que apenas se conhecia a Epistola da *Pavorosa illusão da eternidade;* era natural que tendo-se o poeta inspirado do deismo dos Encyclopedistas, hou-

vesse escripto sob essa dissolução metaphysica que se passava no seu espirito; o motivo de não apparecerem mais composições d'este genero explicavamol-o pela apprehensão dos seus papeis pelo Intendente da Policia em 1797. De facto o caderno que temos presente foi compilado por curioso que alcançou algumas d'essas peças prohibidas e que as agrupou com outras de varios auctores, tambem satiricas. Reproduzindo as cinco composições ineditas de Bocage, não só enriquecemos a futura edição, como tornamos mais accentuado o perfil d'esse genio indisciplinado, que tanto representa em Portugal a corrente das *Ideias francezas*. Para que fique authenticada a proveniencia d'essas poesias, aqui reproduzimos as cartas que as acompanharam:

Ill.mos Snrs.

Indo hontem a casa d'um meu parente negociante, na occasião em que elle mandava revolver um montão de papel, vi, por acaso, entre este um manuscripto antigo, no qual peguei por curiosidade: eram poesias todas assignadas por Bocage.

Folheei o dito manuscripto e encontrei n'elle muitas poesias que ainda não foram publicadas, tal como 124 quadras de Bocage — «Ao seu amigo Anelio» — e outras que já foram publicadas, mas que fazem mais ou menos differença. O manuscripto, infelizmente, faltam-lhe folhas, e em algumas partes os caracteres das letras estão quasi apagados, em razão das folhas estarem todas muito sujas.

Se V. S.as quizerem o manuscripto para publicarem as «Glosas», «Dialogos», etc., que ainda não foram publicados, avisem-me que eu mando-lh'o promptamente.

Ponte do Lima. 22 de Maio de 1876.

De V. S.a
att.o v.dor e obrig.mo
D. J. Silva Machado Junior.

Ill.^{mos} Snrs.

Recebi a carta de V. S.as e hoje lhes remetto o manuscripto de que lhes fallei. Tem elle poesias que ainda não foram publicadas, creio eu, e outras onde ha differenças, algumas pouco notaveis. Por exemplo: A Glosa que tem por mote: «Defender os patrios lares», etc., é inteiramente diversa da publicada por essa redacção, e n'alguns Sonetos, etc., tambem ha mais ou menos dissemelhança. Segundo pude saber, houve uma época em que, não sei porque motivos, uns parentes de D. Francisco de S. Luiz que residiam n'esta villa, venderam a pezo muitos livros pertencentes a este escriptor, que já n'esse tempo era falecido. Como V. S.as talvez saibam, o Cardeal Saraiva era d'esta villa; seria o manuscripto d'elle? Apesar de ser cousa já hoje impossivel de averiguar, tenho algumas razões que me levam a crêr que era.

O livro devia ser muito maior; mas o completo desprezo em que tem andado, levaram-no ao gráo lastimoso em que está. — Sem mais.

Ponte do Lima, 30 de Junho de 1876.

De V. S.a
att.o v.dor e obrig.mo

Domingos José da Silva Machado Junior.

Carta a Urania

Queres, formosa Urania, que ostentando
Nos meus discursos de Lucrecio novo,
Com temerarias rasões ante os teus olhos
Toque a Religião, lhe arranque a venda?
Queres que exponha em quadro perigoso
Sacras mentiras de que abunda a terra?
Que, munido de audaz Philosophia,
Te ensine a desprezar o horror da morte
E os sonhados phantasmas da outra vida?
Não prezumas jámais, que embriagado
Da illusão dos sentidos, e profano
Blasphemador da fé que me ensinaram,
Com libertina voz, e por despeito
De meus erros, idolatra eu aspire
A destruir a Lei que m'os condemna.

Fazendo escrupuloso e denso exame
Do mais denso e terrivel dos Mysterios,
Vou demandar em passo respeitoso
Ao centro do sacrario do Deus-homem,
Que morto no patibulo recebe
Incenso, adoração da illustre Europa.
Horrida sombra de perpetua noute
Sim faz com que pareça inaccessivel
A meus olhos afoitos o adorado,
O tremendo logar; mas tu, sizuda,
Tu, próvida rasão, que lá me guias,
Co'a tocha rutilante me precedes,
Minha mente confusa esclarecendo.
Os Ministros do Templo que procuro,
De austeras cataduras me apresentam
Primeiramente um Deus tão rigoroso,
Um Deus tal, que devera aborrecel-o;
Um Deus, que nos creou para a desgraça,
Que nos deu coração propenso ao crime,
Só para ter o jus de castigar-nos:
Que nos fez similhantes a si proprio,
Para mais cabalmente envilecer-nos,
E para sermos victimas infaustas
De tormentos sem fim por ordem sua.
Mal que o homem formou á sua imagem,
Eis Deus arrependido e desgostoso,
Como se d'ante mão, perito obreiro,
Não devesse notar, e vêr na ideia
Quaesquer imperfeições do seu composto,
E sabio prevenil-as e emendal-as!
Depois com furia atroz, assolladora,
O Numen vingativo estraga, arranca
Do aterrado universo os alicerces.
Rompendo o bôjo ás nuvens carregadas
Desfecha de uma vez geral diluvio
Sobre os impios, sacrilegos humanos,
Que o mundo com seus crimes enxovalham;
Mas, quererá talvez crear debaixo
De um céo risonho e puro entes amaveis,
Corações virtuosos, dignas provas
Da sua alta, immortal sabedoria?
Não; lá vaga na terra um novo enxame
De rebeldes, de iniquos, de perversos,
Escravos das paixões, soltos nos vicios,
Raça ainda peor do que a primeira,

Que furias, que flagellos, que vinganças,
Que raios vibrará contra estes monstros
A pavorosa mão do Omnipotente?
Sepultará no cáhos os elementos?
Oh ternura! oh mysterio! oh maravilha!
Afoga os paes, e pelos filhos morre!
Ha um povo inconstante, ignobil, nescio,
Das vãs superstições cultor insano,
Por visinhas nações forçado ao jugo,
De vergonhosos ferros opprimido,
E ludibrio infeliz dos outros povos:
Eis que o Filho de Deus, eis que Deus mesmo
Se faz concidadão d'este vil povo,
De uma hebrêa encarnando nas entranhas.
Subordinado á Mãe, soffre a seus olhos
Os damnos, os incommodos da infancia:
Por longo tempo obreiro desprezivel
Co'o cepilho na mão, seus bellos dias
Perde em baixo exercicio; emfim, tres annos
Prèga á gente Iduméa, até que morre,
Em affrontoso e barbaro supplicio.
Ao menos o seu sangue, o puro sangue
De um Deus que s'offereceu por nós á morte
Não merecia assás, não tinha um preço
Raro, summo e capaz de reparar-nos
Dos golpes que os Infernos invejosos
Dirigem contra nós!... Que! Deus por todos,
Por todos quiz morrer, veiu a remir-nos
E é, sua morte, oh céos! infructuosa?
Que! louva-se, engrandece-se a bondade,
A clemencia de um Deus tão vão, tão futil?
Quando, subindo ao céo, de novo accende
A colera apagada e nos submerge
Outra vez n'esses lugubres abysmos
De eterna duração, de eternos males!
Quando, pelo rigor com que nos trata
Perdem todo o valor seus beneficios!
Quando, havendo por nós vertido sangue,
Expiado com elles nossos crimes
Castiga em nós os de que réos não somos!
Cégo, no seu furor inexoravel,
Sobre os ultimos netos pune e vinga
O delirio fatal do pae primeiro!
Julga por este crime os infinitos,
Os miseraveis Povos que elle mesmo

Collocou entre as sombras da mentira!
Elle vindo dos céos, segundo a crença,
Para o mundo salvar e illuminal-o!
America infeliz, sertões immensos,
Gente ás portas do sol por Deus creada,
Hyperboreas nações, a quem o engano
Em somno profundissimo conserva,
Condemnadas sereis por ignorardes,
Que lá n'outro hemispherio e n'outro tempo,
Sobre um dos montes de Iduméa o Filho
De um pobre carpinteiro em cruz foi morto.
Não reconheço n'esta indigna imagem
O Deus, a quem meus cultos são devidos;
E se tal, qual m'o fingem, o adorasse
Teria para mim que o deshonrava.
Ouve do alto dos céos, oh Deus, que imploro,
Ouve uma voz sincera e lastimosa:
Minha incredulidade ah, não te offenda;
Tu vês meu coração; pintam-te os homens
Um tyranno; eu te chamo o Pae de todos;
Não sou, não sou christão porque te adoro
Mais dignamente. Oh Céos, que objecto é este,
Que assombra os olhos meus! Eu vejo, eu vejo
O Christo glorioso: eis a par d'elle
A portentosa cruz sobre uma nuvem,
Tu jazes a seus pés soffrega Morte;
Das portas infernaes sáe em triumpho;
Seu reinado os oraculos predizem;
Sobre o sangue dos martyres assenta
Seu throno, são os passos dos seus santos,
Outros tantos milagres, bens maiores
Do que os mesmos desejos lhes promette.
Os exemplos que dá são adoraveis,
E' divina a moral; elle consóla
Occultamente os corações que illustra.
Na mór tribulação lhe offerece abrigo,
E se funda o seu dogma na impostura
E' feliz quem por elle é enganado.

Entre os dois quadros, indecisa Urania,
Que aos olhos te appresento, a ti compete
Deslindar a verdade occulta em sombras,
A ti, cujo talento agudo e claro
Só pela tua belleza é excedido.
Não te esqueças porém, que a mão do eterno

Gravou dentro em teu peito a lei primeira,
Digo a Lei natural: crê que a brandura,
A graça, a perfeição de que és ornada
Não podem ser objecto do seu odio;
Crê que lá na presença do seu throno,
Em todo o tempo, em todos os logares
O coração do justo é precioso;
Crê, que um Bonzo, um Derviz modesto e pio
Encontram mais agrado nos seus olhos,
Que um Jansenista acerrimo, implacavel,
Que um Pontifice injusto, ambicioso.
Usarmos pois com Deus nas nossas preces
D'este ou d'aquelle titulo, que importa?
Recebe imparcial todos os cultos,
Nenhum honra lhe dá: não, não carece
De obsequios de mortaes; só injustiças
O offendem, se é possivel offendel-o;
Por acções de virtude elle nos julga,
Não pelos sacrificios que fazemos.

BOCAGE. (Ms. inedito, p. 29 a 35.)

VERDADES SINGELAS

EPISTOLA 1

De Bocage ao seu amigo Anelio

1 Se tu na pomposa lyra [1]
Te lembras meu tosco abrigo, [2]
Eu tambem no meu retiro
Não me esqueço d'um amigo.

2 Ouve, Anelio, a minha lyra
Despida de auctoridades,
Cantar da rasão singela
Talvez extranhas verdades.

3 Frio susto não adeje
Em torno de ti, Camena,
Que se alguns te criminarem [3]
A rasão não te condemna.

---

[1] Lysia (Ed. 1826 e 1839.)

[2] Te lembras *aqui me* abrigo. (Ed. 1839.)

[3] ... *condemnarem* (Ed. 1826 e 1839.)

4 Este dom que só distingue
O homem n'este desterro,
Porque é dom que Deus lhe deu
Não póde abonar o erro.

5 Se a rasão, que do céo veiu,
Enganasse o triste humano,
Não era a rasão auctora,
Era um Deus auctor do damno. [1]

6 Logo, pois quando nos dita
Despida de prejuizos
Verdades tão innegaveis,
Tão evidentes juizos; [2]

7 Se n'um ente limitado
Não cabe uma acção immensa,
Como póde a culpa humana
Tornar-se infinita offensa?

8 Se o goso que um Deus disfructa
Não póde ser perturbado,
Quaes serão as consequencias [3]
Que traz comsigo o peccado?

9 Se as leis sociaes offende, [4]
Evite-as a sociedade;
Não tenham ligeiras culpas
Castigos de eternidade.

10 Se o mal que produz a culpa
Ao homem só prejudica,
Quando commette o peccado [5]
Punida a culpa não fica?

11 Quando mesmo um Deus devesse
Com dura mão castigar-nos,
Na intensidade da pena
Não poderia expiar-nos?

---

[1] Era Deus auctor do *engano*. (Ed. 1826 e 1839.)

[2] *São* evidentes juizos. Ib.

[3] *Porque taes* consequencias (Ed. 1826.)
Comsigo traz o peccado. Ib.

[4] Se offende as leis sociaes Ib.
Evite-*o* a sociedade; (Ed. 1839.)
Não tenham culpas ligeiras (Ed. 1826.)

[5] Quando *elle faz o delicto* Ib.
Quando commette o *delicto* (Ed. 1839.)

12 Pois que o homem n'um momento
Commette infinita offensa,
N'um momento um Deus não póde [1]
Ao homem dar pena immensa?
13 Mas se acaso a sua gloria
O mortal póde murchar, [2]
Este Deus foi imprudente,
Infeliz em nos crear.
14 Os dias em que os mortaes
Commetterem mais peccados,
Para o mesmo Auctor dos dias
Serão dias desgraçados.
15 Da fortuna ás inconstancias
Por este modo sugeito, [3]
E' escravo da fortuna
Quem a fortuna tem feito.
16 Por constante alternativa
Terá os bens e os pezares
D'aquellas mãos, que o incenso
Lhe queimam sobre os altares.
17 Deus grande, por que motivo [4]
A creação emprehendeste?
Que os homens te offenderiam,
A caso não conheceste?
18 Porque rasão a virtude
Borrifaste de amargura?
E pelo contrario ao vicio [5]
Uniste tanta doçura?
19 Os attractivos que déste
A' tocante formosura,
Não fôra melhor ligal-os
A essa virtude pura?
20 Em vez de tantas reformas
Que tens dado ao grande plano,
Não vos seria mais facil [6]
Tirar a mascara ao engano?

---

1 N'um momento Deos não póde (Ed. 1826 e 39.)
2 O mortal póde *manchar*. Ib.
3 *Assim como nós* sugeito, (Ed. 1839.)
4 Grande Deos! porque motivo. (Ed. 1826 e 1839.)
5 E ao vicio, pelo contrario (Ed. 1839.)
6 Não *te* seria mais facil (Ed. 1826 e 1839.)

21 Esses espinhos que juncam
A vereda da virtude,
Não era melhor plantal-os [1]
No trilho do vicio rude?

22 Permitti em desafogo [2]
Te diga do meu desgosto,
Que ao mais formidavel risco
Um Deus bom nos tem exposto.

23 Qual pescador caviloso,
Disfarçando anzol farpado,
Colhe ás mãos peixe imprevisto
Que á isca vae descuidado;

24 Tal um Deus embellezando
Esse vicio desastroso...
Mas que digo! Anelio, um Deus
Que é bom, que é santo e piedoso... [3]

25 Mas quem póde, Anelio caro, [4]
Meditar sem extranheza
No poder das paixões fortes,
Do coração na fraqueza? [5]

26 Theologia inconsequente,
Que me respondes agora?...
Quanto mais combino ideias
Mais teu systema peóra.

27 Tu só tens subtilisado
Mil cousas extravagantes,
Que um só golpe d'attenção
As conhece vacilantes.

28 Se eu não devo decidir-me [6]
Avaliando as rasões,
E' melhor ser insensato
Que fazer combinações.

---

[1] Não *fôra* melhor plantal-os (Ed. 1826.)

[2] Permitte-me que te diga
Cheio de amargo desgosto, (Ed. 1826 e 1839.)

[3] Que é bom, que é *justo* e piedoso. (Ed. 1839.)

[4] Porém, amigo, quem póde (Ed. 1826 e 1839.)

[5] Dos corações na fraqueza? Ib.

[6] Se não devo decidir-me Ib.

29 Se a Providencia prevía
Dos homens o precipicio,
Como lhe não deu, podendo, [1]
Mais forças que ao torpe vicio?
30 E se acaso as suas forças
São ás do vicio eguaes, [2]
Creados em puro estado,
Porque peccam os mortaes?
31 Foi-lhes dada a liberdade [3]
Para poder merecer,
Mas elles d'ella abusando
Lhes vem tão funesta ser.
32 E' isto porque o mortal
Ao seu alvedrio entregue
Arbitro das suas acções [4]
A virtude ou vicio segue?
33 Pois um presente escolhido
Que por um Deus nos foi dado,
Para fazer-nos felizes
Torna o homem desgraçado?
34 Cercado de mil enigmas [5]
Dar-nos-hia este presente,
Seu util uso occultando
Ao miserrimo vivente?
35 De que me serve o segredo
De arranjar um firmamento
Se ainda tendo a materia
Não sei dar-lhe o movimento?
36 Que me aproveita ser livre
Se occulto motivo forte
Sempre, oh Céos! me determina
A obrar d'esta ou outra sorte?

---

[1] *Porque* lhe não deu, podendo, (Ed. 1826 e 39.)
[2] A's do vicio são eguaes, Ib.
[3] Foi-*nos* dada a liberdade. Ib.
Para poder*mos* mer'cer, (Ed. 1839.)
Porém nós d'ella abusando Ib.
Quam funesto vem a ser. Ib.
[4] Arbitro das acções suas Ib.
[5] Cercado de mil *enganos* (Ed. 1826 e 1839.)

37 Oh tyranna faculdade
Inimiga dos humanos,
Se és mãe d'algumas virtudes
E's fonte de immensos damnos!
38 Apezar que apologias
De genios mil tens aos centos,
Sendo a culpa triumfante
São outros meus sentimentos.
39 Não prevía acaso um Deus
Que de ti abusariam
Os homens que formar ia [1]
E que o mal seguir haviam?
40 Como pois amando o homem,
Sendo em poder infinito,
Um dom lhe deu tão funesto
Que faria o seu delicto?
41 Se mais que todos os entes
Um Deus nos creou perfeitos,
Porque a geração humana
E' tão cheia de defeitos?
42 Muitas verdades inuteis [2]
Sabemos com evidencia;
Sendo-nos tão duvidosas
As de maior consequencia.
43 Se um mal é de um mal origem [3]
Se é espirito o que pensa,
Se acaso tem a virtude
N'outra vida recompensa;
44 Se um só culto a Deus agrada,
Se a minha alma é immortal, [4]
Se é justo que abranja o filho
Do pae a culpa fatal;
45 Se um todo de partes frageis
Sujeito a fortes paixões
E' infallivel, é justo
Sempre em suas decisões;

---

[1] Os homens que *fez tão fracos* (Ed. 1826 e 39.)

[2] *Quantas* verdades inuteis Ib.

[3] Se um mal é de um *bem* origem Ib.

[4] Se a *nossa* alma é immortal, Ib.

46 Todas estas e mil outras
Ao bem nosso essenciaes
Inda são, Deus providente,
Problemas para os mortaes.

47 Porque nascemos despidos
Das verdades interessantes,
Porque seguimos o vicio [1]
Somos fracos inconstantes?

48 Como de um Deus de bondade
De virtude preciosa,
Emmanou a creatura
Desgraçada e criminosa?

49 Seria a Deus menos possivel [2]
Fazer do nada a materia,
E que enormes globos vôem
Pela região etherea? [3]

50 Tantas mechanicas leis
Prescrever a cada peça,
E que sendo rude o barro
A's leis fiel obedeça! [4]

51 D'esse espirito e materia
Colligar as faculdades,
Fazendo que mutuas s'influam [5]
Tão oppostas entidades?

52 Porém, a crear o homem [6]
Não lhe seria possivel
Menos sujeito á desgraça,
A' virtude mais sensivel?

53 Dar á verdade mais força, [7]
Ao homem maior rasão,
E nutrir-lhe para o vicio [8]
Incorrupto o coração?

---

[1] *E para amar a virtude* (Ed. 1826 e 1839.)

[2] Seria menos possivel Ib.

[3] *Por essa* região etherea? Ib.

[4] Fiel ás leis obedeça! (Ed. 1826.)

[5] *Fazer* que mutuas se influam (Ed. 1839.)

[6] *E* crear *então* o homem Ib.

[7] Dar á *Virtude* mais força, Ib.

[8] E nutrir-lhe para o *crime* (Ed. 1826.)

54 Como, oh Céos! um Deus que é bom
E tão immenso em poder,
Não póde, amando este homem, [1]
A sua ventura fazer?
55 Ou tu, verdade, ou tu, vicio, [2]
Não sois mais que vãs ficções
De atroz politica inventos
Para enfrear as paixões;
56 Ou este Deus, que eu conheço [3]
Por humana auctoridade,
Rindo ao som dos nossos males [4]
Gemer deixa a humanidade;
57 Ou talvez, que sendo eterna
Dos homens a geração
Não possa inverter a ordem, [5]
Mudar nossa condição
58 Mas se tudo, Anelio, fosse
Obra só da natureza...
Porém não falte a rasão
Nos espaços da incerteza.
59 Concluo só, que a substancia
Que é infinita em poder
Se ama os entes que gerara [6]
Todo o bem lhe hade fazer.
60 Mas já sereno silencio
Vae a noite luctuosa
Brandamente gotejando
Sobre a Lyra preguiçosa.
61 De sonhos travessos prenhe
O surdo Morfêo m'espreita,
E com seu halito morno
Os meus sentidos sugeita.
62 Fica em paz, Anelio caro,
Que os meus olhos carregados
Se dão ao languido somno
De abrir e fechar cançados.

(Ms. inedito, p. 37 a 48.)

---

[1] Amando este homem não pode (Ed. 1826.)
[2] Ou tu, *Virtude*, ou tu, vicio, (Ed. 1826 e 1839.)
[3] Ou o Deus que eu *re*conheço Ib.
[4] Rindo ao som *de* nossos males (Ed. 1826.)
[5] Não possa inverter-*se* a ordem, (Ed. 1826 e 39.)
[6] Se ama os entes que *gerou* (Ed. 1839.)

EPISTOLA II

De Bocage a seu amigo Anelio

1 Emquanto nas cavas rochas
Chovem os niveos orvalhos,
E os zephyros contentes
Folheiam n'estes carvalhos; [1]
2 E a azul-ferrete andorinha
Traz do rio no biquinho
Humido, viscoso barro
Com que formalisa o ninho;
3 Agora, que Phebo sólta
As rédeas auricomadas
Aos seus soberbos Ethontes
Pelas ethereas moradas;
4 E dos olhos dos viventes
Vôam subtis dormideiras
Deixando acordar as vidas [2]
Que suspendiam ligeiras;
5 Emquanto humidos peliços
Vestem sinceros pastores,
E vão abrindo os apriscos
Aos rebanhos mugidores;
6 E dos espessos esgalhos
Do verde-negro cipreste
Pia o triste solitario
Que da côr da noite veste;
7 Outra vez, meu caro Anelio,
Eu tomo esta pobre lyra [3]
E oscillando-lhe as cordas
Te digo o que a musa inspira.
8 D'esse aligero Cupido
Os vis, buidos farpões [4]
Não te canta a minha musa, [5]
Nem as terriveis paixões.

---

[1] Folhêam estes carvalhos; (Ed. 1826 e 1839.)
[2] Deixando acorda*das* vidas Ib.
[3] Tomo *a ingenua e* pobre lira Ib.
[4] Os *assacalados* farpões (Ed. 1826.)
Os *seus* buidos farpões (Ed. 1839.)
[5] Não te canta a minha *lira*, Ib.

9 Embora da triste Dido
A miserrima desgraça
O fogoso enthusiasmo
De um Virgilio satisfaça;
10 Cante as formosas Helenas,
Guerreiros, Achilles fortes [1]
E de Troia bloqueada
Os fogos, o sangue, as mortes;
11 Que a minha pobre Camena,
Postoque rude, mas pura
Só do poço de Democrito
Colher verdades procura.
12 Ouve-as pois, meu caro Anelio,
Que já a rasão me inflamma,
E por áridos caminhos [2]
A novas questões me chama.
13 Se um Deus, que é auctor de tudo,
Tudo perfeito creou,
Quem trouxe o peccado ao mundo? [3]
Quem a creatura manchou?
14 Se foi Lucifer soberbo,
Além de um Deus o crear,
Como podia este vicio [4]
No seio da gloria entrar?
15 Como permittiu um Deus
Grassasse a culpa no céo?
Como na gloria engolfado [5]
O Anjo a tenção lhe deu?
16 Ha tão fracos attractivos [6]
Acaso no summo bem,
Que os Anjos na sua posse
A nutrir a culpa vem?

---

[1] *Ajaces*, Achilles fortes (Ed. 1839.)

[2] E por *difficeis* caminhos Ib.

[3] Quem trouxe ao mundo o peccado Ib.
Que a creatura manchou? Ib.

[4] Como podia *a soberba* Ib.

[5] Como engolfado na gloria Ib.
O Anjo *attenção* lhe deu? Ib.

[6] Ha tão *poucos* attractivos Ib.

17 Com que poder, com que forças
Um maligno sêr podia [1]
Corromper a melhor obra
Que das mãos de Deus saía?
18 Ou as forças que empregára
Nasciam do seu poder,
E então deve independente
D'um Deus esta causa ser;
19 Ou para manchar o homem
Um Deus bom lh'a concedera,
Querendo ver imperfeita
A creação que fizera.
20 Uma só desconfiança
Murcha do prazer metade,
De não peccarmos na gloria
Quem assegurar-nos hade?
21 Se dos Anjos a pureza
Pôde o vicio bafejar,
Hade o barro, que é mais fraco
A seu halito escapar?
22 Esta devorante harpia
Que do seio verminoso
Cuspiu a fatal serpente [2]
Creou-a o todo Poderoso?
23 Se em consequencia da culpa
D'esse primeiro mortal
A geração dos humanos [3]
Ficou tão sugeita ao mal;
24 Como em seculos successivos
Um Deus bom nos tem deixado
Gemer no seio da culpa
Sem nos curar do peccado?
25 Que Filho da Medicina
Conhecendo a enfermidade,
Sendo bom, tendo o remedio,
A cura retardar hade?

---

[1] Um sêr maligno podia (Ed. 1839.)
[2] Cuspiu *o* fatal *veneno* (Ed. 1826 e 1839.)
[3] A geração dos *viventes* Ib.
Subjeita ficou ao mal; (Ed. 1839.)

26 Se tanto bem nos traziam
Os segredos revelados,
Como em espaços tão longos [1]
Um Deus os teve occultados?
27 Se a revelação continha
Mysterios tão interessantes, [2]
Porque d'ella as nações todas
Não foram participantes?
28 Sendo pae da raça humana [3]
Que veiu remir os peccados,
Porque uns foram predilectos,
Outros, porém, reprovados?
29 Porque, emfim, reproduzido,
Em todo o mundo o Messias [4]
Não vem obrando milagres,
Convencer as herezias?
30 Porque d'outra linguagem [5]
Com os homens não usara,
Que em todos os tempos fosse
Tocante, distincta e clara?
31 Se nos effeitos e causas
Tanto reina a proporção,
Como de uma cousa santa
E' corrupta a creação?
32 N'essa fabrica divina,
E na massa dos possiveis,
Só jazia o triste barro
E as almas tão corruptiveis?
33 Peza sempre para o centro
A pedra, por lei prescripta,
E tão cega obediencia
Nem premio, nem pena excita?
34 Mas o homem, que por força
Segue a lei que o clima abraça,
Apezar que a lei respeite
Só lucra a sua desgraça!

---

[1] Como *por tempos* tão longos (Ed. 1839.)
[2] Mysterios interessantes (Ed. 1826.)
[3] Sendo *o* pae da raça humana (Ed. 1826 e 1839.)
Que remir veiu os peccados, Ib.
[4] Em toda *a parte* o Messias Ib.
[5] Porque *de certa* linguagem Ib.

35 Ao Alcorão obedecem
Os turcos mui piamente,
Tambem da razão se apartam,
Tem fé, como nós, ardente;
36 Tem jejuns mui rigorosos,
Mui vivas macerações, [1]
Nas mesquitas mais respeito,
Mais fervor nas devoções
37 Por um que chamam *Deus grande*
D'alguns prazeres se esquecem,
Por defender sua lei
Ao martyrio se offerecem.
38 Dizem-lhe só ser divino
O livro que reverenceiam,
Com milagres lh'o confirmam,
Para que só n'elle creiam.
39 Se da rasão usar querem
Para analysar-lhe a essencia,
A tantos absurdos chamam
Mysterios d'Alta Excellencia.
40 Seus interpretes lhe affirmam
Serem seus dogmas sagrados, [2]
Que por Deus ao seu Propheta
Foram todos revelados.
41 Hade n'elles ser um crime
Julgar que a rasão illude;
Mas em nós pelo contrario
Será brilhante virtude?
42 Nos christãos a fé mais pura
Hade ao summo bem leval-os,
E nos tristes mussulmanos
Hade a mesma condemnal-os?
43 Se é n'elles feio delicto
A rasão não abraçarem,
E ridiculos inventos
Por dogmas acreditarem;
44 Não será em nós absurdo
Antes conforme a rasão
Crêr que é Deus, real, immenso [3]
Certas especies de pão?

[1] *Mais duras* macerações, (Ed. 1826 e 1839.)
[2] Serem *taes* dogmas sagrados, Ib.
[3] Crêr que Deus é *realmente* Ib.

45 As quaes sem differença vejo
Serem as mesmas na côr,
Na fórma, figura e tacto,
Egualmente no sabor.
46 E quando d'estas especies
Ao mesmo tempo mil comem,
Direi, que um só Deus e que todos [1]
Um só Deus real consommem?
47 Direi que do homem vindo
Ao coração fraco unir-se
O deixe triste e corrupto
Egualmente ao despedir-se?
48 Direi mais .. mas aonde, Anelio,
Quer levar-me esta rasão?
Parece que em tudo opposta
A' nossa religião.
49 Um dom que das mãos me veiu [2]
De um Sêr que meu bem deseja,
Eu não sei porque motivo
Repugna ás provas da egreja;
50 Provas que só tem por fonte
Fraca, humana tradição,
O natural amor proprio,
Principios de educação.
51 Mas se em eguaes circumstancias
Estão estes mussulmanos,
Porque devem rejeitar
Suas provas como enganos?
52 Se n'ellas crê um bom Turco
Com uma santa intenção,
Se ama um Deus, se estima os homens,
Dentro do seu coração;
53 Se das alheias desgraças
Está sempre a consternar-se,
Se os miseraveis soccorre,
Sem d'isto vangloriar-se;
54 Se a soberba desconhece
Tendo a vaidade por mal,
Se quando a fortuna o ajuda
Julga o pobre seu egual; [3]

---

[1] Direi que um só, e que todos (Ed. 1826, 1839.)
[2] Um dom que das mãos *nos* veiu Ib.
[3] Julga *ao* pobre *ser* egual; Ib.

55 Um Deus que arguia o povo
  Que com os beiços o honrava, [1]
  Porquanto seu coração
  Muito longe d'elle estava;
56 Condemnar hade este Turco
  Que um Deus sincero adorava,
  Por não ouvir uma egreja [2]
  Que elle falsa repulsava? [3]
57 Só porque um externo culto [4]
  Elle seguira differente, [5]
  Hade um Deus piedoso e justo
  Condemnal-o eternamente?
58 Nasce o homem sem escolha,
  Dão-lhe a beber o veneno;
  Se abraça o mal por virtude
  Em que offende o céo sereno?
59 Seus livros, povo e paes,
  Seus mestres e a educação, [6]
  Tudo por força lhe apaga
  A fraca lei da rasão.
60 A quem devo perguntal-o. [7]
  Justo céo, tu me responde!
  E' a virtude que sigo?
  Quem a verdade me esconde?
61 Se por fraqueza a não vejo,
  Porque fraco me creaste?
  Se a verdade me era util,
  Porque m'a difficultaste?
62 Mas o céo fica em silencio,
  E minha alma afflicta gira
  Por entre mornas ideias
  Onde a confusão respira.

---

[1] Que *só* com os *labios* o honrava, (Ed. 1826 e 39.)
[2] Por não ouvir *essa* egreja Ib.
[3] Que elle falsa *reputava?* Ib.
[4] Só porque um *exterior* culto Ib.
[5] Elle *seguia* differente, Ib.
[6] *Se os* mestres e a educação, Ib.
[7] A quem devo *perguntar*, Ib.

63 Porém, já meigo descanço
Bafejando a minha lyra
Lhe persuade a callar, [1]
A séria mudez lhe inspira.
64 Já sinto a picante fome
Que em torno de mim adeja,
Já na parda porcelana
O leite gostoso alveja.
65 Permitte que eu saboreie
Esta innocente bebida,
Onde a sôpa abeberada
Mudamente me convida.
66 Os céos queiram mil prazeres
Goze a tua alma innocente,
E que Anelio não se esqueça
De um Lidio que vive ausente.

(Ms. inedito, p. 49 a 62.)

EPISTOLA III

(*Falta no Manuscripto retrò; vem nas ed.* 1826 e 1839.)

1 Agora que o bafo escalda
De um abrasado suão,
Cujas azas pouco a pouco
A relva crestando vão;
2 Que as fendas da viva rocha
A clara limpha gotêam,
E nos álamos crescidos
Os passarinhos gorgêam;
3 Agora, que o sol picante
A verde espiga enloirece,
E que na cerrada mata
Berrando o cêrvo apparece;
4 Na cava d'este rochedo
Da meiga sombra abrigado,
Outra vez a voz levanto
Sómente á Rasão ligado.
5 Tu vês, Anelio, em Britania
Chamarem impio ao *papista*,
E' impio na Asia o *christão*,
E na Gallia o *calvinista*.

---

[1] *Docemente as lassas cordas*, (Ed. 1826 e 39.)

6 Mal julgará reflectindo
Um espirito profundo,
Ou serem todos piedosos
Ou ser impio todo o mundo?

7 Porque decidir havemos
Entre tantas relações,
Que a rasão da nossa parte
Condemne as outras nações?

8 Se um Tribunal infallivel
Acaso no mundo existe,
O signal que o caracterisa
Qual é elle? em que consiste?

9 Deu-lhe acaso esta excellencia
A que chamam Escriptura?
(Que só parece divina
Porque a Egreja o assegura?)

10 Mas, como posso julgar
Ser infallivel a Egreja,
Sem que da Biblia mostrada
A divindade nos seja?

11 E quem nos guiou na escolha
De tantas copias differentes,
Que não concordam nas éras,
Nos factos, nos accidentes?

12 Com que fundamento demos
A tal copia a preferencia?
Se todas são differentes,
Qual é a sua excellencia?

13 Todas fallam do Messias,
Que escreveu um livro santo;
Que fez immensos milagres,
Que o mundo encheram de espanto?

14 Ha pelo mundo mil ritos
Pelas seitas erigidos;
Todos têm seus escriptores
Que abonam os seus partidos.

15 Quem não tomar por escolha
As leis que o berço lhe deu,
Que premio terá por ser
Mouro, Christão, ou Judeu?

16 Se, pois deve haver escolha
Quando a lei analysamos;
Porque nossos bens confiscam
Se de um dogma disputamos?

17 Porque um tribunal nos prende,
Onde nos dão mil tormentos,
Onde a dor e a violencia
São os communs argumentos?
18 Se a verdade é que offendemos
A mentira sustentando,
Porque não vem esses sabios
Os sophismas refutando?
19 Pode acaso a vil mentira
Contra a verdade singela
Armar laços emprestados,
Offuscal-a, convencel-a?
20 Se a verdade é da mentira
Inseparavel amiga,
Daria o Céo á mentira
Mais força, sendo inimiga?
21 Pois hade o Céo sujeitar
A fraqueza dos humanos
A's forças do torpe erro,
E castigar seus enganos?
22 Dá o poder ás paixões
D'arrastarem a rasão,
E quando a rasão fraquêa
Condemna os filhos de Adão?
23 Porque rasão me não salva
A virtude de um Francisco,
E o peccado de Adão
Põe minha alma em tanto risco?
24 Não póde a mesquinha gente
Colher a graça perdida,
Por estar por um só homem
A Divindade offendida?
25 Por esta ser infinita
A culpa se torna immensa,
E por isso se precisa
Infinita recompensa.
26 Hade um Deus humanisar-se
Para o homem resgatar,
E hade este novo homem
Ligado á culpa ficar?
27 Hade o precioso sangue
De um Deus a terra regar,
E sendo o fim resgatar-nos
Hade a culpa triumphar?

28 Hade inutilmente o calyx
No horto ao Pae offertar,
Chorar pelos peccadores,
N'um duro lenho expirar?
29 Que serieis, Providencia
Que sondaes do tempo os giros,
Se um Deus, co'a mira no alvo
Errasse os ligeiros tiros?
30 Oh Céos, oh Céos, que escutaes
As cordas da minha Lira,
Illuminae-me a rasão,
Que entre mil receios gira.
31 Não vos supplico milagres
Para virem illustrar-me,
Basta-me um só syllogismo
Para a verdade mostrar-me.
32 Não é a fé que me esfria
No seio das mornas veias,
E' a rasão que se perde
No tropel de mil ideias.
33 Eu vos tomo em testemunha
Que quanto tenho abraçado
Nem é para offensa vossa,
Nem para ser desgraçado.
34 Se esta lei que pela Patria
E pela rasão protesto,
Offende a vossa pureza,
Aqui mesmo já a detesto.
35 E' esta a Fé, que professo,
E se offendo o vosso amor,
Aos justos Céos é que peço
Que me ensinem Lei melhor.

VARIANTE DA GLOSA, DO TOM. III, P. 110, DAS OBRAS DE BOCAGE
(Ed. da «Actualidade».)

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
E' dos Lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

(VISCONDESSA DE BALSEMÃO.)

Novas scenas de alta gloria
Já na mente, de heroes pinto;
A virtude é vosso instincto,
E' vosso fado a victoria.
Mandando aos annaes da Historia
Gentilezas a milhares,
Rompestes por virgens mares,
Domastes barbara terra,
Soubestes em santa guerra
Defender os patrios lares.

Antigo, immenso clarão
Vos cinge de edade a edade,
Tendes n'alma a heroicidade,
Tendes o raio na mão.
Da justiça e da rasão
Os direitos protegei;
Imitai ou excedei
O que vendo a patria oppressa
Ia, escravo da promessa,
Dar a vida pelo rei. [1]

Cruentos leões hispanos
Contra nós em vão rugistes,
A nossos golpes cahistes
Quaes os leões africanos.
Onde vindes, onde, insanos?
Esperaes ser mais ditosos
Que os avós ambiciosos?
Que o fementido agareno?
Este sagrado terreno
E' dos Lusos valorosos.

---

[1] Egas Moniz.

Se, trahindo-nos o fado,
Aos féros impulsos vossos
Fôr algum dos muros nossos
Co'a baixa terra egualado,
Do triumpho imaginado
A chimera esvaecei;
Mais altos muros temei,
Mais possantes, mais seguros;
Sabeis quaes são esses muros?
Caracter, costume e lei.

(*Ms.* cit., p. 36.)

Tens inferno peior, tens o ciume.

GLOSA

Em veneno lethifero nadando,
No roto peito o coração me arqueja,
Ante meus olhos horrido negreja
De mortaes afflicções espesso bando.

Por ti, Marilia, ardendo e suspirando,
Entre as garras asperrimas da inveja,
Amaldiçôo o amor que ri e adeja
Pelos áres co's zephiros brincando.

Recreia-se o traidor co's meus clamores
E meu cioso pranto. Oh Jove! oh Nume,
Que vibras os coriscos vingadores;

Abafa as ondas do tartáreo lume,
Que para os que provaram teus furores
Tens inferno peior, tens o ciume.

Bocage, *d'improviso.* (*Ib.*, p. 62.)

b) *Caderno pertencente ao snr. Abilio de Abreu Malheiro.*

Em um folhetim da *Actualidade*, do Porto, publicou em 1879 o snr. Domingos Tarroso a noticia d'este caderno, com alguns textos ineditos d'elle copiados. Transcrevemos aqui as suas palavras:

«Eis em resumo a historia das poesias ineditas de Bocage, que desde ha muito se iam tornando quasi esquecidas, quando ha dias encontrámos, por acaso, aqui, em Ponte do Lima, um nosso distincto patricio e amigo, o snr. Abilio d'Abreu Malheiro, que desde alguns annos se achava ausente d'esta localidade.

«A conversação uma vez recahida sobre letras, mostrou-nos o nosso amigo que seguia de perto o seu desenvolvimento em Portugal; seguidamente fallou-se de Bocage e das poesias ineditas aqui encontradas; e qual não foi a nossa admiração, quando o snr. Malheiro nos dá a noticia de que em sua casa tambem existia um livro antigo e manuscripto, mas em bom estado, contendo diversas poesias de Bocage, e entre essas algumas ainda ineditas.

«Recebemos no dia immediato o estimavel manuscripto, que o snr. Abreu Malheiro se dignou emprestar-nos. E' um caderno de 64 paginas, encadernado, e escripto n'uma excellente calligraphia, — tudo no melhor estado de conservação.

«Abre com o seguinte titulo:

A VOZ OU O EVANGELHO DA RAZÃO

POR...

No Templo da Razão

«E sob este titulo seguem-se as *Cartas a Anelio*, pela primeira vez restituidas a Bocage no volume 27 da bibliotheca da *Actualidade* desde paginas 285 a 304. Em seguida a estas apparece a celebre «Epistola a Marilia,» *Pavorosa illusão da eternidade*, etc.; mas que o manuscripto que temos presente

designa por: — *Cartas a D. Maria Margarida.*

«E, pois que somos chegados a este ponto, não devemos deixar passar sem observação um facto que, a nosso vêr, é mais um argumento para corroborar a opinião d'aquelles que attribuem a Bocage a Epistola da *Voz da Razão.*

«O caderno que temos á vista reune sob o titulo de *Voz da Razão*, que se lê no cimo de cada pagina, não só as *Cartas a Anelio*, mas tambem a *Epistola a Marilia*, fazendo assim suppôr que o auctor da segunda Epistola, Bocage, é consequentemente o auctor da primeira; fortificando assim as solidas razões que dão incontestavelmente a alludida Epistola como bocagiana.

«D'este ponto em diante, são ineditas todas as poesias contidas no manuscripto e ahi attribuidas a Bocage. Entendemos ser quasi um dever dar-lhes publicidade, pois que ellas determinam ainda mais o caracter indomito d'esse homem popular que succumbiu entre a pressão de duas correntes oppostas representadas pelo cesarismo da patria e o grito da consciencia dos revolucionarios de 89, depois da Encyclopedia.

«E, além d'isto, enriquecemos a numerosa collecção das poesias de Bocage, com mais as que seguem, que não serão, decerto, dos seus menores titulos de gloria»:

GLOSAS

Por que razão não fizeste,
Justos Céos, porque razão,
Menos aspera a virtude
Ou mais forte o coração?

Justo Céo, que a natureza
Governas com teu preceito;
Eu me curvo, eu me sujeito
A' tua sabia grandeza;
Mas se de Tirce á belleza
Sobre mim tal poder déste,
Já que de amal-a quizeste
Fazer-me um crime terrivel,
Minh'alma menos sensivel
Por que razão não fizeste?

O teu supremo direito,
Eu não ouso disputar;
Mas sinto que para amar
O meu coração foi feito:
E' mais forte que o preceito
A minha terna paixão:
Por Tirce o meu coração,
De amor e ternura estala:
Ha de ser crime adoral-a?
Justos Céos, porque razão?

Por longo tempo fugi
De amor ao jugo tyranno;
Até que o veneno insano
Em aureo cópo bebi:
Eis que a bella Tirce vi,
Resistir a amor não pude;
Então pesada, então rude
Me pareceu a tua lei,
E que fosse desejei
Menos aspera a virtude.

Em pranto a face banhando
De suspiros encho o ár,
Por vêr se posso abrandar
Teu pezado, austero mando:
Trémula voz levantando,

Erguendo uma e outra mão,
Até com muda expressão
Que fizesses, te roguei:
Ou menos dura esta lei,
Ou mais forte o coração.

Outra Glosa ao mesmo Mote: [1]

Triste humana geração!
Das obras da natureza
Se tens a melhor belleza
Tens a peor condição.
Na tua mesma rasão
Mil estragos concebeste:
Tyranno Céo se quizeste
Só homens de peitos broncos,
Tudo pedras, tudo troncos
Por que razão não fizeste?

Se uma lei severa e dura,
Contraria á lei do prazer,
Havia vir desfazer
A doce lei da ternura,
De outra mais forte estructura
Fôra o nosso coração;
Insensivel da paixão
Ao suave, brando effeito
Por que rasão não foi feito?
Justos céos, por que razão?

---

[1] Encontrámol-a impressa em nome de José Anastacio da Cunha, na *Pequena Chrestomatia portugueza*, publicada em Hambourg em 1809, a paginas 162, com leves variantes. Pelo Processo da Inquisição, sabe-se que D. Joanna Isabel de Lencastre Forjaz, lhe dera o celebre Mote para glosar, em carta de 4 de Novembro de 1775. (*Filinto e os Dissid.*, p. 447.) Differe no sentido philosophico da versão bocagiana.

Em que póde ser culpada
Uma alma terna, innocente,
Se de uma paixão ardente
E' victima desgraçada:
Não tem culpa em ser formada
De cêra e não seixo rude;
O Céo que a fez, a mude
Se não quer sua desgraça?
Ou, mais compassivo, faça
Menos aspera a virtude.

Toda a rasão se despreza
Com o fogo das paixões;
Só furiosos dragões
Têm por si a natureza.
A nossa alma vê-se preza
E acha suave a prisão:
Torne o Céo, por compaixão,
Por lei branda, lei affavel,
O crime menos amavel,
Ou mais forte o coração.

(Ms. inedito, pag. 58 a 62.)

SONETO

Tyranno Céo, que ideias concebeste
Quando formaste os miseros humanos?
Se os querias sem erros, sem enganos,
Féras paixões porque rasão lhes deste?

Se gastar desde o berço lhes fizeste
Da impia desgraça os sanguinosos damnos,
Como no espaço de milhares de annos
Mudaria seu sêr, se foi sempre este?

Impía lei, tyranna atrocidade,
Quanto fôra melhor que em sombra escura
Dormisse eternamente a humanidade!

Rasão funesta, tua luz se obscura;
Sonhas em vão achar felicidade:
E' de humanos partilha a desventura!

(Ms. inedito, pag. 64.)

Verdades duras

(Cartas a D. Maria Margarida) [1]

Pavorosa illusão da Eternidade,
Terror dos vivos, carcere dos mortos,
De almas vãs sonho vão, chamado inferno;
Systema da Politica oppressora,
Freio, que a mão dos despotas, dos bonzos
Forjou para a boçal credulidade:
Dogma funesto, que o remorso arreigas
Nos ternos corações, e a paz lhe arrancas;
Dogma funesto, detestavel crença,
Que envenenas delicias innocentes,
Taes como aquellas que no céo se fingem!
Furias, Cerastes, Dragos, Centimanos,
Perpetua escuridão, perpetua chamma,
Incompativeis producções do engano;
Do sempiterno horror terrivel quadro,
(Só terrivel aos olhos da ignorancia)
Não, não me assombram tuas negras côres,
Dos homens o pincel e a mão conheço:
Trema de ouvir sacrilego ameaço
Quem de um Deus, quando quer, faz um tyranno;
Trema a Superstição; lagrimas, preces,
Votos, suspiros, arquejando espalhe,
Cosa as faces co'a terra, os peitos fira,
Vergonhosa piedade, inutil vénia,
Espere ás plantas de impostor sagrado,
Que ora os infernos abre, ora os ferrólha;
Que ás Leis, que ás propensões da Natureza
Eternas, immutaveis, necessarias
Chama espantosos, voluntarios crimes;
Que ás avidas paixões, que em si fomenta,
Aborrece nos mais, nos mais fulmina,
Que molesto jejum, roaz cilicio
Com despotica voz á carne arbítra,
E nos áres lançando a futil benção
Vae do gran Tribunal desenfadar-se
Em sordido prazer, venaes delicias,
Escandalos de Amor, que dá, não vende.

---

[1] *Epistola a Marilia.* (Nas *Eroticas*, p. 1 a 23.)

*

Oh Deus! não oppressor, não vingativo,
Não vibrando co'a dextra o raio ardente
Contra o suave instincto que nos déste;
Não carrancudo, rispido arrojando
Sobre os mortaes a rigida sentença,
A punição cruel, que excede o crime,
Até na opinião do cego escravo
Que te adora, te incensa, e crê que és duro.
Monstros de vís paixões, damnados peitos
Regidos pelo sôfrego interesse
(Alto, impassivo Numen!) te attribuem
A cólera, a vingança, os vicios todos,
Negros enxâmes, que lhe fervem n'alma!
Quer sanhudo ministro dos altares
Dourar o horror das barbaras cruezas,
Cobrir com véo compacto e venerando
A atroz satisfação de antigos odios,
Que a mira põe no estrago da innocencia,
Ou quer manter asperrimo dominio,
Que os vae-vens da rasão franquêa e nutre.
Eil-o, em santo furor todo abrazado,
Hirto o cabello, os olhos côr de fogo,
A maldição na bocca, o fel, a espuma,
Eil-o, cheio de um Deus tão máo como elle,
Eil-o citando os horridos exemplos
Em que aterrada absorve a phantasia
Um Deus algoz, a victima o seu povo:
No sobr'olho o pavor, nas mãos a morte,
Envolto em nuvens, em trovões, em raios
De Israel o tyranno omnipotente!
Lá brama do Sinay, lá treme a terra!
O torvo executor dos seus decretos,
Hypocrita feroz, Moysés astuto,
Ouve o terrivel Deus, que assim troveja:

«Vae, ministro fiel dos meus furores!
Corre, vôa a vingar-me; seja a raiva
De esfaimados leões menor que a tua:
Meu poder, minhas forças te confio;
Minha tocha invisivel te precede;
Dos impios, dos ingratos, que me offendem,
Na rebelde cerviz o ferro ensopa!
Extermina, destroe, reduz a cinzas
As sacrilegas mãos, que os meus incensos
Dão a frageis metaes, a deuses surdos;

Sepulta as minhas victimas no inferno,
E treme, se a vingança me retardas!...»

Não lh'a retarda o rábido Propheta!
Já corre, já vozêa, já diffunde
Pelos brutos, attonitos sequazes
A peste do implacavel Fanatismo!
Armam-se, investem, rugem, ferem, matam!
Que sanha! que furor! que atrocidade!
Foge dos corações a natureza;
Os consortes, os paes, as mães, os filhos
Em honra do seu Deus consagram, tingem
Abominosas mãos no parricidio.
Os campos de cadaveres se alastram,
Susurra pela terra o sangue em rios,
Trôam no pólo altissimos clamores.
Ah, barbaro impostor! monstro sedento
De crimes, de ais, de lagrimas, de estragos,
Serena o phrenesi, reprime as garras,
E a torrente de horrores, que derramas.
Para fundar o imperio dos tyrannos,
Para deixar-lhe o feio, o duro exemplo
De opprimir seus eguaes com ferreo jugo;
Não profanes, sacrilego, não manches
Da eterna divindade o nome augusto!
Esse, de quem te ostentas tão valido,
E' Deus do teu furor, Deus do teu genio,
Deus creado por ti, Deus necessario
Aos tyrannos da terra, aos que te imitam,
E áquelles, que não crêm que Deus existe.

*

N'este quadro fatal bem vês, Marilia,
Que em tenebrosos seculos envolta
Desde aquelles crueis, infandos tempos,
Dolosa tradição passou aos nossos.
Do coração, da ideia, ah! desarreiga
De astutos mestres a falaz doutrina,
E de crédulos paes preoccupados
As chimeras, visões, phantasmas, sonhos:
Ha Deus, mas Deus de paz; Deus de piedade,
Deus de amor, pae dos homens; não flagello;
Deus, que ás nossas paixões deu sêr, deu fogo,
Que só não leva a bem o abuso d'ellas,
Porque á nossa existencia não se ajusta,
Porque inda encurta mais a curta vida.

Amor é lei do Eterno, é lei suave;
As mais são invenções, são quasi todas
Contrarias á rasão e á natureza;
Proprias ao bem de alguns, e ao mal de muitos.
Natureza e Rasão jámais differem;
Natureza e Rasão movem, conduzem
A dar soccorro ao palido indigente,
A pôr limite ás lagrimas do afflicto,
E a remir a innocencia consternada,
Quando nos debeis, magoados pulsos
Lhe rochêa o vergão de vís algemas:
Natureza e Rasão, jámais approvam
O abuso das paixões, aquella insania,
Que pondo os homens ao nivel dos brutos,
Os infama, os deslustra, os desaccorda.
Quando aos nossos eguaes, quando uns aos outros
Traçamos fero damno, injustos males
Em nossos corações, em nossas mentes,
E's, oh remorso, o precursor do crime,
O castigo nos dá antes da culpa,
Que só na execução do crime existe,
Pois não póde evitar-se o pensamento,
E é innocente a mão, que se arrepende.
Não vem só de um principio acções oppostas,
Taes dimanam de um Deus, taes do exemplo,
Ou do cego furor, molestia d'alma.

*

Crê pois, meu doce bem, meu doce encanto,
Que te anceiam phantasticos terrores,
Prégados pelo ardil, pelo interesse.
Só de infestos mortaes na voz, na astucia
A bem da tyrannia está o inferno.
Esse, que pintam bárathro de angustias,
Seria o galardão, seria o premio
Das suas vexações, dos seus embustes,
E não pena de amor, se inferno houvesse.
Escuta o coração, Marilia bella,
Escuta o coração, que te não mente;
Mil vezes te dirá:

«Se a rigorosa
Carrancuda expressão de um pae severo,
Te não deixa chegar ao caro amante,
Pelo perpetuo nó, que chamam sacro,
Que o bonzo enganador teceu na ideia,
Para tambem no amor dar leis ao mundo;

Se obter não pódes a união solemne,
Que hallucina os mortaes, porque te esquivas
Da natural prisão, do terno laço
Que com lagrimas e ais te estou pedindo?
Reclama o teu poder, os teus direitos
Da justiça despotica extorquidos.
Não chega aos corações o jus paterno,
Se a chamma da ternura os affoguêa:
De amor ha precisão, ha liberdade;
Eia, pois! do temor sacode o jugo,
Acanhada donzella, e do teu pejo;
Déstra, illudindo as vigilantes guardas,
Pelas sombras da noite, a amor propicias,
Demanda os braços do ancioso Elmano,
Ao risonho prazer franquêa os lares.
Consiste o laço na união das almas.
Caladas trevas testemunhas sejam;
Seja ministro o Amor, e a terra templo,
Pois que o templo do Eterno é toda a terra.
Entrega-te depois aos teus transportes,
Os oppressos desejos desafoga.
Mata o pejo importuno; incita, incita
O que só de prazer merece o nome.
Verás, como envolvendo-se as vontades,
Gostos eguaes se dão, e se recebem;
Do jubilo hade a força amortecer-te,
Do jubilo hade a força aviventar-te,
Sentirás suspirar, morrer o amante,
Com os seus confundir os teus suspiros,
Hasde morrer e reviver com elle.
De tão alta ventura, oh, não te prives,
Ah, não prives, insana, a quem te adora.»

Eis o que hades escutar, oh doce amada,
Se á voz do coração não fôres surda.
De tuas perfeições infeitiçado
A's preces, que te envia, eu uno as minhas.
Ah, faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever; além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura horrisona apregôa.
Eterno bem não ha, nem mal eterno,
O premio da virtude é a virtude,
E' castigo do vicio o proprio vicio.

3) Manuscripto da Bibliotheca da Ajuda

(Impressas por Rodrigo Vicente de Almeida:)

Vôa a Lilia gentil meu pensamento (Vid. retrò, p. 439.)

A AGUA ESTAGNADA

(Allegoria tirada de uns versos de Mr. Parny)

N'um jardim, onde Fileno
Seus desvelos empregava,
O mais puro, o mais ameno
Dos arroios serpeava.

Com doce murmurio as aguas
Priguiçosas, cristalinas,
Davam sêr, frescura e graça
A's melindrosas boninas.

Eis o camponez occorre
Em fundo tanque encerrar
A corrente, que nutria
O matisado logar.

Mal que alli foi reprimida,
Sabeis o que succedeu?
As aguas d'antes tão claras
Negro lodo escureceu.

Torna-se o licor sadio
Em peçonhento licor;
Do botão despida apenas,
Dobra o collo e morre a flor.

Cae sem succo a leda rosa,
O jasmim mimoso e lindo,
Desbota o purpureo cravo,
Flora geme e vae fugindo.

Leitores, este regato
E' a ternura inconstante;
Estas flores os prazeres
Que lucra vadio amante.

O lodo é a triste imagem
Do pranto, do dissabor,
Dos ciumes, das saudades
E de outros males d'amor.

Quanto ao negregado tanque
Presumo (aqui para nós)
Que é a prisão d'esses loucos
Que dizem: — *Recebo a vós.*

4) *Papeis de Rodrigo Vicente de Almeida*:

ODE DE DESPEDIDA (Variante)

L'Amour n'est qu'n plaisir,
l'honneur est un devoir.
Corn., Trag. *Cid.*

Campinas, que trilhei de Nise amado,
Logares, que pisei de Nise ao lado,
Em que as mãos da ventura
Coroaram minha fé ardente e pura,
E em que inflammado conheceu meu peito
Que póde haver no mundo um bem perfeito;

Arvores densas, que entoar me ouvistes
Canticos, ora alegres, ora tristes,
Por que quantos adoram
O mesmo ás vezes cantam que mais choram;
Ramos, em que os lascivos passarinhos
Remedaram meus ais e meus carinhos.

Salso Calipo, [1] que as volvidas aguas
Estanhavas ao som das minhas magoas,
Quando o doudo ciume
Dava causa, sem causa ao meu queixume,
E culpar me fizeram vis enredos
Nise mais firme do que os teus rochedos.

---

[1] Ao Sado compete particularmente o epitheto de salso por suas antiquissimas marinhas.

Celebre patria minha, lar paterno,
Penhores do amor meu, fiel e terno,
Lacrimosos parentes,
Dos olhos da minha alma nunca ausentes,
Adeus! um grande ardor de nome e fama
De vós me aparta, se se vae quem ama.

E vós, que sobre as áras da amisade
Me juraes immortal fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz redemptor, Andrade companheiro,
Sylnio [1] meu, caro ás musas, Figueiredo,
Hortas do mais fructifero arvoredo;

Tu tambem, oh illustre, amavel homem, [2]
Que em vão não tens o mais famoso nome,
Tu, generoso Nuno,
Auxilio em meus desastres opportuno,
A cuja sombra levantando o collo,
Debalde vejo assobiar-me Eólo;

Vós, oh tantos emfim, que em meus contrastes,
A's minhas, vossas lagrimas juntastes,
Que o fel me diminuistes
Do ferreo calix d'esses dias tristes,
Que me ensinastes a poder commigo,
Escutae os adeus d'um grato amigo.

A longa via de Camões louvada
E trilhada, por mim vae ser trilhada;
Os meus olhos aspiram
A vêr os mares, onde os Lusos viram
Do façanhoso Adamastor presentes
Os negros labios, amarellos dentes.

---

[1] Mecenas era o cognome de C. Sylnio, valido de Augusto.

[2] Nuno Alvares Pereira Moniz Perdigão, capitão-mór do Ribatejo.

Quer a sorte propicia ao meu desejo,
Manda-me a honra, cujas áras beijo,
Que de invejoso e pio
Vá o templo da fama honrar em Diu,
Da eterna fama que ajuntou aos astros,
Os Mascarenhas, os eguaes dos Castros.

Lá onde inda melhor do que na historia
Reluz dos Albuquerques a memoria,
Lá onde a crúa guerra
Mostrou de heroes só patria a Lysia terra;
Vou aos destinos vêr que mais agrada
Se ter eu feliz vida, ou morte honrada.

Suffocae pois a dôr; porque os gemidos
Só ás desgraças é que são devidos;
E, enxugando a ternura,
Conhecei, festejae minha ventura;
Sigo d'altos varões o grande exemplo;
Por espinhos se vae da gloria ao templo.

Adeus, emfim, adeus! E tu, querida,
Tu, doçura e prazer da minha vida,
Em cujos olhos bellos
Aprendi a sciencia dos desvelos,
Não chores; tem constancia; á paz te entrega;
Quem, como deve, quer, talvez socega.

Por entre a chuva de mortaes pelouros
A núa fronte coroar de louros
Solicito desejo,
De ti por vêr-me o digno que não vejo;
Se eu menores estimulos tivera,
Oh! quão pouco, meu bem, te merecera!

Qual a rola, exemplar de um são carinho,
Que os filhos deixa a seu pesar no ninho,
E por dar-lhe sustento
Fende, volteia a região do vento,
Trazendo e ministrando os seus afagos
A tenra ervinha, os miudinhos bagos;

Tal eu, posto, meu bem, que me separo,
Como arrancado do que mais me é caro,
E' por vêr se comtudo,
A mudar de paiz, de estrella mudo,
Para então dignamente, amado objecto,
Fazer um só do meu e teu affecto.

(Dizia Manoel Maria Barbosa l'Hedois du Bocage na sua despedida para a India. 23 de Setembro (aliás *Abril) de 1786.)*

5) *Livro curioso.* 1802. Contém um grandissimo numero de Motes, Glosas e Sonetos, de differentes poetas, taes como Tolentino, João Xavier de Mattos. Foi colligido em Setubal. Vid. supra, p. 348, 351, 352, 353.

Retoque bibliographico:

1809

Pequena Chrestomatia portugueza—Recueil d'extraits en prose de quelques Auteurs modernes portugais, placés dans l'ordre d'une difficulté progressive, publié par F. G. Massarellos. Hanbourg, chez Nestler, libraire-editeur. 1809. In-8.º grande.

Traz as seguintes poesias de Bocage: Pag. 163: *Soneto glosado:* Das almas grandes a nobreza é esta. Pag. 173: *Cançonetas bacchicas.* Pag. 175: *Sonetos:* Incense da Fortuna os vãos altares; — Debalde contra Amor seu fel derrama. Pag. 176: A froixidão no amor é uma offensa; — Oh terra, onde os seus dons, os seus favores. Pag. 177: Afflicto coração que a teu tormento; — O céo de opacas sombras abafado. Pag. 178: De suspirar em vão já fatigado; — Em verso torneado ao som da lyra. Pag. 179: *Epigrammas.* Pag. 180: *Fabula:* Tinha dois cães perdigueiros. — *Ecloga maritima:* Tritão. Pag. 186: *Retrato:* Magro, de olhos azues...

Mais um Documento sobre Filinto Elysio

—

10-9-902. (Genova.)

Meu caro Theophilo

Foi-me hoje entregue o original em borrão que serviu para uma copia em limpo de uma *Autobiographia de Filinto Elysio*, exposição dirigida ao Chanceller do Imperio francez (Fouché) e que se vê foi escripta quando as tropas de Napoleão invadiram Portugal. (1808.)

O pobre poeta expõe a sua situação difficil, conta como fugiu, onde desembarcou, a noite em que foi assaltado, o modo como Antonio de Araujo o recebeu; como o Principe Regente lhe mandou imprimir uma obra em Lisboa, como a Inquisição lhe embargou o producto da sua venda; as pessoas que o protegiam em Lisboa e d'elle podem dar informações; e faz o registo ou inventario de todos os bens moveis e immoveis que possuia, e que lhe haviam sido confiscados, fazendo menção de 28 volumes de obras proprias.

Esta peça, que eu considero capital, decorre em 4 paginas, papel de linho Hollanda, em 4.º, letra de Filinto e faz parte do espolio do poeta. Deslocada d'elle, o conselheiro Alfredo Sergio Teixeira de Macedo achou-a agora e emprestou-m'a. O meu primeiro impulso foi publical-a em opusculo; mas desde que *por si* e *para si* eu examinei o espolio de Filinto, pode a muita gente parecer que a minha publicação seja de má fé, não tendo dado conhecimento ao meu amigo de um documento que

eu reputo capital. Entendo em minha consciencia que não devo ser eu quem publique o documento: com elle o seu livro diz a ultima palavra sobre o Filinto.

Nunca Filinto podia ser rehabilitado, porque era necessario *restituir-lhe os bens confiscados*, que eram de valor, e bem assim por ser D. José Maria de Mello, o Inquisidor, parente dos Ponte de Lima e *Alornas*. Mais tarde, quando Filinto pedia justiça aos invasores, estes tinham a seu lado D. José Maria de Mello, que certamente não deixava deferir aos requerimentos do poeta. D. José Maria de Mello foi um dos protectores da invasão franceza. (Vid. Pastoral de 22 de Dezembro de 1807, na *Historia da Universidade de Coimbra*, t. IV, p. 281.)

Entre os amigos que Filinto enumera, vêm o Morgado de Assentis, que fôra companheiro intimo de Bocage; Mathias José de Castro, que fôra em 1802 accusado juntamente com Bocage á Inquisição como maçon; e o Prior dos Anjos, (José Ferrão de Mendonça e Sousa) vintista, que Bocage nos *Novos Improvisos* celebra como um dos seus bemfeitores na derradeira doença.

Parece-me que, no fim da *Vida de Bocage*, em addenda, a autobiographia de Filinto póde saír a lume, e deve-o mesmo. Por isso lh'a envio. Com o documento que vae junto fica dentro da *Historia da Litteratura* TUDO quanto se póde apurar em resultados positivos ácerca do desgraçado poeta.

Seu muito dedicado am.º

Joaquim de Araujo.

À Son Altesse Sérénissime Monseigneur Fouché, Chancellier de l'Empire français

Monseigneur

Daignez permettre qu'un étranger devenu français par affection, par reconnaissance et par le droit sacré de l'hospitalité, reclame les bontés, et la bienveillante protection de Votre Altesse Sérénissime.

Je suis né portugais; j'habitai Lisbonne; une fortune indépendente suffisait à mes gouts studieux. J'avait des amis illustres dans les rangs les plus elevés; j'etait lié par l'amitié ou par les gouts litteraires avec tous mes contemporains les plus distingués, et, si j'ose en croire leurs témoiguages indulgents, et ceux mêmes de la géneration que me suit, *(sic)* j'ai peutêtre acquis quelque renommée parmi les litterateurs de ma nation, et les restaurateurs de la grande École de notre Camöens.

Les célèbres écrivains français faisaient mes délices, je vivait dans un cercle d'amis où leur génie était apprecié, où l'on aimait à discuter leurs idées profondes et genereuses; mais ces discussions etaient cachées et solitaires. Nous donnions l'exemple de la soumission à l'auctorité souveraine; nous aimions notre belle patrie pour elle même, et les voeux que, dès lors, nous formions en sécret pour son bonheur, pour la destruction de ces abus qu'un bras tout puissant devoit plus tard anéantir, ne passait point les limites du pétit cercle où nous nous réunissions.

Ce cercle modeste où des hommes paisibles jouissaient en commun de leurs ésprits, de leurs lumières et de leur amitié, attira l'attention de l'Inquisition. Elle soupçona, ou plutôt elle supposa des complots, où il n'y avait que des communications litteraires, de causeries philosophiques, des épanchements innocens; elle déploya son funeste pouvoir, et je fu la victime choisie.

Le 4 juillet, un familier de ce corps rédoutable vient m'arréter à mon domicile. Je rends grace à la providence d'avoir conservé, dans ce térrible moment, du sang froid et du courage: je me sauvai des mains de l'émissaire; le zèle, je puis le dire, la magnanimité de mes amis firent le reste. Je pu quitter le Portugal. et gagner le Havre de Grace où je debarquai dans le cou-

rant de ce mois. La France a été toujours l'asyle des infortunés.

Après un prémier sejour de..... en France, j'allai vivre à la Haye, dans la maison de l'ambassadeur de ma nation en Hollande, homme généreux, ami devoué, que mes malheurs n'avaient point refroidi.

Je revin à Paris en...... et depuis cette époque, j'y ai vecu ignoré. Je ne fatiguerai point Votre Altesse du détail des privations que j'y ai éprouvé, de l'éxistence pénible que j'y ai méné. Cependant j'était riche dans mon pays; mais l'Inquisition avait confisqué tous mes biens immeubles, et disposé des valeurs mobiliaires considerables que m'appartenaient. J'ai donc vécu dans l'abandon, dans l'obscurité la plus profonde. Né pauvre et sans résources en Portugal, j'avait pu m'en créer de très honorables par mon travail, et par l'exercice de mes facultés; je n'ai point eu ce (support?) dans un pays où j'étais étranger, et dont la langue ne m'etait pas familière. Cependant, pour adoucir mon sort, je travaillais dans ma langue natale; mais l'Inquisition n'avait pas daigné m'oublier; elle me poursivait jusques dans les foibles essais de ma plume; elle arretait impitoyablement le débit de mes ouvrages. Traduisais-je du Latin en portugais l'élégant historien de notre Grand Emmanuel? on voulait bien reconnaître l'utilité de l'ouvrage; on allait même jusqu'à declarer classique; le Souverain en commandant l'impression pour les presses royales, on la plaçait dans les Bibliothèques des Universités: cédant même a une inspiration passagère de justice et d'humanité, le Souverain déclarait que l'auteur aurait le profit de l'édition entière, les frais prélevés; mais l'Inquisition était là, pour enchainer la justice et lá bienveillance du Prince, et je n'ai pas touché un obole de ce travail.

Aujourd'hui, Monseigneur, le Portugal est sous la protection toute personnelle de Sa Magesté l'Empereur, et le règne de la justice est enfin arrivé pour ma patrie. Daignez, Monseigneur, excuser mon importunité; mais le moment est suprème, pour celui qui ose vous faire présenter cet humble addresse. Si Votre Altesse Sérénissime daignait appuyer la prière d'un vieillard dont le nom est connu en Portugal, si elle interposait sa protection pour lui faire restituer ses biens, pour lui procurer les moyens d'en disposer, car son grand âge ne lui permet plus l'ésperance de revoir Lisbonne, Votre

Altesse me aurait consolé de longs malheurs, assuré le pain de mes derniers jours, et, j'oserait le dire, elle ne comblerait pas seulement les voeux derniers qui me restent à former, mais ses bontés seraient encore justifiées par l'approbation des hommes les plus distingués de mon pays.

Monseigneur, une probité que personne au monde, mes plus redoutables ennemis même, n'ont jamais osé attaquer, une reputation sans tache, trente années de (deuil?) et de détresse, mes 74 ans, voilà les titres dont j'ose me prévaloir auprès de Vôtre Altesse; qu'elle daigne écouter ma voix, et que le ciel le comble de ses benédictions.

De Votre Altesse Sérénissime

Le très humble, très obéissant
et très respectueux serviteur.

P. S. — Son Altesse Sérénissime est suppliée de parcourir les noms des personnes recommandables de Lisbonne qui sont les amis de F. Manoel, ou qui s'interessent à lui.

Elles sont toutes bien connues dans cette capitale de Portugal:

Le Morgado d'Assentis.

Le Desembargador (Conseiller) Antonio Ribeiro dos Santos.

Le Desembargador Sacchetti.

Mr. Ernest Biester, négociant.

Mr. Pilaer, idem.

Mr. Verdier, idem.

Mr. Monteiro, qui s'est dejà occupé des biens de F. M.

Le chevalier Mathias José de Castro.

Mr. Hermann Braamcamp.

Le Prieur dos Anjos.

Mr. José Bonifacio d'Andrade, professeur à l'Université.

Mr. D'Avellar Brotero, professeur d'Agriculture et de Botanique à l'Université de Coimbre.

Mr. Pierre Joseph Rey, libraire.

Un grand nombre d'autres témoignages se reuniraient à ceux-là.

T. S. V. P.[1]

[1] (Tournez s'il vous plait.)

Etat des biens confisqués par l'Inquisition depuis 1778

IMMEUBLES

Une maison, Rue do Telhal.

Une maison, Rue do Valle.

Une maison situé na Cotovia de Cima, tenante au mur du manège de Comte de Soure, et au Théatre du Bairro Alto.

Deux maisons de campagne situées à Camarate; l'une vis-à-vis de l'eglise, rue Rigueirinho, et l'autre à San Pedro, près du même village de Camarate: chacune de ces maisons a son jardin, avec celliers et appartements.

Les titres et contracts d'acquisition de tous ces immeubles ont été également saisis par l'Inquisition; ils sont dans ses archives et les minutes doivent se trouver dans les notaires.

MOBILIER

Chacune de ses maisons etait garnie de toute l'espèce de meubles et utensiles qui caracterisent une habitation très aisée. Mais le principal meublier de D. F. Manoel se trouvait dans la maison qu'il tenait à loyer et qu'il habitait, rue de la Calçada do Combro, au coin da Travessa das Chagas.

C'était un mobilier assorti et complet, en lits, sécretaire, commodes, armoires, tables, en bois precieux, canapé, fauteuils, tapisseries, etc.

Une garde robe considerable, y compris celle de son père.

Une riche argenterie, linge de corps et de table, dont une grande quantité en pièce, plus quelques pièces de soyeries.

Deux services de procelaines de la Chine, l'un bleu en or, l'autre rouge en or.

Les ornements complets d'un Oratoire, vases sacrés, tableaux, tapisseries, etc.

Un sac de cuir rempli d'émeraudes, amethystes, topazes, rubis, et quelques diamants, le tout brut, d'une valeur considerable.

Quelque argent dans le sécretaire.

Sa Bibliothèque d'environ 2:000 volumes, parmi

lesquels tous les Classiques grecs et latins, qui avaient appartenus aux jesuites de Lyon, et d'autres livres precieux par leur rareté, surtout une collection de anciens ouvrages portugais.

Tous ses manuscripts, travail de 28 ans.

Il lui reste encore à repeter (et cet object plus récent parait le plus disponible en ce moment) le prix entier de son édition de OSORIUS, *De Rebus Emmanuelis*, par lui traduit en portugais, 3 vol. in-12. imprimé à l'Imprimerie Royale de Lisbonne, dont le Docteur Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral est l'administrateur.

Le Prince Régent avait promis de faire rendre à l'auteur l'édition entière, les frais prélevés.

Copia duas vezes conferida pelo original em Genova, aos 10 de Septembro de 1902, unicamente para a reproducção de Theophilo Braga. E' inutil insistir que este papel não está assignado: é uma copia-borrão com emendas, a qual devia ter servido para pôr em limpo o documento, acaso por algum copista e não pelo auctor, attentas as rubricas em que elle explica onde deve haver espaços: — *Laisser ici un grand intervalle entre. . . . . et ce qui suit* (depois de Monseigneur.) No final, depois de serviteur: *Signer et dater*. Na 4.ª pagina, em cota marginal á lista dos bens immoveis: *N. B. Je crois qu'il faudrait ecrire ceci sur un papier separé.*

J. de A.

INDICE

—

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

Pag.

As duas manifestações do Arcadismo . . . 5
Origens do Arcadismo 6
Analogias entre Camões e Bocage 9

§ I. **Primeiros annos e mocidade do poeta**

O meio social actuando no seu caracter . . 11

A) **Infancia e vida militar** (1765 a 1786)

Nasce em Setubal em 15 de Septembro de 1765. 12
— seu pae o Dr. José Luiz Soares de Barbosa, era tambem poeta 13
Gillet Le Doux du Bocage, seu avô, vice-almirante 14
Parentesco do poeta com M.me Du Bocage . 15
Gil Francisco Barbosa du Bocage, irmão do poeta, tambem metrificava 16
D. Maria Francisca, sua irmã mais nova, era poetisa 16

Pag.

A educação domestica do poeta 17
Precocidade poetica 18
Falecimento de sua mãe em 1775 19
Senta praça por um acto de impulsismo em 1779 20
Passa da infantaria para a marinha . . . 21
A tradição de familia, e o appellido de *L'Hedois* 23
A Intendencia da Policia e a repressão contra o Philosophismo 24
Vida estudantesca em Lisboa 26
As Modinhas brasileiras 27
Os cinco annos de Lisboa, de 1781 a 1786. 31
Despachado Guarda Marinha em 31 de Janeiro de 1786 32
O nome *L'Hedois* e o pseudonymo de *Lidio*. 32

B) **Expatriação: Brasil, India e China** (1786 a 1790)

Parte de Lisboa em 14 de Abril de 1786. . 33
Escala pelo Brasil, para tomar o novo Governador da India, Francisco da Cunha Menezes 34
Despedida á terra natal 35
Variantes da Ode 37
Getruria, sua inspiradora 38
Relações com o Vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Sousa 41
A estada no Rio de Janeiro. 42
Tempestade na passagem do Cabo da Boa Esperança 43
Chega em 2 de Septembro de 1786 a Moçambique 45
Amisade com o poeta e Desembargador Barroco, (que viera tambem da Relação da Bahia) 46
Chega a Goa em 28 de Outubro de 1786. . 47
Matricula-se na Aula real de Marinha de Goa, em 1787. 48
Grave doença de Bocage em 1787 49
A Conjuração dos Pintos, descoberta em 5 de Agosto d'esse anno. 49
A referencia de Bocage á sua doença e á Conjuração 50

Pag.

A Carta xxx de Lord Beckford tem a data errada, sendo verdadeira a referencia a Bocage 52
O que foi a *Conjuração dos Pintos* . . . 53
O typo historico do Abbade Faria 56
Nova matricula de Bocage em 1788 . . . 57
Abuso do alcool e do tabaco 58
Difficulta a sua vida em Goa pelos Sonetos satiricos 60
Nomeado Tenente de Infanteria da Guarnição de Damão 65
Patente de 25 de Fevereiro de 1789 . . . 66
Deserta da Praça de Damão, dois dias depois da sua chegada (8 de Abril de 1789) . . 67
Relações do poeta com D. Anna Jacques Mondtegui (a *Manteigui*) 68
Demora em Surrate 69
Sonetos ineditos á *Manteigui*. 70
Bocage dirigindo-se a Macáo naufraga em Cantão 73
Vida errante no Cantão 74
Dirige-se para Macáo em fins de Julho de 1789 76
Celebra o Vice-Governador o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira . . . 79 e 84
Soneto descriptivo da vida em Macáo . . 80
Realismo nas relações dos viajantes . . . 82
A linguagem *nhonha* 85
Satiras á vida de Macáo. 85

c) **Regresso a Lisboa** (1790)

Volta a Goa pelo auxilio do negociante Joaquim Pereira d'Almeida 86
Sonetos ineditos da viagem da China . . . 87
Chega a Lisboa em fins de Maio de 1790 . 89
Elegia á morte do filho do Marquez de Marialva em 4 de Septembro de 1790 . . . 89
Relações litterarias com José Agostinho de Macedo 91
Frequenta os Paulistas 93
Poetas da *Academia de Humanidades*, que celebraram a morte do Princepe D. José na sessão de 5 de Outubro de 1788. . . 95

Pag.

O effeito das viagens no caracter de Bocage. 96
Setubal ponto de entrada de livros prohibidos 99
Publica o tomo I das *Rimas* em 1791. . . 101
O furto dos seus versos em Santarem em 1793 102
Dados biographicos do Morgado de Assentis 104
— de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho 105
Sonetos satiricos contra os Frades na epoca da feira de Santarem 106
Motes dados por Bocage. 108
Encontro em Lisboa com D. Frederico Guilherme de Sousa 109
Impressão do encontro de Bocage contada na Carta XXX de Lord Beckford 110
Bocage e Monteiro citados na *Excursion to Monasteries of Alcobaça*, de 1794 . . . 113
Versos ineditos de Monteiro 115
A Carta XXX de Lord Beckford, pela incongruencia das datas não tem rigor chronologico 123
Beckford veiu a Portugal por differentes vezes 126

§ II. **A Nova Arcadia e as suas luctas litterarias**

Persistencia de espirito da *Arcadia lusitana* 129

A) **A tradição da Arcadia**

A *Arcadia de Extremoz* 131
Academia de Humanidades de Lisboa . . 133
Socios: Domingos Maximiano Torres. . . 135
— Anacleto da Silva Moraes 137
Dissidentes que vão fundar a *Academia de Bellas Letras* em 1790 143
Carta de Matastasio a José Basilio da Gama 147

B) **Os iniciadores da Nova Arcadia e o rompimento com Bocage**

Carta de Bingre contando a origem da Nova Arcadia 149

Pag.

Primeiras sessões da Academia no Palacio do 4.º Conde de Vimieiro 150
D. Thereza de Mello Breyner, auctora da tragedia *Osmia* 151
Pela sua viuvez em 10 de Septembro, a Academia passa para o palacio do Conde de Pombeiro 151
Influencia do P.e Domingos Caldas Barbosa 152
Dados biographicos de *Lereno* 153
O plagio do Conde de Pombeiro da Ecloga de Fernão Alvares d'Oriente 156
Caldas e o Lobo 158
Uma Modinha inedita do Caldas 161
Bingre (*Francelio Vouguense*) 164
Descreve a sessão da *Nova Arcadia* em 1793 no palacio da Ajuda . . . . 165 e 183
Na sua ausencia de Lisboa em 1794, é Bocage expulso da *Nova Arcadia* 166
Belchior Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*). 176
Joaquim Severino Ferraz de Campos . . . 179
Thomaz José da Silva Quintanilha 185
Satiras contra Bocage 193
Carta inedita de Bocage contra uma critica de Belchior 196
Carta de Luiz Caetano de Campos a Bocage 210
Em um Soneto anonymo Bocage é accusado de atheo 215
Bocage fulmina os Neo-árcades 217
Nos ineditos de Quintanilha vêm todas as composições a que se referira Bocage . . 226
Luiz Corrêa de França e Amaral. 231
Miguel Antonio de Barros (*Melibeu*) . . . 236
Soneto avulso de Bocage 237
As *Quadras glosadas*, de Bersane 239
Fim das *Quartas feiras de Lereno* . . . 240
A *Nova Arcadia* sob a protecção de Manique 241
Sessão de 1795 no Castello de S. Jorge . . 242
A *improvisação* tornada espectaculo . . . 243
Socios da *Academia de Humanidades de Lisboa* 246
Circular de 3 de julho de 1791, dando conta das dissidencias d'esta Academia . . . 247
Socios da *Academia de Bellas Lettras* . . 251

c) **Bocage e as Ideias francezas**

Pag.

Trama contra Bocage, fazendo-o passar como revolucionario 253
A marcha dos acontecimentos 255
As Contas para as Secretarias dadas pelo Manique 257
A Canção do *Çà ira* em Lisboa 259
Canções francezas junto do Paço da Ajuda. 260
Espiões e *Môscas* do Manique 261
Os Cafés, centros de propaganda revolucionaria 262
Rondas da Chuchadeira 263
O Botequim do Nicola 264
Influencia dos Livreiros francezes . . . 266
Noticia da execução de Marie Antoinette. . 268
O *Jogo da Bola* na rua Formosa 271
A Convenção nacional 272
A ascenção do Capitão Lunardi 275
Suspeitas de Manique contra o espirito revolucionario da Academia das Sciencias . 278
Livros revolucionarios remettidos ao Duque de Lafões 280
O Abbade Corrêa da Serra apontado como revolucionario . . . . 281, 288 e 290
O Convencional Broussonet em Lisboa . . 282
Contra o P.e Antonio Pereira de Figueiredo 284
Mais Cantigas revolucionarias. 286
Bocage canta a Liberdade 290
Celebra a entrada das tropas francezas em Roma. 292
A Libré da Casa real decretada em 1796 côr distinctiva do Exercito 294
Prisão de Bocage a bordo da Corveta *Aviso* 295
A Revolução de Napoles e a figura grandiosa de D. Leonor da Fonseca Pimentel. 298
Bocage faz a narrativa da sua prisão . . . 305
André da Ponte Quental da Camara, companheiro de Bocage. 310
— avô de Anthero de Quental. 311
Soneto de André da Ponte, nas obras de Bocage 314
Os quarenta e tres dias de Limoeiro . . . 316
Protecção de José de Seabra da Silva. . . 323

Pag.

Bocage é entregue á Inquisição em 7 de Novembro de 1797. 324
As *Verdades duras* (Pavorosa) dedicadas a D. Maria Margarida, filha do cirurgião Manoel Constancio 326
As *Verdades singelas* (Voz da Rasão). . . 327
Bocage é entregue ao Mosteiro de S. Bento em 17 de Fevereiro de 1798 329
Nota honrosa no *Dietario* do Mosteiro de S. Bento. 330
Mais referencias do mesmo livro. 331
Transferido em 24 de Março de 1798 para o Hospicio das Necessidades 331
O P.e Joaquim de Foyos confessa o poeta . 332
Esmola de D. João VI a Bocage 333
Intimidade do Poeta com o Conde de San Lourenço 336
Interrompe a traducção do *Gil Blas* . . . 338
Porque não acceitou Bocage o logar de Official da Bibliotheca publica 339
Hostilidade do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos (Cartas ineditas) 340
Filinto Elysio glorifica Bocage 341

D) **Os amores de Bocage: Marcia e Analia**

Doença de Bocage depois do regresso da India 344
Intimidade em casa de Antonio Bersane Leite 345
Amor a D. Maria Vicencia, filha de Bersane 346
Epoca dos amores, 1794 347
Idealisação de *Marcia* 349
A realidade do Idylio *Armia* 354
A quinta dos Arroios, em Colares 355
A prisão de Bocage influiu na opposição aos seus amores 354
Vae para Santarem, no seu desgosto . . . 357
A tradição dos amores de *Marcia* conservada na familia Bersane 359
Os ultimos amores: *Analia* (D. Anna Perpetua Bersane) 360
Soneto allusivo de D. Gastão 362

Pag.

Falta do nome de *Analia* no Soneto dos *Novos Improvisos* 363
Analia atormentou Bocage com ciumes . . 364
Bingre celebrando a morte de Bocage allude a este soffrimento amoroso 369
Analia esteve sempre ausente de Lisboa (em Colares) durante a doença de Bocage. 371
O Soneto de despedida foi dirigido a D. Maria Vicencia, que o visitou nos seus ultimos dias. 372

§ III. A Arcadia das Parras

Bocage volta da detenção nas Necessidades á intimidade dos amigos 373
Entrega-se á vida de Botequim 374
O *Botequim das Parras*, centro de reunião de poetas 376
O *Claro Auditorio* e o *Agulheiro dos Sabios* 377

A) Os Elmanistas. — Rompimento com José Agostinho de Macedo

Phase gloriosa da vida de Bocage 379
A Sessão da *Nova Arcadia* em 1801 pela Paz geral 379
A corrente affectiva do seculo XVIII. . . . 380
Os Elogios dramaticos 383
Emendas de Bocage á versão da *Thebaida* de Macedo 384
Pugna litteraria entre os dois. 385
Fr. José Marianno da Conceição Velloso . . 386
D. Maria Francisca vae viver com o irmão em 1799 387
A *Contemplação da Natureza*, em que Macedo inicia o genero didactico 388
Bocage faz a traducção das *Plantas*, poema didactico de Castel 390
Allude ás hostilidades dos Neo-arcades . . 391
Os sete poetas que louvam Bocage . . 391 e 402
A Satira biliosa de Macedo. 392
Replica fulminante da *Pena de Talião*. . . 395
Allude em 1801 ao poema *Gama* 397

Pag.

Segunda Satira de Macedo 397
O typo popular de Bocage 401
João Vicente Pimentel Maldonado 403
José Rodrigues Pimentel Maia 404
Catalani e Marcos Portugal 405
O Theatro de S. Carlos e o Cesarismo . . 408
O Botequim das Parras descripto por Macedo 412
José Pedro da Silva 413
Pato Moniz contra Macedo 417
Notas biographicas 418
A Marqueza de Alorna, segundo Macedo. . 421
D. Carlota Joaquina e o Ramalhão 422
O Theatro do Morgado de Assentis . . . 422
Ericia ou a Vestal, traduzida por Bocage . 423
Outras tentativas dramaticas para o mesmo theatro 424
Antonio Xavier Ferreira de Azevedo . . . 425
Thomaz Antonio dos Santos e Silva . . . 426
O Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso 427
Bocage entra na Maçonaria. 429
Accusado á Inquisição por D. Maria Theodora Severiana Lobo 432
Documento do Santo Officio 433
Bocage não foi preso 436

B) **Doença e morte de Bocage** (1802 a 1805)

A Inquisição mutila pela Censura o tomo II das *Rimas* 439
Bocage justifica-se com exemplos de Camões e Tasso 440
A referencia ao *duro* Tribunal 443
Glorificação de Bocage pelo Censor regio Christiano Muller 445
Juizo de Link acerca do poeta. 446
Bartolozzi grava o retrato de Bocage . . . 448
Francisco de Paula Medina e Vasconcellos . 450
O Dr. Francisco Solano Constancio. . . . 452
D. Maria Margarida 453
Pedro José Constancio, companheiro de Bocage 454
José Daniel Rodrigues da Costa. 456

Pag.
Francisco Alvares da Nobrega 458
A Condessa da Ega e as Cantigas populares 461
Bocage prepara o III tomo das *Rimas*. . . 462
Sebastião Xavier Botelho 463
Almeno Tagidio 465
A *Saudade materna* 466
O *Desaggravo jocoso* 468
Amigos que acodem a Bocage na doença . 469
Carta inedita de Bocage sobre os *Novos Improvisos* 471
A reconciliação com os Poetas Neo-árcades. 472
José Agostinho reconcilia-se 474
O excesso de trabalho do poeta 477
Falecimento de Bocage em 21 de Dezembro de 1805 480
Grande tempestade no enterro de Bocage . 481
A sepultura do poeta 484
Homenagem dos poetas seus amigos . . . 485
O Epicedio de José Agostinho 486
Dados biographicos fornecidos por Santos e Silva 489
Situação da irmã de Bocage depois da sua morte 495
Cartas de D. Maria Francisca. 496
Publicação da Satira de Bocage 499
Garrett manifesta-se contra o *Elmanismo* . 500
Pato Moniz defende Bocage 501
Biographia de Pato Moniz 502
O *Claro Auditorio* da *Arcadia das Parras* 504
Elmanistas 505

§ IV Historia externa do texto de Bocage

Versos roubados a Bocage 507
Poder da sua reminiscencia 508
Variantes provenientes da longa elaboração dos seus versos 509
José Agostinho de Macedo esteve de posse de muitos ineditos de Bocage 511
D. Maria Francisca confiara a Macedo o texto para um volume de *Rimas* 512
— testemunho de Pato Moniz. 513
Alterações feitas por Bocage aos seus versos 515
Ineditos do poeta 516

Bibliographia das Obras poeticas de Bocage

Pag.

1790 a 1899 . . . . 517 a 536

NOTAS E ADDITAMENTOS

Genealogia de Bocage. 537
D. Anna Jacques Manteigui 540
Um governo sem mando (Soneto restituido a Bocage) 542
O P.e José da Silva Oliveira Rolim 543
Trabalhos sobre Bocage. 543

Manuscriptos de Bocage

1) Papeis de José Maria da Costa e Silva . 547
2) Manuscriptos de Ponte do Lima . . . 551
A) Caderno do espolio do Cardeal S. Luiz 551
B) Caderno pertencente ao snr. Abilio de Abreu Malheiro 577
3) Manuscripto da Bibliotheca da Ajuda . 588
4) Papeis de Rodrigo Vicente de Almeida . 589
Retoque bibliographico: 1809 592

Mais um documento sobre Filinto Elysio:

Carta de Joaquim de Araujo 593
Autobiographia de Filinto Elysio 595

INDICE 601